REVISTA LUSITANA

REVISTA LUSITANA

Archivo de estudos philologicos e ethnologicos relativos a Portugal

PUBLICADO

com a collaboração dos especialistas portugueses
e a de alguns estrangeiros

POR

J. LEITE DE VASCONCELLOS

**Medico pela Eschola do Porto, Professor na Bibliotheca Nacional de Lisboa
e Conservador da mesma Bibliotheca**

VOL. III

PORTO
LIVRARIA PORTUENSE
DE
LOPES & C.ª
Successores de Clavel & C.ª

1895

Porto: Typ. A. F. Vasconcellos, Sá Noronha, 51

CONTOS POPULARES PORTUGUESES

(Colligidos da tradição oral)

I

O PRINCIPE-POMBO

Estava um dia uma princeza á janella a pentear-se com um pente d'oiro; vae, vem de lá um pombinho branco e leva-lhe o pente. No outro dia estava ella outra vez á mesma janella a pôr no cabello um laço de fita azul, quando vem o mesmo pombinho e lhe foge com a fita tambem. No outro dia, áquella hora, pôs-se a princeza á janella á espera do pombinho: não appareceu. No outro dia a mesma coisa: não appareceu! Ficou a princeza muito triste e apaixonada por não tornar a ver o pombinho, e deitou-se na cama com a cabeça tapada, sem querer ver ninguem nem dar uma falla a pessoa nenhuma. Vae o rei, como visse a filha tão doente, mandou logo chamar os cirurgiões (surgiões) todos do seu reino, mas nenhum lhe soube dar com a cura; e depois então o rei pôs um decreto que toda a pessoa que fosse capaz de lhe dar saude, se fosse homem casaria com ella, e se fosse mulher que a faria muito feliz. Vieram principes, fidalgos, marqueses, que todos elles queriam ver se davam com o mal da princeza para depois casarem com ella, mas ella cada vez estava peor.

Bem, estavam as coisas nisto, quando um dia se encontraram na rua duas velhas (e uma d'ellas levava um pão debaixo do braço) e vae diz assim uma para a outra: «O' fulana, aonde vaes tu?» — «Eu vou ao palacio do rei, porque has de ter ouvido dizer que está a princeza muito doente e não quer ver ninguem, e depois eu, como sei muitas historias muito bonitas, vou ver se lh'as conto para ella se distrahir, que talvez assim ella se ponha boa e posso eu vir a ser muito feliz».

Deixemos agora a velha que foi para o palacio e vamos a ver o que succedeu á outra que levava o pão. Foi ella andando por alli fóra, e depois tinha de descer por uma ladeira muito ingreme, e vae cahiu-lhe o pão e foi a rolar pela ladeira abaixo. Ella pega a correr atrás do pão, e quando chegou ao fundo da descida havia lá uma quinta muito bonita, e a velha disse assim: «Ora esta! já agora vou ver o fim d'isto». Quando chegou lá mais adeante, estava uma fonte d'agua e vem um burrico com umas cangalhas de prata, e vae os barris sal-

taram das cangalhas abaixo e foram-se encher ... em ninguem lhe tocar.

Depois de cheios tornaram a saltar para cima ... cangalhas e o burrico foi-se andando. A velha estava toda embasbacada de ver um caso d'aquelles, mas como estava com muita sede quiz beber uma pinguinha d'agua; mal ella se chegou á fonte, a agua estremeceu e ouviram-se umas vozes que diziam assim: «Ai que me mexem! — Quem é? —E' a velha?—Pancada nella!» E era pancada para cima da velha que eu sei cá, tudo sem ella ver ninguem. Vae ella não teve remedio senão tirar-se, e pegou em si e disse assim: «Ora esta! nunca tal me succedeu um caso d'estes, mas já agora vamos a ver no que isto vae dar». E despois foi andando atrás do burro.

Lá mais adeante estava um palacio muito bonito e o burrico entrou pelo palacio acima e a velha atrás d'elle, e despois o burro entrou numa cozinha muito grande e a agua que elle trazia foi-se vasar na talha sem ninguem lhe pegar. E a velha cada vez mais pasmada! Depois principiou a olhar á roda e viu muitos lumes accesos e muitas carnes a assar e muitos petiscos de toda a qualidade a fazerem-se ao lume, e vae ella diz assim: «Estão aqui tantos assados; vou comer um bocadinho». Mal ella tocou na carne, a carne estremeceu e houve uma voz que disse assim: «Ai que me mexem! Quem é? E' a velha? Pancada nella!» E de todas as bandas cahiam pancadas para cima da velha, que ella não teve remedio senão se tirar. Foi mais adeante e viu uma casa onde estava uma mesa posta com muito bons petiscos, mas a velha nem lhe tocou. Para quê? Para levar mais pancada? Depois, mais adeante viu um quarto onde estava uma cama e uma commoda, tudo muito bem arranjado, e vae a velha diz assim: «Já agora hei-de vêr quem dorme aqui esta noite».—Metteu-se debaixo da cama e assim que deu meia-noite num relogio que havia no quarto, ella vae, vê vir pelo ar uma bacia d'agua e poisar-se no chão sem ninguem lhe tocar, e no mesmo repente vê vir um pombinho branco. Depois o pombinho foi, banhou-se, banhou-se e fez-se num rapaz muito lindo. Fez-se num rapaz muito lindo, e ao depois abriu uma gaveta da commoda e vestiu-se, e depois tirou uma chave d'um cofrezinho que tinha em cima da commoda e abriu outra gaveta e tirou de lá um pente d'oiro e uma fita azul e pôs-se a dizér assim:

«Ai pente, pente,
Fita da mesma sorte,
Quem me déra agora vêr
Quem d'amores está morta!»

Disse isto tres vezes, depois esteve alli muito tempo, muito tempo, e depois foi-se deitar. A velha estava morta por se tirar d'alli, mas não teve remedio senão deixar-se ficar.

De manhã, antes do sol nascer, vem outra vez a bacia pelo ar e pôs-se no chão sem ninguem lhe tocar.

O principe levantou-se e foi outra vez tirar da gaveta o pente e a fita e esteve muito tempo a olhar para ella, e disse tres vezes:

«Ai pente, pente,
Fita da mesma sorte,
Quem me déra agora vêr
Quem d'amores está morta!»

Depois banhou-se na bacia d'agua, fez-se num pombinho e fugiu. A velha sahiu debaixo da cama e disse assim: «Ora esta! isto é que estava um caso bonito para contar á princeza; nunca tal me succedeu uma partida d'estas! Vae a velha pegou em si, voltou pelo caminho por onde tinha vindo; depois foi ter ao palacio do rei, e diz assim a sentinella: «O que quer você aqui, sua velha?» — Diz ella: «eu venho ver se dou saude á princeza». — «Você está doida, mulher? Você não sabe que quem lá fôr e não der saude á princeza que leva a cabeça fóra e é posta acolá espetada á porta da casa da guarda? Olhe que quantidade d'ellas que já lá estão! Veja se quer ir para lá tambem — (e era a verdade, que a casa da guarda já tudo eram cabeças). Tantos fidalgos, e pessoas maiores que você, que já lá tem ido e não tem feito nada, e quer você agora saber mais do que ellas! Ande lá, mulher, não seja doida, vá para casa e deixe-se de tolices». — Diz a velha assim: «Não me importa de morrer; tambem já estou d'esta edade, não faz falta que eu morra; deixe-me ir, deixe-me ir!» Depois a sentinella foi ter com o rei e disse-lhe assim: «Saiba V. M. que está lá em baixo uma velha que diz que quer dar saude á princeza». — Disse o rei assim: «Já agora faça-se a vontade á velha; assim como assim a princeza tem de morrer... deixa-a lá».

Quando a sentinella trouxe esta resposta á velha, ella ficou contentissima, e depois levaram-na ao quarto da princeza. Ella entrou, fechou a porta por dentro e depois foi direita á cama da princeza e fez-lhe uma grande cortesia, mas a princeza nem sequer voltou a cabeça. A velha, o sentido com que ia era quando ella chegasse ao sitio onde lhe tinham dado as pancadas, de fazer então rir muito a princeza, *aonde fosse que lhe désse saude.* Chega-se a velha ao pé da cama, senta-se e principia assim:

«Ora minha menina, venho contar-lhe um caso muito engraçado que me succedeu hontem. Ia eu por uma ladeira abaixo, cahiu-me o meu pãozinho e foi a rolar por alli fóra. Eu pego em mim, vou atrás d'elle, e ao fundo da ladeira fui dar a uma quinta e vi lá um burrinho com umas cangalhas de prata e o burrinho estava-se a encher numa fonte; eu vou para beber uma pinguinha d'agua... vae a agua estremeceu e disse assim: «Ai que me mexem! Quem é? E' a velha? Pancada nella!» e principiam a malhar em mim e eu sem ver ninguem — não ouve, menina? menina, não ouve?» Mas a princeza não fez caso nenhum nem nunca respondeu coisissima nenhuma. A velha, coitada, que tinha feito conta com aquillo para fazer rir a princeza,

por ser o ponto que mais graça tinha, ao ver d'ella, em toda a historia, cahiu-lhe o coração aos pés, pensando já que ia a morrer, e quasi que nem teve *corage* para continuar, mas por fim, como já tinha principiado, sempre achou que era melhor acabar e disse assim: «Depois, menina, vae eu vou atrás do burrico e entrou num palacio e subiu por uma cozinha dentro e os barris principiaram a despejar-se por si na talha sem ninguem lhe tocar, e estavam lá muitas carnes ao lume e eu vou a tirar um bocadinho e vae a carne estremeceu e disse assim: «Ai que me mexem!» Quem é? E' a velha? Pancada nella!» Não ouve, menina? Menina, não ouve?» — A princeza nem sequer voltava a cabeça. A velha já estava certa de que a matariam, e o resto contou-o só por contar: — «Depois, menina, entrei num quarto aonde estava uma cama e uma commoda e escondi-me debaixo da cama, e assim que deu a meia-noite entrou um pombinho branco.» — Assim que a velha fallou no pombinho, logo a princeza destapou um bocadinho da testa. — «E depois, menina, veio uma bacia pelo ar e poisou-se no chão sem ninguem lhe pegar, e o pombo banhou-se nella e logo alli se fez num homem; depois tirou uma chave d'um cofre e abriu uma gaveta e tirou d'ella um pente e uma fita azul e pôs-se a dizer assim:

«Ai pente, pente,
«Fita da mesma sorte,
«Quem me déra agora ver
«Quem d'amores está morta!»

Assim que a princeza ouviu fallar no pente e na fita descobriu a cara toda, e disse assim para a velha:

«Conta velha, conta, que estou gostando de te ouvir!»

E ella já muito contente da sua vida: «Depois menina — elle disse aquillo tres vezes — depois esteve um bocado a scismar e d'ahi foi deitar-se na cama. Ao amanhecer levantou-se e tornou a tirar o pente e a fita e disse as mesmas palavras, depois banhou-se, fez-se num pombo e fugiu, e depois eu, menina, como vi que era um caso muito bonito para lhe contar, pedi licença ao seu papá e é por isso que eu vim aqui».

Ainda a velha não tinha acabado, que a princeza já tinha saltado da cama abaixo e principiado a vestir-se, e quando ella acabou, disse-lhe assim: «O' velha, eu muito gostei de ouvir o que tu contaste; quero que me leves ao sitio onde te aconteceu isso». A velha não cabia em si de contente. E vae a princeza disse assim: «Agora, escuta cá, velha. Vês ahi essa campainha? E' para dar signal ao meu pai de que melhorei. Tu agora toca a campainha. Depois ha-de vir o meu pai e ha-de ficar muito contente de me ver boa, e ha-de-te offerecer grandes recompensas, mas tu dize assim: «Só o que queria, era que V. M. dê licença para que a sua menina vá dar um passeio commigo só». O rei ha-de dizer que isso é que não, e depois tu tanto hás de

pedir até que elle diga que sim, e depois hás de me então levar ao tal sitio que tu dizes».

A velha assim fez; tocou a campainha, acudiu o rei e quando viu a filha a pé e vestida não coube em si de contente e mandou tocar grandes musicas no palacio e grandes festejos por aqui e por acolá, e depois disse assim para a velha: «O' velha, o que queres tu que te eu dê? Dize, que tudo quanto pedires te darei».—Respondeu a velha: «Saiba V. M. que eu não quero nada d'esta vida senão que V. M. deixe a menina ir dar um passeio commigo».—«Ai, isso é que não! Tudo quanto queiras menos isso; a minha filha d'aqui não sae». —«Era só por um migalhinho, disse a velha, a gente voltava logo; não ha-de acontecer mal nenhum á menina».—«Nada, nada, não póde ser!»—«Ora essa! Nem eu sei o que me parece isso em V. M.! Então depois de eu fazer o que fiz e de não querer acceitar coisa nenhuma, V. M. dá-me uma resposta d'essas?»—A velha tanto fez e tanto disse, que ao final o rei se resolveu a deixá-la sahir com a princeza.

Bem, a velha e mais a princeza pegaram em si e lá vão ellas por ahi fóra. Quando chegaram á quinta, estava lá o mesmo burrico a encher-se na fonte, e diz assim a velha para a princeza:—«Vê, menina? Lá está o burrico que lhe eu dizia; agora quer vêr a segunda coisa?»—Chegou-se á fonte e ia para beber, mas a agua estremeceu e disse: «Ai que me mexem! Quem é? E' a velha? Pancada nella!» A princeza, vendo as pancadas que a velha estava levando, riu-se muito, e depois disse assim para ella: «Tira-te lá, velha; deixa-me agora vêr eu». E chegou-se tambem á fonte. Quando a princeza se chegou á agua, a agua estremeceu e disse: «Ai que me mexem! Quem é? A princeza, a noiva do principe? Deixa-a mexer que tudo é d'ella». A princeza e a velha ficaram pasmadas ambas de ouvir aquillo. Foram andando e a princeza não cabia em si de contente por amor d'aquella palavra «da noiva do principe», e pelo caminho já não fazia senão rir. Entraram no palacio pela cozinha dentro e lá estava já o burrico a vasar a agua e o lume a arder e os guisados a fazerem-se, e iam-se aquellas carnes virando d'um lado para outro sem ninguem lhe bulir. Disse a velha para a princeza: «Olhe, quer vêr, menina?» Mas, mal a velha tocou no assado, logo a carne estremeceu: «Ai que me mexem! Quem é? E' a velha? Pancada nella!» A princeza tambem quis experimentar, e a carne para ella disse o mesmo que tinha dito a agua: «Ai que me mexem! Quem é? A princeza, a noiva do principe? Deixa-a mexer, que tudo é d'ella!»

Depois foram á casa onde estava a mesa posta e comeram e ninguem lhes fez mal, e depois a princeza disse assim: «Agora quero que me leves ao tal quarto». E depois ella péga e diz: «Vamo-nos esconder debaixo da cama». A' meia-noite vem o pombinho branco e d'alli a nada a bacia d'agua muito direitinha por alli fóra e o pombinho banhou-se e fez-se num principe. Depois foi ao cofre, pegou na chave, abriu a gaveta, tirou o pente e a fita e pôs-se a olhar muito para as duas coisas e disse tres vezes:

«Ai pente, pente,
Fita da mesma sorte,
Quem me déra agora ver
Quem d'amores está morta!»

Ao depois foi-se deitar.

Ficaram as duas alli toda a noite muito bem caladinhas.

Muito bem caladinhas, e ao outro dia antes do sol nascer, vem a bacia, como na vespera, e o principe levantou-se e foi outra vez olhar para a fita e para o pente e disse outras tres vezes:

«Ai pente, pente,
Fita da mesma sorte,
Quem me déra agora ver
Quem d'amores está morta!»

Mas no comenos, quando elle ia a saltar para dentro da bacia para se fazer em pombo, vae appareceu-lhe a princeza mais a velha e quebrou-lhe o *encante* (sic). Elle então ficou muito contente e contou-lhe que estava alli encantado até que uma princeza lhe apparecesse no momento quando elle fosse para saltar na agua, e que aquellas vozes que se ouviam e aquillo que fazia mover as coisas sem se ver ninguem eram os seus creados que estavam encantados com elle e que agora ficavam tambem desencantados.

Bem, estavam todos então muito contentes. Mas depois é que foi o bom. A velha, já muito afflicta por se ter demorado tanto, queria-se ir embora, mas a princeza já estava tão namorada do principe que não queria ir por coisa nenhuma. Ao final fez um bilhete e mandou a velha levá-lo ao rei e que lhe contasse tudo.

Ficou o rei muito *sastefeito* e ao depois foi com a velha aonde estava a filha e o genro, e ao depois casaram-se e ficaram vivendo os dois alli mesmo e a velha tambem, porque a princeza nunca a desamparou.

II

A GAITA

Era um rei que tinha tres filhos, e os conselheiros um dia disseram para elle: «Seria bom que V. M. se resolvesse a dizer qual dos seus filhos quer que reine por sua morte, que V. M. já está com essa edade e ninguem tem a vida na sua mão». O rei, como tinha a mesma amizade aos tres principes, não sabia qual deveria escolher, e então os conselheiros deram-lhe este conselho: «Mande V. M. aos seus tres filhos que lhe tragam cada qual o copo mais lindo que poder encontrar, e aquelle que trouxer o melhor será o herdeiro». — Agradou

este conselho ao rei, que logo mandou chamar os principes e lhes disse tudo quanto os conselheiros recommendavam.

Ora os dois principes mais velhos tinham cada qual a sua namorada, e como ambas ellas tinham grandes guarda-loiças cheios de ricos copos, logo se lembraram de lh'os ir pedir, mas o mais novo, que não tinha namorada, não sabia onde havia de ir buscar o d'elle. Pegou em si e foi por alli fóra muito triste, aonde foi dar a uma casa. Bateu á porta e quem lh'a veio abrir foi uma macaca. «O que quer vm.?» disse-lhe a macaca. O principe, todo admirado d'ouvir fallar a macaca, disse assim para ella: «O' minha senhora, eu sou um principe e somos tres irmãos, filhos do mesmo pai, e o rei nosso pai mandou-nos á procura de um copo assim e assim e eu não sei onde hei-de ir buscar o meu». — Vai a macaca que era a dona da casa, disse assim para outra (porque naquella casa não havia senão macacas): «O' macaca fulana, dá cá d'alli o caqueiro dos pintos!» — «O caqueiro dos pintos! disse o principe para comsigo, estou bem arranjado se vou apresentar ao meu pai em vez do copo o caqueiro dos pintos». — Vai a macaca deu-lhe uma coisa embrulhada, sem que elle visse o que era, e disse-lhe assim: «Agora leve vm. isto ao seu pai, mas não desembrulhe pelo caminho, senão póde ser a sua desgraça; pelo resto respondo eu».

O principe agradeceu e pôs-se a caminho com o presente das macacas na mão. Pelo caminho ia dizendo: «Ora esta! Se isto que eu aqui levo será o caqueiro dos pintos? Estava capaz de o desembrulhar...», mas como a macaca lhe tinha recommendado tanto que não, elle não abriu o embrulho.

Quando chegou ao palacio já lá estavam os dois irmãos com lindissimos copos que lhe tinham dado as namoradas d'elles. Chega o mais novo e entrega o embrulho ao rei, e quando se foi a abrir, appareceu o copo mais rico que se podia encontrar, muito mais rico que os outros dois. Era elle quem tinha vencido. Mas os dois principes mais velhos ficaram tão cheios de raiva e de inveja que o rei, para os sossegar d'aquelle desespêro em que os via, disse que já agora aquella vez não ficaria valendo, e que agora é que havia de valer; que daria o reino ao que trouxesse a toalha mais rica.

Os dois mais velhos foram logo ter com as namoradas, que tinham tudo quanto é bom, e logo alli lhe deram umas toalhas que eram uma belleza, e o mais novo tambem se lembrou logo das macacas. Foi lá, bateu á porta e a macaca perguntou-lhe o que tinha. «Ai, minha senhora, venho muito ralado por causa d'isto assim e assim». E contou-lhe tudo. «Não tem duvida, disse a macaca; ó macaca fulana, traze cá a rodilha da chaminé». A macaca trouxe um embrulho muito bem embrulhadinho, e a que era a dona da casa deu-o ao principe e disse-lhe isto: «Agora veja lá, tenha sentido, não abra pelo caminho nem deixe abrir, e se encontrar os seus irmãos, e que elles queiram ver o que vm. leva, não consinta, senão é para sua desgraça».

Foi-se o principe muito satisfeito. Lá pelo caminho encontrou os

dois irmãos que lhe tinham vindo fazer uma espera para o matar se elle tivesse arranjado toalha melhor que as d'elles. O principe não lhes queria deixar ver o que trazia, mas elles então deitaram-se ao irmão e tiraram-lhe á força o presente das macacas. Depois abriram e appareceu a toalha mais rica d'este mundo. Vendo isto, o mais velho encheu-se de raiva e atirou-se ao irmão e matou-o.

Depois pegaram nelle, abriram uma cova alli ao pé, enterraram-no e foram-se embora. Foram-se embora e quando chegaram ao palacio apresentaram as suas toalhas, mas o mais novo é que não appareceu. O rei esperou, esperou dias, semanas, meses, mas não veio ninguem, já se sabe, e todos diziam que com certeza o principe tinha perdido a vida lá por fóra.

Bem. Passou-se nisto muito tempo. Entre este tempo, lá no sitio onde estava enterrado o principe foi crescendo um cannal de cannas, que sahiam dos dentes d'elle, e quando ellas já estavam grandezitas, passa um dia por alli um pastorinho com as suas ovelhas. Disse o pastorinho assim: «Olha que bellas cannas para gaitas; vou cortar uma». Cortou uma das cannas e pelo caminho adeante principiou a fazer-lhe os buraquinhos. Depois da gaita prompta, pôs-se a tocar nella; vai principia a sahir da gaita uma vozinha muito fina e muito triste que cantava assim:

«Tocae, meu pastorinho,
Tocae com valor:
O meu irmão mais velho
Foi o meu matador».

O pastor ficou muito admirado e disse assim: «O' que caso tão raro! Se eu fôr á cidade com as minhas ovelhas e esta gaita, todos me hão de querer ouvir e ganharei muito dinheiro». Pega em si e entra pela cidade dentro a tocar na gaita.

Quando o pastorinho passou pelo palacio do rei, estava um camarista á janella, e como ouvisse aquella musica tão bonita foi chamar o rei, e o rei mandou chamar o pastorinho e disse-lhe que tocasse na sua presença. Pega o pastorinho a tocar e a gaita a cantar:

«Tocae, meu pastorinho,
Tocae com valor:
O meu irmão mais velho
Foi o meu matador».

Disse o rei: «Deixa-me experimentar a mim agora;» pegou na gaita e pôs-se a tocar; vai a voz principia a dizer assim:

«Tocae ó meu pàizinho,
Tocae com valor:
O meu irmão mais velho
Foi o meu matador».

O rei, ouvindo que a voz lhe chamava pàizinho, logo se lembrou que o filho mais velho tivesse morto o mais novo, que não apparecia havia tanto tempo. Mandou-o logo acordar (porque era de manhã muito cedo) e trazer á sua presença; depois disse-lhe que pegasse naquella gaita e que tocasse. O principe obedeceu, mas a voz que sahia da gaita d'esta vez disse assim:

«Tocae, ó meu irmão,
Tocae, com valor:
Tocae, ó meu irmão,
Fostes o meu matador».

O rei, ouvindo aquillo, mandou ao filho que confessasse, mas elle não quis. Então o rei perguntou ao pastor onde é que elle tinha achado aquella canna; o pastorinho contou-lhe tudo e depois o rei foi com elle ao logar onde estava enterrado o principe. Cavaram no cannal das cannas e acharam lá o corpo do principe todo inteirinho e são, e dos dentes é que nasciam as raizes d'aquellas cannas. Vendo isto, o irmão mais velho não poude mais negar, e o rei mandou-o matar. E acabou-se.

III

O PALACIO ENCANTADO

Era uma vez uma mãe e uma filha que eram muito pobrezinhas. A mãe ia á esmola e a filha ficava em casa, e d'alguma coisa que a mãe arranjava assim lá por fóra é que ellas viviam. Diz um dia a filha á mãe: «Nós aqui não ganhamos nada: o melhor é irmos para outra terra».—A mãe não queria e respondeu-lhe: «Ora, eu já estou d'esta edade, já não aguento uma viagem; vamos nós antes vivendo como temos vivido até aqui».—Mas a filha tanto fez que a mãe no fim sempre consentiu.

Consentiu e pegaram em si e foram andando, andando, até que chegaram a uma terra aonde viram um palacio todo fechado e com escriptos. Diz a filha assim para a mãe, diz: «Como aquelle palacio não tem gente, talvez nos deixem lá ficar de noite. Vamos perguntar quem é que tem as chaves». Quem tinha as chaves era um çapateiro que morava defronte, e diz o çapateiro assim para a rapariga:

«Aquelle palacio deixou-o um fidalgo para os pobres lá irem dormir. Mas anda lá coisa má, e quem lá entra de noite com vida, ao outro dia vem a tumba buscá-lo morto».—Diz a rapariga:

«Não tem dúvida; se morrermos, morremos. Assim como assim, mais vale morrer do que viver nesta penuria».—Ora esquecia-me de dizer que a mãe da rapariga era surda, de maneira que não ouviu o que o çapateiro disse á filha. A filha então, para a mãe não ter medo, não lhe disse nada da coisa má que andava no palacio, e só lhe disse

que o palacio o tinha deixado um fidalgo para os pobres lá dormirem de noite.

Foram as duas e abriram a porta do palacio. Logo no primeiro quarto onde entraram viram um oratorio com muitos santinhos e diz a filha assim para a mãe: «O' minha mãe, vá-se vm. deitar, que eu fico aqui a rezar as minhas orações». Diz a mãe: «Pois sim». E foi-se deitar. Ficou a rapariga a rezar, a rezar e á meia noite ouviu de repente muito barulho ás portas e ás janellas. A rapariga vae, abre uma janella para ver o que era aquillo, e vê um preto com duas espadas na mão, que lhe disse: «Abre-me a porta e deixa-me entrar, que vamos jogar a espadeirada». A rapariga deixou entrar o preto e depois fechou a porta do quarto aonde a mãe estava a dormir para ella não ouvir; o preto deu-lhe uma espada e ficou com a outra para si e d'ahi começaram a jogar a espadeirada ambos dois, a rapariga e o preto. D'alli a um bocado a rapariga corta a cabeça ao preto. Depois pegou nelle e escondeu-o para a mãe não ver, e foi-se deitar muito sossegada.

Assim que a mãe acordou pela manhã, disse para a filha: «O' filha, eu agora vou á esmola, mas tu não me envergonhes; deixa-te estar em casa e não sáias para banda nenhuma, emquanto eu não venho». A filha disse que sim. Mal a mãe sahiu, veiu a tumba para levar a mãe e a filha, mas o que levou foi o preto. O çapateiro e toda a gente da rua ficaram muito admirados d'aquillo, porque era a primeira vez que tal succedia.

A' noite voltou a mãe e comeram ambas do que ella trouxe. Depois disse a filha assim: «Olhe minha mãe; vá-se vm. deitar, que ha-de vir cansada; eu fico a rezar as minhas orações». — «Pois sim, filha». Quando deu a meia noite vieram dois pretos, e cada um trazia a sua espada na mão.

Vae a rapariga principiou a brigar com elles e cortou a cabeça a um; d'alli a bocado cortou a cabeça ao outro. Ficaram ambos mortos; a rapariga escondeu-os e foi-se deitar. De manhã, depois da mãe sahir, veiu a tumba e levou os dois pretos.

Na outra noite vieram tres pretos e foi a mèsma coisa. A rapariga matou-os todos tres.

A' quarta noite foram quatro os pretos que vieram, cada um com a sua espada. A rapariga brigou com elles e foi-os matando todos até não ficar senão um. Esse que ficou disse então assim para a rapariga: «Agora façamos pazes. D'aqui por deante não virá mais ninguem ter comtigo e já que tens tanta coragem ficarás sendo a dona d'este palacio e de tudo quanto eu agora te vou mostrar. (Porque ellas ainda não tinham passado da primeira casa e o mais do palacio estava fechado á chave). Vae o preto pegou num grande molho de chaves que trazia, abriu uma porta e mostrou-lhe um quarto cheio de louças muito ricas e disse-lhe assim: «Isto tudo fica sendo para a menina e para sua mãe».

Abriu outra e era um quarto cheio de moveis muito ricos: «Isto

tudo etc.» Depois viram um quarto cheio de dinheiro em cobre e elle disse-lhe a mesma coisa.

Depois outro cheio de prata e no fim de todos um quarto cheio de oiro. Chegado alli disse-lhe o preto: «Agora não ha mais riquezas. Tudo quanto a menina viu é para si e sua mãe, mas não lhe diga nada a ella senão passado um anno e um dia. Agora passe muito bem, que nunca mais cá virá ninguem incommodá-la».

Ora bem. Foi-se embora o preto e as duas ficaram vivendo no palacio. No outro dia depois d'isto a mãe tornou a ir á esmola. Entretanto a filha foi á casa do cobre e tirou um pataco. A' noite ella deu o pataco á mãe e disse-lhe que fosse comprar de comer. A velha ficou muito pasmada e disse assim: «Oh filha, d'onde é que tu foste buscar este dinheiro? Então eu não te tinha dito que não sahisses de casa? Ai filha, vê lá o que fazes, não me envergonhes!» — «Deixe estar minha mãe, não se afflija que o dinheiro é meu e não o roubei a ninguem». No outro dia a mesma coisa. A mãe outra vez muito afflicta, mas a filha lá a contentou. Assim foram vivendo muito tempo. A mãe todos os dias ia pedir esmola e a filha todos os dias tirava aquelle pataco do thesouro que era d'ella, já se sabe.

Bem. Quando estava fazendo um anno, a rapariga um dia, como a mãe a importunasse muito, não se poude suster que não lhe contasse tudo. Vae a mãe teve um tal susto que cahiu para a banda como morta e esteve uns poucos de dias muito doente. Depois d'ella boa, a filha foi com ella correr o palacio todo e mostrar-lhe aquellas riquezas que eram tódas d'ellas, aonde chegaram tambem a um quarto com uma janella que estava fechada. A mãe foi abrir a janella, e quando ella foi a abrí-la, cahiram uns poucos de limões para dentro de casa. Era um limoeiro que estava da parte de fóra muito chegado á casa, e quando a velha abriu a janella um dos ramos que estava mais encostado entrou e cahiram os limões. Diz a velha: «O' filha vamos a ver o que se vê d'esta janella». O que havia de ser? Era o jardim do rei! E o que haviam de ellas ver no jardim do rei? A rainha numa estufa a brincar com um preto! Diz a mãe: «Oh filha, que raiva que me está a metter vêr a rainha brincar assim com um preto! Sabes o que eu estava capaz de fazer? Era de arrumar com um d'estes limões á cabeça do preto!» Vae, pega num limão e atira; mas, por desgraça, se havia de acertar no preto, acertou na cara da rainha e tirou-lhe um olho. Vae a rainha, quando sentiu aquillo, julgou que era o preto, pega nelle por um braço, e foi fechal-o numa casinha que havia na estufa, para que ninguem soubesse que elle alli tinha estado com ella, e depois pôs-se a gritar. Pôs-se a gritar e acudiu logo o rei e toda a gente do palacio. O rei perguntou quem é que tinha feito aquillo, mas a rainha só disse que viera um limão pelo ar e que lhe tinha cegado o olho, mas nunca disse nada do preto, já se sabe. Procuraram por toda a parte, mas no jardim não estava mais ninguem e disseram os conselheiros: «Só se foi d'aquella janella acolá, mas aquillo é um palacio onde não mora ninguem e ha annos que alli se não vê uma ja-

nella aberta». Fizeram-se muitas indagações e soube-se das duas mulheres que estavam no palacio havia quasi um anno. Ora logo que se soube d'isto resolveu o rei ir elle mesmo saber se tinham sido ellas. Para isso esperou por uma noite bem invernosa, vestiu-se de pobrezinho e foi bater á porta do palacio. «Quem é?» perguntaram-lhe ellas de dentro. — «Sou um irmãozinho, respondeu o rei, e pedia ás senhoras que me dessem agasalho por esta noite». Ellas disseram-lhe: «Entre, irmãozinho, entre. Ha-de cear comnosco. Nós vivemos aqui muito sós, ainda bem que vm. nos vem fazer companhia». Depois arranjaram um borrego e fizeram uma ceia muito boa. Sentaram-se á mesa e depois puseram-se a conversar: «Então, irmãozinho, que novidades ha?» — «A novidade que ha é que a rainha cegou d'um olho por causa d'um limão que lhe atiraram e o rei anda em diligencias para saber quem é que cegou a rainha». Diz d'alli a mãe: «Olhe, eu lhe conto como isso foi. Fui eu que vi da minha janella a rainha a brincar com um preto e fez-me aquillo tanta raiva que quis atirar com um limão á cabeça do preto, mas acertei na da rainha e sem querer lhe vasei um olho». — «O' senhora não diga similhante coisa; que o rei, se o sabe, manda-a matar!» — «Não me importa, que eu não digo senão a verdade, tanto que o preto ainda está fechado na estufa».

Bem. Ao outro dia foi-se o pobrezinho, e assim que elle se foi bate um creado do rei á porta com ordem para ellas o acompanharem á presença de S. M. «Para quê? disseram ellas?» «E' porque as senhoras são accusadas de terem cegado a rainha». «Ai filha, diz a mãe, se seria o pobrezinho que nos atraiçoou?» — Não tiveram remedio senão ir á presença do rei e ahi tornaram a contar tudo.

Diz o rei assim, diz: «Bem, se o preto lá estiver, disseram as senhoras a verdade, se não, vão a morrer». A rainha não queria dar as chaves nem que a matassem, mas afinal não teve outro remedio. Foram á estufa e lá acharam o preto meio morto de fome, e pegaram nelle e enforcaram-no. Depois o rei perguntou á rapariga o que queria fazer á rainha. «Quero que da pelle d'ella se faça um tambor e dos ossos uma cadeira para eu me assentar». Mataram a rainha e o rei casou com a filha da pobre.

IV

HISTORIA DE UM COZINHEIRO

Era uma vez um cozinheiro, que estava sem commodo havia uns poucos de dias. Pôs-se a caminho, a ver se achava amo e foi bater á porta d'um gigante. Veiu o gigante ver quem era. «O' sr., eu vinha ver se v. s.ª não precisava de um cozinheiro...» — «O' homem, pa-

rece que adivinhaste! Hoje mesmo se foi embora o meu cozinheiro. Então o que sabes tu fazer?» — «Saberá v. s.ª que sei fazer muito bons petiscos...» — «Isso mesmo é que eu quero, que da panella da carne já eu estou farto. Está dito, fico comtigo; mas olha que o costume da minha casa é este: Comer, vestir, calçar; mas dinheiro não t'o posso dar, e passado um anno tens de te ir embora». — «Não tem dúvida, fico por esse ajuste».

Bem. Ficou o rapaz em casa do gigante, e o gigante muito *sastifeito* com elle. Passado um anno, diz o gigante assim para elle: «Olha que amanhã tens de te ir embora, que faz um anno que estás em minha casa». — «O' senhor, não me despeça; o que ha-de ser de mim, se eu não tenho para onde ir!» — «O' homem, ainda que eu quisesse não posso ficar comtigo, senão veem por ahi e matam-me!» — «Ai sr., não me ponha fóra, e demais a mais sem ordenado!» — «Já te disse que não posso deixar-te ficar, nem dar dinheiro, mas toma lá este livro que é o mais que te eu posso dar, e olha que já não vaes mal servido. Em querendo comer bate no livro, que tudo quanto lhe pedires elle t'o apresentará». Vae o rapaz no outro dia pôs-se a caminho com o livro. Foi andando por alli fóra, e, quando já ia farto de andar, lembrou-se de bater no livro. Logo alli appareceu uma mesa posta. Comeu e foi-se embora, aonde elle vinha entrando por uma cidade e reparou que na cidade estava tudo de luto. Vae, encontrou uma velha á porta da casa, e perguntou-lhe o que era aquillo. Diz a velha: «Pois vm. não sabe? E' que o Imperador da Russia *(sic)* costuma todos os annos ir a uma nação e levar comsigo uma princeza, e este anno tocou a vez á Princeza d'este reino. Amanhã é que é que elle deve vir e por isso é que o reino está de luto».—Bem. Disse isto a velha ao rapaz e elle emquanto ia andando por alli fóra ia scismando se haveria meio de salvar a Princeza. Foi ao palacio real e pediu para fállar ao Rei. Diz a sentinella: «Hoje não falla aqui ninguem a S. M. nem amanhã tãopouco». O rapaz sempre teimou. Ao final a sentinella foi ter com o Rei, mas elle mandou dizer que estava muito triste e não podia dar attenção a ninguem; que voltasse outro dia. Diz o rapaz para a sentinella: «Vá dizer a S. M. que o negocio que aqui me traz não consente demora, que é um negocio da maior importancia mesmo para S. M., e que o tratado que eu lhe venho propôr ou ha-de ser agora mesmo ou não temos nada feito». O Rei, á vista d'isto, sempre admittiu o rapaz. Vae elle diz assim para o Rei: «Saiba V. M. que eu venho aqui a ver se V. M. quer que eu faça com que a Princeza não seja levada pelo Imperador da Russia». — «O' homem, disse logo o Rei, se tu fôres capaz d'isso, dou-te a minha filha em casamento! Mas como ha-de ser isso se o Imperador da Russia vem já amanhã?» — «Não tem dúvida. Isso fica por minha conta».

Bem. Ficaram nisto. O Rei chamou os conselheiros e contou-lhes o caso, e depois mandou que guardassem muito bem o rapaz, não fosse elle algum embusteiro, e que tomassem sentido elle não fugisse.

Bem. Foi o dia passando e o rapaz deixando-se estar. A' noite o

Rei estava muito zangado e disse para os conselheiros: «Está bom; elle enganou-me; mas não lhe ha-de servir de muito: amanhã vai a morrer».

Quando era meia noite o rapaz pediu licença para sahir. Pediu licença para sahir, e mal se viu fóra do palacio bate no livro e diz assim: «Quero que se fórme á roda d'este palacio uma muralha tão alta, que ninguem de lá possa ver o que se passa aqui fóra». No mesmo instante appareceu o palacio rodeado de uma enorme muralha. Vae torna a bater no livro e a dizer: «Quero que aqui á beira-mar se fórme uma torre com soldados, artilheria e todos os pertences de um castello». Logo appareceu tudo conforme elle tinha mandado.

Bem. De manhã quando o Rei acordou e que chegou á janella a ver em que paravam as coisas não viu nada nem o mar nem coisa nenhuma por causa da muralha que lhe tapava a vista, já se sabe.

Pôs-se a esfregar os olhos, chamou os conselheiros e perguntou-lhes o que viam? Mas elles responderam que não viam nada senão uma grande muralha que cercava o palacio por todos os lados. Ficaram todos muito pasmados, já se sabe, e á espera do que iria succeder.

Nisto vem o Imperador da Russia num navio pelo mar fóra, mas como era de manhã cedo vinha a dormir. O capitão que vinha a guiar o navio, mal viu aquella fortaleza á beira-mar foi acordar o Imperador, mas elle não quiz acreditar e disse: «Isso não é possivel; se eu ainda ha quinze dias por aqui passei e não vi similhante coisa, como póde lá ser que agora esteja lá um castello como o que dizes». Como o capitão teimasse o Imperador sempre se foi levantando e quando viu que era verdade ficou muito zangado e mandou deitar um escaler ao mar com quatro soldados dentro e que fossem ver o que era aquillo. Quando chegaram perto da torre principia a artilheria de lá a jogar, os soldados que lá estavam apontaram a artilheria sobre elles e foi o escaler ao fundo mais os quatro soldados que iam nelle. Quando o Imperador da Russia viu isto disse para o capitão: «Está bom; já vejo que não é possivel rompermos para deante. Voltemos para trás». E foram-se embora todos muito cheios de medo.

Foram-se embora e voltaram para a Russia. Ora o Imperador ia furioso por lhe ter escapado a Princeza e não havia coisa que o consolasse. Um dia que elle andava a passear todo triste no seu jardim chega-se a elle uma velha e diz-lhe: «Porque é que V. M. anda tão triste? Conte-me V. M. os seus pezares, que talvez eu lhe possa dar remedio».—«Tira-te d'ahi, mulher; ao meu pezar ninguem póde dar remedio».—«Quem sabe, real senhor? conte sempre; póde ser que eu possa dar-lhe conselho...» «Oh mulher; sóme-te da minha vista e não me tentes mais; não sei onde estou que te não mato já!...» A velha não teve medo e tanto teimou com elle que elle lhe disse tudo. Disse tudo e vae péga a velha assim para elle:

«Olhe, não sabe V. M. o que é isso? Isso é um cozinheiro que tem um livro e em elle batendo no livro, apparece logo tudo quanto elle pede. Foi elle que na noite passada formou essa torre. Agora está

elle casado com a Princeza, mas se V. M. quizer eu sou capaz de lhe tirar o livro e assim se acabará o poder que elle agora tem, e poderá V. M. então apossar-se da Princeza». Disse o Imperador: «Ai mulher, se tu fosses capaz d'isso, eu dava-te tudo quanto me pedisses!»

«Pois mande V. M. apromptar uma embarcação e dê-me fatos de fidalga e creados e creadas, que pelo resto fico eu».

(Ora esta velha era bruxa e era a mesma que o cozinheiro tinha encontrado á porta da cidade).

Fez-se tudo quanto ella tinha pedido ao Imperador e passados alguns dias a velha embarcou num rico navio com muita creadagem como se fosse alguma grande fidalga. Ora ella calculou as coisas de maneira que chegou á terra aonde estava o cozinheiro (que agora era Principe, já se sabe) justamente numa occasião quando elle tinha partido para uma grande caçada que devia durar uns poucos de dias. Desembarcou e foi apresentar-se á porta do castello dizendo á sentinella que era uma tia do Principe e que vinha a dar-lhe os parabens pelo seu casamento.

A Princeza — que estava sózinha em casa com os seus creados, já se sabe — logo que soube isto desceu ao encontro d'ella e recebeu-a com muitos mimos. «Oh minha tia; seja muito bemvinda! Que pena o meu marido não estar em casa!... Eu não sabia que elle tinha uma tia: não sei como elle nunca me fallou em si...»

«E' que elle não me vê ha muito tempo e talvez me tivesse esquecido, que eu ha muitos annos que estou vivendo na Inglaterra».

Bem, ficou a Princeza toda crente no que a velhaca da velha lhe disse e fez-lhe muita festa. A' tarde disse a Princeza para a velha: «Agora em que quer a minha tia entreter-se esta tarde?»

«Ai minha sobrinha, o que eu mais gosto é de ler. A Princeza foi logo buscar quantos livros havia na casa mas ella a todos dizia que não era d'esses que ella gostava. «Ai, lá na Inglaterra é que ha uns muito bons que eu muito gosto de ler. São uns livrinhos pequenos, assim e assim, e principiou a descrever o livro do encanto; d'esses é que gosto. Se a menina tivesse d'esses, é que era bom».

«Ai minha tia, já sei o que é; o meu marido tem um livro d'esses, mas não sei se elle o levaria comsigo; que elle sempre o traz comsigo e até de noite o deixa ficar debaixo do travesseiro. Vou ver se elle o deixaria lá...»

Por desgraça o cozinheiro tinha deixado naquelle dia o livro do encanto, e a Princeza foi acha-lo debaixo do travesseiro e foi toda contente entrega-lo á velha.

«Ora ainda bem, minha tia; muito estimo poder dar-lhe um dos taes livros; que fortuna elle deixa-lo em casa!»

«E' d'estes mesmo; muito obrigada minha sobrinha».

Ao outro dia a Princeza queria que a tia ficasse até á vinda do marido, mas a velha disse que não podia de maneira nenhuma demorar-se tanto e que tinha de partir naquelle mesmo dia. Despediram-se com muita amizade, verdadeira da parte da Princeza e fingida da

parte da velha, e esta partiu com o livro de quo a Princeza não tornou mais a lembrar-se.

Passados dias, volta o cozinheiro, quero dizer o Principe, e a primeira coisa que fez foi perguntar pelo livro.

«Ai, não sabes, diz-lhe a Princeza, esteve cá a tua tia, a marqueza de tal parte, e levou-o por esquecimento». — «Qual tia, qual marqueza? Eu tenho lá tia nenhuma! Conta-me já o que isso foi!»

Quando a Princeza lhe acabou de contar o succedido, o rapaz logo comprehendeu que o tinham logrado e como elle sem o livro não era nada temeu-se do que ia succeder e achou que o melhor era abalar. Pegou em si, desalvorou.

D'alli a nada chega o Imperador da Russia a quem a velha já tinha ido levar o livro. Quando a Princeza o vê vir de repente pelo mar fóra, pegou a chorar, mas que remedio teve ella senão ir com elle para a Russia.

Bem. Agora deixemos a Princeza lá na Russia e vamos a ver o que foi feito do cozinheiro.

Foi andando por alli fóra e como não tinha aonde ir, voltou para casa do gigante. Bateu á porta; veiu o gigante, e ficou muito contente de o ver. «Olá, homem; então tu por aqui! Então que fizeste ao livro?»

«Oh senhor, deixe-me; se soubesse a desgraça que me aconteceu...»

«Já sei, já sei, homem; então agora que queres?»

«Queria que o patrão me tomasse outra vez por cozinheiro».

«Olha, está a calhar; hontem mesmo se foi o meu cozinheiro embora. Tu já sabes o costume da minha casa: comer, vestir, calçar, ordenado é que não, e ao fim d'um anno tens de te ir embora».

Bem. Ficou o rapaz em casa do gigante. Passado um anno, diz o gigante para elle:

«Agora tens de te ir embora».

«Nada, d'esta vez é que me não vou».

«Não ha remedio, homem; se veem por ahi e que ainda por cá te vejam, matam-me».

«Mas o que hei-de eu comer quando me fôr embora, se o patrão me não dá ordenado?»

«Deixa estar, homem; eu alguma coisa te hei-de dar».

Bem, assim que chegou o outro dia, diz-lhe o gigante assim:

«Agora, olha; péga num sacco, e vae ao jardim, e a coisa mais ruim que lá achares, mette-a no sacco e leva-a; e contenta-te, que já não vaes mal servido».

Vae o rapaz foi ao jardim e estavam lá ricos vasos de oiro e de prata, e lá mettido a um canto estava um gato muito magro e muito lazarento.

«Bem, disse o rapaz, a coisa mais ruim que eu aqui vejo é este gato; parece que o que devo levar é isto».

Metteu o gato no sacco, deitou-o ás costas e pôs-se a caminho.

Pôs-se a andar, a andar, e passado certo tempo deu-lhe a fome. «Bom, agora o que ha-de ser de mim; da outra vez ainda eu tinha de comer, agora nem para mim nem para este *pobre alimal;* sempre gostava de saber para que meu amo quis que eu levasse isto».

Mal elle pôs o sacco no chão, o gato fugiu e metteu-se pelo silvado dentro. «Bom, agora nem gato, nem nada!». D'alli a um instante appareceu outra vez o gato e trazia uma lebre na boca. O rapaz, quando viu isto, ficou muito contente, accendeu lume, assou a lebre e comeu elle mais o gato. Depois tornou a caminhar e foi assim andando muitos dias, até que chegou lá a uma terra. Ora onde havia de elle estar sem o saber? Na Russia! Estava na Russia e aconteceu passar mesmo junto do jardim do Imperador, e lá o viu a passear a elle mais á Princeza. A Princeza mal deu com os olhos nelle tambem logo o conheceu, e o Imperador, percebendo que aquelle é que era o marido da Princeza, que lhe tinha feito tanto mal, mandou-o logo prender e que o mettessem num calabouço.

Disse o rapaz assim para o Imperador: «Ao menos deixe-me levar commigo o meu gatinho».— «Pois sim, homem, leva-o lá, e, se quiseres mais, d'esses gatos tenho eu alli ás duzias».— «Nada, não senhor, eu não queria senão este, que é um alimalzinho a quem tenho muita amizade». Pegou pois o rapaz no gato ás costas dentro do seu sacco e d'ahi levaram-no preso por ordem do Imperador e foram-no metter numa masmorra no mesmo castello que elle tinha mandado fazer lá na terra da Princeza.

Bem. Estava elle então na masmorra, e havia lá muitos ratos. Mas o gato pegou a matar nelles que era um gôsto, e d'alli a uns dias não havia já quasi (caje) nenhuns.

Uma vez estava o rapaz alli sentado todo triste, chega-se ao pé d'elle um grande rato e principia a fallar assim para elle: «Eu venho aqui pedir a V. A. que faça favor de mandar prender o seu capitão». — «Quem é o meu capitão?» diz o rapaz. — «E' o seu gato que tem dado cabo da minha tropa caje toda e se V. A. não o manda prender, estou aqui estou sem soldados nenhuns».

«Bem, disse o rapaz, eu prendo o meu capitão comtanto que tu me faças uma coisa que te eu vou dizer». — «Diga V. A.» — «E' que me ponhas para aqui o livro que o Imperador da Russia me roubou». — «Está dito. Serão cumpridas as ordens de V. A.!» Vae o rato principiou a gritar: «O' 16 da 1.ª!» «Prompto, meu capitão!» Era um ratinho que logo alli appareceu. «O' 17 da 2.ª!» «Prompto, meu capitão!» Era outro ratinho. «O' 18 da 4.ª!» *Bis.* O 18 da 4.ª não apparecia. Finalmente lá veio a coxear, com o nariz todo esfolado, e pediu desculpa de não ter respondido logo: «E' que eu estava atrás do pé da mesa a roer um osso e com a pressa dei esta pancada no nariz!» Ora este rato era um soldado velho, muito atilado, e por isso chamavam-lhe: «O Petrano». Vae o capitão dos ratos disse assim para elle: «Pois sim, perdôo-te comtanto que me ponhas aqui o livro que o Imperador da Russia tem debaixo da cabeceira. Vão vocês todos tres,

escondam-se no quarto do Imperador e de noite quando elle estiver a dormir, ponha-se um aos pés, outro á cabeceira e outro agarre-se ás torcidas da lamparina. Depois, o que estiver aos pés principia a fazer-lhe *cózigas*, e, quando elle se fôr a voltar, tu, Petrano, tiras-lhe o livro debaixo do travesseiro emquanto o que tiver ficado ao pé da lamparina puxa pelas torcidas e foge com ellas». Vae os ratos assim fizeram. O 18 da 4.ª pôs-se aos pés, o 17 da 2.ª agarrou-se ás torcidas e o Petrano quando o Imperador se voltou com as cozigas tirou o livro e depois abalaram todos apagando-se a luz, já se sabe. O Imperador, percebendo que lhe tinham tirado o livro, quis accender a luz para vêr o que era, mas como o rato lhe tinha levado as torcidas não poude, e até virem os creados já os ratos iam longe.

Bem. Deixemos lá agora o Imperador da Russia todo desesperado por lhe terem levado o livro e vamos a vêr o que foi feito do rapaz que estava na masmorra. Mal os ratos voltaram e que lhe entregaram o livro elle deu ordem ao gato para não lhes tornar a fazer mal; o capitão dos ratos agradeceu muito e retirou-se. Depois o rapaz, mal se viu só, bateu no livro e disse: «Quero sahir já d'esta prisão». Depois, quando se viu livre bateu outra vez no livro e disse: «Quero já aqui um escaler com quatro pretos todos armados com suas espadas». Appareceu logo alli o escaler. Depois disse assim para os pretos: «Vocês, vão já á Russia, ter com o Imperador, vocês ameacem-no e obriguem-no a entregar a Princeza e depois tragam-m'o aqui preso».

Os pretos assim fizeram. D'alli a nada voltaram com a Princeza e com o Imperador da Russia amarrado no escaler. Depois o Principe mandou que lhe amarrassem aos pés uma bala de 18 (?) e que o atirassem ao mar. Os pretos assim fizeram. Depois, o Principe e a Princeza foram dar parte ao pae e á mãe d'ella do que tinha succedido, houve muita festa p'rá festa, e ficaram todos vivendo juntos e muito felizes.

CECILIA SCHMIDT BRANCO.

CURSO
DE
LINGUA PORTUGUESA ARCHAICA [1]

LIÇÃO INAUGURAL

Summário

I. O que é lingua archaica.—Importancia do estudo da lingua portuguesa archaica, e razão d'este curso.

II. Necessidade de fazer algumas considerações preliminares.—A Lusitania.—Esbôço historico: a) Lusitania *prehistorica*,—e tradições até hoje; b) Lusitania *protohistorica*,—elementos ethnicos, tribus, costumes, religiões (concepções, culto, sacerdocio); c) Lusitania *romana*,—epochas historicas mais importantes; romanização.

III. Latim vulgar em geral, e da Lusitania em particular. Fontes para o seu estudo.

IV. História externa da lingua portuguesa: origem; português prehistorico, protohistorico, archaico e moderno; português litterario, e popular com os dialectos.—Epilogo.

Meus senhores:

I

Quando se observa uma lingua num longo decurso da sua evolução, nota-se que ella, de certo ponto para além, offerece um aspecto geral que differe do d'esse ponto para cá: é a tal aspecto que se chama—*lingua archaica*.

Assim nos mais antigos tempos do latim dizia-se *loumen* e *jous* por *lumen* e *jus; optumus* e *maxumus* (ainda nas inscripções posteriores, etc.) por *optimus* e *maximus; humo* por *homo* (vestigio ainda em *humanus); s* por *r* em certas circumstancias, de que ainda restão na lingua classica *honos* (Cicero), *arbos* (Vergilio), etc.; *dacrima* e *dingua* por *lacrima* e *lingua;* havia um caso locativo, de que na lingua classica ficou representação em *ruri, domi, postri-die,* etc.; em vez de *illi* dizia-se *olli* (ainda como resto em Vergilio); na 1.ª declinação ha-

[1] Na *Academia de Estudos Livres,* de Lisboa, em 1891.—A 1.ª parte d'esta *Lição* foi já publicada na *Revista de Coimbra* (n.º 11) e na *Revista de Portugal* (vol. IV, pag. 313 sqq), mas, como estas Revistas acabárão, não forão publicadas as restantes tres partes.—Contrariamente ao meu costume, não dou neste trabalho indicações bibliographicas, pelo simples motivo de que elle representa, com leves alterações de redacção, o discurso tal qual, regulando-me pelos apontamentos que de ante-mão tinha tomado, o pronunciei.

via um genetivo em *-as*, conservado posteriormente em *paterfamilias;* a 3.ª declinação tinha uma desinencia do accusativo plural em *-eis* (= *īs*, ainda em Nepos, etc.: *classis* = *classēs*); a 4.ª um genetivo em *-uis* em vez do classico *-ūs;* empregavão-se fórmas verbaes particulares, e fazião-se certas construcções que depois desapparecêrão do uso normal, e só esporadicamente se encôntrão, como *parturibat* (Phedro) e *ejus rei ergo* (Livio,—preposição com genetivo). A este proposito ha linguas que divergem mais do que outras nos seus varios periodos. O francês antigo offerece ainda casos, como *li murs* (nominativo sing.), *lo mur* (caso obliquo do sing.,—a fórma do substantivo prevaleceu), *li mur* (nom. plur.) e *les murs* (caso obliquo do plur.,—fórma que igualmente prevaleceu): o que, com muitas outras particularidades, leva os philologos a considerá-lo como lingua em separado. Pelo contrário o italiano (toscano) não tem essas grandes divergencias; quem souber sufficientemente a lingua de hoje, entende Dante sem difficuldade. Já o hespanhol antigo (castelhano) differe mais do moderno do que respectivamente o italiano. Semelhantes differenças existem no português.

Eu denomino *português archaico* a lingua que começa a transparecer debaixo das fórmas do latim barbaro do sec. IX, e chega até o sec. XVI. Então principia o *periodo moderno.*

As sciencias attingírão na actualidade tamanho desenvolvimento, que não se considera hoje como regularmente instruido quem pelo menos não possuir os rudimentos das Sciencias Naturaes, da Mathematica, da Historia, etc. Ora, com relação á Glottologia, a cada passo, tanto escrevendo, como fallando, os homens mais eminentes, que não são especialistas do assumpto, commettem inexactidões, e não se pejão de a tratar *ex cathedra.* Como a linguagem é um phenomeno nosso, todos se julgão com direito de a discutir e interpretar. O facto observa-se ainda com mais evidencia no povo, porque raras terras ha cujo nome se não explique por uma lenda ou por outro meio phantastico: *Penajoia* chama-se assim, porque uma rainha, que passou alli a cavallo, deixou cahir uma joia ao chão, e o animal pôs o *pé na joia.* Nos proprios selvagens ha tendencia para fazer d'estas etymologias. Archivar isto tem importancia para a Ethnographia, porque se reunem assim elementos de apreciação do espirito do povo; mas é triste quando os homens de lettras aproveitão taes explicações, e as dão nos seus livros como verdades philologicas. Todos os livros que em Portugal se tem escrito sobre chorographia, e em que se pretende expor a origem dos nomes de logares, estão cheios de erros semelhantes. Noutros paises existem igualmente muitos trabalhos no mesmo genero; e já o abuso remonta á antiguidade. Com a Glottologia succede o mesmo que com a Medicina: não ha ninguem que não ensine receitas aos outros, por isso que a doença é um estado pelo qual se passa frequentemente, e porque a vida, de que a doença constitue uma phase anormal, tambem nos pertence. D'aqui vem o dizerem os hespanhoes que

De medico, poeta y loco
Todos tenemos un poco...

lista, a que podemos juntar *gramático*. Mas, já que as sciencias prosperão, e estabelecem em bases cada vez mais solidas os seus methodos, necessitamos de as acompanhar, e não devemos só guiar-nos pela nossa opinião subjectiva.

Tendo eu sido convidado pela *Academia de Estudos Livres* para aqui dar algumas lições publicas, em fórma de curso seguido, escolhi para assumpto o estudo da nossa lingua archaica, tanto porque elle me é predilecto, como porque tem as seguintes utilidades:

1) Utilidade para o conhecimento geral dos documentos antigos.

Nestes documentos está contida quasi toda a nossa existencia íntima medieval: a organização politica, e as relações dos diversos poderes sociaes entre si; a vida dos castellos e dos mosteiros; a familia com os seus usos; a casa e o campo com as suas particularidades. Possuimos numerosos documentos d'esta especie, alguns já dados á estampa, outros conservados ineditos nos archivos publicos. No seculo passado houve dois eruditos prestimosos, o frade Viterbo e João Pedro Ribeiro, que d'elles tiraram grande auxilio para a Historia e para a Philologia, estabelecendo o ultimo ao mesmo tempo as bases críticas da Diplomatica. No actual seculo Herculano coordenou com taes documentos boa parte da sua monumental *Historia de Portugal;* e ainda recentemente d'elles se está servindo com muito proveito o sr. Gama Barros para a sua *Historia da administração publica em Portugal nos sec. XII a XV*, que é sem duvida neste sentido a obra mais importante que entre nós se tem publicado depois da de Alexandre Herculano.

2) Utilidade para a apreciação da litteratura.

Tomada em sentido muito lato, e pelo seu lado exterior, a palavra *litteratura* abrange tudo quanto se escreve ou tem fórma fixa oral: um testamento, uma procuração, um aviso, um annúncio, um rol, — e ao mesmo tempo os contos, os proverbios, as canções e xacaras que andão na bôca do povo são litteratura; é assim que dizemos *litteratura latino-barbara,* querendo significar os nossos mais antigos documentos, em que se achão muitos espécimes da natureza dos que primeiro enumerei, — e dizemos *litteratura popular,* querendo designar os segundos, ainda mesmo antes de passados á escrita. Tomada em sentido menos lato, *litteratura* comprehende apenas as obras em que ha propriamente lucubração do espirito, e são as sciencias, as artes, as bellas-lettras. No sentido estricto porém, que é o seu sentido usual, por *litteratura* entende-se a litteratura amena (poesia, romance, folhetim), a história e a polygraphia (oratoria, cartas, etc.), — isto é, as *bellas-lettras,* em que ha principalmente preoccupação de fórma e de

imaginação. A História, tal como hoje se concebe, está a passar da terceira classe para a das sciencias.

Em qualquer dos sentidos que se tome a palavra *litteratura*, já dos primeiros cinco seculos da nossa existencia politica, como nação, herdámos abundantes exemplares, quer em prosa, quer em verso. Não é possivel, nem necessario, fazer aqui agora o inventario d'isso tudo: basta que me refira aos monumentos poeticos contidos nos *Cancioneiros* chamados da Vaticana, de Colocci-Brancuti e da Ajuda, onde, ao lado da influencia da França (sobretudo provençal), se manifesta uma corrente popular portuguesa, ainda hoje conservada na tradição oral de Tras-os-Montes, como direi a seu tempo; basta que lembre os *Nobiliarios*, o *Amadis de Gaula*, as traducções e outras obras da livraria dos monges de Alcobaça, archivadas hoje na Bibliotheca Nacional e na Torre do Tombo, e os primeiros ensaios propriamente historicos publicados nos *Portugaliæ monumenta*, etc. Esta é a litteratura pelo menos dos seculos XIII e XIV, na parte prosaica da qual predomina, como era natural, o elemento ecclesiastico. Do sec. XV temos o rico *Cancioneiro* de Garcia de Resende, a encyclopedia de D. Duarte, as novellas da Tavola Redonda e as notaveis *Chronicas* de Fernão Lopes e seus successores, — alem de muitos outros trabalhos meudos. No sec. XVI já a lingua offerece em geral os seus caracteres actuaes: ainda assim ha auctores, como Gil Vicente, que em parte pertencem ao periodo archaico. Nas obras de Gil Vicente a lingua portuguesa apresenta dois aspectos: o aspecto popular na bôca de certas personagens villãs, como pastores, serranos, lavradores; o aspecto litterario na bôca das personagens cultas. E' uma distincção capital que importa tomar em consideração ao citar ou ler o nosso malicioso comico.

Sem alguns conhecimentos philologicos, não poderá ser rigorosamente comprehendida toda essa vasta litteratura, em que ha muitos vocabulos, sons, fórmas e expressões que destoão por completo da linguagem actual. A falta d'esses conhecimentos tem sido causa de que várias edições de antigos livros, modernamente feitas, contenhão verdadeiros contra-sensos. O estudo e meditação da litteratura archaica não compete só aos historiadores e criticos de profissão, compete a toda a gente que quiser ter consciencia da sua nacionalidade: o poeta e o romancista, que ignorão o seu passado litterario e as tradições patrias, para só buscarem alimento espiritual e inspiração nas litteraturas estrangeiras, falseião a arte; e os individuos que de proposito e caso pensado sorriem dos venerandos velhos que escrevêrão na idade-media e lançárão os fundamentos e as bases de todo o trabalho futuro, e por tanto preparárão o campo litterario que hoje cultivamos, são perfeitos abortos da natureza, indignos da consideração, porque esta não ha-de tributar-se a quem calca aos pés a sociedade, e atira com o desprêso ás gerações de que descende.

3) Utilidade para o ensino grammatical.

Com quanto a grammatica que se ensina na instrucção primaria

e secundaria seja prática, isto é, seja a da lingua considerada apenas no seu estado actual, todavia o conhecimento da lingua archaica torna-se necessario, porque certos factos da actualidade só se podem explicar bem pela lingua antiga, que é a origem da de hoje. Se se notar ás crianças que havia outr'ora um artigo e pronome *lo* e *la*, correspondentes aos modernos *o*, *a*, ellas comprehenderão como hoje se diga ainda *pelo, pela, amá-los, vê-las*, etc., em que não ha, como absurdamente ás vezes se escreve, e ainda em parte se ensina nas aulas, simples mudanças euphonicas de *r* em *l*. Sabendo-se que muitos nomes, que hoje acabam em *-ão*, acabavam noutro tempo em *-om*, como *lição liçom, coração coraçom, firmidão fermidom*, e que as segundas pessoas pluraes dos verbos que hoje terminam em *-aes*, etc., terminavão até o sec. XV-XVI em *-ades*, etc.,—não parecerá estranho que ao sing. d'esses nomes em *-ão* correspondão hoje geralmente plur. em *-ões*, e que essas fórmas verbaes acabem no plur. em *-aes* (com *e*). Tambem ás vezes se escreve que *fugace* (fugaz), *atroce* (atroz), *felice* (feliz) são fórmas poeticas com paragoge (!) não sei de quê; que *imigo* é outra fórma poetica com pura syncope de *ni;* e que *impío*, por *ímpio*, tem deslocamento de accento. Tudo isso são inexactidões: *fugace, atroce* e *felice* tanto se usavão na prosa como no verso, e não passão de latinismos introduzidos na lingua litteraria, e que alem d'isso tem os superlativos *fugacissimo*, etc.; *imigo* é outra fórma da prosa antiga, palavra formada pelo povo *(inimigo: inemigo: in'migo: ĩmigo*, como se lê nos doc. ant.) e não pelos poetas; *impío* é formado de *pio* e *im (in)*, dentro já do português, sendo pelo contrário *ímpio* o latim *impĭus*. Muitos mais exemplos se poderião dar de como a grammatica antiga explica a moderna, e tudo isto muito elementarmente, sem latim nem apparato philologico, ao alcance das crianças de 10 annos, cuja instrucção assim se fortifica, e cuja intelligencia assim se desenvolve, porque mais vale uma razão clara e convincente do que muitas regras sêccas.

4) Utilidade para a orthographia.

Ha linguas com orthographias muito complicadas, como o inglês e o francês; mas quem as escreve tem em geral normas por onde se regula. Nós porém somos um povo quasi sem orthographia: cada um escreve de seu modo, e ainda um mesmo individuo representa ás vezes a mesma palavra por maneiras differentes. Todavia dentro das regras que são claras e reconhecidas não se devia errar. Para que escrever *luzitano* com *z*, se a fórma primitiva tem *s?* Para que escrever *Cardozo*, se ésta palavra é apenas na origem um nome commum, *cardoso*, que vem de *cardo* com o suffixo *-oso* e não *-ozo* (lat. *-osus)?* Para que escrever *Affonseca*, em vez de *Afonseca*, se esta palavra é formada de *Fonseca* e não de *Affonso?* Um *s* e um *c (ç)* em português tem differente origem, e por isso não se pódem usar á vontade. Os nossos antigos escrevião *Sintra* e *Buçaco*, e é assim que hoje se deve escrever, porque o *s* na primeira palavra e o *ç* na segunda accusão

diversa origem, isto é, que o *S* de *Sintra* não provém de *c*, e que o *ç* de *Buçaco* não provém de *s*. O uso de lettras dobradas ou singelas tambem não é indifferente, depende do etymo. Isto póde parecer ocioso, e muita gente chama a isto frioleiras, mas ou bem que nós nos havemos de entender ou não: quando ha normas para as coisas, devemos segui-las; proceder á toa é que é disparate.

O estudo da lingua antiga auxilia a orthographia moderna: deve escrever-se *pessego*, *ansioso*, etc., porque era assim que d'antes se escrevia, e porque essas palavras vem respectivamente do lat. persicus, e anxiosus (i. é, x = cs, — suppondo-se para *ansioso* um primitivo *ânsia)*, em ambas as quaes ha *s*, ao qual a consoante anterior foi assimilada. Para as escrever com *c* é que não ha fundamento de especie alguma.

A' Academia das Sciencias pertence regularizar a orthographia portuguesa.

5) Utilidade para firmar o sentimento da nacionalidade.

O primeiro dever do cidadão é amar a sua patria, e defender a integridade do territorio. Isto é uma verdade evidente. Todos os homens são irmãos, por isso todos se devem amar: a humanidade é uma familia, e a terra uma patria commum.

Mas, sem que se destruam os laços universaes que resultão da communidade do berço, — por isso que todos os seres semelhantes tendem por natureza uns para os outros —, e sem que se affrouxem os da communicabilidade social, ha nesta familia ramos secundarios em que os laços da affinidade são successivamente mais estreitos, e o amor se manifesta por isso com mais fôrça. Assim os brancos ligão-se melhor entre si do que com povos de outra côr: aqui temos um d'esses grupos secundarios. Os brancos da mesma ou semelhante civilização estão no mesmo caso em grau maior: por exemplo os povos neo-latinos, e entre estes ainda os do ramo occidental, como mais proximos. Por fim chegamos á noção da *patria* propriamente dita. Naturalmente os portugueses se amarão mais entre si do que por exemplo amarão os franceses, os hespanhoes, os italianos, de todos os quaes differem na lingua, nos caracteres, nos costumes, etc.

Para este amor concorre de um lado, como disse, a affinidade natural, pois nos sentimos inclinados para quem possue feições semelhantes ás nossas, ou comnosco habita dentro das mesmas fronteiras, alimentando na alma o mesmo ideal; do outro concorre o interesse prático da vida, pois do bem dos outros depende tambem o nosso. Ora este amor patrio, este sentimento da autonomia nacional, será tanto mais íntimo e duradoiro, quanto maior fôr a consciencia que d'elle haja.

D'entre os diversos elementos que concorrem para constituir uma nacionalidade, a lingua é um dos de maior valor, porque faz que aquelles que a fallão traduzão por fórma semelhante a communidade do sentimento, o que avigora este. E já na antiguidade assim se jul-

gava. A palavra *barbaro* o mostra. O estudo theorico de uma lingua assegura-nos melhor na posse d'ella. E como uma lingua não teve sempre a fórma que nos apresenta em dado momento, mas teve outras que explicão esta, fica entendido que o conhecimento das phases antigas da lingua portuguesa, habilitando-nos, como disse ha pouco, para nos inteirarmos melhor da lingua moderna, fortalece *ipso facto* o sentimento nacional.

O amor da patria e da lingua sempre caracterizou os antigos portugueses. O bello idioma luso foi exaltado em prosa e verso. No sec. XVI escreveu João de Barros o *Dialogo em louvor da nossa linguagem*, Ferreira de Vera os *Breves louvores da lingua portuguesa*, Magalhães de Gandavo o *Dialogo em defensam da mesma lingoa;* no sec. XVII Severim de Faria, e Sousa de Macedo produzírão trabalhos no mesmo sentido; no sec. XVIII Filynto Elysio cantou-a num poema! Todos os nossos mais notaveis escriptores se esforçárão por a escrever bem.

Hoje, porém, os escriptores novos sorriem da poeira dos seculos, e dizem que *os classicos* cheirão a mofo, como se áquelles que se dedicão a um mester não fosse obrigação sua aperfeiçoarem-se nelle!

O desprêso que actualmente se nota pela lingua é um triste symptoma da decadencia geral do espirito patriotico, e é mais por isso do que por outro motivo que eu o lamento.

Alem d'esta causa ha ainda outras que concorrem para que a lingua se não estime. Uma d'ellas é a ignorancia. Ao passo que em alguns paises adeantados, como a Allemanha, o ensino da lingua materna se ministra durante uns poucos de annos nas aulas, em Portugal a nossa legislação apenas lhe concede nos lyceus um anno lectivo e parte de outro, isto é, uma escassa meia-duzia de meses! Se se accrescentar a isto, de um lado a pouca preparação que os alumnos levão da instrucção primaria, e do outro a má vontade d'elles, vê-se como effectivamente a lingua portuguesa não deve ser bem sabida d'aquelles que escrevem. Digo *má vontade*, porque entre nós não ha habitos de estudo. Para os estudantes as aulas são uma maçada; os lentes uns maçadores. Estuda-se só para se *passar* no exame; e quer-se o exame para se obter um curso que habilite a ter um emprêgo em que se ganhe muito, e se não trabalhe nada. Este é o ideal da maioria. Mas ai do povo que não aspira senão á satisfação dos prazeres grosseiros da vida!

Outra causa que contribue para a decadencia da nossa lingua litteraria é a lingua francesa, que, pelo seu uso cá, ora insensivelmente, ora de proposito, se vae infiltrando na nossa: insensivelmente, porque ella está sempre presente ao nosso espirito, e, em virtude do pouco conhecimento classico da nossa, sobrepõe-se a esta; de proposito, pelo pedantismo dos que julgão que só o que vem de fóra agrada. Uma occasião vi num jornal d'esta cidade a seguinte noticia: «Hontem já era difficil alugar uma carroagem mais limpa, porque quasi todas estavam tomadas para hoje FAZEREM O BOSQUE E A AVENI-

DA.» Fica a gente a scismar na habilidade d'estas carroagens que *fazem Avenidas e bosques!* E sabem o que no caso presente significava *fazer o bosque?* Significava — ir para o Campo-Grande! A's vezes dá-se o caso de um jornal estar em contradicção comsigo mesmo. Li ha tempos no artigo principal de um: «altas questões de interesse público, de subida importancia para todos os que prezam ACIMA DE TUDO A AUTONOMIA DA PATRIA»; ao mesmo tempo que isto se dizia na primeira columna, logo adeante, no noticiario, ao fazer-se a lista das pessoas que tinhão andado a passear na Avenida, repetia-se umas poucas de vezes a expressão *madame* e *mademoiselle* com referencia a senhoras portuguesas! O jornalista não comprehendia que desvirtuar a lingua, mascarando-a de estrangeirismos, era attentar contra essa apregoada autonomia da patria, que elle com tanta emphase defendia poucas linhas antes!

O uso de *madame* e *mademoiselle* já dura ha uns annos, e parece que se vae generalizando, para o que tambem contribue a vaidade feminina, que assim adquire mais uns ares de exotica, em harmonia com a sentença vergiliana: *varium et mutabile semper femina.* Censurando eu uma vez um jornalista meu amigo que tambem assim escrevia, elle respondeu-me — que isto era gentil. Eu deixei-o, porque não podia discutir com quem imaginava que havia gentileza em encher de remendos uma lingua rica. Nós já tinhamos no nosso vocabulario a palavra *madama,* que é igualmente de importação francesa; mas, pois que se applica com frequencia em sentido um tanto depreciativo, não agrada commummente aos ouvidos. Como porém com o tempo, em virtude das leis da lingua, *madame* virá, se se mantiver, a transformar-se outra vez em *madama,* ahi estamos nós cahidos em contradicção, ou então ha-de a alta aristocracia ficar igualada á classe burguesa.

Não obstante ésta invasão constante da lingua francesa na portuguesa, parece comtudo intuitivo que, se somos portugueses, e se Portugal tem uma lingua litteraria sua, devemos fallar e escrever português! E nós, que mostramos tanta propensão para copiar tudo o que vem de fóra, só não imitamos os estrangeiros no respeito que elles tributão ás respectivas linguas nacionaes. Neste desleixo, Lisboa sobresae, como capital que é. Vae a gente por essas ruas, e não só nos artefactos, como nos titulos, imagina ás vezes que está num bairro de Paris: são as *bijouterias,* as *confecções,* os *restaurants,* os *ateliers,* os *salões* (!) *de barbear.* De modo que ao cahos da orthographia junta-se tambem o do vocabulario e do phraseado.

Se todavia quisermos ser povo autonomo, temos de pugnar pela integridade dos diversos elementos da nacionalidade, que se não reduz só ao territorio: temos de dar impulso e caracter ás artes e ás industrias; e de contribuir para que nos nossos habitos, litteratura e lingua não offereçamos um quadro hybrido, mas sim offereçamos um genuinamente português. Sem isto nem a integridade do territorio, nem a paz, nem a riqueza pública servem de nada. Precisamos de harmonizar tudo.

E se na nossa vida historica ha algum momento de provação em que se torne necessario reatar e segurar fortemente todos os vinculos da nação, é sem duvida este. Em vez de federações phantasticas com povos estranhos, contenhamo-nos nós aggregados moralmente, conscios de um mesmo grande ideal!—Mas não vem agora ao meu intento dizer mais no assumpto.

6) Utilidade para desarraigar a opinião de que a lingua archaica é rude e irregular.

E'sta opinião anda não só na mente de quasi todos, mas tem-se escrito innúmeras vezes, e até em compendios escholares.

Por exemplo, num que conta pelo menos 12 edições, lê-se que a antiga lingua portuguesa «é barbara, irregular, inintelligivel ás vezes e com rudez de pensamentos», e que a versificação da epocha é «dura e sem nenhum conhecimento da arte». Com relação á segunda affirmação, bastava o autor do livro dar-se ao trabalho de contar os versos e as syllabas de qualquer poesia antiga, para ver a falsidade da sua proposição; é alem d'isso hoje conhecido um Tratado de poetica luso-provençal, certamente anterior ao sec. xv, o qual foi descoberto com o Cancioneiro Colocci-Brancuti de que ha pouco fallei. Aquellas tão temerarias affirmativas não pertencem ainda assim ao autor do compendio: são já referidas em segunda mão!

Noutro compendio escholar, que pelo menos conta 8 edições, lê-se tambem: que a lingua primitiva de Portugal é o resultado de uma mistura das linguas celtica, phenicia, grega, romana, gotica, arabe, etc., chamando-se *romance* «porque nella sobresahia o romano corrompido!» E accrescenta-se que continuou «rude e incerta nas fórmas» até que no sec. xv tomou «um caracter particular que se distingue das outras linguas». Parece que o autor admitte que até o sec. xv a lingua portuguesa não tinha existencia propria! E obras, assim antiscientificas, percorrem umas poucas de gerações escholares, sem governos nem professores as varrerem por uma vez da testada das aulas! A extraordinaria opinião de que a lingua portuguesa archaica é rude e barbara refuta-se *a priori* e *a posteriori*. A refutação *a posteriori* da-la-hei no decurso das minhas lições. A refutação *a priori* da-la-hei agora aqui.

O estudo scientifico que se tem feito de muitas e variadas linguas mostra que todas ellas são regulares na sua evolução; e a simples reflexão nos diz que uma lingua, já que serve para traduzir o pensamento do povo que a falla, é perfeita e boa. Tanto mérito tem a este propósito o grego de Homero como o quimbundo da Africa. Na propria lingua do povo, que ás pessoas superficiaes se affigura como caprichosa e irregular, descobre a análise mais ligeira regras constantes e certas. A linguagem é um producto do homem e que obedece ás mesmas leis a que obedece a natureza e as sociedades: como ha-de pois ser errada? Logo, a lingua portuguesa archaica, por isso que é lingua, está nas mesmas condições que as mais.

O chamar-se-lhe rude e barbara resulta de que, como offerece fórmas anteriores ás de hoje, e outras que differem das que nós usamos, embora semelhantes ás vezes a ellas, nos parece ser a nossa lingua em labios de quem a não falla bem. Se um português antigo pudesse resuscitar, e ouvir-nos fallar, a lingua de hoje produzir-lhe-hia um effeito analogo a esse, e diria que ella era o mesmo que nós dizemos que é a lingua portuguesa na bôca dos pretos.

Assim, em resumo, o estudo da nossa lingua archaica offerece as seguintes vantagens: para a leitura dos documentos antigos; para a apreciação da litteratura pre-classica; para o ensino consciencioso da grammatica prática; para o conhecimento da orthographia; para arraigar o sentimento da nacionalidade e o amor patrio; para destruir o preconceito de que a lingua portuguesa nos seus periodos primeiros é irregular e barbara. O que tudo constitue ao mesmo tempo um elemento de educação liberal.

Tantas vantagens justificão pois o vir eu occupar-me d'este assumpto.

II

Como no decurso das minhas lições tenho de empregar uma technica especial, fallando constantemente de latim vulgar, latim barbaro, lingua litteraria, lingua popular, dialectos, etc., vou agora dar aqui, como preliminar, umas noções summarias de historia da lingua portuguesa, em que determine a accepção d'essas expressões todas.

A lingua portuguesa é na sua essencia uma evolução da lingua latina. As provas d'este facto são de ordem philologica; mas elle tem uma base historica. Aquellas provas i-las-hei indicando nas minhas lições successivas, á medida que isso se torne necessario; na presente occasião quero só insistir na base historica, e no aspecto externo do facto.

A base historica fundamental está na conquista e dominação romana da peninsula iberica, e em especial da Lusitania. Achamo-nos por tanto em pleno cyclo lusitanico, e merece a pena entrar em algumas considerações particulares.

Quando se emprega a palavra *Lusitania,* é necessario explicar o seu sentido, porque ella designou varios territorios segundo os tempos. Anteriormente a Estrabão (que escreveu no sec. I da E. C.), os Lusitanos ficavão ao N. do rio Durius (h. Doiro), e occupavão a região que no tempo d'aquelle geographo pertencia aos Callaicos. Para elle, porém, a Lusitania tinha por limites meridionaes o Tagus (h. Tejo), occidentaes e septentrionaes o Oceano, orientaes a terra dos Carpetanos, Vettones, Vacceus, Callaicos e outros povos menos importantes, posto que muitos AA. contemporaneos de Estrabão denominem tambem *Lusitanos* todos esses povos. Depois da segunda divisão

official da Iberia em provincias romanas (em tempos de Augusto ou Tiberio) chamou-se *Lusitania* á provincia entre a fronteira da Betica (rio Ana, h. Guadiana) e o curso do Durius até á foz, comprehendendo pois o Algarve, quasi todo o Alemtejo, a Estremadura e a Beira, e estendendo-se ainda pela Hespanhá, onde estava Emerita Augusta (h. Mérida).

Attendendo pois a que, com excepção de um pequeno territorio betico no Alemtejo, alem-Guadiana, o conjuncto dos dois paises Galliza e Portugal, que ethnologica e linguisticamente se não podem separar, teve em diversas epochas o nome de *Lusitania*, eu aqui, como em diversos estudos meus, emprégo por commodidade essa palavra para designar de modo geral, á falta de outra melhor, e a fim de evitar periphrases, a epocha antiga de Portugal e Galliza.

Não ha, bem sei, rigor chronologico-geographico, mas tambem o Portugal de hoje não é o mesmo do do tempo de D. Affonso Henriquez, e raro será o país em cuja história se encontre esse rigor em todas as epochas: e comtudo não deixão de se empregar os nomes geraes dos paises.

O que em parte motivou aquellas mudanças de limites da Lusitania serião, de um lado, migrações e por ventura conquistas, e do outro affinidades ethnicas e geographicas que permittião agrupar sob uma mesma designação muitos povos. A importancia d'estas affinidades manifesta-se eloquentemente na lingua, que, como veremos, se constitue uniforme, apenas com as variedades dialectaes, embora dentro de um typo commum, desde o mar da Galliza até o do Algarve.

A historia da Lusitania, divide-se em tres grandes epochas: *prehistorica, protohistorica,* e *historica* propriamente dita.

As fontes para o estudo d'ellas são as seguintes, umas directas, outras indirectas: os monumentos contemporaneos; os auctores antigos (e seus commentadores), que não só tratão da Lusitania, mas da Iberia toda; a tradição que se manteve até hoje, quer em fórma de costumes, superstições, etc., quer em fórma de linguagem. Hão-de ainda accrescentar-se os estudos anthropologicos.

Com relação aos monumentos, estes podem estudar-se: *in loco* (como as antas, os castros, os templos, os cemiterios, etc.); nos trabalhos archeologicos, mappas e estampas (bibliographia); nos museus. Para certos periodos são os monumentos o nosso unico meio de informação. Apesar do vandalismo que diariamente destroe verdadeiras preciosidades archeologicas, e de ainda não termos um museu nacional digno d'este nome, ha todavia nas differentes provincias do nosso país muitos e muitos materiaes aproveitaveis.

Com relação aos auctores, são principalmente os gregos e romanos os que me importa considerar, embora tambem os haja para o periodo barbaro e para o periodo arabigo, que já porém em parte pertence á historia de Portugal. Entre os AA. que escrevêrão em grego mencionarei por ex. Estrabão (que se aproveitou, como elle confessa, de muitos trabalhos anteriores), Ptolemeu, Marciano de Hera-

cleia, Polybio, Diodoro Siculo, Appiano, Dion Cassio; entre os que escrevêrão em latim, Avieno (que parece ter aproveitado as noticias contidas em um antiquissimo périplo), Justino (que resumiu Trogo Pompeu), Pomponio Mela (natural da Betica), Plinio, Marcial (tambem natural da Hispania), Tito Livio, Silio Italico, Suetonio, — alem do livro *De bello Hispaniensi* composto por um official de Julio Cesar, e dos Itinerarios, etc. De todos estes AA., ha uns que dão particularmente informações geographicas, como Ptolemeu, Marciano, Mela, e os AA. dos Itinerarios; ha outros cujos testemunhos utilizão sobre tudo á historia politica e ás instituições sociaes, como Livio e os historiadores que o seguírão (Valerio Maximo, Floro, Eutropio, etc.), Appiano, o A. *De bello hispaniensi;* outros, finalmente, em que, ao lado de indicações de toda a ordem, se encôntrão preciosas indicações ethnographicas, por exemplo, Estrabão, Silio Italico, etc.

Com relação á tradição, muitos factos modernos, de caracter social, ha no nosso país, que remontão á antiguidade romana e preromana. A' lingua já me referi: o português é, como disse, a lingua dos Romanos, apenas modificada, em virtude da acção de diversas circumstancias; alem d'isso ha no nosso onomastico ainda vestigios das linguas falladas pelos povos preromanos, como *Cale* (na palavra *Portu-gal), Olisipo, Ebora, Conimbriga, Limia, Vacua,* etc. O exame scientifico do onomastico lusitano foi já iniciado entre nós pelo Sr. F. Adolpho Coelho. — Se agora nos voltarmos para o campo das crenças populares, usos, etc., encontramos igualmente muitos restos do passado. Ao pé de Bencatel, no Alemtejo, appareceu ha alguns annos uma ara votiva dedicada a duas divindades fontanarias; não muito longe d'esse local ha duas *Fontes Santas,* e a uma d'ellas, consagrada á Virgem, concorre o povo da provincia, e mesmo de fóra, com grande devoção: estamos pois, pela comparação com outros muitos factos da mesma natureza, auctorizados a ligar umas ideias com outras, e a ver nas *Fontes Santas* a continuação de um culto pagão christianizado, tanto mais que pelos antigos codigos da Igreja se prohibia a veneração das fontes; mas aqui o poder da tradição foi superior ao da lei. Usa-se em Lisboa um amuleto de marfim ou de osso, composto de uma figa e um *cornicho,* com uma abertura ao centro, para andar suspenso; como posso provar pela comparação com varios amuletos romanos, uns descobertos cá, outros fóra, este relaciona-se com elles. A *trilha,* instrumento agricola de Tras-os-Montes, corresponde ao *tribulum* romano, tal como o descreve Varrão, e esta correspondencia dá-se tanto no nome, como na fórma. O *carro alemtejano* tem tambem todas as parecenças com o *carpentum.* — Os costumes modernos explicão-se pois muitas vezes pelos antigos; comprehende-se, por tanto, como do exame e comparação d'aquelles possamos ás vezes chegar a elucidar o passado.

Com relação á parte anthropologica, os dados por ora não são muitos. Ha apenas alguns estudos realizados ácerca de varios esqueletos prehistoricos.

Passemos uma vista d'olhos por todas aquellas tres epochas em que dividi a história da Lusitania.

I.—Epoca prehistorica.

Impossivel me fôra, não só tratar agora dos principaes pontos d'este assumpto, mas sequer esboçar a história dos diversos periodos, —paleolithico, neolithico e dos metaes.

Os primeiros homens que habitárão estas paragens vivião vida rude e selvagem: os seus instrumentos erão de pedra e de osso; para morada aproveitavão muitas vezes as grutas naturaes; como louças tinhão grosseiros vasos de barro. Foi só depois de longos seculos que as commodidades da vida vierão a pouco e pouco, que os animaes forão domesticados, que se cultivárão as terras, e o uso do metal se generalizou. Os antigos geographos que tratárão da Iberia attribuem ainda a muitas tribus peninsulares uma civilização verdadeiramente rudimentar, como era por exemplo a dos montanheses da Lusitania, no dizer de Estrabão.

O nosso país está cheio de antiguidades prehistoricas, umas já estudadas, outras ainda virgens. A cada passo se encôntrão *mamôas, antas, antellas* e grutas, que são monumentos d'essas idades. Aqui no Sul, pelo menos desde o Mondego até o Algarve, o povo recolhe com muita estimação as *pedras de raio*, nome com que elle denomina certos instrumentos neolithicos que acha no solo, nas lavouras; no Norte do pais chamão-se em geral *pedras de raio* os crystaes de rocha, e é talvez por esse motivo que não se conhecem d'aquella região tantos instrumentos neolithicos como do Sul. A superstição das *pedras de raio* tem origem mythica; mas o povo apropriou-a, por um processo natural, e que aliás é universal, a esses pequenos monumentos prehistoricos.

As provincias portuguesas menos exploradas são a Beira e Tras-os-Montes; as melhor exploradas são a Estremadura, o Entre-Douro-e-Minho, o Alemtejo e o Algarve, ácerca da ultima das quaes já ha um mappa archeologico organizado pelo sr. Estacio da Veiga.

Assim como o povo applicou aos instrumentos neolithicos ideias que se ligão com os mythos da trovoada, assim tambem revestiu de poeticas lendas de *Moiras encantadas* as grutas prehistoricas e as *antas*.

Uma adaptação semelhante se deu com ésta palavra, que, tendo evidentemente origem no latim antae, foi imposta a monumentos muito mais antigos. E como do singelo tumulo dos nossos avós o nome ás vezes se estendeu ao campo em que elle estava, tornado mais tarde povoação, offerece-nos hoje o nosso onomastico denominações como *Anta, Antas, Anta Cova, Antas do Meio, Antella, Antinha, Antellas*, etc. Talvéz pertença á mesma classe *Antão* e *Antões*, pois, assim como se fez o deminutivo *antella* e *antinha*, tambem se podia ter feito o augmentativo *antão*.

O povo assenhoreou-se das antas, não só para nellas evocar na noite do S. João a formosa Moira de cabellos d'oiro, resplandecentes ao luar, mas ainda, como numa ao pé de Pinhel, poder, por meio de uma *prova pelo fogo*, conhecer de ante-mão o futuro da colheita proxima.

D'este modo, já pelas crenças populares, já pelos vocabulos avulsos, a tradição vincula-nos ao passado, e nós devemos dizer com orgulho, porque nisso se affirma o progresso do homem, que somos em linha recta, pelo menos moralmente, os descendentes dos selvagens que ha milhares de annos vagueavão pelas margens do Tejo e do Mondego, perseguindo as feras com armas de pederneira.

II. — Epocha protohistorica.

Denomino assim a epocha comprehendida entre a prehistoria e a vinda dos Romanos para a Lusitania. Das tres grandes epochas da historia lusitanica é esta a menos conhecida.

Em toda a faxa occidental da Iberia havia nos tempos pre-romanos muitas populações que constituião *gentes, populi* e *civitates*, e vivião em *oppida, vici*, etc., para me servir das expressões consagradas pelos auctores romanos, posto que ellas nem sempre sejão rigorosas. Erão os Lusitanos, os Turdetanos, os Callaicos, os Bracaros, os Grovios, os Turdulos, etc. Combinando diversos elementos, parece que as denominações da primeira serie denotavão agrupamentos, por ventura federações, de caracter successivamente menos geral. Plinio, por exemplo, diz que os Lusitanos constituião uma das *gentes* peninsulares; o mesmo A. distingue entre *populi* cantabricos e *civitates* cantabricas. Mas ás vezes tambem confunde. Iguaes informações se podem colhêr em Tito Livio. Assim *gentes* serão de modo geral as federações maiores; *populi* e *civitates* federações gradualmente menores, embora autonomas entre si. Tambem temos algumas escassas noticias á cêrca de *gentilitates* na peninsula.

Não é meu intento mencionar aqui todas as tribus da Lusitania. Algumas d'ellas devião, pelo menos em parte, proceder das populações prehistoricas; outras devião ter diversa origem, pois a peninsula foi invadida por Phenicios, Celtas, Gregos, Carthaginescs, etc., — havendo-se alguns d'estes povos, como os Celtas, ligado intimamente com as populações indigenas, limitando-se outros a colonizações e federações no littoral, ou proximo.

A respeito dos Celtas temos provas positivas de que elles habitavão mais ou menos por toda a Lusitania: havia Celticos na mesopotamia formada pelos rios Tagus e Ana; havia-os desde o cabo Nerio até o rio Limia, os quaes, segundo o proprio Estrabão, serião proximos parentes dos das margens do Ana, — correndo *in loco*, para explicar este parentesco, uma tradição oral que Estrabão refere, revestida de circumstancias lendarias e maravilhosas, e por tanto sem inteira fé historica.

Os Phenicios predominavão no Sul: O geographo grego Estrabão diz mesmo que elles constituião a base da população turdetanica.

Com relação aos Gregos, podemos acceitar que elles, pelo menos, dominárão tambem no Sul, mas o que os AA. antigos dizem da estada d'elles na Galliza e no Minho não merece credito, pois se funda em *etymologias populares;* a comparação que Estrabão faz, de um lado entre as hecatombes e cerimonias matrimoniaes dos Lusitanos, e do outro entre costumes da Grecia, creio ser meramente accidental, e não de parentesco directo, pois tambem o mesmo A. compara costumes de cá com costumes assyricos.

Algumas das povoações em que vivião as tribus lusitanicas ainda hoje nos são conhecidas, em ruinas que d'ellas restão. Refiro-me aos *crastos* ou *castros*, *crastellos, crestins, castêllos, castéllos, cividades, cêrcas, citanias,* etc., nomes synonimos com que o povo as denomina. Os sete primeiros nomes tem evidentemente origem latina; o ultimo julgo que tambem é latino, ainda que revela feição semi-erudita, mesmo na sua fórma mais vulgar,—*citâina,* que é como se diz no districto de Braga. Pertence ao Sr. F. Martins Sarmento a glória de haver tornado bem claro o que são os nossos castros, em virtude das explorações archeologicas a que á sua custa procedeu, sobretudo em Sabroso e na Citania de Briteiros, dois castros typos, o primeiro como *pre-romano,* o segundo como *luso-romano.* Os castros são em geral montes fortificados, passando-lhes muitas vezes um rio ou ribeiro ao sopé: de modo que d'elles podemos dizer como, a proposito da Italia, dizia Vergilio:

Tot congesta manu praeruptis oppida saxis
Fluminaque antiquos subterlabentia muros.

A palavra *castro,* com as suas synonimas, tornou-se nome generico, em substituição dos nomes indigenas. A razão d'isto está em que —castrum, d'onde proveiu *castro* ou *crasto,* tinha entre os Romanos a significação de «logar fortificado». Muitos dos castros continuárão a viver na epocha romana e post-romana, outros forão abandonados, passando-se para outras localidades as povoações que os habitavão.

A's multiplices designações modernas de *castro, cividade,* etc., é natural que na origem correspondessem accepções diversas: assim *castro,* já vimos que provém de castrum; quanto a *castéllo* e *castêllo* provém de *castellum,* palavra que significa «posto militar fortificado», já de caracter permanente, já passageiro, ás vezes dependente de uma cidade vizinha; *cividade* provém de civitas (i. é, civitate-), que, com quanto tivesse a princípio a accepção moral de «communidade de cidadãos», etc., adquiriu tambem, principalmente depois da epocha de Augusto, o sentido de *urbs,* isto é, «cidade materialmente considerada»; os deminutivos *crestello, crestim,* etc., significão quer novas po-

voações derivadas dos castros, quer povoações realmente menores que estes; *citania* parece-me estar por *civitatania ou *civitatanea, palavra correspondente a *civitatanus* (de *civitas*, como *oppidanus*, de *oppidum*, e *vicanus*, de *vicus*); a palavra *cêrca* provém de circa.

Assim pois estes diversos nomes, após haverem-se tornado synonimos na lingua moderna, correspondem a *castrum*, *castellum*, etc., e provavelmente tambem em parte a *oppidum*, *vicus*, *urbs*. E' curioso que estes tres nomes se não tenhão conservado em Portugal, o que aliás se explica pela generalização de *castrum* e *castellum*, e porque no latim vulgar *civitas* substituiu *urbs*, etc.; apenas na Galliza ha *Vigo*, na epocha romana *Vicus Spacorum*, denominação em que claramente entra o latim vicus, como em *Vicus Veracyrorum*, etc. Os Lusitanos não vivião só em *castros;* temos conhecimento de outros centros de habitação, e alguns até célebres pela sua opulencia. Em varios castros, como na Citania de Briteiros, as casas tinhão ás vezes fórma arredondada, uso conhecido noutras nações.

Os povos da Lusitania constituião, como disse, *tribus* independentes umas das outras, e que não raro vivião entre si em guerra, mas que, na occasião do perigo commum, ás vezes mais ou menos se união e combatião juntas, como vemos no tempo de Viriato. A' cêrca do seu govêrno e organização social é difficil entrar em minudencias, nem isso me pertence aqui; direi no emtanto que na Hispania, como consta de varias passagens, havia reis, posto que nem sempre seja cousa apurada quando é que os AA. se referem a *reis* propriamente ditos, ou a simples *magnates*, *generaes*, etc.

Em virtude da pluralidade dos povos que habitavão esta faxa occidental, e das circumstancias topographicas e physicas, resulta que na epocha de que me estou occupando temos de considerar aqui várias civilizações. Uns povos erão extremamente barbaros, como os que vivião insulados nas montanhas; outros, como os do Sul, erão regularmente civilizados. Certas particularidades que Estrabão refere dos montanheses não differem essencialmente do que se sabe de outros povos em condições sociaes semelhantes, como por exemplo os Gallos. A archeologia, que deve ser sempre invocada quando se trata de ethnographia antiga, completa frequentemente as notícias ministradas pelos geographos e historiadores.

Estrabão, ao passo que mais de uma vez commemora a grande rudeza de costumes de certas tribus lusitanicas, e em geral ibericas, pinta-nos em compensação á cêrca da Turdetania um quadro de côres muito lisongeiras e suaves. Parte do nosso país estava comprehendido na Turdetania, e é por isso que aqui fallo d'ella. Os Turdetanos erão considerados como os povos mais illustrados da peninsula. Estrabão, segundo resulta do confronto que fiz de passagens suas, distingue nelles duas civilizações: uma, a dos que possuião uma litteratura poetica numa lingua nacional; outra, a dos que se havião romanizado, a ponto de trocarem o seu idioma proprio pelo latim. Estes ultimos erão principalmente os ribeirinhos do Betis (h. Guadalquivir). O geogra-

pho, ao que parece, falla dos primeiros como seus contemporaneos: por tanto as duas civilizações coexistião ainda no sec. I da E. C. Quero chamar particularmente a attenção para o seguinte, que julgo importante, e vem a ser: que o facto da civilização turdetana se deve explicar, sobretudo, pela acção dos Gregos e Phenicios, que estanciárão pelo Sul, — sendo essa mesma civilização um auxiliar que facilitaria a precoce implantação dos romanos ahi; e que a coincidencia de apparecerem no Sul do nosso país inscripções pre-romanas e moedas com caracteres especiaes, chamados *ibericos*, de provavel origem phenicia, com a notícia ministrada por Estrabão, á cêrca de uma litteratura nacional da Turdetania, onde, segundo elle, havia elementos ethnicos da Phenicia, leva a inferir que a lingua d'esta litteratura poderia ser a mesma que está escrita com os ditos caracteres. O que se não póde concluir é que esta lingua fosse do systema phenicio.

*

Direi algumas palavras á cêrca das religiões da Lusitania, pois, no esbôço da história social de um povo, este elemento não deve ser de modo nenhum omittido, principalmente com referencia á antiguidade, em que quasi todos os áctos da vida, ainda os mais vulgares, estavão impregnados de espirito religioso. Digo *religiões*, e não *religião*, porque, assim como o povo não era unitario, tambem não havia uma só crença. Em rigor, devia tratar da de cada grupo social em particular; mas, por commodidade, abrange-las-hei primeiro num todo, que irei a pouco e pouco delimitando, — e occupar-me-hei successivamente: *a*) das concepções fundamentaes; *b*) das fórmas do culto; *c*) do sacerdocio. Está claro que tratarei de tudo succintamente.

a) *Concepções.*

Um dos elementos mais importantes das religiões antigas era o culto da Natureza, — divinizada nas suas fôrças: as águas, a atmosphera, os astros, os seres vivos (vegetaes e animaes), os relevos do solo, etc.

Segundo uma tradição muito antiga, haveria no Promontorio Sagrado (Algarve) um santuario de Héracles, que porém já tinha desapparecido no sec. I da E. C. Héracles talvez aqui signifique o mesmo que Melcarth, deus phenicio. O geographo Estrabão transmittiu-nos á cêrca d'este Promontorio outras noticias curiosas, como as que se referem á santidade do logar, onde á noite os deuses se reunião em *sabbat* ou *assembleia*, e onde se realizavão certas cerimonias. Infelizmente o texto estraboniano é muito laconico, e alem d'isso offerece difficuldades de leitura; mas talvez as tradições do Promontorio Sagrado se possão relacionar com um culto de divindades maritimas ou correlativas. A veneração do logar manteve-se até hoje na designação de *Cabo de S. Vicente.*

Além d'este cabo outros havia tambem sagrados. Os AA. antigos

fallão-nos do *Promontorio da Lua,* que era, segundo creio, o Cabo da Roca. Esta relação da lua com um cabo nada tem de estranho, pois as divindades sideraes andão muitas vezes associadas ás maritimas. Em verdade a lua presta grandes serviços aos navegantes; por isso era natural venerarem-na nos pontos que mais entrão pelo mar dentro. Na Italia tambem havia um *Lunae Promunturium.* E' curioso que tenhão apparecido junto de Collares, segundo André de Résende, inscripções romanas consagradas ao Sol e á Lua; com quanto tenhão um cunho muito romano, talvez possão representar a romanização de um culto indigena. Outros povos da peninsula veneravão os astros, como os Celtibericos e os seus vizinhos do Norte, que celebravão danças em honra da lua-cheia, costumes que tem analogos nos selvagens da Africa e da America. Os cultos astrolatricos mantiverão-se até hoje na tradição popular; as antigas legislações da nossa Egreja referem-se tambem a elles, condemnando-os.

E' provavel que em outros muitos *cabos* e *pontas,* onde modernamente se venerão imagens christãs, houvesse outr'ora santuarios pagãos.

Do culto dos promontorios e do do ceu, passarei agora para o dos rios e das fontes. Na antiguidade corria nos povos da beira do Lima uma superstição de que as aguas d'este rio produzião o esquecimento do passado, havendo mesmo uma lenda popular para explicar a superstição. O nome antigo do rio era *Limia;* parece que para o povo esta palavra continha ainda clara a ideia de «esquecimento», pois os AA. gregos e latinos a traduzem respectivamente por *Lethe* e *Oblivio,* que nunca forão porém nomes do rio, como erradamente se tem supposto. Como é que o rio produzia o esquecimento? A julgar do texto, era atravessando-o. Como no emtanto os povos limitrophes tinham de o atravessar a cada passo, que meios empregavão elles para evitar o esquecimento? Podemos raciocinar aqui por analogia com o que sabemos á cêrca das cerimonias de outros povos na occasião da travessia das águas tidas por santas. Como se considera offensivo invadir os dominios da divindade, fazem-se-lhe sacrificios, levão-se-lhe offerendas, etc. No Limia succederia pois o mesmo: quem se sujeitasse aos ritos expiatorios e propiciatorios, passava incólume. Sem se admittir isto não se póde explicar a manutenção da superstição, pois ou o rio nunca seria passado, o que se torna incrivel, ou as primeiras travessias, independentes de cerimonial, a destruirião logo, o que está em desaccôrdo com os factos. O *Limia* era por tanto um *rio santo,* como ainda hoje no nosso país ha muitos, segundo a crença popular.

A julgar por uma inscripção romana achada nos suburbios do Porto, parece que o rio *Durius* (h. Doiro) foi tambem divinizado; e igual conclusão se tem tirado a respeito do rio Tamega, por causa de uma inscripção consagrada ao deus *Tameobrio* ou *Tameobrigo.*

Se em relação aos rios, os factos que apresentei são em parte hy-

potheticos, temos, em relação ás aguas thermaes de Vizella, um facto positivo, pois d'essa região possuimos inscripções da epocha romana consagradas ao deus *Bormanico,* que era um deus tutelar d'ellas. Este culto foi posteriormente, como creio, romanizado, pois ha outra inscripção de Vizella em que figurão varios deuses de procedencia romana, entre os quaes Esculapio, deus tambem da saude; tal inscripção é verdadeiramente *panthea.*

Quem rebuscar nas lendas da Igreja, e nas tradições populares, encontrará muitos e muitos vestigios do culto pagão das fontes. A inscripção de Bencatel, a que me referi ha pouco, dedicada a *Fontanus* e *Fontana,* com quanto de procedencia romana, revela, quanto a mim, um culto pre-romano alli localizado; esta inscripção é *pro salute,* e por tanto aquelles deuses entrão na categoria dos deuses topicos curandeiros, que erão muito numerosos na Lusitania.

Depois do culto das *águas* fallarei do da *terra.* Segundo uma noticia dada por Justino, que, como se sabe, resumiu Pompeu Trogo, havia nos confins da Gallaecia um *monte santo,* a proposito do qual o povo tinha várias superstições, em parte ligadas com as trovoadas. Ao mesmo tempo que os AA. nos fallão do Promontorio da Lua, a que acima me referi, fallão tambem do *Monte da Lua,* que era, como se julga, a Serra de Sintra ou Cintra, onde a lua devia ter um culto. Denominações analogas se encontrão na geographia de outros povos, por exemplo *Mons Sacer* na Italia, *Mons Veneris* na Hespanha. O nosso onomastico offerece tambem exemplos de antigos cultos, como *Monsanto,* serra aqui mesmo ao pé de Lisboa, e por tanto não longe do *Monte da Lua,* a ser exacta a identificação indicada acima; tambem se hão dado os nomes *Monção* e *Buçaco* como equivalentes de *Monte santo* e *Monte sacro,* mas taes equivalencias não se podem admittir, por estarem em desaccôrdo com a phonetica. Tenho algumas razões para poder relacionar com os cultos chtonicos o deus *Endovellico,* que tinha um *fanum* venerabilissimo no alto de um monte, ao pé de Terena, no Alemtejo.

As inscripções latinas da epocha romana ministrão muitos nomes de deuses pertencentes á região de que me estou occupando; infelizmente grande parte dos nomes são de leitura duvidosa. Outros, de leitura certa, como *Bandua, Nabia, Edovius, Aernus, Coronus, Cusuneneoecus, Durbedicus,* são porém de caracter desconhecido, ou pelo menos muito incerto. Tanto em alguns de taes nomes, como nos outros de leitura duvidosa, observa-se um facto philologico curioso, que logo tornarei a lembrar, e vem a ser a frequencia do suffixo *-aecus,* com as suas variantes *-ecus* e *-aegus.*

Fallando dos povos montanheses ao N. do Tagus, na Lusitania, diz Estrabão que elles veneravão o deus *Ares.* Este nome grego encobre-nos aqui um deus indigena da guerra, o que realmente convém a povos guerreiros como erão os Lusitanos. Talvez deus da guerra seja tambem aquelle a quem é consagrada uma ara que está no Museu do Carmo, em Lisboa, e cujo nome, segundo a minha leitura, é

Arus. A' mesma classe pertencerá ainda a figura representada no fragmento de uma patera de prata achada ha annos no concelho da Maia, e onde o nome do deus parece começar por SAVR.... Quando os Romanos introduzírão a sua religião nas Hispanias, derão-se os seguintes factos: ou os deuses indigenas ficárão com os nomes que tinhão, como se vê em todos os nomes barbaros que citei; ou os nomes romanos se substituírão aos indigenas, como creio succedeu com *Fontanus-Fontana* e com os da inscripção panthea de Vizella; ou os nomes romanos forão collocados ao lado dos das divindades indigenas. D'este ultimo caso ha uma inscripção curiosa em que se lê *Cososo deo Marti suo*, onde, se a leitura está boa, *Cososo* parece representar outro deus da guerra.

Não menos notavel tambem é a *dea Adaegina Turibrigensis Proserpina*, que tinha o seu culto na zona geographica do rio Ana. Era uma divindade topica identificada com Proserpina; numa inscripção d'ella parece haver o vestigio de uma *devotio* ou maldicção.

Devo mencionar neste logar várias classes de divindades, que, por causa talvez do seu caracter vago e indefinido, forão pelos Romanos assimiladas aos Lares, aos Genios, etc., isto é, ás divindades inferiores do seu Pantheon. Temos por exemplo, entre as primeiras, os *Lares Cerenaeci, L. Ceceaeci, L. *Cusicelenses, L. Turolici, L. *Pindanetici*, etc. Como os diversos suffixos dos nomes barbaros o dão a entender, todos estes Lares erão provavelmente deuses topicos, — deuses protectores de localidades ou povos. Ha tambem uma inscripção consagrada aos deuses Lares da *gentilidade* dos Gapeticos. As inscripções offerecem-nos ainda os *Lares vicorum.* — Uma classe vizinha dos Lares topicos são os Genios: uma inscripção menciona por exemplo um *Genius municipii;* outra um Genio dos (L)oncobricenses. A's vezes porém será difficil distinguir, em certas inscripções de significação vaga, quaes as divindades meramente indigenas e quaes as romanas. — Uma inscripção da Tarraconense, onde se lê *Laribus et (Tu)telae genio l(oci?)*, é mais um argumento a favor da identificação que acima fiz dos Lares com as divindades topicas.

São bastante frequentes nos paises celticos umas divindades secundarias chamadas nas inscripções *Matres, Matrae*, etc. Pelos seus attributos, ellas devem considerar-se como deusas campestres, mas o seu poder estendia-se ás vezes a uma cidade, a uma região, etc. Nesta faxa do occidente da peninsula hispano-lusitanica apparecem-nos ellas como protectoras de um vasto territorio, pois existe uma inscripção consagrada ás *Mães Gallegas, — Matribus Gallaecis.*

Tão vagos erão para os proprios Romanos os seus Genios, que em certas fórmulas se dizia *Sive deus sive dea, sive mas sive femina;* tambem numa inscripção de Portugal se lê simplesmente *Dis Deabusq(ue) Conimbric(ensibus).*

Estas classes de divindades locaes, que recebêrão tanta vida da parte dos Romanos, mantiverão-se até hoje na tradição popular. Todas as terras tem um santo padroeiro, que é o representante do *ge-*

nius loci; ás vezes dá-se o caso de, ao lado do santo, existir tambem uma tradição pagã, annexa a uma figura de pedra, que, segundo o povo, symboliza a povoação.

b) Fórmas do culto.

Em relação a templos, já acima me referi ao *fanum* de Endovellico, que ficava distante da povoação a que pertencia; como os d'este não conheço outros vestigios na nossa archeologia. Logar sagrado parece que era tambem Panoias, perto de Villa-Real de Tras-os-Montes, onde existem ainda muitas inscripções, etc.

Uma *aedicula* muito interessante conserva-se em Braga no «Quintal do Idro» (i. é, *Idolo),* dentro de um tanque; mas, graças á incuria indigena, está prestes a perder-se! Nas inscripções de Endovellico falla-se tambem de um *aedeolum,* palavra que é, sem duvida, synonima de *aediculum* ou *aedicula.*

Os povos pre-romanos da Lusitania tinhão pouca tendencia para representar os seus deuses por imagens: d'ahi vem o dizer Estrabão que os Gallaecos não tinhão deuses, quando elle queria dizer sòmente, segundo o meu entender, que não tinhão idolos; de outro modo as palavras do geographo estavão em desaccôrdo com os factos, pois existe nas inscripções da Gallaecia menção de muitos deuses.

Sob a influencia principalmente dos Romanos, consagravão-se aos nossos deuses offerendas ou *donaria,* que consistião em aras, estatuetas, figuras de animaes, etc.; as aras sobretudo são muito numerosas. Ainda hoje nas aldeias, e mesmo nas cidades, certos santuarios de devoção estão cheios de *ex-votos,*—paineis, figuras de cêra, de madeira ou de prata, tranças de cabello, etc.

Segundo as noticias transmittidas pelos AA. antigos, os Lusitanos em alguns pontos fazião sacrificios humanos; de sacrificios de animaes tambem temos noticia, e esses devião ser mais vulgares; Estrabão falla mesmo de hecatombes.

Nos tumulos era costume gravar symbolos, como o suástica, e collocar estatuas de guerreiros ou de animaes; estes tinhão certamente caracter sagrado, sendo talvez como que uma especie de *totens* das tribus.

c) Sacerdocio.

O homem nem sempre se dirige á divindade directamente; ás vezes recorre a terceira pessoa, que é o sacerdote. De sacerdotes lusitanos temos escassas notícias. Estrabão falla de haruspices que observavão as víctimas com o fim de tirarem presagios. Ha ainda outras passagens referentes á adivinhação por meio das chammas e das aves. Junto do *fanum* de Endovellico é provavel que houvesse *somniorum interpretes,* pois das inscripções consta que os doentes que invocavão o deus se regulavão por sonhos que este lhes enviava. Tambem Suetonio conta que na Cantabria, alem de um sacerdote de Juppiter, que interpretava os oraculos do deus, havia uma *fatidica puella,*

que em certa circumstancia annunciou um prodigio; prophetizas semelhantes teriamos nós tambem na Lusitania, a julgar por analogia. São por ventura outra cousa as modernas «mulheres de virtude»? Não devemos considerar os sacerdotes da Lusitania, pelo menos os das tribus mais barbaras, senão como um mixto de nevropathas, curões e impostores: os adivinhos e bentos modernos podem dar uma ideia d'elles.

Vê-se, em resumo, que a religião depende das variedades do *meio* e do grau de civilização: sanguinaria nas tribus mais guerreiras; chtonica nas montanhas; aquatica junto das fontes e dos rios; sideral, etc. á beira-mar. Como desenvolvimento de concepções naturalisticas primitivas, as divindades são em grande parte topicas, e attribue-se-lhes em especial o poder de curar doenças.

Apesar de eu desejar ser breve, dei a este ponto mais desenvolvimento do que o que bastava para o meu fim; é que eu tinha predilecção por elle.

*

Para cômpletar o assumpto devia ainda fallar de muitos outros factos da vida dos Lusitanos, taes como as suas armaduras, os seus festins, os seus meios de commercio, o seu modo de trajar, a sua medicina, as suas leis, etc., mas tudo isso me levaria muito longe, e eu teria de fatigar por muitas horas a attenção d'aquelles que me dão a honra de me ouvir.

III. — Epocha historica (luso-romana).

Passarei agora a occupar-me da romanização da Lusitania, do que direi pouco, já por falta de tempo, já por isso serem factos mais conhecidos de todos.

Como vimos, os ultimos povos, em data, que tinhão vindo para a peninsula antes dos Romanos forão os Carthagineses. No anno de 228 A. C. fizerão os Romanos com os Carthagineses um tratado em que estes se obrigavão a não passar o Ebro. Sagunto, cidade *Romanis amica,* foi porém no anno de 219 accomettida por Annibal, general carthaginês; apesar de os Romanos o intimarem para que se abstivesse da guerra, e de mandarem embaixadores a Carthago, a cidade foi tomada, e os Saguntinos recebêrão de Annibal os maiores tormentos. Em virtude d'isto marchou para a Hispania no anno de 218 Cn. Cornelio Scipião, a quem posteriormente veiu juntar-se seu irmão Publio. A principio os Romanos derrotárão os seus inimigos, mas a final os dois Scipiões forão mortos, vindo para cá depois P. Cornelio Scipião-junior, que tomou Carthagena com ouro e muitos refens, prendeu o carthaginês Mágon, irmão de Hásdrubal, restituiu ás familias hispanicas os prisioneiros que estavão em poder dos Carthagineses, e venceu e afugentou Hásdrubal. E' com estes feitos de Scipião que

propriamente começa na peninsula o dominio romano: «quare omnes fere Hispaniae uno animo ad eum transierunt».

Depois os Romanos continuárão na sua obra de conquista, que não se realizou de uma vez, mas lentamente, e ás vezes com muita resistencia dos povos de cá, apesar do texto que acabei de citar. Até 197 a Hispania continuou em estado de guerra; nesse anno foi dividida em *Ulterior* e *Citerior*, cada uma governada por seu *pretor*. O territorio que hoje constitue Portugal e Galliza pertencia á Ulterior.

Em 150, em virtude de uma perfidia do proconsul Sergio Sulpicio Galba, forão mortos muitos mil Lusitanos: isto exaltou os animos dos povos, que, commandados por Viriato, começárão a guerrear grandemente os Romanos (150-140). Em 140 Viriato fez as pazes com o proconsul Fabio Serviliano para salvar o exército d'este; mas no mesmo anno o proconsul Servilio Caepio, successor de Serviliano, recomeçou a guerra na Hispania Ulterior, e fez que Viriato fosse assassinado á traição. Viriato, que, no dizer de Floro, passou de caçador a salteador e de salteador a general, tornou-se assim um symbolo da independencia nacional, e da sua tradição heroica proveiu, por influencia da erudição da Renascença, uma fonte de lendas, que tem, nos tempos posteriores, passado como verdades historicas.

Em 138-137 Decio Junio Bruto venceu os Callaicos; á memoria d'este general andão ligadas várias tradições curiosas.

Em 134 Scipião o Africano-junior foi nomeado para a Hispania; tomou Numancia, conquistando definitivamente o centro da peninsula.

Roma não deixou de continuar a mandar generaes e funccionarios. Por causa das contínuas oppressões, os Lusitanos pedírão o auxilio de Sertorio, que já tinha estado na peninsula. De Sertorio deixou-nos Plutarcho uma interessante biographia, que contribuiu para que depois do sec. XVI, sob o influxo dos nossos eruditos, se originassem algumas lendas, d'esta vez localizadas em Evora. Metello Pio combateu Sertorio com pouca felicidade. Em 77 veiu Perpenna com certo número de cohortes combater ás ordens de Sertorio; a inveja, que é inseparavel das acções humanas, e que ás vezes corroe mesmo a alma dos mais fortes, foi a causa de que Perpenna assassinasse Sertorio, por occasião de um festim; em breve porém Pompeu o venceu e matou.

Em 60 Julio Cesar submetteu os Lusitanos, ao N. do Tagus, fazendo-os tributarios. Em 55 Cn. Pompeu Magno obteve as duas Hispanias, e a peninsula tornou-se o theatro da lucta entre Cesar e Pompeu, lucta formidavel e longa, que só terminou com a batalha de Munda, em que Cesar levou a palma aos filhos de Pompeu.

Com a vinda de Augusto, que subjugou os Cantabros, victória a que Horacio allude nas suas odes, ficou assegurada a paz na peninsula durante muito tempo. Este facto marca uma era notavel na historia das Hispanias.

Depois a peninsula foi dividida em tres provincias: Tarraconense, Betica e Lusitania; a primeira e a ultima a cargo do imperador,

a segunda a cargo do senado. Os governadores das provincias senatoriaes erão *pro-consules;* os das imperiaes *legati Augusti.* As provincias dividião-se em certas circumscripções denominadas *conventus.* A Lusitania romana comprehendia os *conventus* emeritense (Emerita), pacense (Pax Julia), escallabitano (Scallabis, h. Santarem). O territorio da nossa Bracara Augusta constituia tambem o *conventus bracaraugustanus,* mas este pertencia á Tarraconense. Havia alem d'isso colonias, municipios, etc. As fórmas da organização politica variárão bastante, segundo as epochas.

Os Romanos impuserão a sua magnifica civilização á peninsula; d'ella innumeros restos materiaes existem ainda em toda a parte, tanto em Portugal como na Hespanha. Esta imposição foi lenta; um dos meios pelos quaes ella se operou foi pela fusão com os indigenas. Tal fusão observa-se por exemplo: nos castros, onde a civilização romana coexiste a par da indigena; nas denominações das divindades e das terras, pois a um nome peninsular junta-se ás vezes um latino, como em *Adaegina Proserpina, Bracara Augusta;* nas fórmas do culto religioso; nas inscripções bilingues dos cippos e das moedas, etc.

O Sul e o Oriente forão os pontos romanizados primeiro: assim a Lusitania meridional offerece-nos já desde o sec. I, como vimos, um aspecto inteiramente romano, ao passo que ainda nos seculos II e III o interior e o Norte da peninsula tem cunho indigena, revelado em muitas particularidades. A romanização completa póde datar-se do sec. III.

Ainda hoje o Norte e o Sul de Portugal divergem bastante: o Sul tem mais uniformidade entre si do que o Norte (Entre-Douro-e-Minho e Tras-os-Montes); a Beira constitue um meio-termo. Isto obedece principalmente ás condições geographicas: o Norte, com as suas montanhas e os seus valles fundos, delimitados por numerosos rios, tem tendencia para o *status in quo;* o Sul, com o seu clima suave, a sua boa posição á beira-mar, mais perto dos grandes centros civilizados da antiguidade, attrahiu desde muito cedo viajantes e povos navegadores.

Foi sobre o paganismo luso-romano que se implantou o christianismo; dos municipios romanos provêm os nossos concelhos. A acção de Roma foi grandiosa, profunda; mas nem tudo quanto havia antes d'ella se extinguiu: os costumes, o onomastico, as tradições, o lexico, etc., ahi estão constantemente a attestar persistencias antigas.

III

O facto mais importante da acção romana que me importa agora notar é o da propagação do latim.

Como os povos pre-romanos erão muitos, várias devião ser tambem as linguas indigenas cá falladas. D'estas linguas temos noticias dadas pelos AA., e d'ellas nos restão tambem alguns vestigios no

onomastico. Sem fallar do phenicio e de outras linguas das colonias historicas, póde admittir-se que havia na peninsula pelo menos duas classes de linguas nacionaes: a celtica, que tinha muita extensão; e o proto-basco, ou aquella de que o basco moderno é representante.

Com a implantação da civilização romana, desapparecêrão todas as linguas da peninsula, exceptuando o proto-basco. Seja qual fôr a explicação do phenomeno, elle é innegavel. O texto de Estrabão, a que ha pouco me referi, em relação á substituição da lingua turdetana pela latina, não soffre dúvidas; alem d'isso, de certa epocha em deante, os AA. latinos deixão de se referir ás linguas indigenas: se algumas havia, como o proto-basco, estavão circumscriptas. As legendas das moedas, a principio em caracteres locaes, vão tambem a pouco e pouco sendo escritas com caracteres romanos. As inscripções em lingua latina enxameião todo o territorio peninsular. Ora, se o latim toma tamanho predominio, o que coincide com o predominio da civilização geral romana, e se depois dos Romanos não veiu mais povo nenhum cuja lingua pudésse ter produzido o portuguès e o hespanhol, bastavão as simples considerações historicas, para fazer suspeitar que estas linguas modernas tem origem no latim. Mas a glottologia prova esse facto como $2 + 2 = 4$. No decurso d'estas lições veremos isso em relação ao portuguès.

O latim fallado pelo povo romano tem na sciencia, entre outros, o nome de *latim vulgar*. Este latim é-nos conhecido pelas cacographias das inscripções, pelas informações dos grammaticos e outros AA., pela anályse das linguas romanicas. Ha trabalhos scientificos sobre elle, como os de Schuchardt, Corssen, Gröber, etc. Com o tempo, o latim vulgar differença-se cada vez mais da lingua escrita. Nas diversas provincias do imperio constituem-se assim variedades dialectas, que, comquanto sejão ainda a principio latim propriamente dito, são porém a base das linguas romanicas. E' muito difficil dizer quando acaba uma lingua e começa outra que provém d'aquella. As causas d'estas variedades do latim vulgar são, por exemplo: a tendencia natural que tem todos os povos para alterar a linguagem; o novo *meio;* as linguas pre-latinas; a deminuição da cultura romana. Pelo que se observa na acquisição individual de uma lingua póde comprehender-se como é que um povo poderá tambem aprender uma nova: assim os portuguescs, ao principiarem a estudar o francês, o hespanhol e o italiano, substituem os sons *u*, *j* e *ci* respectivamente por *iú*, *g* e *xi:* isto é, representão sons exoticos pelos que mais se lhes aproximão na lingua materna. As alterações que sem dúvida se davão ao primeiro contacto dos indigenas com os Romanos, em breve, ao fim de algumas gerações, por influencia das crianças, que estão aptas para aprender qualquer lingua, deixavão de se dar, e os povos indigenas achavão-se por assim dizer insensivelmente a fallar latim.

Os plebeismos ministrados pelas inscripções romanas da Lusitania não são em geral proprios nossos, apparecem noutras partes; todavia alguma particularidade podem ter. Eis alguns exemplos epigra-

phicos para amostra: na phonetica, — *olisiponesis*, *ara* (por *aram*), *votu* (por *votum*), *Cladius*, *quot*, *Vernacla*, *Primitios* (por *Primitivus*), *bivit*, *conlabsos*, *Ninpae* (por *Nymphae*); na morphologia, — *hic monimentus* (onde se vê o genero neutro substituido pelo masculino, facto que se tornou geral); no lexico, — *lausa*, *aedeolum*. Quem fazia as inscripções tinha de ordinario alguma cultura, por isso não está sempre nellas a lingua genuina do povo; assim como, na escrita, a um erro de orthographia chamamos *lapsus calami*, podiamos dar um nome semelhante aos descuidos e incorrecções dos canteiros. Quando a evolução do latim vulgar da Lusitania, se adcantou em extremo, tornou-se LATIM LUSITANICO propriamente dito.

IV

O latim lusitanico é a base do PORTUGUÊS PREHISTORICO, que nós poderemos apreciar quasi só por inducção. As Inscripções christãs-latinas, do sec. v em deante, poucos elementos dão para a glottologia.

A evolução do latim lusitanico e do português pre-historico não se fez entregue só a si mesma, e sob as causas que indiquei acima. Primeiro sentiu-se nella a influencia das linguas dos Barbaros e a influencia litteraria da Igreja e das escholas; depois, em seguida ao sec. VIII, a influencia do vocabulario arabe. Outras influencias se manifestárão posteriormente. E' por isso que, na anályse etymologica dos vocabulos, achamos uns obedecendo a umas leis, outros obedecendo a outras: isto resulta de que cada um dos grupos provém de sua epocha ou de sua região, e não de que haja derogação das leis phoneticas. Assim o latim m a c u l a deu de um lado *malha* e *mancha*, e do outro lado *mágoa* e *macula*.

Do sec. IX em deante restão-nos muitos documentos em latim barbaro, por meio dos quaes podemos apreciar o estado da nossa lingua. E' á lingua, que vae d'essa epocha até o sec. XII, ou um pouco adeante, que chamo PORTUGUÊS PROTOHISTORICO. O latim barbaro era a lingua em que se escrevia na idade média: mistura de fórmas latinas com fórmas romances, fórmas romances alatinadas, fórmas latinas romançadas. A sua barbárie ou a sua relativa correcção dependia do grau de instrucção do clerigo, do notario ou do curioso que o escrevia. Nos documentos monasticos da Terra da Maia é que parece que se encontrão barbarismos em maior numero. O latim barbaro, apesar da sua barbárie, não se deve ainda assim suppôr sempre uma lingua completamente artificial e irregular. Elle não era um producto isolado: era obra de umas poucas gerações; por tanto obedece em parte a algumas leis. Certas fórmas tornárão-se tradicionaes, e, com quanto á primeira vista pareção representar a influencia da phonetica local, ellas encontrão-se não só no latim barbaro de Portugal, mas no de outras nações.

Não se deve confundir o *latim barbaro* com o *baixo-latim* e o *latim vulgar*. O latim barbaro (empregado nos documentos, etc.) é uma

lingua puramente escrita, não fallada, mas onde a influencia romanica é, como disse, muito pronunciada, o que faz d'elle uma lingua *sui generis*; o baixo-latim é a ultima degeneração da lingua litteraria, e serve ainda de instrumento á litteratura da decadencia; o latim vulgar é uma lingua viva, organica.

Do sec. XII temos já documentos escritos em português. Estão publicados alguns, mas com incorrecções. Eu descobri um, ainda inedito, que publicarei a seu tempo. Desde que a lingua portuguesa começou a escrever-se, estabeleceu-se uma tradição litteraria, e distinguírão-se na lingua duas correntes: a corrente popular, que existia já antes, e a corrente litteraria ou erudita, que appareceu então claramente pela primeira vez. Elevada á altura de lingua nacional, e ao mesmo tempo de lingua litteraria, o português recebeu da parte dos escritores a nobre qualificação de «*lingua ladinha*», como quem dissesse «lingua derivada do latim», — expressão que encontrei, por exemplo, num manuscrito do sec. XV. Tenho, pois, de me occupar separadamente dos dois aspectos ou phases da lingua: *lingua litteraria* (escrita), e *lingua popular* (oral).

O gallego e o português constituião a princípio uma só lingua, mais ou menos uniforme; depois do reconhecimento official da autonomia de Portugal, a lingua de cá e a de lá forão separando-se gradualmente, mas não tanto, que o parentesco íntimo não seja ainda hoje reconhecido sem custo. Em virtude de considerações que fiz noutra parte, o gallego deve entrar na carta dialectologica portuguesa como um *co-dialecto*.

1. *Lingua litteraria.*

A nossa lingua litteraria admitte duas grandes divisões geraes: *lingua archaica* e *lingua moderna*. A lingua litteraria archaica começa no sec. XII e dura até o sec. XVI, podendo Gil Vicente e Sá de Miranda, por exemplo, estabelecer a transição d'ella para a lingua litteraria moderna, que dura por tanto desde aquella data até hoje. A lingua archaica admitte sub-divisões, conforme os periodos, mas não me é possivel agora neste logar indicá-las.

Muitos caracteres distinguem a lingua archaica da moderna, uns puramente grammaticaes, outros de lexico, porque muitas palavras usadas outr'ora desapparecêrão da circulação. Como caracteres phoneticos temos por exemplo: a distincção entre *s* e *ç*, e entre *s* intervocalico e *z*; a differença entre *ch* e *x*; o uso de *-om* pelo moderno *-ão* em fórmas da 3.ª declinação, como *sermom*, *açom*, e nas terminações verbaes como *prometerom*, *começarom*, *quiserom*, onde em latim havia *-unt*; temos o hiato entre vogaes que depois se contrahírão, como *caente*, *maestre*, *creer*, *poboo*, *geeral*, phenomeno de que ainda hoje se mantem vestigios na pronúncia vulgar; temos a manutenção de nasaes em casos em que posteriormente desapparecêrão ou dérão origem a novos sons, como *põer*, *pessõa*, *vão*, *testemõya*, *Edãya* (h. *Ida-*

nha); temos grupos de *eo* e *ea*, onde o *e*, por ser tonico e pre-vocalico, se ditongou posteriormente, como *creo*, *meo*, *cea*, hoje *creio*, *meio*, *ceia;* temos a terminação *-vil* ou *-bil* por *-vel*, como *razoavil* e em Camões ainda *terribil*, onde talvez influisse o latim *terribilis*. Como caracteres morphologicos notarei: nos verbos as terminações *-ades*, *edes*, *-ides*, *-ade*, *-ede*, *-ide*, como *amades*, *devedes*, *fugides*, etc., terminações ainda conservadas hoje em fórmas em que o *d* é precedido de nasal, ou que, com a suppressão do *d*, se confundirião com outras, como *vindes*, *vedes*, *sede*, *poude*, *ide* (não obstante ler-se *i-vos* nos quinhentistas); notarei um participio em *-udo* da 2.ª conjugação, como *recebudo*, *teudo*, ainda hoje representado no substantivo commum *conteúdo* e no nome proprio *Temudo*, que é erro escrever com *h;* notarei fórmas verbaes avulsas como *sia* (h. *era)*, *estê* (h. *esteja)*, *fezeste*, *pugi*, *querria* (quereria), os participios do presente em *-nte*, como *amante* (por *amando)*, de que a expressão moderna «tirante isto» etc., conserva vestigio; notarei o genero masculino dos nomes terminados em *-agem*, como *linhagem*, *linguagem*, ainda mantido agora em *personagem*, palavra que tambem póde ser feminina; notarei os adjectivos uniformes em *-ês*, como *português*, ainda mantido no adverbio *portuguesmente*, em vez de *portuguesamente*, segundo a regra geral; notarei os nomes em *-or*, como *senhor*, tambem uniformes, como em *mia senhor*, no Cancioneiro da Vaticana; notarei o plural *razoavis* de *razoavel*, etc. etc. Como caracteres syntacticos temos, por exemplo, a variabilidade do participio na conjugação periphrastica, como em *aver jurada*, e o pleonasmo da negação em «ninguem não levar». A menção do lexico archaico não teria fim.

Em virtude das influencias sociaes, a lingua é constantemente enriquecida de vocabulos, o que ás vezes porém lhe altera a feição.

Tem-se attribuido grande importancia á acção dos Franceses na occasião da constituição da monarchia portuguesa; esta importancia é exaggerada, todavia na nossa lingua ha palavras de origem francesa muito antigas, como *chapeu*, *charrua*, *framboesa*, etc., e na litteratura dos Cancioneiros tambem se nótão palavras povençaes.

Com as traducções do latim, que começárão muito cedo, e que tiverão muito fervor nos sec. XIV e XV, introduzirão-se muitos latinismos no português: o que foi devido á necessidade de representar as novas ideias (por exemplo certas ideias abstractas) por palavras novas, mas para o que tambem concorreu o luxo da erudição e a commodidade de quem escrevia. Palavras taes como *politica*, *theologal*, não podião de modo algum ter origem popular. Aqui está uma razão de a lingua apresentar fórmas que obedecem a leis diversas, e *fórmas divergentes:* assim em *nedeo* e *nitido*, ambas do latim *nitidus*, temos duas epochas da historia da lingua muito distantes uma da outra.

No sec. XVI a influencia dos eruditos, que como que alatinarão a lingua, foi extraordinaria. Esta influencia manifestou-se de varias maneiras: introduzindo-se vocabulos e construcções novas; fazendo-se retomar uma fórma mais latina a palavras que já a tinhão perdido

com a evolução natural da lingua, do que resultou que, por exemplo, em vez dos vocabulos archaicos *zeo, iffante, meor*, etc. tenhamos hoje *zelo, infante, menor*, etc.; alterando-se a orthographia, e não raro concomitantemente a pronúncia, havendo, em virtude do primeiro facto, AA. que em logar de *esse, escrever, paciencia, constancia, reino*, escrevião *epse, escrepver, pacientia, constantia, regno!* Assim a Igreja e a litteratura influião muito. Quanto mais auctoridade tinhão os AA., mais profunda era a acção d'elles. Do vocabulario camoniano, etc. se fizerão já listas. Ao mesmo tempo que a influencia se dava na grammatica e no lexico, dava-se tambem no estylo.

Uma lingua que desde muito cedo tem influido na nossa é a hespanhola. Muitos vocabulos vem por intermedio dos dialectos da raia. Tambem se não ha-de esquecer a influencia da litteratura, do sec. XV ao XVII, tendo, como tivemos nos sec. XVI e XVII tantos AA. que escrevêrão em hespanhol.

Por causa das conquistas dos portugueses nos paises extra-europêus, a nossa lingua enriqueceu-se igualmente. Com as novas raças, cujo sangue veiu misturar-se ao nosso, e com os novos productos artisticos e naturaes, vierão tambem novos vocabulos.

No sec. XVI a lingua apparece-nos já quasi como hoje: isto resulta, em parte da evolução natural; em parte da influencia dos eruditos, influencia que não tem cessado até hoje, pois que, num país pequeno como o nosso, a acção da lingua litteraria na popular é muito sensivel. Os grammaticos não exercêrão acção evidente: basta notar que a primeira grammatica, que é a de Fernão de Oliveira, nunca teve 2.ª edição, senão neste seculo, e como curiosidade bibliographica; da segunda grammatica, que é a de João de Barros, só se fez 2.ª edição no sec. passado. No sec. XVI ha ainda fórmas como *ũa, algũa, bõa, mi, moura*, que toda a gente conhece de Camões.

No sec. XVII a litteratura esteve em grande decadencia; mas não devemos suppor por isso que a lingua soffreu muito, pois são coisas differentes o estylo e a grammatica. Neste seculo introduzem-se porém bastantes gallicismos, por causa das guerras de D. João IV, em que os franceses lhe prestárão auxilio. Nos seculos seguintes, em que as nossas relações intellectuaes com a França forão tão assignaladas, maior tem sido a acção do francês, o que tanto no sec. XVIII como no XIX tem motivado reparos e censuras da parte dos escritores vernaculos e dos patriotas. Effectivamente é uma falta de dignidade mascavar de propósito a lingua com estrangeirismos desnecessarios.

No sec. XVIII os escritores tentão, no estylo, imitar o classicismo quinhentista; a lingua propriamente dita é com leve differença como a de hoje; a propria orthographia aproxima-se bastante da actual. Por influencia do theatro introduzírão-se no nosso vocabulario alguns italianismos. O desenvolvimento das sciencias physico-naturaes e mathematicas contribue para o augmento do lexico (grecismos, etc.); ésta influencia vinha porém já de longe, pois desde o sec. XVI que possuimos litteratura scientifica.

No lexico da lingua moderna é cada vez mais pronunciada a influencia do francês; do inglês tambem recebemos certa quota; as outras linguas modernas influem menos. Não se póde negar alguma acção do estylo francês no nosso; sem fallar dos exaggeros dos romancistas da eschola realista, por toda a parte se vê que a nossa lingua vae perdendo aquella amplidão de phrase, aquella complexidade syntactica, que caraterizavão um Barros ou um Arráiz. Sem embargo, já no sec. XVII Antonio Vieira usava e abusava do estylo cortado e symetrico. No verso tornárão-se hoje intoleraveis certos vocabulos que ainda nos arcades tinhão voga, como *natura, impío,* e os adjectivos em *-ace, -oce (fugace, atroce),* etc.; fórmas mesmas como *soidão* e *perla,* ainda usadas por Garrett, raro as empregará um poeta actual. O estylo poetico adquire cada vez mais a naturalidade da prosa. O jornalismo, com a sua litteratura ligeira, e o theatro, com a sua pronúncia affectada, contribuem bastante para a alteração da lingua. Aqui em Lisboa é frequente ouvir dizer *êrói* (heroe) e *mi-nis-tro,* porque assim se diz no theatro de D. Maria, quando a pronúncia normal d'aquellas palavras é *irói* e *menistro.* A orthographia é que levou os comicos àquelles erros. E' tambem por influencia da orthographia que se diz *Catharina* em vez de *Catherina (Cath'rina),* orthographia e pronúncia antigas, como bem o mostra o anagramma *Nathercia.*

2. *Lingua popular.*

Ha razões para crer que a lingua não foi formada no Norte, e depois propagada para o Sul com a reconquista do territorio aos Arabes. De facto o latim estava por toda a parte, e os Arabes erão tolerantes para permittirem o uso do romanço. Que no Sul, antes das conquistas de D. Affonso Henriquez, se fallava já português e não hespanhol infere-se do onomastico, como *Tejo* e *Lisbõa,* que obedecem á phonetica portuguesa e não á hespanhola; vocabulos, como *indês* e *caivêra,* usados nos dialetos do Sul, não pódem ter provindo de vocabulos analogos do Norte, o que parece levar a concluir que elles se formárão directamente do latim local. Uma excepção notavel é a palavra *Mertola,* que, devendo vir de uma fórma **Mirtula,* mantém o *l* contrariamente ás leis da lingua portuguesa; mas essa palavra, como Mertola fica na raia, póde explicar-se por intermédio de um antigo dialecto raiano de transição.

A lingua antiga constituia dialectos segundo as regiões. O nosso conhecimento dos dialectos antigos é restricto. Gil Vicente é o auctor que melhor representa a lingua popular do sec. XVI; Sá de Miranda e outros AA. ministrão-nos tambem alguns dados. Anteriormente ao sec. XVI podemos colhêr elementos nos documentos latino-barbaros e noutros. Do sec. XVII em deante podemos utilizar os orthographos, que, ao passo que condemnão as fórmas populares, as vão enumerando, e podemos utilizar a litteratura de cordel e os dialogos populares introduzidos pelos AA. dramaticos etc. nas suas obras. Já alguns

AA. antigos estabelecem differenciações dialectaes, como Fernão de Oliveira no sec. XVI, Viterbo e Argote no sec. XVIII. Argote foi o primeiro que esboçou, embora imperfeitamente, um quadro geral da dialectologia portuguesa. Ao rebuscar nos documentos, encontra-se por exemplo *tombro* e *ademas* como fórmas trasmontana e estremenha do sec. XV; *chavádego* e *molete* como fórmas interamnenses do sec. XVI.

Do sec. XV em deante a lingua portuguesa experimentou uma notavel expansão, indo constituir alem-mar os dialectos insulanos e os ultramarinos (creoulos, etc.). No Brazil a propria lingua litteraria tomou uma feição especial.

As relações dos dialectos continentaes modernos com os antigos são muito difficeis de apreciar. Aqui referir-me-hei pois sómente aos dialectos modernos.

A linguagem que se falla no país não é uniforme por todo elle. Já nos meus opusculos sobre a *Dialectologia Portuguesa*, e na *Revista Lusitana* me tenho occupado dos fallares nacionaes, que constituem co-dialectos, dialectos, sub-dialectos e variedades. Os co-dialectos são, alem do gallego (fallando na Galliza), o mirandês, o riodonorês e o guadramilês. Os dialectos são no Norte o interamnense e trasmontano, no Centro o beirão, no Sul o constituido pelos fallares da Estremadura, Alemtejo (com Olivença, na Hespanha) e Algarve. Os sub-dialectos e variedades são divisões dos dialectos. Não posso aqui entrar em explanações, porque já tenho cansado demasiadamente os meus amaveis ouvintes.

Como noutros paises succede, as variações dialectaes da nossa lingua correspondem ás variações ethnicas, geographicas, sociaes, etc., sem que por ora se possa sempre precisar o grau de dependencia em que as primeiras estão para com as segundas: assim entre o Tamega e o Corgo falla-se uma linguagem; para lá do Tua falla-se outra; o Doiro separa em certos pontos o dialecto beirão do interamnense; no Alemtejo, como houve talvez menos grupos ethnicos primitivamente, e como ha menos ondulações de terreno, e uma unidade de costumes mais pronunciada do que, por exemplo, em Tras-os-Montes, não tenho encontrado tantas variações dialectaes como nesta ultima provincia, exceptuando a zona comprehendida entre Fundão e Portalegre, zona que aliás geographicamente tambem offerece factos especiaes; o vocabulario da gente baixa da capital é muito mais culto do que o de qualquer outra terra do país.

Nunca se estabelece passagem brusca de um dialecto para outro; entre elles ficão linhas de transição, como se observa por exemplo na linguagem de Rèsende, que tem phenomenos da Beira e phenomenos do Entre-Douro-e-Minho.

Algumas pessoas podem admirar-se de eu empregar a palavra *dialectos* applicada ás variações da nossa lingua, que são pequenas em relação, por exemplo, aos *patois* franceses ou suissos e aos *dialetti* italianos; mas, em primeiro logar, a palavra já foi usada por grammaticos do seculo passado; em segundo logar, a questão não é de

grau, é de essencia. Ora ha differenças essenciaes das fallas de umas regiões para outras, differenças que, embora ás vezes possão passar despercebidas a certos observadores, são no entanto perfeitamente claras para o philologo. Tambem o vulgo confunde com frequencia duas rochas, dois metaes ou duas doenças que para um geologo, um mineralogista ou um medico differem por completo entre si. Alem d'estas considerações geraes, temos ainda os dialectos gregos, aos quaes ninguem, desde a antiguidade, recusou ainda esse nome, e que, comtudo, segundo creio, não se afastarão mais uns dos outros do que os meus queridos dialectos portugueses [1].

Assim, depois de ter demonstrado aos Srs. a importancia do estudo do português archaico, de os ter levado numa pequena digressão pela antiga Lusitania, com o fim de lhes expor mais convenientemente a implantação do latim no nosso territorio, e de os ter feito assistir um momento á origem e expansão historica do idioma que fallamos, resta-me, ao concluir, manifestar os meus ardentissimos desejos de que todos se interessem por estes assumptos, tão novos, tão importantes e tão curiosos, embora difficeis, — com o que contribuiremos tambem, para que, como disse com vehemencia o nosso grande poeta e patriota Almeida Garrett:

.... Não se acabe
A lingua, o nome português na terra!

Disse.

J. Leite de Vasconcellos.

[1] A distribuição dos dialectos do continente português foi mostrada num mappa geographico manuscrito que fiz de proposito, e que foi o primeiro que se fez a respeito dos dialectos de Portugal. Este mappa está publico na *Chorographia de Portugal illustrada*, do meu amigo Ferreira Deusdado, Paris 1893, mappa correspondente á pag. 16 (texto). — Sobre a classificação dos nossos dialectos vide *Revista Lusitana*, I, 191 sqq., e mais recentemente o meu opusculo *Sur le dialecte portugais de Macao*, Lisbonne 1892, pag. 5-6.

CIGANOS PORTUGUESES

DOS FINS DO SEC. XVI

Os documentos que adiante se publicão, relativos uns directa outros indirectamente aos ciganos, são copia dos registos dos 24 livros das legitimações e perdões da chancellaria de D. Filippe I, conservados no Real Archivo da Torre do Tombo.

A orthographia não é alterada, as abreviaturas são desenvolvidas entre parentheses; tornou-se tambem necessario empregar a pontuação quasi abolida pelos escrivães.

I.—Dom Phillippe Etc. faço saber q(ue) João Chachiro, E Marcos orfão, e An(onio) Fer(nande)z preto, m(orado)res no lugar de gafete, me enviarão dizer p(er) sua petição, Que jndo hũ Mardou[1] G(onça)l(ve)z, Sebastião Diaz, Cortes e Fr(ancis)co Mendez, siganos, ẽ companhia Doutros ao dito lugar, estando elles pacificos, E p(or) liurarẽ sua faz(end)a do q(ue) lhe vião fazer, p(or) serẽ Mujtos, a Rancarão todos hũs contra os outros e da briga sajra ferido na cabeça o Mardou G(onça)l(ve)z, ho sebastião diaz cõ hũa pedrada na cabeça, eoutra no Rosto, eo mesmo a Cortes. E p(or) serẽ sãos sẽ aleijão nẽ desformidade, lhe p(er)doarão como constauão dos p(er)dões q(ue) apresentauão, pedindome q(ue) ouuese a tudo resp(ei)to, E lhe p(er)doase aculpa do caso; e R(eceberi)am M(erce). E visto seu Req(ue)rim(en)to e hũ pareçe cõ hũ meu pase, ey p(or) bẽ e me p(ra)z se asy he e mais não ha, De p(er)doar aos sop(lican)tes a culpa do ferim(en)to f(ei)to aos çiganos de q(ue) faz menção, v(is)to o q(ue) alegão, e p(er)dão Das partes e pagarão cada hũ v[c] reis p(ar)a a piedade, e p(or) os pagarẽ ao esmoler vos mando Etc. na forma. ElRej noso s(enh)or o mandou p(e)los doutores M(elchi)or do Amaral e Ant(oni)o da Gama Etc. G(asp)ar Velho a fez ẽ lix(bo)a a xiiij de Março De m v[c] lxxx9.

(D. Felipe I, Liv. I de Legitimações e perdões, fl. 121).

II.—Dom Fellipe etc. Faço saber que Fr(ancis)co Fer(ei)ra, m(orad)or no lugar dallmoster termo da villa de sãtarem, me emviou dizer que elle serujra de allcajde no dito lugar ho ano de ojtenta e tres, ou t(em)po que na verdade se achar, e ora p(eso)as suas jmjgas o forão acusar as devasas Janejrjnhas, que na dita villa se tirão pelo Juis dizendo que elle sup(lican)te prẽdera hũs ciganos, e os tornara

1 A' margem: *asy o dizia.*

a soltar e lhe tomara pejtas, pesas de pano, mãtoes [1]; e prendera out(r)as mais p(eso)as e as soltara sem mãdado do Juis por lhe darem dadiuas e gejras de serujço e que no ano de ojtenta e hũ hũ (sic) R(odrig)o Rombo que no dito lugar seujra (sic) de Juis, se quejxara delle sup(lican)te de palavras que lhe disera em hña ausencia, que se o topara elle Juis cortãdo a sua parejra, lhe quebrara hũ corno na cabeça, e outras pallavras Injuriozas e elle Juis fisera hũ auto delle, e ho mãdara ao dito Juis de sãtarem que pronũciasse (con)tra ello como fose Just(iç)a, e ora lhe era mãdado, que se liurase das ditas cullpas, pedindome lhe perdoasse as ditas cullpas; e v(is)to seu Requerim(en)to e hũ pareçe com hũ meu pase, ey por bem, se asy he como ho sup(licante) dis he his mais não ha de lhe perdoar a cullpa, que cometeo sendo allcajde de soltar o cigano pelo modo que declara, e asi as pallavras que dise em ausencia do Juis por lhe cortar sua parejra, v(is)to o perdão da parte Informação que se ouue p(e)lo C(orreged)or da comarqua, e pagara dous mill r(ei)s p(er)a as desp(e)sas da mesa do despacho e por quãto os já pagou a Sallvador Mendes vos mãdo etc. na forma. EllRej nosso s(enh)or ho mãdou p(e)los doutores Damjão d'Aguiar e Jeronjmo P(erei)ra de Sa etc. Cristouão Calld(ei)ra o fes em Lix(bo)a aos trjnta de out(ub)ro de m bº lxxxbij (1587) lucas v(iei)ra o fes esqreuer.

(D. Felipe I, Liv. I de Legitimações e perdões, fl. 374 v.).

III.—Dom Felype Etc faço saber que Afonso F(e)r(nande)z, m(orador) na uyla De segura, me enuyou dizer per sua petyção q(ue) na devasa q(ue) os yuizes da dita uyla tirarão, o culparão dizendo q(ue) yndo os syganos pelo campo, ele sup(lican)te lhes tomara duas buras e hũ pouquo de fato, de que fora preso pelo dito caso, E estando preso, fogira pela porta sem quebrar feros nem romper parede, e per q(ue) ele sup(lican)te hera homẽ pobre, e tinha molher e filhos, me pedia, lhe perdoase a culpa da dita fogida; e reçeberya merce. E visto seu requerim(en)to e hum pareçe com hũ meu pase, ey por bem e me praz se asy he como diz e mais não ha, de lhe perdoar a culpa da fogida da cadea, de q(ue) faz mẽsão pela man(ei)ra q(ue) declara visto o que alega e paguara quoatro çentos r(ei)s p(ar)a as despesas da mesa do despacho dos desembargadores do paço, e por quanto os tem paguos ao recebedor das ditas despesas como se uyo per hũ seu C(onhecimen)to e por outro do escrjuão de sua reçeyta de como nela la ficão carregados, vos mãodo etc na forma. Elrey noso s(e)ñor ho mãodou pelos doutores Yeronymo Pereyra de Sa e Belchyor do Amaral (Christ)ovão Cald(ei)ra a fez em Lyx(bo)a ha quinze de mayo de mil e quynhentos e oytenta e nove. Luquas Vyeira a fez escrever.= Leva a clausula q(ue) tomara carta de seguro dentro em trynta dias.

(D. Felipe I, Liv. I de Legitimações e perdões, fl. 441.)

[1] *Mantoes*, pl. de *mantó* ou *montol*, «vestido de mulher» segundo o *Diccionario* de Moraes.

IV.—Dom Felype etc. Faço saber que Antonyo Diaz, morador, em Vyla Nova da Era me emvyou dizer por sua petição, que auera seis meses pouquo mais ou menos, que elle seruja de alcayde e carsereyro na dita vyla, e tendo presas tres molheres syguanas, por se dizer, que erão culpadas no furto de tres buros, forão sentençeadas em pena de asoutes com baraço e pergão e tres anos de degredo pera angola, e depoes de feita axecução dos asoutes, baraço, e pregão em todas tres, lhe fogira hũa delas da corente onde estauão todas, escoando hũa o pe do trebelho, e isto de noite andando elle sup(lican)te vygiando a tera, e as outras duas estauão ora na uyla de Santarem na cadea, pera yr comprir o degredo, e ele sup(lican)te a fora buscar loguo por muitas partes dalenteyo; e pagara a outro omẽ, que tambem a fora buscar loguo por m(ui)tas partes sem a achar, e por que no caso não ouuera, nem auya parte, por que os donos dos ditos buros os acharão, e dyserão que não queryão das ditas presas cousa algũa, e na dita vila não avya cadea senão a dita casa do alcaide e carcereyre, e ya se fizera ha dita emxecusão do baraso, pregão e açoutes, e ele sup(lican)te era omẽ m(ui)to pobre e casado careguado de filhos, me pedia, auendo a tudo respeito, lhe perdoase a culpa da fogida da dita presa, e mandase que contra ele se não procedese; e reseberja merse, e visto seu requerjm(en)to e hũ parese com ho meu pase, ey por bem, e me praz se asi he como diz, e hy mais não ha, de lhe perdoar a culpa de lhe fogir a syguana sendo carsereiro, pelo modo que declara, visto o que alegua e a ynformação do C(orreged)or da comarca, e paguara mil r(ei)s pera a piedade, e por os ya ter paguos ao recebedor de minha esmolarja, a que ficão careguados em receita pelo escrjuão de seu carguo se ujo tem per seus asinados, vos mãodo etc. na forma. Ell Rey noso S(e)ñor o mãodou pelos doutores Melchjor dAmarall e Lourenço Corea. Fr(ancis)co de Pauja a fez em lyx(bo)a, aosonze de yulho de mil e quinhentos oytenta e noue e eu fr(ancis)co nunez de pauya a fiz escrever.

(D. Felipe I, Liv. I de Legitimações e perdões, fl. 449 v.).

V.—Dom felyppe etc. Faço saber que João G(onça)l(ve)z Samcho, m(orad)or na ujla de segura, me emvyou dizer por sua pitição, que estamdo elle preso na cadea da dita vyla por se dizer, que elle com outros saltarão no termo della em campo com hũ sigano, e lhe tomarão duas bestas, e o Roubarão de m(ui)to fato, e estando emtregue ao cac(crei)ro e trazendoo solto sem feros lhe fogira pela porta sem Romper parede, e yuntam(en)te fogira tambem hu A(fon)so F(ernand)iz que estaua preso pella mesma culpa, e ya ouuera perdão da dita fogida, e por q(ue) ele sup(lican)te se querya lyurar, me pedia ouuese por bem de lhe perdoar a culpa da dita fogida. E R(eceberia) M(ercê), e visto seu requerym(en)to e hũ parese com hũ meu pase, ey por bem, e me praz, se asy he como diz e mais não ha, de lhe perdoar a culpa de fogir da cadea pelo modo que declara, vysto o que alegua, e paguara quatrocentos r(ei)s pera as despesas do despacho

dos desembarguadores do paço, e por quanto os ya pagou ao resebedor do dito d(inhei)ro como se uyo por hũ seu c(onhecimen)to, e por outro do escryuão de sua receyta de como nella ficão caregados, vos mãodo etc. na forma. Ell Rey noso s(e)ñor ho mãodou pellos doutores Damyão dAgujar, e Jeronymo P(erei)ra de Sa etc. (Christ)ovão Cald(ei)ra a fez em Lyx(bo)a a quatro de set(emb)ro de mil e quinhentos oytenta e noue. João da Costa a fez escreuer. = Leua a clausula q(ue) tome carta de seguro em trimta dias.

(D. Felipe I, Liv. I de Legitimações e perdões, fl. 467.)

VI. — Dom filipe etc. Faço saber q(ue) João Diaz natural da Villa de Beringel, e preso na cadea da vylla d'Alcacer do Sal me emuiou dizer per sua petição, q(ue) estando preso como estaua, hũs ciganos e outros minarão e Romperão neste anno de nouenta e sinco a dita cadea e della fogirão algũs presos, q(ue) logo na noyte em q(ue) fogirão, tornarão a ser presos e metydos na dita cadea, tirando hũ dos ditos syganos, que depois fora preso nesta cidade de lix(bo)a, do qual Rompim(en)to da cadea se tirara devassa sem embargo delle sop(lican)^{te} não fogír nem sayr da dita cadea, antes ficar quieto nella, o culparão com os maes, e o mandauão liurar e per q(ue) era pobre, e o sostentaua a my(sericordi)a, e auia m(ui)^{to} t(em)po q(ue) estaua preso, e se não podia liurar, me pedya lhe perdoasse a culpa q(ue) desião ter no Rompim(en)^{to} da cadea, avendo Resp(ei)to a não fogir della, e ser pobre, da qual culpa era mãodado liurar, E R(eceberia) merce. E v(is)to seu Requerim(en)to e hũ parece cõ hũ posse, ey per bem se assy he como o sop(lican)^{te} dis e mais não ha, de lhe perdoar a culpa de não descobrir a fogída dos presos pollo modo q(ue) declara, v(is)to o q(ue) alega e a ymformação do ouuidor da comarqua, e pagara mil reis para as desp(es)as da casa do desp(ach)o, e per os ter pagos ao Resebedor dos ditos desp(es)as como se uio per hũ seu c(onhecimen)to e per outro do escriuão de seu cargo vos mãodo etc. na forma. ElRey nosso s(e)ñor o mãodou pellos doutores damyão daguiar, etc. e Jeronimo P(e)r(eir)a de Saa etc. Fr(ancis)^{co} de Pauia a fez en Lix(bo)^{a} a tres de nouembro de mil e quinhentos nouẽta e sinquo, e eu Fr(ancis)^{co} Nunes de Pauia a fiz escreuer.

(D. Felipe I, Liv. V de Legitimações e perdões, fl. 143).

VII. — Dom Felipe, etc. Faço saber q(ue) Belchior Bugalho, m(orad)^{or} na Villa de Sousel, me emviou dizer per sua petição q(ue) seruindo de alcayde e cac(e)r(eir)^{o} na dita uilla tinha preso em seu poder quatro presos, e hua noute do mes de set(emb)r^{o} de nouenta e sinco, as duas oras depois de mea noyte lhe minarão a cadea, e ouvindo o Rebolisso dos presos acodira a dita cadea, e a achara minada, e ao tal t(em)po era fogido hũ sigano, q(ue) estaua preso por se dizer furtar hũ cauallo, e bradara a minha Vos, e acodindo gemte estrouara a fogida aos outros, q(ue) na dita cadea estauão, e logo como fora manham se fora em busca do sigano que lhe auia fogido, e o achara, e

o prendeo, e ora o tinha preso na dita cadea como se podia ver da çertidão q(ue) apresentou; e me pedia auemdo Respeito ao assyma dito, e ser casado cõ sete f(ilh)os lhe perdoasse a culpa q(ue) nisso tiuera, e R(eceberi)a mersse; e v(is)to seu Requerim(en)to e hũ parece cõ hũ passe, ey por bem, e me pras de perdoar ao sop(lican)te a culpa da fogida do preso sigano de q(ue) faz mẽção pollo modo q(ue) o declara, v(is)to o que alega, e isto liurem(en)te auendo Resp(ei)to a o premder per sua emdustria vos mãodo etc. na forma. ElRey nosso s(enh)or o mãodou pollos doutores Damião daguiar, e Dyogo llameira etc. Amt(oni)o Fr(ancis)co de Pauia a fez em Lix(bo)a a dezaseis de dez(emb)ro de mil quinhentos nouenta e sinco, Fr(ancis)co Nunez de Pauia a ffez escrever.

Leua clauzulla q(ue) este perdão lhe não vallera chamãodosse o dito presso a ordens ou a ymmonidade de ygr(ej)a.

(D. Felipe I, Liv. V de Legitimações e perdões, fl. 211).

VIII. — Dom Felipe, etc. Faço saber q(ue) Sebastião de Mid(ei)ros, m(orad)or na Villa de Ferre(ir)a do Cãopo de Ourique me emviou dizer por sua petição, q(ue) sendo elle alcaide e carcereiro na dita Villa o anno passado de 592 sendo-lhe emtregue preso hũ Grabyel de Sousa, cigano per culpa de ser achado com hũ pouquo de fato furtado q(ue) poderia valer mil r(ei)s, lhe fogira da cadea, da qual culpa da fogida tinha perdão, de que eu lhe fizera merce, e fogindo lhe da cadea fora tras elle, e se acolhera a ygreja da dita Villa, e sobira ao telhado della, e elle sop(lican)te lhe Requerera q(ue) se desese do telhado, e se desse a prisão, e elle o não quisera fazer, e per não querer decer nẽ tornarse a prisão, elle sop(lican)te lhe tirara cõ hũa pedra de q(ue) o ferira, e lhe fizera nodoas de q(ue) loguo fora são, e desaparecera da ygreya, e elle sop(li)(can)te se posera em livram(en)to, e fora citado per editos, e avido por sitado, e lamcado de parte, e o feito se persegia, per parte da yust(iç)a; E por q(ue) era pobre, e tinha molher e f(ilh)os q(ue) manter, e andava amorado me pedia ouuesse por bem de lhe perdoar algũa culpa, se a no caso tiuera, per q(uan)to o dito cigano fora e era são sem aleiyão, e sem desformidade e apresentava certidão dos termos ẽ q(ue) estaua o feito, e R(eceberia) m(ercê); e v(is)to seu Requerim(en)to, e hũ parece cõ ho meu passe, ey per bem, e me praz, se asi he como o sop(li)can)te diz, e mais não ha de lhe perdoar a culpa do ferimento da pedrada e nodoas, de q(ue) faz menção polo modo q(ue) o declara, v(is)to o q(ue) alegua, e pagara 500 r(ei)s para a piaded em Lix(bo)a a dous dabril de 593. E per q(ue) elle tem pagos os ditos. 500. r(ei)s ao Resebedor do d(inhei)ro aplicado a piedade a q(ue) ficão caregados em Reseita pollo escrivão de seu cargo como se vyo per seus asinados per tãoto vos mãodo, etc. na forma. ElRey o mãodou pollos doutores Belchior damaral e Damião daguiar, etc. Fr(ancis)co Nunes de Pauia o fez em Lix(bo)a aos oyto de mayo de mil 594.

(D. Felipe I, Liv. VI de Legitimações e perdões, fl. 248).

IX. — Dom Felipe etc. Faço saber q(ue) Vasquo Diaz, m(orad)^{or} na Villa dArraolos me emuiou dizer per sua petição, q(ue) sendo elle cac(erei)r^{o} na dita Villa o anno de nouemta, e tendo nella presos na cadea de baixo e a bom rrequado tres siganos q(ue) andavão vadios pollo Reyno, e hũ escravo per nome Andre pollo furto de hũa eguoa e de certo d(inhei)r^{o} de seu s(enh)or, o p(adr)^{e} Manoel Diaz q(ue) lhe fora tomado na continente q(ue) o furtara e fiquara emtregue o d(inhei)r^{o} a seu dono e a eguoa, os ditos presos lhe fogirão hũa noite de tempestade minando a cadea sem culpa do sop(lican)^{te} hũa das noites do fim de dezembro do dito anno; e per q(ue) elle sop(lican)^{te} tinha feito deligencias pollas terras vezinhas sem os poder prender, nem achar como constaua das certidõis e estrom(en)^{to} q(ue) offerecia, me pedia lhe perdoasse a culpa de lhe fogirem os ditos presos, o Resceberia merce; e v(is)^{to} seu Requerim(en)^{to} e hũ parece cõ hũ passe, ey per bem, e me praz se assy he como diz, e mais não ha, de lhe perdoar a culpa de lhe fogirem os prezos sendo cac(erei)r^{o}; v(is)^{to} o q(ue) alegua e ymformação q(ue) se oue pollo c(orreged)^{or} da comarqua, e pagara mil r(ei)s p(ar)^{a} as desp(es)^{as} da mesa do despa(ch)^{o} do desembargo do paço, e por q(uan)^{to} os ya pagou ao resebedor do d(inhei)r^{o} das ditas desp(es)as como se vio per hũ seu co(nhecimen)to vos mãodo etc na forma. ElRey nosso s(enh)^{or} o mãodou pollos doutores Belchior dAmaral e Damjão dAguiar etc. Christouão cald(ei)r^{a} a fez em Lix(bo)a vinte seis dout(ubr)^{o} de mil 594 Lucas Vieyra a fez escrever.

(D. Felipe I, Liv. VI de Legitimações e perdões, fl. 345).

X. — Dom Felipe etc. Faço saber que M(anu)^{el} da Costa, m(orad)^{or} na cidade de Portalegre me ẽviou diser que o ouuidor do priorado do Crato o premdera na dita villa do Crato por ser culpado ẽ hũ ferimento que fora feyto a llujzote cigano no termo da dita villa, Imdo o Juis de fora da dita cidade com gente de pee e de cauallo a penada ẽ que elle sup(lican)^{te} entraua em segimento do dito cigano e doutros de sua companhya, e elle sup(lican)^{te} se liurara do dito caso, e per sentença da Rolação saira solto e lyure, e estaua nella preso per m(anda)^{do} do dito ouujdor que lhe dera hũa herdade sua no termo da dita villa por prisão, da quall se sahira e fora a dita cidade de Portalegre e outras partes, e sendo achado menos o dito ouvidor fizera autos e aos xiiii d(ias) do mes de março pello encontrar no campo dentro das terras da dita herdade o premdera e o emtreguara ha hũ t(abeli)^{am} Sebastyão Moutel e de sua mão fogyra não estando ajmda peguado nelle nem fazemdo outra alleguũa Registencia, e o d(i)to t(abelli)^{am} lhe tjnha p(er) doado, me pedya lhe p(er) doase a cullpa que tynha nas ditas duas fogydas, v(is)^{to} ser livre do caso primcipall, E R(ecaberia) Mercê; E v(is)to seu Requerimento e hũ parece com ho meu pase ey por bem e me praz de p(er)doar ao sup(lican)^{te} ha cullpa de se sajr da prisão, e de fogir dos maãos do t(abelli)^{am}, pollo modo que declara, v(is)^{to} ho que halegua, e o p(er)dão do t(abeli)^{am}, e paguara mjll r(ei)s

para as despesas da casa do despacho que paguão R.os dellas he forão sebrelle per seu scripvam correguados ẽ Recepta vos mando etc na forma. El Rey ho mandou pellos doutores Amt(oni)o da Guama he Damjam dAguiar. Belchior pinto a fez ẽ lix(bo)a aos xxx d(i)as do mes dabrill de m. bc. lxxxvij João da costa a fez escrepver, Leua clausola que tome carta de seguro em xxx d(ias).

(D. Felipe I, Liv. VII de Legitimações e perdões, fl. 52 v.).

(Continúa).

P. D'AZEVEDO.

DIALECTOS TRASMONTANOS

(Contribuições para o estudo da Dialectologia Portuguesa)

V

LINGUAGEM POPULAR DA JUNQUEIRA

A Junqueira é uma povoação proxima da Matella (vid. *Dial. trasm.*, I). Na occasião em que fui á Matella, uma mulher da Junqueira ditou-me a seguinte xácara:

1. Indo eu *por hi* [1] a baixo
A saber dos meus amores,
Incontrei [2] um laranjal
Carregadinho de flores.
5. Deitei-me á sombra d'elle,
P'ra que me *num* [3] queimasse o sol.
Lá p'lo meio da noute
Oubi cantar o *reixinol* [4].
—Reixinol que tão bem cantas,

[1] Na Beira tambem se diz *p'r' hi a baixo*. Propriamente deve escrever-se *i*, pois que é o lat. ibi, com prothese de *a*.

[2] Vid. *Dial. trasm.*, I, 8.

[3] *Ib.*, I, 17. A fórma *num* é tambem muito commum na Beira. Vem da arch. *nom*, em proclise.

[4] = *roixinol*. Parece haver influencia de *rei*, do mesmo modo que no hesp. mod. *ruiseñor* (ant. *rpseñol, roseñor)* houve influencia do nome proprio *Rui*, pedido pela terminação *-señor*. — A fórma *reixinol* apparece tambem noutros pontos: vid. *Trad. pop. de Portugal*, § 295.

Adonde *fostes* [1] aprender?
—Ós palacios da rainha,
D'onde o rei *stabàiscreber* [2].
O rei '*staba* na *baranda* [3],
E a rainha no quintal:
Atiraba-se um *ó ótro* [4]
Com *pědrinhas* [5] de cristal.
Stabão colhendo laranjas,
Do seu rico laranjal:
As agras a *bintém* [6]
E as doces a rial,
Aquellas mais bonitinhas
Diz [7] qu' erão para el-rei *jêntar* [8].

Tanto pelo que se vê do texto e das notas, como pelo que eu pude observar directamente, a linguagem da Junqueira não differe, ou, se differe, é em pouco, da da Matella.

VI

LINGUAGEM POPULAR DE CHAVES

E' Chaves, como se sabe, uma villa sobre o Tamega, no Norte de Tras-os-Montes, a poucas legoas da raia gallega. Corresponde á antiga *Aquae Flaviae*.—Nunca fui a Chaves, mas, tendo fallado por vezes em 1885 com um homem natural de lá, e que a esse tempo estava doente no Hospital da Misericordia do Porto, que eu então frequentava como estudante, observei nelle a maior parte dos factos que constituem este artigo; os outros obtive-os de diversas proveniencias.

A) Phonologia

1. O *e* tonico tem o valor do *e* mirandês (*e* hespanhol), que eu designo aqui por *è*,—ex.: *sèmos, èsta, bès, comèu, morrèu, sèmpre, tèmpo, òrèlha, bèlho*, etc. Este som do *è* fica entre *é* e *ê* normaes portugueses, e é muito vulgar na raia trasmontana.

[1] =*foste*, muito commum no país todo, assim com *-s* analogico.
[2] Lêde *sta-bài-scre-ber* (=estava a escrever).
[3] *b*=*v*. Vid. *Dial. trasm.*, I, 12; cfr. supra, *oubi*, no verso 8.
[4] Vid. *Dial. trasm.*, I, 1.
[5] Com o *e* surdo. Na Beira-Alta, por ex.: diz-se *pèdrinha*.
[6] Vid. not. 7.
[7] O povo costuma empregar muito a fórma impessoal *diz* no sentido de *diz-se* (lat. *dicitur*, etc.).
[8] =*jantar*. Tambem se usa na Beira-Alta.—Lat. jentare.

2. *a*) O ditongo litterario *ei* sôa aqui *âi*, como na Beira-Alta, por ex.: *râi* (=*rei*).

b) Igualmente a *-em* litterario (tónico) corresponde aqui *-ãi*, como na Beira-Alta, por ex.: *bãi* (=bem), *tãi* (=tem), *ãi* (=em). Esse ditongo *ãi* é *âi* nasal. Cfr. *Dial. trasm.*, IV, 15.

3. O *o* tonico creio ter tambem o valor do *o* mirandês e castelhano, por ex.: *òrèlha, òsso, òbo, pòbo.* Como fiz com o *è*, represento-o aqui por *ò*. O som *ô* supponho não existir popularmente em Chaves, como decerto tambem não existe *ê*.

4. *a*) As nasaes não tem a gutturalidade das do Minho; são-no como na Beira-Alta, — por ex.: *campo, irmã, irmãs, irmão, irmãos.*

b) As vogaes antes de consoante nasal são nasaladas, como em grande parte do país, — por ex.: *nĩno.*

c) Em *hòme* perdeu-se a nasalidade final, o que succede frequentemente no Norte do reino (nas syllabas com *e* átono).

d) Os seguintes factos, porém, que recolhi, mostrão que *en* (*em*) átono tende a tornar-se *in* (*im*), por ex.: *dízim, bindèr, timporada, fázim.*

5. O ditongo litterario *ou* é constantemente substituido por *öu*, — ex.: *möuco, papöula, cansöu, achöu-a, söu, öu, matöu.* Este phenomeno, que eu notei tambem nos arredores de Bragança, é muito caracteristico do Norte trasmontano. — Cfr. adeante. — Sobre o valor do *öu* cfr. Gonçalves Vianna in *Rev. Lusit.*, I, 162 e 224. Este som estende-se á Beira-Baixa: vid. A. Alves in *Rev. Lusit.*, II, 241.

6. Existe o som *ch*, por ex.: em *chúiba*, — o que é caracteristico dos dialectos do Norte do Mondego.

7. Não posso assegurar se existe *ç* ao lado de *s*, com quanto tenha notadas nos meus apontamentos as seguintes palavras: *sòco* e *çapatos.* O que só posso assegurar é que pelo menos existe o som do *s* (i. é, *s* reverso da Beira-Alta). E' todavia muito provavel que os dois sons existão.

8. O som *v* é substituido por *b*, facto corrente na raia trasmontana.

9. Nos dissyllabos *èa* e *òa* não se evita o hiato pela intercalação de uma vogal, como succede em muitos pontos do país: assim temos em Chaves *cèa* (=ceia), *mèas* (=meias), *aldèa* (=aldeia), *dèa* (=dê); até mesmo ouvi *achèa* (=achei-a). Igualmente *bòa, abòa*, e não, como por exemplo, em Mondim da Beira, *bôua.* De facto, se em Chaves o *o* se ditongasse neste caso em *ou*, teriamos, em virtude do § 5, *öu;* por tanto não póde ter havido illusão acustica na observação de *bòa* e *abòa.*

10. Temos *s* impuro no principio das palavras: *strèla, sprito, stá.* Este facto é corrente no Minho.

11. Diz-se *anindastes* e *ane fostes tu* a par de *and'indastes* e *ande fostes tu*, por *onde andaste*, etc. Temos de considerar aqui dois factos. O primeiro é que *ande* está rigorosamente por *aonde* (pronunciado * *aõde*) e não por *onde*, reduzindo-se *aon* (* *ão*) a *an* (*ã*) na proclise, como

succedeu com *mão* em *mancheia*, *tãobem* em *tambem*, etc. O segundo facto é a assimilação do *d* á nasal precedente, do que resultou *n*, por ser *n* o som nasal que ha mais semelhante a *d*; este facto tem parallelos noutros pontos do país, por exemplo no Sul, onde ouvi *inàgóra* (=inda agora), etc.

B) Morphologia

12. *Adjectivos.* — O adjectivo *sò* é biforme, contrariamente ao que succede na lingua litteraria: temos pois em Chaves, como em grande parte da raia trasmontana, *sò* e *sòa*, correspondentes ao lat. solus, sola. Cfr. *abò* e *abòa*.

13. *Números.* — O plural de *anel*, *funil*, *guarda-sol*, é respectivamente *anéles*, *funíles*, *guarda-soles*, talvez porque aquellas palavras recebão um *-e* de encôsto, analogamente ao que succede em muitos pontos do país, — *anêle*, *funíle*, *guarda-sóle*, vindo então os pluraes a ser regulares. *Quintal* faz no plural *quintaIles*, representando eu por I um *l* gutturalizado, devido á influencia do *a*. — Em vez de *maçã* ouvi *mação*, com o plural analogico *maçõis*; mas será isto um facto geral, ou devido a alguma influencia individual (do Minho)?

14. *Pronomes.* — Diz-se *möu*, *töu*, *söu* (por *meu*, *teu*, *seu*), quer em proclise, quer absolutamente, como: *töu pai*, *söu pai*, *é möu*. Isto é, temos em *möu*, *töu*, *söu* o mesmo som que em *möuco*, notado no § 5. Para não ter dúvida na pronúncia, mandei pronunciar ao mesmo tempo, de um lado *möu* e *möuco*, e do outro lado *möu* e *comèu* (§ 1), havendo igualdade no primeiro caso, e perfeita distincção entre *öu* e *èu* no segundo. — Estes pronomes devem explicar-se por **mou*, **tou*, **sou*, pois em mirandês temos *tou* e *sou*, sobre os quaes vid. o meu *Dial. mirandês*, pag. 20.

15. *Verbos.* — Eis várias flexões avulsas:

a) *Ser* faz *sèmos*, *sèdes*, *são* (por *somos*, *sois*, *são*). *Sèmos* segue a analogia da 2.ª conjugação (*temos*, *vemos*, etc.); *sèdes* segue a analogia de *sèmos*. E' todavia interessante verificar-se aqui a existencia do *d* archaico na 2.ª pessoa do plural. A fórma *semos* é vulgar no país.

b) O verbo *querer*, proclitico, tem a fórma *qués*, na 2.ª pessoa do singular do presente do indicativo, como em: *què*s *ir* (=queres ir); cfr. *Dial. beirões*, VI, pag. 15. Esta fórma *qués* existe tambem na lingua archaica, e o Sr. Adolpho Coelho, nas *Questões da ling. port.*, I, 419, explica-a por syncope intervocalica do *r* de *queres*, estabelecendo comparação com *mãe* = madre, *coentro* = coriandrum, e *proa* = prora; mas nem a explicação me parece boa, nem os factos comparados são analogos. Sobre a fórma *mãe* vid. a minha *Evolução da linguage*, pag. 74, onde tentei uma explicação. Em coriandrum e prora, o *r* cahiu respectivamente por dissimilação. — A fórma *qués* vem de *quer's* por assimilação do *r* ao *s* (absorpção); a fórma *quer's*, por *queres* (syncope), ainda hoje se diz.

c) Sobre *dízim* e *fázim*, vid. § 4-*d*.

d) Sobre *comèu*, *morrèu*, etc., vid. § 1.

e) O presente do conjunctivo de *dar* é *dèa* (§ 9). Tambem a um meu condiscipulo de Alijó ouvi «p'ra que se *deia*» (= *dê*), e creio ter ouvido ésta fórma noutras localidades. O *a* final talvez seja devido a alguma analogia.

f) Diz-se *mixo* (= mexo). Deve explicar-se por influencia de *mixer* (= mexer), pois um *e* átono ao pé de *x* palatiza-se. E' assim tambem que se diz em alguns pontos *acoméde-se*, por influencia de *acomedar-se* (dissimilação de *accommodar-se*), *considro* por influencia de *consid'rar* (= considerar), etc. Quero dizer: segundo as leis da lingua, *mexo*, *accommóde-se* e *considéro* não podião de modo algum ter dado directamente *mixo*, *acoméde-se* e *considro*, por serem tónicas as vogaes *é* e *ó*, e por isso resistentes; mas em *mexer*, *accommodar-se* e *considerar* o caso muda completamente de figura, porque essas vogaes são átonas, e por tanto sujeitas a quédas e a mudanças, conforme os casos. — Isto são factos elementares de glottologia, mas não faz mal insistir nelles.

16. *Particulas*. — Cito aqui adverbios e interjeições:

a) Diz-se *ande* e *ane* por *aonde* (através de * *ãode*) em proclise: vid. § 11. Eis outro exemplo «fic' *and'* ó Porto», por «fica ao pé do Porto»; aqui *and'* tem o mesmo valor que no Minho em phrases analogas.

b) «Fui p'r' *àlá*» (= para lá). A fórma *alá* é corrente na raia, e tambem existe em gallego.

c) *Desantão* (com *e* surdo) = desde então.

d) Como adverbios de quantidade: *tantinho* e *munto*.

e) *ulo* (adv. interrogat.), «onde?». Do arch. *ullo* = u b i i l l u m (* ub'lu-). Fórma mui usada em Tras-os-Montes.

f) *Éch* ou *éche* (com *ch*, não *x*) é uma interjeição que corresponde a *é verdade*, etc. Exemplos: «Eu tenho e tu não, *éch!*»; «*éch!* tu não foste».

C) Vocabulario

Abòa, avó: cfr. § 12. — As fórmas archaicas erão *avoo* e *avoa*, como no hesp. *abuelo* e *abuela*, respectivamente do lat. * a v i ó l u s e * a v i o l a. Em gallego tambem ha *avoa:* vid. Valladares, *Dic. gall.*, s. v.

Abundar, trazer. — Ex.: «*abonda* cá esse pau!». Do lat. a b u n d a r e, tendo porém havido grande desvio de sentido.

Alá, lá. — De *a* + *la* = lat. (i l) l a c.

Aláijado, aleijado. — O português *aleijar* formou-se sobre *aleijão*, i. é, *alejão a-lejão*, do lat. l a e s i o n e m, onde *si* intervocalico deu normalmente *j*, como em arch. *cajom* = (o c) c a s i o n e m. O *i* desenvolveu-se entre *e* e *j*, por influencia da palatal, facto corrente na lingua.

And', aonde. — Vid. § 11.

Anibéstre, amigo. — Ex.: «F. é munto *anibestre* de F.» [?].

Anta, certo peixe do Tamega.

Antão, então. — Vid. *desantão*.

Binder, vender. — Vid. §§ 4-*d* e 8.

Boura, pancada. — Esta palavra não a ouvi; foi um amigo quem m'a communicou. Deve porém ser *böura,* em virtude do § 5.

Cadôlo, pedra de açucar [1].

Cadúlo, terra encoscorada com a geada.

Capucha (com *ch,* não *x*), chale. — Os povos serranos da Beira-Alta, usão uma especie de manto, que cobre a cabeça e parte do corpo, substituindo assim o chapeu, — e tambem se lhe chama *capucha.* De *cap(a)* + *-ucha.* Sobre o suffixo *-ucho, -a,* vid. *Revista Lusit.,* II, 271; sobre a etymologia de *capa,* vid.: Diez, *Etym. Wörterb.,* I, s. v. *cappa;* e Körting, *Lat.-Wört.,* s. v. *cappa.*

Caracha!, caramba! — A fórma *caramba* veiu-nos do hespanhol; parece ter dado *caracha* por simples troca da terminação *-amba* por *-acha,* em virtude de euphemismo: cfr. *Diacho* por *Diabo.* Effectivamente o suffixo *-acho, -a,* aqui tem valor depreciativo: cfr. *Rev. Lusit.,* II, 272.

Carambêlo, gêlo. — Cfr. *Dial. trasmont.,* I, Vocab., s. v.

Carôlo [2], pedaço de pão. — Na Beira-Alta tambem se diz «um *carôlo* de pão», significando um pedaço de pão de milho sem côdea.

Carpins, meias curtas (de homem). — Ad. Coelho, *Dic. etym.,* deriva esta palavra de *crepins* (de *crepe*).

Chúiba, chuva. — Do lat. pluvia. A fórma *chuiba* representa a arch. *chuiva,* fórma anterior de *chuva.*

Cibo, bocadinho. Ex.: «um cibo de pão». — Na Beira-Alta tambem se diz assim, e «um cibinho».

Cortínha, terra de semeadura, cercada de parede. Cfr. Viterbo, *Elucidario,* s. v. — De *côrte* (cfr. Viterbo, *ib.,* s. v. *cortinhal*), do lat. cohortem (cortem). A palavra *cortínha* é tambem usada no Baixo-Minho.

Des, desde. — Vid. *desantão.*

Desantão, desde então. — A fórma *des* (com *e* surdo) é vulgar hoje em certos compostos, como *desonte* (desde ontem), etc., e é archaica: lat. de ex. *Antão* tambem é muito vulgar (Beira, etc.) = arch. *entam* = arch. *entom* < lat. in tum.

Eido, logar. — Creio que se diz, mas não affianço (porque neste ponto os meus apontamentos estão incompletos): «Foi ao vento — Perdeu o *eido*», — rima infantil correspondente a

«Foi ao vento — Perdeu o assento»
e «Foi ao ar — Perdeu o *logar*»

muito usada noutras partes (cfr. *Rev. de glottolog. e de ethnolog.,* pag. 48). O etymo de *eido* é o lat. aditum: vid. D. Carolina Michaëlis,

[1] Segundo as minhas notas, nesta palavra ouvem-se dois *ll,* sendo o primeiro gutturalizado.

[2] Faço a respeito d'esta palavra a mesma observação que na nota a *cadôlo.*

Studien zu Hisp. Wortdeut., § 16. — Esta palavra usa-se no Minho, e em gallego, onde significa: «terreno cerrado y cercano á la casa de su dueño», e «sitio qualquiera que no se quiere expresar» (Valladares, *Dic. gallego*, s. v.). A ultima significação parece ser correspondente á que o vocabulo tem em Chaves; a primeira significação existe no Minho. Na Beira-Alta conheço a palavra apenas no onomastico.

Endo, logar. Ex.: «fui ao *endo*», «fui áquelle *endo*» (creio que não ha confusão com *eido*). — Terá alguma relação com a fórma ant. *ende*, que significa *d'ahi*, etc.?

Galafura, buliçoso. — Cfr. gallego *gallarufa* e *gallaroufa:* «agitação, barulho, algazarra» (Valladares, *Dic. gall.-cast.*, s. v.).

Indar, andar. — Será fórma commum?

Ingaliar, pegar ao sôco. — Cfr. gallego *galear*, que significa «gallear, alzar la voz com amenazas» (Valladares, *ib.*, s. v.). O radical é evidentemente *gallo-*.

Inxações, injecções. — Por etymologia popular.

Jarmim, jardim. — Por influencia de *jasmim?*

Jolho, joelho. — Esta fórma assenta immediatamente na archaica *geolho*. Em gallego tambem ha *jollo* (e *gioullo*): vid. Valladares, *Dic. gall.-cast.*, s. v. *jollos* e *gioullos*. O etymo é o lat. genuculum [1], que deu successivamente: * *gẽolho* > *geolho* > *giolho* > *jolho*.

Lameiro. — Perdeu-se-me a nota em que tinha a significação d'esta palavra, mas creio que *lameiro* significa o mesmo que na Beira-Alta, i. é, «um campo á beira do rio, onde se cria successivamente herva para o gado e milho» (um prado natural). De *lama* + *-eiro*.

Mação, maçã. — Assim se diz no Minho. Será geral em Chaves?

Majarico, mangerico. — A fórma primitiva é *majarico;* do √*majorana* + -ico? Sobre *majorana* cfr. Körting, *Lateinisch-romaniches Wörterb.*, § 493.

Mandil, avental. — O etymo d'esta palavra é arabe. Ainda hoje temos o ditado:

Em Abril
Agoas mil,
Coadas por um mandil.

Miola, tutano. — Na Beira-Alta tambem se diz *miólas*, mas no sentido de pão de milho. Do lat. medulla, através de * *meola*.

Munto, muito. — Vulgar no país.

Nino, ninho. — Parece ser troca do suffixo: *-ino* por *-inho*. (Nos meus apontamentos tenho nota de que o *i* de *nino* é nasalado).

Níscarro, cogumello. — Na Beira-Alta, etc. diz-se *míscaro* (e tambem já ouvi *míscarro*). De al-miscar. O *o* final explica-se como

[1] Por *geniculum*. O deminuitivo genuculum, ou antes genuclum, encontra-se no verbo congenuclare, citado por Nonius: cfr. Diez, *Gr. d. l. rom.* I, 14; Bréal & Bailly, *Dict. etym. lat.*, s. v. *genu*.

em *Bítaro* = Victor: *Dial. interamn.*, III, 22. A mudança de *m* em *n* é mais difficil de explicar: cfr. porém *nespra* (nespera) do lat. * mesp'la (de mespilum); tambem em fr. *nèfle*, it. *nespola*, hesp. *nespera:* o que leva a crer que neste caso *n* por *m* remonta ao latim vulgar.

Palhito, palito. — Influencia de *palha;* concorreria tambem o facto de os dentes se poderem espevitar com uma palha, como muitas vezes se faz.

Pantalònas, calças. — Tambem se usa noutros pontos da raia. Do hesp. *pantalon* (pl. *pantalones).* Cfr. Körting, *Lat.-Wört.*, § 5861 e 8913: a palavra provirá de *Pantaleon,* nome proprio tornado commum, facto de que ha muitos exemplos nas linguas.

Pinasco, pino para jogar. — De *pino* + *-asco.* — Cfr. Körting, *Lat.-Wört,* § 6147.

Pitar, traçar.

Pòta, cantaro de barro. — Fiminino de *pote.*

Poula. (Encontrei esta palavra num jornal da localidade, o qual porém se me extraviou. Supponho significar «terreno para pasto de gado». Lat. pabulum).

Repòlga, cogumelo que se cria nos castanheiros. Do $\sqrt{\textit{repullulare}}$, isto é, de * repullicare (cfr. *repullescere)* > * repolgar. A' mesma familia pertence *repolho.* O *p* intervocalico não abrandou em *b*, segundo a regra, por causa de *re-*, cuja funcção como prefixo se fazia ainda sentir: cfr. *receber* de recipere (que, se não fosse isso, devia dar *rezeber),* a par de *concipere, percipere,* etc.

Sòa, fem. de *só.* — Do lat. *sola.* Cfr. § 12.

Stauladas, (stau-la-das), pàuladas.

Tamaninho, um bocadinho. — De *tamanhinho;* o *nh* parece que deu *n* por dissimilação (*nh-nh*).

Tantinho, um tanto, um pouco. Ex.: «*Tantinho* de pão». — Tenho ouvido ésta palavra em muitos pontos de Tras-os-Montes.

Timporada, temporada. — Cfr. § 4 — *d.*

Ulo, «onde?». — A' lettra: «onde o?». Cfr. § 16 — *e.*

Os factos precedentes não são bastantes para se poder caracterizar com elles perfeitamente a linguagem de Chaves; todavia alguns encontramos que a fazem entrar no sub-dialecto raiano. Da anályse de maior número de factos havião de certamente resultar mais analogias com o gallego do que aquellas que citei. Alem da vizinhança da Galliza, existião outr'ora relações sociaes muito íntimas entre esse país e o territorio portuguès fronteiro: ainda no sec. XVI o castello de Picoña (na Galliza) pertencia ao senhorio de Montalegre, e pagava fóros ao senhor de Chaves [1].

[1] Vid. Viterbo, *Elucidario,* s. v. *castellatico;* e cfr. tambem s. v. *cesteiro* e *jugada inteira.*

VII

LINGUAGEM POPULAR DE VILLARANDELLO

Esta povoação fica no concelho de Val-Paços. Sobre a linguagem de Val-Paços vid. *Rev. Lusit.*, II, 255 sqq. (artigo do Sr. Joaquim de Castro Lopo). O que adeante vou dizer é extremamente pouco, pois, como a respeito de muitas outras terras me succede, baseio-me em apontamentos tomados avulsamente e ao acaso, segundo as occasiões.

1. O *o* tonico aberto é exactamente como em Fornos (Freixo-de-Espada-á-Cinta): vid. *Dial. trasmont.*, III, § 1.

2. Distingue-se *s* de *ç*, tambem como em Fornos, etc.: vid. *Dial. trasmont.*, III, § 2; e cfr. Lopo, in *Rev. Lusit.*, II, 255.

3. Ouvi dizer *rão* em vez de *rã* (cfr. *Dial. trasmont.*, VI, vocabul., s. v. *mação*), mas *irmã* (e *João*).

4. **Verbos.** Diz-se *fái* (por *faz*) e *hái* (por *ha*, impessoalmente), fórmas correntes na raia.

5. **Pronome possessivo.** Diz-se (segundo as informações que tenho) «*mou* pai», «*tou* pai», «*sou* pai» (com o feminino *minha, tua, sua*): cfr. *Dial. trasmont.*, VI, 14.

6. Usa-se, como em Chaves (*Dial. trasmont.*, VI, § 16-*e*) a fórma *ulo*, mas, segundo as informações que me derão, *ulo* parece corresponder a *elle*, por ex.: «q'é d'*ulo?*», «q'é d'*ula?*», em interrogações.— Em Gil Vicente tambem apparece *ulo* (ullo); essa fórma é vulgar na raia trasmontana e minhota: vid. *Dial. interamnenses*, VIII, pag. 21.

7. **Vocabulos avulsos**: *feirão* (como em Amarante) significa «mercado pequeno», dando-se o nome de *feira* a um grande; *matriar* diz-se de uma ferida que suppura (*matriar* = materiar, pois que na linguagem vulgar *materia* é synonimo de *pus*).

VIII

LINGUAGEM POPULAR DE VIMIOSO

Fallando em Agosto de 1888 com um soldado natural da villa de Vimioso, observei o seguinte.

A) Phonologia

1. O *e* aberto e fechado do português ordinario pronuncia-se em Vimioso com um só som, intermédio entre o nosso *é* e *ê*, isto é, com o som do *e* hespanhol. O mesmo succede com o *o*, que é tambem igual ao *o* hespanhol. Não ha differença pois nas vogaes tonicas de *pèra, pèna, pèdra, pè, èle, èla, èsse, èssa*, etc., e nas de *pò, pòdre, pòbre, pòço.*

(Este facto foi tambem verificado por outras pessoas que assistírão á conversa). — Cfr. *Dial. trasmont.*, III, § 1, etc.

2. O *en* (*em*) atono pronuncia-se como no Porto e em Miranda, isto é, com *e* surdo, ex.: *pĕnsamĕnto, sĕntimĕnto.*

3. As nasaes não tem a gutturalização do Minho, são pronunciadas como em Lisboa, ex.: *cvto, irmv* (cfr. adeante, x, 5-*a*). Ao mesmo tempo que ouvi a pronúncia do soldado de Vimioso, ouvi a de gente de Lisboa que estava ao pé, e confrontei uma pronúncia com a outra.

4. O ditongo *ou* pronuncia-se *öu*, ex.: *möuro, pessöua, deixöu* (i. é, *dâixöu*, vid. § 6), *söu*, etc., — com um *u* muito distincto. Cfr. *Dial. trasmont.*, VI, 5.

5. No fim das palavras *-em* soa *êim* (i. é, *êi* nasal) nos verbos: *còrrêim* (= correm), *fúgêim*, etc. O soldado syllabou clarissimamente *fú-gêim*. — Nos substantivos o *-em* desnasaliza-se: *hóme, bírgĭ* (= virgem, vid. § 8); *onte.*

6. O *-em* tonico dá *-âĩ* (i. é, *âi* nasal), como em Lisboa e na Beira-Alta: *bintâĩ, tâĩ* (= tem). Da mesma maneira *ei* dá *âi*, como em *râi, sâi* (= rei, sei).

7. O *-ão* conserva-se: *andárão.*

8. O *-e* atono depois da palatal dá *-ĭ*: *fúgĭ, bírgĭ.*

9. Não existe o som *ü* do Fundão. O *u* tem o valor normal português.

10. O *v* é geralmente substituido por *b*, como em *binho* (= vinho), *uba* (= uva), etc. Diz-se *varba* (= barba), por dissimilação.

11. Differença-se *ch* de *x*, como em todo o Norte.

12. Differença-se *ſ* de *ç* (tendo *ç* o valor que tem no Porto, e *ſ* o valor que tem na Beira): *çapato, ſapo.* A mesma distincção ha entre *z* e *ſ* intervocalico: *zelo, dezde, coiſa.* No fim de palavra e antes de consoante surda o *s* é attenuado, como em *caspa.* — Esta distincção entre *ſ* e *ç*, de um lado, e *ſ* intervocalico e *z*, do outro, tenho-a observado em toda a raia, desde o Minho até Almeida (na Beira-Baixa).

13. Não existe *l* gutturalizado. O soldado dizia *culᵉpa, silᵉba, calᵉdo*, com o mesmo *l* que em *lata.* (Este facto foi observado por várias pessoas. Com *lᵉ* quero apenas indicar que o *l* soa como em *lata*, etc.). No fim diz-se *sale, quintale*, com um *e* de encôsto, como no geral do país.

B) Morphologia

14. Diz-se *tibo* (por *teve*), fórma que tenho ouvido noutros pontos.

15. Em pausa, diz-se *mèu, tèu, sèu*; mas em proclise ha tendencia para dizer *möu, töu, söu*, ex.: «*möu* pai», «*töu* primo». Cfr. *Dial. trasmont.*, VI, § 14. — Esta variação phonetica dos pronomes possessivos conforme a sua posição na phrase dá-se noutros pontos do país.

C) Vocabulario

Furfalha, migalha de pão. — Alteração phonetica de *farfalha*;

o *a* deu *e*, por dissimilação (**ferfalha;* cfr. *selada*, etc.), e depois *u*, por influencia da labial vizinha.

Löurigão, ratazana.

Orelhada, bofetada.—De *orelha*.

IX

LINGUAGEM POPULAR DE BRAGANÇA

O moderno termo *Bragança* está em vez de *Brigantia, através de *Bregança*, que Viterbo cita no *Elucidario*. Quando em 1884 estive em Tras-os-Montes ouvi muitas vezes dizer ao povo dos arredores da cidade *Brègança* (com *e* aberto). Todavia *Bragança* já apparece em documentos do tempo de D. Sancho 1.º [1]; eu tenho encontrado em vários documentos antigos ora *Bergança*, ora *Bargança*.

O pouco que se segue colhi-o numa noute que passei em Bragança, em 1884.

A) Notas grammaticaes

1. Existe o ditongo *íu* em *fríu* (=frio), *tíu* (=tio), *píu* (=pio), palavras que são por consequencia monosyllabicas. Este ditongo é analogo ao dos verbos *fugíu*, *carpíu*, etc.

2. Diz-se *vinder*, *pintiar*, etc.; isto é, *en* (em) atono dá *in* (*im*): cfr. *Dial. trasmont.*, v, § 4-d. Será phenomeno commum?

3. O *o* é aberto em *pórco*, *óbo* (=ovo) e *ósso*, como acontece em toda a raia trasmontana. Este *o* tem provavelmente o valor do *o* hespanhol, já notado acima: *Dial. trasmont.*, VIII, 1.

4. Distingue-se *ch* de *x*.

5. Num epitaphio, no cemiterio da cidade, encontrei *dest*º (=destricto) e *admenistrativo*, onde se observa a dissimilação de *i-i*, a qual é geral no reino.

6. **Verbos.** *Dar* faz *dárão* (por *dérão*); o pret. da 1.ª conj. regular é em *-érão*, como *casérão-se* (=casárão-se). Parece que tambem se diz *dou* por *deu*.

7. Usa-se a phrase «ir *ond'* ó Sr. F.», que significa «ir *a casa do* Sr. F.». Cfr. *Dial. minhotos*, I, § 14.

B) Vocabulario

Alustres, relampagos.—Já o P.e Carmelo, no seu *Compendio de Orthographia*, Lisboa 1767, pag. 516, traz o termo *alustro* como popular, sem porém dizer de que região. Em mirandês diz-se *relisto* e *relistrar;* em gallego (*Dicc.* de Piñol, s. v.) *lóstrego*.—A fórma bragançana assenta no lat. *lustrum (cfr. *lustrare);* para o gallego

[1] Viterbo, *Elucidario*, s. v. *Bemquerença*.

tem de se admittir *lustricus; nas mirandesas parece ter havido influencia de *lista* e *listra*.

Bragançano, de Bragança. — Esta fórma representa a anterior de *bragançâo*, usada na litteratura antiga: vid. o meu art. *Notas de onomatologia portug.*, in *Rev. de estudos livres*, I, 42-43.

Casula, gancho de ferro no mangual ou malho.

Cerdeiro (masc.), cerejeira. — Na Beira-Alta diz-se *cerdeira* (fem.). Este nome *cerdeira* existe tambem no onomastico e em gallego.

Gogo, pedra. — Conheço este termo noutras localidades.

Mangueira, cabo do mangual.

Meã, uma das correias do mangual.

Mirandelo, de Mirandella. — E' assim que os de Bragança chamão aos habitantes de Mirandella («os mirandelos»). Não é este o unico caso de o nome da terra, tornado masculino, fazer de nome patrio ou gentilico; os nossos antigos tambem dizião *os Japões*; etc.

Pinchar. — Este verbo é transitivo, ex.: «o burro *pinchou* o dono», i. é: atirou com o dono ao chão. Sobre *pinchar*, cfr. Cornu, *Die Portug. Sprache*, § 136 (ainda que o etymo *pessulare, que elle dá, é difficil de justificar).

Pírtigo, a parte batente do mangual (i. é, a extremidade).

Raparigo, menino de collo. — Tambem em Miranda.

Ribeiro, variedade de trigo. Synonimo de *serodio* e *tremês*.

Rór, grande quantidade. Ex.: «c'um *ror* de coisas». — Formado de *(hor)ror*, em proclise. Muito vulgar no reino.

Serodio. — Vid. *ribeiro*. — De serotinus (**serôdĕo*).

Sidouro, correia do mangual.

Terra, região. Ex. «*Terra* de Bragança», «*Terra* quente» (=Mirandella), «*Terra* de Vinhaes». — Era uma designação geographica muito usada antigamente. Já num doc. do sec. XIII (*Elucidario* de Viterbo, s. v. *Azinhoso*) se lê: «terra de Bragança e Miranda». Esta designação encontra-se ainda hoje noutros pontos do Norte, ex.: «*Terra* da Feira», «*Terra* da Maia».

Tremês. Vid. *ribeiro*. — De *trimensis.

Ulo. Na expressão «q'é d'ulo?» (=que é d'elle), usada na Lombada, c. de Bragança. Cfr. *Dial. trasm.*, VII, 6, e VI, 16-*f*.

E a isto se reduz o que por ora tenho a respeito da linguagem moderna de Bragança. — Dizem-me que em Outeiro, c. de Bragança, ha algumas particularidades de linguagem dignas de nota. — O concelho de Bragança é um dos mais importantes do reino quanto á glottologia, pois nelle se fallão, alem do português popular, ou dialecto geral trasmontano, dois idiomas que não são propriamente o português, mas seus co-dialectos: refiro-me ás fallas de Riodonor e Guadramil. — Em viagens de *reconhecimento dialectologico*, que em 1883 e 1884 fiz pela provincia de Tras-os-Montes, colhi bastantes elementos, que successivamente irei publicando. — Um doc. do sec. XV, citado no *Elucidario* de Viterbo, s. v. *estremo*, diz: «...os de Bragança,

como gente simples e de estremo». Isto significa que Bragança, pela sua posição geographica, e pelas condições sociaes dos povos do concelho, está em circumstancias especiaes: taes circumstancias reflectem-se admiravelmente na linguagem.

X

LINGUAGEM POPULAR DE CASTRO D'AVELLÃS

Castro d'Avellãs, ou «o Crasto», como lá dizem, fica ao pé de Bragança. Estive lá em principios de Setembro de 1884. Quem sae de Bragança segue primeiro por uma estrada macadam, depois atravessa uns montados de mato; a poucos passos avista a povoação rodeada de campos frescos e verdejantes, com um riacho pelo meio, atravessado por um pontão; á entrada do logar encontra uma fonte, do systema trasmontano. O logar é pequeno e de casas humildes. O arvoredo vicejante que as cobria, quando eu lá fui, fez-me comparar aquelle sítio, assim bruscamente risonho entre as agruras selvaticas da provincia, com uma paisagem minhota. Tanto eu me julgava por um momento, não nas margens de Fervença, mas nas do Ave ou do Lima! Castro d'Avellãs possue uma igreja antiga, a porta de cujo adro está ladeada por dois leões de pedra, a respeito dos quaes um padre velho, que parochiava a freguesia, me contou uma lenda [1]. No adro havia uma inscripção romana funeraria, que hoje está, segundo creio, no Museu de Guimarães. — Em Castro d'Avellãs ou nos seus arredores existem outros restos de antiguidades, que já tem sido assumpto de estudos especiaes, que não vem aqui a propósito especificar.

Na minha curta visita pude observar alguns phenomenos de linguagem. Ei-los.

A) Phonologia

1. Existe um *o* tonico muito mais aberto que em mirandês: *fóme, hóme, óbo, bós* (=vós). A fórma *óbo*, com *o* mais ou menos aberto, é caracteristica da raia trasmontana e de certas localidades da Beira. Ouvi porém um *o* menos aberto no ditongo *oi* e *ou; bôi, andôu.* Fica

[1] E' a seguinte: Outr'ora, num castello vizinho, que hoje já não existe, um fidalgo entregou a mãe á furia de dois leões. Depois, arrependido do matricidio, confessou-se aos frades do Crasto, e foi condemnado por elles a encerrar-se vivo num tumulo, levando comsigo um fio do cabello da mãe, o qual immediatamente se transformou numa grande cobra que o matou lá dentro. O tumulo mostra-se ainda a um canto da igreja, e a memoria dos leões perpetua-se nos inoffensivos monos de pedra que hoje guardão o adro. — E' esta talvez uma das muitas lendas nascidas para a explicação de monumentos cuja significação se perdeu. A' cêrca do cabello mudado em cobra, cfr. *Trad. pop. de Portugal,* § 282-*j*, e Yevons, *Plutarch's Rom. Quest*, p. LXXXIX. Já Medusa, etc. tinhão cobras na cabeça.

pois estabelecida differença: de um lado, entre simples *o*, do outro entre *oi* e *ou*. No ditongo *ou* a subjunctiva *u* é pouco distincta.

2. O *e* é aberto em *tésto* (= têsto).

3. Existe o ditongo *áu* com *á* claro, ex.: *máu*. — O ditongo *ei* em *rei* sôa *éi* (e não *âi*): *réi*. — Existe o ditongo *íu* em *ríu* (= rio), *tíu* (= tio); é o mesmo ditongo que lá se ouve em *fugíu*.

4. As vogaes *o* e *e*, quando tonicas e nasaes, são fechadas, ex.: *bênto, fônte, mônte, pônte*. Cfr. porém no § 1: *hóme, fóme*.

5. *a*) As nasaes não são gutturalizadas, como no Minho; são pelo contrário sumidas; se as indicassemos, invertendo as vogaes, teriamos, por ex.: *Cṽpo, sṽto, cṽo, mṽo, bṽto, mṽte*, etc. Cfr. *Dial. estremenhos*, I, pag. 6. Em *cṽo, mṽo*, etc., o *o* é pouco distincto.

b) A terminação tonica *-em* sôa *-ãi*, como em Lisboa e na Beira-Alta: *bãi* (com *â*) = bem; *tãi* = tem. Palavras que rimão com *mãi*.

c) Nas ligações de nasaes com vogal, como em *bãi alto, ũa*, etc., o hiato não se annulla com a intercalação de um *n* guttural, facto que se dá noutros pontos de Tras-os-Montes e em certos locaes do Minho: cfr. *Dial. interamn.*, VI, pag. 14.

d) Em *gênlro, tênlro, hônlra*, em vez de *genro, tenro, honra*, está intercalado um *l* gutturalizado, que ás vezes, porém, é pouco perceptivel. Este phenomeno que é vulgarissimo nos fallares estremenhos (cfr. *Dial. estrem.*, I, pag. 10, § V), póde parecer extraordinario aqui nos arredores de Bragança; mas eu sem dúvida alguma o observei, e comigo o observárão as pessoas que me acompanhavão, e cuja attenção chamei para elle. — Na ligação de outras vogaes com *r* não o observei: *irmã Rosa, um rato, um rio*.

e) O *en* (*em*) atono ouvi-o pronunciar como *êm*, ex. *lêmbrar*. Mas parece que a pronúncia offerece variantes, pois nas minhas notas tenho indicado o valor de *ã* ou um valor vizinho: *pãsar* (= pensar).

f) Parece que as vogaes antes de consoantes nasaes são nasalizadas, pois nas minhas notas tenho *fṽmos* (= fomos), e a terminação *-ṽnho*, e *-ṽnha* (cfr. adeante, § 13).

6. Existe o som *ch*, como em todo o Norte, ex.: *chabe, cacho*.

7. O *v* é substituido por *b*, se não sempre, pelo menos ás vezes: *ôbo* (= *ovo*) etc.

8. Existe *ç* e *ʃ* reverso; mas quanto a ser *ç* o de Lisboa ou o do Porto faço a mesma observação, que fiz in *Dial. trasmont.*, VI; 10. Provavelmente é o *ç* do Porto. Assim temos: *çapato* e *ʃapo*. No fim de palavra junta-se um *e* de encôsto: *luze, cruze, rapaze, beze* (= vez); *portugueʃe, meʃe* (= mês). Temos pois as seguintes correspondencias:

surdas		sonoras
ç	. . . .	*z*
ʃ	. . . .	*ʃ* intervocalico.

Por commodidade typographica, represento nas outras partes d'este trabalho o som *ʃ* por *s*, sendo porém *s* intervocalico a sonora do *ʃ*.

9. O lat. *-ic(u)lu-* deu *-êlho: bermêlho*, etc. — A terminação litteraria *-enho* (*-enha*) sôa *-anho* (= *-anha*), ex.: *lanha* (= lenha), *tanho* (= tenho).

B) Morphologia

10. Artigo e pronome:

a) O artigo indefinido é *um* com o fem. *ũa*.

b) O pronome pessoal é *el* com o plural *éis*. Cfr. *Dial. trasmont.*, I, 14. — Como o pronome *elle* perdeu o *e* final, o plural formou-se por analogia com os nomes acabados em *-el*. E' pelo mesmo motivo que na Estremadura dizem *váis* (pl. de *valle*, cuja pronúncia vulgar é *val*) e em Lisboa dizem *Rilhafóis* (= *Rilhafolles*, por influencia de *folle*, cuja pronúncia vulgar é *fol*).

c) O pronome possessivo é *mêu*, etc.

11. Particulas.

a) Diz-se *acá*, como em gallego e como noutras partes da nossa raia. Ex.: «trái aquillo p'r'*àcá*». Nesta phrase temos *àcá*, por causa da crase do *a* fechado de *p'ra* com o *a* tambem fechado de *acá*.

b) Diz-se *num* (em proclise) por *não*. Ex.: «*num* dou fé».

c) Diz-se *así* (i. é, *afí*), que é fórma archaica.

12. Fórmas verbaes:

a) Existe a fórma impessoal *hai*. Cfr. *Dial. trasm.*, I, 16. No plural, em proclise: *hã-d'ir*.

b) O verbo *trazer* tem a fórma *trai* (por *traz* e *traze*, i. é, no pres. indic. e no imper.).

c) De *ser:* eu *fôi* [1], tu *fustes*, el *foi*, nós *fumos*, bós *fustis*, eis *fôrum*. Nós *sâmos* (por *somos*).

d) De *ir:* bós *idis*, éis *bão* (quasi *bã-o*).

e) De *star:* no conj. *stéijamos*, fórma vulgar em todo o país.

f) Verbos regulares:

andéi [2]	*labréi* [2] (= lavrei)
andéste [3]	*labréste* [3]
andôu [4]	*labrôu* [4]
andêmos	*labrêmos*
andéstis	*labréstis*
andérum	*labrérum*.

g) As 2.as pessoas do plural acabão pois em *-is*, como: *fustis*, *idis*, *andéstis*. — As 3.as pessoas pl. do preter. acabão em *-érum* (com um *e* muito claro, e a nasal *um* pouco, — vid. § 5-a), como: *andérum*,

[1] Aqui ouvi o *ô* mirandês: *fôi* (diverso de *fui*): vid. *Flores mirandezas*, pag. 32.

[2] *-éi*, não *-ai:* vid. § 3.

[3] Assim tenho nas minhas notas, e não *-stes* (cfr. porém § 12 *c*, *fustes*).

[4] *-ou* com a subjunctiva *u* pouco distincta: cfr. § 1.

jantérum, *limpérum*, *dérum*, ou antes *andéru*, etc.—No imperfeito é *-ábamos* e não (como noutros pontos de Tras-os-Montes) *-abámos:* assim *acabábamos*.

13. Derivação:

Formão-se deminutivos por meio do suffixo *-anho* (cfr. § 5-*f*). Ex.: *carranho* (carro), *çapatanho* (çapato), *pedranha* (pedra). Qualquer d'aquellas palavras rima respectivamente com *bánho, castanha, lanha* (lenha), *tanho* (tenho).—Este suffixo *-anho* deve explicar-se talvez por *-enho* (cfr. § 9), do lat. -ĭneus.

C) Factos diversos

14. Cantiga popular:

Cala, cala, meu menino,
Q'a mãizinha logo bãi:
Foi lebar os colèirinhos [1]
A' fôntinha de Balãi [2].

15. Phrases:

Num m'adbinha (por «não me lembra». *Adbinha* = adivinha).

Num dou fé (por «não dou relação, noticia»).

16. Vocabulos:

Diantéiro, adeantado. Ex.: «o relogio anda *dianteiro*».

Brègança, Bragança.—Cfr. *Dial. trasm.*, IX, introd.

Do pouco que fica exposto, vê-se que a linguagem de Castro d'Avellãs, como a de Bragança, offerece caracteres do que chamo «sub-dialecto raiano»: cfr. §§ 1, 2, 8, 11-*c*, 12, etc.

XI

LINGUAGEM POPULAR DE CARRAGOSA

Carragosa fica perto de Bragança. Numa rapida passagem por lá, na occasião em que fui a Bragança e Castro de Avellãs, pude colhêr os seguintes factos, graças á bondade do Reverendo Parocho da freguesia.

1. Phonetica:

a) Na ligação *a água* não ouvi o *i* que na Beira, etc. se costuma intercalar para evitar o hiato.

b) O *v* é substituido por *b: bi* (= vi), *Birgem*, etc. Igualmente se diz *braba*, *entraba*, onde elle porém é etymologico.

c) Diz-se *bãi* (= bem): cfr. *Dial. trasm.*, X, 5-*b*.

[1] Por *cueirinhos*.
[2] Por *Belem*. O *e* mudou se em *a*, por influencia do *l*.

d) A mesma differença que em Castro d'Avellãs notei, de um lado entre *ç* — *ſ*, e do outro entre *z* — *ſ intervocalico*, notei-a na Carragosa: cfr. *Dial. trasm.*, x, 8.

2. Flexões:

a) Verbos: *fostes, fumos* (cfr. *Dial. trasm.*, x, 12-*c*); *fâi, trâi, hâi* (cfr., *id.*, I, 16; e x, 12-*a*-*b*). — Não se diz *binhera* nem *andibera*, como noutros pontos.

b) O plural do pronome *el* é *éis*: *Dial. trasm.*, x, 10-*b*. — Ha um pronome indefinido *nĩum* e *nĩũa*: Cfr. em Viterbo, *Eluc.*, s. v. *nemú* (sec. XIV) e *niú* (sec. XIV), que hão-de ler-se *nẽũ* e *nĩũ* (ou *niũ*). A origem é ne(c) unus > **neuno* > **neum*. Por influencia do *n* inicial desenvolveu-se uma nasal no *e*. Cfr. tambem ital. arc. *neuno*, mod. *niuno*, hesp. arc. *nenguno*, mod. *ninguno*; gallego *nengun* e *ningun* (Valladares, *Dicc. gall.*, s. v.); asturiano *ningun* e *dengun* [1] (Rato y Hévia, *Vocabul. bable*, s. v.).

c) O artigo indefinido fem. sing. é *ũa*.

d) O deminutivo de *manhã* é *manhaninha*, e o de *fonte* é *fontezinha* (mas éstas duas fórmas encontrei-as nuns versos populares).

3. Phrases:

a) «Fostes a Vinhaes [2]?» «Molhastes-te ontem?» } significão: «*estás ebrio?*».

b) «Não [3] m'acórdo» (não me recordo).

c) Para indicar onde mora qualquer pessoa diz-se assim, por ex.: «João dó Souto», «João dá Fonte», o que se deve explicar por «d'*ao* Souto», «d'*á* Fonte», onde a preposição *a* indica o sitio: cfr. em Lisboa «aos Anjos», «a Campolide», etc Nos outros casos diz-se em Carragosa, v. g. «campo *do* rio» (e não *dó*).

d) «Fostes guardar as éguas» é ir a uma festa, e não jantar lá.

e) Nomes de campos: *Tràlatúda* (onde parece entrar a preposição *trás* = trans), *Fonte relheiro*.

4. Vocabulos:

Apór, attribuir. Num verso: «fázem-no mal, e *apõi*-m'o a mim». De *a-pôr*, ou apponere.

Cântigo, cantíga. — A palavra *cântigo* (masc.) é esdruxula, = lat. canticum. Em gallego tambem se diz *cántiga* (esdruxula), mas a palavra é feminina [4]. O português *cantíga* mal póde explicar-se por *cántiga*, por causa do deslocamento do accento; eu creio que *cantíga* é um substantivo verbal de **cantigar* (*canticare, sobre canti-

[1] *Dengun* póde ser dissimilação de **nengun*.

[2] Villa em Tras-os-Montes. Esta phrase é uma especie de apódo. Ha outras semelhantes: assim *Celorico da Beira* tinha outr'ora o nome de *Celorico dos Bebados* ou *C. Bebado* (que se encontra em doc. ant.); ainda ás vezes hoje se diz assim por sátyra aos naturaes da villa, mas estes respondem que é Celorico dos bebados que vão de fóra para lá.

[3] Nas minhas notas tenho *não*, mas a pronúncia vulgar é certamente *num*.

[4] O asturiano offerece igualmente *cántica* e *cántigas*: vid. Rato y Hévia, *Vocabulario bable*, 1891, s. v.

cum); cfr. *descante*, de *descantar*. Não se póde pensar num deminutivo *cantĭcula, porque o ĭ é breve, e daria *e*.

Cortinha, campo junto da povoação. Cfr. *Dial. trasm.*, VI, Vocab.

Devesa, matta.

Impalvurída, impalvuráda. Estas fórmas entrão nuns versos populares, na expressão: *agua impàlvurida* e *impàlvurada* (i. é, turva de pó). O etymo está em pulverem, i. é, pulverata, com o prefixo -in. O suffixo *-ida* é pedido unicamente pela rima. A evolução foi: * *impulvurada* (infl. do *v*) > * *impelvurada* (diss.) > *impàlvurada* (infl. do *l*).

Isoadal, campo que produz herva na primavera.

Lameiro, campo só com herva para o gado e não destinado a sementeira de pão. Produz na Primavera e no Outono. D'aqui a expressão *lameiro d'outono*.

Palheiro, casa para guardar palha.—Esta palavra tem outras significações em português; por isso a ponho aqui.

Regada. Parece que significa certa especie de campo. Esta palavra colhi-a nuns versos pop.: «fazem-na cama naquella *regada*».

Sequeiro, sítio para recolher a lenha perto da casa. Em alguns pontos de Tras-os-Montes tem o nome de *várdia*.

Terra, campo não murado.

Uva, cacho de uvas. Ex.: «dá cá uma *uva*». O mesmo noutros pontos da provincia.

Lisboa, Julho de 1893.

J. LEITE DE VASCONCELLOS.

ALGUMAS TRADIÇÕES POPULARES

Recolhidas em Aldeia de Santa Margarida, concelho de Idanha-a-Nova

---

I

ENCOMMENDAR AS ALMAS

Em certos dias da quaresma, especialmente na semana santa, percorrem as ruas, a altas horas da noite, alguns individuos, encommendando as almas. Chegando a qualquer largo param, tocam uma campainha, e em seguida cantam em estylo plangente:

O' almas que estaes dormindo
Nesse somno tão profundo,
Lembrae-vos que podeis estar
Amanhã no outro mundo.

Um dos encommendadores pede varios *padre-nossos, pelos que andam sobre as agoas do mar, pelos parentes de cada um,* etc.

II

O BELOCISSIMO

Tambem durante as sextas-feiras da quaresma percorrem as ruas grupos de rapazes e raparigas cantando o *bellocissimo,* cuja letra é a seguinte:

O' Belocissimo
Senhor Jesus Christo,
Pela vossa morte e paixão.
O' Belocissimo
Senhor Jesus Christo,
Pela vossa c'roa d'espinhos.

O' Belocissimo
Senhor Jesus Christo,
Pelos divinos cravos.
O' Belocissimo
Senhor Jesus Christo,
etc.

e por esta fórma vão enumerando os martyrios de Christo.

III

ALVIÇARAS

Na madrugada de sabbado de alleluia vão-se dar as alviçaras (boas-festas) á Senhora da Granja e á Senhora das Dores, e por fim ao vigario da freguesia, cantando-se cantigas allusivas á Resurreição, com acompanhamento de violas, guitarras e adufes.

Recordo-me que, á porta do vigario, se costuma cantar:

Acorde, senhor vigario,
Que já dá o sol na cruz:
Venha dar as boas festas
Ao Coração de Jesus.

O parocho costuma offerecer nesta occasião vinho e fructas seccas.

IV

SERRAÇÃO DA VELHA

No dia conhecido geralmente por esta designação, percorrem as ruas grupos de rapazes já um pouco embriagados, carregando com um enorme cortiço. Chegando á porta das mulheres mais idosas põem o cortiço no chão, e, fingindo que estão serrando a velha que se suppõe estar dentro do cortiço, gritam com toda a força: *ai a nossa avó, ai a nossa avó F....*

V

CHORAR O ENTRUDO

E' costume ir chorar o entrudo á porta de individuos que se sabe não gostarem que se lhes falle nalguns pontos ridiculos da sua vida. E' claro que este costume provoca muitas vezes scenas de pugilato.

Os choradores d'entrudo são dois ou tres; para reforçarem a voz servem-se d'uma especie de trombetas feitas de cabaças.

Trava-se entre elles o seguinte dialogo, ou analogo:

— O' amigo F. (nome de pessoas com que se quer gracejar), estás tu lá ou não?

— Onde ha de elle estar, senão sentado ao seu lume, a conversar com a mulher e com os filhos.

Todos. — E' verdade, é verdade!

— O' amigo, lembras-te ainda de quando mataste o porco?

— Pois não ha de estar lembrado, se até, sem elle saber, lhe roubaram o rabo do porco no dia da matação.

Todos (rindo): — E' verdade, é verdade!

VI

DEITAR FÓRA O ENTRUDO

Deita-se fóra o entrudo, á meia noite de 3.ª feira, disparando tiros, queimando bombas e atirando á rua com vasos de barro.

VII

LENDA DE IDANHA-A-VELHA

Idanha-a-Velha, insignificante povoação distante poucos kilometros de Santa Margarida, foi, segundo a tradição, a patria do rei

Wamba, e sabe-se que foi uma grande cidade; porém foi tal a quantidade de formigas que alli appareceram num certo anno, que as creanças, apenas nascidas eram logo accomettidas por enormes chusmas d'estes insectos, comendo-lhes os olhos e matando-as instantaneamente. Resolvêrão então os habitantes abandonar a cidade e irem estabelecer-se no sitio onde hoje é a villa de Idanha-a-Nova [1].

Os poucos que ficaram apresentam hoje um aspecto doentio, devido ás febres endemicas que alli grassam; por terem o ventre proeminente e o estomago muito desenvolvido são conhecidos pelo nome de «*eibedos* de Idanha-a-Velha».

VIII

LENDA DO REI WAMBA

Wamba foi escolhido para rei quando andava lavrando os seus campos. Quem lhe deu a noticia foi sua mulher na occasião em que lhe apresentava para o jantar um gallo guisado com arroz. Elle não deu credito a tal noticia e disse: «quando este gallo cantar, serei eu rei de Portugal». O gallo saltou de entre o arroz e começou a cantar como se estivesse de excellente saude.

Outro prodigio não menos notavel precedeu a acclamação de Wamba: a vara da aguilhada com que conduzia os bois cobriu-se de flores viçosas [2].

1 [Já na antiguidade se encôntrão nos povos ibericos tradições populares analogas a esta. Avieno, no seu poema *Orae maritimae*, v. 156, falla dos Oestrymnicos, que tiverão de sahir do seu país pela abundancia das serpentes:

Post multa serpens effugauit incolas.

Estrabão, *Geographia*, III, v, 2, conta que, em virtude de grande número de coelhos que se criárão nas ilhas Baleares, os habitantes se vírão na dura necessidade de buscar o auxilio dos Romanos. — J. L. DE V.].

2 [Sobre o florescimento da aguilhada e factos analogos, cfr. as minhas *Trad. pop. de Port.*, pag. 105. Esta tradição já remonta a antiguidade: Silio Italico, *Punicorum*, XVI, 587-589; Ovidio, *Metam.*, XV, 560 sqq.

A resurreição do gallo em circumstancias parecidas, é tambem referida em contos populares nossos, que tenho ouvido. Uma vez o milagre realizou-se estando uns padres a jantar em *dia de confissões;* um d'elles disse que seria mais facil resuscitar e cantar o gallo que estava na mêza, já cozinhado, do que salvar-se certo penitente, — e immediatamente o gallo se ergueu na travêssa e cantou. — Sobre este milagre vid.:

a) F. J. Child, *The English and Scottish popular Ballads*, Boston, Parte 1.ª, pag. 233, n.º 22 *(Stephen and Herod)*, e Parte 6.ª, pag. 502;

b) H. Gaidoz, in *Mélusine*, VI, 24 e 25 (o qual cita tambem o auctor supramencionado).

Nestes dois AA. se achão reunidos muitos elementos comparativos para o estudo do milagre, o qual tem sido muitas vezes tratado na litteratura oral e escrita de varias nações, e é já referido numa interpolação de dois manuscritos gre-

Parece que, tambem segundo a lenda, a mulher d'este rei lhe não foi de grande fidelidade, porque consta que elle proferíra um dia estas terriveis palavras:

Saiba Deus e todo o mundo
Que o rei Wamba que é cornudo.

IX

LENDA DA MATA E DA TORRE

A pequena distancia de Santa Margarida ha as insignificantes povoações da *Mata da Rainha* e da *Torre.* A tradição explica a origem d'estes nomes pela seguinte fórma:

«Havia um rei mouro que tinha uma filha muito formosa. Dois principes a pretendiam, mas, tendo o rei mouro os dois pretendentes em grande estima, e, não sabendo por qual d'elles se havia de resolver, encarregou um de fazer uma mina (escavação subterranea para se encontrar um veio de agua) e ao outro mandou-o fazer uma torre, promettendo a filha como premio ao que primeiro concluisse o trabalho.

Succedeu porém que ambos concluiram o trabalho ao mesmo tempo, e, correndo a dar a noticia ao rei, chegaram tambem ao mesmo tempo ao palacio.

— Torre feita, diz um.

— Agoa á porta, diz o outro.

— Filha do rei morta, accrescenta o rei.

Metteram a pobre menina num cortiço e serraram-na pela cintura.

Quando ouviu a sentença do pai, diz a tradição que ella exclamára:

Na *Torre* fui creada
Na *Mata* me matarão;
Pois a minha formosura
Foi a minha perdição.

gos do chamado Evangelho de Nicodemos («The ultimated source of the miracle of the reanimated cock is an interpolation in two late Greek manuscripts of the so-called Gospel of Nicodemus».— Child, *op. cit.*, Parte I, p. 239).

Sem embargo, a existencia historica de Wamba, rei wisigodo da Hispania, é indiscutivel; a fixação da sua lenda em Idanha tem tambem tal ou qual base historica, pois diversos reis wisigodos cunhárão moeda em Egitania (Idanha). A fórma mais antiga do nome *Idanha* foi *Igaeditania, correspondente ao da «civitas» dos *Igaeditani,* mencionados in *C. I. L.*, II, p. 49; mas o nome que apparece nas moedas wisigodas é EGITANIA a par de ECITANIA, com C por G, como é vulgar nas legendas e inscripções.— J. L. DE V.].

X

XACARA DA CAPTIVA

Captivaram-mè *clos* mouros [1]
Entre la paz e la guerra,
Levaram-me a vender a Sales
O' que mala terra!
Não houve mouro nem moura
Que por mim una blanca dera,
Houve só um perro mouro
Que por mim cem doblas dera.
Dava-me uma má vida
Una má vida mui perra,
De dia moía o cravo
E de noite la canela.
Punha-me um freio na bocca,
Para que não comesse d'ella.
Quis Deus a minha fortuna
Dar com una ama mui bella,
Quando o mouro ia á caça,
Punha-me ella á sua mesa,
Tambem me dava bom vinho
Por uma garrafa francesa;
Deitava-me no seu colo
E me catava a cabeça.
Muitas vezes me dizia:
— Vae christã á tua terra.
— Como hei de ir, senhora,
Se me falta la moeda?
Metteu a mão á fraldiqueira
E cem moedas me dera.
— Quando te vires em braços
D'essa doce companhia,
Diz-lhe que eu te resgatei
E por ti fico captiva;
E se lá a achares morta
Volve logo á Turquia,
E vem a pagar affectos
De quem tanto te queria.

XI

XACARA DAS DUAS IRMÃS CAPTIVAS

O' mouro, se fores á caça,
Traze de lá uma captiva,
Que seja de bom sangue
Senhora de mais valia.
Chegou o mouro da caça
Mui contente á maravilha,
Ajoelhou a christã
Para onde o sol nascia.
— Bemdito sejaes, Senhor,
Bemdita a Virgem Maria,
Inda hontem era condessa,
Hoje escrava de cozinha.
Se a moura estava pejada
A captiva tambem ia;
Logo foi por Deus servido
Parirem ambas num dia.
— Se tu quiseres, christã,
Trocar-me a tua cria...
— Isso é que eu não faço,
Isso é que eu não fazia.
— Dize, captiva, como queres,
Que se chame a tua filha.
— Seja Maria das Flores
Como uma mana que eu tinha,
Que m'a roubaram os mouros
Dia de Paschoa florida,
Quando ella colhia flores
Num jardim que meu pai tinha.
— Vinde abraçar-me, captiva,
Que sois uma mana minha.
— Essa Maria das Flores
Sou eu que tanto vos queria

Lisboa.

A. ALFREDO ALVES.

[1] [Creio que deverá ser: «captivaram-me-*los* Mouros». — J. L. DE V.].

MISCELLANEA

I

NOTAS AÇORIANAS

1. Fórmas dialectaes

Acegado, socegado. Explica-se, creio eu, por dissimilação de syllabas das fórmas *asessegado*, *assossegado*, cujos primitivos *asessego* e *assossego* se encontram, por exemplo, em Sá de Miranda *105* 22, *107* 289 (ed. da Snr.ª D. Carolina Michaëlis). Cf. *necidade* vulgar por *necessidade* (nos Açôres.)

accoméda-te, accomóda-te. Em logar de *accomodar* diz-se *aquemodar* ou *accomedar* por dissimilação; o *e* da última fórma tornou-se aberto sob a influencia do accento tónico, como se fosse radical [1]. Cfr. alemtej. *vévem* (por *vivem*), que assenta em *vevia*, fórma esta que apparece por ex. no *Canc. da Vatic.* n.os *515* 12; *vevi* *545* 18, *537* 5, *648* 6.

alcácia, acacia. Haverá aqui influencia de palavras árabes.

alparda, á noute.

antance, então. Cf. *antão* e o archaico *entonces*.

Badanella, Magdalena. Cf. Moudanella, = Moudalena, Cornu, in *Grundriss*, p. 728. Temos aqui mais um exemplo da troca entre *b* e *m* que se encontra em casos como *Belchior*, *busaranho*, *rebocar* e outros. Cf. Cornu, ib., p. 751. Vede, tambem, o seguinte.

bilhafre, milhafre.

coivas, couves. Tambem commum em Portugal.

dançarmos = dançámos. Por analogia, como me fez observar o snr. J. Leite de Vasconcellos, de *dançáramos*, por serem identicas as fórmas da 3.ª p. plur. do pret. perf. e do pret. mais-que-perf. Vulgarissimo nos Açores.

diente, diante. Vulgar no continente.

escorçoado, descorçoado. Facto análogo a *espedir* por *despedir*, fórma archaica muito commum. Cf., por ex., *Canc. da Vat.* 854, 9, «se mh auv' a *espedir*». Nos Açores ha tambem *espedida* por *despedida*. Veja-se ainda J. Leite de Vasconcellos, *Dial. Interamn.*, VII, p. 31; VIII, p. 15; e *istruir* por *destruir*, *Dial. Extrem.*, I, p. 33.

espadaria, hospedaria. Ha aqui influencia do *s* na vogal átona precedente e assimilação de vogaes (*e* — *a*).

[1] Explicação do snr. J. Leite de Vasconcellos.

estirada, estrada.

finiquito, faniquito. Por assimilação de *a* átono a *i*, como por ex., em *piniguado* por *paniguado*. Cf. Cornu, in *Grund.*, I, p. 738.

fosques, fosforos. Conhece-se tambem em Portugal.

inzuneiro, onzeneiro. Troca de vogaes átonas [como, por ex., em *imbigo* por *umbigo*, etc. Cf. R. Gonçalves Vianna, *Études de grammaise portugaise*, Louvain, 1884.]. Usadissimo nas ilhas dos Açores.

ofeciente, sufficiente.

ouvisto, ouvido, por analogia com *visto*. Cf. Cornu, *Grundriss*, I, 803.

puze, pois. Cf. J. Leite de Vasconcellos, *Dial. beir.* V-VI, p. 6, 7.

ralo,-a, raro; cf. Cornu, *Gr.*, I, p. 761, e *ralidade;* J. Leite de Vasconcellos, *Dial. Extrem.*, I, p. 36.

repá, rapaz.

sebandija, sabandija. Cf. *sevandijado, Dial. Extrem.*, I, p. 36.

tâussa, taxa (Fayal). Cf. *Rev. Lus.*, I, p. 51, e Cornu, *Gr.*, I, p. 728 *toussar,* taxar.

o urrei, o rei, pela repetição do artigo.

2. Poesia popular

Publicarei aqui uma seguidilha que dizem as crianças na ilha do Fayal, quando brincam juntas, e a que se chama *aravenga* [1].

Já não quero, já não quero
amores com frade máu;
já morreu o Catimbau,
sua mãe o vae carpindo.
Juro que lhe vae referindo
a mana com seu rigor.
Alfinetes são amores;
d'isso lhe darás boa prova,
Maria da Venda Nova,
que imprimis formosura.
Só os patifões tem ventura,
ventura os patifões tem,
que te tratam com desdem.
Tambem trago o meu arado,
debaixo do meu capote;
tambem os homens honrados
tocam na zangariana.
São bons homens de Vianna,
morando ao pé do rio,
que de inverno faz frio,
e de verão calma vae.
O' homem, se tens de andar, andar,
serão, tirai-vos [2] do caminho,
cabeça abaixa e focinho.
O' homem, o rosto alevanta,
que o vinho é coisa santa,
e com elle me governo
na maior parte do inverno.
Navega o barco sem vela,
menina, que estás a janella,
pareces um anjo do ceu.
O' freira, tira o teu veu,
se acaso não és torta.
Passei pela tua porta,

[1] Devo-a á obsequiosidade do illustre litterato açoriano, o Exmo Snr. Ernesto de Lacerda de Lavallière Rebello, da Horta, Ilha do Fayal.

[2] Esta mudança de pessoa é bastante commum na poesia popular de todos os povos. Cf. um bello artigo de Jacob Grimm, in *Kleinere Schriften ;* e J. Leite de Vasconcellos, *Dial. algarvios,* I, p. 18.

belisquei-te no ferrôlho.
O pastel é para o môlho,
e o alho para a açôrda,
cinco reis de carne gôrda,
outro tanto de dobrada,
não ha soldado sem espada,
se acaso a não empenhou.
Quem disse — *mulher*, errou;
antes disséra — *mudança;*
O amarello vae na dança,
que a minha dama o leva,
mais o não ha-de levar
para não olharem p'ra ella.
A melhor sôpa que se faz,
é do ôlho da panella.

HENRY R. LANG.

II

CERAMICA POPULAR PORTUGUESA: ASSOBIOS DE ÁGUA

O snr. François Daleau, que se tem occupado de estudos prehistoricos e ethnographicos, pediu-me, por occasião de me enviar o folheto *Chandeliers et Mortiers en terre cuite* (Bordeaux 1892), informações á cêrca de assobios de barro que sirvam de brinquedo ás crianças, mas dos que se enchem de agua para modular o som.

Diz o auctor: «je possède un certain nombre de ces pièces modelées avec une très grande naïveté, provenants des pays suivants: France, Allemagne, Bohème, Hollande, Suède, Suisse, etc. Je n'ai rien encore du Portugal et j'ai seulement d'Espagne un petit *Taureau-sifflet*, Je me rapèle avoir vu à Cartagena de petites madones et d'autres statuettes de formes très archaïques que l'on vendait à cinq et dix centimes».

Dando ao snr. François Daleau as informações pedidas, enviei-lhe uma carta, cuja traducção publíco abaixo, por me parecer que talvez este assumpto tenha interesse para os que se occupam da ethnographia portuguesa.

Lisboa, Julho de 1893.

Ex.mo snr. François Daleau:

Prezado snr.

Recebi com agrado a carta que me mandou com data de 25 de Maio passado. Junto com ella recebi um opusculo *Chandeliers et Mortiers en terre cuite*, que muito agradeço, porque muito me interessa. Depois que recebi a carta de v. ex.a, nem mais um momento descansei até dar cumprimento ao pedido que me fez dos assobios de barro. Se ha mais tempo não dei resposta, foi porque estive a recolher os objectos para lh'os remetter com esta. Os assobios de barro, que variam e modulam o som por meio da agua agitada pela insufflação do tocador, existem em Portugal; mas o seu apparecimento e fabrico circumscrevem-se a um local e a um tempo determinado do anno. Estes assobios de barro, a que dão o nome de *rouxinóes*, só se fabricam, se-

gundo penso, na cidade de Lisboa, e suas circumvizinhanças, e só apparecem profusamente á venda, ao preço de 20, 30, 40 e 50 réis, nos dias 12, 23 e 28 de Junho á noite, e depois desapparecem completamente da circulação, para não voltarem senão d'ahi a um anno.

Os assobios, pois, relacionam-se com um facto tradicional, em razão de só serem usados na vespera de *Santo Antonio de Lisboa*, de *S. João* e de *S. Pedro*, occorrendo ainda a circumstancia de só serem usados na cidade de Lisboa, segundo informações que tirei a esse respeito. Se em outro logar apparecem, serão levados d'esta cidade para lá [1].

Os assobios não são fabricados por oleiros profissionaes: são individuos curiosos ou habilidosos do baixo povo que, no intuito de ganharem alguns vintens, se dedicam naquellas epochas á feitura de taes peças, de origem puramente archeologica. Nos dias indicados acima, fazem uma especie de feira nocturna onde os veem vender em barracas enfeitadas adrede, que levantam no mercado central de Lisboa (Praça da Figueira). A este local, logo que começa a anoitecer, nos dias supra-indicados, concorre o povo profusamente, com especialidade o povo baixo, a comprar vasos de mangericão, ramos de flôres artificiaes e naturaes, fructos temporãos, etc.; e os rapazes compram e tocam nos taes assobios tão calorosa e phreneticamente que ensurdecem os transeuntes! Porém, repito: o uso d'estes assobios é só nas noites acima indicadas, ou quando muito até o outro dia; depois, guardam-nos, lançam-nos fóra, ou quebram-nos. A observação mais importante á cêrca dos assobios de barro está neste facto.

Os assobios de barro, como todas as cousas usadas pela humanidade, vão experimentando modificações evolutivas, sem comtudo perderem o seu caracter archeologico. Assim, a pasta grosseira do barro, o pipo insufflador, os orificios para a modulação dos sons, a cavidade para a agua, etc., são conservados intactos; mas a parte esthetica do assobio mira quasi sempre a um fim que se correlaciona invariavelmente com um assumpto critico ou satyrico, tendo por alvo a politica, a religião, a criminalidade, e varios acontecimentos que absorvam a attenção publica nesse momento ou em epochas proximas.

Como prova do que digo, ahi estão os 12 exemplares que nesta occasião lhe remetto. Poder-lhe-hia remetter uma centena talvez d'elles com variadas fórmas e variados intuitos criticos; mas pareceu-me este numero sufficiente para elucidação do objecto.

Se dividirmos os 12 exemplares em séries, teremos:

Na 1.ª série os n.os 1 e 2 (republica e gallo-phenomeno) referindo-se á politica — o n.º 1 exalçando a republica, e o n.º 2 criticando um padre politico, metarmorphoseando-o em gallo.

Na 2.ª série teremos os n.os 3, 4, 5 e 6 (bispo, conego, padre, e jesuita) referindo-se á religião, como elemento popular critico.

Na 3.ª série teremos os n.os 7 e 8 (João Brandão e *irmã* Collecta)

[1] [Depois de já composta esta página, disserão-me que os *rouxinoes* de barro se uzão tambem em Evora, para onde vão de Estremôs. — J. L. DE V.].

referindo-se á criminalidade — o n.º 7 como o typo da turbulencia; e o n.º 8 como typo da crueldade, porque a tal *irmã* foi accusada pelos tribunaes de levar á deshonra e depois envenenar uma linda menina.

Na 4.ª série teremos os n.ºs 9 e 10 (Serpa Pinto, e toureiro) referindo-se a factos nacionaes contemporaneos: — porque o personagem do n.º 9 fez a travessia da Africa; e porque o n.º 10 representa o typo das diversões tauromachicas, uma das mais attrahentes da Peninsula Iberica.

Na 5.ª série teremos os n.ºs 11 e 12 (tomate, e um vaso) referindo-se a puras futilidades.

Bastante me empenhei na pesquisa de um facto positivo que me conduzisse com segurança a aventurar uma proposição que ligasse este uso archeologico, continuado agora em espaço e tempo circumscriptos, com outro ou outros remotos e originaes; foram, porém, baldados os meus esforços. Julguei prudente, portanto, não aventurar proposições incertas a respeito da origem dos assobios de barro em Portugal. Se uma solução positiva apparecer para os outros países que tenham o uso dos mesmos assobios, talvez possa ser applicada a este reino.

Sem mais assumpto, subscrevo-me com o maximo respeito e consideração,

Dr. F. Ferraz de Macedo.

III

DUAS PALAVRAS SOBRE A COLLOCAÇÃO DO ADJECTIVO EM PORTUGUÊS

As grammaticas da lingua portuguesa, quer nacionaes, quer escriptas por estrangeiros, e tanto as elementares como as historico-comparativas e philosophicas costumam dar uma unica regra (bipartida) muito resumida e vaga, com poucos exemplos illustrativos, sobre a collocação dos adjectivos qualificativos.

O que ensinam é o seguinte:

Adjectivos de significação *restrictiva*, que designam qualidades accidentaes que os objectos pódem têr ou deixar de têr, collocam-se *depois* do substantivo.

Adjectivos de significação *explicativa* que exprimem qualidades essenciaes que convêm necessariamente a um objecto, pódem empregar-se ad libitum *ou antes ou depois*.

Os exemplos stereotypos do primeiro grupo são *homem sabio, homem virtuoso, mel amarello* (?); os do segundo *neve branca, branca neve; doce mel, mel doce; homem mortal, mortal homem.*

Ensina-se portanto que é cousa completamente indifferente e arbitraria a collocação da maioria dos adjectivos; ao passo que uma respeitavel minoria fica sujeita a leis rigorosissimas!

Escuso de dizer que tão falsa é a primeira regra como a segunda.

Das multiplices razões euphonicas, de harmonia e de rhytmo, e tambem de significação, que decidem da escolha, feita individual-

mente pelo orador em cada uma das phrases que profere, nem palavra nos dizem as grammaticas, apesar de darem margem a muitissimas observações subtis, e interessantes, não sómente para os futuros poetas e rhetores, mas tambem para os poucos portuguezes que não entram n'estas categorias.

O que estranho ainda mais é que nem sequer se mencione o facto importante que muitos adjectivos mudam de significação, consoante são antepostos ou pospostos ao substantivo, facto aliás conhecido como peculiaridade da lingua franceza.

Darei alguns exemplos (colligidos por mim da lingua viva) que recommendo á attenção do distincto grammatico, o Snr. Epiphanio Dias, e ao autor dos *Exercicios preparatorios de Composição,* porque opino que a analyse, interpretação, colleccionação e composição de taes phrases contribuirá para desenvolver agradavelmente as faculdades dos estudantes, ensinando-os a ampliarem e modificarem pelas suas proprias investigações as regras laconicas e doutrinarias das Grammaticas.

Aprenderão assim que certas qualidades que são apenas *accidentaes*, quando referidas á especie, pódem tornar-se *essenciaes* em certo e determinado *individuo* da mesma especie; e que é costume enunciar nestes casos primeiramente o adjectivo, para chamar a attenção para o caracteristico, que é distinctivo do objecto ou da pessoa a que nos referimos. Reconhecerão mais que tal regra não é, comtudo, infallivel, nem tal costume invariavel, e que existem por ex. adjectivos de significação restrictiva, mas de fórma curta e ás vezes monosyllabica (como *bom, boa; mau, má),* que por via de regra, e contra a lei exarada pelos grammaticos, costumam occupar o primeiro lugar, mas que, elevados a *explicativos,* mudam para o segundo. Verão ainda que muitos se antepõem ao substantivo, quando tomados no sentido figurado, e que nesta posição, em contacto intimo com o nome, ficam ás vezes a formar com elle uma *phrase feita* ou uma palavra composta (como *vangloria, grã-cruz, bom-duque,* etc.).

Passemos agora ás minhas poucas amostras, que poderão facilmente ser augmentadas.

1.) *Santo.* — O Vaticano é um cenaculo de *padres santos* e *Santos Padres.*

Existem muitas *casas santas.* Porém só sei da *Santa Casa da Misericordia,* e de uma em Jerusalem, e outra nas Asturias:

hizo-la el Rey de los Cielos
á la sagrada Maria.

Ninguem nega que innumeras Catharinas e Annas e Madalenas pódem ser santas; venera-se comtudo só uma *Santa Catharina,* uma *Santa Anna,* etc.

Num *dia santo* ninguem devia gastar todo *o santo dia* a trabalhar.

2.) *Bom.* — Quando *o anno bom* principia, não se póde dizer ainda se será realmente *um bom anno.*

3.) *Mau.*—O actor encarregado do *mau homem* das comedias, nem por isso é *um homem mau.*

4.) *Nobre.*—O *pae nobre* das tragedias póde ser ás vezes um *nobre pae.*

5.) *Verdadeiro.*—*Os homens verdadeiros* são tão raros como *os verdadeiros homens.*

6.) *Formoso.*—A *Pedra Formosa* da Citania é em verdade uma *formosa pedra.*

7.) *Branco.*—Ha muitas flores brancas, mas poucas que têm o lindo nome de *Branca-flor.*

8.) *Rico.*—Nem cada *rico homem* era um *homem muito rico.*

9.) *Gentil.*—Tampouco é *um homem gentil* todo e qualquer *gentilhomem.*

10.) *Pobre* | 11.) *Velho* | 12.) *Unico* | 13.) *Certo* — E' desnecessario explicar a differença que ha entre *um pobre homem* e um *homem pobre;* uma *unica pessoa* e uma *pessoa unica;* um *pae-velho* e um *velho pae; certos signaes* e *signaes certos* (p. ex. de chuva).

14.) *Falso.*—Esta *fé falsa* foi-lhe insinuada á *falsa fé.*

Accrescento mais alguns exemplos litterarios, castelhanos, que me occorrem neste instante.

Tirso de Molina, na comedia *Privar contra su Gusto,* II, 3, diz:

Porque el privar d'este modo
todo un hombre ha menester
y el amor *un hombre todo.*

Cervantes, Don Quixote:

Todo el mundo confiesa que no hay *en el mundo todo* etc.

Prim:—La España ha tenido *reinas perdidas,* mas nunca habrá *perdidas reinas.*

Trueba:—Quiero satirizar a los *curanderos titulados* que son aun mas numerosos que los *titulares curanderos.*

Id.—Habia salvado al *popular alcalde* que no es lo mismo que *alcalde popular.*

Guzman de Alfarache, II, 3, X:

La española Isabel al mundo espanta
fundando á *Santa Fé* por la *fé santa.*

Caminha, Ode VII, estr. 9, separa *a quietação santa* da *santa quietação,* e Antonio Prestes differenceia, não sei onde, os *entiados naturaes* dos *naturaes entiados.*

Vou concluir com a simples pergunta: se um bom Diccionario não deveria definir claramente taes mudanças de sentido, provocadas pela collocação dos adjectivos (p. ex. sub vocibus: *certo, todo, vario, verdadeiro)?*

CAROLINA MICHAËLIS DE VASCONCELLOS.

IV

TRADIÇÕES POPULARES

A. Rimas infantis

1

Era uma vez um menino
Que tinha seu pae morto,
E a sua mãe por nascer,
Deitou as pernas ás costas,
E foi a correr por uma serra acima,
Perdeu a capinha que não tinha,
Encontrou um pessegueiro
Carregado d'avelãs,
Encheu a barriga de maçãs,
Veiu de lá o dono dos marmelos:
«Olá meu menino a comer
Pepino no faval alheio.

(Torres Novas).

2

Aqui está a chave de Roma;
Em Roma está uma rua,
Dentro da rua está uma casa,
Dentro da casa está uma mesa
Em cima da mesa está uma gaiola,
Dentro da gaiola está um ninho
Dentro do ninho está um passarinho.

(Torres Novas).

3

MOTE

Amores se tu quiseres

GLOSA 3.ª

Filis, se queres, verás
Hum, e dous, e argolinha,
Finca pé de pampolinha,
O Rapaz que jogo faz:
Passarás, sim, passarás,
Bello pao para colheres,
Bem me queres, malmequeres,
Tu que vás, e tu que veus,
Dá-me cá os meus manteus,
Amores, se tu quizeres.

(*Esta glosa está no Cod. ms. 260, dos principios do sec. XVIII, guardado na Torre do Tombo.— Nella ha uma allusão a uma conhecida rima infantil*).

4

Entrar por uma porta
Sair por outra,
Vai ao rei que te conte outra.

(*Responde-se assim a quem pede a narração d'um conto.*—Coimbra).

5

Quando uma criança é pisada diz-se:

O debaixo é meu,
O de cima do judeu.
(Santarem).

6

Está entendido:
quem está morto
fica encolhido.

(*Responde-se com isto a alguem que diz:* «está entendido».—Lisboa).

7

Padre Nosso
Carrapatel,
Comi toucinho,
Não me fez mal;
Se mais comia
Mais bebia,
Adeus, senhor Pedro,
Até ao outro dia.
(Torres Vedras).

8

Engeitado,
Mal amanhado,
Come tripas
De copado,
Bem amanhado,
Mal amanhado,
Mettido num forno
E tirado com um corno.
(Santarem).

9

No parreiral d'el-rei
Está um pardal pardo palrando.
—Porque palras, pardal pardo?
—Palro porque sou o pardal pardo
Palrador d'el-rei.
(Santarem).

10

Pelo valle d'Anciāo
Vinte cinco cegos vão,
Cada cego com seu moço,
Cada moço com seu cão.
Anda moço deligente
Faz-me bailar esse cão.
O senhor é preguiçoso
Ha de me dar mei'tostão.
(Torres Novas)

11

Pela serra d'Anciāo
Trinta cegos vão,
Cada cego com seu cão,
Cada cão com seu gato,
Cada gato com seu rato,
Cada rato com seu grão.
(Thomar).

12

Pela serra d'Anciāo
Vae um gato dando gritos,
Porque lhe cortárão o rabo
Para fazer carrapitos.
(Thomar).

13

Senhor São Vicente,
Deitae-me um pinguinho
D'agua quente.
Santa Maria,
Deitae-me um pinguinho
D'agua fria.
(Coimbra)

14

As freiras de Santa Clara
Ó pim pé
Àndão numa roda viva,
Tri lo lé
Ellas no coro de baixo
Ó pim pé
Ellas no coro de cima
Tri lo lé.
(Torres Novas).

15

As freiras de Santa Clara
Tem todas o seu cãozinho,
Só a madre abbadessa
Tem um gato sem focinho.
(Coimbra

16

Senhor São Francisco,
Tirae-me este cisco;
Senhora Sant'Anna,
Tirae-me esta pragana.

(Coimbra).

B. Festas populares

1

Bolinhos, bolinhós
Para mim e para vós,
Para dar a quem está
Debaixo da cruz
Truz, truz.
Aqui cheira a alho,
Aqui anda algum dialho;
Aqui cheira a louro,
Aqui anda algum besouro;
Aqui cheira a unto,
Aqui anda algum defunto.

(Ervedal da Beira).

2

E elle por cada Entrudo
Elle dará com fiador
Quatro sacos de farinha
Para filhos, para filhós, para filhos.

(*No «Entremês do divorcio», Sec. XVIII, Cod. 211, da Torre do Tombo. — Ha aqui uma allusão a costumes populares*).

3

Ja no Entrudo não falemos nós
Que ferue neste tempo a filhós
E he tal o estrondo de frejir
Que em bandos os vi vir,
Homens, molheres, tudo quanto passa
A ver o que sucede nesta casa.

(*Ib., ib.*).

C. Adivinhas

1

BORRACHA

Qual é a cousa,
Qual é ella:
Teve chavelhos e não tem chavelhos,
Teve ossos e não tem ossos,
Teve carne e não tem carne,
Teve pés e não tem pés,
Teve focinho e não tem focinho,
Teve orelhas e não tem orelhas,
Teve nariz e não tem nariz,
E tem um olho só por onde chora,
E adivinha esta agora.

(Coimbra).

2

LEQUE

Qual é a cousa,
Qual é ella:
Está arrecadada
E está encolhida,
Está na mão das senhoras
E está estendida.

(Coimbra).

3

PAPOILA

Vermelhinha, vermelhinha
No meio pelludinha.

(Bragança).

D. Apodos de terras

1

«Prior de hũ lugar aonde
Prendem gentes, soltão cães,
. . . .
Despache e despache bem
Para que elle tambem
Solte os cães e Prenda a gente».

(No Cod. 840, fl. 49 v.º guardado na Torre do Tombo, se acha uma decima de D. Thomás de Noronha a D. Bernardo d'Athayde, Dom Prior de Guimarães, de que se transcreve uma parte que parece referir-se á conhecida rima:

Guimarães [ou Magalhães]
Esfola gatos
Mata cães).

2

Mas quem he asno e vay a Santarem
Assim como asno foy, asno vem.

(Entremes do Outauado, Cod. 211, Sec. XVIII, Torre do Tombo).

3

Fiaes não vale nada,
Villa Franca um vintem,
Arvedal [1] cem moedas
Só pelas moças que tem.

(Ervedal da Beira).

4

Fialhaes, Fialhaes
Comem tripas de pardaes;
Villeiros, villeiros
Comem tripas de carneiros.

(Fiaes de Ervedal).

E. «Arelá com a molher que sabe latim
E com a Mula que dis *him*,
E de tudo, o que o Letrado he
Libere nós e Dominé».

(Entremes do Soldado, Cod. 211. Sec. XVIII, Torre do Tombo).

Lisboa.

PEDRO D'AZEVEDO.

[1] Pronúncia popular de *Ervedal*.

BIBLIOGRAPHIA

I

LIVROS

Lautlehre | *zweier* | *altportugiesischen Heiligenleben* | (*Euphrosina und Maria aegyptiaca* | *etc.* | von Clemens Radermacher | Bonn 1889.

Este opúsculo foi a disertação inaugural para o seu autor obter o grau de doutor na faculdade de filosofía. Serviram-lhe de textos para a análise fonolójica os dois do 14.º seculo, «Vida de Eufrosina» e «Vida de Maria Egipcia», pertencentes à antiga livraría do mosteiro de Alcobaça, copiados pelo dr. J. Cornu, da Universidade de Praga, na Tôrre do Tombo em 1881, por êste publicados no volume XI da «Romania», em 1882, e também impressos por essa ocasião em separado com o título de «Anciens Textes Portugais, Vie de Sainte Euphrosyne, Vie de Sainte Marie l'Egyptienne, Fragments Pieux».

Percorrerei rápidamente o opúsculo, que é um trabalho de consciencia e bem executado. Como autoridades para o exame dos factos fonéticos revelados nos referidos textos, seguiu o sr. Radermacher especialmente duas publicações recentes: Antonio José de Carvalho e João de Deus, «Diccionario Prosódico de Portugal e Brazil», e A. R. Gonçalves Vianna, «Essai de phonétique et de phonologie de la langue portugaise d'après le dialecte actuel de Lisbonne», publicado no volume XII (1883) da «Romania». O excelente trabalho do dr. Cornu, incluído no «Grundriss der Romanischen Philologie», de G. Gröber, (Die Portugiesische Sprache) em 1888, só mais tarde pôde pelo sr. Radermacher ser aproveitado, conforme no-lo diz no prefacio.

Aquelas duas autoridades, o «Dicc. Prosódico» e o «Essai», contradizem-se a cada momento uma á outra com relação ao valor das vogais e ditongos, mormente do *e* tónico, porque cada uma delas representou seu falar diverso, o que o sr. R. ou esqueceu ou ignora; nem isto é de admirar, visto que a primeira dessas autoridades não declara cual pronuncia se propôs a figurar, antes insiste em protestar que a que figura é a mais jeral, concuanto decidida e exajeradamente algarvía, e em oposição constante com a indicada pela maioría dos lexicógrafos. Digo que não admira, mas não direi que tenha absoluta desculpa, pois o sr. R. podería, para seu desengano acêrca dos valores atribuídos aos *ee* tónicos pe'lo «Essai», consultar outras obras facílimas de adquirir, como o «Nouveau Dictionnaire Portugais-Français» de Roquette, ou o «Diccionario Contemporaneo da lingua portugueza», dos cuais o primeiro está acentuado em todos os vocábulos, e o segundo tem de todos eles a pronuncia figurada. Se os houvesse examinado, reconhecería que a pronuncia exposta no «Essai», a da capital, é a prevalecente e como que normal, de que todos os individuos cultos buscam aproximar-se, e que com maior ou menor exactidão adquirem tarde ou cedo, isto é, a do centro do reino; e que a do «Dicc. Prosodico» representa um falar extremamente provincial, dogmática e insistentemente imposto, como o exclusivamente correcto, por quem ou não pode ou não quere ajeitar-se a outro, e que supõe jeral o que é dialectal, atribuíndo aos mais os defeitos de ouvido que sómente são seus. Na realidade, a discordancia cuási constante entre Vianna e o «Dicc. Prosodico» procede principalmente da existencia de três *ee* tónicos no dialecto algarvío, respectivamente denominados no Dic. *agudo, fechado* e *aberto,* ao passo que no centro do reino apenas dois normais são conhecidos, *fechado,* que corresponde em jeral ao *fechado* e ao *agudo* algarvíos, e *aberto,* que na maioria dos casos com aquele coincide. Isto podería o sr. Radermacher reconhecer logo no prefacio do Dic., para não dar como incerto e vago o

valor de cada *e*, cuando, ao contrario, em cada dialecto eles obedecem a regras fixas; podería igualmente ler com atenção o que sobre os dois *ee* expõe o dr. Cornu, na obra já citada, pôsto que a pronuncia ali indicada não seja também a de Lisboa, porém manifestamente ultra-meridional, isto é, pe'lo menos alentejana, com relação ao valor do *e* teóricamente fechado, antes de palatal, *ei, ex, ech, ej, elh, enh,* a que dá o valor de *ê*, cuando, como é sabido, e o diz o «Essai», em tal situação ele se profere em Lisboa como *â*, o que nessa publicação é indicado por *ë*. Não censuro, ainda assim, o ilustre romanista por ter feito eleição daquela pronuncia, que é a jeralmente indicada pelos lexicógrafos, como Roquette, por exemplo, mormente porque o valor dessa vogal varía de norte para sul, desde *ê* até *â*, e desde *â* até *ê*, passando por *ė* e talvez por *è*, complicados, ou não, com a subjuntiva *i* reduzido: portanto, o dr. Cornu hesitou em adoptar a pronuncia de Lisboa, que, não obstante, com certeza conhece. H. Sweet insiste na pronuncia *êi*, que atribui ao seu mestre, e o Principe Bonaparte vacila. O sr. Leite de Vasconcellos reconhece a exactidão da descrição do «Essai», com relação a Lisboa.

O «Diccionario Etymologico da lingua portugueza», do dr. Adolpho Coelho, e o «Diccionario Contemporaneo» marcam *ë* = *ê*.

Jeralmente, podemos dizer que *ê* ou *ė* são a pronuncia do norte e sul além do Mondego e além do Tejo, e que entre Tejo e Mondego domina a pronuncia *â*, sobretudo no litoral, sendo a exclusiva na capital.

O que, porém, nenhum outro autor prescreve são três *ee* tónicos, isto é um *e* intermedio de *è* e *ê*. Por esta razão vai-se tornando evidente a necessidade de se fazer um estudo da pronuncia preceituada no «Dic. Prosodico», visto que êste livro tem tido, à falta de outro melhor conhecido, uma certa aceitação entre os glotólogos estranjeiros, que em jeral por ele se regulam, não obstante estar, como disse, em desacôrdo neste ponto com outros trabalhos de maior autoridade. Esse estudo tentá-lo-hei eu em breve nesta *Revista*, comcuanto os preceitos ali estabelecidos em nada hajam influído como padrão da pronuncia dos vocábulos na jeneralidade do reino.

Dito isto, que me pareceu indispensável, passo a fazer algumas considerações sôbre o interessante opúsculo a que me vou referindo.

Num brevissimo prefacio o autor descreve sumariamente os dois textos e a sua orijem, mencionando que, tanto estes portugueses como outros, proveem de uma primitiva redacção latina, pois que um grande número de vocábulos neles empregados não é de orijem evolutiva, sendo mera reprodução dos latinos, declinados em vulgar.

Divide-se a exposição, como é costume, em duas secções, A) VOCALISMO, B) CONSONANTISMO; e numa serie de subdivisões analisa-se a sorte dêstes elementos do latim popular, comparados com os do clássico, com respeito não só aos vocábulos e formas portuguesas dos dois textos, mas excepcionalmente a outros vulgares.

Passando por alto a doutrina que se refere ao *a* tónico, na cual apenas há a mencionar a vocalização apontada do *c* de *a c q u a m em *u*, *augoa*, vemos que se consigna como facto que o *e* de *venho, tenho* é *aberto*, o que não é exacto; essas formas tem ambas o *e* teóricamente fechado *tënho, vënho*, isto é, *tênho, vênho*, ou conforme a pronnnciação de Lisboa *tânho, vânho*. Semelhantemente, o *e* de *érmo* é fechado em Lisboa, medio no Algarve *ėrmo*, e assim também *besta*, b e s t i a, *terça, deus, meu, teu*, emfim em regra todos os *ee* agudos do «Dicc. Pros.» [1].

P. 6. E' indiferente em Lisboa a escrita *mester* ou *mister*: em cualquer dos casos a vogal átona que precede o *s* palatal é *i*, atenuado e ciciado; é portanto pouco exacto o considerar a primeira destas formas como antiquada a par da segunda moderna, pois esta provém de mero capricho ortográfico.

Tem razão Cornu: *contrairo* é ainda popular, assim como *rosairo, Antoino* etc., o que o autor não consigna.

P. 16. *ròstro* em oposição a *rôsto*, autorizada a distinção de significado só com as definições de J. de Deus, é insuficiente: *ròstro* é vocábulo artificial, erudito, e já o «Essai» disse (p. 97-98) que os *ee* e *oo* de tais vocábulos são abertos, porque assim se lêem no latim escolar.

1 V. *Revista Lusitana*, t. I, p. 179.

P. 23. O *e* átono de *segre*, saeculum, *monge*, monachum, *milagre*, miraculum é devido talvez a influencia proençal ou francesa; cf. o castelhano *siglo, milagro*.

Sangue, a par do castelhano *sangre*, e dos derivados *sangrento, sangrar, sangría*, provém de sanguinem e não de *sanguem, o que é confirmado pela forma popular *sãigue*. *Honra, deshonra* são substantivos verbais de *honrar, deshonrar*.

P. 25. Com respeito à influencia regressiva do *r* e dos *rr* sobre *e* átono para o transformar em *â*, cumpre observar que ela persiste no português actual, não obstante a reacção douta que o mantém em vocabulos artificiais, como *americano*, popular *amaricano*, e mesmo em outros, como *sará, jaral*, por *será, jeral*, d'antes e ainda provincialmente *jèral (geeral)*.

O *i* de *irmão*, é atribuído ao *g* de germanum; efectivamente o castelhano tem *hermano*.

O *i* de *virtude*, que também aparece no castelhano *virtud*, italiano *virtù*, explica-o o autor, pelo alongamento do *i* de *virtutem*. Eu creio que o vocabulo é de orijem artificial, semi-erudito; por outro lado a pronuncia popular é, suponho que em todo reino, *vertude*, com *e* surdo.

E' de muito interêsse a parte que, a p. 29 e 30, se refere às vogais átonas entre a tónica predominante seguinte e a tónica subordinada (nebentonig) precedente, por exemplo *cavaleyros, encarnado, maravilhosa, sacerdote*, etc.

Sôbre o *gu* de *minguar* convém comparar-se-lhe o vocábulo *mangual* de manuale; nestes vocábulos o valor decididamente consonantal do *u* latino era corroborado provávelmente pela pronunciação gutural do *n*, e tal permutação é análoga á do italiano *belva*, lat. bellua: ao *u* consoantal deu-se como representante outra consoante, ou grupo em que entrasse elemento labial. A este facto são comparáveis tambem as escritas *hu* castelhana, e *gu* castelhana e portuguesa em substituição da semi-vogal labial de outras linguas de que se tomaram vocábulos, como as americanas, o árabe, etc.

P. 33. «*f* bleibt, oft wird doppeltes *f* geschrieben ffilha». Sôbre a grafía *ff* em vez de *f* inicial direi o seguinte: *s* inicial de sílaba escrevía-se *ſ*; êste símbolo, porém, cuando medial expressava na maioría dos casos, como ainda hoje o *s*, a fricativa apical sonora correspondente à surda que o mesmo símbolo expressa cuando inicial; para diferençar os dois sons mediais, sonoro e surdo, escreveu-se *ſſ* para o último, e assim este grupo ou compendio adquiriu o valor permanente de *s* surdo, e foi portanto empregado mesmo cuando era inicial: o hábito de escrever sempre *ſſ* no começo das palavras trouxe comsigo a duplicação do *ff* na mesma posição, em virtude da cuási identidade dos dois caracteres, o último dos cuais só se distingue do primeiro pe'la linha horizontal que o corta na haste.

O *z* e o *ç* é de presumir que primitivamente representassem, como no francês antigo, as dúplices *dz, ts*, que o *z* ainda representa em italiano, e de que é reminiscencia o maior apêrto dos órgãos factores com que são proferidos em dialectos, etc., onde a diferença entre *s* surdo e *ç*, *s* sonoro e *z* ainda se mantém.

P. 39. «*b* (medial) bleibt in: trabalho...» A forma popular em todas as rejiões em que ha *v* é *travalho*, e assim também *taverna;* as formas com *b* são eruditas. O vocabulo, pois não faz excepção a regra da conversão de *b* medial em *v*.

P. 40. Creio que tem razão em repudiar para o verbo *arrevatar*, moderno *arrebatar* o étimon de Diez *arreptare > raptare, porque o *p* está amparado pelo *t;* pode ser que êste vocábulo seja afim de *rebate*, derivado de *bater*. O «Diccionario Etymologico» de F. Adolpho Coelho considera-o derivado de *rapitare, que devería, a ter existido, produzir **rabedar;* raptare deu talvez *ratar*, como captare deu *catar* e mactare deu *matar*.

P. 43. O *z* final dos vocábulos indicados pe'lo autor, *voz, paz, cruz, aaz, vez, calez* (calicem), *dez, diz, faz, praz* está por *ç*, cuando final de sílaba, porque êste último não se escrevía em tal situação [1]. O seu valor de *ç* está comprovado

[1] V. *Rev. Lusitana*. vol. I, p. 209, nota 2. V. também, sôbre êste e outros pontos «Exposição da Pronuncia Normal Portuguesa», Lisbôa 1892.

pela pronunciação dêstes vocábulos nos dialectos transmontanos; *luç, luzes; faç, fazes*, etc.

P. 44. A forma portuguesa moderna *socego* é êrro puramente ortográfico, cualquer que seja a orijem do vocábulo, o que a pronuncia transmontana e a castelhana confirmam: não havía portanto que opor-lhe a forma *sossego*, única verdadeira, como obsoleta; anticuada é a forma *sessego*.

P. 45. «*b* steht in Auslaut bei dem gelehrten-Worte *Jacob*». E' natural que este nome se proferisse, como ainda hoje, *Jacó*, e assim também, *Jó, Daví* (Job, David), e que o *b* e *d* sejam meras reminiscencias da ortografía latina, como o era o *ph* de *Joseph*, forma esta que durou até o século presente, *por ser aspiração hebraica* (!), como doutrinava autoritariamente Madureira Feijó, sem nos dizer que especie de arcano continha esta aspiração inviolável.

P. 60. A forma castelhana antiga *alem*, que dá como correspondente à portuguesa *aalem*, devería ter acrescentado a moderna *allende*, que confirma o étimon illic inde.

Uma última observação a respeito do opúsculo. Diz-nos o sr. Radermacher a p. 58, com referencia à conservação do *x* latino em formas como *Aleixandria*: «x zu ix: das *k* des x löste sich in *i* auf, welches mit dem voranfgehenden Vokal sich verband; nach der *Tradition* wurde der dem k folgende Laut s weiter x geschrieben».

O itálico é meu. Isto não é exacto, e na «Romania», vol. cit. p. 71 já expliquei essa conservação do *x*: *seixo* corresponde a saxum, isto é *saksum*; o *k* vocalisou-se em *i*, e êste, além de palatalizar o *a* antecedente em *e*, transformou também o *s* apical em dorsal (palatino), escrito na peninsula com *x*. Assim *Aleixandria* não representa a pronunciação *Aleissandria*, mas sim *Aleixandría*, moderno *Alixandría*, isto é *Alixandría*. Cf. a pronuncia de Lisboa em *peixeiro*, isto é, *pixeiro*, por ser átono o *ei*.

O folheto está bem impresso e cuidadosamente revisto. E' de sentir, porém, que não fosse empregado o itálico, abstenção que torna confuso o texto, como se pode ver das citações que fiz, especialmente da última.

A. R. Gonçalves Vianna.

II

PERIODICOS

Revista de sciencias naturaes e sociaes. Vol. 1.º e 2.º — Porto, 1889-1893. — Esta *Revista* é orgão dos trabalhos da Sociedade Carlos Ribeiro, do Porto, a qual tem tambem publicado memorias avulsas: cfr. *Revista Lusitana*, II, 188. Ha da *Revista de sciencias naturaes e sociaes* já dois volumes, e consta-me que vae brevemente começar a sahir o terceiro. Eis a indicação dos artigos cujos assumptos se ligão com os da *Revista Lusitana*, abstendo-me eu de, por falta de espaço, fazer as reflexões críticas a que alguns d'esses artigos davão margem: *A questão da anthropophagia nas estações neolithicas da Serra do Cabo Mondego*, por A. dos Santos Rocha; *Uma obra de arte primitiva*, pelo mesmo; *Primeiros vestigios do periodo neolithico na provincia de Angola*, por Ricardo Severo; *Sobre os conhecimentos ethnicos dos Gregos e dos Romanos*, por F. Adolpho Coelho; *Os Atlantes de Diodoro Siculo*, por F. Martins Sarmento; *O mytho de Estar*, por Th. Braga; *Notas sobre a malacologia popular*, por Rocha Peixoto; *Pequenas hachas de pedra das estações neolithicas do concelho da Figueira*, por Santos Rocha; *O mytho chaldeo-babylonico dos amores de Estar*, por Th. Braga; *A tatuagem em Portugal*, por Rocha Peixoto [1]; *Notas sobre a linguagem vulgar do Porto*, por J. Leite de Vas-

[1] D'este artigo e do intitulado *Notas sobre a malacologia popular* fizerão-se edições separadas. No segundo trata-se um assumpto quasi novo, ou novo na nossa ethnographia; d'elle darei mais larga noticia noutra occasião.

concellos; várias noticias bibliographicas, biographicas e archeologica. Alguns dos artigos vem acompanhados de estampas.

São dignos do maior elogio os esforços empregados pela *Sociedade Carlos Ribeiro* para os progressos das sciencias em Portugal, tanto mais que esses esforços já bons fructos tem produzido.

J. L. DE V.

III

VARIA QUAEDAM

Publicações que podem interessar aos leitores da *Revista Lusitana*, e de algumas das quaes se fallará aqui mais demoradamente:

— **Astronomia, meteorologia e chronologia populares,** por J. M. Soeiro de Brito, Espozende 1890 (da *Collecção de Silva Vieira*, n.º 5). — Neste opusculo o A. limita-se a colligir factos populares portugueses; apenas duas ou tres vezes faz comparações com factos estranhos. Alguns dos factos portugueses são já conhecidos, outros são novos ou offerecem variantes. — No Alemtejo chama-se *astro* ao ceu. As varias estrellas e constellações tem nomes tirados geralmente da vida pastoral, como *cabrêro* (Syrius), *cabras* (Pleiadas), *cachêro* (Orion), etc., o que é muito natural numa região, como o Alemtejo, onde os gados gosão de tamanha importancia. A proposito das doenças causadas pela lua, referidas a pag. 7 e 35, podia ter-se mencionado o amuleto denominado *lua*, usado contra ellas, e que no Alemtejo se fabrica de madeira, metal, etc; cfr. A. Thomás Pires, in *Elementos para um Dicc. Geogr.* etc., de V. d'Almada, vol. I, s. v. *amuleto*. Na quadra de pag. 8

Já o sèdestrello [1] vae em pino,
E a barca vae tombada,
E as cabras de seiscentos diabos
Não querem tomar malhada,

parece que as cabras do 3.º verso são as Pleiadas (que tem aquelle nome); e então a outra quadra, que o A. menciona,

O set'estrêllo vae em pino,
E a lua já vae tombada,
As ovelhas de meu amo
Não querem tomar malhada

fica sendo, quanto a mim, mera degeneração d'aquella fundamental: perdida a noção de que a palavra *cabras* representa uma constellação, substituiu-se facilmente tal palavra por *ovelhas;* e, como o pastor não guarda em geral gado seu, accrescentou-se-lhe «de meu amo». A'cerca dos astros e superstições annexas, cfr. as minhas *Trad. pop. de Portugal*, cap. I. — Do dictado

Ramos molhados,
Ramos melhorados,

conheço um do Norte do país, assim:

Ramos molhados,
Carros carregados,

que significa que, se chover pelos Ramos, a colheita será abundante. — Sobre o vento e a trovoada, cfr. *Trad. pop. de Portugal*, cap. III. — Tambem no Norte e Centro do país se usão as expressões *Santo Entrudo* (Beira-Alta) e *dia de S. Nunca á tarde* (Minho). — O que o A. diz do vento e seus nomes, a pag. 22 sqq., é curioso e interessante. — Muitas vezes o A. transcreve as superstições no proprio dialecto do Alemtejo, o que augmenta o merecimento do opusculozinho. Por ex., a pag.

[1] Esta fórma é authentica, ou é erro typographico por *setestrello?*

37 apparece-nos o verbo *ugar* (do lat. * aequalare), que creio que tambem se usa no Campo de Coimbra, e é além d'isso archaico (sob a fórma *uguar*).— A pag. 16 diz o A. que *inverna* é contracção de *invernada*, mas tal não póde ser: *inverna* é um substantivo verbal de *invernar*, como *rega* o é de *regar*, *esfrega* de *esfregar*, etc.

— **Cancioneiro popular politico,** por A. Thomás Pires. Elvas 1891, VIII-72 pag. in-16.º Preço 200 réis. (Faz parte da *Collecção do Correio Elvense*).

— **Calendario rural,** por A. Thomás Pires. Elvas 1883, 90 pag. in-16.º (Faz parte da mesma *Collecção*).

— **Noções elementares de grammatica portuguesa,** por F. Adolpho Coelho. Porto 1891, 130 pag. in-8.º

— **Camões e o sentimento nacional,** por Theophilo Braga. Porto 1891, VII — 324, in-8.º

— **As lendas christãs,** por Theophilo Braga. Porto 1892, XII — 400 pag. in-8.º

— **As modernas ideias da litteratura portuguesa,** por Theophilo Braga. Porto 1892, 2 vol., VII — 446 e 514, in-8.º

J. L. DE V.

PORTUGAL NO ESTRANGEIRO:

— Na **Berliner Philologische Wochenschrift,** de 21 de Junho de 1890, vem um artigo do sr. prof. Epiphanio Dias intitulado *Kritische Bemerkungen zu Eutrop* («Notas criticas a Eutropio»), que vérsão sobre os seguintes pontos do *Breviarium Historiae Romanae:* II, 13, 2; III, 22; V, 51. Entre outras edições escholares de AA. latinos, o Sr. Epiphanio Dias fez uma tambem de Eutropio, a qual é a melhor que d'este historiador temos em Portugal.

— Na revista **The Academy,** n.º 1101, de 10 de Junho de 1893, vem, com o titulo de *English neglect of Portuguese literature,* e assignado por Edgar Prestage, de Bowdon, um lisongeiro, embora pequeno, artigo sobre a nossa litteratura antiga e moderna.

— Na **Aurora do Cavado,** de 24 de Novembro de 1891, lê-se a seguinte noticia: «O Sr. Sant'Anna Nery, distincto homem de lettras brazileiro, ha muito residente em Paris, conseguiu ahi que a lingua portuguesa fosse equiparada á italiana, hespanhola, etc., como preparatorio para o bacharelado em lettras».

— O sr. W. Storck, a quem a litteratura portuguesa deve tantos trabalhos importantes, publicou em 1892 um livro intitulado *Aus Portugal und Brasilien* (1250-1890) *Ausgewählte Gedichte* («Poesiaz selectaz de Portugal e Brasil», — traduzidas em allemão). D'este e de outros livros do sabio e prestimoso lusitanophilo fallará a seu tempo a *Revista Lusitana*.

— Publicou-se o supplemento do *Corpus Inscriptionum latinarum,* vol. II, do sr. Emilio Hübner, outro dedicado amigo de Portugal, e, como poucos, conhecedor da nossa archeologia. O vol. II do *Corpus* contém, como é sabido, as inscripções romanas de Portugal e Hespanha. — Noutro n.º d'esta *Revista* se dará notícia mais circumstanciada.

J. L. DE V.

VISÃO DE TUNDALO

INTRODUCÇÃO [1]

1. — A visão de Tundalo [2] é, entre as descripções medievaes dos tres reinos eternos, uma das mais interessantes; e muitas vezes se tem dito, e com razão, que ella contem grande numero de passagens, as quaes de certo modo são comparaveis a outras da *Divina Comedia.* E é bem notavel que esta lenda se tenha conservado quasi inteiramente intacta, apesar de que, não só pelo seu argumento, que excitava vivamente a phantasia, mas tambem pela sua fórma, que consiste em uma serie de descripções, se tornavam faceis as interpolações, omissões, e mudanças.

2. — A *Visão de Tundalo* succedeu no anno de 1149, a dar credito ao que se diz no prologo do antigo texto latino: *Visa est ipsa visio 1149.º ab incarnatione Domini anno .... ipso eodem anno Malachias, Dumensis episcopus .... defunctus est* [3]. Em epoca muito proxima d'aquella em que succedeu, um certo Marcos, capellão de uma abbadessa G. [4], a trasladou em prosa latina. No referido prologo diz-se ainda: *Placuit vestrae prudentiae, quatenus misterium, quod ostensum fuerit Tnugdalo cuidam Hibernigeno, noster stilus licet ineruditus de barbarico in latinum transferet eloquium.* O sr. Mussafia diz que d'estas palavras poder-se-hia á primeira vista concluir que Marcos apenas se tivesse limitado a trasladar em latim um escripto irlandez; mas como pouco depois accrescenta: *Scripsimus vobis fideliter, prout nobis ipse qui haec viderat, eandem visionem;* e no decurso da narração muitas vezes se faz referencia áquelle que lhe tinha contado as cousas vistas; resulta que o auctor da legenda é Marcos, o qual escreveu a narração irlandeza ou immediatamente em latim, ou pri-

[1] Acerca d'esta lenda veja-se a excellente memoria: *Sulla visione di Tundalo,* appunti di Adolfo Mussafia, nas *Sitzunberichte der Kaiserlichen Akademie der Wissenschaften;* Philosophish-Historisch classe, Wien 1871. LXVII Band, Heft I. pag. 157-206. Devemos declarar que foi d'esta memoria que principalmente nos servimos para escrever esta introducção, a qual deve ser considerada apenas como um resumo d'aquella, no que dizemos em os n.os 1, 2, 3, 4 e 5. Cf. *Revue celtique,* dirigée par H. Gaidoz, tom. II, 1873-1875, pag. 124 a 126.

[2] Os textos mais antigos tem *Tnugdalum;* comtudo o sabio celtista Ebel diz que a forma *Tnugd* não parece ser a primitiva, por isso preferimos a fórma vulgarisada de *Tundalo.*

[3] S. Malachias, bispo Dumense, falleceu a 2 de novembro de 1148; a differença de um anno póde explicar-se admittindo que o auctor da *Visão* fez começar o anno de 1149 em 1 de setembro. Alguns codices porém tem: *Visa est ipsa visio anno 1148, etc.*

[4] Em um codice lê-se que o nome da abbadessa era *Gertrudes.*

meiramente para seu uso em linguagem barbara, *barbarico eloquio*, e depois a trasladou em latim para uso da mesma abbadessa. No fim do seu escripto, o auctor se encommenda ás orações da mencionada religiosa: *Vestram. o praeclara G., humilima et devotissima prece precamur clementiam. ut nostri licet indigni memoriam in vestris habeatis orationibus.* Comtudo póde ainda suppor-se, que as palavras: *Scripsimus vobis fideliter, prout nobis ipse qui haec viderat visionem,* se devam referir ao auctor, que por ventura escreveu em irlandez a *Visão;* e que aquellas: *Placuit vestrae prudentiae, quatenus misterium quod ostensum fuerit Tnugdalo cuidam Hibernigeno noster stilus licet ineruditus de barbarico in latinum transferet eloquium,* tenham sido accrescentadas por Marcos, o qual, differente do auctor, se limitou a traduzir em latim um escripto irlandez.

Disse-se atraz que Marcos fez a traducção latina não muito depois do anno de 1149; com effeito no prologo já citado, faz-se menção de que no mesmo anno, em que Tundalo teve a visão, em Claraval morreu S. Malachias, e accrescenta: *Cujus vitam miraculis plenam Bernardus Claraevallensis abbas satis loculento sermone transcribit.* Este verbo no presente, *transcribit,* parece indicar que S. Bernardo era ainda vivo, porque, se assim não fosse, o auctor usaria do preterito, *transcripsit.* E como S. Bernardo falleceu no anno de 1153, segue-se que a lenda foi escripta entre os annos de 1149 e de 1153.

Muitos são os codices em que foi conservado o texto primitivo de Marcos, comprehendendo o prologo e a subscripção. Durante muito tempo ficou inedito, excepto o prologo, que foi publicado por Martene [1], até que em 1869 toda a lenda foi publicada por Oscar Schade [2].

3. — Menos de um seculo depois que Marcos fez a traducção latina da *Visão de Tundalo,* Vicente de Beauvais (Vicentius Bellovacensis), querendo incluir a mesma visão no *Speculum Historiale,* lhe fez uma revisão, tornando-a mais propria para fazer parte da mesma compilação. Supprimiu o prologo, conservando sómente dos seus ultimos periodos a indicação da data; omittiu no decurso da narração todas as allusões pessoaes do auctor; e no fim supprimiu a breve subscripção, na qual o escrevente se encommendava nas orações da abbadessa. Reduziu pois a lenda a proporções um pouco mais modestas; comtudo limitou-se a omittir phrazes ou periodos, mas não resumiu o sentido geral; em tudo o que restou conservou quasi intacto o texto de Marcos. A *Visão de Tundalo* foi incluida no livro XXVIII, capitulos 88 a 104, do *Speculum Historiale.*

O grande favor, que desde o seu apparecimento obteve o *Speculum Historiale,* fez que muito frequentemente se destacassem certos fragmentos que formavam um todo por si só, e fossem reproduzidos á parte. E' por isso que a partir do seculo XII se encontra uma nova

[1] *Thesaurus novus anedoctorum,* edd. Edm. Martene et Urs. Durand. Lutetiæ Parisiorum, 1717, vol. I, pag. 490.

[2] *Visio Tnugdali,* edidit Oscar Schade. Halis Saxonum, 1869.

serie de manuscriptos da lenda, os quaes contêem a redacção do *Speculum Historiale.*

A Bibliotheca Nacional de Lisboa possue um magnifico exemplar manuscripto, em tres volumes, do *Speculum Historiale* de Vicentius Bellovacensis; é o codice illuminado Z-6-3, que parece remontar ao seculo xv. A lenda sob o titulo de *Visio Tundali,* que se encontra no alto das folhas correspondentes, é dada no livro XXVIII capitulos lxxxviii a civ. Estes capitulos occupam 38 columnas (duas por pagina) de 43 linhas, em media de 24 lettras. O capitulo lxxxviii, que fórma o prologo, tem o seguinte titulo, e começa assim:

lxxxviij. De raptu anime tundali et eius uisione Marchus G. abbatisse. capitulus.

Anno Domini m.c.x.lix. qui fuit annus secundus expeditionis ierosolymorum conradi regis romanorum, et annus quartus eugenii papae. in quo anno ipse papa de partibus galliarum romam reversus est. in quo etiam anno sanctus malachias in claraualle defunctus est. Visa est hec visio.

4. — Além do texto de Vicente de Beauvais, encontram-se outros resumos da mesma lenda, os quaes pela maior parte derivam do texto antigo. Alguns d'estes resumos têem o titulo de *Visio Tundali,* outros de *Apparitio Tundali;* todos supprimem o prologo, e começam immediatamente pelas palavras. *Cum anima mea corpus exuerat.*

Emfim da narração de Vicente de Beauvais encontram-se transumptos em diversas obras escriptas nos seculos XIV e XV, e entre outras na *Chronica de Santo Antonino.*

5. — Bem cedo o texto da *Visão de Tundalo* se espalhou por toda a Europa, e deu logar a versões nas linguas vulgares, que remontam aos seculos XIII a XVI; geralmente reproduzem o texto antigo de Marcos; comtudo algumas derivam evidentemente da recensão vulgarisada no *Speculum Historiale.*

Em primeiro logar deve mencionar-se a versão irlandeza, ainda inedita, que se encontra no Ms. H-3-18 do Collegio da Trindade em Dublin. Esta versão parece ter uma importancia particular para resolver a questão de saber se o texto original da lenda foi irlandez ou latino. Conhecem-se além d'isso traducções em portuguez, hespanhol, provençal, francez, italiano, allemão, hollandez, sueco e serbocroata.

6. — Da *Visão de Tundalo* ha duas versões portuguezas nos manuscriptos provenientes do mosteiro de Alcobaça; uma no codice 244, actualmente depositado na Bibliotheca Nacional de Lisboa, e outra no codice 266, existente no Archivo Nacional da Torre do Tombo.

O codice 244 é um volume encadernado, manuscripto em pergaminho, composto de 104 folhas. Cada folha mede 270 por 210 millimetros; a parte escripta em cada pagina compõe-se de uma só columna medindo 200 por 170 millimetros.

A lettra é gothica, e parece remontar ao seculo xv; mas a escripta das folhas 1 a 90 é differente da das folhas 91 a 104. As paginas

das folhas 1 a 90 contem 28 linhas, e as das folhas 91 a 104 contem 26 linhas, em media de 50 lettras cada uma.

No principio do codice ha uma folha de papel, não numerada, que em letra do seculo passado tem escripto o seguinte:

Cod. 244.

Cathecismo do P.e Fr. Zacharias de Payopélle antigo Monge Cisterciense do Real Mosteiro de Alcobaça; com outras obras asceticas do mesmo Author, a saber:

1. O Livro intitulado — Vergeu (aliás) Vergel de prazer, e consolação, — dividido em 5 partes, e subdividido em 78 Capitulos.

2. Meditações de S. Bernardo traduzidas no idioma Portuguez.

3. Hystoria de hum Cavaleiro chamado Túngala (aliás) Tundalo, ao qual foram mostradas as penas do Inferno, e do Purgatorio, e os gozos do Paraizo.

Com effeito estas tres obras encontram-se no codice, occupando a primeira as folhas 1,r a 73,r; a segunda as folhas 73,r a 90,v; e a terceira as folhas 91,r a 104,v.

Como já observou Fr. Fortunato de S. Boaventura [1], o antigo monge de Alcobaça Fr. Zacharias de Payopélle não é o auctor, mas sómente o traductor para portuguez das obras contidas neste codice.

O codice 266 é um volume encadernado, manuscripto em pergaminho, composto de 171 folhas. Cada folha mede 266 por 178 millimetros; a parte escripta de cada pagina compõe-se de uma só columna medindo 198 por 124 millimetros.

A lettra é gothica, de differentes mãos, e parece remontar ao seculo XV.

No principio do codice ha uma folha de papel, não numerada, com o indice das obras contidas no codice, as quaes são attribuidas a Fr. Hilario da Lourinhã, monge Cisterciense do Real Mosteiro de Alcobaça.

A *Historia do Cavaleiro Tungullo* occupa as folhas 124,r a 137,r.

Nesta parte cada pagina tem 30 linhas em media de 40 lettras cada uma. Como tambem observou Fr. Fortunato de S. Boaventura [2], o antigo monge de Alcobaça Fr. Hilario da Lourinhã não é o auctor, mas sómente o traductor para portuguez das obras contidas neste codice.

As versões portuguezas da *Visão de Tundalo*, contidas nestes dois codices, são differentes uma da outra. Não se conhece a epoca em que viveram os traductores, e por tanto aquella em que foram feitas

[1] Fr. Fortunati a D. Boaventura, *Commentariorum de Alcobacensi mss. Bibliothecæ libri tres.* Conimbricæ, 1827, pag. 569 e 570.

[2] Fr. Fortunati a D. Boaventura, *Commentariorum de Alcobacensi mss. Bibliothecæ libri tres.* Conimbricæ, 1827, pag. 570.

as versões; mas a linguagem d'estas não é anterior ao seculo XIII nem posterior ao seculo XV, inclinando-nos antes a que as versões foram feitas pelos fins do seculo XIV, ou principios do seculo XV.

Publicamos agora a versão contida no codice 244, e em outra occasião o será a do codice 266; reservando-nos para fazer depois um estudo acerca da relação d'estas versões com o texto latino de que derivam.

Conservou-se a orthographia do codice, apenas substituindo o ~ por *n*, e desfazendo as abreviaturas em conformidade com a orthographia usada no codice.

Lisboa, 24 de Novembro de 1893.

F. M. ESTEVES PEREIRA.

Começase a Estoria dhuun Caualeyro a que chamauan Tungulu. ao qual foron mostradas uisibilmente e non per outra reuelaçon. todas as penas do inferno e do purgatorio. E outrosi todos os beens e glorias. que ha no sancto parayso. Andando sempre huun angeo con el. Esto lhe foi demostrado por tal que se ouuesse de correger. e enmendar dos seos peccados e de suas maldades.

En huma prouincia a que chaman ybernia. foy huun Caualeyro a que chamauan tungulo. E era mancebo e de boo linhagem. o qual áuia muy pequeno cuidado de sua alma. Ca a ssua mancebia e a sua fremosura. e o seu linhagen. todo tornauan en uaydade do mundo. por a qual razon non auia sabor de auer saude de sua alma. Eralhe muy graue de hir aa egreia nen fazer oraçon. Daua muy poucas esmolas por deus. pero era muy largo en despender esso que auia en maaos husos. Este tal e tan pecador quis deus por exemplo de nos todos. que uisse muytas cousas e as sofresse. e que as contasse a nos. per que tomassemos exemplo pera nos castigarmos de mal fazer.

Este caualeyro iouue morto per spaço de tres dias e a sua alma foy leuada a muytos logares. como ben ouuiredes. E uiu as penas e os tormentos que os maaos padeciam. E depois logo uiu os beens que os boons reçebiam. Esto durou des quarta feyra hora decima. ataa o ssabado hora prima en tal maneyra que todos cuidauan que era morto. E fora ia soterrado non seendo huma pouca de queentura que tiinha no costado seestro.

Assi foy que no terceyro dia que era sabado como dicto he. começou a ssuspirar. E muitos que hy ueeron assi clerigos como leygos pera lhe fazeren honra e seu officio assi como a passado começaron de sse marauilhar e espantar e ele abriu os olhos. e começoulhes a fazer sinal que lhe trouuessen o corpus christi. e recebeo logo e começou de dar graças a nosso senhor deus. Dizendo ay deus meu senhor

muyto he mayor a tua merçee que a minha maldade. Ca pero que muito grande era a minha maldade. Senhor en my fezeste gran piedade. Ay senhor quantas maas tribulaçooens me mostraste e pero de todas me liuraste. e dos auissos me tiraste. Depois desto partio todas as cousas que auia e deuas a pobres e ordenou sua fazenda en tal maneyra e a sua uida outrosy que ben deu aa entender que uynha muy escarmentado das penas e dos tormentos en que se uiu. E muy gram talente auia de guaanhar os beens que uira.

Ora comecemos as cousas a recontar como lhe aconteçerom. En aquela hora que a alma deste caualeyro foy fora do corpo. começou de auer gram medo. ca se sentia muy peccador. e non sabia que fezesse. e auia a alma sabor de tornar ao corpo. e non podia entrar en el. E non sabia aqual fosse assy soo desemparado de todo ben. saluo da mãao de deus. e el stando assi gemendo e chorando. e reguardandosse dos maaes muytos que auia feytos. Viu uyr muy gran conpanha de demoes. e non tan solamente a casa hu iazia o seu corpo. mais todas as ruas e plaças eran cheas deles. E ela çercada deles de cada cabo. começaron de a espantar muy fortemente e dizian. Cantemos a esta alma mesquinha cantares de morte. ca filha he de morte. e amiga de teebras. e enmyga de luz. e con muy grande espanto a chamauan e dizian assy.

Ay mesquinha este he o poboo que tu escolhiste. con os quaaes andaras no fogo do inferno. Ca ia has mortas as tuas nouas e os teus uiços. por que non es soberuoso como soyas. por que non fazes fornizio. por que non fazes adulterio. por que non enuolues escandalos. Hu son as tuas uirtudes. hu he a tua uaan gloria. e a tua uaan alegria hu he. o teu vãao ryr hu he. O teu comer. e o teu beuer de que tu soyas de husar. e de que dauas pouco aos pobres. hu son. As tuas loucuras que tu fazias. hu son. todo ia he passado. E por en todo penaras. A mesquinha da alma ouuindo taaes cousas. e veendo tan maa uison. era muito espantada. e non sabia que fezesse. E en quanto ella assy sia. uio uynr huun angeo assi como estrella muy clara que a saudou. e a confortou. E quando o ela assy uiu. começou de chorar con grande plazer que ouue. e dizendo. Ay meu senhor e meu padre. doores do inferno me cercaron. e fuy en gran temor. Respondeo entom o angeo e disse.

Agora me chamas tu senhor e padre. quando te uees en coita. o que ante non fazias. quando eras en teu poder. Enton lhe disse a alma. Ay senhor nunca te eu uy se non ora quando ouuy a tua uoz. muy saborosa. Respondeo o angeo e disse. sempre eu fuy contigo. des o dia en que nacisti. e hya contego hu quer tu hyas. Mais tu nunca quiseste creer meus conselhos. nen fazer a minha uoontade. Entom estendeo o angeo a sua mãao. e apertou huun daqueles demoes. que lhe mais escarnho fazia. e disse o angeo á alma. Ves este he o que tu cryas. e cuia uoontade fazias. e despreçauas my. Mais sey segura ca deus ha de ti piedade. e non padeceras tantas penas quantas mereciste. mais passaras por muytos tormentos. e depois desto tornaras ao corpo.

por corregeres tua uida. E por en para ben mentes en todas as cousas que uires e non te esqueçam.

Os diaboos quando esto ouuiron. começaron a dizer mal de deus. por que tynham que aquela alma era sua de dereyto. e diziam que non fazia dereyto. Mais poren deus sempre foy. e he. e hade seer dereyta justiça. ca aynda aaquela alma ficaua tempo de fazer penitencia. pois que ao corpo auia de tornar.

Depois desto disse o angeo a alma. sigueme. Respondeo a alma e disse. Ay senhor. se eu depois uos for. estes demoes tomarmeam por detras. e leuarmeam pera me darem tormentos. Disse o angeo. non aias medo. nen pauor ca mais son connosco. que com eles. Sabe que deus he connosco. e outro nenhuun non pode seer contra nos. que nos possa enpeencer. Enton foy a alma despos o angeo. e non auia outra luz nen claridade. se non tan solamente a luz e a claridade do angeo.

E chegaron a huun ualle de teebras. muyto spantoso e era muy fundo e muy caruoento. e tynha huma cubertura de ferro en que podia auer sete couedos en grosso. e tanto ardia que se uoluia em caruõoes accesos per ella. e fedia muy mal. E iaziam sobre ella muytas almas mesquinhas que se queymauan. e feruian en ella como o azeite ferue na sartãae. e depois que feruiam. deitauanse per ella a fundo. assi como a cera derretuda polo panno. e cayam sobre os caruõoes accesos. E quando a alma uiu estas cousas. con grande medo disse ao angeo. Rogote senhor que me digas que fezeron estas almas. por que receben tal pena. Respondeo o angeo e disse. tal pena merecen os matadores e os que con elles consenten. E tu tal pena merecias. Mais tu non a sofreras. Mais guardate quando tornares ao corpo que non faças per que estas penas e outras mayores padeças.

Depois desto disse o angeo a alma. Comecemos andar. ca longo caminho nos fica pera andar. E assy hyndo. chegaron a huun monte muy grande e de gram tormento e temor. en que auia muy streyta carreyra e muy maa. E da huma parte da carreyra era muy gran uento e muy frio. E todo o monte assi dhuma parte como da outra staua todo cheo de muitos demoes que stauan prestes e aparelhados pera atormentar almas. E estes diaboos tynham en suas mãaos gadanhos de ferro muyto agudos e outros aparelhamentos. con que enpesauan as almas. e dauan con ellas dentro no fogo. E desi er tirauannas do fogo. e deytauannas na agua e na neve. E assi as almas mesquinhas andauan de pena en pena. Enton a alma disse ao angeo. Senhor como poderey eu passar por huun logar tan maao e tan esquiuo.

Disse enton o angeo. non temas de me seguir. E desi deceron a huun ualle muy fundo e muy escuro. e en fundo daquel ualle a alma non uya nada. Mais ouuia o aroydo dhuun ryo. que corria per elle do qual ryo saya gram fumo e gram fedor. e a alma ouuia grandes braados. e grandes gimidos das almas que iaziam en aquel ryo. en que padeciam grandes tormentos. E en cima daquel ryo era posta

huma tauoa en maneyra de ponte. que chegaua dhuma parte do monte aa outra. En aquela tauoa auia ben mil passos en longo. e non mais que huun pee en ancho. e per ella non podia passar nenhuma cousa que non ouuesse de cayr en fundo. saluo se fosse muyto escolheyto de deus e muito bõo. E a alma uiu cayr muitas almas en fundo. e uio vynr pola ponte huun peregrin que hya per ella muy seguro. e tragia huma escrauina uestida. e huma palma en sua mãao. E a alma quando uiu que este tan aginha passou. disse ao angeo. Dizeme senhor. como poderey eu passar per esta ponte tan estreyta que non caya a fundo. Respondeo o angeo e disse. non aias medo. ca desta pena liure seras. e passaras aa outra parte sen perigoo de ti. Enton disse a alma ao angeo. Rogote senhor que me digas. estas penas de quaaes almas son. Respondeo o angeo e disse. este ualle tan fundo e tan escuro. he morada dos soberuosos. E en este outro de que saae tan grande fedor e que ten a carreyra tan streyta. e ha en ella tantas penas. he logar dos que teen os caminhos pera mal fazer. e pera roubaren. e tomaren o alheo.

Enton disse o angeo a alma. signeme ca aynda teens de ueer muytas cousas. e começaron a hyr per huma carreyra torta e muy maa. E assi como hyam per aquela carreyra. e era tan escura. que a alma non uya nenhuma cousa. se non a claridade do angeo. E a alma hia muy quebrantada dos trabalhos que auia passados. E uio huma besta tan grande que sobrepoiaua todos os montes que ia ante uira. e aquela besta era tan forte e tan espantosa. que non ha homen uiuo en carne. que o osmar. nen consyrar podesse. Ca os seus olhos pareciam outeyros accesos. E a sua boca que ella tynha aberta. ben poderiam per ella caber noue mil homeens armados. assunadamente. e tynha dous seruentes. e huun deles tynha a cabeça susu. e os pees juso. e o outro tynha a cabeça juso e os pees suso. e syam ambos en meu de duas traues muy grandes que stauam atrauessadas en aquela boca. E sayam per aquela boca muy grandes chamas de fogo. que se partyam per tres partes. pelas quaaes chamas conuynha aas almas mesquinhas que passassen. e entrassen no ventre daquella besta. E sayam per aquela boca muy grandes braados de chantos. e de choros muy dooridos. de muytas almas que dentro jaziam. que padeciam muytos tormentos sen piedade nenhuma. Estavan ante aquela boca daquela besta muytas companhas de demoes. que atormentauam as almas. E ellas atormentadas. faziannas entrar no uentre daquela besta. Enton ueendo a alma a tan maa uison. disse ao angeo. Senhor. por que nos chegamos tanto a esta besta. Respondeo o angeo. e disse. non podemos acabar nossa uiagen. menos de chegarmos a ella. Enton começou o angeo de hir adeante. e a pouco tempo desapareceolhe e a alma ficou soo. e os diaboos cercaronna logo assi como cãaes rayuosos. e atormentaronna dentro no uentre daquela besta. e os tormentos e penas que hy padeceo. non ha homen uiuo e nado que as podesse contar. Mais enpero na vida que el depois fez. ben poderiam entender os homeens que o conheçeron. segundo as obras que el fazia. que muytas penas

recebera ali iazendo. E segundo a uida que niueo. depois que tornou ao corpo.

Ca el iazendo no uentre daquela besta. sofreo e padeceo muito fedor. e muita caentura. e muito frio. e muitos outros tormentos. que os homeens non poderian contar. E el iazendo dentro chorando suas maldades. e recontando o que auia feyto por que padecia aquelas penas. parou mentes e uiose fora. e non sabia como sayra. e ela iazendo assy atormentada. abrio os olhos e viu o angeo que a auia leixada. Enton disse a alma ao angeo.

Ay minha sperança e minha uida, e meu ben. quaees graças poderia eu dar ao meu senhor ihũ x.º por tanto ben que me fez. quando te me deu por guardador. e por meu guiador. Enton respondeo o angeo. e disselhe. Assy ia te eu disse que mayor he a misericordia de deus que a tua maldade. Empero que no dia do juizo dara a cada huun seu dereyto. segundo como o mereçer. E poren quando fores en teu poder. non façaз per que tornes a sofrer taaes e tantas penas. Enton o angeo disse vaamos mais adeante. Ca ante nos veeremos outras penas.

E a alma começou a andar. mais non podia ir seguir o angeo tanto era lazerada. E quando foron ia hindo longe. uiron huun mar muy forte e muy brauo. que as ondas dele se alçauan tanto. que non podian veer o çeeo. En aquel mar jaziam bestas muitas e muy feas. e de muitas maneyras. e non stauan al sperando se non almas que passassem. E tam fortes eram aquelas bestas. que pareciam torres. E das suas gargantas sayam tan grandes fogos. que toda a agoa faziam ferver. E sobre aquel logar staua huma ponte muy longa. e muy streyta e auia en longo dez mil couedos. e non era mais ancha que huun palmo. e era muito mais streita que a outra.

Esta ponte era fecta dhuma tauoa que toda era chea de clauos agudos. e os que per ela passauan padeciam grandes penas e era muy maa de passar. ca era muy estreyta e muy longa e toda enclauada de muy gran temor. Ca en fundo iaziam muytos maaos bestigoos. E uio huma alma que staua en aquela ponte chorando carregada dhuun feixe de trygo. e fazianna passar pola ponte. E pero que auia os pees muy agrauados. e lastimados dos clauos. mais queria hir per ela. que cayr nas bocas daquelas maas bestas. E a alma quando uiu que auia de passar pola ponte disse ao angeo. Senhor se te prouuesse queria saber de quaaes he esta pena. Respondeu o angeo. esta ponte e estas penas son daqueles que furtaron. quer pouco quer muito. Mais non padecen todos yguaaes penas. Ca os que furtaron muito merecen mayores penas e mais. e os que furtaron pouco non padecen tanto. E tu merecias de entrar en elas. mais pola mercee de deus livre es delas. Mais conuen que ora passes per ella sen my e passaras contego huma uaca braua. que tu furtaste a huun teu conpadre. Respondeo a alma e disse. se a eu tomey depois a dey aaquel cuia era. e outras cousas. E o angeo disse. Ben sey que a deste. mais tu a deste por que a non podeste esconder. Mais empero non padeceras tan

grandes penas. como padeceras se lha non deras. Enton pareceo a uaca muy brava e muy forte. e per nenhuma guisa non queria hir pola ponte. enpero aacima ouue de passar como quer que lhe era muy graue. ca a ponte era muy estreyta e non podian hir per ella se non posessen os pees en aqueles clauos. E indo assi pola ponte. chegaron aa meatade della. e encontraron con aquel que tragia o feixe do trigo aas costas. e a alma rogou aquel do feixe. que a deixasse passar. E o outro disse. mais leixa tu my passar. ca con muy gram pena trouxe aqui este feyxe a este logar que tu uees. E en quanto assi stauan en esta contenda. con muy gram temor de cayr en fundo. acusandose si meesmos dos peccados e dos maaes que auiam feytos. por que eran dignos e merecedores de padecer aquela pena e aquela door. ca lhes saya o sangue dos pees per fecto dos clauos que se lhe metiam per elles. per tal guisa que non podian ir ia mais adeante. nen podiam tornar atras. Enton falou o angeo aaquela alma e disse. ben seias ueuda. non aias medo iamais da uaca. ca ia es liure dela e ia enmendada has a culpa. Enton lhe mostrou os pees como os tragia chagados e muy agrauados dos clauos dizendo que non podia andar. Disselhe o angeo. Deuiaste de acordar. en como os auias muy ligeyros. e muy ardidos. andando con elles en muitas uaidades. E non seendo a misericordia de deus lazerarias malamente e o passarias aqui muy mal por os teus mereçimentos. Mais esforçate en deus e pensa de andar. Ca huun tormento muy crueuil e muy maao. e muy negro nos sta sperando. cuia pousada e oficio per nenhuma maneyra scapar non podemos.

E hyndo assi e andando per logares muy secos e muy escuros. apareçeolhes huma casa aberta que era redonda assi como forno aceso. A chama daquela casa saya assy per spaço de mil passos duraua. e queymaua quantas almas achaua a redor de sy. E a alma quando uiu esta casa tan maa. disse ao angeo. Ay mesquinha ia nos chegamos aas portas da morte. Respondeo o angeo e disse. liure seras desta pena desta casa. Mais conuen de entrares dentro e ueeras muyto mayores penas. E parou mentes e uio estar ante a porta muytos demoes en semelhança de carniceyros que tynham segures e cuytelos nas mãaos pera esfolar e desfazer en quartos e en postas. e depois que as desfaziam deitauannas en aquelas chamas. e dauam con ellas dentro na casa a arder. e padeciam aly muy grandes penas e tormentos. E a alma quando esto uiu. preguntou o angeo dizendo. Senhor rogote que me digas. de quaaes son estes tormentos. Respondeo o angeo e disse. estas penas son dos gargantooens e dos fornigadores. quando a alma uiu que aquela pena era mayor que as outras. disse enton ao angeo. Rogote senhor que me liures deste lugar e miteme en outras penas quaaes quiseres. E o angeo respondeo non podes escapar que ala non entres. ca cãaes rayuosos te stam sperando. enton a desemparou o angeo. e quando os demoes uiron que o angeo a desemparaua. cercaronna de cada parte. con aqueles aparelhos con que atormentauan as outras almas e talharonna. e espedaçaronna

toda. e ella toda espedaçada. leuaronna dentro aaquela casa. e as penas que ela ali padeçeo quantas foron e quaaes. non ha coraçon que o possa cuidar. Ca ella padeceo ali muyto fumo. muyto frio. muita caentura. e muitos açoutes e muito fedor. e outros muitos tormentos. que aqui non son scriptos. En aqueles logares en que atormentauan outros que padecian mayores penas e mayores tormentos. non ha homen que o possa pensar. nen contar. os marteyros que hy son conteudos en cada huun daqueles logares. por que non ha homen que o soubesse. que se non guardasse muyto de fazer peccado.

A alma depois que foy metuda en aquela casa. e passadas ia todas as penas. que en a sobredicta casa eram conteudas. por muyto mal que auia fecto e merecido. do qual nunca fezera penitencia se non ali. non catou se non quando se vio liure e fora das dictas penas e tormentos. Em pero esteue en teebras. ataa que chegou o angeo a ella. que lhe deu claridade.

Entom a alma con gram temor disse ao angeo. Ay senhor. hu he aquela misericordia que nos dizen que ha en deus e que deus he misericordioso. Pois hu he aquela misericordia. ia que tantas penas e tantos tormentos hey passados. Respondeo o angeo e disse. Oo filha minha. quantos son enganados per esta feuza que ham. que o senhor assi faz misericordia. Ca en como quer que en deus aia muyta misericordia e seia muy misericordioso como he. non leixa por en de fazer justiça. segundo a justiça de cada huun en como a merece. Assi segundo a sua grande misericordia. perdoa muytas cousas a muytos que mereciam muy mais grandes penas por ellas.

E aqueles que receberon penitencia pola confisson que fezeron e a non conprirom en esse mundo assi como lhes foy mandado. conuen que a conpram en estes logares con estes que uiste. Enton disse a alma ao angeo. Ay senhor os que forem iustos. por que os tragem a estes tormentos. Respondeo o angeo. e disse. Por esso lhes mostram esto. que quando uiren os maaes dos outros de que se eles cauidaron de os fazer. que aiam por em mayor plazer.

Outro sy aos maaos mostram que ueiam a gloria que os boons e os sanctos ham. e receben. por tal que aiam mayor noio e mayor pesar. polo ben que perderon.

Onde aquel peregrim que tu uiste que tragia a escrauina uestida e a palma en sua mãao e passaua seguramente per aquela ponte. era homen de boa alma. e de boa uida. E por en uiu todas aquelas penas. pera receber por em mayor plazer. por que as escapou e non temeo delas nada.

E tu anda quanto poderes. Ca ainda non uiste todas as maas penas. per que has de passar. Onde quando as todas uires aueras delo muy gram proueito. Ca aueras mayor talente de seruir a deus. Enton disse a alma ao angeo. pois assy he uaamosnos e receberey aquele marteyro que ouuer de receber. per que depois receba gloria.

E elles começaron de andar e uiron huma besta. que era desassemelhada das outras bestas que ante uiron. E aquela besta auia dous

pees. e duas aas muy grandes. e per sua boca sayam muy grandes chamas de fogo. e ela staua sobre huun lago muy grande. que parecia que era qualhado con geada grande. e comya quantas almas podia auer. e as almas padeciam muytas e graues penas no uentre daquela besta. E depois que as auia comestas. deitauaas con decabo de seu corpo. e cayam en aquel logar hu estava aquela geada coalhada. e sayam de gran oaentura, e entrauan en gram friura. E todas aquelas almas que iaziam en aquel lago que he muyto spantoso de ouuir. todas tornauan prenhes. e quando elas auian de parir tan grande era o clamor e o aroydo que faziam con os dentes. que non ha homen que o possa conpridamente contar nen dizer. E assi pariam ali os homeens. como as molheres. todos emprehauan e pariam. e non pariam tan solamente per aqueles logares. per que as molheres parem. Mais ainda parian polos braços e polos peitos. e per todos os logares do corpo. e parian serpentes. e outras bestas maas que teen os dentes de ferro muy agudos. e mordian con elles muy mal as almas. e royonnas muy fortemente en tal guisa que os braados hyam muy longe. Ca tam grandes eram os braados. e as uozes das almas. e os gimidos e os braados das serpentes. e o roydo que faziam. que non ha homen que assy o possa dizer nen contar per aquela guisa que he. por que se em os demoes ouuesse alguun conhocimento de piedade. alguun espaço aueriam aquelas mesquinhas daquelas almas.

Estas almas. assi nos dedos e nas mãaos como en todos os outros menbros. con que peccaron. todas eran cheas de cabeças de serpentes. E de tal guisa as mordiam que lhes chegauan ataa dentro todos os nenbros. e ben ataa os ossos. Enton disse a alma ao angeo. Rogote senhor que me digas quaaes son estas almas. e por que padecen tan grandes penas. Respondeo o angeo e disse. taaes penas merecem aqueles que deuiam a seer melhores que os outros. e ham sabedoria e sciencia de o seer e non o son. Mais ham as lingoas muito agudas pera dizer muyto mal. E por em padecem estas penas que tu vees. e som assi comestos destas serpentes. Outrosi assi lhes conuen de padecer en todos os menbros. per aquela maneyra que peccaron. E tu por que grauemente peccaste en este peccado. padeceras estas penas.

E logo aaquela lhe desapareceo o angeo. E tomaronna os demoes. e deytaronna aaquela besta a comer. e logo foy comesta. E os tormentos que ella aly padeceo foron muy estranhos per tal guisa que he graue cousa de os contar. Mais segundo elle depois uiueo e a enmenda que el fez. ben deu aa entender. que eram muytos e muy maaos.

Depois desto. a besta deytoua de seu uentre. e cayu en aquel logar do lago que era todo cheo de geada coalhada. E ella stando en aquela pena. e en aquela door. Veo o angeo a ella e disse. Ven amiga pera my. Ca ia es liure desta pena. e mais non a padeceras. e tiroua dantre as outras almas que hy iaziam. e disselhe. sigueme. e foron adeante per logares muyto escuros. e muy peores dos outros. que ia auiam andados. e o caminho era muy streyto e deçiam per elle assi

como se decessen dhuun muy alto muro. e parecialhe que deçiam nos abyssos. E per hu deciam era tão forte logar e tan perfundo. E assy hyam per ele a fundo como se os lançassen dhuun alto muro a fundo. e quanto mais deciam. quanto menos a alma uya o logar per hu auiam de tornar. E outra luz non auia. se non a claridade do angeo.

Entom disse a alma ao angeo. Rogote senhor que me digas que caminho he este que assy vay. Respondeo o angeo e disse. este caminho vay aa morte. E assi como ia deciam hyndo muy longe. uiron huun ualle no qual estauam muytas forias de ferro. e ouuirom dentro muytos braados e muitos choros. Entom disse a alma ao angeo. Ouues tu estas uozes que eu ouço. Respondeo o angeo. e disse. a esta tormenta chaman que he uista per arte. do qual engano caaen muytos. e son del atormentados. E a alma disse. e eu hey de ser atormentada delle. Respondeo o angeo e disse sy. E a alma quando esto ouuiu começou de chorar. e foy dopos ele. e quando foy açerca dele. desapareceolhe o angeo.

Enton ueeron os demoes e tomaron a alma con muy grandes torqueses accesas. e assi a receberon e non falaron ao angeo. cousa que fosse. e tomaron a alma. e derom con ella dentro no fogo. e começarom logo a soprar o fogo con foles accesos de fogo. E assy a atormentauam. con outras muytas almas que dentro jaziam. E assy se deretiam como o chumbo. e des que eram deretudas. encorporauanse assi como erau primeyramente. e tornauanse per aquela guisa que eran ante.

Entom tomauannas os diaboos con gadanhos. e con torqueses. e poynhannas na foria. e malhauan en ellas con martellos de ferro. En tal maneyra que aas uezes de cen almas se fazia huma massa. E empero que muytos marteyros auiam. non morrian por em. o que era cousa que ellas muito deseiauan. E os atormentadores diziam huuns aos outros. ainda esto non auonda. E os outros que estauan nas outras forias dizian. deytadeas aca. e ueeremos se auondan.

Enton deitauannas. e ante que ueessen a terra. recebiannas con torqueses de ferro. e deitauannas no fogo. e ardiam assi como da primeyra ataa que se tornauan candeas accesas.

Esta alma iazendo en aquela pena. chegou o angeo. e tyroua dali. e preguntoulhe como te uay. Parecete que te foron saborosos os uiços do mundo que por eles padeces tantos tormentos. A alma non podia falar nen responder. tanto saya britada e fraca. O angeo confortoua enton e disselhe. anda e ueeras outras mayores penas. que as que uisti. Mais tu seras liure dellas pola misericordia de deus. Ca todas estas almas que tu aqui uisti. todas speram saluaçon. e outras que non uisti. pois anda e ueeras as que ia son julgadas pero nunca seeren saluas.

E começaron a andar. e como hyam falando de consuun. a alma ouue grande espanto. E uiron huma muy grande foria. e muy grande fedor. e teebras muy mayores que as que dante uiron. E ouuiron tan grande aroydo. que semelhaua que todos os fundamentos da terra se

mouian. Enton desemparou o angeo a alma. e ella ficando assi desemparada. e soo. ouuio clamores e apelidos das almas. tan grandes como toruoons. E parou mentes por todas as partes por ueer aquele logar. e uio huun poço muy grande. do qual se leuantaua chama de fogo. muy grande mesturado con fumo. que cheganа ataa o ceeo. a qual chama era chea de demoes. e alçauanse assi como folhas queymadas. e assi padeçiam estes tormentos. Enton a alma con gran despeito disse. mesquinha.

E começou de se carpir. e confranger dizendo. Ay mesquinha eu son. por que non quige creer as scripturas sanctas e os conselhos dos homeens boos. e amey mais os uiços do mundo. E logo os diaboos a cercarom de cada parte assi como abelhas e diziam. Ay mesquinha. a que ueeste aqui. e quem te trouxe a nossos tormentos. Agora seras metuda en logar de que nunca sayras. nen aueras luz. nem alegria. mais sempre aueras mal. Er disseron. por que tardamos mais. Demosla a lucifer. que a coyma.

E aqueles demoes eram negros como caruoens. e os olhos auiam como candeas accesas. e os dentes auiam brancos assi como a neue e tragian rabos. como escorpiooens. e as hunhas dos pees e das maaons eran de ferro agudas e muy maas e assi ameaçauan a alma. e mouendo contra ella con seus aparelhos que tynhan con que atormentauan as outras almas que hyam ao inferno. Pero que al non podian fazer aaquela alma. senon espantarla.

E ella stando assi soo antre aquel temor. em aquela hora ueo o angeo a ella. e tiroua dantre aqueles diaboos e confortoua e disselhe. Alegrate. ca liure es de todo mal. mais por em muitas penas ueras. que te non enpeeceram.

Ora te uen comigo. e mostrareyte o enmygo do humanal linhagen. Enton começou o angeo de hir adeante. e decer ao inferno. e uio a alma o princepe das teebras. E uio tantas das penas e das tribulaçooens que padeçian as almas que ali iaziam. que maldicto foy aquel que en aquel logar foy leuado.

E o angeo e a alma vyam todos os que hy iazian. mais elles non vyam o angeo nen a alma. tan fortes eram os tormentos que padeciam. Ca aquel lucifer era tan grande bestia. e tam fera. que sobrepoiaua sobre todos os outros que ante uiron.

A ssua figura era esta. s. El era negro assi como caruon. e auia figura dhomen des os pees ataa cabeça. e auia boca en que auia muitos males. e tynha huun rabo assy grande. que era cousa muito spantauil. No qual rabo auia mil maaons. e en cada maaon auia en ancho cem palmos e as suas maaons. e as hunhas delas e as hunhas dos pees eram tam anchas como lanças. e todo aquel rabo era cheo de agulhas muy agudas. pera atormentar as almas.

E aquel lucifer iazia escondudo en huun leito de ferro. feyto a maneyra de greelhas. e so aquel leyto iazian caruooens accesos. e soprauannos. e accendiannos muytos demoes. e cercauanno de muytas almas. quantas non ha homen uiuo en carne que as podesse contar.

nen cuidar. nen creer. nen que taaes gentes nen tantas podessen seer criadas no mundo depois que foy formado.

As almas iazian en aquela maa tormenta. E quando se uoluian dhuma parte pera a outra. enton lucifer estendia aquelas maaons con gram sanha que auia de sy meesmo. por que padeçia. E atormentando todas aquelas almas assy como homen aperta o bagoo das huuas. E atormentauaas todas. per guisa que nenhuma delas non ficaua sen dampno. Er depois respiraua e colhia folego e espalhauaas per diuersas partes do inferno. E logo saya do poço que ante dissemos que queymaua. huun fedor muy forte e muy maao. E depois colhiaas todas no seu uentre. hu padeciam muytas penas infernaaes. E se alguma alma podia fugir das suas maaons. feriaa muy sen piedade. con aquel rabo. E aquela besta mesquinha a que dizen lucifer de si mesmo padecia grandes penas.

A alma disse entom ao angeo. Rogote senhor que me digas esta uison tan maa que cousa he. ou que homen he este tal. E o angeo disse. Este homen que dizes. he o angeo lucifer. que foy começo das teebras. o qual uiuia nos deleytos do parayso. e abriose con el o ceeo e a terra e todo mundo foy toruado ataa os abyssos en aquel passo que el cuidou no seu coraçon aquela soberua dizendo. quero eu poer a minha seeda apar do altissimo. e serey semelhauil a ele.

E todos estes demoes que tu aqui uees que aqui iazen. son do linhagen de adam. que peccaron mortalmente e nunca fezeron digna penitencia. Estes todos passarom polos logares e polas penas que uiste. E depois ueeron a este logar de que nunca sayran. e sempre uiueron en esta tormenta. con este enmygo mortal. e con sua conpanha en doores e en penas. Enton disse a alma ao angeo. Rogote senhor por deus que cedo me tires daqui ca tan solamente. esta uison non a queria mais ueer. Este fedor mais me atormentou que todas as outras penas que ante padeci. E ueio aqui muytos meus parentes e meus conhocentes. e meus parceyros. e doutros muytos meus conhocentes e conpanheyros. E eu ouuera de iazer en esta pena. no seendo pola misericordia de deus. Enton o angeo ficou muy alegre. e disse. ven alma ben auentuyrada. que ata agora uiste as penas que os maaos padecem. E daqui en deante ueeras os beens que os boons receben. en aquela hora sayron daquel logar. e a alma con grande alegria disse. Ay senhor en que guisa fuy agora tan aginha alomeada. Era ante cega. e ora ueio. Ante era triste. e ora son alegre. Ante temia. e ora non hey medo. Respondeo o angeo. e disse. non te marauilhes ca este he o mudamento da maaon de deus.

Ata aqui falou da uison que uio no purgatorio e das penas e tribulaçooens que padecen os maaos en el e no inferno. Daqui en deante fala dos beens e galardooens. que uio receber aos boons na gloria do parayso.

Assi como começaron de andar uiron huun muro muy alto. E aaquem daquel muro uiron gram conpanha de homeens e de molheres

que sofriam gram tormenta e muy gram coyta de muy gram uento. e de muy grande agua. E estauan muy tristes e muy coitados em sofrendo fame e sede. Empero auian lume e claridade. e non sentian nenhuun maao fedor. E a alma quando este uiu. preguntou ao angeo e disse. Senhor quen son estes que en tal folgura moran. E o angeo. lhe disse. estes son os maaos enpero non muyto. Ca trabalharom de uiuer honestamente. Mais os beens que auian temporaaes. non os partiam con os pobres assi como deueram e poderam. E por en sofreran alguun tenpo este uento e esta agua. e depois hiram aa folgura de deus perdurauil.

Depois desto elles hindo huun pouco mais adeante chegaron a huma porta. e acharonna aberta. e assy como entraron. uiron huun campo muy uerde e muy fermoso e plantado de muitas e muy fermosas rosas. e de outras heruas que dauan muy boon odor. en que estaua tan gram cousa dalmas que as non poderia contar homen do mundo. e stauan tam alegres que era gran marauilha. en aquel logar non era noite. e o sol nunca hy falece e ali he a fonte de agua uiua. Mais a alma que tanta coita e tanta pressa e amargura ouuera sofruda e passada. foy tan alegre quando uio aquel campo tam uerde e tam fermoso que con o gran plazer que en el ouue começou de dizer con gran deuoçon. beento seia o nome de nosso senhor deus. agora e por sempre iamais. que me liurou das portas da morte per aa sua gram mercee. e me meteo na terra que el deu en parte e en sorte a seus amigos. Agora entendo eu. que son uerdadeyras as palauras da sancta scriptura. que diz. que olho non uiu. nen orelha ouuio. nen coraçon de homen non pensou. o ben que deus ten aparelhado. aaqueles que el ama. E des en disse ao angeo. Rogote senhor que me digas de quaes almas he esta folgança e como ha nome esta fonte. Respondeu o angeo e disse. Ali moram os non muy boons. que son liurados e tirados das penas do inferno. e non merecen ainda seer chegados aa companha dos sanctos. Esta fonte que aqui uees. he chamada uida. e todo aquel que dela beuer. uiuera pera senpre. e nunca iamais auera sede.

Assi como esto disse foron huun pouco mais adeante. e uio a alma homeens segraaes que conhoceo. antre os quaaes uio. Cantubrio. e Donato que foron Reys. e como os uio. ficou muy spantada. e disse ao angeo. Que he esto senhor que ueio. Ca estes homeens foron grandes enmygos en sua uida e se quiserom muy gram mal. E pois por qual merecimento ueerom aqui. ou como son assi amigos en seus merecimentos.

Enton lhe disse o angeo estes que tu dizes sey certo. que ante da sua morte se repreenderon. e fezeron penitencia. do gran desamor e discordia que auia antre eles. E por em non lhes foy nenhuma pena por aquela razon. Ca aquel Rey que auia nome Cantubrio foy gran tenpo enfermo. e fez penitencia. e uoto que se guarecesse daquela doença que tomaria a orden. e se faria monge. E o outro iouve per espaço de annos preso en grandes prisooens e deu quanto auia a po-

bres. E por esto deus lhes receboo en grande esmolla. E os seus beens e os seus dereitos durarlheam per todo sempre. E tu depois que tornares ala contaras todo esto aos homeens per que enmenden suas uidas.

E assi como andaron outro pouco uiron huma casa muy nobre e de muy gram lauor. que auia as paredes e toda a outra feytura de ouro. e de prata. e de todas maneyras de pedras preciosas que no mundo son. Mais non auia porta nen feestra. Empero todos os que queriam entrar entrauan.

Esta casa era dentro tan clara e tam luzente. que non digo como huun sol. tan solamente. mais en verdade assi como se fossen muitos soles. que alumeassen en ela. Era outrosi redonda e ancha. e era tan chaan. que tan solamente hy non auia coua nen outeyro. toda era ladrilhada de ouro. e de pedras preciosas. E a alma auendo gran sabor de ueer todas estas cousas tan fermosas. parou mentes a redor de sy. e uio huma cadeyra de ouro. toda obrada de pedras preciosas. e era coberta de panos de muy gran prez. E uio seer en ela o ben auentuyrado Rey. que auia nome Cormaço. uestido de taaes uestiduras. quaaes el nen Rey que fosse nunca poderia uestir en este mundo. E ela assi stando. e marauilhandose muito de todas estas cousas que uiia. Vio uiir gram conpanha de homeens a El Rey con suas offerendas. a muy gran plazer de sy cada huun per pessoa. E sabede que el fora seu senhor deles todos no mundo. E eles stando assi ante o Rey. veeron muytos clerigos de missa. e dauangelho. todos reuestidos de muy nobres uestimentas. assi como pera missa. e outros con suas capas de sirgo uestidas e louuauan e honrauan muyto a marauilha El Rey e a casa.

E poynhan uasos e copas e taças de ouro. e pichees de marfi. que tynhan sobre os poyaaes. e sobre as tauolas que stauan na casa. E assi seruian e honrauan aquela casa. que ben uos digo que ainda que mayor honrra nen mayor folgança non ouuesse no reyno de deus que esta. assaz seria de grande. Mais todos aqueles que seruian. quando viinhan ante el Rey ficauan os geolhos. e dizian ben auenturado es. E ben sera sempre a ti. Ca dos lauores e trabalhos das tuas maaons comes. E todos estes que tu uees son os pobres. e os romeus de ihũ xpto. a quen daua El Rey de comer e lhes fazia muito ben e mercee. en quanto foy uiuo. E por en lhe sera dada e galardoada pera sempre iamais esta soldada polas maaons deles meesmos. a quen este ben fez en quanto foy uiuo.

E a alma disse. Queria muy de grado saber. se este Rey padeceo alguma pena depois que lhe sayu a alma do corpo ou se ueo logo pera esta folgança. E o angeo lhe disse. si padeceo. e padece. e padecera ainda en cada huun dia. E disselhe atendamos aqui huun pouco. e ueras a pena que sofre. E eles stando assy uiron a casa del Rey toda escurecer. e todos os que con el estauan muy tristes. e el Rey muy contoruado. e leuantouse chorando e sayu fora.

E a alma quando esto uiu parou mentes a qual parte hyria ou

que faria. E stando assi. uio toda aquela conpanha que ante uira na casa do Rey. e tynhan as maaons alçadas. suso contra o ceeo. rogando muy deuotamente a nosso senhor e dizendo. Senhor. senhor deus muy poderoso assi como tu sabes. e entendes aue mercee ao teu seruo. E parou mentes a alma depois desto. E uio o Rey star metudo en huun fogo ataa o embygo. e des o embygo pera cima. uestido dhuun cilicio muy aspero. E a alma perguntou o angeo. quantas uezes no dia padece este Rey esta pena. E o angeo lhe disse. quanto he per espaço de tres horas do dia. e quanto he per espaço de xx huma hora folga. E a alma lhe disse. Senhor rogote que me digas por qual razom he esta alma assi julgada que estas penas padece per dereito juizo mais que outras. E o angeo lhe disse. Eu to direy.

Este fogo que tu uees en que sta metudo ataa o embygo he por que non guardou. mais quebrantou o juramento e sacramento do casamento lydimo de dereito. E o cilicio que ueste des o embygo pera cima. padece por que mandou matar huun conde ante o altar de san patricio. e por que quebrantou e traspassou o dereito e a reuerencia que deuera de guardar aa sancta egreia. E sabe de certo. que todos outros peccados lhe son perdoados senon estes dous tan solamente. E deshy disse andemos. E foron huun pouco adeante e uiron huun muro muy alto e muy fermoso.

Aquel muro era todo de prata. muy fermoso e muy luzente. E a alma non achaua en el porta nenhuma per hu entrasse. E tomoua o poder de nosso senhor. e posea dentro. non o ssabendo ela. nen o entendendo. E assi como se ela uio dentro. parou mentes a redor de sy. e uiu huma gran conpanha de sanctos. que se alegrauam muyto con deus. e dizian. louuor seia a ti deus padre. louuor a ti filho. louuor a ti spiritu sancto. Todos aqueles homeens e molheres que esto diziam eran uestidos de uestiduras brancas. muy fermosas. E eles outrosi eran muy fermosos. e tan claros que so huma mazela non aauia en elles. Eran senpre legres e ledos e aguçosos. e uiçosos e saborosos. perseuerando sempre no louuor da sancta trindade. dia e noyte. e as uestiduras que ia dixe. eram tan claras e tan fermosas. e assi aluas como a neue. quando o sol da en ela. E as uozes deles soauan de muytas e desuayradas maneyras. que non parecian outra cousa. se non cantares de orgoons. E a todos era ygual claridade e alegria. e deleytamento. e ledice. fermosura e honestidade. saude e germaydade durauil. de boon sabor. e de boon odor. que sobrepoiaua mais e ualia mais. que todos os boons odores que son nen que fossen speciaaes de aromata que son onguentos muy preçados. Nunca en aqueles logares era noyte nen tristeza. e todos se amauan dhuun coraçon. e dhuma uoontade. E a alma disse ao angeo enton. Senhor. rogote que te plaza que fiquemos en esta folgança.

E o angeo lhe disse. Ay ben auentuyrada alma. pero que esta folgança te parece grande. Mayor folgança e mayor galardom ha hy outro de sanctos. E a alma lhe disse. Senhor rogote que me digas a quaaes almas he dada esta folgura. E o angeo lhe disse. esta folgança

he dada aos casados e a todos aqueles que non britaron nen traspassaron a orden do casamento dereito. per peccado de adulterio e aaquelles que todas suas companhas ben castigaron. e os seus beens temporaaes partiron con os pobres. e a romeus e aas egreias de deus. aos quaaes dira nosso senhor que he dereito juiz no dia do juizo. Vynde beentos do meu padre. e recebede o reyno que uos sta aparelhado do começo do mundo. Ca ouue fame. e destesme de comer. ouue sede. e destesme de beuer. Era nuu e uestistesme. fuy enfermo e uisitastesme. fuy encarcerado e remystesme. fuy ospede e recebestesme.

As quaaes almas han boa sperança en deus muy gram senhor. folgaran e consolarsean con el en tal folgança como uees. pois gran cousa he o sacramento do casamento legitimo. Ca todo aquel que o ben guardar en seu corpo. folgara senpre en esta folgança. E desi conuen que uaamos adeante. e ueiamos o que ante nos sta. E a alma disse ao angeo. Senhor. rogote se te plaz que me leixes ia folgar en este logar. e non me tires daqui. Ca se tua uoontade for non queria eu iamais alto sobir. nen mais saber. mais seriame gran consolaçon de folgar con estes e non queria nen hey ia cuidado de auer ia melhor plazer que este. E o angeo lhe disse. Enpero que tu non entendes ainda mayores beens ueeras que estes.

Assi como esto disse. foron adeante. pero que non andaron muito. ca a elles non parecia trabalho nenhuun en andar. E todas aquelas conpanhas per hu andauan. e per hu passauan. vynhan con as cabeças inclinadas e amergidas. e con boons contenentes. a receber a alma con grande alegria e con gran plazer. E desi chamauanna per seu nome meesmo. e saluauanna e louuauan muyto o nosso senhor deus. que a liurara das penas. e diziam louuor seja a ti senhor. durauil Rey da gloria. que non queres a morte do peccador. mais que se conuerta e uiua. Que pola tua misericordia quiseste liurar esta alma das penas do inferno. e a poseste con a conpanha dos teus sanctos e dos teus angeos.

Elles passando assi per muytos logares de sanctos. apareceolhes outro muro tan alto como o primeyro. laurado todo de ouro puro. e tan grande era a sua fermosura. que muito era mais contenta a alma e mais se alegraua en ueer aquela nobreza. que outra nenhuma que ia ouuesse uista. Mais depois que entraron dentro. pola guisa que entraron no outro. que de suso dissemos. virom muitas seedas assi como no que de suso foy dicto. que uiron. e eran todas lauradas de ouro e de prata. e de quantas maneyras poden seer de pedras preciosas. en tal guisa que tan nobre cousa como esta nunca a podera veer a alma. nen cuidar. E os rostros deles eran tan claros e tan fermosos assi como o sol claro aa hora do meo dia. e os cabelos deles eran tan claros e fermosos. que non parecian al se non ouro.

E tynhan nas cabeças coroas de ouro todas cheas de pedras preciosas. E tynhan en sy scriptas letras muy fermosas todas de ouro. sobre que tynhan seus liuros postos. e scriptos todos con letras de ouro. E cantauan a nosso senhor seu cantar nouo con alleluya. E tan doce

era. e tan saboroso aquel cantar. que depois que a alma ouuio huma uez. oluidou e esqueeceo todas as cousas que ante ouue passadas. E ella estando en aquel logar. uio humas seedas tan fermosas. que ficou muy folgada por o que vya.

E o angeo lhe disse. amiga sabes quen son estes. Estes son os martires de deus que por a sua firme e uerdadeyra creença trabalharon e affanaron os seus corpos. e lauaron as suas uestiduras no sangue do cordeyro. Esto he. deus que he dicto cordeyro. estes son os que se sofreron e se absteueron. e guardaron dos sabores e plazeres do mundo. e a diuida da carne non conpriron per huun pouco de tempo. que en este mundo uiueron. E desby fezeron toda sua uida muy sancta. e muy limpa. e muy honesta. uiuendo e perseuerando en seruiço de deus. passando polo seu amor marteyros e coitas e tribulaçooens. Trabalhandose eles meesmos. e tolhendo aos seus corpos. plazeres e uiços e sabores. E por en mereceron coroas durauys por sempre. Disse enton o angeo. Estes son os sanctos e seruos de deus que son feytos seus amigos.

Depois a alma con grande femença. pensando e consyrando todas estas cousas. que uya. catou a redor de sy. e uio huma muy gram praça toda chea de muitas tendas armadas. e de muitos tendilhooens. que eran laurados e fectos de colores de muitas guisas. s. de purpura. e de cicatron. e de sirgo. e de ouro e de prata.

E ouuyo en eles soons de cantores tan fremosos e tan saborosos que era gram marauilha. assi destormentos de corda. como de orgoons. como de todas maneyras de estormentos que ha per todas as partes do mundo. Ca ali cantauan orgoons e uiolas e alaudes e sinphonias. e rotas. e salteyros. e citholas. todos de consuun. Quando esto ouuio a alma. disse ao angeo. Senhor de quaaes almas son estas tendas. e estes tendilhooens. e esta folgança. E o angeo lhe disse. Esta folgança e este plazer he dos monges. e dos outros homeens e molheres que uiuen en orden so regla. que prometen obediencia a seus mayores. e comprem e fazen alegremente todo aquelo que lhes per elles he mandado muy de boon coraçon e de boa uoontade. Ca mais se alegram e queren seer sumetidos e subiectos. que seeren adeantados e mayores. e que leixan as suas proprias voontades e seguen as alheas. por que uerdadeyramente possam dizer. Senhor. poseste homeens sobre nossas cabeças. e passamos per fogo e agua. Esto he. per fame e frio e sede. e lazeyra. e metistenos en refrigerio. Esto he. en folgura. os quaaes en seendo uiuos e en seus corpos non queren outro sabor. nen outro prazer. senon o de deus. e quitam suas linguas non tansolamente do mal dizer. mais ainda por amor de teer e guardar o sseenço. calanse dos beens que os non queren dizer nen falar. por que possan dizer a nosso senhor. enmudecemos e somos humildosos. e calamosnos dos beens. e do ouuimento das orelhas te obedeecemos. Destes taaes son estas tendas e estes tendilhooens. assi como tu uees. que cantan. e dan louvores a nosso senhor que he dador de todos os beens sen nenhuun quedar. E a alma lhe disse. se te prouguesse senhor. queriame chegar

mais a perto. por tal que podesse ueer aqueles que dentro stan. E o angeo lhe disse. muito me plaz. que os ueias e ouças. mais non entraras a elles. Ca estes sempre husam e ueen a presença da sancta tryndade. s. que cada dia usan a veer nostro senhor. na sua sancta maiestade. E todo aquel que huma uez entra a elles. nunca se mais acorda de todas as cousas. que ouuesse uistas ou passadas. e nunca se chega aa conpanha deles. se non se he home uirgen que merece de seer junto aa conpanha dos angeos. E desi chegaron se mais a perto. E entraron e uiron dentro muitos monges. e muitos homeens de orden. e muitas molheres outro sy. que non pareecian outra cousa se non angeos. tan fermosos eran. e cantauan tan docemente. e tan soborosamente. que todas as maneyras e artes da musica sobrepoiauan e uencian. pero que todas as outras almas que ia uiron nos outros logares per hu uynhan. resplandecian e luzian muito a demais. A claridade e o resplendor e o muy boon odor que destes saya. sobrepoiauan. e passauan todos os que no mundo son. Todos aquelles estormentos que ali eran. non nos tangian nenguun. Mais eles de seu se tangian. e cantauan. E empero que esto era gran sabor assaz. Era teudo por nada. respeito das uozes e dos cantares das almas que cantauan. Ca todo ellas sobrepoiauan e uencian. Ca elas non auian afam nen trabalho en alçar e abaixar quanto ellas querian. nen boliam beiço. nen o mouian tan solamente. nen auian cuidado de poer suas maaons nos estormentos do orgon e da musica. mais a soon das suas uozes soaua. e eles acordauan. mais os ceeos das tendas. e dos tendilhooens. relumeauan muito a demais. Os quaaes stauan dependurados en cadeas muy sotys. todas de ouro puro e uergas de ouro antre uoltas de prata. e doutras muitas colores e resplendentes. Nos quaaes stauan dependurados uasos. e taças. e pichees. e bacios. e aceteres. e soalhas. e flores e maçaans todas de ouro puro. E antre estas cadeas. e estas outras cousas. andaua muy gran conpanha de angeos uoando per meo. e auian as haas muy luzentes e mais fermosas e mais resplendecentes que o ouro. nen outra cousa por muy fermosa que possa seer. E cantauan tan soborosamente e tan docemente que aqueles que os ouuian eran tan alegres. que mais non o podian ser polo gran sabor que delo auiam.

A alma scendo muy folgada e muy consolada por todas estas cousas que uira. e auendo sabor de estar ainda mais ali. Disse ao angeo. para mentes aca. e assi como ella acatou. uiu huma aruor muy espessa. carregada de todas aquelas fructas que no mundo poden seer. E nos ramos della morauan e stauan sempre muitas aues. e de colores de muitas guisas. que cantauan seus cantares en uozes de muitas maneyras. muy soborosas. e muy doces. De so os ramos dela. stauan muitos lilios. muytas poças de agoa a demais. e de todas outras maneyras de heruas. que dam boon odor. e boon cheyro. e boon sabor. E morauan so esta aruor muitos homeens e muytas molheres. en casas de muy gram lauor. Ca eran todas feitas de ouro e de marfi. que louuauan. e beenzian deus poderosos en nenhuun quedar. por quen el he.

e por muitos beens e merecees que sempre del receberon. E cada huun tynha sua coroa de ouro. en sua cabeça. muy marauilhosas e muy nobres. E tynhan baagos douro en suas maaons. E estauan uestidos de taaes uestiduras. assi como os monges. que ia de suso dissemos.

Quando este uio a alma. disse ao angeo. que cousa quer seer esta aruor. ou que almas son estas que uiuen so ella. ou que obras fezeron quando eran uiuos. E o angeo lhe disse. Esta aruor. que tu uees he maneyra. e obra da sancta egreia. Estes homeens e estas molheres que moran so ella. foron defensores e fazedores della. e trabalharon muito de a fazer. e de a defender. E polos beens que elles hi fezeron. guaanharon. e mereceron de seer aqui chegados. e aconpanhados. E per esta maneyra tal. desempararon a uida. e o sabor do mundo. e guardaronse de conprir os deseios da carne que lida cada dia contra a alma. linpamente. e dereitamente. e piedosamente uiuendo no mundo. Atendendo esperança de ben. ueeron a este logar. Mais non embargan. nen enpeencen nen fazen nenhuma cousa de mal. E desi disse. vaamos mais adeante.

E eles assi hindo uiron huun muro muy alto. que de fermosura e de claridade uencia e passaua per todos os outros que ia dissemos. Era muy fermoso e fecto todo de pedras preciosas. e de metaaes mesturados de colores de muitas guisas. Assi que o fundamento dele era todo fecto de ouro puro. E as pedras de que era fecto son estas. Cristal. Crisolitus. Berilus. Jaspe. Jagonça. Smaragda. Çafira. Onichina. Topazio. Sardia. Crisoprasa. Amestica. Careata. E granata. Destas pedras. e de outras muytas semelhantes era fecto este muro. Estas alumeauan tan stranhamente no muro per tal guisa que aqueles que o vyam. non cuidauan en outra cousa. nen auian sabor de nenhuma outra cousa. se non de o veer tan solamente. Ca esto lhes parecia a elles gram folgança. E depois que sobiron en cima ao muro. uiron sen outra duuida cousas. quaaes olho non uio. nen orelha ouuio. nen coraçon de homen cuidou. nen pensou. Ca uiron hy noue ordeens de angeos. os quaaes son. s. Angeos. Archangeos. Virtudes. Principados. Potestades. Dominaçonnes. Thronos. Cherubin. E seraphin. E esta alma ouuio palauras muy marauilhosas. e muy sanctas. per tal guisa que non conuen a nenhuun homen de as dizer.

Enton disse o angeo a alma. filha mĩnha. ouues tu esto. e uees todo como he. Inclina a tua orelha. e oluida o teu poboo e a casa do teu padre. E cobyçara deus a tua fermosura. Esto he a alma. que uos direy. ca ben deue homen a entender quan grande pode ali seer a alegria. e a dulcidoen. e o sabor e o uiço. Oo que muy muy grande he ali a honrra. e a alteza. hu homen pode senpre ueer. e ouuir sen fin. o muy gram louuor dos corpos e das conpanhas dos sanctos. e dos angeos. e dos archangeos. e dos patriarchas. e dos prophetas. e da muy gran conpanha e fremosa dos martires. e o nouo cantar das uirgeens. e gloriosa conpanha dos apostolos. e merecer de seer aconpanhado ao choro dos confessores. presentes. E demais o que passa todos os plazeres. e alegrias. que poden seer. conuen a sa-

ber. ihũ xpõ que he pan e comer dos angeos. e uida de todas as cousas que son. Auer de o sentir. e o acatar. e o ueer a perto de si. mui piedoso e muy misericordioso.

Mais daquel logar hu estonce stauan e como quer que uissen todos os plazeres que uos de suso dissemos. e folgança e glorias que ante uiron. mais ainda uyam todas as penas. que ia de suso dissemos. E ainda uiron outra cousa que he muito de marauilhar. s. dali uiron e ueen todos aqueles a quen deus faz aquela graça. todo o mundo assi so huun rayo de sol. E aquel a que era outorgado de ueer nosso senhor huma vez. iamais nunca del pode tolher os olhos. Ca iamais nunca se pode fartar de o ueer.

Esto era gram marauilha. Ca stando en aquel logar meesmo. en que estauan ante. assi como os que stauan depos elles. e non tan solamente por ueer con os olhos. mais en uerdade. sciencia e entendimento non custumado. lhe era dado a alma. de guisa que lhe non fazia mais mester de perguntar per nenhuma cousa. Ca abertamente. e dereitamente. e conplidamente sabia aquelo que queria.

E elles stando assy parou mentes a alma. e uio star san patricio. arcebispo que foy de ybernia. con gram conpanha de bispos antre os quaaes uio quatro que conhocia. s. O arcebispo artinatheno. E malachias que foy arcebispo despos elle. que de Innocencio papa. veo de Roma per mandado del por delegado. e por arcebispo de toda a ybernia. O qual todas as cousas que auia e podia auer. departia. e dauao a pobres. e a moesteyros. E fez quatro moesteyros de monges e de molheres de orden aos quaaes daua todas as cousas que lhes fazian mester. E pera si non guardaua nen retynha nenhuma cousa senon a ssua necessidade. Outro sy era muy boon christãao o que foy arcebispo de longino. e homen de muy sancta uida. e irmãao de padre e de madre deste malachias. que ia dissemos que fazia muito ben e muita mercee a pobres. E o outro meenias bispo de dunhom. homen sancto. e muy boon. simples e manso e casto. E sabia tanto. que de bondade passaua todos os homeens que en aquel tenpo eram. Estes quatro bispos conhoceo ela e estaua a perto deles. e uio huma seeda muy honrrada. e muy nobre a marauilha. en que non sya nenguun. Quando esto uiu a alma disse. Cuia he esta seeda. ou por que sta assi uaga. Respondeolhe Malachias [e disse. E]sta seeda he de nosso irmãao que ainda non he passado. Mais depois [que uier] seera en ella. E a alma auendo muy gram sabor en todas estas cousas. [entom] chegou o angeo que andaua con ella. e disselhe muy saborosamente. [Tens] uistas todas estas cousas. e a alma lhe disse. sy. mais rogote [senhor que] me leixes aqui folgar. E o angeo lhe disse. a teu corpo te has de tornar. e todas as cousas que uiste. demostrarlas as. e contarlas as a todos os homeens a que o demostrar. e contar poderes. por que façan prol de suas almas.

E a alma quando ouuio dizer ao angeo que ao corpo auia de tornar. ouue tan gram noio e tan gran pesar. e tan gran coyta. que mayor non podia seer. E começou de chorar muito a marauilha. E en cho-

rando assy. disse ao angeo. Senhor que mal foy este que eu fiz. por que aia de tornar ao corpo. e leixar tanto ben e tanta folgança. E o angeo lhe disse. En esta folgança non merece de entrar nenhuum saluo os uirgeens. e as uirgeens que seus corpos guardaron de luxuria. e queren mais sofrer de non conprir suas uoontades. por tal que possan auer esta folgança tan grande. Mais que se ençuiar nen luxar nos sabores e nos seus talentes e deseios maaos. e torpes. E tu non podes aqui ficar agora. por que non quiseste creer as palauras da sancta scriptura. Mais tornate a teu corpo. donde saiste. E trabalhate muito de te guardar de todo aquelo que ante fazias. Ca sempre sera contigo a nossa ajuda. e o nosso conselho. E assi como esto disse. tornouse a alma. E assy como começou de se mouer. tan aginha se sentio carregada e agrauada do peso da carne. Ca non sentio. nen lhe semelhou nenhuun estoruoyro. nen espaço dhuma hora do dia.

Mais en aquella meesma hora. que suso fallara con o angeo. se sentio en terra. e se meteo en seu corpo. E o corpo abrio logo os olhos muy fortemente. e começou de suspirar non dizendo nada. E parou mentes aos clerigos que stauan en de redor del. E fez sinal de conmungar e conmungou. e desy deu graças a nosso senhor deus. E [partio tudo o]que auia e deuo a pobres. E mandou poer o signal da cruz nos [vestidos com que se ve]stio. e desi começou de nos contar quanto uira. E conselhou[nos que fizessemos] ben e uiuessemos boa uida. e sancta. E pregou as palauras [da sancta scriptura] muy afficadamente a cousa que nunca leera nen soubera muy sag[esmente con] gran deuoçon. Mais nos que a uida deste non podemos seguir traba[lhamos por escre]uer esto. Sequer por proueito daqueles que o leeren. e ouuirem.

Aqui se acaba a uison que uiu este caualeyro de suso scripto. que se chama Tungulo.

Eu frey marcos. que esto screuy. son testemunha desto todo. Ca eu ui con meus olhos o homen a que esto aconteceo e que me contou todo assi como ia ouuistes. e assi como o el contou a my. assi trabalhey eu de o screuer e de o contar o melhor que eu pudy. Esta uison aconteceo no anno da encarnaçon de nosso senhor. da Era de mil e c. xl. annos. No anno que o Emperador coroado dos Romanos auia dous annos que reynaua. E que Eugenio segundo papa auia iiij annos que era apostolico. Poren roguemos aa quel que he auctor de nos todos e da nossa saude. que he ihũ xpõ que el nos enderence en aquelas cousas que seiam a sseu seruiço e a sseu plazer. Ao qual seia louuor e gloria per infinita secula seculorum. Amen.

Finito libro sit laus et gloria xpõ. Qui scripsit scribat. et semper cum domino uiuat. Amen.

Nota. A ultima folha do codice está traçada no angulo superior esquerdo. Completaram-se as palavras, seguindo o texto latino, mas metteram-se entre [ ] as letras que já não podem ler-se.

CIGANOS PORTUGUESES

DOS FINS DO SEC. XVI

(Continuação)

XI. — Dom Felipe etc. Faço saber que G(onçall)o F(e)r(nande)z, m(orado)r no termo da villa d'Allcacere e preso na cadea della, me ẽvyou dizer que estamdo ele preso por hũ ferjm(en)to, hũs syguanos e outros presos na d(i)ta cadea ha mjnarão, e romperão a parede della q(ue) hya p(er)a a casa do paço homde se vemdya o tr(ig)o, e lhe fizerão hũ gramde buraco, p(e)lo quall fogyrã de noyte aos xxb d(ias) do mes de Janeyro p(assa)do de 95 q(ue)brãdo he Romperão as portas do d(i)to paço por homde sahyrão, do que se tjrara devasa, ẽ que cullparão a elle sup(licam)te dizemdo que dera ajuda he favor ẽnão descobrjr como mjnauão a d(i)ta cadea, e que tãobem sahyra p(e)lo d(i)to buraco a casa do paço domde cõ outros presos se tornara ha meter na d(i)ta cadea, e demtro nella fora hachado ao t(em)po que a Justyça hacodyra, que premdera todos os que fogyrã sallvo hũ soo dos syguanos que desaparecera loguo, e estaua jaa preso nesta cidade, e hera pobre e casado q(ue) ha m(isericor)dja estaua sostẽtãdo, me pedya lhe p(er)doase ha cullpa que tynha na d(i)ta fogyda da maneyra que dizya e R(eceberia) M(ercê). E v(is)to seu Requerym(en)to e hũ parece cõ ho meu pase ey p(or) bem e p(ra)z de p(er)doar ao sup(lican)te a culpa de comsẽtyr que os outros presos mjnasẽ a cadea, e fizesẽ ho buraco p(er) que fogyrão sẽ os descobryr, e asy da fogyda que fez p(e)lo mesmo buraco de que faz memção p(e)lo modo que declara v(is)to ho que halegua e a Imformação do Juiz de fora, e paguara ij reis p(er)a as desp(e)sas da mesa que paguou ao R(ecebed)or dellas, he forão sobre elle p(er) seu sc(ri)pvão careguados ẽ Re(cep)ta vos mãdo etc. na forma. elRey ho mamdou p(e)los doutores Amt(oni)o d'Allmeyda, he Di(og)o d'Af(on)sequa etc. xpouão calld(ei)ra a fez ẽ lix(bo)a a xxij de julho de m b^c IRb. João da costa a fez sc(re)pv(er).
(D. Felippe I, Liv. VIII de Legitimações e perdões, fl. 111 v.).

XII. — Dom Felipe etc. Faço saber que D(oming)os F(e)r(nand)ez oleyro, e Dyoguo F(e)r(nand)ez seu f(ilh)o famylyas, m(orado)res na villa de Loule, me ẽujarão dizer p(er) sua petyção que no termo da cjdade de syllues emcomtrarão com huns syguanos, e tjuerão com elles deferemças, de que sahjra ferjdo hũ dos syguanos p(er) nome Fr(ancis)co F(e)r(nand)ez de hũa ferjda p(e)las costas, de que hera são, a q(ua)l lhe dera hũ Gaspar F(e)r(nand)ez que hacodjra em fauor delles sup(lican)tes, e a parte lhes tjnha p(er)doado me pedjão lhes p(er)-

doase a cullpa que tjnhão no djto caso, e R(eceberia M(ercê), e v(is)to seu requerjm(en)to ey p(or) bem e me praz de p(er)doar a cullpa de que em sua petjção faz memção p(e)lo modo que declarão, v(is)to as cousas que haleguão, e o p(er)dão da parte que oferecem e paguarão ambos mill reis p(er)a a p(ieda)de, os quaees pagou ha di(og)o E(e)r-(nand)ez he forão sobre elle p(er)p(er)o Roiz careguados em Re(ce)pta vos mamdo etc na forma el Rey noso senhor ho mamdou p(e)los doutores p(er)o barbosa, J(eroni)mo P(erei)ra de Saa, Migel momt(ei)ro a fez ẽ Lix(bo)a a xix di(as) de feuerejro de mill b[c] lxxxij. Lucas V(ieir)a a fez sc(re)pv(er).

(D. Felippe I, Liv. 9 de Legitim. e perdões, fl. 56 v.).

XIII. — Dom Felipe etc. Faço saber que amt(oni)o cauanaque, m(orad)or na villa do Vjmjoso, me ẽujou dizer que serujndo de cacereyro este ano de m b[c] lxxxij lhe fora emtregue hũ P(er)o F(ernand)ez, ciguano, que ho premdera Belchjor de Maçedo, m(ei)r(inh)o da correjção, por andar ẽ companhja de hũ bamdo de ciguanos fazemdo se c(on)de delles, e p(or) trazer hũ gjbão de damazquo amarello e hũs callcoees de damazquo pardo o q(ua)l sayra c(on)denado per s(enten)ça do C(orreged)or da comarq(u)a em iiij reis ametade p(er)a o m(ei)r(inh)o e ametade p(er)a a m(isericord)ja, e vyera apellação a esta corte, sayra condenado p(er) s(enten)ça da Rolação ẽ cimquo anos de gualles, e açoutado p(u)p(li)cam(em)te, e asoluto do d(inhei)ro e amtes q(ue) ha s(enten)ça fose o d(i)to P(er)o F(ernand)ez furara ha cadea, e lhe fezera hũ buraco p(er) homde se sayra e abryra a argolla da corremte cõ que estaua preso, e se soltara dos ferros, e fogjra della, me pedja, ouuese p(or) bem de lhe p(er)doar a d(i)ta cullpa, e R(eceberia) M(ercê); e visto seu Requerjm(en)to ey p(or) bem de lhe p(er)doar ao sup(plicam)te a cullpa, que teve na fogjda da cadea do ciguano que estaua preso he, paguara ij, reis p(er)a a piedade os quaces pagou a D(jog)o F(ernand)ez e p(er) outro de m(anue)l de Souza que os sobre elle caregou em Recepta vos mando etc. na forma. el Rej noso s(enh)or ho mãdou p(e)los doutores J(erony)mo p(erei)ra de Saa, he P(er)o Barbosa etc. Felipe da Costa a fez em Lix(bo)a a bij de mayo de mb[c] lxxxij. Johão da Costa a fez sc(re)pv(er).

D. Felippe I, Liv. IX de Legitimações e perdões, fl. 86).

XIV. — Don fellipe etc. Faço saber que Thomé F(e)r(nand)ez, m(orad)or ẽ Evoramõte me enujou dizer p(er) sua petição, q(ue) seruindo de allcaydo e carce(rei)ro na dita villa lhe fogirão da cadea a pascoa p(assa)da dous çiganos q(ue) estauão presos sómẽte pella ley do Reynno sẽ aver out(r)a p(esso)a q(ue) delle se queyxase, os quais estauão sẽtẽçeados na pena da dita ley pello ou(uid)or e prouedor, q(ue) fosen açoutados, e cõ dous ãnos de degredo p(er)a as gales, e a pena dos açoutes estaua ja executados, lhe fogirão os ditos dous çiganos cõ os grylhões nos pes pello telhado da cadea que era casa terrea e baixa, e não era daboboda, e limarã duas chaues dos trauelhos, o

q(ue) tudo fizerã sẽ cullpa do sup(plican)te de noyte, como constaua do auto e devassa que do caso se tirarã, q(ue) estaua na dita villa e o sup(plican)te depois da dita fogida tẽ feito m(ui)ta deligencia Buscando os por m(ui)tas partes, e quasy por todo alemtejo, como se via das çertydões que ofereçia pello que me pedja lhe perdoase a culpa, que no caso tiuera, avendo Resp(ei)to a dar sẽpre de sy muyto boa cõta no dito cargo, e R(ecebêri)a m(ercê); e visto seu Requerim(en)to e hũ pareçe cõ hũ meu pase ey p(or) bẽ, e me praz se asy he como o sup(plican)te diz, e hy mais não ha de lhe perdoar a cullpa de lhe fogirẽ os dous presos de que) faz mẽçã sendo carçe(rei)ro, visto o q(ue) alega, e pagara mil r(ei)s p(er)a as desp(es)as da casa do despacho dos desẽbarg(ado)res do paço, e p(or) q(uan)to os ja pagou a Andre Roiz, e lhe forã p(or) P(er)o de Seyxas carregados ẽ Receyta vos mando etc. na forma. ElRey noso s(enho)r o mandou pellos doutores Melchior do amaral, e L(ouren)ço Correa etc. Miguel Mõt(ei)ro a fez ẽ Lix(bo)a aos iiij de b° lxxxiiii (sic), Lucas V(ieir)a a fez sc(re)pv(er).

(D. Felippe I, Liv. X de Legitimações e perdões, fl. 176 v.).

XV. — Dom Fellipe etc. Faco sab(e)r que amrrique de flores, João de torres, João Ro(dr)i(gue)z, amdre m(art)i(n)z, çiganos presos na cadea da villa de pavya, me emujarão diz(e)r p(er) sua petição, que o L(icencia)do João leitão os premdera p(or) ãdarem no Rejno soom(en)te, e que eu os mandaua soltar p(er) minha p(r)ouisão p(e)la ẽformação que ouvera do d(i)to L(icencia)do, e estamdo assj presos cõ outro homẽ da tera natural, fora achado hũm buraco na cadea f(ei)to no chão cõ hũn cujtello, E os Juizes lho derão em culpa, e p(or) que elles sup(lican)tes herão miseraueis e se sostẽntauão desmolas, e o buraco estaua Ref(ei)to cõ o trabalho dellės de pedra, e não ouuera total Rompim(en)to, e a cadea ficaua mais forte, me pedião, lhes perdoasse a culpa do caso, e Receberyão merce. E v(is)to seu Requerim(en)to, ey por bẽ, e me praz, se asy hee, e mais não haa, de perdoar aos sup(lican)tes liurem(em)te a culpa que ẽ sua petição declarão, e que sejão soltos, se p(or) al não estjueram presos, e p(or) tãto vos mando etc. na forma. ElRej nosso s(enh)or o m(an)dou p(e)los doutores p(er)o barbosa, e J(erony)mo p(erei)ra de saa etc. g(asp)ar velho a fez ẽ lix(bo)a a biij° de junho de m b° lxxxj.

D. Felippe I, Liv. XI de Legitimações e perdões, fl. 56 v.).

XVI. — Dom Felipe etc. faço sab(e)r que Amt(oni)o f(e)r(nande)z, alcajde e cacerejro da villa de muja, me ẽviou dizer p(er) sua petição, q(ue) estando presos na cadea da dita villa, e ẽtreges a elle caçerejro dous ciganos p(er) nome fr(ancis)co maldonado e fr(ancis)co de mẽdonça, p(or) culpa de os acharẽ na charneq(u)a, e se dizia, q(ue) fazião algũs furtos, o Juiz mãdara, q(ue) se ljurasẽ, e não tiuerão p(ar)te, e os sẽtẽcearão na dita villa soltos e liures, e trazendo os elle cõ duas corrẽtes e peados cõ trebelhos e presos a hũa mo q(ue) estaua metida

no chã, os ditos sjganos cõ ajuda de fora de ljmas q(ue) lhe derão, ljmarão os ferros com ljmas surdas, e a Rombarão a porta da cadea, ẽ que fizerão hũ buraco, lhe fogjrão á mea noyte pouq(u)o mais ou menos e p(or) q(ue) os ditos presos lhe fogirão sẽ elle ter culpa algũa, e os não podia achar, me pedia ouuese p(or) bẽ de lhe perdoar a dita culpa, e R(eceberi)a m(ercê). E v(is)to seu Requerim(en)to, ey por bẽ, e me p(ra)z de lhe p(er)doar ao sup(plicante) ã(toni)o f(e)r(nande)z a culpa da fogida dos dous presos de q(ue) faz meção p(e)lo modo q(ue) declara, v(is)to o q(ue) alegua, e como não tem p(ar)te, e paguara dous mil r(ei)s p(er)a a piedade, e p(or) quãtos os tẽ paguos, vos mãdo etc. ẽ forma. El Rej nosso S(enh)or o mãdou p(e)los d(ou)t(o)res g(asp)ar de fig(eire)do, e p(er)o barbosa etc. Jo(a)m da costa a fez ẽ lix(bo)a a xi dagosto, Anno de mb^c lxxxi.

(D. Felippe I, Liv. XI de Legitimações e perdões, fl. 100 v.).

XVII.—Dom Felipe etc. Faço saber que a(fons)o vylela, curador m(orad)or ẽ Villa Velha, comarqua de Castel Brãco, me ẽvyou dizer que servyimdo de cacer(ei)ro nella, lhe fogyrão dous syguanos, que estauão presos p(or) furto de hũs burros, de que se tyrara devasa, e prenderão ao sup(lican)te, e estando preso fogyra da cadea. e da cullpa da fogyda ouuera p(er)dão, e p(or)que tynha presos os d(i)tos syguanos p(er) sua jmdustrya na villa de Santarem vymdo os seguymdo, como constaua da certjdão que ofereçia, me pedya lhe p(er)doase a cullpa que tjuera, em lhe fogyrem os d(i)tos dous presos, e R(eceberia) M(ercê). E visto seu Requerjm(en)to, he hũ pareçe cõ ho meu pase, ey p(or) bem, e me p(ra)z de p(er)doar ao sup(lican)te a cullpa de lhe fogyrem os dous presos que diz, v(is)to como p(er) sua jmdustrja os tornara ha premder, he a jmformação do C(orreege)dor, e jsto lyurem(en)te vos mamdo etc. na forma, el Rey ho mamdou p(e)los doutores Am(toni)o da Guama, e Damjao dAgujar etc mjgel momt(ei)ro a fez ẽ Lix(bo)a a xxiij de set(emb)ro de mill b^c lxxxb, lucas Vi(ei)ra a fez sc(re)pv(er).

leua clausolla que este p(er)dão lhe não valera chamamdo-se os d(i)tos presos as ordẽs. ou jmmunjdade da Igreja.

(D. Felippe I, Liv. XII de Legitimações e perdões, fl. 282).

XVIII.—Dom Felipe etc. Faço sab(e)r que Do(ming)os Diaz, ferr(ei)ro, m(orad)or no luguar de Guafete termo do Crato q(ue) mes de outubro de 85 d(ia) de Santa C(athari)na, amdamdo no d(i)to luguar certos syguanos tãtos como R [1] fazyão m(ui)tos hagrauos, e Roubos, e trazyão escopetas, e outras armas, e avja mais de xxx di(as) que hahy se deyxauão andar, e em t(em)po que os homes andauão ẽ seu servyço de suas faz(en)das p(e)lo que sobcedemdo hũa brjgua amtre os d(i)tos sjguanos cõ certos m(orad)ores do d(i)to luguar, acodyo

[1] coRemta — R^ta — R — 40.

o sup(lican)te e outros e tratãdo de se defemderem dos d(i)tos çiguanos que os querjão matar e sahjrão ferjdos quatro dos d(i)tos çiguanos amtre os quaees foj hũ balldão g(onça)l(ve)z sjguano na cabeça e outros, que forão todos saãos sem desformjdade nem ha leyjão, e os Juizes do crato prenderão a elle sup(lican)te p(e)lo d(i)to caso, e o ẽtreguarão solto sem ferros ao Juiz do d(i)to Guafete, ho q(ua)l Juiz o ẽtreguou a hũ quadrjlheyro que ho trazya solto, e Imdo se os çiguanos da terra [e Imdo se os çiganos] p(or) fazerem p(er)dens p(u)p(li)cos, que ho não querjão hacusar, nem ouuera devasa, soom(en)te hũ auto, p(e)lo que se não p(er)gũtarão t(estemunh)as, me pedya lhe p(er)doase a cullpa da d(i)ta fogyda, e asy da cullpa, que tyuera no caso das d(i)tas ferjdas, e som(en)te fogyra sem quebrar ferro nem outra prysão, que Reallm(en)te não estaua preso, e R(eceberia) M(ercê). E v(is)to seu Requerjm(en)to, he hũ parece cõ ho meu pase, ey p(or) bem, he me p(ra)z de p(er)doar ao sup(lican)te a cullpa dos ferjmentos, de que faz menção, e fogyda da cadea, v(is)to ho que alegua, e p(er)dão q(ue) me oferece, he paguara mil e quynhentos r(ei)s p(er) as des(pe)sas da casa do despacho, que pagou ao R(ece)p(t)ar dellas, e forão sobre elle p(er) seu sc(ri)pvão careguado ẽ Re(ce)ta vos mamdo etc. na forma, el Rey ho mamdou p(e)los doutores m(anu)el de Sousa pachequo, j(eroni)mo p(erei)ra de Saa, mjgel momt(ei)ro a fez ẽ lix(bo)a a xxj de Janeyro de m bᶜ lxxx bj lucas V(iei)ra a fez sc(cre)pver.

(D. Felippe I, Liv. XII de Legitimações e perdões, fl. 320 v.).

XIX. — Dom fellipe etc. faco saber, que Jorge m(art)i(n)s palhete, e gaspar lopes panasco, lavradores m(orado)res no termo da villa daluyto, me enviarão dizer per sua pitição, que huns ciganos (a) s(aber). jo(a)m dalmeida, v(as)co f(ernand)es forão ao monte aonde elles ditos morão, e lhe furtarão hũa gallga, e deitauão os jumentos no pão, por irẽ muitos ciganos de manada, e achãdo menos ha gallga, forão em busca della, e acharão em poder dos ciganos, os quais a não quiserão entregar, sobre que os ditos ciganos se armarão contra elles sup(lican)tes, e vierão a brjgar, da qual briga sairão ferjdos das ferjdas declaradas no perdão que se apresenta, e por quanto forão cullpados, e que no caso tiuerão todos a cullpa, lhes perdoarão liuremente, como parecia do dito perdão, e por que elles sup(lican)tes erão lavradores pobres, que não tratarão de mais, que cobrar, o que lhe leuauão furtado, e os ditos ciganos ficarão sãos sem alejão nem desformjdade, me pedia, ouuese por bem, de lhes p(er)doar a culpa do caso, e R(eceberi)am merce E v(is)to seu Requerjmento, e hũ parece cõ hũ meu passe, ey por bem, he me pras, se asy he, como os sup(lican)tes dizẽ, he hi mais não ha, de lhes p(er)doar a culpa dos ferjm(en)tos, de que fas mensão, p(e)lo modo que ho declarão, v(is)to ho que alegão, he o p(er)dão das partes, que oferecem, e pagara cada hũ mil-r(ei)s p(ar)a a piedade, e por os pagar ao R(ecebed)or, vos mãdo etc. na forma, ell Rej o mãdou p(e)los d(ou)tores manuell de sousa pache-

co, e damjão dagujar etc. fr(ancis)co nunes de pauja a fes em lix(bo)a aos doze de outubro de m b^e lxxxix.

(D. Felippe I, Liv. XIII de Legitimações e perdões, fl. 8).

XX. — Dom felipe etc. faco sab(e)r que d(oming)os f(e)r(nande)z, m(orad)or na villa datalaia, me ẽuiou dizer que sendo elle alcajde, o carcerejro na dita villa, ãtre outros presos, lhe fora emtregue preso hũ sigano p(er) nome solazar, por andar p(e)lo Rejno sem l(icen)ça, e tendoo preso cõ hũ macho de dous ellos e hũa corrente os pees, e sendo elle sup(lican)te de noite cõ o juiz fazer deligencia, o dito siguano ljmara a corrente, e fogira, leuando cõsiguo o macho, e furando a cadea p(e)lo telhado, e fogira soo, e elle sup(lican)te ouuera alu(a)ra de busqua, sẽ o poder achar, e o não podia ja achar por jr na gale despanha como constaua do estromẽto junto, e era homẽ pobre, me pedia, lhe p(er)doase a culpa de lhe fogir o dito preso, e R(eceberi)a m(ercê). E v(is)to seu Requerimento, e hũ parese cõ meu passe, ey p(or) bẽ e me p(ra)z, se asy he, como diz, de lhe p(er)doar a culpa da fogida do preso, de que era carcerejro, p(e)lo modo q(ue) declara, v(is)to o q(ue) alega, e certidões q(ue) ap(re)sẽta, e pagara mil r(ei)s p(ar)a a piadade, e por quanto os ja tem pagos, vos mãdo etc. ẽ forma el Rej nosso senhor o mãdou p(e)los d(outo)res belchjor do amaral, e l(ouren)ço corea etc. (christ)ouão cald(ei)ra a fez ẽ lix(bo)a a oito de outubro de qujnhẽtos e nouẽta, lucas v(iei)ra a fez escrever.

(D. Felippe I, Liv. XIII de Legitimações e perdões, fl. 163 v.).

XXI. — Dom felipe etc. faco saber que p(or parte de m(anu)el da fonseca me foi ap(resẽtado hũ alu(a)ra p(er) myn asjnado e pasado p(e)la ch(ancella)ria, de q(ue) o treslado he o seg(uin)te: Desẽbargadores do paço amigos, auendo Resp(ei)to a m(anu)el da fonseq(u)a q(ue) foj preso na villa de maruão p(e)la culpa da morte de hũa cigana, ser menor ao t(em)po q(ue) o dito caso acõteçeo, e asobceder a dita morte acidentalm(en)te, e a não ter p(ar)te, q(ue) o acusase, se não a just(iç)a, e a se toruar algũas vezes do vinho, e a ser a dita morta molher p(ubli)ca, e de mao vjver, e v(is)to outrosy a jnformação q(ue) se ouue p(or) meu mãdado p(e)lo desembargador g(asp)ar barbosa, juiz do dito caso, e seu pareçer, e como p(e)la dita jnformação constou o acima dito, e auer desuajro nos uotos, p(er) q(ue) o dito m(anu)el da fonseq(u)a foi cõdenado á morte de forca p(e)ra sempre p(er) final sentença, o q(ua)l vejo cõ embargos, q(ue) lhe forão Reçebidos, e aser pobre casado cõ filhos, ey por bẽ, e me p(raz) comutar lhe a dita morte de forca p(er)a sempre ẽ degredo perpetuo pera gales, p(el)o q(ue) vos mando, lhe facais passar carta de perdão de comutação ẽ forma na man(ei)ra acima declarada, p(er)o da costa o fez ẽ lix(bo)a a seis de dez(emb)ro de mil e quinhẽtos e nouẽta. pedindo me o dito m(anu)el de afonseca, lhe mãdase passar carta de perdão de comutação em forma cõforme ao dito alu(ar)a, E v(is)to seu Requerjmento, e o dito alu(a)ra acima trelladado, ey p(or) bẽ, e vos mando,

q(ue) não facais exequçam no dito manuel de afonseca p(e)la sẽtença q(ue) foj dada cõtra elle, q(ue) morrese na forca, por q(ue) ey por bem, de lhe p(er)doar, e comutar a dita morte p(e)la man(ei)ra declarada no dito alu(a)ra el Rej nosso s(enho)r o mãdou p(e)los d(outo)res J(e)r(oni)mo p(erei)ra de Saa, e belchior do amaral, ambos do seu cõselho e seus desẽbargadores do paço, belchjor pinto a fez ẽ lix(bo)a a dezanoue de dez(emb)ro de mil e quinhẽtos e nouenta Joam da costa a fez escreuer.

(D. Filippe I, Liv. XIII de Legitimações e perdões, fl. 189).

XXII.—Dom felipe etc. faco sab(e)r que m(anu)el da fonseq(u)a, preso nas galles despanha, me ẽujou dizer, que elle fora acusado p(e)la just(iç)a, po(r) se dizer, q(ue) matara na villa de maruão hũa molher cigana p(e)lo q(ua)l caso fora degradado cõ baraco e p(er)gão p(er)a as gales, e po(r) que era homẽ de jdade de vinte e cinq(u)o annos, e mais homẽ ẽgenhoso, e nesta expedição, que se faz p(er)a o Rejno de amgolla, pode lá ser m(ui)to provejtoso asj p(era) a gerra como p(er)a arteficios de cousas, q(ue) na gerra sõo necessarias, me pedia ouuese p(or) bẽ, de lhe comutar o dito degredo de gales, p(er)a o Rejno de amgolla, e jrá a arbitrjo do g(ouerna)dor p(er)a la o acupar, no q(ue) pareçer, q(ue) cõvẽ a meu serviço, e R(eceberi)a m(erce), e declaraua que da prjmejra sẽtença fora cõdenado a morte, e depois viera cõ ẽbargos, e lhe fora cumutada a pena de morte em gales p(er)a sempre, e v(is)to seu Requerjmento, e hũ parese cõ meu passe, ey p(or) bẽ, e me p(ra)z, se asj he, de lhe cumutar o degredo p(er)a sempre, em q(ue) lhe foj cumutada a pena de morte p(e)la culpa da morte da cigana de q(ue) faz mẽção, p(e)lo modo q(ue) declara, em degredo p(er)a sempre p(er)a amgola, v(is)to o que alega, e ser de menor jdade, quando cometeo o dito dilito, e p(or) tanto vos mando etc. ẽ forma. el Rej nosso señor o mãdou p(e)los d(outo)res damjão dagujar, e j(e)r(oni)mo p(erei)ra de Saa etc. f(rancis)co nunez de pauia a fez ẽ lix(bo)a aos xxbiij° de jan(ei)ro anno de m b^e lRij.

(D. Filippe I, Liv. XIII de Legitimações e perdões, fl. 328 v.).

XXIII.—Dom felipe etc. faço saber que m(anu)el diaz, alcajde e cacerejro da villa dalualade do campo douriq(u)e, me emvjou dizer, q(ue) tendo prezo hũ cigano, que chamauão esteuão preto, e vjnha degradado p(er)a as gales por tempo de tres annos, tendo o em ferros, o dito cigano fogira hũa noite por çima de hũ telhado cortando os ferros, como constaua do estromẽnto, q(ue) ap(re)sẽtaua, e elle sup(lican)te ouuera meu alu(a)ra de busqua, e fizera tantas deljgencias, q(ue) tornara a prẽder o dito cigano na villa do torram, pedindome. que ouuese p(or) bẽ, de lhe p(er)doar a culpa da fogida do dito preso, e R(eceberi)a m(erce); e v(is)to seu Requerjm(en)to, e hũ parese cõ meu passe, ey p(or) bẽ, de lhe p(er)doar a culpa, de lhe fogir o preso sendo alcajde, e caçerejro de q(ue) faz mẽçam, p(e)lo modo

q(ue) declara v(is)to o q(ue) alega, e isto ljurem(en)te v(is)to como o tornou a prẽder p(or) sua jndustria, e p(or)tanto vos mãdo etc. ẽ forma. el Rej nosso s(enh)or o mãdou p(e)los d(outo)res dy(og)o lamejra, e J(e)r(oni)mo p(erei)ra de saa etc. fr(ancis)co nunez de pauia o fez em lix(bo)a aos tres de majo anno de mil e qujnhẽtos novẽta e dous.

(D. Felippe I, Liv. XIV de Legitim. e perdões, fl. 4).

XXIV.—Dom Filipe etc. faço saber que m(anu)el lopez, homẽ baço, preso na cadea da villa de thomar, me ẽujou dizer q(ue) elle fora preso, e acuzado p(e)la just(iç)a, e cõdenado p(er) sẽtença da Relaçam ẽ hũ anno de degredo p(er)a crasto marim cõ pregam na aud(ien)ci)a, po(r) se dizer, ferir hũa vjlante salgada, sjgana, e se fizera nelle execuçam do pregão, e fora solto a xxb de nou(emb)ro de ojtenta e dous p(er)a ẽ trinta dias jr cõprir seu degredo, como tudo constaua da certidam, e sẽtença junta, e não fora conprir seu degredo ate gora, p(e)lo q(ue) estaua preso na cadea da dita villa, pedindome, ouuese p(or) bẽ de lhe p(er)doar a culpa de não jr cõprir ẽ t(em)po o dito degredo, e R(eceberi)a m(er)ce; e v(is)to seu Requerjm(en)to e hũ parese cõ meu passe, ey p(or) bẽ, e me p(ra)z de lhe p(er)doar a culpa de não jr cõprir o degredo ẽ t(em)po p(er)a crasto marim, de q(ue) faz mẽção, p(e)lo modo q(ue) declara, v(is)to o que alega, e estará mais no dito degredo dous meses, p(e)lo q(ue) vos mando etc. ẽ forma. elRey nosso s(enh)or o mãdou p(e)los d(outo)res j(e)r(oni)mo p(erei)ra de saa, e belchjor do amaral etc. (christ)ouão cald(ei)ra a fez ẽ lix(bo)a a xj de majo de m b^c lRij jo(a)m da costa a fez escrever.

(D. Felippe I, Liv. XIV de Legitim. e perdões, fl. 7 v.).

XXV.—Dom felipe etc. faço sab(e)r, que amt(oni)o fr(ancis)co preso na cadea de castelo branco, me ẽviou dizer, q(ue) a elle o prẽderão, por dizerẽ, q(ue) amdaua ẽ companhia de sjganos, no mes passado fogjra da dita prjsam por hũa janella q(ue) estaua aberta, e sẽ fechadura, e sajra po(r) hũ alçapam q(ue) tambẽ estaua então aberto sẽ quebrar ferro nẽ cadeado, e p(or) q(ue) elle sup(lican)te po(r) o caso p(er) q(ue) estaua preso, estaua ljure p(e)la sẽtença q(ue) offereçeo, en q(ue) o mãdauão soltar, e elle era pobre cõ molher e f(ilh)os, me pedia, ouuese p(or) bẽ de lho p(er)doar a culpa da dita fogjda, e R(eceberi)a merçe; e v(is)to seu Requerjm(en)to, e hũ parese cõ meu passe, ey p(or) bẽ, e me p(ra)z, se asj he como o sup(lican)te diz de lhe p(er)doar a culpa da fogjda da cadea, de q(ue) faz mẽção p(e)lo modo q(ue) declara, v(is)to o q(ue) alega, e pagara quatrocentos r(eis) p(er)a a piadade, e po(r) quanto os tem já pagos, vos mando etc. ẽ forma, e leua a clausulla q(ue) tome carta digo q(ue) elle sup(lican)te sera obrjgado a se ljurar do caso ou casos p(er) q(ue) estaua preso ao t(em)po da dita fogida, ou mostrar ljuram(en)to delles, e não no faz(en)do asj este p(er)dão lhe não valera, el Rey nosso s(enho)r o mãdou p(e)los d(ou)tores belchjor do amaral, e dy(og)o lamejra etc.

belchjor pinto a fez ẽ lix(bo)a a xxb dag(os)to anno de mil e b^{e} lRij jo(a)m da costa a fez escreuer.

[D. Felippe I, Liv. XIV de Legitim. e perdões, fl. 69 v.].

XXVI. — Dom felipe etc. faço sab(e)r, que jlaria g(onça)l(ve)z e seus f(ilh)os, g(on)ç(al)o, e sjmão, e c(ateri)na jsabel, e margajda cizjlia e anna m(orado)res no c.º termo da villa de g.^{ca} me ẽujarão dizer que estando Recolhjdos ẽ sua casa a noite de qujnze do mes de jan(ei)ro do anno de nouẽta cõ seu marido e paj d(oming)os g(onça)l(ue)z fora joão do souto, sjgano cõ grande cõpanhia doutros siganos ao cural e casa delles sup(lican)tes e do dito seu marjdo e paj e delle lhe tomarão, e leuarão cinq(u)o porquos e hũa vaqua furtados, ao q(ue) acodirão trabalhando de defender sua faz(en)da po(r) lha não leuasẽ, e andando asj a dita Reuolta acertarão de ferirẽ ao dito cjgano joão do souto de certas ferjdas per Rezão do q(ua)l ferjm(en)to se posera o marydo e pay delles sup(lican)tes em liuram(en)to, e sahyra absoluto, e po(r) q(ue) elles sup(lican)tes se não puserão em lyuram(en)to po(r) cudarẽ q(ue) não erão culpados, e depois se achara q(ue) tambẽ forão metidos no auto, e o dito sigano lhes tjnha p(er)doado, me pedião lhes p(er)doase a culpa que no dito caso tjnhão, e R(ecebri)am m(erce) e v(is)to seu Requerim(en)to e hũ parese cõ meu passe, ey p(or) bẽ, e me p(ra)z, se asj he de lhes p(er)doar a culpa de se acharẽ na brjga de q(ue) fazem mẽção em q(ue) o cigano foj p(or) elles ferjdo p(e)lo modo q(ue) declarão, v(is)to o q(ue) alegão e p(er)dão da p(ar)te q(ue) offereçẽ, e pagarão dous mil reis p(er)a a pjadade, e po(r)quanto os ja tem pagos, vos mando etc. ẽ forma. dado o passe a xxx de outubro de nouẽta e dous el Rey nosso s(enh)or o mãdou p(e)los d(ou)tores dy(og)o lamejra, e j(eroni)mo p(erei)ra de saa etc. (christ)ouão cald(ei)ra a fez ẽ lix(bo)a a quatro de nouẽbro de b^{e} lRij lucas v(iei)ra a fez escreuer.

[D. Felippe I, Liv. XIV de Legitim. e perdões, fl. 108].

(Continúa).

P. D'AZEVEDO.

FRAGMENTOS ETYMOLOGICOS

I. CAJÃO. — II. ALEIJÃO. — III. ABUJÃO

Quem olhar para este titulo dirá descontente: «*basta de cajões, aleijões e abujões!*» ou «*Cajão* UND KEIN ENDE!» Mas que remedio senão repetir sempre de novo que *cajão, cajom,* está por *ocajom,* e vem de *occasione,* cujo *o* inicial, considerado como artigo [1], destacaram

[1] *Occasião* e *cajom* serviram e são utilizadas ainda agora, frequentemente *sem artigo,* de sorte que a *bévue* grammatical, que originou a fórma popular abre-

do tronco da palavra, sujeitando-a ao mesmo tempo ao genero masculino, — se no reino vizinho continuam a propagar etymologias absurdas a seu respeito [1]! De resto, tenho que accrescentar alguma coisa de novo: pequenas particularidades sobre a historia de *cajom* e *aleijão* e uma nova tentativa de explicar *abujão*.

1.º) Cornu (*Gr. Gr.*, § 104) estranha a falta de um representante antigo de *accasionem* [2], o qual forçosamente deveria ter conservado o genero feminino. Mas este representante existiu; produziu um derivado, e conservou-se até hoje na Galliza. — No *Canc. da Vat.*, n.os 365, 9, lê-se:

quando mh' asseentey, assi veja prazer,
non me guardava eu de tal acaijon [3].

Alfonso x emprega na Cantiga 184 o adjectivo *acaionada* com relação a uma mulher sujeita a maus accidentes ou ataques. E em Galliza diz-se ainda agora *acasion*, segundo Valladares Nuñez (fórma que não ha razão para chamar meio-castelhana).

2.º) Quanto á chronologia das evoluções phoneticas de *cajão*, é certo que a apherese do *o* foi posterior á palatização do *si*. E' o que provam as fórmas *ocajom* e *oqueijon*. A primeira, na graphia antiga *ocaion*, occorre no *Canc. da Vat.*, 96, 22: «*como prendi ocaion quando vus fui* [*a*] *veer;* nos ineditos de Boaventura, I, 279; e nas Cantigas de Alfonso x (31 e 146). A segunda é empregada a miude pelo Rei Sabio (169, 175, 200 [4]).

3.º) Apezar d'isso ha ao lado de *cajom* [*caion, caijon, cajão* [5]], por um singular atavismo linguistico, a fórma, talvez dialectal, *casião* em Gil Vicente, III, 169; *cagião, ib.*, I, 250, e *caisião* na *Pratica de tres pastores*, 1:253.

*

Em *aleijão* deu-se o phenomeno opposto; o artigo feminino juntou-se ao substantivo, que apezar d'isso passou a ser masculino. A

viada, era quasi inevitavel. Cfr. *liado* por OLEADO, *zufruto* por USUFRUCTO, *rôr* por HORROR, *chavo* por OCHAVO, e *gronho* por O GRONHO = LOGROÑO? — Em Hespanha o caso era outro. Por isso *ocasion*, que de resto tem as mesmas accepções de *mau azo, desgraça, accidente, sinistro*, como em portuguez, não se viu obrigado a mudar de traje. (V. *Poema de Alex*, 49, 1:466, 2:158, e *Poema del Cid*, 1:365).

1 No Glossario (muito insufficiente) que acompanha a bella edição do *Cancioneiro de Santa Maria*, o editor traduz *occasion* com *morte*, de OCCASUS, citando o portuguez *acanhar*, e não sei que mais verbos, que não estão de modo algum relacionados com ella!

2 ACCASIONEM (com assimilação de vogaes), como no ital. *accagione*, neap. *accasone*, franc. antigo *achaison*.

3 Braga regista no seu Glossariozinho a fórma *cajam (a)* como feminina, baseando-se, decerto, n'aquella passagem, porque não ha outras parecidas.

4 Na Cant. 186, 12, o verso exige que se leia: *caestes en tal* [*o*]*caion* ou [*a*]*caion*.

5 *Vat.*, 921, 17; 1:100, 2; 1:112, 6; *C. Col. Br.*, 415, 2; *Ined.* Boav., I, 281, 288, III, 289; Prestes, pag. 379; Zurara, *Ined.*, III, 205, 119; Mello, *Obras Metricas*, 59, 71.

meu vêr só ha uma explicação admissivel. Como quasi sempre se falla de *uma-leijão*, uma imperfeita audição produziu, na bocca do povo, a expressão *um-aleijão*. Impossivel dizer quando. Na litteratura *o aleijão* apresenta-se relativamente tarde. A fórma archaica era *lijom* (Cant. Alf. x, 31, 146, 200); *lijado* (ib., 146). E no seculo XVI o grande Albuquerque escrevia ainda (Carta 15): «*este cavaleiro criado do Duque de Coimbra... lhe deceparam esa mão na peleja... develhe V. S. fazer mercé e satisfazer-lhe sua aleijão*». — Sobre *ei* de *ae latino* ou romanico, como em *leiva*-GLAEBA; *queiro*-QUAERO; *esqueicer* de EXCA-[D]ESCERE; *eidade* de AETATE, digo apenas que ainda ha muitos casos por recolher. Julgo que a mudança foi direita em *leijão*, e não secundaria, provindo de *i* (cfr. *leixar*, variante de LIXAR; *reixa*, de RIXA; *leira*, de LIRIA (?); *leirão* variante de LIRÃO).

•

Com *abujão* o caso ainda é outro: o *a* não é o artigo, nem parte do artigo indefinido, nem tampouco o prefixo *a*, como julgam os que o derivam de *visione*.

A *abujão* é uma coisa-má, um phantasma, ou mêdo que a imaginação julga vêr de noite, quer seja velando ou em sonhos. A *avejão* é igualmente um espectro qualquer. Ambas são portanto, ideologicamente, visões [*Erscheinungen, Traumbilder, Wahngebilde*]. Ora a litteratura popular prova-nos que em algumas das apparições angelicas e diabolicas, que a gentinha peninsular teve durante a idade-média, e depois, a *abujão* tinha figura de *ave* grande (tartaranha, cernicalo, lagarteiro, milhano [1]). Apezar d'isso *avejão* e *abujão* não são derivados augmentativos de *ave*, como se diz no *Diccionario Contemporaneo* [s. v. *avejão* e *passarola*]. O etymon *visione* proposto por Coelho no *Manual* [2], e por Cornu no *Grundriss* [§ 95 [3]], seria admissivel se, entre as fórmas antigas *vijão* e *visão* de um lado e as modernas *abujão* e *avejão* pelo outro, descobrissemos as fórmas intermedias *avijão, avisão* ou *vejão, bujão*. Mas ellas faltam; e o latim offerece outro termo que pelo sentido serve igualmente bem e pela fórma ainda melhor: *abusione*. A lingua culta empregava *abusão* para designar er-

1 Nos autos populares, e em especial nos do Natal, é uso comparar o côro dos Anjos, que vieram dar a boa nova aos sonorentos pastores, a um grande *passarola*. Remetto o leitor para a *Pratica de tres pastores*; para o *Auto del nascimiento*, de Rodrigues Lobo; para o *Auto de Deus Padre*; para Gil Vicente; e para as *Representações*, de Juan del Encina, Valdivielso e outros.

2 «*Abujão*, s. f.; term. pop.: phantasma, mêdo (vid. *avejão*, que é a mesma palavra). — *Avejão*, s. f.; term. pop.: entidade que se figura á imaginação popular; — visão; s. m. homem muito alto. — Outra fórma de *visão*».

3 «*Abujão*, de *abejão* por *avejão* = *visionem*». — Em nota ao § 303 o erudito glottologo accrescenta que *avejão*, que a principio fôra feminino, oscilla hoje quanto ao genero, segundo os grammaticos e diccionarios. Parece-me que não é bem assim: pelo que ouvi, e tambem pelo que Coelho indica, *abujão* é por regra feminino. Só quando se refere a um *homem*-phantasma, de proporções desmarcadas e catadura feia, é que momentaneamente se torna masculino, como *um banana, um maricas, um medricas*, e tantos outros!

ros e enganos originados pela credulidade: phantasmas, sombras, quimeras e illusões. Barros e Couto, p. ex., fallam a cada passo de *abusões*, com referencia ás crenças dos gentios. Mas como não colleccionei as respectivas passagens da *Asia*, offereço algumas outras, que julgo sufficientes para provar a minha these.

Zurara exclama na *Chronica de D. Pedro: «quantas* ABUSÕES *sonharam!»* (*Ined.*, II, 251), e Gaspar Fructuoso diz nas *Saudades da Terra: «haviam 18 dias que duravam as* ABUSÕES *dos falsos prophetas — o sancto propheta o qual outras muitas cousas e* ABUSÕES *fazia o povo fazer de noute e de dia* (pag. 60); — *e lhe disse que* ABUSÕES *eram aquellas que fizeram no povo* (pag. 59); — *ao cabo de alguns dias que durava esta* ABUSÃO *e desaventura»* (pag. 58). — E Prestes chama a um «mêdo» ou alma-penada: «*esta* ABUSÃO *que anda ahi»* (pag. 383); e «*parece que esta* ABUSÃO *tem presumpção»* (420). — *Abujão*, derivando directamente de *abusione* por um processo bem nacional, seria a fórma popular: formando com *abusão*, que nasceu pela muito usada suppressão do *i* posvocalico (Cornu, § 113), um par de variantes a pôr em parallelo com *vijão* e *visão*. Em ambos os casos sem que houvesse differenciação quanto aos significados [1]. — Resta dizer que a *visião* e *casião*, que devemos classificar de meio-eruditas, apezar de antigas [2], não corresponde nenhuma fórma *abusion*.

IV. ALQUEIVAR [3]

A proveniencia de *EVELLICARE, indicada por Cornu (§§ 154 e 244) é muito duvidosa. O sentido não satisfaz, e o desenvolvimento phonetico seria muito fóra do commum [4]. Depois de pensar em derivá-lo de *caviare* por *cavare;* decidi-me por *calvus*, sem comtudo estar convencida do acertado da minha hypothese, que não sei apoiar com documentos historicos, nem com casos analogos. — ECALVARE daria ACALVARE — e com anticipação do l: *alcalvar;* depois o l^cons ter-se-hia vocalizado como em *açaimo, seiceiro, saimão*, etc.: *Ei* por *ai*, como em *eido*, de *aido* (ADITUS); *meigo*, de *magicus*.

V. ARTUÑA, ORTUÑA

Um antigo proverbio, diz: «*Ni antruejo sin luna... ni piara* (= rebanho) *sin artuña»*. O commendador grego explica: «*oveja que*

1 Alfonso X emprega-as indistinctamente: *vijon* nas Cantigas 53, 58, 85 e 200 [cfr. *prijon*, 158; *lijon*, 31, 146 e 200; *confojon*, 91]; e *vijon* nas Cantigas 5 e 85 [cfr. *confisson, procisson*].

2 *Vision*, que encontro só em uma variante da Cantiga 85, póde ser *castelhanismo*.

3 Ha tambem *alquevar* e *alqueve (andar como sapo por alqueve)*.

4 *Evellicare* teria produzido, provavelmente: *evelgar* (ou *avelgar, amelgar)*. Cfr. *cavalgar*, de CAVALLICARE; *amolgar*, de EMOLLICARE; *empolgar*, de *IM-POL-LIC-ARE, de POLLEX; *esvulgar*, de EX-PULIC-ARE; *folgar*, de FOLLICARE.

parió y se le murió el cordero». Um pouco inadequadamente, porque *artuña* está evidentemente por *ABORT-*unea* (de *abortus*). Na Galliza ha ainda hoje a palavra: *ortuna* por *ovella que aborta* [1].

VI. BAJOJAR, BAJOUJAR

De *BAIOLIARE por BAIOLARE (Vulgata), havendo substituição de *lh* por *j* por assimilação ao primeiro *j*; — ou por assimilação de *i* ao *j*, depois da, aliás rara, queda do *l* antes de *i*. Cfr. *joio, Olaia, muyer, Gião*, que no *Canc. da Vat.*, n.º 14, é sempre quadrisyllabo: *Ju-ï ã-o*.

VII. BELHÓ-FILHÓ

As actas sobre estas duas palavras estão longe de estarem fechadas. E' cêdo ainda para dizermos se o étymon é o mesmo para ambas e decidirmos qual entre os que foram propostos tem mais probabilidades de ser verdadeiro, se *BILIOLA por LIBIOLA (Cornu, §§ 130 e 214); FOLIOLA (Baist); ou FILIOLUM; ou se, originariamente diversos, foram mais tarde confundidos, por causa da grande semelhança da sua construcção phonetica, e apezar da differença de significação de ambos. Por ora registarei: 1.º) que o gallego chama a um certo bolo («*fruta de sarten*» ou «HOJUELAS DE SARTEN») não só FILHÓ, FILHOA, mas até FREIXÓ (como se fosse *fresiolum*, de FRESUS, part. pass. de FRENDERE); 2.º) que *belhó*, pronunciado tambem *bulhó*, designa em Tras-os-Montes exclusivamente a castanha pilada (= descascada ou debulhada) e nunca um bolo de farinha (nem o de massa delgada e estendida como *folha*, nem tampouco o que é da finura de *fio* [2]), sem querer examinar se este *belhó* (m.) representa *pĭliŏla*, de *pila* = bola pequena, ou está em relação com *debulhar* (palavra, cuja origem fica tambem incerta [3]); 3.º) que a fórma mais archaica que encontrei até hoje é *feijoo* (= PHASIOLUM) na Cantiga 157 de Alfonso X; 4.º) que FILHÓ foi antigamente masculino em portuguez (p. ex. no proverbio: *não vay por ahi a gata aos filhós*).

[1] Cfr. cast. *redruña, garduña* e *veduño*; port. *gardunho, rascunho, gatafunho, garafunho* e *pezunho* (augmentativo burlesco de *pé*, moldado sobre o diminutivo *pézinho*). *Uño* = UNEUS, de UNUS, formado por analogia com *año, iño, oño*. Os adjectivos preferem, comtudo, em geral o suffixo *onho*. Aos vocabulos citados na *Miscellanea* [n.º 24, s. v. *medronho*], accrescento agora dois termos bonitos e caseiros: *disonho* e *palronho*, inventados para caracterisarem, o primeiro a quem é «respondão», e o segundo, a quem «palra muito».

[2] A massa *esfolhada (Blätter-teig)* é no preparo e tratamento culinario muito differente da massa dos *filhós*, *belhós* e *beignets*. — Muitos *filhózes* modernos têm fórma de BOLINHAS *fofas* e *assopradas*, chamando-se até *soprosinhos* ou *suspiros de freira*.

[3] Eu pelo menos receio ainda pronunciar-me entre *de-pileare* e SPŎLIARE (*esbulhar, des-bulhar* e *debulhar*, com dupla troca de suffixos).

VIII. BOETA

Se *boceta* (cast. *bujeta)* representa * BUXIDITTA, de BUXĬDA (PYXĬDA), *boeta,* que era vulgar nos seculos XV e XVI [1], deve ser o reflexo do francez *boîte* (= *buxida).* Cfr. *toesa,* de *toise; framboesa,* de *framboise; oboé* = *hautbois; patoé* = *patois.*

IX. BUÇO

Buço, bucinho, o nome popular dos *pêllos que nascem em cima do labio superior dos homens e de algumas mulheres, assim como no focinho de varios animaes (bozo* em castelhano) não será mais nada que BUCCEUS. De ahi *buçal, boçal* (qualidade do moço imberbe, que mal vê despontar o *buço); embuçar-se* (cobrir a metade inferior do rosto até ao buço com capa ou capote); *rebuço, rebuçado,* etc.; hespanhol *bozudo, embozo, rebozo, embozado, rebozado, arrebozado,* etc. — *Ccj* tratado como *kj* em *laço* de LAQUEUS. Sobre *u* de *u* latino em posição nem vale a pena fallar. (V. Cornu, § 32). — Confira-se, de resto, *rebusnar,* de REBUCCINARE.

X. BUFARINHEIRO [2]

«*Cada bufarinheiro louva seus alfinetes*» ou «*as suas agulhas*». Este proverbio, recolhido por Fernan Nuñez, e que ainda continúa a correr mundo, contém a fórma mais usada da palavra que em Portugal denomina o vendedor ambulante de quinquilherias. As variantes *bofirinheiro* (Mello, *Guia de Casados,* pag. 135), *boforinheiro, bufalinheiro* (G. V., I, 173), *baforinheiro, bolfarinheiro, belfarinheiro, belfurinheiro,* em que apenas as vogaes atonas e as liquidas *l* e *r* soffreram alterações, são muito pouco communs: meras corrupções *vulgares* [3]. Em Hespanha quem exerce o mesmo officio chama-se *buhonero* [4]. Durante a idade-média, prevaleceu, comtudo, em ambos os paizes, outra fórma, mais curta: *bufon* ou *bofon* [5]. Não é licito separá-las. Enga-

[1] V. *Foral de Lisboa,* pag. 37; *Ordenações,* § 127; Couto, Castanheda, Andrade, etc.

[2] A graphia mais usual é *bofarinheiro* (com *o).*

[3] *Belfur*... por *bofur,* com anticipação plebeia da liquida *r,* como em *belforeira* por *beforeira* = BIFERARIA. A esta ultima formação Cornu concede relativamente grande espaço na sua grammatica, explicando-a nos §§ 155, 160, 248 e 255 do modo seguinte: *biferaria, bilferaria* (com *Vorklang* do *r,* em fórma de *l) bilfereira, bilforeira, belforeira, balforeira, balaforeira* (com epenthese euphonica do *a),* de onde afinal *baforeira* (com queda do *l* intervocalico!) — Encontro ainda entre as minhas notas outro *belfurinheiro,* como corrupção de PALAFRENEIRO, recolhido, se não estou enganada, do *Summario de Lisboa,* de Christovam Rodrigues de Oliveira.

[4] *Cada buhonero alaba sus agujas* (Celestina, 41).

[5] Eis alguns exemplos: *De coloneiro qui comprar piscatum proa revender det I denarium,* BOFON I *denarium.* [Mon. Leges, 621]; BOFON *qui aliquid vendiderit in villa det cotidie I denarium* [ib, 622; cfr. 674 e 696, Midões, 1:257, e Coja, 1:260].

na-se quem vê em *bofarinheiro* o vendedor de *boa farinha,* imaginando que as *bellas* e *boas farinhas* que elle ia offerecendo de casa em casa, apregoando-as talvez com a fórmula: «*bôfarinha, bôfarinha!*» (como *bôfé,* de *boàfé),* eram cosmeticos e pós para o toucador. O titulo de *bofarinhas,* dado nos diccionarios ás mercancias de quem gritando: *barato! barato!,* vende agulhas, alfinetes, ganchos, linhas, fitas, ligas, atacadores e outras bugigangas do mesmo genero, não é mais do que uma abstracção *(Rückbildung)* moderna, tirada de *bofarinheiro, póde ser que pelo povo,* mas mais provavelmente pelos eruditos, com a mira de apoiarem aquelle supposto etymon [1]. *Buhonero* e *bufarinheiro* são derivados do mesmo radical. O primeiro veio directamente de *bufon,* accrescentando-se-lhe a terminação *-eiro* ou *-ero,* que costuma dar o nome ao praticante de qualquer mester ou officio (cfr. *adeleiro* por *adelo).* O segundo passou por mais algumas vira-voltas. As bugiarias, vendidas pelo *bufo* (fórma originaria latina do *bufon),* chamavam-se *bufarias.* O dono d'ellas ficou sendo, por isso, um *bufari-eiro.* O *nh* introduzido mais tarde é *etymologicamente* injustificado. Surgiu, para assim dizer, por um effeito, não de magica acustica, mas de euphonia, produzido pela analogia com *dinheiro* por *dĩeiro; louvaminheiro,* de *louvamĩeiro; choraminheiro,* de *choramĩeiro* [2]*; macinheira* por *macĩeira; escrevaninha* por *escrevania; endemoninhado* por *endemoniado; maninho* por *manio,* etc.; isto é: na retafila da interessante serie de palavras em que a resonancia nasal se desenvolveu como ecco do *m* ou *n* antecedente, immediato a *i* (cfr. *nin* em *ninguem, mim, nem, nenhum, ningela, muim, muinto,* etc.), sendo abrandada em *nh,* cada vez que vinha seguida de vogal, afim de facilitar a pronuncia [3], do mesmo modo como *tardinheiro* surgiu ao lado de *tardieiro* [4], *pardinheiro* (gal.) ao lado de

E' costume *que se o* BOFOM *andar vendendo em cesto ou em canistrel pela vila* .. [*Ined*, IV, 631]. —*O* BUFAM *que por as praças da villa ou lugar tras* ALMAFEO *ou arqueta ao collo com tenda de marçaria pera vender*... [Ord. Aff, III, pag 54]

Saben los boffones muchas malas baratas:
buelven en sus mercaduras muchas malas ratas:
non podrie desir omne todas sus garavatas (= Kniffe, Winkelzüge)
morir quieren el dia que non ganan çapatas. (Poema de Alex., 1657).

De *bufarinheiras* femininas falla o Arcipreste:

Como lo han de uso estas tales BUHONAS,
andan de casa en casa vendiendo muchas donas. [Fita, 673].

[1] Não tem fóros de litteraria: eu pelo menos, nunca a tenho encontrado. Nem vejo citações nos diccionarios que consultei.

[2] *Chora-mingas* e *chora-migas,* de *choramingar,* são, a meu vêr, etymologias populares, procedentes do termo archaico *choramiar,* de *chorame,* formado sobre *louvame (= laudamen);* e com vista sobre *chora-doilos* (= cast. *llora-duelos)*

[3] De *tardío?* — O castelhano *tardinero* faz, comtudo, suppôr que o latim vulgar da peninsula já possuisse um typo * *tardinarius,* moldado sobre *ordinarius.*

[4] Aos exemplos allegados nos §§ 124 e 151 por Cornu (que foi quem elucidou esta importante questão), ha bastantes que accrescentar; p. ex.: *asinhaga,*

pardieiro. Quanto a *bufo,* bastará remetter o leitor ao *Diccionario* de Diez, I, onde se trata do italiano *buffo* e do francez *bouffon* [1].

XI. — CARAMANCHÃO

Chamava-se *caramanchão* em portuguez archaico a uma *pequena obra avançada de fortificação; um miradouro* ou *mirante em fórma de torreão minusculo* (synonymo de *cubello;* — allemão: *Wartthürmchen, Turmstübchen* [2]). Em portuguez moderno designa uma *casita feita de ripas ou de canniçado e revestida de trepadeiras nos jardins ou quintas ajardinadas para resguardar do sol ou para descançar* (all. *Gartenlaube).* Em castelhano a palavra correspondente significa: *desvão da casa, onde é costume guardar trastes velhos* (all. *Rumpelkammer, Dachstübchen),* e em sentido figurado *os cantos e recantos de um sitio qualquer.* Em todas estas accepções o *caramanchão* é, portanto, um pequeno aposento (ou fragmento de aposento), uma *camarazinha* pouco espaçosa e mais ou menos aberta, dando-se o aliás nada raro caso, que um termo diminutivo foi avolumando-se, por meio de suffixos cada vez mais compostos, na proporção inversa do tamanho real e da valia do objecto que denomina. Como da radical de *pequeno* se formaram, além de *pequenino* e *pequenote,* ainda *pequerrucho* e *pequerruchinho;* de *bicho: bichano, bichaninho* e *bicharôco,* ou, em terras de Andaluzia, de *chico: chiquito, chiquitito, chiquititillo, chiquirrititillo,* e até com prefixo, suffixos e infixo *rechiquirrititillo,* assim nasceu de *câmara,* ao lado dos simples diminutivos *camarim* e *camarote,* outro depreciativo *camaracho,* e em seguida, com maior insistencia na pequenez e insignificancia do respectivo recinto: *Camarachão,* de onde *caramachão* e finalmente *caramanchão* = * CAMARA + ASC'LUM + ONE [3].

de *azlaga* (de ILICINUS); *minhana* por *miana (= miadomina); minhoca* por *mioca* [all. *Wühle,* de MINARE]; *linhagem* por *liagem; linho* por *lio* (porque é assim que os antigos escreviam). — *Minhoto* por *mioto* póde estar por *milhoto,* de *milvus* (cfr. *milhano);* como *homizio* por *homizilho,* de *homicidium.* — *Escarninho* por *escarnho, escarnio* é differente.

1 Sobre a raiz *buf, puf,* representado em portuguez por *bofe, bufo, bufar, bofetada,* etc., ha muito que dizer. Fique, comtudo, para outro logar. Mas de passagem sempre direi que o portuguez *fofo,* que Cornu quer derivar de *fatuus,* me parece estar intimamente ligado com *buf-bof.*

2 *Hervorragender erker-oder zimmerartiger bedachter oder unbedachter Ausbau alter Befestigungswerke der zum Ausschauen, Beobachten und Beschiessen des Feindes diente.* — Eis quatro passagens comprovativas: 1). *E o arcediago mandou fazer huum muro em* CARAMANCHÕES *a redor da igreja e claustra* [Port. Mon. Hist.: Script. I, pag. 24, sec. XV]. — 2). *E a vella* (... vigilia) *estava em cima do* CARAMANCHAM [*ib.*, pag. 29] — 3). *E mais mandou El Rey que tirassem alli huma villa de madeira que levava naquella frota a qual mandou que ficasse pera repairo dos* CARAMANCHÕES *e das torres em que as vellas aviam de ser postas.* [Zurara, *D. Pedro; Ined.*, II, pag. 240]. — 4). *Derrubou tres ameas de hum* CARAMANCHÃO [Pina, *D. Duarte; Ined.*, III, pag. 147].

3 Como se vê, eu derivo o suffixo, ora diminutivo, ora depreciativo, *acho* com Leite de Vasconcellos *(Rev. Lusit.,* II, 272), de *asc'lum,* modificando um pouco a opi-

Provemos, em primeiro logar, que houve realmente metathese, e que esta metathese está em harmonia com os costumes caracteristicos do portuguez. Em Castella a fórma prevalecente (se não fôr a unica), é *camaranchon* [1], emquanto em Portugal, pelo contrario, temos por via de regra *caramanchão*, e a fórma primitiva apenas de vez em quando, por excepção [2]. Julgando que a fórma castelhana é a originaria, e a portugueza secundaria e modificada, tenho em conta a fortissima propensão do portuguez para translocações de consoantes e vogaes [3]. A mudança de *camaranchão* para *caramanchão*, ou em pronúncia familiar, pouco «recta» e cuidada, *c'ramanchão* deve considerar-se filha da tendencia especial e muito pronunciada da linguagem popular de transferir o *r* do fim e meio de palavras para o principio, logo que lá exista consoante a que elle se possa encostar, ou que o attraia, como p. ex. em *fragoa, fresta, preguiça, prego, estrondo, brinco* [4] e tantas outras.

Note-se em segundo logar que *camaracho*, sem o suffixo pejorativo *-ão*, e ao mesmo tempo sem resonancia nasal nem metathese, existe em Castella, onde significa igualmente um *desvão (galetas, grenier, soffitto* [5]*)*, e que os synonymos portuguezes *caramachel* e *caramanchel* pôem fóra de duvida a existencia do mesmo *camaracho, caramacho* em territorio portuguez.

E por fim tornemos incontestavel esta etymologia, mencionando que a variante *caramachão* sem a resonancia nasal antes do *ch*, acompanha nos antigos documentos a fórma *caramanchão* [6], assim como

nião que sustentei na *Miscellanea* (n.º 23, s. v. *macho)* Parallelos de *camaracho* seriam: *borracho, bonacho, fogacho, pennacho, riacho, verdacho, lebracho, lobacho, muacho*. Ao par de *camarachão* ha *bonachão* e *borrachão*. Em fórmas nazaladas lembra-me apenas os termos *gordanchudo, feianchão*, de *feio*, e *verdanchão*, que colhi da bocca do povo. — Cfr. *-uncho* em *caruncho*, e *escarafuncho* (do mesmo radical allemão, como *escarrar = schrapfen)*; e *-incho* em *pedinchão* por *pedichão*.

[1] Os diccionarios, pelo menos, não trazem outra. Cervantes falla de «*ojos hundidos en los ultimos* CAMARANCHONES *del celebro*».

[2] Alguns lexicographos trazem-na, p. ex. Moraes e Coelho. O primeiro remette aos *Ineditos*, III, 147. Comtudo, lá está *caramanchões*, e não *camaranchões*.

[3] Os phenomenos de metathese são tão frequentes e tão inesperados e curiosos em Portugal, que levaram J. Cornu a estabelecer sobre esta base algumas etymologias verdadeiramente arrojadas e inverosimeis, como *lerdo*, de TETER; *bojo*, de ALVEUS, *fofo*, de FATUUS, etc. — Aos exemplos citados no § 204 *(Gr. Gr.)* é facil accrescentar mais alguns plebeismos, como *carpichado, carapichado* e *c'rupichado* por *caprichado; charamusca*, de *chamarusca; largato = lagarto; lerpa = lepra; andarela*, de *arandela; Ádega = Águeda; bidogue = bigode; derroma = redoma; diregir = digerir; sorrobalho = soborralho; redamar = derramar; sefenicar* e *sufenicar = significar*.

[4] *Crasto = castrum; crosto = colostrum; crestar = castrare; crabesto = capistrum; crango = cangro, cancro* (cfr. *c'ranguejo, caranguejo); traga = tagra*. (Cfr. *Rev. Lusit.*, I, pag. 299).

[5] V. Salvá, *Diccionario*.

[6] *Ined.*, II, pag. 420: *mandando que todos fesessem traser de comer aos* CARAMACHÕES *do muro; — ib*, III, pag. 153: *naquelle mesmo dia pareceo em um* CARAMACHÃO. — Longe de mim negar que em ambos os casos *possa* haver a simples omissão de um til, ou de *n*.

caramachel acompanha a *caramanchel* [1] e, conforme já se disse, *camaracho* ao castelhano *camaranchon*. *Mãe* por *mae; mancha* por *macha* = MACLA; *mangerico, manjaricão, manjarona* por *magerico, magericão, majorana; Mancias* etc., são exemplos conhecidissimos do *Nachklang* de *m* inicial no fim da syllaba. (Cfr. Cornu, § 151).

Alguem poderia ser tentado (como eu o fui) de aventar outras etymologias: a) *camara* + *ancha* (= AMPLA) por antiphrase; b) *camara* + *rancho*, com queda dissimilatoria do primeiro *ra*. Ambas são todavia inacceitaveis, porque a mudança de genero e a queda do *n* antes de *ch* ficariam inexplicadas. No ultimo caso accede ainda outra razão: *camarancho* não está documentado, e *caramanchão* nunca serviu, que eu saiba, para designar a tenda de campanha ou o beliche das naus, que são o verdadeiro berço da *camaradagem* e do *rancho*. De resto, a propria palavra *rancho* está ainda por explicar satisfactoriamente [2]. E se realmente houvesse relações de parentesco entre *caramanchão* e *rancho*, a idéa extravagante de considerar *rancho* como proveniente de *camarancho*, por apherese, talvez ainda encontrasse mais adeptos do que a tentativa de vêr em *caramancho* um composto de *camara* + *rancho*.

XII. CARTAPOLINHO

Na *Pratica de tres pastores* (l.ª 260) eu interpretei *cartapolinho* por *cartapacio*. Melhor seria, comtudo, dizer «papel escripto por escrivão publico, officialmente, rescripto da côrte, etc.». — Em portuguez antigo o termo correspondente é *portacollo*. As Ordenações Affonsinas (I, 263 e 264. III, 241) empregam-no por *livro de registro das notas de um tabellião*. E nas *Memorias do Bispo do Grão Pará* (pag. 125) temos a mesma fórma com identica significação. *Portacollo* é evidentemente *protocollo*, com alguns indicios de transformação por meio de etymologia popular. De ahi, com metathese á maneira portugueza, *cortapolo*, e, sob influencia de *carta* e *cartapacio*, a fórma *cartapolo*, que deu o diminutivo *cartapolinho*, de onde *cartapelinho*. *Portacol* nas comedias de Simão Machado, e *cartapel* (usado em Hespanha pelo vulgo [3]), seriam abstrahidos das respectivas fórmas diminutivas, na mente de as reduzirem aos verdadeiros radicaes [4].

XIII. CHACINA

Chacina é: *carne salgada em postas, curada ao vento, ao sol, ou ao fumo;* e em sentido figurado: *carnificina* [5]. — Outro dia, em uma con-

[1] Na 7.ª edição de Moraes *caramachel* é mero erro de imprensa. (A etymologia, que indico aqui, já lá está, como vejo agora, posto que só hypotheticamente!).

[2] *Rancho* por *ranche*, de RAMICE?

[3] Valdivielso, pag 325, em bocca de um pastor sayaguez.

[4] Separo-o do italiano *scartabello*, em que Caix quiz vêr um composto de *charta* e *tabella* (*Zschr*, I, 423, e *Studi*, pag. 197).

[5] O gallego diz *chacinha*.

versa de jantar com um idoso e instruido proprietario de Tras-os-Montes, ao disputarmos sobre a melhor maneira de eu defumar carnes em casa, soube que os moradores de Chacim têm antiquissima e bem merecida fama pela maneira excellente comó sabem defumar carnes de porco. — E elles, os de Chacim, a pensar que a sua villa recebeu o nome por causa de uma sangrenta batalha entre mouros e christãos, no tempo dos Affonsinhos, emquanto todas as *chacinas*, tanto cruentas como incruentas, receberam, pelo contrario, o nome de uma pacifica terra toucinheira!

Cornu vê n'aquelle vocabulo um hypothetico **siccina*, de *siccus* = *secco;* e eu, tomando em devida consideração o castelhano *cecina* e o catalão *cecina, cesina,* julgo boa aquella etymologia, apezar da rara conservação do *n* intervocal e da transformação do thema principal [1]. Comtudo, eu diria d'ora ávante, á cautela: *chacina,* de *siccina,* sob influencia de *Chacim*.

XIV. CHOSCO

Chosco ou *Pedro-Chosco* é o nome gallego do hospede bemfazejo que todas as noites entra pelas casas dentro, a deitar uns grãozinhos de areia, ou coisa que o valha, nos olhos das creanças. E' o *João Pestanas* dos Portuguezes; o *Sandmann* dos Allemães, ou, mais exactamente, o *Ole-Luk-Oie*, o *Cerra-olhos* dos Dinamarquezes. Se este senhor deitar por engano umas gôttas do doce leite de morphina nos olhos dos serventes, cêdo demais, quando ainda deveriam velar trabalhando, sempre lá apparece quem lhes cante ou recite a cantiga popular gallega:

Vai te d'ahi, Pedro Chosco,
non m'enganel-la criada:
non-na calzas, nin-na vestes
nin lhe pagal la soldada!

ou, em texto portuguez:

Vai-te, sono, vai-te, sono!
vai te da minha criada:
não-na calças nem-na vestes,
nem lhe pagas a soldada!

Chosco, substantivo verbal de *choscar, chuscar (cerrar e abrir os olhos, pestanejar, toscanejar, piscar o olho)* é *CLAUSICARE, de CLAUSUS, part. perf. de CLAUDERE, i. é: do gallego *chouso, choso,* que funcciona ao par do participio regular, analogico, *choido,* de *choer, choir,* port. archaico *chouvir* (com epenthese de *v* para annullar o hiato). Ha ainda

[1] Todos os numerosos derivados *portuguezes* de *secco* mantêm, naturalmente, o som *k*, mesmo antes de *i* (*secca, seccação, seccadoiro, seccagem, seccarão, sequidão, sequilho, sequinho, resequido, sequeiro,* etc.).

deschoer, *deschoir* = *descerrar*, e *desachousar*. *Chosco* designa tambem o *vesgo* (= * VERSĬCUS, de VERSUS, participio de VERTERE [1]).

XV. CHORUDO, CHORUME

Apenas duas notas para apoiar a etymologia * FLORUMEN, proposta por Cornu (§§ 135 e 303). Sá de Miranda emprega uma vez o provincialismo (minhoto-gallego) *chorecer* por *florecer*. (N.os 103 e 575, a pag. 711 da minha edição); e em Galliza chamam *chorímas* ás *flôres do tojo*. No adj. *churumada* = *olorosa*, *fragrante* (que conheço apenas do inexacto Cuveiro Piñol) a radical *cheiro (de cheirar* = FLAGRARE) foi provavelmente modificada por causa de *chor* = *flôr* e *chorume* = *florumen;* como o francez *fleurer* por *flairer*, por causa de FLEUR. — Se esta derivação fôr exacta, *churumo* em Castella deve ser mercancia de importação.

XVI. CISCO.

Cisco, = *o pózinho de carvão que, depois de voar no ar, assenta em nossa casa, ou alhures*, e, em accepção mais ampla, toda a qualidade de pó e lixo que se vae juntando dentro de casa, talvez não seja outra coisa que um diminutivo de *cinis*, CINISCULUM (como *pulvisculum)* que podia dar *ciíscoo* e finalmente *cisco*. (Cfr. *Miscellanea*, n.os 47 e 48; *Rev.*, I, pag. 300, e o fragmento 55 d'esta serie).

XVII. CORTAMÃO

Este nome, dado á *esquadria do carpinteiro*, é corrupção do latim *quartabo*, e deriva portanto da mesma raiz (QUARTO) que deu o sêr á *esquadria*. O primeiro passo dado para nacionalizar aquelle termo technico foi a mudança alliviadora de *ua* atono para *o: cortabó, cortavó*, como *corta-feira* (gal.); *contía; coresma; cortapisa; leche cortada* (gal. = *coarctada); cotrim (= quattrinus); courella (= quadrella)*. O processo de popularização continuou, nasalizando-se o *ó* agudo. *Cortabom, cortavom*, como *tafetã, resedã, perúm, tissum, dimittím, javalím, rabbím*. A ultima transformação substituiu *-vom* por *-vão*, que a etymologia popular identificaria á *mão*. — O castelhano parou a meio-caminho, contentando-se com *cartabon: a* por *ua*, como em *caderno, cadril, carta-feira, cartilho, catro*.

[1] Cuveiro Piñol diz laconicamente: CHOSCO 1) *sueño*, 2) *vizco o tuerto*, 3) *chuscó*. É s. v. *chuscar* = *guiñar ; chuscal-lo ollo* = *guiña-le el ojo*. — Não me aventuro a assegurar que o adjectivo castelhano *chusco* = *pícaro, gracioso e chulo* (e *chuscada)* seja a mesma palavra, e, n'este caso, de formação occidental. Creio-o comtudo; e de passagem mencionarei que as palavras que o hespanhol recebeu de Galliza e Portugal não são tão poucas como é costume assentar. — O *Chusco* é um *pisco*. E quem pisca o olho, fá lo quasi sempre gracejando, com muita familiaridade, ou chulice.

XVIII. ÇULAME, COROMEN

Ha em varios diccionarios portuguezes um artigo do teor seguinte: «*Coromen = especie de manto ou capa que se usava no seculo XIV* [1]». A auctoridade comprovativa allegada é nada mais, nada menos que Alexandre Herculano, o qual falla, n'um dos seus estudos romantico-historicos [2], de «*mulheres cuja vida de perdição se revelava nos seus* COROMENS *de panno de arraz*». Ha até quem saiba prescrever-nos a pronúncia: KURUMÁNE [3]. — A vetusta palavra que o grande historiador quiz rehabilitar, é evidentemente o *zuramen* dos textos medievicos latinos; isto é: o *zorame* [4] [*çurame, cerame, solhame*] das prosas e das poesias do primeiro periodo da litteratura nacional; o *çulame* [*zurame, zorame*] dos castelhanos; o *sulham* ou *sulham* dos Arabes, ou antes dos Berberes, que usavam em Marrocos de uma capa, a modo de *albornoz*, assim denominada. V. Dozy-Engelmann, s. v. *zorame;* Dozy, *Dict. des noms des vêtements*, pag. 194, 195.

Eis em primeiro logar as passagens que juntei no empenho de descobrir em qualquer parte a errada graphia *coromen*. Copio-as, porque podem ser uteis aos elaboradores do *Diccionario da Academia*, e porque documentam claramente o que era e valia a peça do vestuario antigo de que tratamos.

Um decreto de D. Affonso III, do anno de 1251, assignado por alguns dos trovadores mais afamados, determina as multas a pagar por prejuizos e roubos praticados em casa dos ricos-homens e filhos d'algo, dizendo: «*Quicumque acceperit alicui capam* ZURAMEN *pellem aut aliquam vestem aut aliquod cooperimentum, pectet ipsum in duplo*» [Mon. Leges, pag. 190], o que significa em redacção portugueza: «*Item quemquer que filhar capa ou* ÇERAME *ou pele ou alguma vestidura ou cobertura, peyte-a em dobro*» (*ib.*, pag. 191), passagem que já se acha reproduzida na *Hist. Geneal.* [*Provas*, VI, 349] e no *Lexikon* de Du Cange s. v. *zuramen*. — Outro decreto, a muito interessante pauta de 1253, estabelece o preço devido ao alfaiate pelo feitio de um zorame, e o seu valor estimativo quando fornecido pelo patrão aos jornaleiros: «*Et homo cui dederint* ZORAME *et sagiam stet pro triginta solidis pro soldada*» — [*Mon.*, pag. 195] e «*et custura de manto valeat duos solidos et medium; et de* ZORAME *valeat unum solidum*». — Na pragmatica sumptuaria de D. Affonso IV (1340), explorada em manuscripto por Gama Barros para a sua excellente *Historia da Administração publica* (I, 535), ordena-se que as mulheres sejam menos prodigas na ornamentação dos seus vestidos, não usando enfeites dourados, nem cordões

[1] Domingos Vieira; Moraes, 7.ª edição; Caldas Aulete.

[2] *Arrhas por fôro de Portugal*, pag. 52 e 66.

[3] V. *Diccionario Contemporaneo*.

[4] A *Monarchia Lusitana* escreve assim. As fórmas *cerome* e *cerrome* do *Elucidario* são, ao meu vêr, meros erros de leitura.

«em *cerames* ou em mantos, salvo de seda sem outra mistura». No mesmo texto indica-se ainda qual a fatiota dos moradores de villa que não eram sufficientemente abastados para sustentarem um cavallo, prescrevendo-se que não seja permittido renovarem o vestuario mais do que uma vez por anno, tanto para si como para as suas mulheres. Estas recebiam «*pelote, saia e* CERAME *ou manto*» (tres peças); os homens vestiam *pelote* (ou *capeirote), saia e tabardo,* emquanto aos serviçaes d'estes pequenos burguezes, «homens de pé vivendo em casa alheia ao serviço de outrem», competia annualmente *pelote e* CERAME, ou *saia e cerame* [aliás capa] de panno barato (duas peças).

Consultemos agora os poetas! O *Cancioneiro da Vaticana* introduz n'uma gesta de maldizer um cavalleiro, de quem se moteja por elle usar de «*çeram'e cint' e calças de Ruam*» (1:082, 31). Outra cantiga de escarnho dirige-se a um pobretão, que de repente e sem o merecer fôra nomeado commendador de Uclés, trocando o seu cerame grisalho de panno de Chartes contra um rico manto tabardo e a espada de cavalleiro.

Chegou Paio de maas artes | com seu CERAME *de Chartes* (1:132, 2)
e *Semelha me busuardo | viind' em* CERAMEN *pardo* (1:132, 8).

Alfonso x refere-se tambem ao *çurame* em uma das cantigas de Santa Maria (57, 6). Um poeta do *Cancioneiro* de Baena, emprega-o em sentido *figurado,* ao referir-se á *capa* da divina misericordia, que envolve tudo e agasalha a todos [1]. Em sentido real como termo de vestuario, porém, já não se usava desde que as modas da côrte de Borgonha tinham substituido os antigos trajes.

Das passagens que citei, e de outras muitas que omitto [2], resulta que o *çurame* ou *çerame* era em geral uma capa de resguardo, simples, duradoira e relativamente barata, que servia aos humildes jornaleiros, e ficava muito abaixo do *tabardo* senhoril, assim como do *redondel* e da sumptuosa *garvaya,* mas que tambem houve *cerames* elegantes, guarnecidos, para uso feminino. Herculano tinha, portanto, jus para fallar de luxuosos *cerames* de panno de arraz. O ponto em que errou, foi apenas a fórma da palavra. Hauriu-a decerto em fonte pouco limpa, ou transformou-a sem querer, por mero erro de escripta [3]. Mas, seja como fôr, os futuros editores das suas obras, como de diccionarios portuguezes, farão bem em emendar o lapso.

1 N.º 474, vol. II, pag. 161 da ed. de Leipzig: *que son tres personas e un solo perfeito, el qual nos cubra con su buen çulame.*

2 Veja-se, p. ex., o *Elucidario,* e *Côrtes de Leon e Castella* (vol. II, pag. 28, 97, 118, etc.).

3 Já tive ensejo de emendar alguns erros que afeiam a edição academica dos *Monumentos* [como *se vê* por SEVE = fui, de *sedere*].

XIX. DESTRINÇA

Destrinça bem quem observa ou considera attentamente, distinguindo e examinando por partes, ou quem analysa ou expõe por miudo os pormenores de um assumpto, quer seja questão juridica, philosophica, philologica, quer outra qualquer. *Destrinça* ainda quem distribue os encargos de um fôro pelos differentes interessados. Uma *destrinça* (substantivo verbal, derivado) é o acto de esmiuçar com cuidado. *Destrinçadamente,* equivale a *separadamente.* Conheço tres variantes da mesma palavra: a usual, *destrinçar,* que tem hoje fóros de litteraria e está em todos os diccionarios; *estrinçar,* que recolhi nos autos de Antonio Prestes (pag. 121 e 144) e *destinçar,* que já annotei na *Pratica de tres pastores* (l.as 138 e 993). Qual d'ellas será a primitiva? ou qual mais se approxima da primitiva? As differenças são diminutas, mas ainda assim importantes. Trata-se de saber: 1.º) se o *es,* substituido mais tarde por *des,* é a pronúncia nacional de um *s* impuro latino; ou se *des* e *es* [que tantas vezes se empregam indistinctamente] são os representantes das syllabas *dis* e *ex;* e em caso que sim, se estas syllabas foram prefixadas a uma palavra, que principiava com *s,* ou com *t;* 2.º) se o *r* de *destrinçar, estrinçar,* pertenceu á fórma primitiva, cahindo posteriormente; ou se aconteceu o inverso, epenthese euphonica ou analogica de *r.*

Um typo DIS-TINCTIARE ou EX-TINCTIARE, de TINCTUS não serve, de modo algum, quanto ao sentido. Resta, portanto, decidir, se o étymon é *DISTINCTIARE, de DISTINCTUS, ou * STRICTIARE, de STRICTUS. Em ambos os casos teriamos exemplos, e bons exemplos, de verbos participiaes, derivados por meio de *i:* parallelos, portanto, a *coçar* = COCTIARE; *caçar* = CAPTIARE; *roçar* = RUPTIARE; *traçar* = TRACTIARE; *destroçar* = DESTRUCTIARE; *despachar* = DISPACTIARE; *chuchar* = EX-SUCTIARE; *escarçar* = EXCARPTIARE e tantos outros.

Quanto á significação, *distinctiare* contenta de tal modo que eu fallei em tempos a favor d'esta (minha) etymologia. O *r,* porém, explica-se difficilmente. Ha com effeito, na lingua portugueza e na castelhana, certa tendencia para introduzir um *r* depois do grupo *st,* embora os doctrinarios mais illustres da nossa arte a neguem. Mas na maioria dos casos vê-se o *porqué* do *r* adventicio: ora elle é o ecco de outro *r* ou *l* radical da palavra-modêlo [como em *lastro* e *listra*]; ora houve confusão de suffixos [como em *Calistro* e *Cilistro*]; ora é o producto da analogia [como em *estrella* por causa de *astro; celestre* por causa de *terrestre; lagostra* porque rima com *ostra; mastro* por causa de *lastro, nastro, astro, canastro,* etc. [1]]. Mas para explicar o *r* de *destrinçar* todos estes expedientes falham.

[1] *Atrónito* (em Galliza) por influencia de *estrondo* = EX-TONITRUS, que está por *estrondro* e vem directamente do latim vulgar TRONITRUS; *restreva* por *resteva.* Mas *astrucia? estralido? tranda? lestro? testro? hastra?* para não sahir do grupo STR.

Virei-me por isso para * *strictiare*, cuja *fórma* é ainda preferivel, e que não offerece grandes difficuldades quanto ao *sentido*. De *apertar, combater de perto*, por STRICTIUS INTERPRETARI (traduzir e interpretar com exactidão e rigor) não ha muitos passos a dar para chegar á idéa: *discernir, distinguir, destri[n]çar*. A resonancia nasal antes do *i* podia ser meramente portugueza como p. ex. em *cinzel* e *sinceiro*. E', comtudo, mais provavel que fosse latina: STRINCTUS por STRICTUS, como * PINCTUS por PICTUS *(pintar, pintor, pincel, pinto*, etc.) e FINCTUS por FICTUS [1], por analogia com *cinctus, extinctus, tinctus, linctus*. — *Destinçar* (que é fórma pouco usada, desconhecida aos mais), por influencia de *distinguir, distinto* e *instinto*, que se referem igualmente á intelligencia distinctiva do homem.

XX. EÇA

Eça é, sem duvida alguma, * ERSA, de ERGERE (Cornu, § 148) scil.: TUMBA ERSA. Julgo, todavia, que a palavra (que falta no resto da peninsula, como em todos os outros paises romanicos) não é originaria de Portugal, onde apparece sómente do seculo XV em diante. Viria de Inglaterra, no tempo da rainha D. Filippa, juntamente com certas e determinadas modificações no armamento do estrado que era e é costume levantar no meio das egrejas para o feretro dos defunctos. E penso assim, porque a orthographia primitiva de *eça* é *hessa* = inglez *hearse* [2]. Lembre-se o leitor de que tambem as cerimonias nupciaes de D. João I com a nobre ingleza foram praticadas «*segundo costume de Inglaterra*», e que o inglez Frey Aymar, seu confessor, o qual mais tarde chegou a ser primeiro bispo de Ceuta, era homem de grande influencia na côrte.

XXI. EIRÓ

Não encontro absolutamente nada que falle a favor da etymologia ESOX [3]. A unica fórma que o portuguez archaico empregava, era * *eiróo* [4]; o plural antigo mais usado era *eiroos* [5]. *Eirozes* é o resultado, relativamente moderno, de um vulgarissimo erro de declinação

[1] *Fintar* (de FINCTUS, participio de FINGERE) significa em Penafiel (e em outras terras) trabalhar a massa do pão (= *kneten*) e levedal-a. *Fintadeira* é a táboa sobre a qual as padeiras amassam.

[2] Veja-se por ex. Resende, *Trasladaçam do corpo de D. João II*, pag. 295.

[3] Cornu em *Gr. Gr.*, § 210.

[4] Notei ainda *iroo*, mas sem indicação do texto onde o colhi. *Evo*, nas *Ord. Af.*, II, 78, talvez seja mero erro de copista por *eiró*. Os exemplos litterarios não permittem decidir se o termo era fem. ou masc., como o uso actual e a analogia com outros substantivos em *óos* (= OLOS) e *ó*'*s* (= OLES) parece indicar.

[5] N'um *Documento eborense* (de 1380 approximativamente), I, pag. 133, leio: *enguias e eiroos*. Em outro muito posterior (de 1532; *Ined.*, V, 561) temos as fórmas mais recentes *eiroes* e *eirões (eiroẽs)*, de um sing. *eirom* (cfr. *feijão, feijon*, por *feijol* = PHASIOLUS).

que produziu os duplos pluraes: *pó-zes, só-zes, mó-zes,* por analogia com os pluraes correctos: *nóz-es, vóz-es,* e por causa dos diminutivos *pózinho, sózinho, mózinha; chá-zes* por causa de *páz-es (fazer as pazes)*; e *pé-zes* por causa de *réz-es, fêz-es;* aos quaes seguiram posteriormente polysyllabos como *piózes, enchózes, ichózes, filhózes, ilhózes, belhózes, paletózes, queirózes; marézes, cachenézes, crochézes, lava-pézes, demittízes* e até *irmãzes* [1]. O falso singular EIRÓZ de ahi abstrahido, é pouco usado [2] [muito menos que *pióz, enchóz* e *ichóz*]. Quanto á etymologia, as variantes gallegas *eiroas* e *airoas* [3], indicam como fórma-modêlo um diminutivo latino, *móvel*, em *iolus* e *iola*, provavelmente AREOLUS, AREOLA, ou HARIOLUS, HARIOLA. Confesso que não as descobri, como nomes de peixe [4].

A mesma palavra é, ainda, nome de logar. Conheço duas villas *Eiró:* uma em Tras-os-Montes e outra na Beira, chamadas antigamente *Eiroo* e *Eirol*. [V. Mon. Leges, 561 e 594; e *Portugal antigo e moderno*]. Mal se póde duvidar que ambas fossem *eiras* pequeninas [*ariola* por *areola* de *ārĕa* [5]].

XXII. EITO

As etymologias propostas são bastante variadas. Deixando de parte como improprios os étymos gregos εὐθύς e ἀεί (Saraiva, IX, 38), assim como *itum*, de *ire* (Constancio), temos *actus* ou *actu*, proposto por Coelho (no *Dicc. Manual)*, e por Baist *(Zschr.*, III, 564, e VII, 116 [6]), e *addictum*, defendido por Cornu, § 23 [7]. Quer-me parecer que todas estas etymologias foram forjadas theoricamente, em vista da palavra isolada, solta e passiva, mas não diante de phrases colhidas na lingua viva, e comparadas depois com o maior numero possivel de trechos

[1] Zurara dizia *librézes*, de *libré, lebrel*, fórma dissimilada de *lebrero*, LEPORARIUS. Em Hespanha temos *pieses* e *traspieses*. O gallego usa *leises, reises, mantéses*.

[2] E' costume fallar d'estas fórmas como de «pluraes, considerados como singulares, e aos quaes accrescentaram POR ISSO, MAIS TARDE, nova terminação de plural» (Gonçalves Vianna). Não me parece perfeitamente exacto. Nunca ninguem se serviu de *pós, mós*, como singulares, dizendo *um pós* ou *uma mós*, considerando o plural como singular; nem nunca se abstrahiu um falso singular *vó* ou *nó* de *nos* e *voz*.

[3] O *ai* póde ser evolutivo de *ei*, como em *rainha, taimoso*, etc.

[4] Ha um peixe *lirio* e *liriolo* [TRICHIURUS LEPTURUS], esguio como a enguia, o eiroo e o congro, mas no restante bem diverso. O nome deve ser erudito.

[5] Nomes de logar em *ó* agudo (antigamente *oo* e *ol*, de IOLUS) são muito frequentes. Sirvam de exemplo: *Egrejó, Figueiró, Alijó, Ranhó, Requeijó, Fijó, Gestaçó, Ginó, Ilhó, Labrujó, Lajó, Lamó, Leiró, Linhó, Malhó, Minhó*. Cfr. *Jambô, Lacaiô, Paçô* e *Ribóz, Filhóz*.

[6] *Eito* por *aito* [usado por Gil Vicente, I, 129 e 131, no sentido de *auto* dramatico] = ACTU, é phoneticamente inatacavel. Tambem a phrase *a eito* responderia bem a UNO ACTU. O substantivo *eito de pedra* não se póde ligar, comtudo, áquella significação.

[7] *Addictum* dava phoneticamente *adeito;* e quanto ao sentido, não me parece que *por ordem (auf Befehl; aufs Wort)* seja traducção adequada de *aeito*.

extrahidos de textos antigos, pertencentes ás differentes linguas peninsulares. E' o que me appliquei a fazer n'este caso, como em todos os outros. Ainda assim só posso apresentar pequenos fragmentos da historia da palavra.

Como substantivo independente, *eito* é hoje apenas um termo de agricultor ou lavrador, usado em Portugal e Gallisa. O que designa é: *a porção de terra em fórma de fita ou tira* [de um metro de largura pouco mais ou menos] *que cada lavrador sacha, sega, ceifa ou monda, avançando sempre em linha recta, como que fosse seguindo a direcção de uma pedra lançada* [*um* EITO *de pedra*] e cantando, quando bem lhe parece:

> EITO *fóra,* EITO *fóra*
> EITO *ao cabo do chão!*
> *só depois do* EITO *fóra*
> *descança meu coração* [1].

A locução adverbial *a eito*, que os gallegos escrevem *aeito* desde os tempos de D. Alfonso X (Cant. 175), e que não é particular a nenhuma classe social, pertencendo, pelo contrario, ao vocabulario de todos, significa: *de vez; a fio; simultaneamente; sem interrupção nem escolha.* Usa-se em phrases, como: *fazer um trabalho ou serviço a* EITO; *saltar quatro vezes a* EITO; *levar as coisas a* EITO; *responder a duas cartas a* EITO; *comer cerejas a* EITO. Corresponde portanto a UNO ICTU *mit einem Schlage, mit einem Wurfe.*—*Eito,* de ICTU; como *estreito,* de STRICTUS; *empreita,* de IMPLIC'TA; *bieito* e *bẽeito,* de BENEDICTUS; *maleita,* de MALEDICTA; *fieito* e *feito,* de FILICTUM; *espreitar,* de EXPLIC'TARE; *deleito,* de DELICTUS (Alf. X, Cant. 115); *vendeita,* de VINDICTA (Cant. 91); *revendeita,* de REVINDICTA (*Ined.*, V, 408; IV, 547 [2]).

Em Hespanha não ha phrase correspondente a *a eito*. A lingua archaica possuia, porém, o substantivo *echo*. No *Poema de Alexandre*, 879, lêmos: «*a um echo de dados*» [3]; na *Misa*, de *Berceo*, 71: «*apartóse don Christo de la su criazon quanto echo de piedra*»; e na *Conquista de Ultramar*, pag. 522: «*aquel castiello non era mayor de un echo de piedra*». Este *echo,* hoje perdido, podia ser *jactus* (como o francez *giet de pierre,* e italiano *getto).* Mas visto que a *jactus* corresponde o portuguez *geito,* e não *eito,* o mais prudente será considerar tambem a fórma castelhana como irmã d'esta ultima palavra, e portanto como

[1] Diz-se ainda (se ha que fiar nas indicações do cardeal Saraiva): *não sahir do eito; seguir o seu eito; não declinar para o eito do vizinho;* e *dar um eito com o arado.*

[2] Em portuguez archaico temos a mais *deyto* por *dictus*, e *deytado* por *dictado* [que existe tambem em castelhano. V. *Rimado de Palacio*, 711, 712, 846; Baena, I, 59, 152, 158]. D. Alfonso, o Sabio, canta: «*o que será feito | eu endeito | o d'aqui que seu seja | sen peleja | do demo todavia*», querendo dizer: «aquelle que nascer, eu assignalo-o [ou marco-o] desde já para que seja do diabo». Será *indictare?* de DICTUS?

[3] JACTU TESSERARUM.

ictus[1]. Ou então, diga-se que *eito* representa ambas as palavras, pertencendo a um grupo de vocabulos que eu chamaria *mixtos*, e que formam um contingente importante do cyclo bastissimo que Gonçalves Vianna appellidou apropriadamente «fórmas convergentes».

XXIII. EIVIGAR

Derivar o antigo verbo *eivigar* por *eïvigar*, de AEDIFICARE, já não tem novidade, depois que Cornu se pronunciou a tal respeito (*Gr. Gr.*, § 185), na occasião de indicar que um *f* latino (ou *ph)* produziu algumas vezes um *v* ou *b* portuguez. A's fórmas modernizadas *apaziguar, averiguar, santiguar* [2], e ás antiquadas *afruitivigar, testivigar* e *mortevigar* [3], posso accrescentar apenas *crucifigar* [Alf. x, Cant. 12 e 99; Berceo Mil., 427; Alex., 1:740; Duelo, 48] e *certifigar* [Mil., 443], as quaes, como se vê, ficaram estacionarias logo ao principio da sua carreira, conservando-se inalteradas até que os latinistas do seculo xv as reconduziram ao seu ponto de partida, juntamente com os representantes de *fructificar, mortificar, pacificar, verificar, santificar, edificar* e outros. Meros termos biblicos que sempre ficaram restringidos ao dominio dos jurisconsultos e ecclesiasticos; i. é: dos lettrados.

Se ainda assim publico estas linhas, é para fornecer aos estudiosos as provas da existencia de *eivigar* que possuo, e para provocar que se risque dos diccionarios portuguezes o verbo *eiveger*, erroneamente deduzido por S. Rosa de Viterbo da fórma *eivegedes* (que o leitor encontra no 5.º exemplo), e falsissimamente traduzido com «*esmoutar, agricultar, pôr toda a boa diligencia e cuidado no fabrico e roteo de um casal*».

Eil-as: 1) *O barom sages que eivigou sua casa sobre a pedra (Ined.,* S. Boav., III, 252). — 2) *juizo eyvygado (=fundamentado), Ined. Hist.,* v, 425 [4]. — 3) *eyvigamentos das falas (=fundamentos razoaveis), Ined.,* S. Boav., III, 262. — 4) *E nom damos a vós poder de vender nem doar nem em outro lugar estranyar; mais chantedes e eyviguedes e façades hi quanto bem poderdes* [*Elucidario*, I, 301, s. v. *eyviguar;* doc. de 1284]. — 5) *a tal preito que volo chantedes e eiveg*[*u*]*edes e que façades hi quanto ben podedes fazer* [*ib.*, pag. 278; doc. de 1305]. — 6) *chantedes e eyviguedes* [*ib.*, pag. 302].

Chantedes e eiviguedes significa evidentemente: «*que planteis e construais edificios*». A palavra não tem nada com *virgem*, como S. Rosa imaginou. A existencia de *deviginare* [=*devirginare!*] é muito problematica. Em portuguez não existe; e no *unico* texto em latim medieval, allegado por Viterbo, e que já passou para a *Historia* de Schäfer (I, 239 [5]), *deviginaverit* deve ser erro de copista pelo supposto

[1] Cfr. *derecho, helecho, dechado, endechas*, etc.
[2] *Santivigar* nas *Cant. de Maria*, 89, 134, 330, e na 9.ª das *Fiestas*.
[3] *Testivigar* nos *Ined.*, v, 417, e *mortevigar, ib.*, a pag. 425 e 430.
[4] No texto ha *eyvyado*, o que não significa nada.
[5] A pag. 208 da traducção portugueza.

devirginaverit (?), ou então por *aedificaverit*. E *desivigar*, que já foi citado por alguem, como segunda fórma de *deviginare*, não é senão leitura errada, ou antes interpretação falsa, de *desjuïgar* = DISJUDICARE, fórma esta que está em perfeita harmonia com *juïgar* = JUDICARE, como os antigos costumavam dizer.

XXIV. EM MEOGOO. — XXV. AMAGO. — XXVI. PASCIGO

Em primeiro logar (e mais uma vez com endereço aos diccionaristas nacionaes), algumas passagens que mostram claramente a significação do desusado termo *em meogoo*, recolhido por S. Rosa de Viterbo, e fielmente por elle traduzido com: «*meio de alguma cousa*», mas não comprovado com documentos.

Temos nas *Historias do velho testamento:* 1) *e no segundo dia fez deus o firmamento* EN O MEOGOO *das augas* (IN MEDIO AQUARUM; Genesis, cap. 2); 2) *mas do fructo do lenho que he* EM MEOGOO *do paraiso nos defendeu deus que non comessemos* (IN MEDIO PARADISO; cap. 13); 3) e *esconderom-se dant a sua face* EM MEOGOO *dos lenhos do paraiso* (cap. 14; *Ined.*, S. Boav., II, pag. 2, 7 e 8).

Temos mais nos *Actos dos Apostolos (ib.*, vol. I, pag. 30): 4) *e poserom* EM MEOGOO *Sam Pedro e S. Joham;* 5) *e poserom-nos* EM MEOGOO *do conselho* (pag. 36).

Temos nos Fóros e posturas de Beja *(Ined. Hist.*, V, 504): 6) *o dedo do* MEYO GOO.

No segundo testamento da rainha Santa Isabel (de 1327), a respectiva formula apparece umas cinco vezes, não entendida, e por isso deturpada pelo moderno editor (Sousa, *Provas*, I) ou pelo antigo copista de 1604. E dizem: 7) *e mando soterrar o meu corpo em o mosteiro de Santa Clara e de Santa Isabel de Coimbra* EM O MEU GẼO *do Coro* (pag. 117); 8) *a minha brocha grande do camafeo furada* NO MEJO GOO (pag. 119); 9) *item lhe leixo dous texees de pedras, safiras* NOMEIAGOO (pag. 231); 10) *tem hũ esmalte dos sinaes de Portugal* NO MEIO GOOU; e 11) *tem hũ robi* NO MEIO GOOU *(ib).*

Em vista d'estes trechos de prosa, em parte estropiados, ainda era possivel ficarmos incertos, ácerca da pronúncia, duvidando se a accentuação era MEOGÓO ou MEÓGOO, e se o *o* era aberto ou fechado. (Quanto ao *e* da primeira syllaba, as graphias *meio*, *meyo* e *mejo* indicavam, juntamente com o étymon *medio*, a pronúncia *e* aberto). Consultei por isso os versos dos trovadores antigos. Infelizmente, debalde. Apenas nas Cantigas, a todos os respeitos tão instructivas, do monarcha Castelhano, é que encontrei a formula procurada, em graphia e pronúncia contrahida [1]: *n'este meogo*, significando *n'este meio tempo*, como adverbio temporal na Cantiga 65; *no meogo*, como adverbio lo-

[1] Parece-me significativo que todos os onze exemplos *prosaicos* conservaram o archaismo *meogoo* ou *meiogoo*, *meiagoo*, o qual, quasi um seculo antes, já tinha sido abandonado pelo *poeta* régio.

cal, fóra da rima na poesia 115; e uma unica vez, na Cantiga 161, em rima com *lógo* e *rógo*. E' o bastante para pronunciarmos afoitamente *em meógo;* e como proparoxytono *em meógoo*.

Mas que fórma ou que derivado de *meio* representa *meogoo?* Comparando a sua estructura com *bagoo* = BACULUM, *oragoo* = ORACULUM, *musgoo* = MUSCULUM, *perigo* = PERICULUM, *artigo* = ARTICULUM, podiamos inferir um typo *meiogolo*, como base de *meogoo*. E *meiogolo?* Impossivel considerá-lo como um diminutivo *MEDIOCULUM, porque ninguem acreditaria que formação tão extravagante existisse. O francez *milieu*, prov. *mieg luoc*, ital. *miluogo*, rum. *mijloc*, indica, e Cornu já achou, a verdadeira etymologia IN MEDIO LOCO (§§ 130 e 244). Não concordo, comtudo, com o modo d'elle encarar as evoluções, por que IN MEDIO-LOCO passou, antes de produzir MEOGO. Segundo elle, temos:

a) me[*i*]*o-lógo*, com queda do *d*[*i*] e abrandamento do *c* para *g* [como em *me*[*i*]*o* e *logo*];

b) meo-ógo, com queda do *l* intervocalico;

c) meógoo, com metathese do *o* protonico para postonico;

d) meogo, com contracção d'estes mesmos o-s átonos.

E eu proponho:

a) meiólogo, reunindo as duas palavras em um só vocabulo, pronunciado com uma só emissão de voz e accento principal no *o* do ablativo latino MEDIŌ;

b) meiógolo, com a mesma metathese que temos no archaico *diágolo* e no popular *catágolo* [1];

c) meógoo, com queda do *l* intervocalico;

d) meógo, com contracção dos dois *oos* átonos. Tudo isso antes do seculo XIII.

A evolução terceira de Cornu, metathese de uma vogal protonica, collocada de mais a mais immediatamente diante de outra, identica e tonica, para a penultima syllaba, de modo que transformasse completamente o som da *phrase*, substituindo dois trocheos (–◡´◡) por um *paeon secundus* (◡´◡◡) ou por um IONICUS A MAJORE (–´◡◡) parece-me inaudita, mesmo em portuguez. As mais fortes metatheses portuguezas de *vogaes* que conheço, *fragua, legua, tregua* (e talvez *mingua); cudiar* por *cuidar* (COGITARE; asturiano), *pieitar* por *peitiar* (PECTINARE; gallego), *iugal* por *igual; pardieiro*, de *paredeiro* = PARIETARIUS; *amieiro*, de *aemeiro;* e *dioso* por *idoso* (= *AETATOSUS) são, ainda assim, bem diversos [2]. Antes de acceitar «*meógoo*, de *meoógo*», eu propo-

[1] De *theólogo, astrólogo, prólogo* formaram *teólego (teólago), estrólego (estrólago)* e *prólego*.

[2] Todos os casos, em que apparentemente houve metatheses muito violentas *de vogaes*, não resistem a uma indagação rigorosa. Diz-se, p. ex.: que Alfonso X empregou o verbo *perigoar* [PERICULARE], o que é um facto (V. Cant. 35); e que esta mesma palavra se transformou em *periogar* (Cant 156), o que é falso No verso «*et mui mal lhe periogaron*», temos o verbo *per-jogar* = *pregar uma peça (gem. mitspielen; einen üblen Streich spielen)*, i. é: *jogar*, reforçado, como em centenas de outros casos, pelo adverbio ou prefixo separavel PER. — Em *iuga*, de EQUA (wirau-

ria: MEDIOLOCULO = *meoógoo,* que (sem deslocação do accento) explicaria tanto o *ó* aberto e accentuado, como a sua substituição por *á* em *meyagoo,* e talvez nos désse ainda por cima a razão das cacographias *mejo goou, meio goou.*

*

Da fórma *meiagoo,* apontada no *Elucidario* e apresentada em um dos meus exemplos, Cornu deriva o obscuro *ámago,* que, segundo elle, passou por *maágoo.* Etymologia devéras tentadora, mas que ainda assim não convence. A troca de accentos ficava inexplicavel. Se, pelo menos, encontrassemos a fórma intermédia *amágoo* ou *emágoo* (de *meágoo)!* ou uma oração, em que *meagoo* fosse substituivel por *ámago...*

*

Acceitando-se a minha premissa, que estabelece a metathese *primordial* de *logo,* que, tornado enclítico, deu *golo* (e *goo* só depois da queda secundaria de *l),* estou prompta a subscrever tambem á etymologia *pacígoo* [1], de * PASC[U]ILOCO (Cornu, § 130), que fica em pé ou cáe com *meogoo.* De outro modo não comprehendo esta derivação.—*Jazigoo* e *tapigoo* (em que é quasi impossivel procurar *locus),* assim como *bestigo, bodigo* e outros, seriam posteriormente moldados sobre *pacigoo,* que ficaria sendo como que um typo-modêlo. [Cfr. *Miscellanea,* 13, 34 e 48].

XXVII. ENDOENÇAS

A palavra *enduenças* ou *endoenças* (como é costume escrever, com falsa orthographia etymologica), explicada por Coelho no *Dicc. Manual* por *en,* prefixo, e *doença* (= DOLENTIA), emprega-se exclusivamente para denominar a *quinta-feira da semana santa (Gründonnerstag)* e a *sexta-feira da Paixão (Charfreitag),* ou toda a semana santa. Mas que eu saiba, estes dias *d'induenças* não têm nada com *doenças;* mas muito, ou antes tudo, com as *indulgencias* que a santa madre Egreja concede aos peccadores que forem pontualmente á *desobriga* da quaresma e visitarem sete egrejas, em memoria das sete estações da Paixão, rezando e esmolando. Se estes dias são chamados até officialmente: DIES ABSOLUTIONIS, DIES INDULGENTIAE: *Antlasstage!*

A etymologia que proponho é, portanto, certa, apezar de as transformações phoneticas não sahirem muito claras, o que não admira em palavras semi-eruditas, ecclesiasticas. A queda de *lg, lh* e *ly* é fóra do commum, e talvez unica. De palavras com *ulg* lembra-me apenas MULGERE, que deu *mugir* (por *muigir),* e *mungir* por influencia do *m* inicial (como em *muim* e *muinto).* Parece todavia que, no caso de INDULGENTIAS, a lettra que desappareceu primeiro, foi o G. O castelhano dizia no seculo XV: *endulencias,* como se prova por uma poesia de Juan Alvares Gato *(Canc.* ms., fl. 18 v.), apropriada ao *viernes d'endulençias,*

dez); em *estauta, tauba, perpeuta, reuga* (andaluz); em *perpeutado* (asturiano) *enjuagur* (bogotano), a metathese translocou vogaes em sentido inverso.

[1] *Ined.,* Boav., II, 19; III, 12 e 32.

que principia: «*Pues hoy predican, doncella*». Confira-se tambem na *Cronica de D. Alonso XI*, o capitulo 328, relativo ao anno de 1350, onde se conta que aquelle Rei «*finó viernes de la semana sancta que dicen d'indulencias*».

XXVIII. ENGAR

Na verdade, não faltam tentativas etymologicas, consagradas ao verbo *engar*. Muito pelo contrario! Em nada menos de sete ou oito artigos vieram indicados como étymos presumptivos quatro palavras bem diversas: o adjectivo allemão ENG *(apertado, estreito)*; ENGOS (m. pl.): o nome popular da caprifolacea *sambucus ebulûs;* o verbo latino INHIARE; e ENECARE ou ENICARE! [1] Mas nenhuma satisfaz. Nenhuma é logicamente deduzida. Nenhuma é architectada sobre bases solidas, attendendo-se por igual ao corpo e á alma, ás lettras e ao sentido. Todos os etymologistas deixam de lado a real e primitiva significação da palavra, escolhendo a bel prazer e com a maxima semcerimonia, por entre as variadas accepções *derivadas* que *engar* póde ter (se acceitarmos as indigenas e inexactas definições dos diccionarios), aquella que melhor lhes quadra para o seu fim, e inventando até outras (como o *apertar com alguem,* de Moraes).

[1] Em 1713 o benemerito Bluteau escrevia: *Engar com alg.* (termo do vulgo) = *pegar com alg.* Vem de ENGOS, erva que facilmente pega (!) em qualquer parte que se plante. — *Engou commigo* (quando he para bem) = MIHI STUDET; e (quando he para mal) = ME INSECTATUR, ME ESCOGITAT. — *Engar* (termo de caçador). Quando as rezes continuão a pastar em huma seara, usão os caçadores do verbo *engar,* v. g.: *engou os grãos; engou os chicharos; engou as favas* = FABARUM PASTUI SE DEDIT (vol. III, pag. 115). — No vol. IV, s. v. *Ingar,* accrescenta ainda: «Os que o derivão de *engos* dizem *engar*. Diz-se do animal a que se deu de comer [e] vem outra vez; ou do homem que continua no em que tem achado conveniencia».

Moraes (1789) explica: «*Engar* v. n. (do allemão ENG); *apertar com alg.* (!), *pegar com elle; trazel o entre dentes. — Affeiçoar-se com intimidade e apego (!)* — Entre os caçadores: *costumar-se a algum pasto a caça,* v. g.: *engou as favas, os grãos, os chicharos*». A ultima ed. (de 1877) repete as indicações de Bluteau; oppõe á etymologia *eng* um signal de interrogação; allega uma citação de Gil Vicente, da qual logo trataremos; e separa o verbo transitivo do intransitivo.

O Cardeal Saraiva vota pelo étymon ENG-ANGUSTUS *(Obras completas,* vol. IX, pag. 130).

Constancio — citado tanto a miudo pelos romanistas antigos — dizia em 1836, offerecendo outra etymologia: «*Engar,* v. abs. ou n. (Lat. *eneco -are* = *atormentar, vexar): apertar, pegar com alg.; trazel-o entre dentes; ter-lhe má vontade*».

Diez (II) repetiu em 1853 a inexacta definição de Moraes, traduzindo o *apertar* d'elle com *heftig drängen, feindlich zusetzen,* equiparando-o ao francez *enger,* e reduzindo ambos ao ENECARE de Constancio.

Cornu acceitou esta derivação *(Gr. Gr.,* § 123).

Caldas Aulete não gostou, e offereceu nova etymologia, dizendo «*Engar,* v. fr. (venat.), habituar-se a caça a alg. pasto: *Os coelhos engaram as vinhas,* v. intr., a mesma accepção. — Por ext: *habituar-se alg. a ir comer a casa de outrem. — Affeiçoar-se com intimidade e apego a alg. ou alg. c.* = F. lat. INHIARE».

Coelho, por se não contentar com estes ensaios muito vagos, deixou o artigo respectivo do seu *Diccionario Manual* sem étymon.

1.º *Engar* ou *ingar alguma cousa;* ou ainda *engar-se a alguma cousa* significa: *avezar-se ao que é ruim; acostumar-se a proceder mal; afazer-se a praticar o que é prohibido;* e só mais tarde passou a referir-se indifferentemente a qualquer costume ou habito, quer mau, quer bom; tal qual o proprio *avezar,* que, apezar de derivado de VITIUM [1], póde relacionar-se hoje com as mais santas virtudes. — A prova, eil-a n'um vetusto proverbio, que Delicado e Bento Pereira registaram:

«ENGOU *a velha os bredos: souberam-lhe bem, lambeu os dedos».* «ENGOU-SE *a velha aos bredos e lambe-se os dedos»,* usado hoje com mais frequencia em Portugal na fórma: «*Avezou-se a velha aos bredos*», etc., ou «*Avezou a velha os bredos*», ou ainda, com substituição dos mal conhecidos bredos, que ninguem põe na mesa: «*Avezou-se a velha ao mel, comer-se quer*». Em Galliza, diz-se: «*Bezou a velha os beldros, e lambe s'os dedos*»; e em Castella, desde os tempos do Marques de Santillana: «*Arregostó-se la vieja a los bledos, ni dexa* [var. *ni dexó*] *verdes ni secos*», ou «*Gustó-se la vieja los bledos y lamió-se los dedos* [2]». CANIS CORIO ASSUETUS!, porque AMARANTHUS BLITUM ou BLITUM CAPITATUM (all. *Fuchs-schwanz)* passa, desde Plinio, por ser a mais insipida entre todas as hervas. O proverbio quer, portanto, dar expressão á ideia: por ruim e malgostosa que seja uma coisa, basta que a gente se lhe acostume para que seja cobiçada e não a dispensemos mais; ou tambem: basta que seja uma fructa prohibida, para que haja quem a ache deliciosa.

A caça que, sahindo dos bosques, *enga* o grão das searas que lhe são defezas; o coelho que *enga* as vinhas, as favas ou o trigo dos campos, que ninguem lhe faculta; o gato que *enga* o leite, como a velha que *enga* os bredos ou o mel: todos vão *á enga,* ao repasto acostumado, ao gosto prohibido, á costumeira, ao vicio inveterado a que se affeiçoaram; e não o deixam, embora lhes custe a vida.

2.º *Engar alguem* é *irritá-lo; despertar em elle o sentimento do odio e da aversão. Engar com alguem* significa: *estar irritado contra alguem; embirrar com elle, ter-lhe raiva e querer-lhe mal.* O povo emprega estes modismos ainda hoje.

Gil Vicente serviu-se de *engar* como verbo neutro na extrava-

[1] A palavra e a sua origem são conhecidas de ha muito. As formulas proverbiaes em que o povo a empregava estão, comtudo, por recolher, como, p. ex.: *Pôr vezo e tolhê-lo. — Mente Pedro porque o tem de vezo. — O lobo muda o pêllo, mas não o avezo. — Besso pon, que besso quites* (gal.); *ser useiro e vezeiro; horas vezeras* (Berceo, *Mill.,* 173); *mau vezo* (G. Vic., III, 168).

[2] *Die Alte hat Fuchsschwänze gekostet, genascht, probiert, oder schon wiederholentlich gegessen; nun leckt sie sich die Finger danach, denn est gelüstet sie nach mehr; oder nun lässt sie weder überreife noch unreife, weder grüne noch dürre ungegessen. Das will sagen: Wer der ersten Versuchung nicht widerstanden hat, widersteht der zweiten und dritten gewisslich nicht. Wer im Bösen erstarkt ist, den bringt man nimmer zu recht.* Os florilegios do seculo passado citam: *coton gustavit e Mens ubi damnosa devicta libidine fluxit finem peccati nescit habere sui.* Quem quizer, procure em Haller, n.º 295, as citações classicas de Theocrito e Horacio, os *Commentarios* de Erasmo e os parallelos estrangeiros.

gante *Comedia Rubena;* mas não é facil decidir qual o sentido exacto que elle lhe ligava, se o de *avezar-se,* ou o de *irritar-se.* Uma feiticeira reclama os serviços de quatro diabos, está claro que com intuitos até certo ponto malfazejos. Um d'elles acode immediatamente, ainda que d'arrancada e maldizendo a velha. Os outros tres são retardatarios. Procurando o rasto do companheiro é que param no meio do caminho, afim de deliberarem sobre o seu procedimento conducta para com a dona feiticeira. E um d'elles diz:

> *Tomemos mui de vagar — conselho muito cuidado;*
> *Que se esta ladra* ENGAR — *nunca nos ha de deixar*
> *dormir somno assossegado.* [vol. II, pag. 18].

Tanto póde ser: «*se a velha se acostumar a reclamar continuamente os nossos serviços, então, adeus somno e socego*», como «*se a velha se zangar, começando a embirrar comnosco, e acostumando-se a achar-nos em falta,* ou *tomando o feitio de nos ralhar*», ou, para empregar o termo correspondente castelhano, «*se ella nos tomar* INQUINA, *então estamos bem arranjados!* [1]».

Para concluir: em ambas as accepções do verbo *engar,* assim como nos substantivos *enquina, inquina* e *inquinação (= odio e aversão),* a ideia principal, o PUNCTUM SALIENS, é o mal que se pratica ou sente, a *iniquidade* do modo de proceder. O étymon é, por isso, se não me engano, o latim INIQUUS, ou antes o verbo *iniquare = irritar, fazer mal, excitar má vontade.* — *Engar* por *eengar, iingar:* como *vinda, finda, trindade, cinza, païnço, maïnça,* etc., de VENITA, FINITA, TRINITATE, CINITIA, PANICIUS, MANICIA. *Go, ga* por QUUS-QUA, como em *antigo,* de ANTIQUUS. *Enquina, inquina,* sem abrandamento da tenue, como em *provinco,* de PROPINQUUS [2]; talvez porque ambos são termos introduzidos relativamente tarde.

*

Devemos, comtudo, tomar em consideração ainda mais uma palavra antiga, inteiramente desconhecida, de feitio muito semelhante.

O *Cancioneiro da Vaticana* utiliza um trisyllabico verbo *enguear (de alguma coisa),* ou, com mais exacção, um poeta do *Cancioneiro* emprega uma vez a 2.ª pessoa do plural do conj. pres. de um verbo da 1.ª conjugação «*nom engueedes ém*», cujo infinitivo e complemento mal póde ser diverso do que indiquei. Trata-se de um «*Cantar de amigo*». A amante está, ou estivera irritada *(= engada)* por o seu amigo ter partido sem a sua ordem, ou antes, contra a vontade d'ella «*sem seu*

[1] O glossario da edição de Hamburgo traduz *engar* com *embirrar* e *ateimar,* menos mal, como se vê.

[2] Omittindo mais ampla demonstração, porque os respectivos phenomenos são muito conhecidos, direi apenas que o gallego, muito mais independente e avançado do que o portuguez, supprime o *u* ante-vogalico mesmo em palavras eruditas, como *esigo* = EXIGUUS, *superflo, suntoso, fastoso.*

grad'e talan». Comtudo, está disposta a ser «*perdoador*», visto que o culpado já se mostrára arrependido, vertendo lagrimas e implorando «*mercê*». *Porisso*, diz ella, *perdoar-te-hei, por esta vez, mas não me tornes a recahir no mesmo erro, irritando-me de nova mente.* Tres vezes é que ella repete, a modo de refran, o seu sermãozinho:

> *e quant' é esto... pass' agora 'ssi!*
> *mais*... (ameaçando com o dedo indice, e sorrindo) *outra vez*
> *nom engueedes êm!* [1]

Mas *não has de provar outra vez do fructo prohibido? Não te avezes a proceder tão mal?* ou *não me faças zangar a este respeito?* Quem se atreve a decidil-o? O que é certo, é apenas que a linha é metricamente correcta, e dá sentido; de sorte que não ha motivo nem licença para a modificarmos. Temos de rejeitar, sem hesitar, a remodelação de Theophilo Braga: «*mays outra vez nom roguedes ên*», que falsifica o pensamento, e estraga a medida.

Mas, em que relação está *enguear* com *engar?* Poderá ser que *enguear* esteja pelo supposto *eengar, iingar?* Eis-nos mais uma vez deante da questão, se metatheses tão violentas de vogaes se deram effectivamente no portuguez archaico? *Pieitar* por *peitiar*, que já citei, é um exemplo diametralmente opposto; e *miungar* tambem, se é que elle está por *minguar*. De resto, nada nos *obriga* a construir a hypothese de que o *e* átono, em logar de soffrer contracção, como em casos não contados, saltasse para o fim da palavra, modificando o seu caracter prosodico. Ha outra explicação. Se *engar* representa INIQUARE, *enguear* póde representar a variante INIQUIARE (cfr. n.º XXVI). Falta, comtudo, encontrar exemplos em que o *y*, depois de guttural *(qu)*, fosse tratado de modo identico.

Inquinare, que alguem podia suggerir — apontando casos em que aquelle verbo significa figuradamente *inficionar, contaminar, viciar*, e que com effeito está *phoneticamente*, em condições de contentar, tanto com relação a *enguear* como a *enquina* — não explica a accepção venatoria de *engar*, nem a sua fórma. Teriamos, portanto, de admittir dois étymos diversos.

XXIX. ENGUEDAT

Castelhano archaico:

Loor., 118	*Saliemos de prision* — ENGUEDAT *recobramos*
Ib., 134	*Levó muchos cativos* — *por darlis* ENGUEDAT
Dom., 76	*Oraba por los enfermos* — *que diese sanidat,* *a los encaptivados* — *que diese* ENGUEDAT.

[1] N.º 433, linhas 6, 12 e 18.

Os presos e captivos consideram a *liberdade,* que lhes é negada, como a quinta-essencia da justiça natural; isto é: da *equidade.* Para o poeta, que quer reduzir a palavras aquillo que elles sentem, *equidade* e *liberdade* são portanto synoymos. Quem duvidar ainda de que esta etymologia seja verdadeira, abra o *Poema* de Apolonio e leia a linha 373:

prometióle su verdat
que le daria gran preçio e toda EGUEDAT,

(attendendo a que ainda aqui se trata de um prisioneiro criminoso, ao qual promettem, em premio de um assassinato a praticar, sommas de dinheiro e a *liberdade),* ou, no *Poema de S. Domingo,* a linha 773:

Ruega por los enfermos — ganalis sanidat
piensa de los cativos — ganalis YEGUEDAT.

Eguedat, yeguedat, enguedat = AEQUITATE; *en* por *e,* com resonancia nasal na primeira syllaba átona, por influencia do prefixo *en* = *in,* como em *ingal, ingreja, Inropa, Inlias, indeficio, inzecução, interno, inducar, inverno, imbriagado,* e nas fórmas plebeias *invaporar, inlegante, incelencia, inquivoco, inzecutar, inzemplo, inzato, inzame, inzercito, incultar* (= *occultar).*

XXX. ENGUIÇO

O malvado que por inveja, odio ou ciumes deseja que uma criança não medre mais, exclama, passando a perna levantada por cima d'ella (isto é: pondo-lhe o pé, e escravizando-a symbolicamente) ou deitando-lhe o seu mau olhado:

«*Eu te* ENGUIÇO
(pela porta do Caniço)
que não cresças mais do que isso!»

A victima do *enguiçador,* o ente *enguiçado,* fica d'ahi por diante um pobre enfezadinho, tornando a ser *desenguiçado* só quando o proprio malfeitor desfizer o encanto pelo movimento inverso. Mas como este ultimo acto da tragicomedia não se executa nunca, ou quasi nunca, falta a formula correspondente de desenguiço.

Enguiçar significa portanto *danificar* por meio do mau olhado ou á força de outras bruxarias perpetradas sob invocação do senhor-demonio Pedro-das-malas-artes. Temos ahi, segundo a minha opinião, o latim *INIQUITIARE por INIQUITARE, cuja existencia Hermann Rönsch provou em *Itala und Vulgata,* pag. 165. Cfr. *humilitare* (= *humildar)* e *felicitare;* o castelhano *igualdar* = AEQUALITARE; o gallego *amandar* = MANITARE; *achandar* = PLANITARE; e *sandar* = SANITARE.

XXXI. ESCAPARATE

O diccionario da Academia descreve o *escaparate* dos hespanhoes como: *a)* uma *especie de alacena ó armario con puertas de vidrios ó cristales y con ordenes para poner imágenes, barros finos,* etc.; *b) hueco que hay en la fachada de algumas tiendas, resguardado con cristales en la parte exterior y que serve para colocar en él de los generos que alli se venden, á fin de que llamen la atencion del publico.* Madame d'Aulnoy gaba no livro das suas viagens (II, 134) os escaparates em que os grandes de Castella costumavam expôr os seus thesouros de alfaias e baixellas, chamando-os «*une espèce de petit cabinet formé d'une grande glace et rempli de choses rares*». Os vocabularios portuguezes definem o *escaparate* pelos termos: *pequeno armario, cantoneira, guarda-louça,* e *campanula de vidro.* [*Schaufenster.* — *Ausstelloder Aushänge-kasten; Reliquienschrein; Glas-sturz*]. E' germanico: *mittelhochdeutsch:* SCHAFREITE = *armario de cozinha,* que ainda se usa na Suissa (e Vorarlberg); holl. SCHAPRADE, SCHAPRAAI; *niederdeutsch: schapp (= Regal, Schrank).* Nos velhos glossarios ha: *scafreita, scafraida, scafraita, scafreiti* (Schmeller, *Bayr. Wörlerbuch,* II, 383). O ital. *scarabatto* por *scarabattolo* é a mesma palavra. A addicionar a Diez, I *a*, SCAFFALE.

O *escaparate* gallego = *peixe escorpião* (COTTUS ESCORPEUS) está por *escarp'rate, escorparate,* de *scorp-*. Na phrase familiar portugueza *vasar escaparates (vir com subterfugios), escaparate* é um derivado truanesco de *escapar* (moldado sobre *dislate, disparate),* mas talvez sob a influencia do *escaparate,* em que não é raro guardar joias falsas e bugigangas sem valor.

XXXII. ESCARMENTAR

Nem do italiano SCARNAMENTO, como Diez assentou (II-*b*); nem tão pouco de EXCARPIMENTUM, derivado de EXCERPERE, como Baist quer fazer acreditar *(Zschr.,* v, 246); e muito menos de EXCREMENTUM, como Cornu se aventurou a dizer *(Gr. Gr.,* § 247). Estes eruditos investigadores atêm-se todos meramente á lettra, desprezando por completo o «espirito» da palavra. Ainda n'este caso as significações attribuidas a *escarmentar,* e *escarmento* ou *escarmiento,* tanto pelos etymologistas, para apoiarem as suas derivações, como pelos diccionarios, não se cingem rigorosamente á realidade. Em primeiro logar *escarmentar* é rarissimas vezes um verbo transitivo, se o é. Nem uma só vez li, ou ouvi dizer, phrases como *escarmentei o meu filho.* As definições e traducções: *reprehender rigorosamente* ou *castigar* [*hart zurechtweisen, vor Gefahr warnen,* Diez] são por isso incongruentes. O infinitivo tambem é pouco usado; só as phrases antiq. intransitivas *escarmentar em cabeça alheia* ou *por exemplo alheio,* e o reflexivo *escarmentar-se* são empregadas ás vezes. O que se ouve a cada passo, e o que lêmos nos documentos litterarios, desde os tempos mais antigos até hoje, é o

participio perfeito *escarmentado* e o substantivo *escarmento* (cast. *escarmiento* [1]). *Estou escarmentada; fiquei escarmentada, não caio em outra como essa;* ou *deixe estar, não torno; essa serve-me de escarmento,* e outras phrases parecidas, eis o que o povo *diz.* O verdadeiro sentido de *escarmentado* é *advertido para não cahir n'um erro já praticado, em razão do damno soffrido, ou mal que se viu soffrer a outrem.* E *escarmento* é propriamente *o desengano acompanhado de emenda á custa de trabalho ou castigo proprio ou alheio,* e só por extensão este *castigo* [2]. Para provar isso, podia apresentar uma colheita de quasi cem exemplos. Prefiro, comtudo, remetter simplesmente o leitor a algumas passagens mais antigas, que se acham no *Poema de Alex.,* 439, 619, 646; Milagros, 477; *Canc. da Vat.,* 1:080, 37; e *Ined. Hist.,* I, 113, 130, 213, 256, 258, 272, 443 e 602, restringindo-me a *citar* aqui textualmente apenas uns quatro proverbios peninsulares:

1) *Dos escarmentados se fazem os arteiros.* Vat., 1:155, 5: *ca dos escarmentados se fazem mais arteiros.* Canc. Res., I, 319: *Dizem que os escarmentados que se fazem dos arteiros (sic!).* Em castelhano: *De los escarmentados se hacen los avisados* [Eufrosina, 45]. — *De los escarmentados nacen los arteros, ó El escarmentado busca* [var.: *conoce bien*] *el vado.* Catalão d'Alghero: *Dels ascramantats nasan lus avistats* [*Miscell.,* pag. 329].

2) *Velha escarmentada arregaçada* [var.: *regaçada*] *vai pela agua* [Eufrosina, 210 e 45].

3) *Quem se não escarmenta de uma vez, não se escarmenta de tres.*

4) *Ditoso é quem escarmenta em cabeça alheia.*

Todos elles dão expressão popular á sentença classica: EXPERIENTIA RERUM MAGISTRA: *Durch Schaden wird man klug.* E note-se bem que, de todos estes proverbios, existem variantes litterarias, em que *escarmentado* é substituido por *espermentado* = *exprimentado,* de EXPERIMENTUM *(esperimento,* CRISFAL, estr. 40). Na *Ulyssipo* lêmos, p. ex.: *Dos exprimentados se fazem os arteiros;* e na Eufrosina (a pag. 45): *Velha exprimentada arregaçada vai pela agua.* E o povo diz hoje indistinctamente: *fiquei espermentado* [3], *esparmentado* ou *escarmentado* [4].

A completa identidade da significação, e a grande semelhança das fórmas obrigam de modo tão imperioso a estabelecer a etymologia *escarmento,* por *esper'mento* (de onde *escarmentado,* e mais tarde *escarmentar)* que não duvido um instante de que ella se offerecesse

[1] N'este ponto sou da opinião de Baist: o verbo é posterior ao substantivo, e deve considerar-se como derivado de *escarmento,* ou do adjectivo *escarmentado.*

[2] A traducção allemã de *escarmentado* deve ser: *durch Erfahrung gewitzigt und darum vorsichtig;* a do verbo intransitivo: *durch Erfahrung klug werden; Lehrgeld zahlen;* a do transitivo (se elle existe): *einen Denkzettel geben; jemand durch Strafe witzigen; für die Zukunft abschrecken;* a de *escarmento: warnendes Beispiel; Erfahrung die man auf eigene oder auf Andermanns Kosten macht.*

[3] Esta é hoje a fórma mais usual.

[4] Um modismo muito vulgar diz tambem: *quem te ensinou?* A ESPRIENCIA, OU: A ESPRIMENTA!

tambem a Diez, Baist e Cornu, mas que estes, austeros e circumspectos, a pozessem de lado, por não encontrarem meio de provar e explicar a substituição de *p* por *k*.

Evidentemente, não se trata de uma evolução physiologica do som *p*. A troca, espontanea, das duas explosivas surdas na Catalunha, em Castella e em Portugal, deve ter outra causa efficiente, de euphonia ou de analogia. Não a conheço por ora. Sei apenas que ha na peninsula *muitas* palavras polysyllabas que principiam com *scar* ou *scra*, seguido de consoante, e nenhuma popular no mesmo caso que comece com *spre* ou *spri*, exactamente como em latim temos apenas SPRETUS (que não passou para o vocabulario romanico); quer-me parecer que, mesmo no moderno *esprimentar*, ha uma certa surdez e grosseria de pronúncia que não está em boa harmonia com o systema sonico das linguas hispanicas, sendo talvez por isso que EXPRIMENTATUM se tornasse *ascramantat* e *escramentado*, approximando-se, por analogia, no primeiro periodo da evolução da lingua, do grupo com *scra*, *scar*, em que figuravam *escarmar*, *escarmenar*.

XXXIII. ESPIAR

Espiou-se a roca, acabou-se o linho, é, como se sabe, uma das phrases da *Xacara do Cego Andante*, vulgarissima na bocca do povo portuguez e do gallego. *Espiar a roca*, quer dizer: *gastar o copo ou o armeo, fiando*. Apezar de *roca* ser de origem germanica, o *espiar* não está em relação alguma com o inglez *to spin* (Coelho, *Manual)* nem com o allemão *spinnen* (Caldas Aulete). Não conheço a fórma archaica. Julgo, porém, que ella foi *espear* de *espẽar*, a concluir do extremenho *spenar* e *depenar*, recolhidos por Leite de Vasconcellos *(Dial. extr.*, pag. 36) e do gallego *espenar*, assim como dos substantivos *espiallo* ou *espenacho (vellon o copo quando es poco)* e *penecho*, que designam *os ultimos restos do copo*. O étymon *penna* parece indicado (=*pẽa* nos textos archaicos). *Panus* e *paniclus* servem, todavia, melhor, porque já designavam em latim positivamente a mesma coisa. — *Espiar* é, portanto, *espear*, de *espẽar* *EX-PANARE; e *penecho* = *panniclum*. Quanto a *espenacho*, *espiallo*, provêm de *ex-pan[n]aclum*, influenciado talvez por *penna* e *pennacho*.

XXXIV. ESTATELADO

Uma pessoa dorme *estatelada* de costas; ou cahe *estatelada* no chão; isto é: ficando estendida e immovel. Evidentemente, por *estatulado*, de *estátua*, com apparente epenthese de *l*, que equivale a troca de suffixos. Compare-se as seguintes maneiras de dizer: *quarta feira de trévulas* por *trevas* (TENEBRAS); *trégolas* por *treguas; ameijolas* por *ameijoas* (gal.); *bitterábulas* = *betterabas; récola* por *recua* (REQUIEM); *gazúla* por *gazúa:* o vulgar latino NOCTULA por NOCTUA, o italiano *páscolo* (de PASCUUM), o neapol. *continolo* e até *státola*.

XXXV. ESTANTIGUA

A etymologia *hueste-antiga*, proposta por Munthe (*Zschr.*, xv, pag. 228), contra Baist (*Zschr.*, v, 243), que explicára em tempos *estantigua* por STANTIFICA, não deixa margem para nota alguma de opposição. Pelo contrario, ha meios de confirmal-a, por um exemplo archaico (Fernan Gonzalez, estr. 333 [1]), pela fórma gallega *estantiga* (com queda do *u* hiatico, que é regra n'aquelle dialecto, e pelo synonymo tambem gallego *compaña*, que designa, como *estantigua*, a procissão de mortos que costuma bater á porta de quem está a morrer.

Ha, comtudo, algumas outras palavras occidentaes, pouco conhecidas, que me parecem derivadas de *estar*. Do participio perfeito vem o nome de espectro: *estadéa* e *estadaïnha*, que serve em Galliza para denominar o *esqueleto*, ou seja a figura da morte; o verbo *estadear-se* significa *apparecer repentinamente diante de alguem á maneira de espectro, assustando-o;* o vulgarissimo portuguez *estarola* é um *estafermo, espantalho*, formado do infinitivo *estar*, como *gabarola*, de *gabar*, e o plebeio *petarola*, de *petar, peitar (peidar);* depois temos *estante* = *movel de prateleiras (Stehrück, Regal);* o termo nautico *estanteirola*, que designa uma columna de madeira; o gallego *estada* = *andaime (Gerüst);* e *estadoño*, *estadueño*, *estadorio* (astur.), *estadulho* (port.) = pau plantado verticalmente a modo de pilar, no leito do carro de bois.

XXXVI. ESTRA

ESTRA, nas *Cantigas de Alfonso* x (151 e 261), designa a *janella*, e deve ser simples variante da fórma *fẽestra*, que occorre até na mesma poesia (151). E' interessante vêr como a linguagem do Rei Sabio, que é puro e bellissimo portuguez, tem certos galleguismos peculiares, deixando transparecer aqui e alli alguns castelhanismos, e produz ás vezes fórmas hybridas como este *estra*, em que ao lado da queda portugueza do *n* temos o abrandamento castelhano do *f*. O desapparecimento total do *f* parece, todavia, anachronico. — O gallego *fiestra* e *alfiestra (ojo de la aguja ó la abertura por donde se enhebra)* ostenta tambem ao par de phenomenos portuguezes, como a queda do *n*, outros castelhanos como *ie* por *ĕ*.

XXXVII. FARO. — XXXVIII. FARONEJAR. — XXXIX. FARUM

O muito engenhoso ensaio em que Cornu deriva *faro*, de *flagrare* (*Rom.*, xi, 88 e 89; cfr. *Gr. Gr.*, § 146 e 247), não se impõe, como tantas outras etymologias do insigne professor, pelo inatacavel da de-

[1] Os vassallos do Conde, descontentes com o pouco descanço que o rude guerreiro lhes dava, diziam: «*Nunca folgura tenemos, synon quando almas saquamos. A los de la ueste antygua, aquellos semeiamos*».

monstração phonetica, seduzindo esta vez apenas pela apparente lisura da explicação sematologica. Em vista do francez *flair*, e do desenvolvimento que *sentir* teve n'aquella lingua, chegando a valer *sentir, farejar* e *cheirar*, torna-se bastante arriscado respingar. E se o derivado *cheiro* não existisse, ou se *faro* tivesse exactamente as mesmas accepções, talvez eu me deixasse persuadir de que *faro* provinha de FLAGRARE, apezar do extraordinario e injustificado tratamento de *fr* e de *gr*. Mas que o povo tirasse simultaneamente, durante a primeira epocha da vida da lingua, do mesmo thema *flagr*... (por *fragr*...) duas fórmas igualmente populares, mas tão divergentes na fórma e tão perfeitamente differenciadas quanto ás ideias que representam, é realmente difficil de acceitar. De resto, *cheiro* é um substantivo verbal, posterior a *cheirar* (exactamente como o francez *flair*, de *flairer*), extrahido do verbo para indicar *a acção de alguem applicar o seu olfacto afim de apreciar as exhalações de um objecto qualquer, a sua cheiror*, como então se dizia [1]. Do mesmo modo, *faro* devia ser substantivo verbal, se respondesse realmente a *cheiro*, e ao seu lado apparecer-nos-hia o verbo *farar*. Mostrem-m'o (a elle, ou ao * FARAGARE de Leite de Vasconcellos) e submetter-me-hei [2]. Até lá, peço que ouçam o que eu tinha imaginado *antes* de Cornu se pronunciar, e ainda agora continúo a suppôr.

Penso que o termo *faro*, que designa em primeiro logar e quasi que unicamente *o olfacto dos cães e de outros animaes*, depois, por extensão, *a perspicacia e o tino com que algumas intelligencias humanas investigam*, e *cheiros e exhalações de corpos* só em casos extremamente raros e em modismos relativamente modernos, deve ser separado de *cheiro*, classificado entre os termos de montaria, e considerado como uma metaphora audaz, um tanto galhofeira, creada pela sempre viçosa e jocosa inventiva de caçadores. Creio, emfim, que o *faro* dos cães é um *pharo* que estes intelligentes animaes trazem no nariz. Ou, por outra, quero imaginar que um bello dia um ascendente do grande Nemrot, o Conde D. Gonzalo Garcia, ou outro qualquer entre os afamados «*Cavalleros cazadores de Gallicia*», admirando a finura com que um seu cão buscára e levantára de madrugada no sombrio dos densos bosques serranis, um veado, ou fosse lobo, urso, ou javali, exclamasse contente: «*parece que este diabo de cão traz um* FARO *no nariz*». Tal qual já ouvi dizer a uma minha criada, uma vez em que ella assistia interessada aos preliminares de uma caça de gato a rato: «*que bom «murador» !que é o nosso gato! parece mesmo que traz um* LAMPIÃO *no focinho!*»

Provar uma etymologia d'estas, é coisa impraticavel. Hei de mostrar, comtudo, os materiaes que ajuntei e em que fundo a minha hypothese, para que não se diga que, visto ser uma lembrança instantanea e obra de um mero acaso, não merece attenção nem discussão.

1 Cant. 102 de D. Alf. x. — Cfr. *chairor* (catalão) e *flairor* (prov.).
2 *Rev. Lus.*, II, 360.

1.º) A palavra *faro*, proveniente de PHARUS, termo nautico de origem grega (φάρος), commum a todos os povos mediterraneos, existia outr'ora em toda a peninsula, e existe hoje ainda em Castella [1]. Designava e designa varias especies de lumieiras e lampeões: *a) o luzeiro posto junto da costa em logar proeminente para servir de guia durante a noite aos navegantes; b) o luzeiro posto na pôpa do navio; c) o facho ou a fogueira que se accendia nos montes mais elevados do paiz para dar signal da entrada do inimigo; d)* em sentido figurado *a pessoa cujo espirito dá luz e serve de guia*, i. é: qualquer *luzeiro* ou *luminar* em sciencias e artes (*= jedwede Leuchte* [2]).

2.º) Um dos *faros* portuguezes (do genero *a)*, modesta imitação, decerto, do famoso φάρος que os gregos tinham construido na embocadura do Nilo, parece ter dado nome á antiga cidade algarvia *S. Maria do Faro* [3]. Outros *faros* (do genero *c)* determinariam identicas denominações no interior do paiz, onde temos alguns logares e alguns montes *do Faro* [4].

3.º) *Faro = pharus*, como appellativo, desappareceu cedo de Portugal, sendo substituido em parte por derivados do mesmo thema, e em parte por outras palavras synonymas, que já anteriormente tinham estado em uso [5]. Calcúlo que isto aconteceria só depois de *faro* ter passado a designar metaphoricamente o *olfacto do cão*. — Para indicar as differentes lumieiras, temos primeiramente o augmentativo *faron* [6], que chegou a denominar de preferencia o φάρος de S. Maria do Algarve (sec. XIII-XVI), orthographado na Legislação antiga [*Mon. Leges*, pag. 715 e 737], ora *Faaron*, como se fosse o *Pharaon = Pharao* da Biblia, ora *Faram* e *Farom* [*Ined. Hist.*, v, 84 e 85]. Temos a fórma secundaria *farão* como nome de logar, nos mesmos textos [*Ined.*, II, 463] e em outros documentos até meados do seculo XVI, e como appellativo em textos hespanhoes, na curiosa orthographia *farahon* [7]. Temos de-

1 Qualquer diccionario prova-o, desde o da Academia até aos dialectaes, como p. ex. o asturiano de Rato de Argüélles (que põe ao fim do seu artigo *faro* o latim *far = farellorio !)*.

2 Os modernos vocabularios portuguezes registam apenas *uma* palavra *faro*, e dão-lhe como primeira accepção *olfacto* e como ultima *farol*, citando o verso de Andrade Caminha (pag. 65): «*es um lucido e formoso faro*». Sómente nas *Obras* do Cardeal Saraiva (IX, pag. 48) é que se falla mais extensamente de *faro = pharus*.

3 *Canc. da Vat.*, n.os 894-898.

4 A moderna villa *Faro*, do Alemtejo, recebeu o nome do seu fundador, que era um Fulano de *Faro*.

5 Os lampeões de navio, p. ex., tomaram o nome de *fanal*, que é costume derivar de PHANUS (φανός). Cfr. venez. *fanò*. Em cigano, *fanal* é olho. Em estylo figurado castelhano, qualquer luminaria *intellectual*.

6 Não posso apresentar exemplos portuguezes; só um, castelhano, do *Canc. Gen.*, I, pag. 639. — Augmentativos, a substituir, temporariamente, ou de vez, as radicaes simples, não escasseiam em portuguez. Citarei: *golfam* por *golfo*, por ser empregado a miude pelo grande Albuquerque nas suas *Cartas*.

7 O celebre infante D. Juan Manuel falla no seu *Libro del Estado* de um lampeão portatil de campanha, chamado *farahon (Stock-laterne)*: «*et este estrumento lieva de noche lumbre encendida*». Cfr. na pag. 320 *b* as linhas 7, 11, 13 e 19.

pois *farol* [1], hoje a fórma mais corrente em Portugal, e, a meu vêr, uma simples variante de *faron*, formada por dissimilação por causa da euphonia, como *cerol*, de *ceron; linhol*, de *linhon; aranhol*, de *aranhon;* e *hespanhol*, de *hespanhon* [2]. E temos, além d'isso, o archaico *forol* [Canc. Res., III, 234, 293 e 649; *Res. Chron.*, pag. 185; *Ulys.*, 213, etc.], que julgo nascido de *farol*, por assimilação de vogaes [como em *rolon*, de *ralon; torron*, de *terron; toston*, de *teston*].

4.º) Outros derivados de *faro* = φάρος, ou de *farol* = *faron*, não existem em Portugal [3]. Ha-os, porém, em Hespanha: *farito, farolon, farolico, farolero* e *farolear* (cast.); *faret, farolet, farolot, faroler* e *farolejar* (valenc.), todos sem sensivel mudança de significação. Apenas este verbo e o substantivo pessoal *(faroler)* têm interesse especial. *Farolear, farolejar*, quer dizer: *andar inquieto de um lado para outro trabalhando (?) muito azafamado;* i. é: *bruxoleando como luz que treme (fackelig, flackerig, fackelnd* [4]*)*, e, note-se isto bem, tal é tambem a significação figurativa e derivada do portuguez *farejar* [5], que passa por provir directamente de *faro* = *olfacto*. — O significativo real e principal de *farejar*, e do menos usado *fariscar*, é, comtudo, *tomar o cheiro (beschnüffeln, nüstern, wittern, spüren), indagar por meio do olfacto* [6].

5.º) Alguns escriptores portuguezes fizeram trocadilhos de *faro* ≟ *olfacto* [7], o que não prova de modo algum que tivessem con-

[1] Usual no tempo de Gil Vicente (que o emprega em texto hespanhol, p. ex.: II, 303), e sem duvida antes, como se infere de *forol*, empregado no sec. XV. O ital. *falò*, e franc. *falot*, talvez proviessem de uma contaminação de φάρος e φανός.

[2] Ha exemplos do desenvolvimento opposto: *feijão* (de *feijom)*, por *feijol, faijol* = PHASEOLUS.

[3] Não sei dizer se *farillon* (cast.), *farilhão* (port.) deriva de *faro* = φαρος. Possivel é. Das poucas ilhotas, ou antes dos escolhos á superficie da agua nas costas da peninsula, em que se construirām *faroes*, e que a gente da beira-mar chamaria *farilhões*, o nome passaria a designar os grupos completos de taes ilhotas, incluindo todas as que não tinham lumieiras proprias. *Faro* + *ilha?* ou derivação: *faro, farilho, farilhão?*

[4] A Academia traduz FAROLEAR com *fachendear, papelonear;* o diccionario valenciano de Escrig explica FAROLEJAR pela formula *hacer el farol*, e *faroler* em sentido real com *farolero* (i. é: *empregado que cuida do farol)*, mas em sentido derivado com *papelon (= Fackeler, Flatterer: eitler Prahlhans)*. Cfr. o adjectivo italiano: *falotico*.

[5] Coelho, pelo menos, indica no seu *Manual*, como accepção ulterior de *farejar: «andar de um lado para o outro trabalhando»* Como ainda não o lêsse, nem o ouvisse empregar, nada posso dizer a este respeito, nem offerecer exemplo algum. Está claro que não é impossivel que houvesse *dois* verbos convergentes: um *farejar* significando *bruxolear*, de *faro* φαρος, e outro de *faro-olfacto*.

[6] Será util lembrar aqui que a peninsula possue ainda outras palavras por *flairer* e *flair*: *fato* e *fatejar* (valenciano), que não podem representar outra coisa senão *olfato* e *olfatejar?* O castelhano diz, como é sabido, *husmo* e *husmear*, de ὀσμη.

[7] Na *Feira dos Anexins* de D. Francisco Manuel de Mello alguem exclama: *«logo me deu o faro»*, e o seu interlocutor responde chasqueando: «De *Faro* vem, meu senhor?» (pag. 11). O mesmo gracejo repete-se, com variantes, a pag. 168;

sciencia da (supposta) identidade originaria dos dois vocabulos. Para levar a taes gigajogas a homonymia era impulso sufficientemente forte [1].

6.º) O povo distingue, em geral, com rigor entre *cheiro* e *faro*. Julgo que ainda não houve quem fallasse do *faro de uma rosa* ou do *cheiro do cão*, querendo referir-se ao seu *olfacto* [2]. Em certos modos de dizer litterarios, ha, comtudo, hoje em dia, completa synonymia entre os dois termos, podendo qualquer d'elles ser substituido pelo outro. Lucena p. ex. falla do *faro do peccado;* Mousinho de Quevedo diz que o vento trouxe aos abutres o *faro funeral da gente defuncta na campal guerra;* e Serrão de Castro refere-se ao *faro de certas uvas passas*. Como se vê, a esphera de *faro* ampliou-se, invadindo a de *cheiro*. Mas isso é de somenos importancia para a etymologia.

7.º) Um derivado antigo, hoje desusado, de *faro* = *olfacto*, é *enfarar* = *enjoar com o cheiro ou sabor d'uma coisa*, de onde o substantivo verbal *enfaro* = *fastio, tedio, asco, entejo de comer*. E repare-se bem que, ao lado d'este *enfarar*, temos ainda *enfaroar*, do substantivo *faron*, que ninguem conhece como variante de *faro* = *olfactus*, mas que todos conhecem como variante de *faro* = *pharus*.

XL. FARONEJAR

Esta palavra, que tem as falsas apparencias de um derivado de *faron* = *faro grande*, passou até hoje desapercebida. Conheço-a de uma das *cantigas de escarnh' e maldizer*, de D. Alfonso x, o n.º 77 do *Cancioneiro da Vaticana*, onde ella se repete quatro vezes. O rei trovador, motejando amargamente de um barão desleal, ou antes de todos quantos ricos homens e cavalleiros tardaram acinte, e afinal nem tomaram parte effectiva n'uma expedição contra Granada, apezar de lhe terem acceitado a soldada para as suas mesnadas [3], diz como segue:

«*Você perdeu o* FARO *aos anexins.* — *O senhor é de* FARO?» Ainda outro motejador, o já citado auctor infeliz dos *Ratos da Inquisição*, diz de umas uvas seccas que um seu companheiro de carcere comia: «*as passas que para vos são de Lagos, para mi de* FARO *são, pois só o* FARO *me dão*». — Desconheço a edade do bello enigma: *Qual é a cidade de Portugal que cheira mais?*

[1] Citar exemplos da popularidade do termo *faro-olfactus* seria extremamente facil. Mencionarei apenas a *Lenda do cão* (narrada nos *Contos* de Braga, vol. II, n.º 198), e as phrases: «*farejar e não dar com a lura*». Direi ainda que *faro-olfacto* parece referir-se tambem ao sentido da vista. E' o que indica um ditado relativo ao falcão (açor, ou outra ave de volateria): «*olhos enlevados e ardidos no faro | entre as nuvens descobrem a caça*», cantado na *Comedia Eufrosina* (pag. 145).

[2] Não seria para admirar se acontecesse. Ter *bom nariz*, diz-se familiarmente por *ter bonita cara*, com relação a comidas appetitosas que agradam á vista e ao olfacto; assim como *ter bom paladar* se refere ás pessoas que sabem tomar bem o gosto ás comidas, e ao mesmo tempo ás proprias comidas, quando o seu sabor é agradavel.

[3] A Cantiga 79.ª «*irta de difficoltà*», conforme diz o seu mais perspicaz interprete, foi inspirada pelos mesmos acontecimentos. V. *Studi di Filologia Romanza*, fasc. 4.º

O que foy passar a serra
e nom quis servir a terra,
é ora, entrant' a guerra, (?)
que faroneja!
Pois el agora tam muyto erra,
maldito seja!

O que levou os dieiros
e nom troux' os cavaleiros,
é por nom ir nos primeiros
que faroneja!
Pois que veo co'os postumeiros,
maldito seja!

O que filhou gram soldada
e nunca fez cavalgada,
é por nom ir a Granada
que faroneja!
Se é ricomem ou ha mesnada,
maldito seja!

O que meteu na taleiga
pouc' aver e muyta meiga *(Hinterlist?)*,
é por nom entrar na Veiga
que faroneja!
Pois chus mol' é que manteiga
maldito seja! [1]

A reproducção diplomatica de Monaci dá-nos por duas vezes *faroneia*, uma vez *fareneia*, e outra *faraneia*. O *r*, pelo menos, lá está sempre intacto, em todas as passagens. Varnhagen leu no Codice mysterioso do Grande hespanhol, ou interpretou arbitrariamente, como é o seu costume, *favoneia*. E Monaci, Coelho, Braga e De Lollis acceitaram e reproduziram esta lição, apezar da sua duvidosa origem, e embora ella não melhorasse de modo algum o sentido. Porque? Porque o verbo *faronejar* não lhes dizia nada. Pensaram, evidentemente, no propicio vento *favonio*, destrinçando em *favonejar* um aliás desconhecido synonymo de *favorecer* [2]. O glossario de Th. Braga explica: *facilitar!*

Eu, porém, sabendo quão pouco ha que fiar nas lições de Varnha-

[1] Não convem defender aqui as lições que escolho, nem as emendas que proponho.

[2] O *Manual* de Coelho regista: *favonear*, remettendo para *favonecer*. Este termo falta, comtudo. Creio que *favonecer* é mero erro de imprensa, por *favorecer*.

gen, cinjo-me á lettra transmittida pelo apographo da Vaticana [1], e acceito a palavra *faroneia (fareneia, faraneia),* como acceito *acajon, engueedes, maer,* e muitas outras lições contestadas, fazendo esforços para interpreta-la correctamente, resolvendo o enigma que encerra.

E esta vez a tarefa não é muito difficultosa.

A interpretação: «é agora no principio da guerra que elle se mostra um retardatario; é para não ir na vanguarda que se demora; é para não nos acompanhar a Granada que não apparece; é para não entrar batalhando na Veiga que o preguiçoso e desleixado tarda!» é obvia; e *deve* contentar e agradar. *Favoneja = favorece,* tornaria, pelo contrario, todo o sirventes incomprehensivel.

O que se trata de estabelecer é apenas, se *faroneja* representa o castelhano *farolear,* o valenciano *farolejar* e o portuguez *farejar* (a que já me referi no artigo anterior), significando portanto «*papelonear, fachendear, hacer el farol*»; francez: *lanterner (barguigner, hésiter);* allemão *fackeln,* i. é: *langsam zu Werke gehen; Umstände machen; Ausflüchte suchen, zaudern u. zittern wie die Fackel die sich im Winde hin und her bewegt;* sendo n'uma palavra, um derivado de *faron = farol;* ou se temos aqui outra palavra differente.

Os unicos dous obstaculos que se oppõem a tal identificação, são: ignorarmos por ora qual a antiguidade de todos estes termos metaphoricos; e, em especial, a existencia de outro verbo quasi identico na fórma e no sentido, mas de *origem* muito diversa: o castelhano *faronear, haronear,* derivado do adjectivo arabe *hârûn = mandrião, madraceiro, obstinado, preguiçoso,* como Dozy e Engelmann já provaram, apoiados por Diez (2.ª ed.). Com este termo antigo, empregado pelo Arcipreste de Fita no seu *Libro de Cantares* [2], e ainda no *Cancioneiro de Baena* [3], é que prefiro confrontar e explicar o modismo de D. Alfonso X.

XLI. FARUM

A' primeira vista parece que tambem este substantivo gallego, registado por Valladares Nuñez, pertence ao grupo dos derivados de *faro.* Mas só á primeira vista. *Farum, farun* (cat. *farum,* de onde *faromejar)* está por *ferume (a* por *e,* por causa do *r),* vem de *fera* e significa: *cheiro a fera,* ou *a bravío; olor y sabor que a silvestre tienen algunas plantas, y a montaraz varios animales: Berg und Wildgeruch.* O suffixo é *ume* (de UMEN) e não UNUS, como nos adjectivos portuguezes em *um* (f. *um* e *ũa).* Cfr. port. arch.: *bafum = cheiro a bafío; far-*

[1] E' muito para desejar que olhos tão experimentados e perspicazes como os de Monaci, collacionem no *Cancioneiro Colocci Brancuti* todas as poesias do *Canc. da Vat.,* publicando em seguida os seus resultados, que devem ser elucidativos a mais de um respeito.

[2] Estrophe 615, onde se falla de um cavallo «FARON *que nunca pierde* FARONIA *nen vale un pepion*».

[3] N.º 55 «... *do rescibe tal cansacio que a las veses* FFARONRA». O duvidoso *alhaonedes* na estrophe 850 do Arcipreste não está em relação alguma com *faron.*

tum (Ined., v, pag. 554), *azedum, senyum, multium (Ined.*, Boav., III, 16); *pesume (ib.*, III, 46); e o gallego: *chatum, cheirume, graxum*[*ada*]. O valenciano tem *faram* por *fera*.

XLII. FAZFEIRO

Em tempos escrevi um pequeno artigo sobre o verbo composto hespanhol *zaherir*, derivando-o de *faz-herir (fazerir)* (na *Romania*, II, pag. 86). O substantivo verbal *fazfeiro*, que então não era conhecido, vem comprovar agora a justeza d'aquella minha apreciação. D. Alfonso X emprega-o a miude nas suas cantigas, para dar expressão á idéa: *reprehensão, castigo, vergonha, doesto* [*Vorwurf, Strafe, Schande, Schmach*]. Lê-se p. ex.: na Cantiga 15, 6: «*et fēo* (= FOENUM) *comerás por* FAZFEIRO, *ou te farei de fame fiir*»; e na 45, 5: «*e porque sempre os bõos lle davan mui gran* FAZFEIRO *do muito mal que fazia*». Cfr. 61, 7; 85, 13; 303, 1. — *Feiro* equivale ao pres. latino *ferio* (port. moderno *firo* [1] por analogia com *sigo, visto, sirvo, dispo, frijo, sinto* e *minto, senço, menço)*.

XLIII. FIAMBRE

Costuma-se affirmar que esta palavra é hespanhola. Não vejo razão para isso. O antigo portuguez possuia e empregava a miude *friame, freame* (* FRIGIDAMEN = *cousa fria* [2]). E' verdade que a metathese do *r*, da radical para as terminações, ou antes a repetição do *r* protonico na syllaba final, postonica, com queda ulterior, dissimilatoria, do primeiro *r* [*friam, friame, fiamre*] é rara em portuguez, e está em opposição com a frequencia do phenomeno contrario (mudança de *r* para a frente), como é rara a introducção de *b* entre *m* e *r*. Mas taes movimentos contradictorios são vulgares, em Portugal como alhures: exemplo, o tratamento do *i* ante vogal, expurgado de muitas duzias de fórmas e introduzido em outras tantas, ás vezes nos proprios vocabulos, de que a lingua antiga litteraria o banira [3]. De mais a mais

[1] O substantivo *firo* não tem outro étymon.

[2] O primeiro exemplo que me vem á mão, é *gallinha freame* nas cantigas de D. Alfonso X (158, 16).

[3] Penso em *turvio, vidrio, cirio* e *estudio*, que estão n'este caso. — Além dos numerosos exemplos que citei na *Zeitschrift*, VII, 115, e na *Miscellanea*, n.º I, pag. 114, collecionei mais os seguintes, directamente da bocca do povo: *Ilenia, Agustia, Camilia* (cfr. *Tareja, Tereija), amoria, andias, cifria, cicudia, corintia, escadia, bolsia, promessia, propinia* e *vestia, Ramirio, asilio, clubio, guapio, labirintio* e *petisio*. *Europia, linfia, hidria* e *salamandria* são litterarias e antigas. — O adjectivo *gustosio* fica por ora isolado. Os verbos (como *enfariar* por *enfarar)* são infinitos, mas quasi sempre o *i* foi attrahido pela vogal tonica (como em *pairo, esfaimo, alqueivo)*, ou palatizou a consoante antecedente (como em *anojar, alijar, ajoujar, bajoujar, intrujar*, e muitissimos outros em *jar, sar, çar* e *lhar)*. — Os exemplos da queda do *i* hiatico são conhecidos [*adro, cidra, vidro, alvidro, ludro, Lima, vindima, verruma, vira, siba, camisa, questão, cristão, salva, mancebo, so-*

as duas modificações que *friame* soffreu, não vão de encontro aos costumes do portuguez, pois que temos *quebrar*, de *crepare; pesebre*, de *præsepe; costra*, de *crusta; escudrinhar*, de *scrutiniare; pedricar*, de *predicare;* e do outro lado *tombo* por *tombro*, de TUMULUS; *combro*, de *cumulus;* e *cambra*, de *camara*. E de resto, por extraordinarias que pareçam, é mais provavel a sua realização do que a perda total de uma palavra antiga de uso caseiro, e a sua posterior substituição por outra quasi igual, mas estrangeira. Isto só se comprehenderia se Portugal tivesse recebido os seus presuntos e outros *friames* de Hespanha, o que não consta. A fama dos toucinhos de *Lamego*, *Chaves* e *Chacim*, e dos páios do *Alemtejo*, é antiga.

XLIV. FRANGO

De onde veio ao filho da gallinha, que já não é *pito, pi(n)tão*, ou *pintainho*, e ainda não chegou a ser *gallo*, o seu popularissimo e muito antigo nome de *frango* [1], que é tão pura e tão exclusivamente portuguez [2]? Penso que *frango* não é outra coisa que *franco* = *francez*, e nasceu directamente da usual interpretação dada ao nome de nação *Gallus* [3], que produziu e continúa a produzir tantos ditos agudos e tantas allusões espirituosas [4]. Primeiramente os portuguezes usaram da formula *gallo-franco*, para designar um individuo francez. A sua existencia, indubitavel em si, é comprovada pelos modismos: *francus ut gallus; largo como el gallo; large du sien comme gal* [5]. Afim de convencer de que estas phrases passaram tambem para Portugal, lembrarei o celeberrimo romance peninsular do *Rico-Franco* ou de *Ricofranco* (*Wolf*, 119), cujo antagonista se chama em Catalunha *Baldovinos el Franco* ou *Dom Galí;* nos Açores *Dom Franco* [6]; e na ilha da Madeira

berba, nervo, termo, coentro, etc.]. O gallego possue muitos mais, p. ex.: *Imila, Libana, Hortensa, Vergina, bibla, famila, evangelo, deluvo, vison* e *confeson*.

1 Fem. *franga;* dim. *franguinho, franguinha;* augm. *frangão*, de onde *frangaînho*, e *franganinho, franganito, franganote*. A fórma latinizada é sempre FRANGANUS. Cfr. *Mon. Leges*, pag. 195, onde na pauta de 1253, se determina que «*el melior* FRANGANUS *vel* FRANGANA *valeat quatuor denarios*»; e pag. 269, onde um decreto de 1238 ordena que os habitantes de Santa Maria de Porco dêem de fôro um almude de trigo, cinco ovos et «*singulos* FRANGAOS. *Et qui* FRANGANUM *non habuerit, solvat pro eo unum solidum*».

2 O castelhano emprega: *pollo, polla, pollico, pollito, polluelo;* e os derivados *pollero* (port. *poleiro*), *polleria, pollazon, pollastro, pollastron, pollazon;* cfr. franc. *poule, poulet, poularde*.

3 Escusado repetir que *gallus* não é celtico, mas, pura e simplesmente, latino. Como disse Cesar no *Bello gallico*, I, 1, uma alcunha tirada do nome homophono da ave, que era o symbolo nacional d'esse povo.

4 Lembra-me n'este instante apenas a phrase de que Vaillant se serviu em 1868 para com Bismark: «*Nous sommes des coqs! nous ne permettons pas que d'autres chantent mieux que nous-mêmes*».

5 Cfr. Jahrbuch, x, 293; Knust, *Dos obras*, pag. 620.

6 *Rom. Açor.*, 48.

Bravo-Franco, Gallo-Franco e até *Gallo-Frango* [1]! Em uma das variantes vulgares, alli colhidas por Rodrigues de Azevedo, a heroina, que para salvaguardar a sua honra mata a punhaladas o raptador, intitula-o com ironia transparente «*meu gallinho*» e «*meu franguinho*», gabando-se em seguida de ter dado cabo do *gallo-frango*.

Depois repetiram a formula, como o exemplo citado mostra, gracejando ao fallarem da ave-gallo; e mais tarde o adjectivo substantivou-se, passando a designar apenas o gallo emquanto novo, bizarro e galante. — *Frango* por *franco*, com pronúncia commodista e vulgar, para o differenciar de *franco* = *generoso, liberal, sincero*. Cfr. *vingar*, de *vin(di)care*; *pingar*, de *pen(di)care*; *commungar* = *commun(i)care*; *resmungar* = *remussicare*; *manga* = *man'ca*; *sengo* = *Sen'cus* por *Seneca*; *flamengo, podengo, domingo*, etc.

XLV. GRIJÓ

Apenas uma pequena nota. Houve quem estranhasse o costumar eu tratar *grijó* como substantivo de genero masculino. Comtudo, tenho razão, porque, a par do nome de logar, ha um appellativo identico: um dos nomes da lampada eterna de igreja, que é sempre tratado de masculino, como de resto a maioria das palavras em *ó* agudo, derivados de diminutivos em -IOLUS. Ouvi fallar de um lindo *grijó* da capellinha do N. Senhor da Pedra. E para os incrédulos citarei os versos impressos:

Santo Antonio estaes só;
Deixaes-me molhar o pão no vosso grijó?

que se acham nos *Contos* de Coelho, n.° LXXII. Cfr. *belhó, eiró, pió* e *queiró*.

XLVI. GRONHO

Foi sem razão, e mal informada, que eu quiz temerariamente riscar dos diccionarios portuguezes o termo *gronho*. Elle vive de facto, como qualificativo de certas maçãs e peras, conforme os snrs. A. de Sequeira Ferraz, Julio Moreira, meu amigo Rodrigues de Freitas, e outros cavalheiros tiveram a fineza de me communicar. Vem até mencionado em alguns catalogos de horticultura (p. ex. no *Catalogo*

[1] O gallo, identificado ao francez, vive tambem na adivinha popular:

Que é? que é?
A' meia-noite se levanta o FRANCEZ:
sabe das horas, e não sabe do mez;
tem esporas — e não é cavalleiro;
escava no chão — e não acha dinheiro.

Bem sei que, em logar de *frances*, se diz hoje em dia tambem *ingles*.

Loureiro de 1889-90, pag. 261; e no *Catalogo Viuva Zeferino* de 1890, pag. 152). Ahi indica-se «*maçã gronho, gronho doce* e *gronho riscado*». Resta agora averiguar se o *gronho* era, e é, fructa assaz deliciosa para dar origem á phrase «*cuydar no gronho*», ou se posso sustentar a minha emenda conjectural das passagens do Cancioneiro de Resende, como penso e espero, lendo «*cuydar negronho*». E resta ainda saber de onde *gronho* viria. Não póde ser adjectivo; aliás, teriamos: *maçã gronha*. E mesmo se assim se dissesse, *gronho* não podia ser equivalente de *negronho:* a apherese de *ne* é phonetica e logicamente inverosimil, porque destruia completamente o clarissimo sentido. Será fructa originariamente hespanhola? talvez de LOGROÑO?, cujo *lo*, considerado como artigo, podia ter cahido durante o primeiro periodo da lingua portugueza? Talvez! Mas não será facil encontrar a prova.

XLVII. IVIÇOM

No *Elucidario* lê-se: «EYVIÇOM e IBIÇOM = *macho, jumento, besta de carga. Vem de* IBER *ou* IMBRUS = *macho; ou de* IBERUS *cavallo de Hespanha*». A traducção é falsa, e a etymologia tambem. O erudito e sensato J. P. Ribeiro já o reconheceu. Dizendo: «*não decidiria pela intelligencia do auctor, antes me lembra tel-a achado por gado miudo*» acertou melhor, mas não deu etymologia alguma.

Eis as tres passagens que forneceram a ambos os auctores o estofo para as opiniões citadas, e que copío do *Elucidario*, I, 301, com mais algumas (quatro a seis) que tirei dos *Monumentos:*

1) *Se algum lavrador ouver* EYVIÇOM, *non faça ele foro* [Thomar, 1162]. Cfr. *Mon. Leges*, pag. 389.

2) *Si* IBICIONES *habuerint non prendant illas pro in ulla facienda* [Cea, 1436, err. por 1136].

3) *Et de* IBICIONE *qui non torna jugada non querant inde ullum servicium sine precio.* (Cfr. n.º 5, *Livro dos Foraes velhos).*

4) *Si aliquis laborator habuerit* IVICIONEM *non faciat cum ea aliquod fiscum* [*Mon. Leges*, pag. 356; Coimbra, 1111; o mesmo a pag. 357. Soure, 1111; pag. 389 e 398]. Traduzido a pag. 357 muito inexactamente: «*E se alguum laurador ouuer alguma cousa de seu* (!) *nem faça a nenguum seruiço sem seu grado*». (!)

5) *De* EUICIONE *onerata* II *denarios (ib.*, 362; Porto, 1132).

6) *Illos oleiros qui in regalengo sedent quod faciant suos foros de ollas, et si* IBICIONES *habuerint non prendant illas, pro in ulla facienda illos miseros qui illa ligna adducent non prehendat illa nisi pro suo precio (ib.*, pag. 372; Cea, 1136).

Quem as lêr, mesmo soltas como aqui vão, fica sabendo que o possuir uma besta de carga chamada *iviçom, eviçom, eiviçom* [1] [IBICIONE] eximia de certas obrigações e diminuia a importancia das

[1] Os casos em que ĭ, ē e *ae* latino produziram em portuguez antigo o dithongo *ei*, ainda não estão bem estudados, como já disse no fragmento I.

contribuições a pagar. Se lêsse os respectivos foraes velhos por completo, reconheceria a mais que a *iviçom* era diversa de *cavallo, egua, macho, jumento,* e muito inferior em prestimo e valor, servindo só aos miseros oleiros da Serra da Estrella (e regiões adjacentes), em cujos pendores ainda hoje se cria tanto gado *cabrum*. E se viu alguma vez um exemplar da afamada *cabra montez* das serras portuguezas, quer viva, quer empalhada, e conhecer a *bicerra* dos Pyreneus, assim como o *ibex* e a *camurça* dos Alpes, não duvidará de que a *ibicione* era um *ibex* grande [*Steinbock, Gemse, Wild-Ziege oder Antilope*]. Aquelle animal, domesticado como o engraçadissimo «chamois» de Tartarin, seria antigamente a vacca dos pobres serranos [*die Kuh der Armen*], aos quaes dava o seu leite, e serviria ao mesmo tempo de besta de carga, transportando feixes de lenha, carqueja e chamiça do monte para a choupana, assim como do forno para a feira a primitiva louça de barro, que iam fabricando. Uma *cabra*, servindo de besta de carga, não é mais inverosimil do que o pobre cão berolinez a servir de besta de tiro a leiteiros e hortaliceiros.

Robezo, o nome castelhano da *bicerra* basca, que em asturiano se chama *rebecu;* o verbo *robechar* = *saltar como uma cabra*, e *ser arisco*, assim como o adjectivo gallego *rebecu* (= arisco); o francez antigo *ibiche* (talvez *biche?*), devem ser novamente examinados e comparados com *eyviçom*. Por ora não me sinto, comtudo, habilitada a ir mais ávante [1].

XLVIII. LAZAR

Provincialismo gallego. *Lazar* (segundo Valladares-Nuñez) corresponde a *gelar-se; lazo* a *gelo*. Certamente GLACIAR-SE, com queda do *g*, como em *lirão, latir, leiva, landre*, e porventura em *lioz, lastima, látego*.

XLIX. LOYOS

O portuguez talvez saiba, e talvez não, de onde proveio aquelle nome ao *fidalguinho do jardim*, o *cyano* de Schiller, que ostenta sobre haste esbelta, revestida de modesta verdura, a sua galante cabeça azul,— a flôr predilecta da rainha Luiza e seu filho, o nosso velho imperador, a qual, juntamente com as rubras papoulas e com a larica rôxa, enfeita no verão os campos de louro trigo. No estrangeiro, comtudo, mal haverá quem saiba dar razão de um tal cognome. A meu vêr, a flôr campestre chama-se *loio* (ou *frade-loio?*), por andar vestida do mesmo azul, que servia de traje distinctivo aos frades loios, cujo padroeiro, o ourives de Limoges, SANCTUS ELIGIUS, ou *Sancto Eloy* (com nome francez, que se popularisou em Portugal), prestou tambem o seu nome á rua e ao largo dos Loyos, por darem accesso á

[1] *Rebezno, robezno*, que andam em alguns diccionarios de somenos valor, como o de Booch-Arkossy, e são, portanto, fórmas duvidosas, poderiam representar *RE-IBICINUS. (Cfr. *rodezno* = ROTICINUS, *durazno* = DURACINUS).

rua dos ourives do Porto (rua das Flores). Está claro que houve ahi um convento dedicado ao sancto.

A denominação não tem nada de estranhavel. No Douro e Minho as *pascoinhas (rapa-saias, rompe-saias, saganhos)* chamam-se tambem *viuvinhas,* por irem vestidas de rôxo.

L. MAER

Na grammatica portugueza de Cornu ha contribuições riquissimas e verdadeiramente magistraes para a historia do verbo portuguez; mas o quadro que temos de compôr dos bellos paragraphos 310 a 326, e das notas espalhadas por outros (41 a 46, 51, 66-67, 70-72, 96, 193, 294-96), ainda assim não está absolutamente completo. A lingua archaica e os dialectos vulgares, assim como os textos gallegos, antigos e modernos, que não podemos nem devemos deixar de lado, possuem ainda, e a publicação das *Cantigas* de Alfonso o Sabio revelou ultimamente algumas fórmas novas, não registadas, sendo o contingente mais valioso fornecido por verbos de fórma muito reduzida, correspondentes aos latinos: *aud(ire), gaud(ēre), claud(ĕre), cad-, rod-, cal-, sal-, mol-, sol-, dol-, col-; mon-, man-*, e por aquelles cuja consonante medial era *k (jazer, fazer, trazer, prazer, cozer, dizer, nuzir).*

Hoje tratarei apenas de *manere,* communicando todas as fórmas que recolhi e copiando as respectivas orações por extenso, visto que ellas apparecem quasi sempre estropiadas pelos modernos editores que não as entendiam.

Cornu menciona (nos §§ 319 e 323) apenas o infinitivo: *maer;* a 1.ª pess. do pres.: *manho;* a 2.ª pess. do pret. perf.: *masestes;* e a 3.ª pess. do conj. perf.: *masesse.* Eu accrescento os infinitivos *maner* [*re*]-*manir,* o presente *mans, man,* o perfeito *mas*[*i*], os conjunctivos *maer, meer, manser,* e o futuro *marrei, marrá.*

1) *Maer* (= MANERE): *a) Vat.,* 710, 6: «*Foy un dia pelo veer A sancta Maria e* MAER *Hu m'el jurou que morria por mi*». — Monaci, nos *Canti antichi port.ª*, pag. 30, assevera que *maer* nada significa, e emenda *en o ler.* A edição diplomatica (Monaci-Coelho) remette em nota simplesmente áquelle livrinho; e o texto reconstituido de Braga offerece lettras sem sentido: *em a er.*

b) Vat., 1:176, 5: «*Maria Perez, a nossa cruzada,*
quando veo da terra d'Ultramar,
assi veo de perdom carregada
que se non podia com el emerger;
mais furtam-lhe cada u vai MAER:
e do perdom ja nom lhi ficou nada».

A alteração de Braga, *maguer,* estraga um texto perfeitamente claro. — *c) Ined. Hist.,* v, 415: *E outro grado non entre y se non aquel*

que veer MAER *á villa.*—*d)* D. Alfonso x emprega na Cantiga 345: MANER que eu considero como um castelhanismo.—*e)* E um outro hespanhol, Pero da Ponte, serve-se do infinitivo REMANIR (em rima com *mentir. Vat.,* 1:187, 20).

2) *Manho* (=MANEO): *Vat.,* 887, 5 e 10: «*Com' eu en Vigo senlheira* MANHO e *Com' eu senheira en Vigo* MANHO». N'este caso a rima (assoante com *amado, trago, ambos)* salvou a palavra. Os interpretes deixaram-na intacta. Nas linhas 2.ª e 7.ª *(com' eu senlheira estou en Vigo)* temos a prova de que *maer* pertencia ao grupo dos verbos que, pelo seu caracter neutro, serviam de substituintes de *esse (ser, estar, jazer, ficar, quedar).*—*Vat.,* 777, 1: «*Sem meu amigo* MANH' *eu senlheira, E sol nom dormem estes olhos meus*». Braga põe injustificadamente: *m'and' eu.*

3) *Mans* (=MANES).—*Cant.* de Alf. x, 235. Tomei nota, sem copiar a passagem, que, portanto, não posso reproduzir.

4) *Man* (=MANET).—*a) Vat.,* 771, 13: «*Comigo* MAN *meu lum' e meu senhor*». Braga põe: *m'é.*—*b)* C. C. Br., 442, 3: «*que ja de noyte nunca ela* MAN *Como as outras na sua posada*».—*c) Ib.,* linha 6.ª: «*ca hu* MAN *hoje, nom marrá ali Desi de noyte*». E' provavel que a linha 9.ª da mesma Cantiga contenha outro exemplo. Os signaes «Q *nõ pode* HOM *sabẽ seicuta*», devem lêr-se: «*que nom pod home saber se i* MAN», porque a rima *verran* e o sentido assim o exigem.—*d)* Na Cantiga 66 de D. Alfonso x *man* significa: *elle mora.*

5) *Mas[i]* (=MANSI).—*a) Vat.,* 1:049, 10: «*Hu eu* MAS' *aquesta noite, houvi gram cẽa*».—A impressão diplomatica tem: «*hu eu maiaqsta noyte ouuy grã zeã*». Braga escreveu: «*hu eu m'oj'aquesta noyte ouvy gram cea*».—A justificação da minha leitura está na linha 2.ª da mesma poesia: *hu masestes esta noyte!*

6) *Masestes* (=MANSISTIS).—*a) Vat.,* 1:049, 2: «*Maria Genta, Maria Genta da saia cintada, Hu* MASESTES *esta noite e quem puz cevada?*»—O texto reconstruido põe: *hu massastes,* transformando a «soldadeira» em «padeira».

7) *Maseron* (=MANSERUNT).—*a)* Alf. x, Cant. 344: «*et cabo d'essa eigreja bẽes os outros* MASERON».

8) *Masesse* (=MANSISSET).—*a) Vat.,* 771, 5, 11, 16 e 21: «*Mais se* MASESSE *con meu amigo, A luz agora seria migo*». Braga altera: *mas se m'a desse.*

9) *Manser* (=MANSERIT).—*Mon. Leges,* pag. 681: «*Coelheiro que for aa soieira e lá* MANSER, *dê huma pelle de coelho*».

10) *Maer, meer* (=MANERET).—*a) Mon. Leges,* pag. 408 e 413: «*Coelheiro que fôr a sogeira e aló* MAER, *dê huma pelle de coelho*». (Cfr. *Ined. Hist.,* IV, pag. 536.—*b) Mon. Leges,* pag. 713: «*Coelheiro que for a suageira e allá* MEER, *dê huma pelle de coelho*».

11) *Marrei* (=MANER-HEI).—*a) Vat.,* 1:196, 13: «*E* MARREI *eu vosqu' en vossa pousada*». A inutil modificação de Braga: *e morarei,* faz que o verso tenha uma syllaba de mais.

12) *Marrás:* Alf. x, Cant. 235.

13) *Marrá:* C. C. Br., 442, 6: «*Ca hu man oje, non* MARRÁ *alli Desi de noyte*».

Em todas estas passagens, menos uma, *maer* significa *pernoitar, descansar, dormir.* Para exprimir a simples idéa de *permanescencia* em qualquer sitio, independentemente das horas e do fim, já então servia, de preferencia, o derivado PERMANESCERE: *permeecer,* que foi reconduzido á fórma latina no seculo XV.

No Foral de Avellaal lê-se, p. ex.: «*seja maldito de deus padre, escomungado e sempre maldito permeesca*» (1221); e o de Mertola estabelece: «*que as duas partes dos cavalleiros vam en fossado e a terça parte* PERMEESCAM *em villa*».

O termo culinario *manido* [1], que é hoje usual, mas cuja idade ignoro, talvez seja meio-erudito, embora a singular manutenção de *n* e *l* entre vogaes em certas palavras, apparentemente populares, que desde o sec. XIII até hoje não se modificaram, seja um facto innegavel.

Em *remo manso* por *remo pousado, e tornado immovel (Ined. Hist.,* III, 285), é difficil decidir, se se trata do participio MANSUS ou do adjectivo MANSUO por MANSUES, ou se talvez as duas palavras se influenciaram reciprocamente [2]. Ideologicamente *mansus* contenta mais, phoneticamente *mansues.* De passagem mencionarei *manselinho,* por causa da mesma duplice diminuição que temos em *donzellinha, papelinhas* (Alf. x, 335; *Vat.,* 321 e 454) e *mocelinho* (Alf. x, 389).

LI. MARMAR

Nas Posturas antigas da camara d'Evora encontro no *Titulo dos Ferreiros (Doc. Ebor.,* pag. 147-148) umas quatro vezes a aliás desconhecida palavra *marmar* em substituição de *minguar, mengoar* [3]. Deve estar por *mermar* (que existiu em Hespanha e Provença) e provir, por dissimilação, do verbo superlativo *min(i)mare.*

LII. MEIJOM

E' certo que o portuguez antigo possuiu *meijon,* de *mansione* [4] [como *lijon,* de *laesione; prijon,* de *prisione; aqueijon,* de *occasione;*

[1] Carne *manida* é a que, por esperar alguns dias, ficou mais tenra e «mortificada».

[2] *Remanso,* de onde *remansado, remansar, remanscar, remansoso (remançoso)* e *arremansar* são, como provavelmente *manso* (em *remo manso),* de origem erudita, mas ainda assim perfeitamente nacionalizadas. — *Remanchão = preguiçoso* e *remanchar* talvez entronquem no mesmo termo.

[3] O ferro, depois de adubado e lavrado, *mengoou, marmava* ou *marmou.* Eis um dos exemplos: «*com hua arrova de ferro de banda feserom duas enchadas novas boas, de nove arrates e meio cada enxada, e asy* MARMOU *da dicta arrova 13 arrates*».

[4] Citado por Cornu, § III, pag. 209.

abujão, de *abusione; vijão*, de *visione*]. Os termos derivados *ameijoar* e *ameijoada* [1], attestam-no bem alto. Devo dizer, comtudo, que ainda não encontrei o simples substantivo. Os cancioneiros palacianos conhecem apenas *mayson*, no sentido de *casa de deus* (D. Alf., Cant. 31) ou *casa de ordens religiosas (Vat.*, 1:003, 1:005, 1:080), as quaes, como é sabido, davam hospedagem aos seus «irmãos». — De ahi deriva *meson* (cast.) e *mesão* (port.); e não directamente do *moderno* francez. A fórma *meison*, que S. Rosa cita, é a intermedia [2]. Que *maison* viesse antigamente de França, juntamente com a ordem de S. Bernardo ou com a dos Templarios, é muito provavel. Confira-se, comtudo, a respeito da metathese de *i* hiatico, sem que influenciasse o *s* precedente, *faisão*, de *phasianus; casião, caisião*, de *occasione;* e *faisol*, de *phaseolus*.

LIII. MINGUAR

Sei perfeitamente que é arriscado separar *minguar* do castelhano *menguar* e do italiano *menovare (= minuare* por *minuere)*. Mas a fórma antiga *miungar* [3] quasi que obriga a isso. *Miungar*, de * MINUTICARE (de MINUTUS), com o mesmo tratamento de *n* que temos em *vinda, finda, virgindade, cristandade, mortandade, trindade, irmandade* (de *irmaindade, triindade, mortaindade, cristaindade, virgiindade, fiinda, viinda), pendença (peendença*, de POENITENTIA), *menfestar, cinza, païnço, maïnça, quenço* (gal. = *caïnço*, de CANNICIUM); *benga, beenga* (BENEDICAT)? MINUTIARE deu *miuçar, esmiuçar* (mas tambem o subst. *miunças* = MINUTIAS).

LIV. MOGO

Ao par de *monje* (cast. *monge*, prov. *monegue)*, que veio de França para Hespanha, com tantos outros modismos ecclesiasticos, houve antigamente uma fórma indigena: *móogo* (de *móago*, com assimilação de vogaes), contrahida depois para *mógo*. Ficou até hoje desconhecida aos estudiosos, e portanto desaproveitada. Recolhi-a nas *Cantigas do Rey Trovador*, que faz rimar *móogo* com *lógo* e *rógo* (149, 12; 237, 8; 75, 12; 399, 7). A accrescentar ao § 261 de Cornu.

LV. MOITA

Moita (de onde *moiteira)* designa uma matta de plantas arborescentes, rasteiras e densas. A fórma antiga é *mouta (Ined. Hist.*, III, 488). *Mouta* póde estar por *mauta, malta* (como *oito, outo, outeiro*, de ALTUS, ALTARIUS; *soito, souto*, de SALTUS; *fouveiro*, de FALBARIUS. *Malta*, de MAT'LA (MATTULA), dim. de *matta*. — O peor é que a origem de *matta, matto*, não é clara.

[1] *Aprisco, abrigo, sitio onde o gado passa a noite* (allemão: *Hürde)*.
[2] *Missom* (no *Canc. da Vat.*, 1:003 e 1:177) é provavelmente erro.
[3] *Ined, Boav.*, II, pag. 14, 73, 115, 268, 280.

LVI. MOLEIRO

O meu amigo Leite de Vasconcellos perguntou-me, ha tempos, o que eu pensava a respeito de *moleiro*. Eis a minha resposta. *Moleiro* é *molleiro*, por *molneiro* (*Mon. Leges*, 625, 626, 631 e 637). A comparar com *esmola* = *esmolla*, de ESMOLNA; e *salitre* = *sallitre*, de SAL-NITRE. — Estou pois de accordo com Gonçalves Vianna [1].

LVII. NAVRÉ

A medo confesso a grave culpa de ainda não me ter conformado com a derivação *navré*, de *narva (cicatriz)*, ventilada por Gaston Paris (*Rom.*, I, 216) e approvada por Baist (*Zschr.*, V, 556, com pequenas reservas) e outros, em opposição ao *nabagêr*, indigitado outr'ora por Diez; e que de mais a mais estou inclinada a retroceder até á etymologia *naufragare* do velho Du Cange, que a sciencia nem discutir quiz.

Porque?

Porque o verdadeiro sentido originario de *nafra* é «*ferida perigosa (blessure) ganhada batalhando*», e não *marca (marque)*, *mancha* ou *cicatriz de uma leve escoriação ou esfoladella (éraflûre)*; e tambem porque nenhuma das fórmas romanicas conservou o grupo de consoantes *rv* ou *rf* da supposta palavra-typo, apezar de elle não ser de modo algum estranho ás linguas neo-latinas.

E a medo?

Porque as provas com que tentarei documentar a these: *nafrar*, de *naufragare*, ainda não são convincentes, e talvez nunca o sejam. Ambicionei encontrar *naufragar* significando *ferir;* ou *nafrar* significando *naufragar*; mas o ambicionado fim ficou, e talvez fique sempre, fóra do meu alcance.

O que parece certo, é o seguinte:

1) *Naufragar* passou a significar na peninsula: *causar e soffrer damnos e quebras; inutilizar* e *ficar inutilizado*, tendo de ser traduzido, quando transitivo, com: *Schaden zufügen, zu Grunde richten, beschädigen;* e quando intransitivo: *Schaden leiden, zu Schaden kommen, kriegs- oder dienstuntüchtig werden;* e em sentido figurado: *scheitern*.

2) A transição ideologica de *padecer naufragio (scheitern)*, por *soffrer prejuizos e damnos (zu Schaden kommen)* de um lado a: *ficar ferido, physicamente (verwundet werden);* e do outro lado para: *ficar magoado, psychicamente (verletzt sein)*, não tem nada de estranhavel.

3) As significações derivadas que allegueі estavam ligadas positivamente, no territorio portuguez, á fórma meio-romanizada *nafragare* (e *anafragare)*.

4) Não é impossivel que *nafragare* produzisse *nafrar*, perdendo

[1] V. *Rev.*, II, pag. 180.

o *g* (ou toda a syllaba átona *ag* [1]). Comtudo, parece mais provavel que um participio hypothetico *naufractus*, representado em francez e catalão por *naufret (?), nafret*, fosse no districto lemosino o ponto de partida para *nafrar, navrer, naverare* (de onde os substantivos *nafra, navra, navradure, nafredure).*

5) O verbo catalão *nafrar* significava e significa hoje [2], em sentido positivo: 1) *ferir corporalmente produzindo chagas mais ou menos graves, feridas de golpe e tiro ás vezes mortaes (blesser en perçant)*, e só posteriormente; 2) *arranhadellas produzidas nas cavalgaduras pelo roçar dos arreios;* e 3) em sentido abstracto *magoar*.

6) Em francez antigo houve um infinitivo *naufrer*. (V. Du Cange, s. v. *nauratus)*. E exemplos de *v* por *f* não faltam.

Com relação ás minhas razões 1.ª e 3.ª, allegarei um paragrapho dos foraes portuguezes, pelo qual se estabelece: que o cavalleiro, cujo cavallo se estragar durante a guerra, fique, por este motivo, isento de serviços militares durante um anno. Está claro que o estrago soffrido pelo cavallo devia, na maioria dos casos, ser causado por ferimento de arma branca. Nos barbaros textos medievicos a idéa *beschädigen* vem expressa ora por *perdere*, ora por *damnare*, mas em geral por *naufragare, anaufragare, nafragare, anafragare*. O capitulo respectivo intitula-se: *De equo bellico mortuo aut certe ad arma inutili;* ou ainda: *De cavallo quebrado o danado* [*Mon. Leges,* 786, 833, 885, 929, etc.]. A fórmula mais importante reza:

«*Et miles qui* PERDIDERIT *suum caballum, quamvis habeat alium, sit excusatus per unum annum*» [pag. 533, 457, 487, 495, 507, 521, 556, 609, 617].

«*Et homo cui se* DAMPNAVERIT *suus caballus*», etc. [pag. 516].

«*E homem a que se* DANAR *seu cavalo, amacar aia outro, seia scusado ata a cabeça do ano*» [pag. 704].

«*E cavaleiro que* PERDER *seu cavalo, ainda que nom (sic!) tenha outro, seia escusado por hum ano*» [pag. 590].

«*Et homine qui se* NAUFRAGAVERIT *suo adestrado, quamvis habeat alium, sedeat excusado usque ad caput anni*» [pag. 699].

«*Et homo cui se* ANAUFRAGAVERIT *suus cabalus, quamvis habeat allium, excusatur usque ad caput anno*» [pag. 637].

«*Et homine qui se* NAFRAGARET *suo adestrado*», etc. [pag. 513 e 392].

«*Et homo cui se* ANAFRAGAVERIT *suus caballus*», etc. [*Ined. Hist.*, v, pag. 372].

«*Et homine qui se* ANAFRAGARET [ANAFFRAGAVERIT ou ANAFRAGAR]

[1] Cfr. *navio (navigium), lidar* (LITIGARE), *rumiar, aliviar, liar, estria, real, leal*, etc. Nenhum está, comtudo, nas condições de *naufragare*.

[2] Os diccionarios explicam *nafrar*, com *llagar; ferir; llagar èl bast o sella a las cavalcaduras fregand en ellas; exulcerare* (Esteve Bellvitges). *Saura* traz: NAFRA = *matadura;* NAFRAR = *matar;* NAFRAT = *herido, matado;* allegando além de «*plè de nafras*» a phrase: *tocarli na* NAFRA = *Jemandes wunde Stelle berühren*».

suo adextrado», etc. [*Mon.*, 542, 427, 419, 526, 567, 581, 606, 619, 623, 625, 626, 651, 690, 701, 720, etc.].

Ou em redacção portugueza:

«*Homem que se* ANAFRAGAR *seu adestrado, ainda que aja outro, seja escusado ta a cabeça do anno*» [pag. 595], ou: «*E o homem a que se* ANAUFRAGAR *seu adestrado*» [pag. 646].

Para comprovar o valor primordial do vocabulo catalão extraio do *Tirant* alguns trechos em que se trata de cavalleiros andantes, mortal ou gravemente feridos em batalhas ou desafios, accrescentando apenas uma, do *Cancioneiro general* (castelhano), em que um poeta falla de mágoas do coração.

Tirant, II, pag. 96: «*Veureu en poca de hora tendes anar per terra e homens morts,* NAFRATS *en gran nombre*», etc. — *Ib.*, pag. 97: «*feu se posar moltes touallotes sobre* LA NAFRA *que tenia*». — *Ib.*: «*Lo gran Turch, axi* NAFRAT *com staua, mes se una cota de mallas desus*». — Pag. 99: «*de la vila cridaren alguns qui eren restats en lo camp* NAFRATS». — *Ib.*: «*si donchs no fos tan mal* NAFRAT *que no fos poscut fugir*». — Pag. 131: «*per ço com ell encara no era guarit de la* NAFRA *del cap*».

Canc. Gen., II, pag. 543:

La causa que tant ofen sen defensa
mon cors tan catiu, sotsmes a treball,
es ser namorat de qui be sensa
la fama y honor y m' NAFRA *la pensa.*

O portuguez moderno parece desconhecer *nafrar*, a não ser que algum dialecto pouco estudado, ou que a terminologia hippica o conserve. Duvidosa, indico tres vocabulos derivados que, talvez, estejam em relação com NAUFRAGUS: *náfego, náfaga* e *esnafrar*. — *Náfego* (por *náfrego?)* designa, segundo os diccionarios, o *cavallo de quadrís desiguaes*. Não será o *aleijado?* o *coxo?* o *derreado?* *ad* ARMA INUTILE? — *Náfaga (anáfaga)* é ou era a *multa que o pastor estava obrigado a pagar ao maioral em caso de mortes e perdas no rebanho:* JUS QUOD DOMINO COMPETIT IN NAUFRAGIO GANATI. Segundo Dozy-Engelmann, equivale ao arabe *nafaq* (o que é bem possivel). Em todo o caso, a formula *naufragium ganati* é significativa. — O gallego *nafrar, esnafrar* (de onde *nafrado, esnaframento, esnafradura,* que lembram com singular insistencia *navradure* e *nafredure)* quer dizer «*aplastar las narices, despachurrarlas ó estropearlas*», e podia portanto, sem grande difficuldade, ser identificado ao catalão *nafrar*. Mas o dialecto berceano possue *nefre* = *beiço, nariz* [1] *!*

[1] *Escalavrar* e fazer *escalavradura* são palavras completamente diversas. Hoje dão expressão á ideia *ferir levemente, golpear superficialmente, escoriar;* mas a principio tinham (tal qual *nafra)* significação mais energica. Miguel-Angelo, a aggredir o Papa com um bloco de marmore nas possantes mãos e ameaçando-o de que o ia *escalavrar,* certamente não tinha na mente feril-o muito de leve. *Es-cala-*

LVIII. NAVEGANTE

Os pescadores de Mattosinhos e da Povoa dão este nome ao *homarus vulgaris*, i. é: á lagosta pardo-azulada, de reflexos ruivos, guarnecida de fortes torquezes, a qual de resto vêmos e comemos tão raras vezes no norte de Portugal. E' uma bonita etymologia popular. A fórma antecedente, usada em Lisboa, é *lavagante, labagante* e *labugante* [1], de *lobagante*, como se dizia nos seculos XV e XVI [*Foral de Lisboa*, pag. 21; *Canc. de Res.*, I, 206 [2]], por *lubagante, lubegante*, como pronunciavam no sec. XIV *(Canc. da Vat.*, 1:004 [3]). E este equivale a *lubrigante*, se a etymologia que quero propôr, fôr a verdadeira, e se o gallego conservou (tambem n'este caso, como em tantos outros) fielmente uma fórma archaica, originaria. Elle diz *lombrigante* (com a mesma introducção da resonancia nazal que temos em *lombrigar*, por *lobregar, lubrigar).* Quanto á proveniencia direi apenas que reconheço em *lubrigante, lubrigar, lubregoso*, (Alf. X) e em *lubrican* (o *lob' e cão* da noite), derivados do adjectivo RUBRICUS, que, depois de empregado para caracterisar a penumbra do crepusculo matutino, passou a designar tudo quanto tinha *côres incertas e cambiantes* (furtacôres). Reservo a demonstração para outra occasião. Os nomes da lagosta pardo-azulada são, de resto, tão variaveis como a sua côr: em Castella temos *bogavante! boccadelante!* fórmas que sahiram de *lobagante*, pelo processo da etymologia popular. E em Asturias dizem até *llocántaro* e *leocántaro!*

LIX. OUSÍA

Este nome archaico da capella-mór, que S. Rosa de Viterbo derivava de ὅσιος [4], representa *ausía*, de ABSIDA (= ABSIDE ἀψίς); ou talvez *ABSIDIA (cfr. *porfia*, de *perfidia)*, se a fórma latina tinha tomado feitio realmente popular em Portugal.

LX. PARVO

Parvo = *simplorio* é PARVULUS, como se conhece pela antiga escripta *parvoo*. Outra prova está nos derivados *parvoïnho, parvoïce, parvoiçada, parvoejar, parvoalho, parvoeirão, emparvoecer* e no feminino hoje

vrar, de *calavera* = *calvaria* (port. mod. *caveira)* = *ferir na* CABEÇA, *quebrar a* CABEÇA, em sentido real e figurado *(den Kopf zerbrechen, den Schädel spalten)*, cast. *des-calabrar (descalabradura, descalabro)*; cat. *escalabornar (escalabro, escalabrament, escalabradura)*.

[1] Cfr. Baldaque da Silva, *Pescas em Portugal*, pag. 60 e 446, onde encontrarão o *retrato* d'este saboroso crustaceo. Os diccionarios dão *labugante*.

[2] Alvaro de Brito moteja d'um collega, pintando-o com *unhas braneas* (!) de minhoto, e pescoço (!) de *llobagante!*

[3] A poesia citada emprega *lubaganto* (em rima com *quanto)*.

[4] Cfr. BRANDÃO, *Mon. Lus.*, V, 17, 50, fl. 274 v. (OUSSIA de HOSIOS).

isolado *párvoa* (cfr. o archaico *diáboa*, assim como *nodoa*, *magoa*, *taboa*, *paravoa*, *regoa*, *nevoa*, *semea*). Muitas das fórmas antigas em *oo* átono foram banidas da lingua culta, sendo substituidas pelas fórmas eruditamente alatinadas, p. ex.: *musgoo* por *musculo* (por causa de *musgo* = *muscus*); *triboo* = *thuribulum*; *estimoo* = *stimulus*; *diagoo* = *diaconus*. Outras subsistiram, alliviadas de um dos dous *oo* átonos. Aos exemplos conhecidos, citados em parte por Cornu, § 263 (*povo*, *bago*, *cabido*, *artigo*, *perigo*, *diabo*, *vinco*, *brinco*), ha que accrescentar bastantes: *beco* (= VICCULUS por VICULUS?); *jugo* (= JUGULUM); *lobo* (= LUPULUS); *volvo* (= VOLVULUS); *vido* (BETULUS), no nome proprio *Fonte do Vido* (ou do *Vidoeiro*).

LXI. PÁTIO

De cada vez que as minhas ideias convergem para este vocabulo peninsular, com o vivo desejo de achar a sua etymologia, offerece-se-me de novo, e com exclusão de qualquer outro modelo, o adjectivo hypothetico *PATIDUS, de PATERE = *estar aberto*. Mas como explicar a permanencia do *t* entre vogaes? Porque é que não temos *padio* (*paido*) (cfr. *nedio*, de *nitidus*, e *pudio* (gal.) de *putidus*). Só se **patidus* deu em latim vulgar PATTUS [cfr. **mattus*, **puttus*, **nettus*], sendo o *i* perdido reintroduzido mais tarde, como em *nervio* [1], *lirio*, *cirio* [2], *estudio*, *vidrio*, *adrio* e tantos outros vulgarismos a que já me referi. Os derivados castelhanos *pat-in*, *pat-inejo*, *pat-inillo*, podiam vir directamente do supposto *pato* (=*patto*).

LXII. PAZÁDA

Nos diminutivos em *zilho*, *zinho*, o *z* é herança latina. De ahi o *z* em outros suffixos diminutivos e augmentativos (*zito*, *zarrão*, etc.). Mas o infixo em *pázada*, *mãozada*, *romanzeira*, *maçanzeira*, *cacaozeiro*, *reizeiro*, *lanzudo*, *mãozudo*, *marezia*, *galézia*, *engranzar*, *espezinhar*, *encanzinar*, e outras formações parecidas? Não creio que a epenthese seja puramente phonetica, e tenha o fim de annullar o hiato, sendo a lettra *z* escolhida por causa da analogia com os diminutivos. Não representará antes o *s* dos pluraes *mãos*, *romans*, *maçans*, *lans*, *mares*, etc.? *Pázada* p. ex. emprega-se quasi sempre no plural «ás pázadas»; e em *engranzar* a palavra primitiva foi evidentemente *grãos*.

LXIII. PEÇONHA

Potione deu *poçon*, cujo genero oscilla. No *Canc. da Vat.*, 1:112, e nas Cantigas de Alf. x, 188, temos *o poçon*; cast. *poçon* no *Alex.*, 2:010, *Conq. Ultr.*, 444, 499, 586. De *poçon* vem os verbos *poçõar* e *empoçõar*, assim como os adjectivos *peçõento*, *enpõçoado* (Alf. x, 201). Se

[1] A lingua litteraria só conhece *nervo*.
[2] Alfonso o Sabio emprega *liro* e *ciro*.

considerassemos unicamente a formação portugueza, diriamos que a difficil pronúncia do ō antes de vogal foi alliviada pelo abrandamento da resonancia nasal em *ny*, produzindo-se assim *poçonhento*, *empoçonhentar*, de onde o novo substantivo *poçonya* [Alf. x, 222, 315]; e só posteriormente *peçonha*. O gallego *visonha*, *vesonha* por *vison* teria passado pelo mesmo processo. O castelhano *pozoña* e *ponzoña*, por influencia do segundo *n*, oppõe-se, comtudo, a esta explicação [1]. — Por isso teremos que dizer *peçonha* por *poçonha*, de *poçon*, com troca de suffixos, servindo de modêlo *vergonha*, *rigonha* (= IRACUNDIA), *mençonha* (= MENTIONEA) [*Vat.*, 1:154], *besonha* [Alf. x, Cant. 7]. Cfr. gall. *legonha*, *ligonha* (= *sacho*) ao par de *legon* [lat. LIGONE] e *caloña* (= CALUMNIA).

LXIV. PIMPOLHO

Pimpolho (cast. *pimpollo*) não provém de PAMPANELLUS (Diez, II) nem de PAMPINUS (Coelho), nem de PULLULUS (*Dicc. de la Acad.*). Vejo n'elle o composto PINI-PULLUS. De rebento novo do *pinheiro* (que foi *sempre* chamado *pino* em portuguez archaico), i. é: da arvore principal das mattas portuguezas, *pimpolho* passou a denominar os renovos de todas as arvores, não excluindo a videira, e por extensão até a prole humana. No *Foro de Alfaiate* (1188 e 1230) leio: «*Qui* PINO *taiare inforquen-lo*» e ainda: «*qui* PINO *descortezare aut* PIN-POLO *taiare, pectet* IIII *morabitinos medios*». (*Port. Mon.: Leges*, 810). E Curros Henriquez, nos *Aires da miña terra*, a pag. 5: «POLA *esgallada de xigante* PINO».

LXV. PIÓ(Z)

A' fórma moderna *pióz* precedeu *pió* [pl. PIÓS; *Canc. de Res.*, II, 431] e em tempos mais antigos *peyó* ou *peyóo* [*Mon. Leges*, pag. 193: *peyoos de azor*]. A comparação com o parallelo castelhano *pihuela* e com o verbo *apiolar* (gal.) mostra que estes termos de volateria, assim como o vocabulo nautico *piola* (cast. *cabo-fino*) representam PEDIOLA, e são, portanto, um derivado de PEDE. Com relação ao genero feminino, confronte-se PEIA [de PEDICA, por meio de PEGIDA]. Ao lado de *pihuela* temos ainda, em castelhano, a variante PIGÜELA (cfr. ALDEAGÜELA, CORREGÜELA, etc.). Esta fórma passou para Portugal, via Tras-os-Montes, onde produziu por nazalisação do *i*, antes do *g*, PINGOELA, o nome de uma armadilha, ou seja laço, em que se prende caça miuda. O *z* final em PIÓZ provém do duplo plural PIÓZES, de que já tratei. (V. n.os 7 e 19).

LXVI. PRAGANA

PRAGANA, PARAGANA (com levissimo *svarabakti*), PAGRANA e ESPIGRANA designam as *barbas nas espigas de centeio e trigo*. — ESPIGRANA

[1] *Pezon*, no Poema de Alex., 134; *ponçoña*, no Poema de F. Gonzalez, 111.

por ESPIGAE-GRANA? A segunda parte lembra com insistencia o allemão *Granne, Grane = Aehrenstachel.* O primeiro *ga* seria supprimido para desfazer a apparente reduplicação.

LXVII. PRIADO

O portuguez archaico offerece algumas vezes a formula *tost' e priado* por: *de prompto, rapidamente, apressadamente.* Temos *priado* no mesmo sentido em textos castelhanos: nos cantares de *Fita,* 927; no Poema de F. Gonzalez, 563, e na Conq. Ultr., 273, 304, 344; *privado* como adverbio em *Berceo,* S. Dom., 38, S. Oria, 10; em *Fita,* 1158; no Rimado, 1:061; e no Poema do Cid, 1:051 e 1:061, e como adjectivo no Poema de Alex., 1:520 e S. Dom., 566. — Qual das duas fórmas é a primordial? Baist *(Gr. Gr.,* § 40) deriva *privado,* de *privatum.* A mudança de significação não se oppõe em absoluto: o que se faz e se diz em segredo e ás occultas, faz-se e diz-se em geral muito á pressa. E a queda do *v (b)* entre *i* e *a,* e *i* e *o* é vulgar [cfr. *estio, rio;* os adj. em *io* = IVUS [1]; *malvaisco* e *viaz;* os imperfeitos em *ia,* de *iva = ibam*]. Mas o comparativo *prius,* accrescentado do suffixo *-ado,* como em *demasiado,* de MAGIS, tambem não convinha mal. Teriamos n'este caso intercalação de *v,* como em *louvar, ouvir, gouvir, chouvir, esgrouvinhar, couve, uivar, Ovaya.* O unico inconveniente que vejo, é que todos estes exemplos são exclusivamente occidentaes, e que, mesmo entre elles, não ha um unico em que *v* annullasse o hiato entre *i* e *o.* Só de *u (o)* é que se desenvolve a semivogal *v.*

LXVIII. QUEIRÓZ

Ignoro ainda a etymologia d'este nome de familia, que é ao mesmo tempo um nome de planta. Vou comtudo, ajuntar de prevenção alguns materiaes para eu, ou outrem, os aproveitar de futuro. Os *Queiroz* chamam-se em Galliza *Quirós* [2]. A planta vulgarissima em toda a peninsula, a que no Norte de Portugal se dá o nome *queiró, quiró* ou *queiróz, cairóz,* mas tambem *teiroga,* é a ericacea *calluna vulgaris* [3]. Em Galliza temos a fórma correspondente feminina *queiroa* [4] (e *queiroga);* em Castella *quirihuela.* A fórma-typo que devemos suppôr como base commum de *queiró, queiroa* e *quirihuela,* movel como todas as fórmas em *iolus,* deve ter sido: *kariola (cariolum), kairiola*

[1] *Macio, marchio, radio, sadio, sombrio, tardio, vadio, vazio.*

[2] Lembro o poeta d'este nome, que contribuiu com algumas duzias de cantigas para o *Cancionero General.*

[3] A's vezes prestam indevidamente o mesmo nome ao *helianthemum* e a outras cistineas (que nas charnecas e bouças portuguezas crescem de mistura com as urgueiras e callunas) como ainda á *carqueja* (GENISTA TRIDENTATA).

[4] As fórmas gallegas *airoa, filhoa, aixoa,* que correspondem ás portuguezas *eiró, filhó, enxó,* já foram citadas nos artigos que dediquei a *ichó, ilhó, belhó, eiró, grijó, pió* e outras palavras do mesmo grupo.

ou *kirriola*. E' de presumir que fosse grega, como tantos outros nomes botanicos d'estas regiões. Mas onde existe? e que significava este desconhecido?

LXIX. RABANADA

Este prato popular do Natal, cuja singelissima receita manda banhar fatias de pão mollete-trigo em leite e mel, ou em vinho com canella e assucar, revesti-las (querendo) depois de pão ralado, e frita-las em seguida [igual, portanto, ao *Arme-Ritter* da Allemanha] não póde estar em relações de parentesco com *rábanos* ou *rabanetes*. A base da palavra, assim como a materia prima do prato, deve ser PANIS. A fórma gallega *rebanda* (cfr. *gando* = port. *gado* por *gaado, ganado* [1], e *manda* por *manada)* fazer-me-hia crêr que o modêlo fosse *re-pan-ata;* se a fórma *empada* por *empaada*, de *im-pan-ata*, não se oppozesse, até certo ponto, pela maneira como o *p* e o *n*, ambos intervocalicos, foram tratados. Digo até certo ponto, porque, ao par de *empada (padeiro*, etc.), o portuguez possue *panar (agua panada)*, *empanada*, *empanadilha*, e o antiquado *panaria* (celleiro de pão). Talvez houvesse influencia de *empanado* = IMPANNATUS (envolvido), em ambos ou todos aquelles termos culinarios que são semi-eruditos.

LXX. RADÍO

Este adjectivo archaico hespanhol, empregado por Berceo e Fita [2], com applicação a uma pessoa que errou o caminho e anda tresmalhada, ou tambem a uma coisa que se perdeu ou transviou, já desappareceu do uso. Em Portugal existem, comtudo, dois adjectivos diversos, correspondentes: o termo popular e pastoril *arredío*, que se refere á rez apartada do rebanho; e a fórma litteraria *erradío*, que se diz de quem vagueia ou anda vagabundo. O primeiro provém de RETRUM, que perdeu o segundo *r* (por dissimilação) em todos os derivados *(arredar, arredor, redomoinho)*, apparece quasi sempre acompanhado do prefixo A(D), e mudou algumas vezes o *e*, quando átono, em *a*, pelo contacto com *rr*, (como em *der*RAD*eiro)*. Representa, portanto, um hypothetico: AD-RETR-IVUS. O segundo é evidentemente ERRATIVUS. — Quanto a *radío*, póde ser uma e outra coisa. E se a fórma *arradio* existisse, como intermédia entre *arredio* e *radio*, não haveria inconveniente algum em considerarmos todas as tres como reproducções do mesmo modêlo *errativus*, visto que *errar* apparece muitas vezes na variante *arrar* [3].

[1] O castelhano chama-as *albardadas;* e esta denominação tem curso tambem em Portugal.

[2] Berceo, Mil. 884: «*anduban* EN RADÍO *los que por mal nacieron*»; *ib.*: «230 *judguesti lo por bestia e por cosa* RADÍA» — Fita, 962: «*la carrera has errado et andas como* RADÍO»; *ib*, 963: «RADÍO *ando, serrana, en esta grand espessura*».

[3] O grande Albuquerque escrevia sempre *arrar*.

LXXI. REMATE

Ha nas terras de Hespanha um processo singelo e muito popular de reforçar o sentido de qualquer palavra de funcções relativamente independentes (substantivos, verbos, adjectivos e adverbios) sem lhes modificar coisa alguma da sua significação: é ajuntar-lhe o prefixo *re*. *Não e renão (= nein und abernein)! sim e resim! soy tuyo e retuyo! está bem e rebem! bueno e rebueno! meu senhor e resenhor! picaro e repicaro (= Schelm und Erzschelm)! maldigo-te e remaldigo-te*, são expressões que, em linguagem familiar, se empregaram antigamente innumeras vezes, quasi sempre em estylo jocoserio ou comicamente emphatico. E o verdadeiro povo ainda hoje não deixou de as utilizar e de crear modismos semelhantes. Posso fornecer as provas escriptas de varias duzias de formulas d'este genero, recolhidas nos autos de Gil Vicente, Prestes, Simão Machado e mesmo em Camões (que diz *vosso e revosso)*, assim como nas eglogas de Juan del Encina, Lucas Fernandez e o proprio Calderon [1]. Eis uma amostra de adjectivos: *re-bueno, re-malo, re-prieto, re-farto (re-harto), re-tanto, re-melhor (re-mejor), re-crú, re-cheio (re-lleno), re-llano, re-louco, re-bonito, re-limpio, re-agudo, re-picado, re-quebrado, re-contente, re-vosso, re-seco, re-peor;* alguns tempos verbaes como *dado e redado, viva e reviva!* (Calderon: *Hoch und abermals hoch!), re-pregunto, re-coze, re-merito, re-maldigo, re-mantenga, quero y re-quiero, re-miro, re-mando, re-passo;* uns poucos de substantivos: *re-senhor, re-lume, re-folho, re-brilho, re-traque, re-panella, peras y re-peras! cuerno y re-cuerno! celos y re-celos! ñules y re-ñules!;* e os adverbios: *re-mucho, re-bien* [2]. Dos numerosissimos casos em que o prefixo *re* se ligou indissoluvelmente ao corpo das palavras, communicando lhes uma significação divergente, não ha necessidade de fallar aqui [3]. Mais vale mostrar quão vivaz era este processo de formação, mencionando que ainda havia um terceiro grau, um superlativo de reforço, expresso pela duplicação de *re;* i. é: por *ar re* ou pelo prefixo *tres, tre* (= TER?, TRES?, TRANS? [4]). Podia-se dizer: *nego, renego, arrenego; gosto, regosto, arregosto; atar, reatar, arreatar; jurar, rejurar, tresjurar; suar, resuar, tressuar; louco, relouco, treslouco; lêr, relêr, treslêr; panno, repanno, trespanno*. E como o povo meridional

[1] Ha exemplos nas *Obras* de Gil Vicente, I, 40, 52, 82, 84 e 226; II, 76, 169, 257 e 356; III, 8 e 224; em Prestes, pag. 185, 201, 310, 323 e 457; em Encina, 9, 70, 76, 128, 129, 130 e 161; na *Picara Justina*, 46, 72, 115 e 206; na *Sotileza* de Pereda (para citar um moderno) e em muitos outros escriptores.

[2] O andaluz, que é amigo de multiplicar os effeitos, diz: *bien! rebien! retebien! requetebien!*

[3] N'este caso estão *requebrado, repassar, repicado, recozido, receio, requerer* e *recheio*, que são diversos do meu *re-cheio, re-quero*, etc.

[4] No primeiro periodo da lingua portugueza o adverbio *per* era preposicional e separavel como *re*, e fazia o mesmo serviço, fortalecendo e augmentando o sentido das palavras. Ha profusão de exemplos no *Cancioneiro da Vaticana*.

gosta em geral das fórmas emphaticas, as compostas substituiam em muitos casos as fórmas simples que se perderam, como em *recadar, arrecadar* [1]; *remessar, arremessar* (de MISSUS, part. perf. de MITTERE); *remansar, arremansar; rebitar, arrebitar; tresvairado,* etc.

Pois bem: eu penso que *remate* (= fim, final) pertence aos termos reforçados com *re*. Mas não o considero como substantivo verbal, tirado de um verbo *rematar = acabar, terminar, pôr termo e fim;* e muito menos vejo n'este verbo o *re + matar* (= MACTARE); i. é: MATAR pela segunda vez, ou MATAR completamente [2]. Na minha opinião *remate* é *re + mate,* o adjectivo arabe *mate,* que significa tambem morto ou matado, mas que o povo portuguez não empregava n'este seu primeiro sentido porque o conhecia sómente do jogo de xadrez. Da formula *mate! remate!* (= *matt! schachmatt*) chegou-se primeiro a phrases como *dar remate* [3]; e só posteriormente derivou-se d'aquelle termo, considerado como substantivo, um verbo *rematar* e *arrematar.*

LXXII. RESMUNGAR

A fórma antiquada *remusgar (Canc. Col. Br.,* n.º 1:536), que o re-vulgo emprega ainda, auctoriza-nos a considerar *resmungar* como metathese de RE-MUSS-ICARE (ital. *rimucchiare)* por RE-MUSS-ITARE (cast. *musitar),* com mudança de suffixo, acceitando a explicação de Coelho *(Manual)* e de Cornu *(Gr. Gr.,* §§ 151 e 232).—Do mesmo modo teremos que explicar *resmonear* (de onde *resmoninhar,* com a vulgarissima introducção ecchoativa de *nh* depois de *ni)* por *re-mussi-nare.* E *rosmar* (gal. *rosmear)* (Gil Vic., III, 73), de onde *rusminhar?* Por *nusmar,* de *musnar = mussinare?* Duvido, e muito.

LXXIII. REVULGO

Esta expressão castelhana não provém de *republicus,* como é costume asseverar, nem tampouco de *dominus vulgus* (!), como se lê em Ticknor e alhures. *Revulgo* é *re-vulgo,* o archi-vulgo, *der Erz-Pöbel,* tão vigorosamente caracterizado na pessoa do pastor Domingo ou Mingo pelo auctor da velha egloga satyrica, o qual talvez fosse o primeiro inventor do termo.

[1] *Cadar* existia ainda em principios do sec. XVI. Veja-se *Canc.* de Res., III, pag. 473: «*nam tem cabo a gram fama que* CADAYS».

[2] O povo póde ter dito alguma vez: «*matei e rematei!*», como diz «*está morto e remorto!*». Mas um enfraquecimento da palavra *matar = tirar a vida, causar a morte,* de modo a significar apenas *terminar, acabar,* parece-me inaudito.

[3] *Remate* é, portanto, o representante popular do termo culto: *xequemate.*

LXXIV. SARDA

As manchas pequeninas, mas nada bonitas, de côr amarellada, que se desenvolvem tantas vezes no verão na testa e nas faces das pessoas louras, de tez muito branca, e que desapparecem mais ou menos durante o inverno, são consideradas pela maioria (quer com razão, quer sem ella) como filhas dos bagos de suor que serviram de foco aos raios do sol *(Sommer-sprossen)*. Serão *suardas?* i. é: formadas da raiz SU(D-, que temos em *suar, suor*, etc., e do pouco usado suffixo *ardo, arda?* Cfr. *javardo, felizardo, gabinardo.* — *A* por *uá*, como em *consante*, de *consuante = consonante; calha-leite* por *cualha* (COAGULA) = *e leite; catro*, de *quatro; canto*, de *quanto*, em *canté; calheira*, de *coalheira* (1.º estomago dos ruminantes), *cartilho, catorze;* gal. *sarego* por *suarego = solarego (pedra do lumiar;* allemão *Schwelle* [1]).

LXXV. SINCEIRO

Sinceiro é o nome de uma especie de *salgueiro*, arvore profusamente espalhada por todas aquellas regiões de Portugal em que a agua abunda, mas muito vulgar principalmente nas ribeiras do Mondego, cujos decantados *sinceiraes* fornecem a materia prima para os palitos lisos de Coimbra e Lorvão, e os floreados de Penacova. Miguel de Leitão de Andrada, o muito phantasioso auctor da *Miscellanea*, deriva o nome da arvore, do rio *Zezere (Ozezar = Ozecarus* [2]). Escusado dizer que esta etymologia é absurda. O *sinceiro (cinceiro e zenzeiro)* era antigamente um *seiseiro*, ou mais correctamente um *seiceiro* [3], cujo thema *seice*, o latim *sal'ce* por *salice*, é identico ao thema de *salgueiro*. *Salgueiro* representa SAL'CARIUS (gal. *salguera*, astur. *salgar)*. Os provincialismos *salga* e *sarga* entroncam em *sal'ca*, como *pulga* em *pul'ca*. SAL'CE deu em castelhano *salce* (de onde *salcedo, sal-*

[1] Não cito *macho* (= muar), de *muacho*, porque esta etymologia não teve o assentimento dos entendidos; ignoro porquê; talvez porque lhes repugne imaginar que tres palavras *masculus, marculus* e *mulacho*, convergissem.

[2] Apparentemente a etymologia de Leitão é boa, visto que elle chama ao rio *Zensere*, e á arvore *Zenzereiro*. Mas esta ultima fórma, que ainda não encontrei em outra parte, e que talvez fosse forjada *ad hoc*, seria, no caso melhor, apenas uma transformação *local* de *seiceiro*, inventada inconscientemente para approximá-lo de Zezere. V. *Misc. Dial.*, I, pag. 8 e 9 da edição de 1867: «*e por entre ella (a madresilva) o zenzereiro louro, e a murta*» e: «*e o notavel zenzereiro, arvore a quem o rio deu o nome por se criar sómente nelle grande e copado*».

[3] Encontro SEISEIRO n'um documento de 1361 (Gabriel Pereira, *Doc. Ebor.*, pag. 58), onde diz: «*talham os freixeiros* e SEISEIROS *das ribeiras e as outras arvores*»; CEJCEIRO nos versos de Ferreira, *Egl.*, III, 7: «*ao pé de hum grã* CEYCEIRO *rodeava o gado de Castaleo e de Serrano*»; e no *Palmeirim* de Moraes, II, cap. 64: «*as aguas delle estavam á sombra de uns* CEICEIROS *verdes de que o tanque se cercava*»; CINCEIRO na *Insulana* de Manuel Thomas, IV, 22: «*tecidão mil enredos os* CINCEIROS *abraçando os vinhategos compridos*»; e **sinceiro* na *Eufrosina* de J. F. de Vasconcellos *(Prol*, pag. 12): «á sombra dos verdes *sincerais do Mondego*».

ceda), e por vocalização do *l* consoante: *sauze* (de onde *saucera*, *sauzal*, *saucedal)*, e secundariamente *saz* (cfr. *calce*, *cauce*, *caz*, de CAL'CE). Em portuguez *salce*, que vive nos nomes de lugar *Salzedas* (de onde *Sarzedas* e *Sarzedo)*, produziu *saice*, e em ultimo logar *seice*. *Ai* de *al* consoante como em *Saimão*, de *Sal'mão*, em *sino-saimão* (que expliquei mal na *Miscellanea)*. *Ei* de *ai*, como em *meigo* (MAGICUS), *eido* (ADITUS), *treidor* (TRADITOR). De *seice* [1], que não subsiste, derivaram *seiceiro*, por meio da terminação *eiro* (ARIUS), que encontramos em quasi todos os nomes de arvores portuguezas: *freixeiro* ao par de *freixo* [2]; *sobreiro*, de *sovaro* = SUBER; *sabugueiro*, de SAMBUCUS; *loureiro*, de LAURUS; *azinheiro*, de *azinho* = ILICINUS; *bidoeiro*, de *bidoo*, *bido* = BETULUS; *vimeiro*, de *vime (vimine)*. A troca de *s* e *c* não tem nada de estranhavel, visto que a velha distincção entre os dois sons se obliterou em quasi todas as provincias portuguezas [3].

LXXVI. SOSSEGAR

W. Meyer Lübke duvida da minha etymologia *(* sessicare)*, por causa da conservação do *i* átono [4]. — O verbo e o substantivo verbal *sessego*, *sossego*, estão, comtudo, nas mesmas condições como *emprego*, *carrego*, *repollego*, *trasfego*, *apolego*, *entrego*, *escorrego*, *espernego*, *estortego*, *fumego*, *navego*, *verdego*, *lostrego* (gal.), *castego* (port. arch. nos *Ined.* de Boav., III, pag. 100); *semeio*, *tempero*, *arremedo*, *hospedo* e outros. — Confira-se tambem *mossegar* (variante de *morsegar)* = MORSICARE.

LXXVII. TEPEZ

Os diccionarios classificam *tepêz* como adjectivo, traduzindo-o por: «*contumaz*, *teimoso*». A meu vêr *tepêz* é o resto de uma formula bastante vulgar, repetida durante sete seculos tanto a miude, até que se tornou proverbial. Um homem *tepêz* é o cabeçudo que nunca se digna acceder aos desejos dos outros, mas responde cada vez que lhe pedem de não fazer isso ou aquilloutro: «*fazêl-lo-hei*, *mal que* TE PÊZ ou *ém que* TE PÊZ».

[1] Se não fosse regra preferirmos sempre uma fórma romanica commum, ou pelo menos hispanica, a outra meramente luso-romana, *seice* podia ser explicado pela queda do *l* intervocalico. Cfr. *saiva*, de SALIVA *(Vat.*, 1:071); *maiça*, de MALITIA; *seir*, de *sair*, de SALIRE *(Vat.*, 561).

[2] *Freixieiro* vem directamente de *FRAXINARIUS, como *vimieiro*, de *VIMINARIUS.

[3] Esta etymologia já está no bello estudo de Cornu (§§ 161 a 270) e no Supplemento ao *Manual* de Coelho. Mas como ambos não podiam allegar as provas historicas, as minhas explicações ainda não são intempestivas.

[4] *Zschr.*, XI, pag. 270.

LXXVIII. TOIRÃO

O portuguez chama ao furão bravo *toirão* ou *tourão*, como que aquelle animalzinho inquieto e feroz fosse um *touro* de grande bravura (TAURUS, conforme Coelho assenta no *Manual*). Já em 1253 este nome existia. A pauta impressa nos *Monumentos Historicos (Leges*, pag. 193) falla do *tourom*. Tenho, comtudo, razões para pensar que a fórma originaria, ainda não influenciada pela etymologia popular, fosse *tuiro, turo*, e que o alargamento por meio do augmentativo *om* teve apenas o fim de o fazer rimar com *furom* [1], o nome usual do tourão domesticado [2]. *Turo, tuiro*, parece-me ser um reflexo do adjectivo PUTORIUS, que era inseparavel do nome latino do *Frettwiesel* ou *Stinktierchen*. Em *furom* [*p*]*tuiro* ou *toiro*, temos, portanto, se a minha ideia fôr acertada, a nada rara queda de uma syllaba protonica (que, com pouco acerto, costumamos chamar apherese). *U* por *ui*, como em *abutre*, de *abuitre*, VULTUR; *ventura*, de *ventuira; chuva*, de *chuiva; munha*, de *muinha; pude*, de *puide* (POTUI); *punha*, de *puinha (pũia); cume*, de *cuime;* gal. *runa*, de *ruina*, etc.

LXXIX. TOSCANEJAR

Toscanejar é um termo metaphorico, por meio do qual o povo graceja, rindo do dorminhoco que quando devia conservar-se acordado, está a cabecear e cahir com somno, abrindo (muito pouco) e fechando a miude os olhos, como se fossem um par de tesouras de tosquiar. Um poeta do *Canc.* C. Br., n.º 1:539, já dizia no seculo XIII ou XIV: «*e tosquiavam estes olhos meus*». — Penso que *toscanejar* é uma contaminação dos verbos *tosquiar* e de *pestanejar*, que ambos tinham a mesma significação.

LXXX. TRANS

O povo portuguez aborrece todas as syllabas «pesadonhas» e «enfadonhas», em que a vogal é circumdada de quatro consoantes. Aos analphabetos custa immenso pronunciar p. ex. o prefixo *trans*. A regra é alliviarem-no, supprimindo o *n* e pronunciando *tras* ou *tres (trasferir*,

[1] Em castelhano temos tambem *turones* e *furones (Prosas*, pag. 248). *Furão* (fem. *furoa)*, antigamente *furon, foron*, cast. moderno *huron*, do lat. FURONE, que Isidoro de Sevilha menciona. Em portuguez *toirão* designa em sentido metaphorico depreciativamente uma criança turbulenta e traquina, assim como *furão* se emprega de uma pessoa entremettida e curiosa.

[2] O *furão* serve ainda hoje na caça dos coelhos bravos, em cujas luras entra, sahindo do pequenino cacifre de cortiça (em que o caçador o costuma levar), para com os seus formidaveis dentinhos de roedor obrigar os laparos a sahir. Alfonso X refere-se na Cantiga 354 a este antiquissimo uso, designando, de resto, o furão com o seu nome gallego [DONAZINHA = *pequena mulher;* allemão *Frauchen*]. E diz: «*hũa bestiola a que chaman donezynna os galegos ... et tirava con ela aves das covas*».

traspôr). Mas mesmo este *tras* e *tres* não é do agrado de todas as boccas. Ha outro meio engenhoso de se desembaraçarem do importuno: a transferencia do *s* para a frente [*stra*, *stre*], que geralmente accrescentado de um *e* surdo dá: *estra*.—Eis os meus exemplos. Os que veem de Tras-os-Montes dizem, por via de regra, que são *estramontanos;* lembram-se com saudade do lar paterno com o seu *estrafogueiro* ou *estrafegueiro (=tras-fogu-eiro)*, e sentem-se como *estramalhados (tresmalhados)*, *estraviados (transviados)*, ou *estremudados (transmudados)*. As lavadeiras de Paranhos usam de *estrepasso* por *trespasso (=rebuço)*, e de *estraparente* (por *transparente)*. Na mesma categoria entram: *estravasar (=transvasar); estrabordar (=transbordar); estrelêr (=tresler); estranoitar* por *estrenoitar*, usado por Camillo, *estrugeitante* por *estregeitante*, de *trasgeito* [1]; *estruquiar* por *trusquiar*, que recolhi em Vizella; *escrimar* por *crismar* (que é de Penafiel); *espamado* por *pasmado;* e o gallego *esbabacar* por *embasbacar*. Até certo ponto tambem *esmol(n)a* por *elmosna*—talvez a primeira entre estas fórmas que alcançou fóros de litteraria [2].

O sensivel contraste entre as fórmas pronunciadas pelo vulgo e as que a gente «fina» emprega, produz, todavia, uma singular confusão, impulsionando alguns semi-doctos a introduzirem *tras* e *tres* erroneamente em palavras a que tal syllaba não pertence. Assim é que nasceram *trastagema* por *estratagema; trastega* por *estratega; trasvagante* por *extravagante*, e até *tresnado* por *estrenado (estreado)* (de STREN[N]A) em Galliza.

LXXXI. TREY, TREYDE[S]

Nas suas interessantes observações a respeito da morphologia complexa de TRAHERE, Leite de Vasconcellos não se refere ás fórmas archaicas que servem de epigraphe a este artigo [3]. O imperativo *trey* (com accento no *é)* por *tray* (cast. *trae)* representa evidentemente TRAHI como *tréyde*[s], TRAHITE, TRAHITIS. Diez *(Hofpoesie*, pag. 134) e Monaci *(Cant. Ant. Port.*, pag. 29) inferiram d'aquellas duas fórmas um falso infinitivo *treyr*, que nunca existiu. O que é notavel, é o sentido que se ligava áquelles imperativos, porque equivalem a *vem* e *vinde* [4]. Julgo que é preciso partir da fórma reflexiva: *treyde-vos = trazei-vos a vós mesmos*, que occorre duas vezes no *Canc. da Vaticana*.

1 *Trasgeitos* (TRANS + JACTUS) por *esgares e caretas*, occorre nas Cantigas 77 e 78 de D. Alfonso X; *tregeitos* nos *Documentos Eborenses*, pag. 150 e 189. Resende emprega na *Miscellanea* e na *Chronica* (pag. 347) a fórma *tresectadores (=tregeitadores)*, para designar, não como de costume, uns «pultriqueiros» *(=pelotiqueiros)* mas «esgrimidores». *Estrugeitante* é dos *Contos populares* de Coelho (n.º 15).

2 Não sei explicar satisfactoriamente *estremunhar* e *estrebuxar*.

3 *Rev. Lus.*, II, 269 e 349.

4 *Bring dich selber! komm! eile dich!*

1) *Canc. Vat.*, n.° 173, 13-15:
Selad' o bayoninho — valha deus!
TREYDE-VOS, *ay amigo*
e guisade d'andar!

2) *Ib.*, n.° 751, 7, 15 e 23:
E depoys TREYDES-VOS *migo*
meu amigo demandar.
Th. Braga escreve: *terey de lo veer comigo (!).*
3) *Ib.*, 266, 5, 11 e 17: TREYDE-LO *veer comigo,*
Irmãa, o meu amigo.
4) *Ib.*, 343, 1: TREYDES *todas, ay amigas, comigo*
Veer hum home muyto namorado!
5) *Ib.*, 878, 1: TREYDES, *ay mha madr', em romaria*
Ora hu chamam Sancta-Cecilia.
6) *Ib.*, 878, 6: *E* TREYDES *migo, madre, de grado.*
7) *Ib.*, 886, 1 e 6: *Mha irmana fermosa,*
TREYDES *migo*
a la igreja de Vigo.

Mha irmana fremosa,
TREYDES *de grado*
a la igreja de Vigo.
8) *Ib.*, 888, 1, 5, 7 e 10: *Quantas sabedes amar amigo*
TREYDES *comigu' a lo mar de Vigo.*
9) *Ib.*, 891, 1: *Quer' ir a Sancta Maria de Leça*
e irmanas, TREYDES *comigo!*
10) *Ib.*, 1:062, 8: *Et por deus amigo* TREY-NOS. (em rima com *figos çofeinos).*

Nas cantigas de Santa Maria só encontrei uma vez TREYDES (n.° 216), e uma vez TREY (n.° 325). — No castelhano archaico posso apontar apenas o TRED do *Poema del Cid. (Amos* TRED *al Campeador contado).* — Cornu registrou *trey, treydes,* no § 323 da sua *Grammatica,* s. v. *trazer.*

LXXXII. VADÍO

Eu separo *vadío (vadiar, vadiagem, vadiação, vadiice)* de *baladi(o), valadi(o),* derivando o primeiro (com Coelho e Schuchardt [1]) de VAGATIVUS, e só o segundo do arabe: *baladí. Vadío* já existia na fórma *vaadío,* e com a significação hodierna de *vagabundo, erradío,* no primeiro periodo da lingua [2], emquanto *valadio,* que hoje parece morto,

[1] *Zeitschrift,* XIII, 525. — Cornu (§§ 131 e 255) adoptou a derivação de Gonçalves Vianna, que se pronunciára a favor do étymon arabe.
[2] Tenho a certeza de o ter lido nos *Monumentos;* mas não encontram os respectivos trechos.

ainda vivia no seculo XVIII *inalterado*, sem perda do seu *l*. O poeta Garção exclama, p. ex.: «*Mas de poeta, amigo, só me resta De* VALADIO *o texto, a vinha calva, Desastres e miserias, filhos rotos*» [1].

LI. MARMAR

Postscriptum de 5. VII. 94.

Noto um lapso singular na minha interpretação de *marmar*. Quem de uma arroba de ferro fabrica duas enxadas, de 9 arrateis e meio cada uma, fica ainda com 13 arrateis, que *crescem* ou *sobejam*. *Marmar* é portanto o opposto de *mingar*. Teria graça se, estando por *masmar*, a palavra representasse MAXIMARE fallando n'este caso a favor de MINIMARE como etymon de *mingar*. Cfr. *cirne, cisne; churma, chusma; gorm-, gosm-; garg-, gasg-;* e *marm(anjo), masm(arro)*.

Porto, Janeiro de 1894.

CAROLINA MICHAËLIS DE VASCONCELLOS.

BIBLIOGRAPHIA

Cancioneiro de musicas populares para canto e piano, por Cesar das Neves & Gualdino de Campos. Porto, 1893-1894. (Em publicação. Sae em fasciculos).

Já em 1872 Neves e Mello publicou como ensaio um livro de *Musicas e canções populares*. Depois d'essa data não me consta que se tenha publicado mais nenhuma obras do mesmo assumpto; apenas sei que o Sr. Pedro Fernandes Thomás está preparando um trabalho analogo á cêrca da Beira. A ideia dos Srs. Cesar das Neves e Gualdino de Campos é muito boa, pois na nossa litteratura, onde ha tantos trabalhos sobre poesia popular, sente-se ainda a falta de abundante collecção das musicas genuinamente populares, que por toda a parte, nas aldeias, como nas cidades, nas lidas agricolas, como nas occupações caseiras, acompanhão sempre a cantiga, a xacara, a rima.

Não possuo conhecimentos technicos para poder apreciar a parte musical d'esta obra; limito-me, pois, no que vou dizer, á parte puramente litteraria.

O trabalho abre com uma introducção do Sr. Theophilo Braga, onde este A. reune várias noticias interessantes da antiga musica portuguesa. Algumas observações meudas lhe podia eu porém fazer.

Com relação aos textos poeticos coordenados pelo Sr. Gualdino de Campos, devo manifestar muitas reservas. Este auctor não conhece sufficientemente a poe-

[1] Ignoro o que seja *telha valadia*.

sia popular, nem tem educação ethnologica; por taes motivos, em meio de cantigas genuinas, introduz quadras que não são do povo, por exemplo a pg. 23:

Como esta fogueira abrasa
A minha alcachofra benta,
Assim ao meu bem abrase
A chamma do amor violenta.

A pg. 27 tambem a seguinte não é popular:

Ao ver na areia as pégadas
Que tu deixaste ao passar,
Tive ciumes da onda
Que á praia as veio beijar.

E a pg. 29 esta está no mesmo caso:

Vamos seguindo
Por esses campos fóra,
Que a manhã vae rindo
Nos labios da aurora.

A pg. 19 ha tambem quadras, que, com quanto baseadas em superstições do S. João, me não parecem populares. O mesmo podia dizer de outras mais.

Alem d'estes apocryphos que apparecem subrepticiamente por entre o texto do povo, o Sr. Campos publíca muitas poesias que elle proprio confessa que não são tradicionaes antigas, e de que até ás vezes indica os verdadeiros auctores, como a pg. 31, Miguel Antonio de Barros; a pg. 35, Camillo Castello Branco; a pg. 80, Castilho; a pg. 183, elle mesmo, Gualdino de Campos, e outro! Nenhuma das poesias que vem a pg. 87, 123, 129, 136, 139, 143, 148, 151, 152, 160, 162, 168, 173, 178, 184, etc., é popular. Algumas são até muito conhecidas, como *O Noivado do sepulcro, A Judia, O exilio* de Gonçalves Dias! Só por absoluta falta de criterio se poderião ter incluido estas poesias numa collecção como a de que se trata.

O fasciculo 2.°, pg. 17, abre mesmo com uma poesia, com um titulo hespanhol: *oh que salero* (!). Numa nota a essa poesia transcrevem os collectores as seguintes palavras do Sr. Consiglieri Pedroso para justificarem o haverem deixado ficar certos estrangeirismos: «Quando se trata de composições anonymas e collectivas de um povo, a genuinidade é o primeiro requisito a attender-se». Assim é, e assim faço tambem nas minhas colheitas, mas é quando se trata de elementos antigos e que já se generalizárão e tornárão populares, e não de factos modernos, esporadicos, e sem cunho nenhum popular: effectivamente ha elementos *populares* e *popularizados*. Que importa que uns versos de Soares de Passos ou de Thomás Ribeiro se vulgarizassem no povo? Ficão, por ventura, por isso populares? Uma poesia só se torna popular quando o povo a considera como sua, isto é, vê nella impressos os seus proprios pensamentos e sentimentos, numa linguagem tambem sua, que elle entende perfeitamente, e até ás vezes vae modificando conforme o gôsto individual, a tendencia local, a variabilidade da ideia, e a adaptação aos diversos usos e costumes: de maneira que, ao lermos e analysarmos essa poesia, achemos nella um documento fiel da alma popular.

A pg. 152 ha mesmo uma poesia com versos hespanhoes! Sem dúvida nas nossas xacaras encôntrão-se ás vezes palavras hespanholas, sobre tudo nas xacaras raianas, mas isso tem uma significação historica, de que já fallei no meu *Romanceiro*, e que aqui esta não tem.

No fim das páginas os collectores põem ás vezes notas, umas a respeito das danças, outras com considerações litterarias ou historicas. Aquellas são curiosas; estas não se recommendão muito. Ha lá observações como a seguinte: a pg. 19 diz-se que do facto de a poesia *O lavrador da arada* ter o estribilho *Ai Jesus* vem provavelmente «o idiotismo portuguez» (sic) *é o seu ai Jesus* (!).

A pg. 69 dá-se o nome de *ballada* a uma serie de quadras; mas aquella denominação não existe na nossa poesia popular, e alem d'isso taes quadras, se não são todas apocryphas, são-no em parte.

A pg. 70 diz-se que a musica de *S. Martinho* é de José Doria, e a lettra de Palmeirim: se nem uma nem outra são populares, para que as colligirão aqui? A mesma pergunta se póde fazer a respeito de outras mais peças.

A obra dos Srs. Cesar das Neves e Gualdino de Campos tem por conseguinte

muitos defeitos; ainda que obedece a uma ideia boa, todavia esta foi mal posta em pratica. O *Cancioneiro* fica sendo um trabalho de pura curiosidade, embora com alguns factos que se podem aproveitar, como, me parece, *A Noite de Natal*, *As Janeiras*, etc., no emtanto sem valor scientifico e sem o alcance que devia ter, e que, pelas razões que dei no principio d'este artigo, se esperava que tivesse.

No nosso país ha musicas verdadeiramente populares e caracteristicas, como são os *Reis* da Beira e do Minho, as xacaras trasmontanas, o *S. João* do Alemtejo, as *modas* das festas, dos serões e dos diversos trabalhos agricolas, as *cantigas* do berço, os *terços* da Beira-Alta, etc. Colha-se isto com todo o criterio e exactidão, acompanhado da lettra correspondente, e ter-se·ha produzido uma obra esthetica e ethnologica.

E' facillimo colligir cantigas; mas para o trabalho de coordenação e apreciação, de modo que ellas adquirão importancia scientifica, litteraria ou artistica, não basta fazer o que fez o Sr. Gualdino de Campos: é preciso mais alguma cousa do que saber escrever a lapis numa carteira o que qualquer matrona diz ou canta [1].

J. L. DE V.

PORTUGAL NO ESTRANGEIRO:

Em um relatorio apresentado pelo Professor da escola superior de letras em Argel, o snr. Renato Basset, ao Congresso dos Orientalistas realizado em Londres no anno de 1891, e que, comquanto publicado em 1892, só muito recentemente foi distribuido, com outros mais, como complemento, ao que parece, das valiosas memorias que ali foram lidas, vemos que com muito encarecimento se menciona Portugal, como sendo a nação que, conjunctamente com a França, mais se avantaja actualmente nos estudos ethiópicos.

O relatorio é redigido em francês. De entre outras palavras que nos são gratas, citaremos as seguintes, que veem após a menção de trabalhos portugueses neste ramo, desde o seculo XVII:

«Ao snr. Esteves Pereira, que restaurou, ou melhor, criou os estudos ethiópicos em Portugal, devemos a edição, acompanhada de traducção e commentario, da chronica de Minás...... Em appendice acrescenta a versão portuguesa dos annaes de Minás, tirada da obra inedita do P. Almeida. A occupação de Maçuá pela Italia dá particular interêsse a um excellente artigo pelo snr. Pereira publicado, acêrca d'esta cidade, na «Revista das Sciencias Militares (Junho, 1889)».

Como se vê, Portugal e a França occupam logar preponderante na execução do plano que indiquei ao começar esta exposição».

O plano a que allude o douto professor consiste em se contribuir pouco a pouco para preencher um quadro, em que estejam comprehendidos os differentes trechos historicos que hão de formar a serie dos annaes da Ethiopia desde o seculo XII até os nossos dias.

GONÇALVES VIANNA.

---

[1] No momento em que escrevo este artigo estão publicados 15 fasciculos da obra analysada. E' pois só a elles que a minha critica se refere.

MUSEU ETHNOGRAPHICO PORTUGUÊS

«Só a educação de todas as classes póde ter o nome de nacional, e só com a educação nacional completa apertaremos nas nossas mãos a arma que nos fará fortes, que nos fará respeitados, porque não ha para as victorias senão o saber.

. . . .

Mal das sociedades que ignoram a sua estirpe, e não dão valor ao patrimonio grangeado pelos seus maiores!»

Dr. Bernardino Machado, *Affirmações Públicas*, Coimbra, 1888, 170 e 348.

Por iniciativa de um honrado e intelligente Ministro, dedicado ao bem do seu país, e a quem a instrucção pública mereceu sempre especial affecto, e é devedora de muitos serviços, levou-se a effeito a fundação de uma instituição nacional, que faltava ainda entre nós, apezar de para ella existírem numerosissimos elementos dispersos.

Refiro-me ao Museu Ethnographico Português, criado pelo Sr. Dr. Bernardino Machado, quando Ministro das Obras Públicas.

Tem a data de 20 de Dezembro de 1893 o respectivo Decreto, publicado no *Diario do Governo* n.º 290 de 22 do mesmo mês e anno.

Além dos motivos geraes que apontei a cima, pelos quaes o Sr. Dr. Bernardino Machado se empenhou na execução d'esta obra meritoria e importantissima, outros pesárão especialmente tambem no seu ânimo, porque S. Ex.ª é lente cathedratico de Anthropologia na nossa Universidade, e como tal interessa-se pelos assumptos da Ethnographia, sciencia que está intimamente relacionada com aquell'outra.

Como diz o Decreto, o novo Museu é destinado a representar a parte material da vida do povo português, — isto é, tudo o que a esse respeito ethnicamente nos caracteriza. Divide-se por ora em duas secções: uma, de *archeologia*, comprehendendo monumentos desde os tempos prehistoricos até o seculo XVIII; outra, *moderna*.

*

A importancia de um Museu em taes condições não se póde de modo algum negar.

Naturalmente, quando se conhece melhor uma cousa, ha mais razão para a apreciar. Em geral o nosso povo, principalmente o das cidades maiores, tem o sentimento bastante desnacionalizado: isto em parte resulta de se conhecer mal a vida do país. As grandes exposi-

ções nacionaes contribuem para attenuar o mal; mas um museu ethnographico, pela sua acção permanente, influe muito mais. Um povo que ignora a sua história, e os elementos de toda a ordem que o constituem, não póde ter ideal. E um povo sem ideal é como se estivesse morto.

O desconhecimento do país, e por tanto a falta de consciencia nacional, faz que os artistas se inspirem nas ideias estrangeiras, no theatro se representem obras traduzidas e com cunho anti-português, os romances sejão por vezes productos hybridos, a linguagem frequentemente uma aravia, como se observa todos os dias nos jornaes, não se oução nas festas públicas as nossas musicas populares, nem nos proprios divertimentos do Entrudo entrem os nossos typos caracteristicos, como antigamente succedia; faz finalmente que todos prefirão sempre ao que é nosso o que vem de fóra, mesmo quando este não é melhor. Já Simão Machado *(Comedias,* 1631, fls. 72 v.), disse com verdade, ainda que não com tanta como hoje se poderia dizer:

Em fim que por natureza,
Ou costellação do clima,
Esta nação portuguesa
O nada estrangeiro estima,
O muito dos seus despresa.

Um museu, pois, ethnographico, ainda que para mais não sirva, serve para educar o público, levando-o a conhecer e a amar a patria. — Felizmente, ha certo tempo para cá, sobretudo depois dos successivos acontecimentos internacionaes e internos que nos têm affligido, começa a manifestar-se certa revivencia no sentimento patriotico, na arte, como na industria. Oxalá que elle não afrouxe!

A pedagogia tem num museu boa fonte de *lições de cousas* para as crianças, ao mesmo tempo que estas vão a pouco e pouco recebendo no ânimo o sentimento de que acabo de fallar. E' nas primeiras idades que os sentimentos se radicão melhor. E um povo não deve amar a sua patria só *pro forma,* mas por convicção, porque está nisso a base da sua felicidade collectiva, — que é a paz e o progresso consciente.

E' tambem evidente a importancia de um museu ethnographico para a industria e para a arte, praticamente fallando.

Uma fórma de arte caracteristica não resulta da acção de um só individuo, mas é producto do meio, quer este seja physico, quer social. Por tanto, para certos casos, convem que o artista conheça a tradição: só assim a sua obra terá condições de vida. E num museu acha elle representados muitos elementos tradicionaes, que lhe fecundem e vivifiquem o estro.

Na esculptura, na pintura, na gravura, a cada passo se torna necessario representar factos antigos, que só num museu se poderão estudar com facilidade, — como a fórma de uma armadura, um fardamento, um trajo civil, um movel.

Isto tem tambem applicação ao présente, principalmente em relação ao conhecimento da vida provinciana.

No romance e no drama, quer nos historicos, quer nos de costumes, constantemente experimentão seus auctores a necessidade de proceder a estudos especiaes, quando tem de descrever um typo, uma situação, etc.

Claro está que um museu que contenha, por exemplo, todas as fórmas do brasão nacional, todos ou pelo menos bastantes feitios dos trajos das diversas regiões do país, offerece muitos elementos para o theatro e para o romance, onde a arte, para desempenhar o seu fim, tem de ser verdadeira, e não de convenção.

Independentemente do interesse prático que se colhe do estudo de um museu, o individuo tambem gosa em conhecer o seu passado, ou o viver contemporaneo do seu país. A final, o gôso é o *terminus* de todos os actos da vida, mais ou menos disfarçado sob o aspecto material ou espiritual. O commerciante que accumula riquezas, o industrial que se cansa no trabalho quotidiano, é obvio que porfião pelo interesse que vem a dar-lhes gôso; e o sabio que com a mathematica anda investigando os ares, com a sonda profundando os oceanos, com o alvião numerando as camadas da terra, com o microscopio surprehendendo o viver de seres quasi infinitamente pequenos, — o poeta que passa as melhores horas da sua existencia interrogando e interpretando todos os mysterios da alma, o artista emfim que se faz escravo da sua imaginação e do seu temperamento: que buscão elles? Buscão o gôso moral. E ainda quando a sciencia ou a arte podem ter applicação prática, ésta vem a reverter tambem em gôso. Por tanto respeitemos aquelles que, na inspecção de um monumento archeologico ou raro, não têm outro intento senão satisfazer immediatamente a curiosidade, que aliás póde ser, como já se tem dito, uma fonte de sabedoria propriamente tal.

A essas razões todas, que são principalmente de caracter social, artistico, industrial e educativo, accrescem razões scientificas, pois que não se póde traçar por completo a história de um país, sem se conhecer a vida íntima d'este, revelada nos usos, crenças, trajos, mobilias, utensilios, fórmas de arte, numa palavra, em mil particularidades em que o espirito se vae reflectindo e assignalando através dos tempos, e que contribuem para que um povo se distinga de outro. A comparação das differentes epochas umas com as outras define a evolução historica; a comparação com os factos de outros países define as relações ethnicas, ou, quando estas não existem, mostra, pelo que se refere á ethnographia, como o espirito em condições semelhantes chega aos mesmos resultados.

A constituição de um museu ethnographico é ainda um ponto de partida para o progresso dos estudos de Anthropologia e de Ethnologia, já por assim offerecer materiaes, já por despertar o gôsto scientifico no publico, em virtude do instincto geral de imitação.

*

Na organização de um museu nas circumstancias d'aquelle de que me estou occupando torna-se muitas vezes difficil, e até impossivel, distinguir o que lhe pertence propriamente, do que pertence, por exemplo, a um museu industrial ou de bellas-artes. Todavia num museu ethnographico deve archivar-se sobretudo aquillo que principalmente tiver significação historica ou for caracteristico do povo; num museu industrial aquillo que tiver apenas applicação prática, embora, como disse acima, a arte e a industria tenhão de se inspirar na tradição e de recorrer á historia; um museu de bellas-artes tem caracter menos restricto que um museu ethnographico, pois não se circumscreve só ao que é ethnico, mas abrange tudo o que manifesta cunho de perfeição artistica, mesmo quando elle deseje ser exclusivamente nacional. Isto que digo não obsta, ainda assim, a que muitos objectos dêvão ao mesmo tempo ter entrada em varios museus. Assim um tapete de Arrayollos, que revela gosto e usos locaes, e que por outro lado é bello e póde servir de modêlo e de applicação industriaes, está no caso de occupar logar em cada um dos tres museus que acima pus em concorrencia. Ao discernimento e bom senso das pessoas que superintenderem nesses museus deve no emtanto ficar o decidir, em caso de dúvida, para qual dos museus ha-de ir um objecto, quando aconteça ser elle unico. Para se chegar a essa decisão deve tomar-se em conta: de um lado, o caracter principal, predominante, de cada um dos museus; do outro, a facilidade que ha em um especialista de um dos museus visitar outro museu em que se encontrem objectos da sua especialidade.

Desde o momento que as pessoas que superintenderem nos muséus forem levadas, não de preoccupações mesquinhas ou puramente pessoaes, não de impertinentes considerações de secretaría, mas do interesse alto e justo de servir com sinceridade a patria e a sciencia, de fazer uma obra boa, que a todos utilize e todos indistinctamente apreciem, — estou certo que se estabelecerá commum accôrdo, e que os respectivos museus não precisarão de pleitear entre si preferencias.

*

Tendo eu sido nomeado director do Museu Ethnographico Português, cumpre-me não só dar na *Revista Lusitana* a noticia da criação d'elle, prestando assim homenagem ao nobre Ministro seu fundador, mas tambem apresentar, em esbôço, o plano que pouco mais ou menos tenciono seguir na disposição dos objectos.

A ordem d'esta disposição é naturalmente a historica. Isso resulta já do Decreto que criou o Museu.

Como entre os povos que actualmente habitão o territorio chamado Portugal, e os povos que desde tempos antiquissimos cá têm estado, não se póde estabelecer solução de continuidade, concorrendo pelo contrário todos os modernos estudos scientificos para affirmarem cada

vez mais essa continuidade, deve dividir-se, de modo geral, nas seguintes epochas a historia da civilização portuguesa: *prehistorica, protohistorica, romana, barbara, arabe, medieval-portuguesa, da renascença* e *moderna*.

Os objectos que constituirem o Museu hão-de distribuir-se por ellas, como se vae ver.

I

EPOCHA PREHISTORICA

E' a epocha mais antiga a que se póde remontar, e de que não nos restão nenhumas noticias escritas, podendo apenas reconstruir-se pelo estudo dos monumentos que d'ella chegárão até nós, e pela comparação com outras epochas semelhantes.

O Museu Ethnographico Português foi installado junto da Direcção dos Trabalhos Geologicos, servindo em parte como que de desenvolvimento ao Museu de Anthropologia e Ethnographia Prehistoricas pertencente a ésta Direcção, e excellentemente organizado pelos nossos geologos Carlos Ribeiro e Sr. Nery Delgado.

Com relação a ésta epocha, o Museu Ethnographico tem só de seguir, pouco mais ou menos, o caminho já traçado a proposito d'aquelle Museu.

O Museu da Direcção de Trabalhos Geologicos é riquissimo. Apezar d'isso, e do que por outros meios se sabe da prehistoria dos differentes pontos do país, muito ha ainda que fazer para que a archeologia prehistorica portuguesa seja completamente conhecida no seu conjuncto. Falta mesmo fazer em cada provincia um reconhecimento geral, como no Algarve fez Estacio da Veiga. Só depois d'isso se poderá organizar uma verdadeira carta prehistorica de Portugal. O Museu da Direcção dos Trabalhos Geologicos compõe-se, como é natural, de objectos colhidos principalmente na Estremadura.

Nesta mesma provincia, e noutras, ha porém muitos individuos que por sua iniciativa augmentão constantemente o peculio da nossa prehistoria. Basta lembrar, entre outros, os nomes do Sr. Vieira Natividade, que explora as grutas de Alcobaça, do Sr. Dr. Mattos e Silva, que explora as antas de Ponte-de-Sôr, Avis, etc., do Sr. Dr. Santos Rocha, que explora os monumentos da Figueira da Foz, e do Sr. Dr. Martins Sarmento, que explora a archeologia do Minho. Além d'estes, que são propriamente exploradores, que pégão no alvião e vão para o campo com os jornaleiros a dirigí-los e a ajudá-los a desenterrar do solo as riquezas que nelle existem, ha muitos outros que se limitão a colhêr materiaes mais ou menos avulsos, chegando assim a accumular bastantes preciosidades, e ha tambem os museus municipaes.

As regiões por ora menos conhecidas são Tras-os-Montes, a Beira-Alta e a Beira-Baixa. E' nellas igualmente que mais se faz sentir a falta de museus.

Na secção prehistorica o Museu Ethnographico deve conter desenhos, photographias e plantas de estações archeologicas, como o castro de Liceia, de mamôas, de antas, de antellas, de grutas e de outros monumentos, bem como deve conter objectos industriaes e artisticos de que se servião os nossos povos primitivos nos dois periodos denominados da *pedra* e dos *metaes*, objectos que são de differentes especies, como se sabe: machados, enxós, goivas, facas, serras, martellos, pontas de setta, lanças, raspadores, furadores; ceramica variadissima, já grosseira, já muito apurada e com ornatos; enfeites corporaes e amuletos, entrando nestes grupos as placas de ardosia, as contas, os pingentes.

Tudo isto será disposto por periodos, e cada periodo geographicamente, de modo que se veja, de um lado a evolução geral, e do outro as differenças locaes. Dentro de cada zona geographica os objectos accommodar-se-hão por especies, de maneira que os aspectos da vida primitiva se patenteiem claramente.

Quando contemplamos o todo da prehistoria portuguesa, se encontramos caracteres communs que a ligão entre si e á prehistoria de outros países, encontramos tambem caracteres differenciaes. Vestigios, por exemplo, do periodo paleolithico têm-se por ora só observado nos concelhos de Leiria, Obidos e Peniche. Kjoekkenmoeddings estudárão-se ainda sómente os do Valle do Tejo. Grutas artificiaes conhecem-se apenas na Estremadura. Grutas naturaes dominão, em virtude da natureza do terreno, em Tras-os-Montes, Estremadura e Algarve; fallo, já se vê, de grutas conhecidas. Os monumentos megalithicos offerecem tambem variedades, não sendo a menos notavel alguns sepulcros de Alcalar, no Algarve, comparados, na sua estructura e perfeição, com as singelas e rudes antas alemtejanas, beirãs e minhotas. No Minho, na Beira maritima e no Algarve abundão as mamôas, que parece serem hoje mais raras noutras regiões. A ceramica de Palmella e do Cadaval é muito artistica, com desenhos variados, ao contrário do que se dá na ceramica de certos pontos do Alemtejo (Avis). As placas ornamentadas não se têm ainda encontrado nas provincias do Norte, e são por ora uma especialidade puramente portuguesa.

O Museu Ethnographico, quando nas differentes localidades houver museus archeologicos, não os pretenderá esbulhar de suas riquezas, antes contribuirá quanto puder para que ellas augmentem, porque convem fomentar o interesse local por estes estudos; mas, quando taes museus faltarem, e não for facil organizá-los, então chamará a si o que estiver arriscado a perder-se, e tambem procurará sempre obter cópias dos objectos importantes, a fim de que, como Museu Central que é, represente o melhor possivel o país todo.

Para desde já se constituir a secção prehistorica do Museu Ethnographico, ha a valiosa collecção algarvia, feita pelo fallecido Estacio da Veiga.

Parte d'esta collecção pertence ha muito ao Estado, por isso que Estacio da Veiga fôra officialmente encarregado de fazer explorações

no Algarve; esta parte acha-se na Academia de Bellas-Artes, onde, pelas circumstancias do edificio, está bem mal accommodada, mas, em virtude do Decreto que criou o Museu Ethnographico, passará para este, logo que aqui possa ter accommodações convenientes. A outra parte da collecção algarvia, pertencente a Estacio da Veiga, que a obtivera por compras particulares, dadivas, etc., foi por mim comprada á familia, em nome do Govêrno, para o Museu Ethnographico. Não despendi pequeno trabalho em promover e levar a effeito a compra, e em reunir e acondicionar devidamente este importante espolio archeologico, que estava parte em Lisboa, parte no Algarve, aonde fui de proposito.

Ao Sr. Dr. Bernardino Machado, quando Ministro das Obras Públicas, se deve tambem esta acquisição, pois apenas lhe propus a compra, S. Ex.ª, compenetrado da utilidade que d'ella advinha para o Museu, não teve a menor duvida em a auctorizar, depois de preenchidas as formalidades legaes da avaliação, etc., o que tudo consta de documentos archivados no Ministerio das Obras Públicas.

Devo tornar aqui bem evidente mais este serviço do Sr. Dr. Bernardino Machado. Se S. Ex.ª não tivesse determinado a compra, a collecção extraviava-se com certeza, o que representava grande desfalque no peculio da nossa Archeologia, pois Estacio da Veiga não se limitára só á parte prehistorica: havia percorrido mais ou menos todos os districtos archeologicos, com especialidade, depois do districto prehistorico, o romano.

Estacio da Veiga pusera todo o amor da sua alma em estudar as antiguidades algarvias, percorrendo por todos os lados a provincia, colhendo informações, obtendo objectos, procedendo a excavações, no que foi tambem poderosamente coadjuvado, entre outras pessoas, por um virtuoso e illustrado sacerdote, o Sr. Nunes da Gloria, actualmente prior de Bensafrim. Não é aqui o logar de apreciar os trabalhos de Estacio da Veiga. Basta pois o que deixo dito; só accrescentarei que os quatro volumes que publicou com o titulo de *Antiguidades monumentaes do Algarve*, 1886-1891, vérsão sobre a prehistoria da provincia, — periodo da pedra e periodo dos metaes.

Além da collecção algarvia, o Museu Ethnographico dispõe de outros elementos, que existem nas collecções archeologicas que, pelo citado Decreto, têm de passar para elle. Além d'isso a minha collecção archeologica particular, parte da qual tenho agora depositada no Museu da Direcção dos Trabalhos Geologicos e na Bibliotheca Nacional, deposita-la-hei tambem nelle; e espero ainda obter, se o Govêrno me auxiliar com uma pequena verba, muitos objectos em excavações archeologicas que projecto. O Museu póde receber em depósito outras collecções particulares: por exemplo, a collecção do Sr. Judice dos Santos, enthusiastico amador de archeologia, irá igualmente para lá.

De modo que, apenas o Govêrno realize no Museu Ethnographico as installações que tive a honra de lhe propôr, a primeira epocha da nossa civilização, isto é, a prehistorica, ficará sufficientemente repre-

sentada; e como junto do Museu Ethnographico está, segundo disse, o da Direcção dos Trabalhos Geologicos, o qual não tem igual no país, vê-se que aos investigadores da Prehistoria Portuguesa já não faltão em Lisboa abundantes materiaes de estudo.

II

EPOCHA PROTOHISTORICA

Por ésta designação entendo aqui a epocha comprehendida entre a prehistorica e a da dominação romana na Lusitania, ou, para melhor dizer, na Peninsula.

Temos noticias da epocha protohistorica, já pelos auctores gregos e romanos, como Estrabão, Appiano, Justino, Plinio, Silio Italico, etc., já pelos monumentos. E' a epocha em que apparecem pela primeira vez na história os Lusitanos, os Gallaecos, os Bracaros, os Limios, os Turdetanos, os Turdulos.

Como por um lado a civilização protohistorica se liga com a prehistorica, e foi muito influenciada pela romana, sendo-nos até conhecida ás vezes só através d'esta última; e como por outro lado o territorio que hoje se chama Portugal fazia parte das provincias que os Romanos denominárão *Tarraconense*, *Lusitania* e *Betica*, nas quaes, de certa epocha por deante, foi dividida a *Hispania* ou *Iberia:* não só não é possivel separar sempre a epocha protohistorica da antecedente e da seguinte, como tambem não é possivel separar sempre da nossa archeologia a archeologia hespanhola. As moedas denominadas *autonomas*, por exemplo, fôrão emittidas em grande parte sob o dominio romano na Peninsula, e, com quanto referidas quasi todas a territorio hoje hespanhol (poucas o são a territorio hoje português), corrêrão abundantemente no nosso país, como se vê dos contínuos achados d'ellas em diversos pontos de Portugal.

Na secção protohistorica póde, tomando em conta aquillo que já se conhece, abranger-se por exemplo o seguinte:

1) **Estampas e plantas** de estações archeologicas, como de *castros* ou montes fortificados, e de outros monumentos que se não podem ou não devem trazer para o Museu. Muitos dos castros dátão já da epocha anterior; aqui está pois um elo que liga entre si as epochas pre- e protohistorica. Castro typico protohistorico é por exemplo o de Sabroso, no Minho, explorado pelo Sr. Dr. Martins Sarmento. Castro em que a civilização dos metaes se sobrepõe á neolithica, restando de ambas abundantes vestigios, e onde já aponta a civilização romana, mas sem dominio, é por exemplo o *Castello* de Pragança, no Cadaval, reconhecido por mim pela primeira vez nas ferias da Paschoa de 1893, numa visita que ahi fiz com o meu amigo o Sr. Antonio Maria Garcia, benemerito professor de Pragança, o qual no estudo da archeologia do Cadaval me tem prestado relevantissimo auxilio.

2) **Objectos funerarios e de culto religioso.** Principalmente na parte religiosa, o Museu fica muito bem representado com as collecções que actualmente se áchão na Bibliotheca Nacional.

Parte d'estas collecções é já antiga no estabelecimento, e compõe-se de estatuetas de metal: a élla se refere por exemplo o Sr. Dr. Emilio Hübner, in *Die antiken Bildwerke*, Berlim 1862, pag. 334.

A outra parte compõe-se de *donaria* ou ex-votos offerecidos ao deus Endovellico. Este deus tinha o seu culto no Alemtejo, e era um deus topico da saude; e as numerosas estatuas, aras e estelas votivas que havião feito parte do seu templo fôrão aproveitadas nas paredes de uma igreja christã que estava em ruinas ha muito tempo. De um lado com a permissão que obtive do dono d'esta igreja, o meu amigo Sr. Manoel Ignacio Bello, do Alandroal, do outro com a auctorização que pedi ao Govêrno, e que este me concedeu, pude explorar as ruinas em 1890, do que resultou o trazer eu para a Bibliotheca Nacional a mais rica serie de monumentos religiosos antigos que ha no país, e como a qual não se conhecem muitas noutros países. Infelizmente, por falta de espaço, estes monumentos têm estado muito mal accommodados; e é por isso mais uma vez para desejar que as installações projectadas no Museu Ethnographico se apressem. A collecção dos monumentos do deus Endovellico é importante, não só debaixo do aspecto da religião, mas ainda debaixo do da paleographia epigraphica, da linguistica, etc. Sobre estes monumentos publiquei tres opusculos, intitulados: *O deus lusitano Endovellico* (1890); *Novas inscripções de Endovellico* (1890-1891); e *Quid apud Lusitanos verbum* AEDEOLI *significaverit* (1894). Isto porém pouco é em comparação com o que, dentro e fóra do país, tem sahido a lume á cêrca de Endovellico, desde o sec. XVI.

Na Bibliotheca Nacional existem em depósito outros objectos que pertencem a esta secção, os quaes tambem passarão para o Museu. Entre elles especializarei a ara da deusa lusitanica Trebaruna, ara que, por permissão do meu amigo o Sr. Dr. João Baptista de Castro, dignissimo juiz de direito, eu trouxe do jardim da sua casa do Fundão, nas ferias de Setembro de 1892.

Com relação a monumentos funerarios o Museu não ficará tão bem provído. Todavia ha para ésta secção os monumentos epigraphicos algarvios com caracteres ibericos, collecionados por Estacio da Veiga; e eu pela minha parte tambem possuo uma bella inscripção, que um amigo meu comprou para mim no Algarve, a qual depositarei no Museu. Estes monumentos são muito notaveis pelo lado philologico, pois não só estão escritos em linguagem pre-romana, mas, como disse, nos caracteres especiaes, de remota origem semitica, que se usavão na Peninsula antes da vulgarização do alphabeto latino. D'elles e d'outros congeneres fez o Sr. Dr. Emilio Hübner substancioso estudo no seu livro *Monumenta linguae Ibericae* (1893).

Outros monumentos funerarios protohistoricos existem no país, de que por ventura se poderão obter de futuro exemplares para o Mu-

seu. Refiro-me aos do typo das chamadas *estatuas gallaecas*, e aos do typo da *porca de Murça*, uns e outros por ora no nosso país só achados nas provincias do Norte. A' cêrca dos primeiros publicou o Sr. Hübner uma monographia com estampas na revista *Denkmäler u. Forschungen*, 1861, col. 185 sgg. (ha traducção portuguesa nas *Noticias de Portugal* do mesmo A.), e deu o *Occidente*, IX, 248 umas estampas, com um artigo. A' cêrca dos segundos não ha ainda nenhum estudo especial; apenas o Sr. Fernandez Guerra, de Madrid, estudou alguns analogos que ha em Hespanha. De todos esses monumentos portugueses possuo estampas que publicarei a seu tempo.

Como o *periodo do bronze* pertence em parte aos tempos protohistoricos, muitos dos monumentos funerarios d'aquelle periodo têm entrada aqui.

3) **Vestuarios e adornos.** A ésta secção pertencem, por exemplo, braceletes, collares, anneis, contas.

Tem-se encontrado no país bastantes braceletes de ouro e de outros metaes, dos tempos protohistoricos. Alguns estão em museus, outros nas mãos de particulares. Ainda ha pouco tempo se achou um de ouro, e o fragmento de outro, que forão arrematados judicialmente em Santarem. Apezar de os jornaes tornarem público este facto, e de eu ter solicitado officialmente, pelas estações competentes, a compra d'elles para um museu do Estado, parece que as circumstancias do thesouro não permittírão a acquisição; arrematou-os um particular, que provavelmente os venderá a algum govêrno estrangeiro, mais rico do que o nosso.

Anneis de bronze, alguns com interessantissimos ornatos, são tambem conhecidos no país, e não se tornará muito difficil obter outros para o Museu Ethnographico.

Com relação a collares de contas, ou contas avulsas, a estação archeologica de Bensafrim ministrou curiosos exemplares, talvez de origem semitica. Obtive lá, por compra minha, várias contas, que depositarei no Museu.

As fórmas de vestuario e de enfeites do cabello podem ainda deduzir-se de certas estatuas e estatuetas, como algumas das que citei acima.

4) **Armas.** Igualmente se colhem elementos, para o conhecimento das armas, nas estatuas, por exemplo nas mencionadas *estatuas gallaecas*.

O Museu de Bellas-Artes, d'onde, pelo Decreto que criou o Museu Ethnographico, têm de ser transferidos para este os objectos archeologicos que não fizerem parte integrante d'elle, possue interessantes armas, achadas em Alcacer do Sal, de que falla o Sr. Emilio Cartailhac, *Les âges préhistoriques de l'Espagne et du Portugal* (1886), pag. 248-253, e Estacio da Veiga, *Antiguidades monumentaes do Algarve*, IV, 266 sgg.

As moedas da Republica Romana, que alludem a muitos factos historicos da Iberia, contêm vários desenhos de armaduras peninsulares, por exemplo as moedas das familias *Carisia* e *Coelia*.

Estas noticias, dadas pela archeologia, completão-se com as que se áchão nos auctores, por exemplo em Estrabão.

5) **Epigraphia.** Já acima me referi ás inscripções ibericas encontradas no Sul do país.

6) **Moedas.** Igualmente fallei ha pouco das moedas autonomas ou peninsulares. O Museu Ethnographico já possue algumas.

7) **Objectos diversos.** Entrão nesta classe muitos objectos caseiros, como os de barro e de vidro, mós de moinho, pesos, etc.

*

Na enumeração que acabo de fazer, quis apenas apresentar uma amostra archeologica, e não tentei ser completo, nem mesmo dar ordenação scientifica aos objectos, que no Museu têm de ser distribuidos, como os da primeira secção, excepto alguns monumentos mais pesados ou maiores, que se hão de collocar em sítio especial.

Com a vinda dos Romanos á Peninsula, a vida social dos povos de cá experimentou grandes alterações, se não de uma vez, ao menos lentamente, pois alguns cantões, sobretudo no Norte, fôrão mais rebeldes em se sujeitarem aos Romanos. Do povo cantabrico diz por exemplo Horacio, numa ode (II, 6): *indoctum juga ferre nostra.*

Ainda do tempo dos Romanos temos noticia da existencia de muitos elementos da civilização indigena: de linguas, de religiões, de instituições politicas, de trajos civis e militares, de usos, de costumes. Se muitos d'estes elementos fôrão absorvidos, substituidos ou modificados, outros persistírão mais ou menos, através da civilização romana, até o presente, e nós achamo-nos assim, como já acima lembrei, ligados insoluvelmente ao passado, por laços de toda a ordem.

III

EPOCHA ROMANA

De todas as secções archeologicas, a romana e a prehistorica são as mais ricas e variadas. As differentes collecções do Estado que têm de ser encorporadas no Museu Ethnographico possuem muito de archeologia romana.

Esta secção constituir-se-ha com os seguintes objectos, entre outros:

1) **Estampas ou plantas** de castros *(oppida),* de monumentos epigraphicos que se não podem adquirir, por fazerem parte de muros, ou se acharem em grandes penedos (como os da Magdalena, em Lisboa, o das Caldas das Taipas, os de Panoias, etc.); de monumentos diversos, como templos, estatuas, pontes, banhos; de vias militares; de cemiterios.

Templo notavel é o de Evora, já várias vezes reproduzido pela gravura.

Cemiterios romanos apparecem a cada passo. A proposito de um algarvio escreveu o Sr. Dr. Teixeira de Aragão um opusculo com este titulo: *Relatorio sobre o cemiterio romano descoberto proximo da cidade de Tavira*, Lisboa 1868.

Entre as thermas são umas das mais interessantes as de Milreu, ao pé de Faro, no reino do Algarve, mas o vandalismo dos visitantes destroe quotidianamente os ricos mosaicos, do genero *opus vermiculatum*, que revestem as piscinas e o pavimento da entrada: póde ver-se uma amostra d'estes mosaicos em desenhos publicados no *Occidente*, vol. v, 240. Se se não acode depressa ás ruinas de Milreu, o país perderá um bello monumento romano. Ao Govêrno, ou a algum instituto local, cumpre salvá-las, e evitar de futuro ao país mais uma vergonha.

A' cêrca das *vias militares* ha bastantes noticias nos trabalhos do Sr. Hübner, e tambem alguma cousa se colhe nos trabalhos dos archeológos portuguêses.

Já acima fallei dos castros protohistoricos, que, como disse, se ligavão aos prehistoricos. Ha tambem castros com abundantes provas de civilização romana, relacionados com os protohistoricos. O mais notavel é decerto a *Citania* de Briteiros, glória do Sr. Martins Sarmento, que o tem explorado á sua custa, e estudado. Muitos castros primitivos fôrão destruidos pelos Romanos, ou fôrão abandonados; outros continuárão a existir, e transformárão-se nas povoações modernas. São ainda hoje vulgares, como designações topographicas, os nomes de *Castro* ou *Crasto, Castello, Cristello*, etc.

2) **Objectos funerarios e de religião.** O Museu do Algarve e o da Bibliotheca Nacional ministrarão aras, cippos, estatuas, estatuetas, em grande quantidade, e tambem alguns amuletos. Mas ha muita cousa dispersa: por exemplo, no extincto convento de Chellas, está arriscado a perder-se o friso de um bello tumulo romano, descrito e estampado na *Revista Archeologica*, IV, 1, por Borges de Figueiredo; no meio de um caminho, em Bemfica, está parte de uma ara. Tudo isto, e muito mais, póde e deve vir para o Museu Ethnographico.

As aras, cippos e estatuas são pela maior parte *donaria* ou ex-votos, como os de que fallei no cap. II, § 2. Assim como hoje, quem está doente, offerece aos santos de mais devoção paineis com a exposição da doença, figuras de cera e de metal symbolizando os membros do corpo doentes, tranças de cabello, etc., tambem os antigos fazião aos seus deuses offerecimentos analogos, chamados em latim *donaria*; por felicidade muitos d'estes *donaria* érão de pedra, de barro e de outras substancias duradouras, de modo que se conservárão até o presente. Os numerosos ex-votos que se vêem agora em muitas das nossas igrejas, sobretudo nas ruraes, filião-se, pois, nos ex-votos do paganismo. Tenho estudado muitos dos nossos ex-votos christãos, e possuo mesmo vários paineis, que o povo chama *retabulos* e *milagres*, os quaes depositarei no Museu. E' facil seguir, através da litteratura e da archeologia, a evolução dos *donaria* para os ex-votos christãos. Os

retabulos são analogos ás *tabulae votivae,* de que falla Horacio, nos *Carmina*, I, 5:

. . . . tabula sacer
Votiva paries . . . .

Diz Cicero, na *Natura deorum*, III, 37, que na Samothracia havia muitas *tabulae pictae* representando cumprimentos de promessas feitas á divindade por pessoas salvas de naufragios. Este assumpto foi estudado com muito desenvolvimento no *Dictionnaire des antiquités grecques et romaines* de Daremberg & Saglio, s. v. *donaria.* — Desde a Idade-Média se conhecem *tabulae votivae* christãs: vid. *Dictionnaire des origines du christianisme*, publicado por Migne, 1856, s. v. Num *Flos sanctorum* português, dos principios do sec. XVI, existente na Bibliotheca Nacional de Lisboa (collecção de Reservados, A, 239), onde o meu collega o Sr. Gabriel Pereira m'o mostrou, ha uma biographia de S. Antão acompanhada de uma gravura em que se represêntão vários ex-votos (pernas, corações e uma mão). Creio já ter encontrado em igrejas *milagres* do sec. XVII; do sec. XVIII tenho encontrado muitos. — O Christianismo nisto, como no mais, santificou o Paganismo; por isso não admira que por tantos modos estejamos vinculados ao passado.

Pedras com inscripções funerarias são, d'entre os monumentos da epigraphia romana, as mais numerosas no nosso país, e contêm importantes elementos para o conhecimento das instituições, da philologia, da história: vid. o *Corpus Inscriptionum Latinarum*, vol. II, e o Supplemento. Grande número de vezes éstas pedras não encérrão unicamente inscripções, mas estão affeiçoadas artisticamente, e com symbolos. Na Bibliotheca Nacional ha uma inscripção funeraria do Algarve muito ornamentada. Em Carquere, na Beira-Alta, apparecêrão umas pedras sepulcraes representando bustos humanos, das quaes fallei na *Revista Archeologica*, II, 113 sqq.: parte d'ellas estão no Museu de Guimarães, outra parte na collecção archeologica de meu primo Manoel Negrão, na sua quinta do Mosteirô. No Sul do reino conhecem-se curiosas sepulturas doliares ou em fórma de pipa, que se podem observar no Museu de Evora, e no Museu do Algarve. Em Tras-os-Montes, como noutros pontos do Norte da Peninsula, ha umas interessantes inscripções funerarias com uma roseta ou suástica flammejante. Conheço sepulturas christãs, relativamente modernas, que se filião, ao que parece, nesta última fórma. Merecem tambem especialissima menção os formosos tumulos do Museu do Porto e do Museu do Carmo, aquelle descrito pelo Sr. E. Augusto Allen numa *Noticia* publicada em 1867 (vid. tambem uma estampa no *Diario Illustrado* de 20 de Janeiro de 1891), este estampado pela primeira vez no *Elucidario* de Viterbo, e depois no *Boletim* da Sociedade Archeologica do Carmo; cfr. tambem E. Hübner, *Die Antiken Bildwerke*, 335. A esta especie de tumulos se liga o friso de Chellas, de que fallei a cima, e parece que um baixo-relevo que existe no Museu de Elvas, e que foi estampado no *Occidente*, V, n.º 118, e na *Revista Archeologica*, III, 161. — Alguns

dos monumentos de que acabo de fallar têm de ir para o Museu Ethnographico; d'outros podem obter-se reproducções em gesso, ou estampas.

3) **Vestuarios e adornos.** Para ésta secção podem obter-se pulseiras, anneis, contas, alfinetes, fivellas *(fibulae)*, etc. Têm tambem cabimento aqui as considerações que fiz no cap. II, § 3. — Muitos dos nossos trajos modernos parecem-se com os antigos, ainda que nem sempre se possa estabelecer filiação. A gente das serras da Beira usa uma capa com um capús, chamada *capucha;* este vestuario tem muita semelhança com o *cucullus* romano. O chapeu da cabeça é analogo ao *petasus* romano, que tem origem grega. A *carapuça* (barrete) e o *carapuço* parecem-se bastante com algumas fórmas do *pileus*. As *calças* têm o seu prototypo nas *bracae* e nas *sarabaliae* ou *sacabarae*. Os calções lembrão a *feminalia* ou *femoralia*. Os çapatos representão os *calcei*. As botas de montar assemelhão-se aos *cothurni*.

Os anneis, como outros objectos de ornato ou de uso, são frequentemente ao mesmo tempo objectos de religião, pois os Romanos costumavão trazer nelles pedras de virtude ou imagens de deuses, ou costumavão fazê-los de substancias consideradas como maravilhosas. Tenho visto muitos anneis nestas condições; na Bibliotheca Nacional ha dois, feitos, segundo creio, de pedras maravilhosas; eu possuo um de prata, com a figura de Marte e possúo outros com pedras gravadas; no Museu do Algarve estão vários anneis romanos. Nas collecções particulares não faltão elles tambem: especializarei a do meu amigo o Sr. Dr. Teixeira de Aragão, que já em tempo publicou uma memoria sobre *Anneis* em geral. — Os anneis modernos são evidentemente continuação dos anneis antigos; os proprios anneis de virtude antigos estão hoje representados no nosso povo pelos anneis da *fava*, da *unha da grã-bêsta*, de *aço*, de *cornalina*.

O Museu do Algarve possue muitos elementos para ésta secção.

4) **Ceramica, vidros, mosaicos, e tudo o que se relaciona com a vida doméstica e agricola.** Sería muito difficultoso fazer aqui sequer um esbôço d'esta secção. Basta tocar em alguns pontos.

Já acima fallei de mosaicos. Melhores ou peores é facil obter muitos, sobretudo no Sul do país. O Museu do Algarve, o das Janelnas Verdes e ainda o da Bibliotheca Nacional possuem fragmentos. O Algarve é principalmente a região dos mosaicos; elles offerecem differentes pinturas.

Os mencionados Museus contêm igualmente numerosos exemplares de ceramica e de vidro. O barro vermelho fino da epocha romana é conhecido entre nós pelo nome de *saguntino* (cfr. sobre elle Hübner, *La Archeologia de España*, 1888, pag. 184). Muitos objectos de barro, quer vasos, quer tijolos ou telhas, estão marcados; estas marcas figulinas são tambem interessantes.

Um dos meios mais vulgares de reconhecer entre nós as estações romanas são as telhas de rebôrdo, que os Romanos chamavão *tegulae*, e se apresentão de côr vermelha ou branca (lembrão as telhas de Mar-

selha). Infallivelmente se encôntrão perto das estações romanas fragmentos d'estas telhas. *Tegulae* inteiras são raras, mas tenho-as já encontrado, por exemplo, num monte ao pé de Lagos, e numa quinta no Baixo-Douro. Já uma vez, guiado pelo apparecimento de fragmentos de telhas de rebôrdo, num caminho, fui andando, até que encontrei uma ara romana com inscripção, — a unica que por ora se conhece do concelho do Cadaval. Ao Sr. Martins Sarmento, segundo elle me diz, tem acontecido muitas vezes factos semelhantes.

Juntamente com as telhas de rebôrdo apparecem a cada passo pesos de barro *(pondera)*, que affectão várias fórmas.

Os Romanos não tinhão só telhas de rebôrdo, tinhão-nas tambem curvas, como as de hoje, chamadas *imbrices*, no singular *imbrex*, de cujo deminutivo im-briculus veiu a palavra *brelho* ou *breilho*, usada no Minho na significação de «tijolo».

Tanto de *imbrices*, como de *tegulae* e de *pondera* ha já muitos exemplares para o Museu Ethnographico.

Entre os objectos de barro mencionarei aqui as *lucernae* ou candeias. Ha-as tambem de metal, como uma, apparecida em Cintra, que comprei para a Bibliotheca Nacional. As lucernas de barro que podem desde já ir para o Museu offerecem muitas variedades nas figuras que contêm; algumas são marcadas; na collecção de Estacio da Veiga estava uma com inscripção grega, já actualmente guardada no Museu Ethnographico.

Merecem igualmente menção as amphoras. A Bibliotheca Nacional possue tres, muito boas, sendo duas já antigas no estabelecimento, e outra (com tampa) comprada por mim, num leilão, com outros objectos archeologicos, para a Bibliotheca. Na collecção algarvia tambem ha algumas.

Os exemplares de vidro mais vulgares são os chamados *lacrimatorios*. Temos tambem nos Museus do Algarve e da Bibliotheca outros objectos de vidro. Como collecção particular é notavel em vidros romanos a do Sr. Teixeira de Aragão.

Nas estações romanas, como a Quinta da Torre de Ares (Algarve), têm apparecido tubos de metal e de barro que certamente tinhão applicação no campo. Vestigios de fórnos de tijolo, ás vezes ainda com escórias, são igualmente frequentes. Ha ainda instrumentos, como picaretas, *terebrae*, mós de moinho, *clavi* ou prégos, — etc., etc.

5) **Armas**. Podia fazer aqui considerações analogas ás que fiz no cap. II, § 4.

Nas estações antigas encontrão-se ás vezes lanças. Todavia na secção de armas não conheço muitas cousas na nossa archeologia.

A Bibliotheca Nacional possue algumas *glandes* de chumbo. As glandes érão balas ou projecteis arremessados por intermedio de fundas. Diz Vergilio, *Eneida*, VII, 686:

...... pars maxima glandes
Liventis plumbi spargit.

As mais vulgares devião ser de pedra; effectivamente tenho encontrado nas estações archeologicas pedras, geralmente seixos rolados, que podião ter servido para isso. Na antiguidade gosavão de muita fama os fundibularios hispanicos; lá diz tambem Vergilio, *Georgicas*, I, 309:

Stuppea torquentem Balearis verbera fundae.

As glandes têm ás vezes inscripções. No nosso país nunca encontrei nenhuma assim. — Sobre o assumpto veja-se um trabalho publicado na *Ephemeris epigraphica*, vol. VI (1885), com o titulo de *Glandes plumbeae latine inscriptae*, por Zangmeister. — As fundas são ainda hoje usadas no Algarve pelos pastores.

6) **Moedas.** As que ha no Museu do Algarve e no Museu das Janellas Verdes, as quaes devem ir para o Museu Ethnographico, são bastante numerosas, posto que em geral pouco importantes.

No nosso país apparecem a cada passo moedas romanas, sobretudo do Imperio. Depois das telhas de rebôrdo, ou juntamente com ellas, são as moedas o melhor meio de indicar ao observador estações romanas.

7) **Objectos diversos.** Para abreviar, incluo sob está designação os monumentos epigraphicos, as esculpturas, e em fim todos os documentos artisticos ou industriaes que não tivérão entrada nos §§ precedentes.

IV

EPOCHA BARBARA

Denomina-se assim a epocha que decorre desde as invasões dos Barbaros, no sec. V, até á invasão dos Arabes, no sec. VIII. No sec. V muitos povos barbaros invadírão a Peninsula, sendo a maior parte de raça germanica, como os Suevos, os Vandalos (com os Silingos), os Wisigodos, outros de raça scythica, como os Alanos. Todos estes povos se distribuírão por differentes pontos. Adoptárão cá a pouco e pouco a civilização romana e a christã.

Da história peninsular dos Barbaros dão-nos importantes noticias alguns auctores contemporaneos, taes como Paulo Orosio, Idacio, Isidoro Pacense, S. Isidoro de Sevilha, e outros.

A archeologia d'esta epocha é bastante pobre; por isso me abstenho de estabelecer §§, como fiz a proposito das antecedentes.

E' principalmente com monumentos epigraphicos christiano-latinos que se ha-de preencher no Museu Ethnographico a respectiva secção. A' cêrca d'esta especie de monumentos vid. *Inscriptiones Hispaniae Christianae* de E. Hübner, Berlim 1871. No seu livro *Antiguidades de Mertola*, Lisboa 1880, inclue tambem Estacio da Veiga descripções e estampas de muitos monumentos wisigothicos. Alguns de taes monumentos, que fazião parte de sepulturas, achão-se no Museu

do Algarve e outros fôrão comprados para o Museu Ethnographico á familia de Estacio da Veiga.

Entre os monumentos myrtilenses descritos por Estacio da Veiga ha um marmore christão com uma inscripção em caracteres gregos; esta inscripção é muito curiosa, já paleographicamente, já porque testemunha, como se diz no citado livro, pag. 199, a existencia do elemento byzantino nesta parte do nosso país. De facto os Byzantinos, attrahidos cá por occasião das dissenções intestinas dos Wisigodos, entrárão na Peninsula no sec. VI, em tempos de Athanagildo, sendo definitivamente expulsos d'ella só no sec. VII, por Suinthila.

Ao lado dos monumentos epigraphicos, e de outros objectos que haja no Museu do Algarve (taes como fragmentos ceramicos, etc.), póde o Museu Ethnographico archivar moedas pertencentes á epocha de que estou fallando, pois, como é sabido, os Suevos e os Wisigodos, imitando o systema monetario romano (e byzantino), cunhárão moedas na Peninsula. A obra mais completa sobre numismatica wisigothica é a de Heiss, *Description générale des monnaies des rois wisigoths d'Espagne,* Paris 1872. Sobre as moedas dos Suevos tem o mesmo auctor um trabalho na *Revue de Numismatique,* 1891, pag. 146 sgg., onde, em nota, indica a bibliographia do assumpto. Já antes de Heiss, como elle nessa nota confessa, havião publicado os Srs. Eduardo Augusto Allen e Henrique Nunes Teixeira um artigo na citada Revista, vol. x, 1865, do qual se fez edição em separado, — *Monnaies d'or suévo-lusitaniennes,* folheto de 15 pag., com uma estampa. Tanto o artigo de Heiss, como este ultimo, se referem a umas curiosas moedas que por ora só se têm encontrado em Portugal, e que, por várias razões historicas, se attribuem aos reis Suevos da Gallaecia e da Lusitania. Taes moedas constituem outra particularidade notavel na historia do Occidente da Peninsula.

V

EPOCHA ARABE

Por motivos que não vem a proposito desenvolver, mas que em parte são analogos áquelles que chamárão para cá no sec. VI os Byzantinos, a Peninsula foi invadida no principio do sec. VIII pelos Arabes, entre os quaes vinhão povos de diversa origem, abundando porém Africanos, por isso que os Arabes tinhão, pouco antes, subjugado o Norte da Africa. A abundancia de Africanos fez que entre nós vulgarmente se chamassem *Mouros* os Arabes; nem o povo conhece ainda hoje outra denominação senão aquella.

Não era então a primeira vez que na Peninsula entravão elementos semiticos e africanos. Sem remontarmos aos Carthagineses e a outros povos d'Africa, com os quaes necessariamente os Hispanos em tempos remotos devião ter estado em contacto, sabemos que na

epocha romana os Mouros fizerão incursões por cá. Da raça semitica havia cá tambem elementos antigos, os Judeus, e outros anteriores, os Phenicios.

O conhecimento d'estes diversos elementos ethnicos póde explicar certas sobreposições e affinidades. Nos Judeus peninsulares, por exemplo, cuja existencia era já antiga cá, achárão os Arabes um auxilio na lucta com os Wisigodos.

Depois da batalha de Guadalete, em que os Wisigodos fôrão vencidos, as armas sarracenas proseguírão victoriosas na conquista da Hispania, e em breve a civilização dos crentes do Islam, muito superior á dos crentes da Cruz, senhoreava boa parte da Peninsula, não obstante a resistencia dos que, havendo-se refugiado nas Asturias, d'ahi começárão a reconquista e dérão origem á monarchia leonesa.

As profundas differenças, nas raças, nas linguas, nas religiões, nos costumes, entre os Hispano-Godos e os Arabes impedião que de parte a parte se estabelecessem fusões tão completas e tão extensas como entre os Godos e os Hispano-Romanos, ou como entre os Romanos e os Hispanos. D'aqui a existencia de dois grupos principaes de populações na Peninsula durante a epocha de que estou fallando: Arabes (com os Judeus) e Christãos. Todavia muitos Hispano-Godos, sem abandonarem a sua religião nem as suas leis civis, havião aceitado a dominação dos Arabes, vivendo entre elles, e ás vezes mesmo ligando-se com elles, e adoptando-lhes os trajos, os costumes, a lingua, a civilização em fim: erão os Mosarabes.

Alexandre Herculano, que na *Historia de Portugal*, III (3.ª ed.), pag. 171 sgg., estudou admiravelmente este grupo social, attribue-lhe grande importancia na propagação da civilização mussulmana na Peninsula, pois que os Mosarabes servião de intermédio aos Arabes e ás populações christãs.

Da civilização mussulmana ou arabe restão ainda hoje na civilização portuguesa bastantes vestigios, nos typos ethnicos, na lingua, nos trajos, nas tradições, nos costumes. Parece que será no Sul, e sobre tudo no Algarve, que esses vestigios mais abundão. Quando, depois que acabou o califado de Cordova, a Hispania mussulmana se dividiu em *Taifas*, ou pequenos reinos independentes, Silves e Santa Maria (Algarve) forão capitaes de dois.

De monumentos e outros restos materiaes do tempo dos Arabes tambem alguma cousa existe ainda no nosso solo, por exemplo na Extremadura, no Alemtejo e no Algarve, posto que não tenhão comparação possivel com o que existe na Hespanha.

Esta secção póde ficar representada no Museu Ethnographico principalmente com o seguinte, que Estacio da Veiga recolheu, e que deve existir no Museu do Algarve, depositado na Academia de Bellas-Artes:

1) **Uma pia de marmore branco** com inscripção cufica, monumento encontrado no concelho de Villa-Real de S. Antonio.

2) **Varios monumentos epigraphicos**, de diversas procedencias.

3) **Louças.** A louça arabe, comparada com as que se conhecem de epochas anteriores no país, offerece uma novidade: é o vidrado. Fallando de achados archeologicos em Valle do Caranguejo, entre Tavira e Villa-Real, diz Estacio da Veiga, nas *Antiguidades do Algarve*, II, 422: «fragmentos da typica louça vidrada que os Arabes fabricaram na Peninsula, onde até então era desconhecido o processo da vidragem da louça».

No Museu do Algarve recolheu elle muitos fragmentos de louças lisas, vidradas de varias côres, esmaltadas, ornamentadas; uma botija com vidrado côr de mel; uma taça de barro vidrado, tambem côr de mel, pintada de preto; diversas vasilhas inteiras, sendo uma d'ellas um vaso com duas asas, pintado de listas brancas, proveniente de Lagos.

A respeito de Mertola escreve o mesmo archeologo nas *Antiguidades de Mertola*, pag. 146: «Do muito que em Mertola se poderia ainda apurar, pouco resta já da epocha arabe», — e menciona só o seguinte com relação a ceramica (pag. 35-36):

«Fragmento de grande vaso de argilla amarellada, externamente ornamentado em relevo, no estylo arabe, ou antes hispano-mahometano»;

«Fragmento muito espesso de grande vaso de argilla ligeiramente avermelhada, com relevo ornamental no estylo hispano-mahometano, vidrado de verde escuro»;

«Dois fragmentos, que se ligam, de um vaso de largo fundo achatado, medindo de altura $0^{m},035$. E' internamente vidrado de verde escuro, e por fóra de amarello esverdeado, sendo a sua massa ceramica semelhante na côr e contextura á dos fragmentos antecedentes»;

«Fragmento de fundo de um vaso de argilla, similhante aos antecedentes na côr e contextura do barro, com vestigios de vidrado côr de mel no lado externo, e de amarello claro internamente»;

«Fragmento de fundo de vaso de argilla com externo vidrado côr de mel sobre reflexos escuros, parecendo pertencer á classe dos artefactos ceramographicos hispano-mahometanos».

Na Bibliotheca Nacional ha em depósito muitos fragmentos de louça arabe vidrada e com muitos e graciosos ornatos em relêvo. Todos elles provierão do Algarve, e podem passar para o Museu Ethnographico.

4) **Candeias.** No Algarve apparecem com frequencia candeias arabes de barro, que lembrão as lucernas romanas; mas, além de terem o bico (latim *myxa*) mais comprido, semelhante a um bico de pato, e a asa mais desenvolvida que as romanas, têm tambem mais alta, formando gargallo, a parte por onde se deitava o liquido.

Possuo duas quasi inteiras, ainda com algum vidrado, que se achárão no castello de Faro, e me fôrão offerecidas naquella cidade pelo Sr. Dr. Coelho de Carvalho; posso depositá-las no Museu Ethnogra-

phico. Na collecção archeologica da Bibliotheca Nacional ha algumas d'estas candeias, umas pertencentes ao estabelecimento, outras ahi em depósito. Estacio da Veiga encontrou muitas no Algarve.

Neste particular o Museu Ethnographico fica sufficientemente provído.

5) **Azulejos.** Estacio da Veiga recolheu alguns no Museu do Algarve. Pelo país ha muitos azulejos em relêvo, vidrados e de várias côres, que é costume chamar hispano-arabes; mas torna-se difficil precisar a data d'elles.

Ainda hoje em Lisboa se fabricão, por imitação, azulejos analogos áquelles.

6) **Moedas.** As moedas arabes são outra especie archeologica vulgar no Sul. Tenho visto muitas no Algarve, principalmente de prata quadradas.

A' cêrca das moedas de prata, achadas no castello de Mertola, que devem existir no Museu do Algarve, lê-se nas *Memorias de Mertola* de E. da Veiga, pag. 39: «Moedas de prata de dois modulos quadrados, com legendas em ambos os lados, semelhantes ás de Almodovar, descritas, traduzidas e offerecidas á Real Academia de Historia, em 1800, pelo acadèmico Fr. José de S. Antonio Moura». O artigo de Fr. José de S. Antonio vem nas *Memorias da Academia Real das Sciencias*, vol. x, parte 1.ª

Os Arabes, como é sabido, cunhárão moeda na Peninsula. As moedas arabes são de ouro *(dináres, semi-dináres, terços de dinár)*, de prata *(dirhemes, kirates)* e de cobre *(felúses)*. Tambem as ha de electro. As moedas arabes têm várias fórmas. As de que falla Estacio da Veiga são pequenas moedas de prata quadradas. No seu *Tratado de numismática arábigo-española*, Madrid 1879, diz D. Francisco Codera: «Esta tendencia para a fórma quadrada é muito caracteristica das moedas almohades e posteriores arabigo-españolas» (pag. 218).

Na Bibliotheca Nacional ha moedas de ouro, de prata e de cobre; todavia esta collecção faz parte integrante do estabelecimento, não póde deslocar-se.

7) **Objectos diversos.** Estacio da Veiga encontrou ainda pelo Algarve outros objectos que não posso descrever meudamente, como cimentos para construcções, e alcatruzes de barro. D'estes ultimos diz nas *Antiguidades do Algarve*, II, 422: «tenho notado haver nas terras cultivadas muitos fragmentos de uns alcatruzes de barro amarellado, com canelluras estreitas em relêvo, semelhantes aos alcatruzes inteiros que em Silves fôrão extrahidos da cisterna dos Cães, e de que tenho depositado no museu alguns exemplares».

*

Apezar do explendor que a civilização arabe attingiu entre nós, e da importancia que ella teve para a nossa civilização, o que resta para preencher no Museu Ethnographico a secção respectiva é excessivamente pouco, limitando-se de mais a mais quasi tudo a fragmentos.

Esta pobreza coincide com o abandono a que os estudos arabes têm sido votados em Portugal, onde nem sequer uma cadeira de lingua arabe existe!

Alguns mancebos estudiosos tentão actualmente despertar entre nós o gôsto e o interesse pelos assumptos semiticos. Assim não esmorêção no seu util e louvavel emprehendimento!

Se o Governo o ajudar, o Museu Ethnographico fará tambem por augmentar o peculio dos objectos archeologicos neste ramo.

VI

EPOCHA PORTUGUESA PROPRIAMENTE DITA

(Desde a Idade-Média até o seculo XVIII)

Esta epocha subdivide-se em duas: uma, desde a Idade-Média até a Renascença; outra desde a Renascença até o seculo XVIII.

O fundamento da divisão está em que do seculo XV em deante a vida portuguesa experimentou novo abalo, começando a ser mais complexas as nossas relações sociaes, mais intensa a nossa civilização. As relações com os paises de além-mar influírão nas artes, nos habitos, nas mobilias e mais aprestos caseiros, nas comidas, nos trajos, etc. Começa tambem a transfundir-se novo sangue no nosso, em virtude da assimilação que fizemos dos povos descobertos e conquistados.

Já nos capitulos precedentes fallei de diversas camadas ethnicas que se sobrepuserão no nosso solo, até os principios da Idade-Média.

No periodo em que Portugal se separa de Leão, e principia a definir-se politicamente, para o que concorrem, de um lado condições organicas, do outro o esfôrço dos seus homens politicos, são estes os elementos que constituem a população portuguesa: Hispano-Godos, que provinhão da assimilação dos Barbaros aos povos preexistentes na Peninsula, e se dividião em Mosarabes e em Hispano-Godos propriamente ditos, isto é, puros de servidão; Sarracenos, que, como disse, se compunhão de muitos elementos ethnicos; Judeus; colonias vindas d'além dos Pyreneus em differentes epochas, e que formárão muitas povoações, como Atouguia, Villa-Verde, Lourinhã, Azambuja, Cezimbra, Ponte-de-Sor, e ainda se estendêrão pelo Norte. Devem-se à Alexandre Herculano algumas bellas paginas a respeito d'estas colonias. Os povos que as formavão recebêrão o nome comum e vago de *Franci*. «A influencia do elemento franco na povoação das nossas provincias, especialmente nas da Extremadura e do Alemtejo, — diz o grande historiador, na *Historia de Portugal*, III (3.ª ed.), pag. 220 —, foi muito mais importante do que em Leão, porque se associou ao povo e contribuiu para augmentar a extensão e a fôrça dos gremios municipaes».

Com as conquistas além mar, se a população do continente se diffundiu e gastou, por outro lado recebeu em si e absorveu elementos ethnicos de muitas e diversas origens, com os quaes se alterou.

Dizia Nicoláo Clenardo numa das suas cartas, — Nicolai Clenardi *Epistularum libri duo,* Hanoviae 1606, pag. 20 —, que Portugal no sec. XVI estava tão cheio de Negros e Mouros, que parecia que em Lisboa havia mais escravos e escravas do que Portugueses livres. Dando o devido desconto ao exaggêro, são porém aquellas palavras dignas de reparo. E o augmento da gente estranha não era só em Lisboa, era tambem, e naturalmente, nas provincias. Do testamento de uma rica dama eborense do sec. XVI, extractado pelo Sr. Gabriel Pereira nos seus *Estudos Eborenses*, n.º 15, Evora 1888, consta que ella tinha em sua casa, como diz o Sr. Pereira, «um grupo de serviçaes de differentes raças, que dão idea de uma collecção anthropologica»: effectivamente nesse testamento mencionão-se escravos ou criados indios, mouriscos, chineses, mulatos, pardos, além de um branco e de cinco cuja raça se não indica.

Fallando do desfalque da população, por causa das conquistas, escrevia no sec. XVII Severim de Faria, — *Discursos varios politicos,* 1.º, § 2: «D'aqui veiu o ser necessario trazerem-se Cafres e Indios para o serviço ordinario. E já em tempo de D. João III passava isto em tanto crescimento que diz Garcia de Resende numa copla da sua *Miscellania:*

«Vemos no Reyno metter
Tantos cativos, crescer,
E irem-se os naturaes,
Que se assim fôr, serão mais
Elles que nós, a meu ver».

No seculo XVIII o marquês de Pombal povoou de Africanos uma terra nas margens do Sado.

No seculo actual, e no tempo presente, vemos a cada passo não só gentes do Ultramar, sobre tudo da India e da Africa, virem para a metropole e cá ficarem e se propagarem, como tambem Portugueses, que vão para esses e outros pontos e para o Brazil, voltarem de lá casados com indigenas.

Taes mestiçagens e cruzamentos explicão algumas das variedades de typos ethnicos que existem no país, e tambem por ventura, em parte, certas modificações que ha uns seculos para cá se notão no nosso caracter. O conhecimento dos principaes elementos constitutivos do povo português torna-se pois assumpto obrigado, como introducção de um inventario de ethnographia; por isso fiz a breve indicação que acabo de fazer.

*

Restringindo-me agora ao meu campo, direi que, em virtude das considerações que apresentei acima, muitos objectos que poderião ficar no Museu Ethnographico ficarão melhor, ou pelo menos têm tambem cabimento, noutros Museus, por exemplo no de Bellas-Artes e no de Artilharia, nos quaes já se áchão bastantes, e d'onde, nas circumstancias presentes, não convem deslocá-los. Estão nesse caso: de um lado,

objectos de ourivezaria, metaes preciosos, joias, imagens de santos, alfaias ecclesiasticas, esculpturas decorativas, mobilia, ceramica, tapetes, illuminuras, sellos, sinetes, etc.; do outro lado, armamentos, estandartes, etc.

Mas resta muita cousa que póde ainda adquirir-se para o Museu Ethnographico, sem fallar no que deve reproduzir-se por estampas, moldes, etc.

De facto a nossa archeologia, no periodo de que estou fallando, isto é, no que decorre desde a Idade-Média até o seculo XVIII, dá immenso que estudar. Não podendo aqui sequer fazer uma resenha do que ha no país, remetto o leitor para as obras especiaes, entre as quaes póde, por exemplo, consultar as seguintes modernas:

Catalogo illustrado da exposição retrospectiva de arte ornamental, Lisboa 1882, 2 vol. (texto e estampas);

Monumentos de Portugal historicos, artisticos e archeologicos, por Vilhena Barbosa, Lisboa 1886;

Portugal Pittoresco, por Augusto Mendes Simões de Castro;

Les arts en Portugal, pelo conde de Raczynski, Paris 1846;

Die Baukunst der Renaissance in Portugal, por Albrecht Haupt, Frankfurt 1890;

Monumentos Nacionaes, por Mendes Leal, Lisboa 1868;

Reliquias da architectura romano-byzantina em Portugal, por A. Filippe Simões, 1870;

Da architectura religiosa em Coimbra durante a idade-média, pelo mesmo, 1875;

Escriptos diversos, pelo mesmo, 1888;

Lisboa antiga, pelo Visconde de Castilho (Julio), 1879-1890;

A Ribeira de Lisboa, pelo mesmo, 1893;

O Mosteiro da Batalha em Portugal, pelo visconde de Condeixa;

O Minho Pittoresco, por J. Augusto Vieira, 1886-1887;

Catalogo provisorio da galeria nacional de pintura (com uma introducção pelo Marquês de Sousa Holstein);

Catalogo do Museu Archeologico do Carmo;

Catalogo do Museu do Instituto de Coimbra;

Catalogo do Museu Cenaculo, por Filippe Simões;

A antiga eschola portuguesa de pintura, por J. C. Robinson (traducção), 1868.

Portugal antigo e moderno, por Pinho Leal & Pedro Augusto Ferreira, 1873-1890;

Historia de Portugal, por Pinheiro Chagas;

Estudos Eborenses, por Gabriel Pereira;

Artes e artistas de Portugal, por Sousa Viterbo, 1892;

muitos jornaes litterarios, já da especialidade, como o *Boletim* da Associação Archeologica do Carmo, o *Antiquario*, a *Revista Archeologica*, a *Arte Portuguesa*, já de caracter geral, como o *Panorama*, o *Archivo Pittoresco*, o *Occidente*, a *Revista Illustrada*, etc., etc.;

e outros livros de historia e archeologia locaes, além dos que já

citei. A menção de todos sería muito longa. Lembrarei no emtanto alguns modernos:

O concelho de Elvas (em publicação), por Victorino d'Almada;

Apontamentos para a historia do Fundão, por J. Germano da Cunha, Lisboa 1892;

Compendio de noticias de Villa-Viçosa, por Padre Rocha Espanca, Redondo 1892;

Os opusculos do Abbade Castro e Sousa, sobre Belem, Cintra, Pena, etc. e o *Itinerario* feito pelo mesmo auctor;

Materiaes para a historia da Figueira nos sec. XVII e XVIII, por A. dos Santos Rocha, Figueira 1893;

Monographia de Castello Branco, por Antonio Rôxo, Elvas 1891;

Estudos sobre Montemór-o-Novo, por Lopes Praça, Coimbra 1873;

Monumentos das ordens militares de Thomar, por J. Antonio dos Santos, Lisboa 1879;

Alemquer e o seu concelho, por G. João Carlos Henriques, Lisboa 1873;

Annaes de Sanct-Yago de Cassem, pelo Padre A. de Macedo e Silva, Beja 1866 e Lisboa 1869 (2.ª ed.);

Memorias da villa de Oleiros, por D. João M. Pereira d'Amaral e Pimentel, Angra 1881;

Esboço historico de Villa Nova de Ourem, por J. das Neves Gomes Elyseu, Lisboa 1868;

Apontamentos para a historia de Cascaes, por Pedro Lourenço de Seixas B. Barruncho, Lisboa 1873;

Descripção de Villa Nova de Gaya, por Monteiro de Azevedo & Rodrigues dos Santos, Porto 1861;

Memoria do mosteiro de Leça, por A. Carmo Velho de Barbosa, Porto 1852;

O monumento de Mafra, por Conceição Gomes, Lisboa 1871;

Monumentos e lendas de Santarem, por Zephyrino Brandão, Lisboa 1883;

Historia da cidade e bispado de Lamego, por D. Joaquim de Azevedo, Porto 1878;

Descripção de Torres Vedras, por Madeira Torres (2.ª edição), Coimbra 1861;

Memorias da villa do Barreiro, por J. Augusto Pimenta, Lisboa 1886;

Memoria sobre Setubal, por Alberto Pimentel, Lisboa 1879;

Guimarães, pelo Padre Ferreira Caldas, 2 vol., Porto 1881-1882;

Tàgilde, pelo Abbade Oliveira Guimarães, Porto 1894.

Alguns dos livros e jornaes citados contêm tambem noticias a respeito de outras epochas da história da civilização portuguesa.

*

Para preencher no Museu Ethnographico a respectiva secção ha ainda muito pouco: apenas algumas pedras com inscripções, e umas

esculpturas, que Estacio da Veiga recolheu no Museu do Algarve; e todavia torna-se facil em pouco tempo, logo que o Govêrno dê para isto uma verba, embora modesta, fazer uma razoavel collecção de objectos archeologicos portugueses.

VII

EPOCHA PORTUGUESA MODERNA

Parte dos objectos que vão ser enumerados podem tambem pertencer a um museu de bellas-artes, a um museu industrial, a um museu agricola, etc., em virtude do que eu disse a cima; no emtanto não deve deixar de se fazer aqui à menção geral, embora haja sempre de se ter na mente que os objectos que principalmente se buscão num museu ethnographico são os de significação *caracteristica* e *antiga*, isto é, os que estão radicalmente relacionados com a vida popular, fazendo parte integrante d'ella, e contribuindo para revelar e explicar as tendencias e aptidões do povo que os usa.

*

A's variedades geologicas, climatericas, anthropologicas do nosso país correspondem variedades ethnographicas, pois a vida social regula-se quasi sempre pelas condições naturaes.

No Minho, — como provincia mais rica em vegetação e mais humida, pelas suas condições de latitude —, é onde domina o gado bovino, que ajuda o homem nos trabalhos campestres. Ahi achamos tambem curiosos factos ethnographicos ligados com a vida agricola: superstições com o boi, por cuja bôca, tida como sagrada, se fazem bafejar as sementes antes de as lançarem á terra; adivinhas populares e cantigas cujo thema é o campo; e esses interessantissimos jugos e cangas que só se encôntrão lá, variados nos seus ornatos, conforme as localidades, e com allusões a crenças religiosas. O systema das vides de enforcado, isto é, das vides que crescem abraçadas ás arvores *(uveiras)*, — podendo dizer-se como Varrão, *De re rustica*, XI, II, 79, *ulmi vitibus maritantur* —, dá origem no Minho a costumes especiaes de vindima, que não se encôntrão noutros sitios, onde o cacho se cria em vinhas e *vinhagos*, e não em *uveiras*.

O milho cultiva-se principalmente no Minho e na Beira. Além do aspecto de paisagem que elle imprime aos campos, a sementeira e a colheita constituem na vida das povoações episodios variados. A sementeira, em alguns sitios, chama-se *vessada*, — do latim v e r s a t a, participio do verbo *versare*, «revolver a terra» —, e os dias em que ellas se fazem são na Beira-Alta, em cada familia, dias de festa e de movimento, em que todos os trabalhadores vão alegres para o campo, e de lá voltão dando vivas aos donos das *lameiras* e *lameiros*, — pois assim se chámão

os terrenos onde numa epocha do anno se cria o milho, e na outra as pastagens para os bois, terrenos ordinariamente situados junto de agua, e por isso alagadiços, d'onde a origem dos nomes. Na Extremadura a palavra *lameiro* tem significação mui diversa, pois quer dizer «sitio cheio de lama», o que na Beira se denomina *lamaço* e *lamaçal.* — A esfolhada e debulha do milho, aos serões, provocão nas raparigas e rapazes musicas e cantigas; e os empilhamentos das cannas junto das brancas e largas eiras, em *medas,* que como que fórmão altas pyramides, produzem um dos mais curiosos enfeites das vivendas ruraes.

Nas zonas montanhosas de Tras-os-Montes e da Beira nascem os castanheiros. Nada mais grandioso na nossa flora do que essas arvores seculares e giganteas, que o viajante admira no districto de Villa-Real, ou á entrada da cidade da Guarda, agrupadas em *soutos!* A castanha introduz modificações nos habitos alimentares, pois póde comer-se crua, assada, cozida, em caldo, pilada, e até constituindo uma especie de bôlas, que se vendem nas feiras beirãs com o nome de *falachas.* A castanha cozida substitue frequentemente, na alimentação dos pobres, outros pratos. Nos conventos o caldo de castanhas era comida obrigada em certos dias solemnes. E' ainda com castanhas que se fazem os *magustos,* no dia de Todos-os-Santos, costume muito vivaz e espalhado na Beira, apezar de, como penso, se ligar com o antiquissimo culto dos mortos: o *magusto* é uma vasta e festiva fogueira em que se ássão castanhas, geralmente ao ar livre, no campo, com a qual se prendem várias usanças populares. Aqui está um bom exemplo das íntimas relações da ethnographia com a geographia. Mas não se limita a isto a influencia da *Castanea vulgaris* na vida social do nosso povo. Conheço alguns contos que se referem ás tocas dos velhos castanheiros; a litteratura poetica oral offerece adivinhas que têm por assumpto a corpulencia d'essas arvores, o ouriço e a castanha; a *boneca* constitue um meio supersticioso de prever o futuro; e ainda as crianças fazem das vergonteas, quando cheias de seiva, umas gaitas particulares. Nenhum d'estes factos se póde observar fóra das regiões castaneíferas; elles dão pois pôr si caracter ás localidades.

A parte raiana da provincia de Tras-os-Montes abunda em cereaes. As grandes ceifas não só deslocão muita gente, o que origina transmissão de costumes, mas, como têm o cunho da antiguidade e da persistencia, fazem que se conservem certos habitos, cujo estudo muito interessa. Exemplos da transmissão de costumes temo-los nas xacaras populares, como mostrei no *Romanceiro português,* Lisboa 1886, pag. 5; exemplos de conservação de habitos temo-los numa importantissima classe de poesias, algumas das quaes colleccionei no *Annuario das tradições populares,* Porto 1882, pag. 19 sgg., que dão luz para a comprehensão de certas fórmas poeticas dos nossos Cancioneiros medievaes. A necessidade de acarretar grandes porções de palha obriga os lavradores a servirem-se de carros tambem muito grandes: é pois uma particularidade de várias localidades trasmontanas a dimensão das portas dos *cabanaes,* para onde entrão os carros. Os *cabanaes,* em dia-

lecto mirandês *cabanhaes*, correspondem aos *pateos* ou *páitos* da Extremadura, e ás *quintans* da Beira-Alta.

Os terrenos calcareos do Mondego, do Tejo e do Guadiana produzem olivaes em grande escala. A apanha da azeitona e a fabricação do azeite originão nomes, cantigas populares e usos que não existem noutras partes, ou existem differentes. Na Beira é costume, na noite de S. João, accender um *facho*, feito de lenha sêcca; na Extremadura o *facho* é substituido por uma *ceira* do azeite. Em Santarem chama-se *adiafa* a uma festa que se faz no fim da colheita da azeitona, e consiste em danças, etc. Como estas, outras diversas modificações na vida ethnographica, devidas á cultura da oliveira, se podião citar.

O Alemtejo, onde o clima é mais sêcco, é a região do sobro e do azinho. O azinho produz bolota (nome popular *boleta)* e o sobro produz lande; de lande e bolota se engórda o gado suino, que naquella provincia constitue copiosa fonte de riqueza. Além do gado suino, no Alemtejo crião-se outros em grande abundancia, como tambem na Beira. A vida pastoral alli tem cunho muito especial. Os differentes individuos encarregados da guarda e cuidado dos gados estão distribuidos hierarchicamente, desde o simples *ajuda* até o *maioral;* ha nomes especiaes, conforme os cargos, o *porqueiro,* o *cabreiro,* o *ovelheiro...;* os utensilios de que o pastor se serve, como o *tarro,* a *côrna,* a colhér de chifre, fá-los elle mesmo, em quanto, no silencio e na solidão das vastas *herdades,* guarda o gado; e ás vezes revela-se nesses trabalhos muita habilidade, que, bem dirigida, poderia dar verdadeiros artistas.

Taes exemplos bástão para o meu fim.

Com relação á anthropologia, esta sciencia está ainda no berço entre nós, para que eu possa fazer aqui considerações desenvolvidas. A sobreposição dos elementos ethnicos que no decurso d'este artigo tenho indicado na população do nosso país, desde remotas eras, faz que não possamos encontrar hoje um typo uniforme, mas que pelo contrário encontremos muitos.

No Norte, por exemplo, não se verão com tanta frequencia homens altos como no Alemtejo, nem no Sul se verão com tanta frequencia homens de olhos azues e de barba e cabello louros como no Entre-Douro-e-Minho, em Tras-os-Montes e na Beira. E' mais vulgar ver no Minho do que no Sul gente de faces rosadas. As molheres do littoral, d'Aveiro a Vianna, pássão pelas mais formosas do país.

Os Septentrionaes são mais activos, mais resistentes no trabalho, do que os Meridionaes: basta notar que nas tres provincias do Sul ninguem faz uma pequena viagem a pé, e que quasi todas as pessoas têm para seu uso pelo menos um jumento. Quem percorre uma estrada do Algarve, do Alemtejo ou da Extremadura pasma da grande quantidade de pessoas a cavallo que encontra; já não é assim, por exemplo, na Beira nem no Entre-Douro-e-Minho.

Nas tres provincias do Sul ninguem anda descalço ou sem meias; na Beira e no Entre-Douro-e-Minho isso é frequentissimo. As proprias

molheres nestas duas últimas provincias, quando vão de visita a uma terra estranha, vão sem meias, cálção-nas á entrada, e descálção-nas á sahida, para as pouparem. E com tudo, quasi todas as molheres, nas horas vagàs do serviço da casa, se occupão em *fazer na meia!* Ha mais uniformidade de trajos no Sul do que no Norte. Numa aldeia da Extremadura, em que vivi uns meses, havia um rapaz engeitado, muito pobre, que andava em mangas de camisa, por não ter jaqueta; quis dar-lhe um casaco meu, já usado, mas ainda bom, e elle não o acceitou, por não ser como os outros da terra, e preferiu continuar, como andava, em mangas de camisa, ao vento e á chuva! No Algarve é muito vulgar ver molheres do povo com chapeu, mesmo dentro de casa, nas lidas domésticas. Os trajos das molheres de Entre-Douro-e-Minho e ainda da Beira-Alta, coloridos, garridos, contrástão singularmente com os das molheres do Sul, mais tristes, mais feios. Em parte alguma se usão nas orelhas brincos ou *arrecadas* de ouro tão grandes como no Minho. Em certos pontos raianos de Tras-os-Montes as molheres, á maneira do que fazem as pretas na Africa, átão de certo modo a capa na cinta, e trazem ás costas, dentro de uma especie de saco, os filhos pequenos, emquanto com as mãos livres trabálhão: vi isto em Quintanilha. Creio que é só no Norte que os homens se podem vestir todos de palha: chapeu, *palhoça* (ou *croça)* e polainas, — como palheiros ambulantes. A palavra *croça* é modificação phonetica de *coroça,* que talvez provenha do latim c o r o c e a, por causa de analogia de côr. — Ao passo que a gente do campo usa frequentemente no Norte, no verão, chapeus de palha, os trabalhadores meridionaes, mesmo no maior calor, não lárgão os pesados e quentes chapeus de panno desabados.

O Algarvio é extremamente fallador, resultado talvez da raça e do clima: tenho até observado que o estylo de muitos escriptores naturaes do Algarve é prolixo, verboso. O Alemtejano é apparentemente frio no seu trato, mas sincero; o Minhoto e o Beirão são mais amaveis, mas acaso menos sinceros; o Extremenho nem é muito amavel, nem muito sincero, — exceptuando Lisboa onde, pelas condições inherentes a uma côrte, o termo *alfacinha* se tornou proverbial como synonimo de «pessoa de boas palavras e de muitos comprimentos, mas não convencida do que diz ou faz». Ninguem de apparencia mais amavel do que o lisboeta: condiz porém sempre ésta amabilidade exterior com o modo intimo de pensar? O Extremenho creio não ser tão liberal como o Trasmontano, o Interamnense e o Beirão, que offerecem francamente a sua casa, hospedão e trátão com affabilidade. O typo chamado entre nós *Portugal velho,* bondoso, lhano, com quem a gente logo á primeira vez sympathisa, encontra-se mais vezes nas provincias do Norte e centro do que nas do Sul. A patria do *fidalgo antigo,* que se revê nos seus brazões, e, sem deixar de estimar os outros, não se desapruma porém da linha, é tambem principalmente no Norte e no centro do reino.

Em tudo o que estou dizendo, já se vê, ha muitas excepções; ape-

nas noto os resultados da minha observação, que póde ser bastante subjectiva.

A gente do Sul parece-me menos profundamente religiosa do que a da Beira e a das duas provincias septentrionaes; pelo menos o culto externo tem lá menos vigor: não ha tantos santuarios, tantas *alminhas*, tantos cruzeiros; não se fazem tantas cerimonias religiosas. No Norte ou na Beira, quando se festeja, por exemplo, o padroeiro da freguesia, reina em todas as pessoas grande satisfação, e ninguem falta na igreja; na Extremadura assisti uma vez, numa villa, a uma festa de anno, e apenas estavão no templo meia duzia de molheres, que provavelmente não tinhão outra cousa que fazer! Não se póde comparar o mundano e o folgazão dos *cirios* extremenhos com a fé e a uncção das *romarias* e das procissões do Norte e do centro do reino. Em Lisboa o artista e essa repugnante classe dos *faias* ou *fadistas* fazem ostentação de serem anti-religiosos; mas isso resulta menos de convicção íntima do que do princípio de insubordinação contra tudo o que seja poderes constituidos. O Extremenho tem pouca ternura de sentimentos. E' na Extremadura que o barbaro divertimento tauromachico está mais em voga; e ha agora em Lisboa pessoas de intelligencia apoucada e instinctos assalvajados que não só querem as corridas chamadas *de morte*, mas as defendem calorosamente, tentando assim introduzir em Portugal um espectaculo sanguinolento, que não está nos nossos habitos, e que é caracteristico de um povo estrangeiro! As corridas de touros filião-se nos antigos combates com as feras. A evolução natural das ideias tende a supprimi-las, e não a dar-lhes desenvolvimento. Mas ás vezes ha contradicções na humanidade. E' por isso que o anarchismo ganha proselytos, e a pena de morte mancha ainda os codigos das nações mais civilizadas do mundo!

Todas as differenças que tenho assignalado provém de causas muito complexas, umas naturaes, outras sociaes.

No nosso país ha vários grupos ethnicos curiosos. Nos arredores de Lisboa temos os *Çaloios*, que se estendem até Cascaes, Cintra, Mafra, Ericeira, acabando, segundo creio, já antes de Torres-Vedras; á beira do rio, isto é, no *Ribatejo*, temos os *Campinos*, que chegão, pelo menos, até á Gollegã. Na zona maritima da Beira temos os *Varinos*, de que ha em Lisboa uma colonia importante; a palavra *Varino* ou *Ovarino*, deriva de *Ovar;* este nome de terra deu origem tambem á palavra *vareiro*, que na Beira significa «vendedor ambulante de sardinha», isto é, *sardinheiro*. A gente de Villa do Conde dá o nome de *Maiatos* a todos os povos que lhe ficão para lá do Ave, embora a *Maia*, d'onde aquelle nome deriva, seja mais circumscrita. No Norte de Tras-os-Montes ha um extenso tracto montanhoso em que ficão os *Lombardeses*, nome tirado irregularmente do nome topographico *A Lombada*. A gente da Beira tem, pelo menos desde o sec. XVI, o nome comum de *Ratinhos*, que inscientemente se tem querido fazer derivar de *Rates;* *Ratinho* é nome ironico, devido talvez ao caracter agenciador e trabalhador dos Beirões.

Geographicamente o país tem tambem muitas divisões populares. A divisão maior é em provincias, — Entre-Douro-e-Minho, Tras-os-Montes, Beira, Extremadura, Alemtejo e Algarve.

A denominação de ENTRE-DOURO-E-MINHO, que hoje já se não usa no povo, mas que convem muito usar, pelo menos na litteratura, porque define uma área bastante uniforme, provém da situação da provincia entre os dois principaes rios do Norte. Denominações d'estas são vulgares no país. Nos documentos antigos lê-se *Entre-Tejo-e-Odiana,* o que significa pouco mais ou menos o Alem-Tejo e o Algarve. *Odiana* é uma fórma antiga de *Guadiana,* palavra composta do iberico *Ana,* e de *guade,* em arabe w a d, que quer dizer «rio»; ha outros nomes semelhantemente formados, como *Odeseixe, Odeleite, Odemira, Odiáxere, Guadelupe, Guadiana, Guadalete,* uns em Portugal, outros na Hespanha. Lê-se tambem nos mesmos documentos *Entre-Homem-e-Cávado,* que representa certo tracto de terra no Baixo-Minho; lê-se *Entre-Minho-e-Lima, Entre-Douro-e-Vouga, Entre-ambas-as-Aves.* A ultima denominação corresponde ás terras situadas entre os rios Ave e Avizella, hoje Vizella, — pois *Avizella* é um deminutivo de *Ave,* latim * A v - i c - e l l a, sendo *Ave* proveniente do nome pre-romano A v u s. Em Tras-os-Montes ha um sítio que se chama *Entramblas áugas* (= Entre ambas las aguas), por ficar entre duas correntes de água. Os povos beirões da margem do Douro chámão ás terras fronteiras *Alem-Doiro;* e os que vívem nestas terras dão o mesmo nome á parte da Beira que lhes fica do outro lado do rio. Já na antiga geographia peninsular, no tempo dos Romanos, se encôntrão denominações tambem tiradas dos rios, como *Transcudani,* «os de além do *Cuda,* hoje *Coa*»; *Limici,* «os das margens do *Limia,* hoje *Lima*»; *Tamacani* ou *Tamagani,* «os das margens do *Tamaca (Tamaga),* hoje *Tamega*». — Os habitantes de Entre-Douro-e-Minho tinhão outr'ora na litteratura o nome de *Interamnenses,* formado de *inter amnes,* «entre os rios», — que os nossos eruditos criárão á semelhança do latino *Interamna,* de uma cidade da Italia, cercada de um canal formado pelo rio Nar. A palavra *Entre-Douro-e-Minho* tem variado na pronúncia popular: nuns auctores encontra-se *Antre-Douro-e-Minho,* noutros *Antredouraminho.* Um auctor do sec. XVIII, João Baptista de Castro, no *Mappa de Portugal,* I, 45, chama-lhe *Duriminea,* nome não-popular, e composto de *Durius* e *Minius,* que são as denominações dos rios Douro e Minho na epocha luso-romana. A fórma *Duriminea* não pegou.

A denominação de TRAS-OS-MONTES é tambem tirada da geographia. Como eu já disse na *Revista Lusitana,* II, 100, fôrão de certo os povos do Minho que dérão o nome a Tras-os-Montes, pois ésta provincia lhes fica para lá dos montes do Gerês, Cabreira, etc. Os trasmontanos devião naturalmente chamar á sua terra *Aquem-dos-Montes;* e em verdade, num documento de Bragança, do seculo XIV, lê-se: «comarca *d'aquem dos montes*». Como mais usado, foi porém o outro que prevaleceu. — O nome *Tras-os-Montes* tem variado na pronúncia. Em vez da moderna fórma litteraria lê-se nos livros antigos *Tras-los-Montes*

ou *Trallosmontes,* como ainda o povo lá diz. O nome gentilico correspondente é *Transmontano* ou *Trasmontano,* com várias pronúncias populares, como *Tramontano* e outras. O suffixo *-ano* apparece tambem em *bragançano,* de que ha a fórma antiga *bragançâo.*

Beira. Este nome provém provavelmente de ficar situada a provincia na *ri-beira* ou *re-beira* do Douro, isto é, «á *beira* do rio». O nome gentilico é *Beirão.* Alguns auctores, levados da apparente semelhança que ha entre *Beirões* e o nome *Berones* de um antigo povo iberico, suppuserão erradamente que aquella fórma provinha d'esta. *Beirão* fórma-se de *Beira* por meio do suffixo *-ão,* variante phonetica do suffixo *-ano,* que tem origem no latim *-anus.* Assim é que de *Romanus* se fez em português *Romano* e *Romão.* Em livros antigos lê-se *os Romãos* na accepção de *os Romanos.* A palavra *romão,* como synonima de *romano,* usa-se ainda hoje em linguagem architectonica: «estylo *romão*».

A palavra Extremadura vem innegavelmente do verbo *extremar,* como *armadura,* de *armar, semeadura,* de *semear,* etc., embora não seja facil dizer qual foi a accepção primitiva da palavra, isto é, o que ésta provincia *extremava* na Idade-Média, se os terrenos arabes do Sul do Tejo, se o país pelo lado do Oceano. Ha outros nomes iguaes ou parecidos, como na Hespanha *Extremadura,* e em Portugal *Extremo, Extremas* e *Extremadouro.* Este ultimo é formado tambem de *extremar,* como *Miradouro* (outro nome vulgar), de *mirar.* Viterbo, no seu *Elucidario,* s. v. *Bemquerença* e *Penella,* cita uma *Extrematura* e *Stremadura* em documentos medievaes.— Os habitantes da provincia da *Extremadura* chamão-se *Extremenhos;* os da Extremadura hespanhola têm o mesmo nome, *Extremeños.*

Alemtejo. E' outra denominação analoga ás que já citei. Primitivamente a provincia devia abranger tambem a peninsula de Setubal com o terreno do Sul que hoje pertence ao districto de Lisboa.— O nome gentilico é *Alemtejano,* formado como *Trasmontano.* Creio já ter ouvido á gente do Sul dizer *Alemtejão.*

A palavra Algarve é arabe, *Al-garve* = Algārb, que significa *O Occidente.* Tinha outr'ora o titulo de reino e ainda hoje os soberanos portugueses se chámão «reis de Portugal e *do Algarve*» ou «*dos Algarves*» (com referencia á Africa).— Os habitantes do Algarve denominão-se *Algarvios.*

Algumas das provincias subdividem-se, e recebem nomes populares correspondentes. O *Entre-Douro-e-Minho* subdivide-se em *Alto-Minho, Baixo-Minho* e *Baixo-Douro,* regiões que ainda tambem se subdividem, como da segunda já disse. *Alto-Douro,* a região vinhateira, é uma divisão de Tras-os-Montes. Nésta provincia ha varios territorios que se chámão vulgarmente *Terras,* como *Terra de Miranda, Terra Quente, Terra de Vinhaes;* em tempos antigos a palavra *terra* tinha tambem na administração do país sentido politico, como se póde ver em Viterbo, *Elucidario,* s. v. No *Entre-Douro-e-Minho* e na Beira tambem se encontra *Terra da Maia, Terras de*

Bouro, Terra da Feira; naquella provincia ha muitos concelhos com denominação geral que não corresponde a uma dada povoação ou villa, como *Baião, Felgueiras, Maia.* A Beira subdivide-se em *Alta* e *Baixa,* mas o povo da Beira-Baixa, em virtude das altas serras que lá ha, chama Beira-Alta á Beira-Baixa; a parte maritima do antigo principado da Beira, isto é, os districtos de Aveiro e Coimbra, não tem nome popular, que eu saiba; o territorio adjacente a Coimbra chama-se *Campo de Coimbra.* A palavra *Campo,* neste sentido de territorio extenso, e mais ou menos plano, apparece outras vezes: *Campo da Gollegã, Campo de Benavilla.* Em relação ás divisões da Extremadura já fallei dos *Çaloios* e dos *Campinos.* Em Lisboa, quando se quer fallar do territorio dos *Çaloios,* diz-se mesmo *os Çaloios,* por exemplo: «morar *nos Çoloios*», «ir *aos Çaloios*», «vir *dos Çaloios*», como em latim se dizia *in Persis, in Sabinos, ex Liguribus,* — tomando-se o nome dos habitantes pelo do país. O Alemtejo subdivide-se em *Alto* e *Baixo-Alemtejo,* como o Minho e a Beira, variando porém, em relação a esta última, a collocação syntactica do adjectivo. O Algarve subdivide-se em *Sotavento* (parte oriental) e *Barlavento* (parte occidental), denominações provindas da linguagem maritima.

Além d'estas designações, ha ainda outras tiradas da geographia, e de caracter mais geral. Assim, á gente da serra dá-se na Beira o nome comum de *Serranos,* e no Minho o nome comum de *Montanhões* (pelo menos em certos sitios). Aos habitantes da beira-mar é frequente chamar *os da Borda d'água.*

Quando se estuda a toponymia portuguesa, isto é, os nomes locaes (de povoações, sitios, montes, rios, valles, etc.), nota-se o seguinte: uns nomes fôrão já herdados pela lingua portuguesa, isto é, provêm de linguas falladas na Lusitania antes da implantação do latim, como *Portu-gal* (Cale), *Lisboa* (Olisipo, Olisipona), *Coimbra* (Conimbriga), *Evora* (Ebora), *Tejo* (Tagus, *Tagius), *Douro* (Durius, Dorius), *Mondego* (Munda, Monda, *Mondaecus), *Braga* (Bracara, *Bragala, Bragaa), *Nabão* (*Nabanus, de $\sqrt{\text{Nab-}}$), *Lamego* (Lama, *Lamaecus), *Minho* (Minius), *Neiva* (Nebis, *Nebia, — como Lim-ia), *Lima* (Limia), *Coa* (Cuda, *Coda), *Tamega* (Tamaca, Tamaga), *Ave* (Avus), *Côina* (Equábona, *Cauna, Couna), *Idanha* (*Igaeditania, Egitania, Eydãia), etc.; outros nomes provêm do latim e das outras linguas posteriores que em tempos antigos mais contribuírão para a formação do lexico português, isto é, do germanico e do arabe. Temos assim duas classes de nomes locaes: *antigos* e *modernos.* Dos nomes modernos muitos achão-se bastante desfigurados, como *Beselga* (de *basilica), Vaia* (de *Eulalia), Santulhão* (de *Sant'Iulianus),* etc. Os nomes locaes podem reduzir-se a classes: por exemplo, nomes tirados:

a) da flora, como *Felgueiras, Bidueira, Salzedas, Cerzedo, Macedo, Velleda;*

b) da fauna, como *Aguiar, Golpilhares, Castro-Laboreiro, Lobeiros;*

c) da natureza e configuração do terreno, como *Cabeça Gorda, Achada, Chellas, Arneiro, Bico-da-Vela;*

d) dos rochedos, como *Pena, Penha, Pedras, Pedroso, Lageosa, Alijó, Lijó, Lapa;*

e) das aguas, como *Rio, Corgo, Ribeiro, Ribeira,* e muitos dos que citei a cima;

f) dos ventos e dos rumos, como *Penaguião, Ventosa, Aventosa, Ventosellos, Aventeira;*

g) da religião, quer christã, quer popular, como *S. João, Santulhão, S. Pedro* (oragos), *Cova da Moura, Boca do Inferno, Aguas-Santas, Rio Santo, Monsanto, Fonte-Santa, Casa dos Galhardos;*

i) de nomes proprios e titulos: *Villa do Conde, Margaride, Martim-Joanne;*

j) da natureza do clima (geralmente como sobrenomes), *Rio-Frio, Mesão-Frio, Terra-Quente;*

k) de divisões territoriaes, titulos de propriedades, denominações de povoações, partes d'estas, como: *Abbadia, Póvoa, Bairro, Aldeia, Villa;*

l) de quaesquer edificações, como *Antas, Duas-Igrejas, Alcaçarias, Atalaia, Bico-da-Vela;*

m) da natureza do campo, ou das fórmas da lavoura, como *Arroteia, Avessada, Agra, Agrello, Bouça;*

n) do aspecto geral do sitio, como *Bella-Vista, Boa-Vista, Val-Formoso;*

o) de caminhos, como *Estrada, Atalho.*

E muitas mais classes se podem ainda formar. O estudo da toponymia é interessantissimo, debaixo de muitos aspectos, pois manifesta o grau de imaginação do povo no formar epithetos e no descrever em uma só palavra os sitios, dá indicações á cêrca da história natural e social da região, e revela muitos processos curiosos de linguagem; é necessario porém fazê-lo com methodo, e não ao acaso, como em Portugal geralmente se costuma.

Ao fallar da toponymia, direi que com a diversidade de zonas geographicas e ethnicas que a cima mencionei está tambem de accôrdo a diversidade da linguagem vulgar, ou dialectos e co-dialectos, sendo alguns, como os da raia trasmontana, particularmente notaveis.

*

Feitas estas considerações geraes, que mostrão, por uma parte, que a Ethnographia provoca importantes questões e póde esclarecer diversos assumptos, e por outra, que o nosso país, apesar de pequeno, contém vasta e variada materia de estudo, e necessita ainda de ser muito investigado para ser verdadeiramente conhecido, — vejamos agora, mais em especial, de que elementos deve principalmente constar o Museu Ethnographico Português na secção de que me estou occupando (epocha moderna).

1. **Desenhos e modelos de edificações.** Temos de considerar dois grupos: moradas, e construcções várias.

a) Moradas. — O typo geral das casas não é uniforme no nosso país. A casa com peitoril e varanda soalheira é propria das provincias do Norte e da Beira. Em Tras-os-Montes ha junto da casa um vasto páteo fechado mas descoberto, que se chama, como já disse, *cabanal.* No Sul as casas póde dizer-se que são todas caiadas (Extremadura, Alemtejo e Algarve); na Beira e nas provincias do Norte só são, em geral, caiadas as casas de certa importancia. O serem ou não serem caiados os edificios dá ás povoações aspecto muito differente. Quem viaja pelas provincias do Sul admira-se de ver a certa distancia branquejar um logar que se lhe afigura muito grande e muito asseado: chega lá, e ás vezes encontra apenas uma pocilga rodeada de meia duzia de pequenas casas. Nem sempre o facto de caiarem no Sul as casas depende de asseio ou de gôsto esthetico: depende não raro da necessidade de conservar as paredes, por serem feitas de adobos ou de pedras menos solidas e menores que os blocos de granito do Minho e da Beira. Em Tras-os-Montes as casas com paredes de schisto avermelhado, por exemplo nas margens do Douro, têm um aspecto muito melancolico. Em chaminés ha grande variedade: no Alemtejo parecem tumulos (por exemplo Ponte-de-Sôr), no Algarve semelhão elegantes zimborios e minaretes; com alguns tijolos e um pouco de cal, o Algarvio edifica sobre o telhado ás vezes verdadeiras obras de arte, que é um gôsto ver. Nas serras do Minho e da Beira as casas, além de nuas de cal, são cobertas de colmo; em Tras-os-Montes, em muitas aldeias, vi casas cobertas de lousas. No Norte, apesar de as casas serem ás vezes caiadas, os telhados não o são. As casas de mais de um andar chamão-se no Minho *casas-torres.* No Sul, as casas são geralmente baixas, e de um andar; não raro tambem a luz que recebem vae-lhes de um postigo aberto na propria porta, ou de uma unica janella. No Sul quasi todas as casas têm á entrada uma saleta com sua mesa reservada para ter louças de estimação e outros objectos puramente de luxo, embora de baixo prêço; nem na Beira, nem no Norte se encontra isto como uso vulgar. No Minho algumas casas são abertas na encosta dos montes, — como grutas artificiaes: observei isto no Alto-Minho, onde as chamão por isso *barracas de so-chão* (sob o chão). Isto dá-nos ideia do modo de vida dos povos prehistoricos. Mas ha ainda outras interessantissimas fórmas de habitação, que como que nos transportão a epochas primitivas. Uma vez experimentei grande impressão percorrendo no Algarve uma rua de *cabanas* de pescadores. Na feitura das *cabanas* não entra pedra, nem metal; são construidas de madeira e junça. Parece estarmos pois na *epocha da pedra.* Como no periodo prehistorico dos kjoekkenmoeddings, os pescadores accumulão ás portas grandes montões de conchas e de restos de peixes e de mariscos. Quem quiser formar juizo aproximado de como vivião na epocha da pedra, no valle do Tejo, os povos que lá deixárão os kjoekkenmoeddings que Pereira Costa, Carlos Ribeiro, e

Paula e Oliveira estudárão com tanto interesse, dê um passeio até certas aldeias do littoral algarvio, e ahi encontrará nas moradas e nas comidas um aspecto do viver das primeiras sociedades do nosso país. A Cova de Lavos é uma povoação fronteira á Figueira da Foz, e separada d'esta cidade pelo Mondego: não ha lá outro chão senão areias; o viajante não verá ahi hortas nem arvores; em compensação verá o que não tornará a ver facilmente noutras regiões do país: uma aldeia com as casas, todas de madeira, erguidas no ar, sobre espeques, tambem de madeira, enterrados na areia. Temos aqui outro aspecto do viver primitivo, — das povoações lacustres, que os italianos chamão *palafitte,* com a differença que as *palafitte* prehistoricas erão sobre agua. Estas casas de Lavos têm o nome de *palheiros,* e ainda na Figueira ha uma praia assim denominada; talvez esteja ahi a origem da cidade. — As barracas dos campos nas provincias do Norte e na Beira são tambem curiosas, umas de madeira, outras de palha. — Nas serras da Extremadura os pastores fazem umas pequenas casas de pedra solta, que chamão *casolas,* e são sem telhado. — Muitas vezes os pastores da Beira, do Alemtejo, etc., aproveitão para se resguardarem do tempo as antas prehistoricas (dolmens), quando grandes e bem conservadas. — Já a cima me referi ao interior das casas; devo especialisar as cozinhas, que varião muito no país. No Norte não ha a vasta chaminé do Alemtejo e do Algarve, nem na parede, junto da lareira, uma figura de barro, que nuns pontos se chama *boneca,* noutros *sempre-noiva,* etc., e que, como penso, é o vestigio de um culto pre-christão, — do *Lar familiaris.* Estas figuras, de degeneradas que estão, têm quasi sempre fórma geometrica, que porém lembra o corpo humano; algumas têm fórma humana perfeita. Nunca observei isto senão nas duas provincias do extremo Sul. Num conto do Sr. Conde de Ficalho, *Mais uma,* Lisboa 1886, pag. 31, vem uma estampa representando a cozinha alemtejana, a vasta chaminé, tendo no frizo o estendal dos *arames.* — O fôrno de cozer o pão, umas vezes é dentro de casa, outras vezes junto d'ella, outras vezes afastado, como no Algarve. O trabalho de cozer o pão está revestido de certo caracter sagrado: o amassá-lo, o mettê-lo no forno, etc., são acompanhados de bençãos e de rézas. Numa aldeia do Baixo-Douro vi uma vez enfornar o pão, e nunca me ha-de esquecer a figura do forneiro, alto, em cabello, com uma grande vara nas mãos, a fazer cruzes com ella deante da bôca do fôrno, e a recitar devotamente fórmulas religiosas, como um sacerdote pagão. Em virtude d'este caracter de santidade da cozedura do pão, a porta do forno tem quasi sempre por fóra uma cruz, para evitar influencias diabolicas. E' pelo mesmo motivo, para impedir que o mal entre nas casas, que nos escudetes ou espelhos das fechaduras ha muitas vezes uma cruz; quem aqui em Lisboa olhar para uma porta antiga, ordinariamente pintada de verde, raro deixará de observar essa cruz. — Como parte annexa ás casas póde ainda aqui fallar-se dos moinhos. Os moinhos de agua abundão no Norte e na Beira; os de vento no Sul. — Em algumas das publicações citadas, como

O Minho pittoresco e os jornaes illustrados, encontrão-se figuradas muitas das fórmas das casas portuguesas.

b) Construcções várias.—Nesta classe incluirei todas aquellas construcções que não servem para morada do homem. Começarei pelas fontes. As fontes varião muito de feitio, conforme a agua está empoçada, ou sáe em bica. Nas *Memorias economicas da Academia*, III, 41-42, lê-se o seguinte á cêrca de Tras-os-Montes: «As fontes não são frequentes, e quasi todas em má ordem, porque os habitadores se contentão de as receber como a natureza lh'as offerece, fabricando-lhes quando muito um reservatorio cavado na mesma terra, e guarnecido de lages, em que, á maneira de poço, estão depositadas as aguas que vão sahindo, ou do fundo, ou de algum lado do mesmo reservatorio; por isso são de ordinario as aguas pouco limpas, porém á excepção das que nascem a uma e outra margem do Douro, são saudaveis, e de bom sabor». Estas fontes encontrei-as mais ou menos por toda a provincia: umas são cobertas por lágeas em arco, outras por lágeas em fórma de casa quadrada; ás vezes têm em cima pyramides e uma cruz, e dentro são caiadas e com figuras, como uma que vi, se bem me lembro, em Deilão. Nas fontes de bica, ésta póde ser de pedra, com uma pocinha, ou pequeno reservatorio, antes da extremidade; póde ser de metal, — um tubo —; e póde mesmo ser constituida por uma telha, ou por uma folha de castanheiro, como succede na Beira. Das *fontes santas*, fallarei no § 6-*d*. Nas povoações do Algarve são muito frequentes os poços no meio das praças, com bordas de pedra, por exemplo em Faro; a agua tira-se por meio de caldeiras que, se bem me lembro, cada pessoa leva de casa. — Uma especialidade de Tras-os-Montes é o pombal, a alvejar, em contraste com a negrura das povoações; encontrão-se muitos na provincia, pois lá faz-se bastante criação de pombos bravos para comer. — As pontes, para passar os rios, são de pedra ou de madeira, e têm differentes nomes: *ponte das táboas, ponte pedrinha, pontelhão,* etc.; ellas têm tambem differentes fórmas. Outro meio de passar os rios, quando pouco caudalosos, são as *alpondras, poldras* ou *passadeiras;* não pássão de simples pedras, mais ou menos affeiçoadas.

Não me é possivel fazer uma enumeração completa de tudo o que podia ficar subordinado ao titulo do § 1; basta uma simples indicação, e por isso me limito ao que fica exposto. — No § 6-*d* fallarei das edificações religiosas; no § 8 fallarei de algumas construcções intimamente ligadas com a vida do campo.

2. **Mobilia e objectos caseiros.** Ha uma variedade infinita. Pouco aqui indicarei.

Na Beira come-se muitas vezes, sobretudo no inverno, e á ceia, junto do lume; por isso nas cozinhas se vê uma mesa suspensa da parede por dobradiças, que permittem que ella esteja encostada verticalmente á parede, ou descida horizontalmente, apoiada num espeque, tambem ligado com ella. Nas cozinhas vê-se o *preguiceiro* ou *escano* (nome trasmontano), grande banco de sentar. Na Extremadura ha umas cadei-

ras especiaes, de madeira, com o assento redondo, que porém já vão sendo desusadas. No Algarve e no Alemtejo ha as cadeiras de assento de palma, com o encôsto pintado. Cadeiras e tamboretes de couro estão a desapparecer. — Os louceiros na Beira são ás vezes formados simplesmente de uma arvore, a que se tirão as folhas, e se apárão os ramos, enterrando-a no chão; a louça pendura-se depois nos ramos ou galhos: este louceiro chama-se por isso galheiro. No Alemtejo a louça e o mais vasilhame estende-se sobre um friso, á vista; o vasilhame de metal tem o nome de *os arames*. — Os pastores, no Alemtejo sobretudo, e tambem ainda no Ribatejo, na Beira, etc., fazem muitos objectos para seu uso: colhéres, garfos, vasos, botões, caixas, etc. — Na Beira são usadas pelos velhos caixas de rapé, feitas de pau do ar; na tampa, pelo lado de dentro, ha um espelhinho. Estas caixas são ornadas de corações, animaes, etc. Já tambem tenho visto na mesma provincia servir de caixa de rapé um pequeno chifre, com tampa de cortiça. Estes costumes vão desapparecendo, quer porque o commercio introduz caixas baratas, quer porque o uso do rapé está a sahir da moda, substituido pelo uso exclusivo do cigarro. — Enfeites, e ás vezes variados, encontrão-se tambem nas rocas e nos fusos. São sobretudo notaveis as rocas trasmontanas. Da frequencia do uso da roca no Norte diz um grande observador do seculo XVI, Fr. João dos Santos, o seguinte na *Ethiopia Oriental*, livro I, cap. XII: «... tão propria he a enxada nas mãos das Cafras, como a roca na cinta das mulheres de Entre Douro & Minho». Entre os objectos do trabalho das molheres não são as rocas os unicos ornamentados: podem citar-se igualmente os agulheiros, os furadores, os ganchos da meia, etc., — objectos estes susceptiveis de serem citados no § 12, onde fallarei das louças e de outros trastes da casa.

3. **Vestuarios e objectos correlativos.** Numa das suas composições poeticas diz Simão Machado (*Comedias Portuguesas*, 1631, fls. 71-v.) o seguinte:

Mandou um senhor um dia
A um pintor, que lhe pintasse
Todas as nações que havia,
E cada hũa retratasse
Com o trajo que vestia.

Pintando ao Castelhano
O Frances e Italiano,
Seu costumado vestido,
Pos ao Portugues despido,
Nas mãos hũa peça de pano.

Perguntando-lhe a tenção
Por que em tal modo o pintára,
Respondeo, e com rezão,
Que nenhum trajo achára
Na portuguesa nação.

«Ve-lo-heis, disse, á francesa,
Depois, disse, á castelhana;
Hoje andão á valonesa,
Amanhã á sevilhana,
E já nunca á portuguesa.

Vendo pois a variedade
Que ha no trajo lusitano,

Por não sair da verdade [1]
Pus-lhe esta peça de pano,
Para que córte á vontade».

O poeta, nestes versos, quer satyrizar a *moda*, que no sec. XVII, como no actual, se regulava pelo que vinha de fóra, e não pelo que era português. Elle tinha razão; mas nem por isso se ha-de entender que em Portugal não ha trajos com caracter popular e local. Ha muitos. Os Mirandeses usão a célebre *capa de honras;* os Trasmontanos da raia usão geralmente calção, meia e çapato. Os Serranos da Beira usão a *capucha*, de que já a cima fallei. No Alemtejo é caracteristica a *manta* e os *çafões*. Da manta falla já no sec. XVI Gil Vicente *(Obras*, III, 177-178):

E hũa *manta d'Alemtejo*,
Que na minha cama tinha,
Manta já usadazinha,
M'a levou com tal despejo,
Como s'ella fôra minha!

Nos grandes adjuntos, como as missas, os mercados, as feiras, etc., é curioso ver os Alemtejanos altos, descórados, de chapeu de panno desabado, envoltos nas suas mantas listradas, arrastando os çafões, e tendo na mão o cajado recurvo como o baculo de um bispo: typo que não se confunde com outro do país. — Os velhos da Beira usavão outr'ora uma especie de casaca curta, chamada *nisa*, como trajo de gala; ainda em pequeno vi lá algumas, mas este trajo vae a desapparecer. A nisa era frequentemente de côr azul, com botões amarellos, e tambem se vestia ao mesmo tempo que os calções de alçapão. — Na Extremadura é muito vulgar nos homens este trajo: jaqueta muito curta (talvez por causa da facilidade dos movimentos ao andar a cavallo); faxa ou *cinta*, vermelha ou preta, com duas franjas pendentes atrás; calça estreita, de *bôca de sino;* barrete vermelho, verde ou preto, mas mais geralmente preto; varapau na mão. Quanto á barba, trazem-na rapada, ou usão *suissa*. No panno predomina a côr escura ou azulada. O calçado varía: çapatos muito grossos, de salto de *prateleira*, no verão; botas de montar, no inverno. — Na Beira e no Entre-Douro-e-Minho é muito vulgar nos homens o panno de çaragoça, de que se fazem calças, collete e *véstea* ou jaqueta (menos curta que na Extremadura); chapeu de panno ou de palha; nos pés çapatos grossos (calçado de gala) e *tamancos* ou *sócos* (calçado usual). As molheres usão *tamancas* ou *sócas*, que são menores e mais apuradas do que os tamancos, mas com

[1] No texto lê-se *vontade;* mas, como a palavra que rima com ésta é tambem *vontade*, creio que haveria êrro de impressão, deixando de se pôr *verdade*, que corresponde ao sentido e ao metro. Não posso agora consultar outra edição; mas é provavel que a emenda já esteja feita.

sola de madeira como estes. A *sola* dos tamancos e tamancas faz-se de amieiro, nogueira, etc. Uma cantiga popular diz mesmo:

S. Gonçalo de Amarante,
Feito de pau de amieiro,
Irmão das minhas tamancas,
Criado no meu lameiro!

Como notei a cima, o *lameiro* é um campo situado junto de ágoa. Na Beira, etc., as margens dos rios, de um lado e do outro, estão plantadas de amieiros. Comprehende-se assim agora a exactidão descriptiva e a ironia da cantiga. Quem passa a primeira noite numa terra grande do Norte ou do centro do país, uma das cousas que logo estranha é pela manhã cedo a *tamancada,* ou ruido dos pesados tamancos e das tamancas, na rua. — Os trajos das molheres divergem tambem bastante. Já a cima disse d'elles alguma cousa (côres, brincos das orelhas). De *anneis* fallei supra, cap. III, § 3. — Nas proprias crianças ha maneiras differentes de vestir. Na Extremadura e no Alemtejo ellas vestem-se como os homens: não é raro ver nestas provincias rapazinhos de 6 annos, pouco mais ou menos, com suas botas de montar, *cinta* e chapeu desabado, ou grande barrete preto. Na Beira e no Entre-Douro-e-Minho as crianças andão mais singelamente vestidas: descalças, barretinho pequeno de côres ou branco, chamado *carapuço,* chapeu de palha. Nas terras grandes do Sul as crianças que não são propriamente do povo andão de calção, com meia de côr, e na cabeça bòné (bonnet). Em Lisboa é muito frequente nos meninos pertencentes a familias de certa educação o trajo dos marinheiros da armada a par do calção. — Com relação a capas, capotes e casacões temos: as já referidas *capas de honra* e *capucha;* o *gabão* ou *gabinardo* (de cabeção, capuz e mangas); o *capote alemtejano;* o *capote á cavallaria,* muito usado na Extremadura; o simples *capote,* de cabeção, já em decadencia, que era usado até pelas molheres (d'onde a conhecida expressão «capote e lenço»); a capa singela com gola, que se vê bastante no Minho e na Beira. — Já a cima fallei do varapau da Extremadura; ha outros bastões, como a *moca,* a *ladra* e o *chuço* da Beira; a *cacheira* e o *cajado* do Sul, etc., etc. O povo não usa em geral bengala; no emtanto no Norte certos populares curiosos fazem bengalas com bastão lavrado, muito interessante, representando cabeças de soldados com barretinas, animaes, etc. — Tambem em várias publicações que a cima citei se encôntrão desenhados muitos trajos nacionaes portugueses. Tem-se mesmo dado á luz livros especiaes contendo estampas de trajos. Possuo algumas estampas avulsas, que pertencião a uma obra que não pude ainda ver completa; comtudo uma das estampas tem o seguinte titulo (rosto): *Continuação dos trajos e usos e costumes mais notaveis dos habitantes de Lisboa e provincias de Portugal,* Lisboa 1835. Na Bibliotheca Nacional tambem ha (avulsas) estampas analogas, mas algumas são coloridas. A casa editora de David Corazzi publicou em

1888 um curioso *Album de costumes portuguezes,* onde figúrão bastantes trajos do nosso povo. No Porto e aqui em Lisboa vendem-se muitas figuras de barro, interessantissimas, representando a côres os typos do Norte, com os seus vestuarios.

A proposito dos trajos podem citar-se as *tatuagens,* muito vulgares nos marinheiros e noutras classes. Sobre este assumpto vid. um opusculo do Sr. Rocha Peixoto, intitulado *A tatuagem em Portugal,* Porto 1892 (com estampas). Não me recordo de ter encontrado allusões á tatuagem na antiga litteratura portuguesa, a não ser num opusculo da litteratura de cordel do seculo passado. — Como armas de fogo, o povo usa, além da espingarda, o bacamarte, a clavina e a pistola; como navalha é celebre a do *fadista* de Lisboa, de ponta e mola; nas aldeias ainda tambem se encôntrão punhaes. Pertence á mesma classe o *chuço,* que mencionei a cima.

4. **Meios de transporte por terra.** A proposito do transporte em animaes devem citar-se os apparelhos e suas partes, como a albarda, o albardão, a *almatrixa,* os estribos de páo com ferragens variadas, a cabeçada, que póde ser muito enfeitada, o *barbicacho.* Como vehiculos temos por exemplo: a *galera* (Extremadura), o *carro alemtejano,* a *carrinha* (Algarve), o *carro de bois.* No Sul é muito mais vulgar servirem-se do gado muar e cavallar para carreto do que no Norte e no centro do reino. No Porto usa-se ainda da *cadeirinha* conduzida por gallegos de chapeu alto e capa especial; mas este uso vae a desapparecer. A *liteira* creio que já está extincta, — as estradas de *macadam,* em que é facil o serviço de diligencias e trens, matárão-na; no emtanto, na minha infancia, ahi por 1868-1870, vi ainda liteiras em uso na Beira-Alta. As liteiras das casas nobres tinhão brasões de armas pintados; os animaes que as conduzião levavão ao pescoço grande chocalhada. As *cadeirinhas* do Porto são liteiras em ponto pequeno. — Os coches em que vão os padres aqui em Lisboa nos enterros creio serem especiaes da capital, pelo menos nunca os vi no Norte; representão fórmas um tanto antigas. — Sobre os coches da Casa Real vid. uma *Notícia* do Abbade Castro, Lisboa 1858.

5. **Comidas e objectos correlativos.** Nas *Tradições populares de Portugal,* Porto 1882, § 339, referi algumas particularidades das comidas do nosso povo.

No Museu Ethnographico podem archivar-se, por exemplo, modelos de pães e de *bôlos* (aqui no Sul dá-se o nome de *bôlos* ao que no Norte e centro do reino se chama simplesmente *doces).* Os pães têm fórmas especiaes, como o *trigo* ou *pão trigo* ou *bôlo* de duas e quatro cabeças (Minho e Beira, por exemplo), a *regueifa* ou *rôsca* (arredores do Porto), o *santóro* ou *santorio* (Beira, — assim chamado do latim sanctorum, por se vender em dia de Todos-os-Santos ou *Sanctorum omnium),* a *b'rôa* ou pão de milho, que em algumas localidades é muito grande. Nas festas e feiras vendem-se doces com feitio de animal e de homem, — o que parece relacionar-se com antigas fórmas cultuaes. No nosso país, a proposito de comida, podia citar-se grande variedade

de factos; ha mesmo muitas terras, que se distinguem por especialidades de doces e guloseimas, como Arouca, Tentugal, Coimbra, Aveiro, etc., etc., — o que bem mostra que tivemos muitos conventos de freiras. — Nas aldeias usão-se moinhos de mão particulares, para se prepararem certas farinhas: estes moinhos na Beira são muito primitivos, pois constão de uma pia de pedra com um rebôlo da mesma substancia dentro; no Algarve ha moinhos de mão bastante regulares. — Nas nossas estações archeologicas, romanas e pre-romanas, as mós de moinhos de mão abundão, e tornão-se ás vezes, só por si, indicio precioso para o investigador de antigualhas.

6. **Religião e usos funerarios.** Este § era susceptivel de grande desenvolvimento, mas circumscrever-me-hei o mais possivel. Vejamos alguns objectos que se podem archivar no Museu.

a) Amuletos. — Esta classe é bastante numerosa; ainda assim muitos d'elles podem reduzir-se a certos typos. Ha amuletos que as pessoas trazem comsigo; outros que se têm em casa; outros que andão nos animaes e nos vehiculos. O meu amigo Antonio Thomás Pires e eu temos já descrito em vários artigos e opusculos os principaes amuletos do povo português; eu preparo nesta occasião sobre elles um volume extenso, ornado de estampas, algumas das quaes já estão lithographadas. Os amuletos portugueses têm differentes origens: muitos podem fazer-se remontar a epochas extremamente remotas. Elles vigorão por todo o país; todavia creio que é a Extremadura, e sobre tudo Lisboa, onde mais amuletos se usão em animaes. A's vezes os amuletos degenerão, mas é facil reconhecê-los com o auxilio da ethnographia comparada: assim uma fita, geralmente vermelha, que ás vezes se vê na testa dos burros, e uma roseta de metal que pende da testa dos cavallos, por uma tira de coiro, são vestigios de amuletos. — Eu possuo uma collecção dos principaes amuletos portugueses, para não dizer de quasi todos, a qual depositarei no Museu Ethnographico, logo que tenha accommodação para ella.

b) Ex-votos. — No cap. III, § 2, fallei já dos ex-votos. Além dos *milagres* ou *retabulos* que eu possuo e que depositarei no Museu, é facil obter ex-votos de cera, de madeira, de metal.

c) Fórmas de sepulturas, de caixões mortuarios e esquifes; bandeiras das almas. — A's vezes podem obter-se os proprios objectos; outras vezes estampas. — A história das sepulturas entre nós póde seguir-se ininterruptamente desde os tempos prehistoricos até hoje. Dos tempos prehistoricos temos as *antas* e *antellas*, ás vezes com *mamoas* (vid. supra, cap. I). Sobre os tempos protohistoricos e os romanos vid. supra, cap. II-2, e cap. III-2. Da Idade-Média em deante temos as sepulturas wisigothicas (vid. supra, cap. IV) e nos nossos templos e cemiterios muitos monumentos, alguns sem indicações, outros reconhecidamente historicos. Entre os primeiros lembrarei os *carneiros*, e uma interessante classe de cabeceiras de sepultura em que estão esculpidos varios symbolos, como o signo-saimão, instrumentos de trabalho, fórmas de calçado, etc.: tenho visto d'estas cabeceiras, por exemplo

em Thomar, no Alandroal, etc., etc. Ha em Azurára uma igreja cujo chão está ladrilhado de pequenas pedras quadrangulares com symbolos analogos; em algumas das pedras lê-se mesmo SEP(ultura) e SE(pultura), e os nomes dos mortos. A igreja de Santa Margarida, em Guimarães, é curiosa, entre outros motivos, pelas especies de sepulturas que tem, umas na parede, outras no chão, tambem com symbolos. Pelos campos e aldeias encontrão-se frequentemente sepulturas abertas em rocha, cuja data é difficil fixar, porque ora estão junto de templos christãos (por ex. no Mogadouro), ora junto de estações lusitanicas (por ex. ao pé de um *castro*, no termo de S. Martinho de Mouros).

d) FACTOS DIVERSOS. — Mencionarei: *andores*, paramentos, bandeiras de «cirios», custodias, calices, cruzes, lanternas, thuribulos e *alminhas*. As *alminhas* são quadros em que se representa o purgatorio, feitos geralmente por maus artifices da aldeia. Diz Camillo Castello Branco com toda a exactidão no seu romance *A brasileira de Prazins*, 1883, pag. 201: «um trolha inspirado, que já tinha pintado um painel das *Alminhas*, onde havia almas do sexo fraco com grandes tetas lambidas por lavaredas, e um rei coroado com a bôca aberta no acto de berrar queimado, e tamanha bôca que só cedia á de um bispo mitrado, muito impertigado, com seu baculo». Frequentemente estes paineis têm versos allusivos á situação das almas, por exemplo: *Lembrae-vos de nós — Que penamos por vós.* — Podem obter-se desenhos ou modelos de capellas, igrejas, torres, adros, cemiterios, nichos, cruzeiros, pulpitos, pias-baptismaes, altares. — Nas provincias do Norte e centro do reino ha nichos e cruzeiros abundantes e muito variados; neste sentido as provincias do Sul são, segundo tenho observado, mais pobres. Entre as *fontes santas* notaveis lembrarei a que está entre Bencatel e Redondo (no Alemtejo), — notavel sobretudo pelo seu culto: este culto tem origem pagã, representado hoje pela Virgem Maria. O país porém está cheio de *fontes santas*, umas ainda com culto vigente, outras já sem culto. E' frequente haver nas *fontes santas* uma cruz ou um nicho com um santo, que o povo muitas vezes tem o cuidado de armar de flôres. Os deuses pagãos que na epocha romana symbolizavão de modo geral a santidade das fontes, na Lusitania tinhão, entre outros nomes, os de FONTANUS e FONTANA; a maior parte das cruzes e santos de que acabo de fallar representão estes deuses e outros analogos. — Ha no nosso país imagens de santos muito curiosas, de madeira, pedra, gesso, que importa conservar ou reproduzir. — A este § pertencem muitas das fórmas das tatuagens, de que fallei ha pouco (§ 3), e dos doces, de que tambem fallei (§ 5).

7. **Divertimentos e festas.** E' possivel recolher no Museu Ethnographico estampas que representem trajos e divertimentos do Entrudo; arcos que se costumão armar em certas occasiões solemnes, como casamentos, etc. Quanto a jogos, lembrarei, por exemplo, o *chinquilho*, muito em voga na Extremadura. De outros fallarei adeante, no § 13.

8. **Vida agricola.** Basta fazer uma indicação muito summária, comquanto neste assumpto houvesse bastante que dizer. No decurso do presente capitulo alguma cousa lembrei já tambem.

Em virtude das differenças de culturas, e de outras circumstancias, os usos agricolas não são os mesmos em todas as provincias de Portugal.

Temos por exemplo: o carro de bois e os seus aprestos; o arado; a charrua; a grade; a *trilha* ou *trilho*, que em Tras-os-Montes tem ainda feitio muito antigo; o carrinho de mão, etc. O modo de apparelhar o boi differe de uns pontos para outros: na Beira, por exemplo, põe-se-lhes na cabeça a *molhelha*, em que assenta o jugo; no Minho o jugo assenta no pescoço nú do boi. No Minho ha differenças entré jugos e cangas, sendo uns e outras muito ornamentados, como se póde ver do pequeno opusculo que com o titulo de *Estudo ethnographico* publiquei no Porto em 1881 (com estampas).

Instrumentos que o homem maneja: a enxada, o enxadão, o sacho, a *foice roçadeira*, a simples foice ou *seitoira* (lat. sectoria), a *foicinha*, o podão, a *podôa*, o *picaveque*, a machada, a *machadinha*, o engaço ou *encinho* (ancinho), o malho ou *mangual*, etc.

Objectos avulsos: o cesto-vindimo, o *cesto-cargueiro*, a padióla, a escada.

As eiras, que nuns sitios são redondas, noutros são de terra, noutros de lágeas, merecem menção, como a merecem os *canastros*, muito em voga no Minho e na Beira. Os *canastros* são pequenas casas de madeira, sobre o comprido, suspensas em pilares de pedra, e ordinariamente pintadas de vermelho; construem-se junto das eiras, para arrecadar o milho, que assim se conserva melhor. O modo de fechar as propriedades e de formar a entrada d'estas está igualmente sujeito ás condições do terreno e dos habitos. Nas regiões onde abunda a pedra, fazem-se paredes de pedra em volta dos campos; nas regiões onde ella não abunda, ou falta, os campos são circumdados de sebes de madeira, ou de *vallados* (muros de terra) superiormente revestidos de piteiras, que impedem a entrada aos ladrões e aos animaes. Não é raro tambem, para o mesmo fim, collocar sobre os muros fragmentos de vidro, seguros por meio de argamaça. Na Extremadura é costume collocar á entrada das propriedades, de cada lado da abertura da porta, uma arvore, de ordinario oliveira, á qual se liga a cancella. — Os meios de extrahir agua dos poços varía de umas localidades para outras. — De tudo isto se podem fazer desenhos ou tirar photographias, que dêem ideia da vida provinciana.

A' cêrca da vida agricola do Alemtejo tem-se publicado no jornal *O Elvense* uns artigos muito importantes e curiosos com o titulo de *Através dos campos*, assignados com um pseudonymo. Sobre a vida agricola de outras provincias podem tambem colher-se algumas notícias em varios livros e artigos, alguns da especialidade, outros já citados a cima.

9. **Vida pastoral.** A cima toquei de passagem neste ponto.

São o Alemtejo, a Beira e Tras-os-Montes as provincias que mais factos ministrão para preencher esta secção.

Além das casas e locaes para o gado (curral, *bardo*, etc.), posso citar: os chocalhos, que tomão nomes variados, segundo os tamanhos, como *reboleiros, picadeiras, picadeirinhas, piquetes, campainhas, guisos tricolaricos* (sic); a *funda*, que se usa no Algarve; o çurrão; o *galricho* (Ribatejo), etc. A proposito de chocalhos lembrarei que ha algumas terras, como Alcaçovas, onde elles se fabricão em grande quantidade, e d'onde vão longe a vender; por este motivo chãmão á gente de Alcaçovas *os chocalheiros*, nome que se tem por offensivo.

Com o fabrico dos queijos liga-se a existencia de muitos moveis e outros objectos, por exemplo a *queijeira* (Beira), o *caniço* (Alemtejo), etc.

10. **Vida maritima e occupação da pesca.** Para preencher esta secção conhecem-se muitos elementos. A propósito do Algarve dá João Baptista da Silva Lopes na sua *Corografia do reino do Algarve*, Lisboa 1841, num capitulo sobre pescarias, bastantes elementos. No Museu Industrial Maritimo, annexo á Eschola Industrial de *Pedro Nunes*, em Faro, ha tambem uma já valiosa collecção ethnographica, que vem descrita no *Catalogo illustrado* d'aquelle Museu (pelo Sr. Fonseca Benevides, 2.ª ed., Lisboa 1891). A *Policia e exploração das aguas*, do Sr. Candido Correia, Lisboa 1891, contém descripções e estampas de muitos objectos relacionados com a pesca, e ministra além d'isso diversas indicações bibliographicas. Mas sem dúvida o trabalho mais desenvolvido e importante, considerado debaixo do aspecto da ethnographia portuguesa, é o do Sr. Baldaque da Silva, intitulado *Estado actual das pescas em Portugal*, Lisboa 1892; elle póde e deve servir de guia para se fazer de futuro neste sentido qualquer collecção. O auctor considera a pesca debaixo de seis aspectos: longinqua, do alto, costeira, fluvial, lacustre e recreativa; e classifica assim os apparelhos empregados nella:

1) apparelhos de anzol ou fisga;
2) apparelhos de rede;
3) apparelhos de verga ou metal;
4) engenhos de pesca.

D'estes differentes apparelhos apresenta descripções minuciosas, acompanhadas de estampas a cada passo, o que torna o assumpto duplamente curioso. Além dos apparelhos descreve e figura tambem instrumentos empregados na apanha das plantas maritimas, e embarcações da pesca, com outros objectos correlativos, como cabazes, etc. O auctor junta uma parte historica a respeito de barcos antigos e de leis referentes ás pescarias; ésta parte parece-me um pouco debil, e o auctor, chegado a coordenar um livro como o que coordenou, á custa de tanta dedicação, trabalho e despesa, poderia por ventura ter entrado mais amplamente em considerações e confrontos historicos e archeologicos. O livro é de valor, ao mesmo tempo, para a glottologia, pela grande riqueza de vocabulos technicos e populares que

contém, valor que o auctor fez realçar com a adjuncção de um vocabulario, que, se não é completo, é pelo menos copioso. — Visto ser Portugal um país maritimo, e ter-lhe provindo do mar toda a sua glória, parece-me necessario que no Museu Ethnographico fique bem representada ésta secção, ainda que pela maior parte não seja senão com estampas e modêlos, pois que é nos estabelecimentos scientificos da especialidade, como a Eschola Naval, e as escholas industriaes maritimas, que os objectos d'ella têm, pelas applicações práticas, principal cabimento.

11. **Aprestos de caça.** A caça a princípio praticou-se com dois fins: para o homem se defender das feras, e para apanhar animaes que lhe servissem de alimento. Depois degenerou em mero divertimento, que foi muito favorito dos reis e fidalgos.

A' cêrca da caça em Portugal, desde tempos antigos, vid. Gabriel Pereira, *Estudos eborenses*, n.os 29 e 33 *(As caçadas*, 1.a e 2.a parte, Evora 1892-93); e tambem Viterbo, *Elucidario*, s. v. *apeiro*, *brancagem* e *boi*. Nesses trabalhos se encontra notícia de muitos aprestos venatorios; no primeiro encontrão-se tambem indicações bibliographicas.

Hoje em Portugal creio que só uma ou outra pessoa vive do mester da caça; no emtanto ha muita gente que se diverte com ella.

No Museu Ethnographico podem recolher-se apparelhos de caça, como redes, e objectos correlativos, por exemplo polvorinhos de chifre, que ás vezes são bellamente ornados, sobre tudo no Alemtejo; possuo um polvorinho, adquirido por mim em Tras-os-Montes, o qual, além de ser lavrado, termina numa figa. Ha assim muitos objectos, ao mesmo tempo revestidos de caracter utilitario e religioso.

12. **Bellas-artes populares e artes industriaes.** E' costume dividir as bellas-artes em: artes da *vista*, ou Architectura, Esculptura e Pintura; e artes do *ouvido*, ou Poesia, e Musica com a Dança. Em vários pontos do presente artigo já fallei de algumas d'estas artes, como quando me referi ás chaminés do Algarve, ás fontes, ás obras esculpturaes dos pastores. Em relação á musica podem citar-se os instrumentos, como o pifano, as castanhetas, o bombo, os *férrinhos*, a viola. Este ponto tem intimas relações com o § 13 em que me occupo da vida infantil. Na pintura espontanea o nosso povo é em geral pobre, como se póde ver nos ex-votos que enchem as igrejas, nas *alminhas* (vid. § 6-*d)*, nos cruzeiros: ha pouca variedade nos assumptos ahi tratados.

De bellas-artes populares é facillimo obter para o Museu Ethnographico abundantes especimes.

Temos industrias numerosas e caracteristicas em diversas localidades. Já no sec. XVI Gil Vicente, na tragicomedia pastoril da *Serra da Estrella*, põe na boca da figura que representa a Serra as seguintes palavras (vid. *Obras*, II, 442, ed. d'Hamburgo):

Mandará a villa de Cea
Quinhentos queijos recentes,
Todos feitos á candea;
E mais trezentas bezerras,
E mil ovelhas meirinhas,
E duzentas cordeirinhas,
Taes, que em nenhũas serras
Não nas achem tão gordinhas.
E Gouvea mandará
Dous mil sacos de castanha,
Tão grossa, tão san, tamanha,
Que se maravilhará
Onde tal cousa se apanha.
E Manteigas lhe dará
Leite para quatorze annos,
E Covilhan muitos pannos,
Finos, que se fazem lá.

Mandarão d'esses casaes
Que estão no cume da Serra,
Penna para cabeçaes,
Toda de aguias reaes,
Naturaes mesmo da terra.
E os do Val dos Penados
E Montes dos Tres Caminhos,
Que estão em fortes montados,
Mandarão empresentados
Trezentos forros de arminhos
Pera forrar os brocados.
Eu hei-lhe de presentar
Minas de ouro que eu sei,
Com tanto que ella ou El-Rei
O mandem cá apanhar:
Abasta que lh'o criei.

O nosso comico conhecia bem a vida popular portuguesa, e por isso todas essas informações devem ser exactas, e algumas o sei eu que são.

Haveria muito que dizer das nossas industrias populares, se o meu fim não fosse apresentar um simples e breve indiculo.

O seguinte programma de uma interessantissima exposição feita em 1883 pela Sociedade de Instrucção do Porto, programma publicado na *Revista* da mesma Sociedade, vol. III, 36-37, póde dar uma ideia das nossas industrias caseiras:

1) «Trabalhos de carpinteria e marceneria. Serras mechanicas. Trabalhos embutidos ou marchetados (intarsia), etc.;

2) Trabalhos ao torno em madeira, marfim, ouro, etc.;

3) Mobiliario domestico, rustico: cadeiras, mesas, armarios, camas, santuarios, cangas de bois, etc.;

4) Instrumentos de trabalho, na lavoura e em casa;

5) Pinturas decorativas: em barro, faiança, porcelana, vidro, madeira, seda, etc.;

6) Esculpturas decorativas: flôres artificiaes, de estofos, de pennas, de couro, cera e papel;

7) Desenhos decorativos. Modelos e padrões para todos os ramos das industrias caseiras;

8) Gravuras em madeira para illustração da industria typographica;

9) Tecidos de linho, lã e mixtos, como toalhas, mantas, tapetes (Arraiolos), serguilhas, liteiros para cobertos de cama, arreios alemtejanos, redes de pesca;

10) Obras em palha, vime, corrêa (canastras, cadeiras de banho), esparto, palma, crina, cabello, etc.;

11) Bordados brancos e de côr, em linho, algodão, lã, seda, a fio de prata e ouro, etc. Rendas de bilro em linho, algodão, seda, prata e ouro; rendas de malherio, etc.;

12) Arte de cortar e talhar. Modelos e padrões para o vestuario;

13) Cartonagens;

14) Fructas confeitadas e ornamentadas (em bocetas);

15) Trajes e costumes portugueses (figuras vestidas)». —

Como centros de trabalho de ourivezaria são notaveis os arredores do Porto: é lá que se fazem as grandes *arrecadas*, que as molheres interamnenses usão, admiraveis trabalhos de filigrana, em que se suppõe haver influencia da arte arabe. — Em serralheria é tambem notavel o Norte, onde Guimarães já figura, desde a idade-média, pelos seus artistas nesta especie. — Os marmores tão celebres de Extremós trabalhão-se já desde a epocha romana: grande parte dos ex-votos do templo de Endovellico são em marmores d'aquella região. Na Batalha os rapazes fazem em pedra, — no calcáreo molle do sítio —, muitos objectos que vendem aos forasteiros, como caixinhas, etc., em que predomina um mesmo typo de ornamentação (vegetaes). — A louça de Extremós é celebrada ha alguns seculos. Em todas as provincias, mais ou menos, existem fábricas ceramicas. Quem não admira as *figurinhas* que se fabrícão perto do Porto, symbolizando tão bem os typos populares e toda a vida rustica portuguesa? Em Guimarães vendem-se muitos paliteiros e assobios de louça, vindos de outros pontos da provincia, representando figuras phantasticas, como animaes com mais de uma cabeça, etc.; a arte d'estes objectos, onde domina a imaginação, contrasta com a das Caldas da Rainha, onde, á parte o que ha tambem de imaginação, por exemplo, nas figuras de macacos, se vêem muitos objectos (fructas, animaes, homens), feitos com rigorosa observação da natureza. E visto que fallei nas Caldas, não poderei deixar de citar o nome do grande artista Bordallo Pinheiro, sempre tão portuguesmente inspirado nas suas magnificas producções. Além dos centros ceramicos que lembrei, existem muitos outros no país. Diz o Sr. Joaquim de Vasconcellos na *Revista da Sociedade de Instrucção do Porto*, III, 382: «nenhuma arte é mais popular no país, nenhuma se multiplica com mais facilidade, nenhuma se insinúa mais habilmente na habitação humana, nenhuma anda mais ligada á vida intima da familia; tambem nenhuma faz mais, com menos recursos». — A industria da tecelagem é tambem bastante vulgar; os teares, construidos ainda com os processos da mechanica primitiva, offerecem ao ethnographo bastante curiosidade. — Os palitos de Coimbra, feitos dos sinceiros do Mondego, são uma industria local, reveladora de grande paciencia e habilidade; com os palitos vendem-se tambem pennas de escrever, fabricadas no mesmo teor. — O Sr. Dr. Julio Henriques, director do Jardim Botanico de Coimbra, reuniu num museu adjunto ao mesmo jardim, grande numero de productos artisticos portugueses, cuja materia prima se tira dos vegetaes, como a palha, o junco, o vime, a cortiça, a palma.

E' aos museus industriaes que pertence archivar em abundancia a maior parte dos objectos que pertencem a ésta secção, e alguns museus são já neste sentido muito interessantes; todavia, como em taes objectos se revela o genio nacional, condicionado pelas diversas influencias mesologicas, não póde deixar de haver d'elles uma *amostra* no Museu Ethnographico, por meio da qual aquelle genio se aprecie.

Sem difficuldade, e sem grande gasto, póde em pouco tempo ficar bem representado neste sentido o Museu Ethnographico. Só na feira do S. João, em Evora, se faria uma collecção riquissima dos productos do Sul do Tejo, pois esta feira, além do seu caracter commercial, é de grande importancia ethnographica (e anthropologica).

Sobre o assumpto do presente § veja-se, por exemplo, o seguinte, além do que citei no cap. VI, e neste cap., 10.º §:

Relatorio da Sub-Commissão do Inquerito Industrial de 1881, Porto 1881;

Catalogo da Exposição Industrial Portuguesa de 1888;

Relatorio e catalogo da exposição portuguesa do Museu Industrial e Commercial de Lisboa, 1893;

Relatorio da exposição industrial do Palacio de Crystal do Porto, 1893;

Rendas de Peniche,—Eschola Industrial da Rainha D. Maria Pia —(padrões de 1893). Lisboa 1893.

As fabricas da Covilhã, por Fradesso da Silveira, Lisboa 1863;

A Vista Alegre (apontamentos para a sua historia) por Marques Gomes, Porto 1883;

Inquerito industrial de 1881, Lisboa 1881-1882 (vários volumes);

A fabrica das Caldas da Rainha, por Ramalho Ortigão, Porto 1891;

Revista da Sociedade de Instrucção do Porto, vol. II e III, onde o Sr. Joaquim de Vasconcellos publicou valiosos escritos seus, e colleccionou documentos para a historia das nossas artes e industrias. O Sr. Joaquim de Vasconcellos é um dos poucos que entre nós conhecem bem estes assumptos; sobre elles tem publicado outros trabalhos além dos citados, como *Archeologia artistica, Historia da arte em Portugal, A reforma do ensino das bellas-artes,* etc.

13. **Vida infantil.** A vida infantil é em parte um arremêdo da vida viril. A criança, desde muito cedo, busca assemelhar-se ao homem propriamente dito, copiando em ponto pequeno o que vê em ponto grande. Por isso não raro na vida infantil se acha o reflexo de ideias que noutro tempo fôrão *sérias.* Assim, as crianças da Beira têm uma especie de armas para brinquedo, chamadas *arcabúses:* ora o arcabus foi uma arma antiga. As crianças de Elvas usão ainda de outro brinquedo, que tem o nome de *bésta,* que, como é sabido, foi tambem arma antiga.—A trajos infantis referi-me supra, § 3.—Os outros objectos de caracter ethnographico, relacionados com a vida das crianças portuguesas, podem agrupar-se talvez assim:

1) *Instrumentos musicos* (cfr. supra, 12.º §), uns de percursão, e

vibração, como os *pratos*, o berimbau; outros de sôpro, como as gaitas de barro e os assobios, que se vendem nas feiras, as gaitas feitas de vegetaes (castanheiro, cevada, loureiro). A' cêrca d'este assumpto, comecei a publicar na minha revista litteraria *O Pantheon*, 1880-1881, pag. 198, um artigo intitulado *Instrumentos musicos populares e infantis*, que porém ficou incompleto.

2) *Jogos* (cfr. supra, § 7), por exemplo, o *pião*, a *piasca*, o *rapa*, a *pella*, etc. Sobre jogos infantis portugueses em geral, veja-se o seguinte: F. Adolpho Coelho, *Os jogos e as rimas infantis de Portugal* (extracto do *Boletim da Sociedade de Geographia de Lisboa*, serie 4.ª, n.º 12); do mesmo A., *Jogos e rimas infantis*, Porto, Magalhães & Moniz; e Theophilo Braga, in *O povo português*, I, 293 sgg. Em 1882 publicou em Lisboa uma collecção de *Recreios collegiaes* o P.e Pedro Aloy, a qual, embora feita com intuitos pedagogicos, contém varios jogos populares portugueses. E' já antigo o *Passatempo honesto e familiar ou collecção de quarenta e oito jogos*, etc., 3.ª ed., Lisboa 1827.

3) *Brinquedos e objectos varios*. Entrão aqui: a *bésta* e o *arcabús*, que mencionei ha pouco, o *mata-moscas*; as louças de que as crianças se servem quando *fazem casinhas* (assim se chama na Beira ao entretenimento que consiste em imitar a vida domestica, isto é, as comidas, etc.); os meios de entreter ou *engalhar*, como o *pandeiro* de lata, de que se vêem muitos especimes em todas as feiras e lojas do Norte e centro do reino; os bonecos de barro e madeira; as *nenas* (bonecas de panno, — Beira); os amuletos (cfr. § 6-*a*); os berços, etc.

Com quanto me pareça ter a cima indicado as principaes classes a que se subordinão os objectos, que, segundo a intenção do Decreto que criou o Museu Ethnographico Português, devem ter entrada neste, não sería difficil estabelecer outras classes secundarias.

Do rapido lance de olhos que dei á parte material da nossa civilização, considerada desde os tempos prehistoricos até o presente, vê-se realmente, como já disse, que as epochas em que ella se divide se filião umas nas outras. Muitas das nossas louças populares, mesmo com os seus singelos ornatos, provém das do periodo neolithico; muitas das nossas povoações assentão em alicerces protohistoricos, e têm nomes pre-romanos; muitos dos nossos usos agricolas fôrão ensinados ou aperfeiçoados pelos Romanos e pelos Arabes; as moedas de que nos servimos diariamente são cópias modificadas de moedas medievaes, como estas o são de moedas antigas, cuja origem se póde fazer remontar ao sec. VII ou VIII antes de Christo. Achamo-nos assim indissoluvelmente ligados ao passado. Estudando este, prestamos pois culto aos venerandos velhos que nos legárão a herança que usufruimos.

Como excellentemente diz o Sr. Dr. Bernardino Machado, nas *Affirmações públicas*, 1882-1886, pag. 349:

«Se ambicionamos caminhar para o futuro com passo largo e firme, se desejamos progredir, coordenemo-nos com os nossos antepas-

«sados, unamo-nos bem a elles. Só nesta intimidade secular reside a «consciencia, a alma da nação, a sua fôrça».

Por isso é que em todos os países, onde a sciencia não é uma curiosidade, e a noção de patria não é um *logar commum* de rhetorica, ha museus e aulas de archeologia, e se publicão trabalhos regulares sobre as antiguidades nacionaes.

E, já que fallei em *patria*, accrescentarei tambem que o exame summario, que acabo de fazer da nossa ethnographia, é sufficientemente elucidativo no sentido de mostrar que o nosso país possue bastantes elementos seus, com feição genuinamente portuguesa. Numa epocha em que espiritos melancolicos ou faltos de fé julgão possivel a extincção da nossa nacionalidade, dá certo consôlo áquelles que âmão o torrão natal, e não verião, sem côrar de pejo ou morrer de dôr, sumido no abysmo das nações perdidas o nome português, o saber que ha ainda entre nós alguma coisa que não se confunde totalmente com as coisas estranhas, e na qual se imprimiu indelevelmente o cunho nacional.

Além dos objectos propriamente ethnographicos e archeologicos, podem figurar no Museu bustos de heroes e homens illustres do nosso país, quadros com trechos caracteristicos de auctores de fama, etc. São ao mesmo tempo documentos da nossa vida social, e estímulo permanente para nobres emprehendimentos.

*

A resenha que fica feita, e as considerações de que a precedi e de que a segui, mostrão até á evidencia a necessidade da existencia do Museu Ethnographico Português, e quanto foi sensato e patriotico o Decreto que o criou.

O Sr. Dr. Bernardino Machado, ao criar o Museu, teve a feliz lembrança de o mandar installar junto da Direcção dos trabalhos geologicos, e de o tornar dependente da Repartição dos serviços technicos de minas e da industria. A' frente da Direcção dos trabalhos geologicos está o Sr. Nery Delgado, universalmente conhecido e apreciado pelos seus numerosos livros e estudos de Geologia e de Archeologia prehistorica; elle prontificou-se, logo que soube da criação do Museu, a ceder para este uma sala pertencente á Direcção dos trabalhos geologicos; além d'isso, a Direcção possue uma excellente bibliotheca, em que abundão obras de Archeologia prehistorica e de Anthropologia, cuja utilização o Sr. Nery Delgado facultou tambem ao Museu. A' frente da Repartição dos serviços technicos de minas e da industria está como chefe o Sr. Severiano Augusto da Fonseca Monteiro, que, por ser ao mesmo tempo lente do Instituto Industrial de Lisboa, e consagrar á sciencia aquelle respeito profundo e consciencioso que só podem consagrar-lhe os individuos que trátão directamente d'ella, tem já auxiliado muito o Museu, e de certo o continuará a auxiliar.

Ainda assim, apesar de amparado, desde o seu nascimento, por tão boas egides, o Museu Ethnographico, nas circumstancias em que por ora está, com um pessoal que apenas se compõe de dois individuos.

— director e adjuncto —, sem nenhuma verba permanente para costeio de despesas, e dispondo de uma unica sala, que ainda não tem toda a mobilia de que precisa, não póde satisfazer cabalmente aos fins para que foi criado.

No emtanto, como ao Govêrno consta já officialmente tudo isto, tenho todas as razões para esperar que elle fará que o Museu Ethnographico Português tome incremento em breve tempo, e se torne praticamente um melhoramento e um progresso no país.

Sería realmente pena que, possuindo Portugal, como mostrei, tantas cousas dignas de serem largamente conhecidas e estudadas, e havendo, como ha, um ou outro individuo que se prontifica a trabalhar activamente, e com boa vontade, o Govêrno tomasse em menos consideração este assumpto.

Além de ser necessario accommodar convenientemente os objectos que já se áchão colleccionados, mas que por ora estão encaixotados ou dispersos, torna-se de necessidade não menos urgente acudir áquelles objectos que correm risco de se extraviar ou anniquilar. Todos os dias os jornaes dão notícia do apparecimento de ruinas, moedas, ossadas e outros mil objectos de interesse archeologico. O que succede a isto? Se por acaso passa um estrangeiro instruido, faz colheita, e leva para o seu país, como aconteceu, por exemplo, com objectos romanos descobertos nas minas de S. Domingos e com uma estatueta de Hercules achada na fronteira do Minho. Mas esse mal, com quanto vergonhoso para nós, e fraudulento, não é o maior, porque os objectos ficão salvos para a sciencia; o peor é quando o camartello do pedreiro despedaça a formosa columna e a inscripção unica, ou quando no cadinho do ourívez se funde o annel, e a moeda romana, e o collar prehistorico! O povo imagina que os monumentos archeologicos, como as antas, as mamôas, os castros, contêm dinheiro escondido do tempo dos Moiros; e que faz elle então? Fossa, e destróe tudo! A estas causas de extincção immediata junte-se a indifferença ou ignorancia de muitas pessoas que, podendo salvar innumeras preciosidades, as deixão perder para sempre. Ainda ha poucos dias, por occasião de eu mandar vir do Algarve para o Museu Ethnographico uns caixotes com uns objectos antigos, feitos de calcareo, um chefe de estação dos caminhos de ferro pôs duvida ao despacho d'elles, clamando que não era preciso remetter para Lisboa caixotes com pedras de amolar!!

Já por vezes escriptores nacionaes e estrangeiros verberárão o desleixo que em Portugal tem havido pela Archeologia. Vejamos alguns exemplos:

a) Darei o primeiro logar a Alexandre Herculano. Escreve elle, no vol. II dos *Opusculos*, com aquella auctoridade de sciencia e de caracter que nunca ninguem sériamente lhe contestou:

«Cada facto historico tinha uma igreja, uma casa, um mosteiro, «um castello, uma muralha, um sepulchro, que eram os documentos «perennes d'esse facto e da existencia dos individuos que nelle ha«viam intervindo». (Pag. 21).

«.... agora derribam-se corucheus, partem-se columnas, derro-«cam-se muralhas, quebram-se lousas de sepulturas, e vão-se apagan-«do todas as provas da historia. Faz-se o palimpsesto do passado». (Pag. 19).

«As inscripções lapidares vão-se enterrando por alicerces e pa-«redes, não á face d'estas, porque ahi alguem poderia lê-las; mas no «fundo dos cavoucos ou no amago dos muros. Sem isso não nos van-«gloriamos com inteira justiça de ter completamente renegado de nos-«sos maiores». (Pag. 23).

«Corre despeitado o vandalismo de um a outro extremo do reino, «desbaratando e assolando tudo». (Pag. 19-20).

«.... ao menos que o governo e o parlamento não dêem ao «mundo documento de igual ignorancia e barbaria, mas acudam ao «que ainda resta». (Pag. 52).

«Vergonha é confessá-lo: os estrangeiros têm mostrado maior «veneração pelas antiguidades do nosso país do que os portugueses. «Um estrangeiro salvou no convento dominicano de Bemfica a antiga «capella de D. João de Castro. Ha pouco ouvimos outro, em cujos «olhos chammejava a indignação, clamar altamente contra a barbaria «com que se deixavam estragar no mosteiro de Belem varios quadros «magnificos de eschola portuguesa, nos quaes os passaros, entrando «pelas frestas mal reparadas do edificio, vão amontoando as immun-«dicies. Mas estes estrangeiros são homens que sabem qual seja o «valor dos monumentos da arte e da historia. Nós é que temos «perdido o sentimento e a intelligencia para apreciar essas cousas». (Pag. 30).

b) Diz Filippe Simões, no *Relatorio do Museu Cenaculo,* 1869, pag. 3:

«Desde a capital do reino até ás villas e aldeias não faltam por «toda a parte copiosos vestigios do commum furor de destruir, adul-«terar ou emplastrar as reliquias da architectura e da esculptura dos «seculos que fôrão».

c) Diz Estacio da Veiga, nas *Antiguidades de Mertola,* 1880, pag. 146:

«Assim se vão perdendo os mais preciosos padrões das antigui-«dades do nosso territorio, porque a ignorancia dos que devião velar «pela conservação d'estas cousas, que em todos os paises do mundo «civilizado são apreciadissimas, faz que se olhem com a mais supina «indifferença. Grande responsabilidade cabe pois aos governos, que «deixão perder estas venerandas reliquias das civilizações que estan-«ciaram no territorio nacional».

d) D'entre os estrangeiros, E. Cartailhac, que conhece admiravelmente e de *visu* a nossa archeologia prehistorica, diz no seu livro *Les âges prehistoriques de l'Espagne et du Portugal,* 1886, pag. 252:

«Les autres trouvailles d'Alcacer sont à Lisbonne. Elles gisaient «depuis plusieurs années dans les magasins de l'Académie des Arts... «la majeure partie avait disparu, et je crains bien que les plus belles

«pièces soient maintenant enfouies dans le cabinet d'un curieux, et «perdues pour la science».

e) Um viajante inglês, que andou pelo nosso país, contou-me o seguinte, em carta de 28 de Março de 1894:

«Passei algumas horas em Beja sexta-feira santa. Depois da mi«nha visita em Fevereiro começárão, como verdadeiros vandalos, a «destruição da igreja conventual, cuja fachada, em gothico florido, era «a cousa mais bella que havia na cidade de Pax-Julia».

Quasi toda a gente em Portugal se ri da Archeologia. Isto depende, em parte, da pouca illustração do público; em parte, de se organizarem muitas vezes collecções archeologicas sem plano, nem intuito, de modo que ao lado de uma lucerna romana fica um ovo de abestruz, ou ao lado de um botão com o retrato d'el-rei D. João VI figura um manipanço de Angola.

Desde o momento porém que se constitua methodicamente mais um grande museu em que as coisas apparêção concatenadas, dando ideia da successão das civilizações, mostrando a somma inaudita dos esforços do homem para viver e para se aperfeiçoar; desde o momento que o camponês, vindo á cidade ao domingo, o pescador, o vaqueiro, o artifice, ao entrarem naquelle recinto que symboliza e em ponto pequeno resume a patria, véjão comprehendido e respeitado o trabalho das gerações; desde o momento que o sabio encontre alli um facto que lhe faltava para a demonstração de uma these, o artista uma impressão nova, todos, em fim, o viver ininterrupto de um povo, desde as epochas mais remotas de que ha memoria: sem dúvida nenhuma, tanto a Archeologia como a Ethnographia geral conquistarão terreno, e já se não ouvirá com tanta insistencia e frequencia a gargalhada estólida dos zoilos a motejá-las.

Isto que digo não é pura theoria. Fundou-se ha pouco tempo em Beja, no edificio da camara, um museu archeologico municipal, por iniciativa de um grupo de pessoas illustradas, intelligentes e devotadas á sua terra: logo que a fundação do museu constou, e este se abriu ao público, não faltão individuos de todas as classes, mesmo camponeses e analphabetos, que véem trazer constantemente objectos que encôntrão e julgão no caso de poderem figurar alli; de modo que o Museu municipal de Beja é hoje um dos mais interessantes de Portugal, em esculptura, epigraphia, ceramica, etc., de todas as epochas da nossa história. Não sei como explicar, deante d'estes actos de dedicação, o vandalismo de que falla o viajante inglês citado acima!

O estudo da Archeologia concorre para que se interpretem melhor e se completem os textos dos auctores classicos, e por tanto se conheça mais ampla e claramente a nossa História antiga. O desleixo pelas antiguidades nacionaes chega a ponto de mesmo haver professores, que, podendo estar ao facto da sciencia moderna, nem o pouco que já se sabe da Archeologia lusitana conhecem bem! Por exemplo, nuns *Apontamentos de historia de Portugal* para uso dos estabelecimentos de instrucção secundaria, Coimbra 1894, lê-se o seguinte, a pag. 4: «Segun-

do S. Agostinho, a religião primitiva dos Lusitanos foi o monotheismo: prestavam culto a um Deus unico, summamente bom, principio e fim de tudo. Mas depois, á semelhança do que se deu com os outros povos, tornaram-se polytheistas, abraçando o sabeismo ou adoração dos astros. A vinda dos Phenicios produziu uma notavel mudança nas ideias religiosas dos povos da Peninsula, e, portanto, nas dos lusitanos: introduziram cá o culto de Hercules, tyrio ou lybico, designado pelo nome de *Endum* e pelo cognome de *Vellico*. Era denominado *Vellico*, por ser especialmente venerado em *Vellia*, cidade dos cantabros. Houve tempo em que tambem adoravam a deusa Minerva e o deus Marte, ao qual immolavam o cabrito, o cavallo e os captivos; o que se não sabe é de quando data este culto, sendo mais provavel que fosse devido á influencia dos gregos».

O que fica dito ou é innexacto, ou está mal exposto: os documentos que réstão da antiguidade lusitanica não permittem que se diga que os Lusitanos erão monotheistas, e muito menos que o culto dos astros succedesse a um monotheismo anterior; o deus *Endovellico* nada tem com Hercules, nem aquelle deus foi jámais adorado em Vellia: o seu culto era no alto de um monte, no Alemtejo, ao pé de Terena, e não se póde dizer, nem isso é provavel, que fosse introduzido cá pelos Phenicios; a respeito do culto pre-romano de Minerva na Lusitania não sei aonde o auctor do compendio fosse descobri-lo; com relação a Marte, o auctor do compendio confundiu este deus com Ares, pois é de Ares que falla Estrabão, e além d'isso tal nome deve encobrir o de um deus indigena. Se o auctor houvesse consultado os textos dos proprios escritores antigos e os trabalhos archeologicos, e se não deixasse levar pela phantasia ou por informações em segunda mão, teria esboçado um quadro curioso da religião dos nossos antepassados, em vez do que traça, tão imperfeito.

Dos diversos ramos da Archeologia geral é a Paleoethnologia, ou Archeologia prehistorica, um dos mais fecundos em revelações. Quando começárão as investigações á cêrca da Prehistoria, houve apupos da parte dos *conservadores* e dos *homens da ordem*. Não obstante os sabios proseguirão na realização do seu ideal, e a Archeologia prehistorica mostrou a existencia de antigas civilizações com que mal se sonhava, e que comtudo erão as primeiras! E' por esse motivo que os individuos que hoje escarnecem dos estudos archeologicos, ou lhes ligão pouca importancia, devem ser deitados ao desprêzo; de facto elles não comprehendem o alcance d'aquelles estudos. Em Portugal lê-se muito pouco, além de jornaes e de romances. Poucas pessoas, começando a ler um livro de estudo, o lêem por inteiro! Cansão-se logo. Fallo, é claro, do commum. Por conseguinte não admira que tambem exista quem não dê aprêço a cacos e a pedras toscas. Mas isso não é motivo para que, depois de se ter reconhecido a importancia dos estudos archeologicos, estes se não desenvolvão e não caminhem para deante.

Aos Governos pertence conservar acceso o facho da sciencia, e

não deixar esmorecer os poucos individuos que ainda se sentem com fé, e têm ardor e enthusiasmo pelos assumptos archeologicos.

Se elle necessita de acudir á Archeologia, mandando accommodar devidamente o que está colleccionado, e salvando o que corre grave risco de se perder totalmente, nem por isso, pelo seu lado, a Ethnographia moderna merece pouca attenção ou pouco desvelo. A Ethnographia moderna provém da antiga, e por tanto as razões scientificas que ha para attender a ésta são as mesmas que ha para attender áquella. O progresso, tendendo a unificar as civilizações dos povos, faz que muitos usos e tradições se vão pouco a pouco esquecendo e extinguindo: trajos, construcções, aprestos industriaes e de lavoura, monumentos religiosos. Urge pois tambem inventariar o que ainda resta, senão em breve faltar-nos-hão valiosos elementos para o conhecimento scientifico do povo português. O Museu Ethnographico, se o Govêrno, como é de esperar, o auxiliar, póde neste ponto prestar igualmente serviços.

Bem sei que nem a Archeologia nem a Ethnographia moderna restaurarão as finanças do país, se estas se perderem; todavia, como o viver de um povo não é exclusivamente material, aquellas sciencias contribuem para que, pela investigação exacta e conscienciosa dos elementos da nossa nacionalidade, o sentimento d'esta se radique com solidez nas multidões, e os animos, entibiados pela contemplação dos males actuaes, avancem com esperança e audacia, escudados no amor santo da patria.

J. Leite de Vasconcellos.

ADDENDA ET CORRIGENDA

A respeito do que disse a cima, pag. 30, á cêrca do sentido da designação geographica de *Entre Tejo e Odiana,* devo notar que num documento de 1535, que vem nas *Memorias para a historia das côrtes geraes,* pelo Visconde de Santarem (1.ª Parte, *Alguns documentos,* 1828, pag. 103-105), se distingue *Antre Tejo ę Odiana* e *Algarve.* Na primeira zona, correspondente a *Alemtejo,* inclue-se, como eu disse, Setubal, Palmella, Almada e Alcacer do Sal. Na *Extremadura* colloca-se tambem Coimbra, Montemór e Aveiro, que o padre Carvalho porém na *Corografia* (vol. II, anno de 1708) colloca na *provincia da Beyra.*

A pag. 23, ao citar os trabalhos de Philippe Simões, esqueci-me de citar *A arte antiga em Hespanha e Portugal,* que faz parte do *Album de phototypias da Exposição de arte ornamental* de Carlos Relvas, Lisboa 1883. D'este trabalho véem uns fragmentos nos *Escritos diversos,* pag. 332.

APPENDICE

Como documentos para a história do Museu Ethnographico Português, aqui se publicão os dois seguintes, extrahidos do *Diario do Governo:*

MINISTERIO DAS OBRAS PUBLICAS, COMMERCIO E INDUSTRIA

Secretaria geral

Senhor. — Um museu ethnographico, onde esteja representada a parte material da vida de um povo, as suas industrias, os seus trajos, os seus usos, etc., tem grande valor educativo. Em relação á historia, serve elle para ministrar documentos de toda a ordem, pelos quaes se apreciarão melhor, assim em globo, os caracteres d'esse povo, e as relações d'elle com outros, tanto no presente como no passado. Pelo que toca ao sentimento da nacionalidade, faz que o povo, tendo de si mais amplo conhecimento, e sabendo as razões historicas da sua propria existencia, ame e venere a patria com conhecimento de causa, e siga afouto na via do progresso. Quanto ás artes, contribue para que ellas se aperfeiçoem, porque é só quando o artista allia ás impulsões do seu genio e á largueza do seu estudo a inspiração nas tradições do paiz, que produz obras verdadeiramente de cunho.

E' por isso que em todos os paizes cultos ha museus d'esta natureza.

Temos, pois, a honra de propôr a Vossa Magestade o seguinte projecto de decreto.

Ministerio dos negocios das obras publicas, commercio e industria, em 20 de dezembro de 1893. = *João Ferreira Franco Pinto Castello Branco* = *Bernardino Luiz Machado Guimarães.*

Attendendo ao que me representaram os ministros e secretarios d'estado dos negocios do reino e das obras publicas, commercio e industria;

Considerando que em Portugal, pela passagem ou permanencia de varios grupos ethnicos, e pelas diversas circumstancias da nossa vida historica, ficaram materiaes abundantissimos com os quaes se póde constituir um museu ethnographico digno d'este nome;

Considerando que já ha muitos materiaes archivados, mas se acham dispersos, convindo pois reunil-os, porque só assim adquirem real importancia;

Considerando que muitos outros jazem ainda nos proprios locaes em que desde tempos antigos os deixaram, e são por isso como se não existissem, se não forem devidamente aproveitados:

Hei por bem decretar o seguinte:

Artigo 1.º E' organizado um museu denominado *Museu Ethno-*

graphico Portuguez, que sirva em parte como que de desenvolvimento do Museu de anthropologia, installado na Commissão dos Trabalhos Geologicos.

§ unico. O museu dividir-se-ha em duas secções, podendo porém de futuro, se as circumstancias o exigirem, ser ampliado. Estas secções são:

a) Secção archeologica, comprehendendo monumentos desde os tempos prehistoricos até o seculo XVIII;

b) Secção moderna.

Cada uma d'estas secções dividir-se-ha ainda em sub-secções.

Art. 2.° Tanto a uma como a outra secção ficam pertencendo desde já os objectos que existem espalhados pelos diversos estabelecimentos do estado, sem fazerem parte integrante das collecções respectivas aos mesmos estabelecimentos, nomeadamente o Museu do Algarve, provisoriamente depositado na Academia de Bellas Artes, e quaesquer outras collecções adquiridas pelo governo.

Art. 3.° De futuro farão parte do museu ethnographico todos os objectos, ou cópias (photographias, moldes, desenhos, etc.), que se puderem obter, quer por compras, dadivas, depositos, quer directamente.

Art. 4.° O Museu Ethnographico terá catalogo impresso, e poderá fazer, ou facultar á iniciativa particular, uma publicação illustrada dos materiaes existentes no Museu, com o fim de os tornar conhecidos e de despertar interesse no publico.

Art. 5.° A Commissão dos monumentos nacionaes, é todas as auctoridades municipaes, administrativas, ecclesiasticas, militares, etc., são obrigadas não só a auxiliar o Museu Ethnographico, ministrando-lhe informações e facilitando acquisições para elle, mas a dar-lhe parte de todas as descobertas archeologicas de que tiverem noticia.

Art. 6.° O Museu Ethnographico poderá estabelecer relações com outros museus, ou estabelecimentos analogos, tanto do paiz, como de fóra.

Art. 7.° A direcção e conservação especial do Museu Ethnographico serão incumbidas a um individuo de reconhecida competencia, sem vencimento inherente ao cargo.

Art. 8.° A dotação do Museu Ethnographico sairá da verba orçamental destinada a exposições, concursos, etc.

Art. 9.° O governo fará publicar o regulamento necessario para a execução d'este decreto.

Os ministros e secretarios d'estado dos negocios do reino e dos das obras publicas, commercio e industria, assim o tenham entendido e façam executar. Paço, aos 20 de Dezembro de 1893.=REI.=*João Ferreira Franco Pinto Castello Branco*=*Bernardino Luiz Machado Guimarães.*

Repartição dos serviços technicos de minas e da industria

1.ª SECÇÃO

Ha por bem Sua Magestade El-Rei encarregar o conservador da Bibliotheca Nacional de Lisboa e professor da cadeira de numismatica (do Curso de bibliothecario-archivista), José Leite de Vasconcellos Pereira de Mello, da direcção e conservação do Museu Ethnographico Português, annexo á Direcção dos Trabalhos Geologicos do reino, que exercerá sem vencimento especial, nos termos do artigo 7.º do decreto d'esta data, que creou o referido museu.

Paço, em 20 de Dezembro de 1893.=*Bernardino Luiz Machado Guimarães.*

(*Diario do Governo*, n.º 290, de 22 de Dezembro de 1893).

*

O conductor de obras públicas Maximiano Gabriel Apollinario, que pertence ao quadro dos serviços technicos de minas e da industria, passou, por determinação superior, a servir, sem augmento de vencimento, como adjuncto do Museu Ethnographico Português.

PHONETICA HISTORICA PORTUGUESA [1]

RESUMO DAS PRINCIPAES LEIS
QUE PRESIDÍRÃO Á TRANSFORMAÇÃO DO LATIM NO PORTUGUÊS

INTRODUCÇÃO [2]

Origem e formação da lingua portuguesa

a) A *lingua portuguesa* faz parte da familia das *linguas romanicas*. Na sua essencia é apenas uma transformação da lingua latina.

b) O latim existiu em Roma sob duas fórmas: 1.ª) *Latim classico,* ou litterario, que, por influencia da cultura hellenica, havia admittido muitos vocabulos, fórmas e algumas construcções do grego, lingua sua irmã; do latim classico se servírão os escriptores Cicero, Caesar, Vergilio, Horacio, etc. 2.ª) *Latim vulgar,* ou fallado, que era

[1] [A phonetica historica da lingua portuguesa já tem sido, depois da publicação da obra fundamental de Diez, *Grammatica das linguas romanicas,* tratada no seu conjuncto com algum desenvolvimento por diversos philologos, como: F. Adolpho Coelho, n·*A lingua portugueza,* Coimbra 1868, e nas *Questões da lingua portugueza,* Porto 1874-1879, 2 vols.; C. Reinhardstoettner, na *Grammatik des Portugiesischen Sprache,* Estrasburgo 1878; F. d'Ovidio, nos *Manueletti d'introduzione agli studj neolatini,* II, *Portoghese (e Gallego),* Imola 1891; e finalmente J. Cornu, no *Grundriss der Romanischen Philologie (Die Portugiesische Sprache),* Estrasburgo 1888. — Ainda que o artigo que ora se publica na *Revista Lusitana* não se póde dizer propriamente que adeante ao do Sr. Cornu, que é o último em data, e o mais completo, dos que até hoje têm sahido a lume, todavia não hesito em o publicar, antes o publíco com muito gôsto, não só porque elle revela no auctor, o Sr. José Joaquim Nunes, estudo methodico dos phenomenos da nossa lingua, acompanhado de rara vocação para ésta ordem de assumptos, vocação que convem animar e desenvolver, — mas tambem porque o trabalho do Sr. Cornu e todos os outros são inacessiveis ou desconhecidos á maioria do público, vindo pois o artigo do Sr. Nunes a ser como novo para essa maioria. — Como o Sr. Nunes não conhecia ainda o trabalho do Sr. Cornu, faço adeante algumas referencias a elle; junto além d'isso várias notas minhas, porém poucas, a fim de não tirar ao artigo o caracter que o seu auctor lhe quis dar. — J. L. DE V.].

[2] O pequeno trabalho que apresentamos á apreciação dos leitores da *Revista Lusitana* é apenas o producto de estudos que, já por gôsto, já por dever de officio, fizemos nas obras dos Srs. Adolpho Coelho, Darmesteter, Gaston Paris, Leite de Vasconcellos, e mais que todos de Bourcier, cujo livrinho *Précis de Phonétique Française* foi o nosso guia, a ponto de seguirmos *pari passu* o seu methodo, por nos parecer bastante claro, traduzindo-o por vezes quasi litteralmente; para os entendedores, porém, do genio differente das duas linguas será o nosso modesto trabalho mais do que uma versão. Deficiente é elle por certo, e quiçá eivado de muitos erros, devidos ou á falta de conhecimentos mais profundos da materia, ou á maneira de ver errada; aguardamos, por isso gostosos as correcções dos entendidos. — Segundo o costume, adoptamos o signal * para indicar aquellas palavras que, não tendo chegado até nós, por via do latim classico, se deprehendem todavia da comparação da nossa com as outras linguas romanicas.

usado pelo povo; os auctores dão-lhe o nome de *sermo vulgaris, cotidianus, plebeius, rusticus,* etc. Havia entre estas duas variedades do latim as divergencias que ha geralmente em todas as linguas, entre fórmas escriptas e fórmas populares.

c) E' do *latim vulgar,* levado pelos soldados, colonos e commerciantes romanos a todas as partes do seu vasto imperio e adaptado aos orgãos vocaes de povos diversos, que provêm as *linguas romanicas.* Estas linguas são em numero de sete principaes, a saber: o *italiano* que se falla na peninsula italica; o *romancho* ou *ladino* em uso na Suissa Oriental (cantão dos Grisões) e Tyrol occidental; o *rumeno* ou *valachio* fallado na bacia inferior do Danubio; o *hespanhol* e *português* usados na peninsula iberica; e o *provençal* e *francês* fallados no territorio da antiga Gallia.

d) Antes do estabelecimento do dominio romano na peninsula, dominio que se póde datar da vinda de Scipião (211 antes de Christo) fallávão-se cá várias linguas, de uma das quaes, pertencente ao ramo celtico, que faz parte da familia indo-europea *(sanscrito, grego, latim, celta, slavo, gotico,* etc.), temos algumas noticias que nos permittem admittir que ella se fallava em grande extensão. Um dos resultados da dominação romana nas Hispanias foi o desapparecimento gradual das linguas peninsulares (com excepção do vasconço ou euscaro) por uma maneira quasi completa, pois que os vocabularios do português e do hespanhol poucas palavras contêm que d'ellas se originem, e a sua substituição pela lingua latina a ponto tal que, nos fins do seculo IV, era esta, na sua fórma *vulgar,* a unica lingua fallada em toda a peninsula, com excepção do territorio vascongado. D'ahi a pouco as grandes invasões do seculo V, as successivas irrupções dos povos germanicos e posteriormente a longa permanencia dos arabes entre nós, introduzírão no nosso vocabulario grande numero de palavras d'estes diversos povos.

e) A lingua *romance* (ou simplesmente, *romanço)* foi-se a pouco e pouco fraccionando noutras, entre as quaes, no Occidente, o *gallego* e o *português,* que a principio, quasi nada divergentes (como se póde reconhecer, comparando antigos textos portugueses e gallegos), se distanciárão com o decorrer do tempo, a ponto de nos fins do seculo XV ter cada uma sua feição propria.

f) A lingua portuguesa desde o seu apparecimento pela escripta (seculo XII) até os nossos dias tem soffrido varias modificações, principalmente na sua phonetica e morphologia, sendo as mais importantes as que se dérão nos seculos XIII, XIV e XV. Foi só no seculo XVI que ella tomou a physionomia que hoje apresenta. A historia, pois, da nossa lingua abrange naturalmente dois periodos: o do *português archaico* (seculos XII a XVI) e o do *português moderno* (seculo XVI até os nossos dias).

g) Os elementos que constituem o vocabulario da lingua portuguesa são de tres especies: *populares, eruditos* de origem classica, e *extranhos.* O elemento *popular,* que constitue a verdadeira base da

nossa lingua, comprehende as palavras provenientes do latim vulgar, depois de alteradas em harmonia com as leis phoneticas e morphologicas; as que pelo processo da derivação a ellas fôrão buscar a sua origem e os vocabulos lusitanicos, celticos, germanicos e arabicos de introducção antiga. O elemento *erudito* é constituido por todas as palavras latinas ou gregas, que, desde muito cedo, e pelo menos a partir do seculo XIV, fôrão introduzidas no nosso vocabulario, depois de aportuguesadas por modo artificial. O elemento *extranho* finalmente, abrange, por exclusão de partes, os restantes vocabulos de proveniencia extrangeira, taes como franceses, ingleses, italianos, asiaticos, africanos, americanos etc., que o commercio e a litteratura d'estes differentes povos introduzirão entre nós.

h) O estudo da transformação dos sons só ao elemento *popular* tem applicação rigorosa e scientifica.

i) A *phonetica historica portuguesa* tem por objecto estabelecer as leis que presidirão á transformação das palavras latinas noutras portuguesas correspondentes, e notar as alterações successivas por que até hoje têm passado as vozes e articulações. Estas leis phoneticas são d'applicação regular, e a sua acção uniforme, de modo que, dadas varias palavras latinas em que geralmente um mesmo som se fazia ouvir, esse som repercute-se de ordinario nas portuguesas correspondentes da mesma maneira. A constancia d'estas leis só é derogada por outras leis, como, por exemplo, a analogia que, estribada em apparentes similhanças, submetteu por vezes á mesma lei typos diversos, estabelecendo d'esta maneira excepções mais ou menos reaes. Póde tambem haver excepções, que escapem a qualquer lei conhecida, mas isso não depõe contra a regularidade dos phenomenos, mostra apenas que ainda não conhecemos por completo as condições d'estes.

PRIMEIRA PARTE

Vogaes

CAPITULO I

Lei do accento tonico. — Reducção da palavra latina

§ 1. Havia em toda a palavra latina uma syllaba ou vogal em cuja pronunciação a voz se fazia ouvir d'uma maneira mais forte e distincta; era a syllaba *tonica*, em relação com a qual todas as demais se chámão *atonas*. Assim, por exemplo, na palavra *marito* [1], *i* é a vogal da syllaba tonica; as restantes, *a* e *o*, pertencem a syllabas atonas. E'

[1] As palavras portuguesas derivão em geral do accusativo latino, segundo a opinião mais adoptada; por isso nos nossos exemplos apresenta-las-hemos sempre neste caso, mas sem o *m* final, como as pronunciava o latim vulgar, que dizia *muro, turre* e *porta* em vez de *murum, turrem, portam*.

o accento tonico que dá á palavra a sua unidade, sendo como que a sua «alma», no dizer do grammatico Diomedes [1].

§ 2. O accento tonico em latim só podia recahir em duas syllabas, a penultima e antepenultima, dependendo o seu logar da quantidade prosodica da penultima. Se ésta era longa, era ella a accentuada; se pelo contrario era breve, passava então o accento para a antepenultima. Assim as palavras *marito, portare,* em que as vogaes *i* e *a* das penultimas syllabas são longas, pronunciávão-se *marito, portáre,* ao passo que *tabŭla* e *mansuetudĭne,* em que as vogaes *u* e *i* das penultimas syllabas são breves, dizião-se *tábula* e *mansuetúdine.* As primeiras chámão-se *paroxytonos,* as segundas *proparoxytonos.*

Observação. — Do que acabamos de dizer, resulta que as palavras de duas syllabas são todas em latim paroxytonos. A's monosyllabicas dá-se o nome de *oxytonos.*

§ 3. Foi o accento tonico que principalmente influiu na transformação das palavras latinas nas portuguesas. Essa influencia póde enunciar-se pela seguinte:

Lei. — *A vogal accentuada no latim persiste em regra no português.*

E' assim, por exemplo, que as palavras *maríto, bonitáte, ópera,* dão em português *marido, bondade, obra,* com a mesma accentuação que tinhão no latim.

§ 4. A elevação da voz recahiu toda na vogal tonica, muitas vezes em detrimento das restantes syllabas. Emquanto a vogal tonica persiste sempre em português, não succede o mesmo ás syllabas atonas vizinhas, que em certos casos cahirão: deu-se pois, na sua passagem para o português, *reducção na palavra latina.*

O accento divide com effeito a palavra em duas partes: a que fica para deante e a que fica para trás da tonica; dá-se á primeira o nome de *metatonica,* á segunda o de *protonica.* Assim em *maríto* e *mansuetúdine* as syllabas *-to* e *-dine* representão a parte *metatonica;* as syllabas *ma-* e *mansue-* a parte *protonica.* Cada uma d'estas partes obedece a leis differentes, e por isso vamos occupar-nos de cada uma em separado.

Observação. — E' escusado advertir que em palavras como *múro* e *tábula,* em que o accento tonico está na syllaba inicial, não ha parte protonica.

a) *Parte metatonica da palavra*

§ 5. A parte da palavra que se segue á syllaba accentuada experimentou na sua passagem para o português as alterações enunciadas nas duas leis seguintes:

1.ª Lei. — A vogal immediata á tonica cáe em português nos proparoxytonos, isto é, nas palavras que têm o accento na antepenulti-

[1] «Est accentus velut anima vocis». Diomedes (Keil., *Grammatici latini,* t. I, pag. 430, 31).

ma [1]. Exemplos: *cólăpo, *golpe*, sémĭta, *senda*, mánĭca, *manga*, lépŏre, *lebre*, opĕra, *obra*, tĕnĕro, *tenro*, repósita, *resposta* ou melhor *reposta*, ásino, *asno*, virĭde, *verde*.

Observação i. — Esta syncope dava-se já no latim classico, onde não é raro encontrar fórmas como *hercle* por *hercule*, *caldus* por *calidus*, *saeclum* por *saeculum*, *cante* por *canite*, *surgo* por *surrigo*.

Observação ii. — Nalgumas palavras conservou-se a vogal posterior á accentuada, talvez por influencia erudita, pois que o povo é geralmente inclinado a supprimi-la, dizendo por exemplo *cambra* em vez de *camara*, *arve* em logar de *arvore*, etc. [2]

§ 6. 2.ª Lei. — As vogaes finaes ou tornadas finaes pela quéda de consoante pássão inalteradas para português, excepto *i*, que pássa para *e*, e *u* para *o*. Exemplos: áqua, *agua*, bóna, *bõa*, *boa*, fácie, *face*, nomen, *nome*, turre, *torre*, *pouti, *pôde*, caballo, *cavallo*, fructu, *fruito*, *fructo*, portu, *porto*.

Observação i. — Já nos ultimos tempos do imperio romano do occidente confundia o povo o *i* final com *e*, assim como *o* com *u*, como se vê das inscripções d'esse tempo.

Observação ii. — A vogal final, principalmente sendo *e* ou *i*, e mais raro *o*, cáe quando precedida de *l*, *r*, *m*, *n*, *g*, *c* (*s*, *z*) não dobradas nem ligadas com outra consoante: exemplos: capitale, *cabedal*, amore, *amor*, debere, *dever*, papiro, *papel*, sine, *sem*, venit, *vem*, facit, *faz*, pice, *pes*, lege, *lei* [3].

b) *Parte protonica da palavra*

§ 7. Em palavras como *epíscopo*, a parte protonica comprehende

1 E' esta vogal que por abreviatura collocaremos d'aqui por deante em parenthesis ( ).

2 [Sobre este ponto vid. Cornu, *Die Portugiesische Sprache*, §§ 106-107; e Meyer-Lübke, *Grammaire des langues romanes*, I, § 29 e 325. — A lingua portuguesa tem effectivamente grande tendencia para reduzir os proparoxytonos a paroxytonos; todavia conserva bastantes proparoxytonos, como *lagrima*, *cónego*, *Mértola*, *estomago*, etc. Alguns d'elles é provavel que se mantenhão, por serem de uso restricto ou culto, ou ainda, como diz o Sr. Nunes, por influencia litteraria; dá-se mesmo o caso de coexistirem duas fórmas, como *Evra* (ling. pop. ant.) a par *Evora*, *pucro* (na Beira) a par de *pucaro*, *Sabdo* (Norte) a par de *Sabbado*, *cobdo* (ib.) a par de *covado*, *numbro* (passim) a par de *número* e *numaro*, etc. Quando as duas syllabas finaes são vogaes, ellas podem contar-se como uma só syllaba (ditongo), e nesse caso ha antes paroxytono do que proparoxytono, como em *dúzia*, *páteo*, *Emilia*, *tábua*, *légua*, etc.; ainda assim, na Extremadura diz-se *dúiza*, *páito*, *Imila*, *táuba*, *léuga*. Quando a vogal tonica é *i*, e na syllaba postonica ha tambem *i*, o deslocamento d'este não se póde ver, porque os dois *ii* fundem-se, como em *Imila* em vez de **Imíila*, *sito* em vez de **síito*. Ha contradicção apparente em fórmas populares como *Ilísia* (= Elysa), *clúbio* (= club): é o que se póde chamar *regressão*, pois o povo, notando que a *sito* corresponde *sítio*, como que corrige *clube* ou *clubo* (club) em *clúbio*, etc. — J. L. de V.].

3 [Esta lei parece-me poder enunciar-se assim: um -*e* final tende a cahir, quando antes d'elle ha uma consoante que possa formar syllaba com a vogal antecedente, excepto *m*, como *quer* de *quere*, *val* de *vale*. Vid. o meu opusculo *As «Lições de linguagem» do sr. Candido de Figueiredo*, 2.ª edição (Porto 1893), pag. 77, nota 5. — Cfr. já Cornu, *Die Portugiesische Sprache*, § 98. — J. L. de V.].

apenas a vogal *e;* noutras como *venire* a parte protonica compõe-se da syllaba inicial *ve;* noutras finalmente como *bonitáte* abrange duas syllabas, a saber, a inicial *bo* e mais outra não inicial *ni* que precede immediatamente a tonica. São estes os tres casos a que se referem as leis seguintes:

§ 8. 1.ª Lei. — A vogal inicial da palavra latina, quando não protegida por consoante, póde cahir em português; exemplos: episcopo, *bispo,* attonito, *tonto,* eclypsi, *cris* (ant.), *eclypse,* *inamorari, *namorar,* occasione, *cajão* (Gil Vicente), *occasião,* acumen, *gume,* Emmanuel, *Manuel,* Olisipona, *Lisbõa* (ant.), *Lisboa,* *ictericia, *triça* (pop.), *ictericia,* horologio, *relogio,* apotheca, *bodega.*

Observação. — E' esta uma das leis que mais distinguem o português das outras linguas romanicas, nas quaes persiste a vogal inicial [1].

§ 9. 2.ª Lei. — A vogal da syllaba protonica inicial precedendo immediatamente ou não a tonica, persiste em português; exemplos: *lacárta, *lagarta,* melióre, *melhor,* vicíno, *vizinho,* mirabília, *maravilha,* satisfacére, *satisfazer,* debére, *dever,* cabállo, *cavallo,* bonitate, *bondade.*

Observação i. — As excepções a esta regra são pouco numerosas. Nas palavras como quiritare, *gritar,* theriaca, *triaga,* *berryliare, *brilhar,* a quéda da vogal foi motivada pela formação dos grupos consonantaes *gr, tr* e *br.*

Observação ii. — As palavras em que, fóra do caso precedente, cahiu a vogal da syllaba inicial, como em *pombo* (palúmbo), *sello* (sigillo), *ler* (legére), *mestre* (magistro), *ter* (tenére), offerecem uma excepção apparente, pois que a sua actual fórma provém de contracção, tendo sido em português antigo *paombo, seello, leer, maestro, teer.*

§ 10. Lei. — A vogal da syllaba não inicial collocada antes da tonica, quer breve, quer longa, cáe em português, excepto o *a,* que se conserva: exemplos: a) bonĭtáte, *bondade,* opĕrario, *obreiro,* verēcundia, *vergonha,* impollicare, *empolgar,* amarĭcare, *amargar,* manifesto, *manfesto* (ant.), *manifesto,* penĭcello, *pincel, contar* de computare; b) ornāmento, *ornamento,* litterātura, *lettradura* (antiq.), *litteratura,* jurāmento, *juramento,* mirābilia, *maravilha.*

Observação i. — D'esta regra exceptuão-se os casos seguintes, em que as vogaes se consérvão. São:

1.º Quando servem de ponto de apoio a um grupo de consoantes que as precede; ex.: negligentia, *negrigencia* (ant.), *negligencia,* multitudine, *multidõe* (ant.), *multidão,* mansuetudine, *mansidõe* (ant.), *mansidão,* castitate, *castidade.*

2.º Quando estão seguidas de um grupo de consoantes, ex: tem-

[1] [Sobre este ponto convem lêr o que diz o Sr. Cornu, in *Die Portug. Sprach,* §§ 93-94, e 102 a 104. Elle estuda os casos da quéda do *i-;* os casos de *est-, esp-, esc-;* e junta observações á cêrca da quéda do *a* e do *o.* — J. L. de V.].

pestâte, *tempestade,* in-negrescère, *ennegrecer,* gubernare, *governar.*

3.º Quando são seguidas d'uma consoante e d'um *i,* formando hiato antes da tonica [1]; ex.: papilione, *pavilhão,* *acutiare, *aguçar,* devotione, *devoção,* despretiare, *desprezar.*

4.º Quando por quéda de consoante medial ficão em contacto com a vogal seguinte; ex.: solitudine, *soidão* (ant.), *solidão,* nominare, *nomear,* monumento, *moymento* (ant.), *monumento,* liminare, *limiar,* vanitate, *vaidade,* circĭnare, *cercear.*

Observação ii.—Monasterio, que deu em português *mosteiro* (ant.), *mõesteiro* e *moesteiro,* tinha-se tornado no latim vulgar monistário.

Observação iii.—Quando a palavra latina contém um prefixo, conserva-se de ordinario em português esse prefixo, e a syllaba inicial da palavra simples persiste sempre, segundo a lei (§ 8); ex.: *demorare, *demorar,* promittére, *prometter,* submittére, *submetter,* excedére, *exceder.*

§ 11. Resulta das leis que acabamos de estabelecer, que d'entre as vogaes latinas só persistem em português: 1.º a vogal accentuada; 2.º a das syllabas final e inicial protegida por consoante. Esta persistencia, porém, não as impediu de por vezes soffrerem as modificações que apontaremos mais adiante, depois de estudarmos o valor das differentes vogaes em latim, e a natureza das influencias a que estão sujeitas.

CAPITULO II

Valor das vogaes latinas. — Influencias a que estão sujeitas

VALOR DAS VOGAES

§ 12. As vogaes latinas são *a, e, i, o, u,* as quaes, dispostas por esta ordem, *i, e, a, o, u,* dão uma escala vocal que, partindo d'um som agudo, termina num grave. Devemos, porém, distinguir dois sons em cada uma das vogaes *e* e *o,* um mais agudo, que se ouve, por exemplo, nas palavras *tēla,* e *lūto,* e em português em *mercê* e *escôva,* e outro menos agudo, como o que se nota em *mĕl e mŏla,* e na lingua portuguesa nas palavras *pé* e *pórta.* Chamaremos ao primeiro d'estes sons *fechado* e ao segundo *aberto,* e distingui-los-hemos respectivamente pelos accentos circumflexo (ˆ) e agudo (´). D'este modo fica a escala completa dos sons, sendo esta:

I Ê É A Ô Ó U

a qual se nota, por exemplo, nestas sete palavras:

fīlo, tēla, mél, máre, scôpa, pórta, muro.

[1] O *i* neste caso combina-se com a consoante precedente, alterando-lhe o som, e não se conta como syllaba em latim.

Observação. — O português possúe tambem os sete sons simples de que acabamos de fallar, como se póde vêr por exemplo em *fio, têa* [1], *mel, mar, escôva, porta, muro.*

§ 13. No latim classico as cinco vogaes *a, e, i, o, u* estão sujeitas ás leis da quantidade, segundo as quaes são umas vezes *breves*, outras *longas*, conforme o tempo gasto em pronunciá-las: *i*, por exemplo, é *longo* em *fīlo* e *breve* em *sĭnu; u* é *longo* em *mūro* e *breve* em *lŭto.* Ainda mais: a posição da vogal, o facto de ser seguida d'um grupo de duas ou mais consoantes, não influe na sua quantidade [2]; *i* é breve por natureza em *cĭsta,* como tambem em *sĭnu;* ao passo que é longo em *vīlla; u* é breve por natureza em *tŭrre* como em *lŭto,* sendo pelo contrário longo em *jūsto.*

§ 14. No latim vulgar, d'onde provém directamente a lingua portuguesa, tinha desapparecido esta distincção de breves e longas: cada vogal tomára um dos sete sons simples de que fallámos no § 12. *Mas foi a quantidade que as vogaes tinhão no latim classico que determinou o som que tomárão no latim vulgar.* E' esta a razão por que no latim vulgar o *ī* fica *i, fīlo = filo;* o *ĭ* e *ē* pássão para *ê: sĭnu = sênu, tēla = têla;* o *ĕ* torna-se *é: mĕl = mél;* o *ā* e *ă* fundem-se num e mesmo som, *á: clāve = cláve, măre = máre;* o *ō* e *ŭ* pássão para *ô: flōre = flôre, lŭto = lôto,* emquanto o *ŏ* fica *ó: rŏsa = rósa,* e o *ū* permanece inalterado: *mūro = muro.* No quadro seguinte estão compendiadas estas equivalencias:

ī	do latim	classico	equivale a	*i*	no	latim	vulgar.
ĭ, ē	»	»	»	*ê*	»	»	»
ĕ	»	»	»	*é*	»	»	»
ā, ă	»	»	»	*á*	»	»	»
ō, ŭ	»	»	»	*ô*	»	»	»
ŏ	»	»	»	*ó*	»	»	»
ū	»	»	»	*u*	»	»	»

Observação. — O latim poucos ditongos possuia: tres apenas encontramos nas palavras que por transformação popular passárão para a lingua portuguesa; são: *au, ae, oe.* Ainda d'estes mesmos só o *au* persistiu no latim vulgar (vide adiante as modificações que soffreu), visto como *ae* e *oe* fôrão substituidos por um *e* simples, equivalente umas vezes a *ê*, como em *praeda, ballaena,* outras a *é*, como em *caelo, quaerit.*

INFLUENCIAS A QUE ESTÃO SUJEITAS AS VOGAES

§ 15. Antes de entrarmos no estudo das sete vogaes do latim vulgar, *i, ê, é, a, ô, ó, u,* devemos occupar-nos das influencias que nel-

[1] No dialecto algarvio.

[2] Esta lei refere-se á pronúncia, porque na metrica latina, pelo contrário, toda a vogal seguida de duas ou mais consoantes é ou póde ser longa.

las actuárão na sua passagem do latim para o português. Reduzem-se a duas essas influencias, a saber: a produzida pelas consoantes nasaes *m* e *n*, e a proveniente da semi-vogal *i*, quando em hiato, a qual representaremos aqui por *y*.

a) *Influencia das consoantes nasaes* m, n

§ 16. As modificações que as duas consoantes *m* e *n* exercêrão nas vogaes tanto tonicas, como atonas reduzírão-se simplesmente a communicar-lhes um som nasal sempre que estávão seguidas d'outra consoante ou cahia á vogal final a que vínhão encostadas; exemplos: simplice, *simples*, vendere, *vender*, angelo, *anjo*, manu, *mão*, rotundo, *redondo*, unctione, *unção*, fine, *fim*, sine, *sem*, sono, *som*, tenet, *tem*, bono, *bom*.

b) *Influencia do* y (= i semi-vogal)

§ 17. Represento por *y* o som resultante da semi-vogal *i*, que no latim classico tinha o mesmo valor que tem entre nós nas palavras *maio, maior, raia*. Este elemento, que representa grande papel na transformação das palavras latinas noutras portuguesas, e cuja influencia se extende assim ás vogaes como ás consoantes, póde ter uma origem latina ou romanica. Nos dois casos designá-lo-hei, por abreviatura, simplesmente por um *y*.

I—SEMI-VOGAL LATINA

§ 18. Chama-se assim todo o *i* ou *e* atono que se acha collocado antes das vogaes *a* e *o*, formando com ellas hiato, como em medio, palea, văleo, sapiam.

Observação. — O *i* e o *e* têm aqui o mesmo valor, pois que o latim vulgar transformou neste caso todo o *e* atono, dizendo, por exemplo, *vinia, valio, lancia*, em vez de *vinea, valeo, lancea*.

§ 19. A influencia que o *y* latino exerce na vogal tonica varía conforme as consoantes que se interpõem entre elle e a vogal, e manifesta-se por tres modos: *a)* já reunindo-se á vogal tonica, ou por simples juncção, ou por transposição, ou pela quéda da consoante intermediaria; *b)* já fundindo-se com a consoante precedente, alterando-lhe o som; *c)* já consonantizando-se, com desapparecimento da consoante que o antecede.

§ 20. Dá-se o primeiro modo: 1.° quando a vogal *o* precede immediatamente, como em maio, *maio*, maiore, *maior;* 2.° quando entre elle e a vogal existe um *d* que cáe, como em badio, *baio;* 3.° quando entre elle e a vogal ha *p, r, s* ou *ss* e *b, f,* como em corio, *coiro*, materia, *madeira*, basio, *beijo*, caseo, *queijo*, *bassiare, *a-baixar*, sapiam, *saiba*, capio, *caibo*, rubeo, *ruivo*, copea, *coifa*.

§ 21. Dá-se o segundo modo quando a consoante precedente é *t, c, l, n,* das quaes ao *t* e *c* communica um som sibilante, ao *l*

e *n* molha-os, — como em *pretio, *preço,* bracio (= brachio), *braço,* placeat, *praza,* alieno, *alheio,* linea, *linha,* vinea, *vinha.*

§ 22. Dá-se finalmente o terceiro modo; isto é: o *y* reduz-se a *j,* quando a consoante que o antecede é *b* ou *v* e *d,* como em habeam, *haja,* *sabio, *sage* (ant.) — *sabio,* fovea, *fojo,* *leviario, *ligeiro,* invidia, *inveja,* *dissidio, *desejo,* hodie, *hoje.*

II — SEMI-VOGAL ROMANICA

§ 23. Chama-se assim o *i* proveniente das consoantes *c* — *g* — *x* (equivalente a *cs)* que em certos casos têm a propriedade de se dissolverem naquella vogal, como se vê em nocte, *noite,* intégro, *inteiro,* fructu, *fruito* (ant.), *fruto,* laxare, *leixar* (ant.), *deixar,* saxo (= sacso), *seixo.*

§ 24. Sempre que o *y* romanico (i. é: a semi-vogal) se acha precedido de *s,* combina-se por transposição com a vogal tonica, para formar ditongo, como em pisce, *peixe,* fasce, *feixe.*

§ 25. Quando a palatal que se resolve em *j* tem diante de si um *l,* a sua influencia manifesta-se, molhando esta consoante, como em pedŭc(u)lo, *peôlho,* genŭc(u)lo, *geôlho* (ant.), *joelho,* aurĭc(u)la, *ôrêlha.*

§ 26. O *y,* quer latino, quer romanico, influe tambem na vogal protonica da syllaba inicial, alterando-a ou fundindo-se com ella, como em *phaseano, *feijão,* laxare, *deixar,* legenda, *lenda* [1].

CAPITULO III

Vogaes tonicas. — Leis que regem a sua passagem para o português

I TONICO

(isto é: ī no latim classico)

§ 27. Lei. — O *i* tonico, seja qual fôr a sua posição em latim, passa inalterado para português; exemplos: fīlo, *fio,* rivo, *rio,* lībra, *libra,* trīste, *triste,* quinque (cinque no latim vulgar), *cinco,* mille, *mil,* spina, *espinha,* confīdo, *confio,* spīca, *espiga,* vīnea, *vinha.*

Observação. — Naquellas palavras como pica *(pega)* em que o *i* longo do latim classico passou para *e,* devemos admittir, como vimos no § 14, alteração na sua quantidade prosodica pelo latim vulgar. Este mesmo principio applica-se tambem ás outras vogaes.

I TONICO SEGUIDO DE y

§ 28. Lei. — *I* tonico seguido de *y,* quer latino, quer romanico, passa inalterado para português; exemplos: a) *y* latino: suspīrio,

[1] [J. Cornu, *ob. cit.,* § 110 sgg., trata tambem d'esta semi-vogal, e além d'isso da semi-vogal *u.* — J. L. de V.].

suspiro, fastīdio, *fastio*, perfīdia, *perfia* (ant.), *perfidia*, mīlio, *milho;* b) *y* romanico: digno, *dino* (ant.), *digno*, dictō, *dito*.

Observação. — O *y* quando se não combina com a consoante vizinha ou esta cáe, é absorvido pelo *i*, como em dicto, que depois de ter dado a fórma *diito*, se reduziu a *dito*, e assim fastidio, *fastio*, frigido, *frio*.

Ê TONICO

(isto é: ĭ e ē no latim classico)

§ 29. Para estudarmos as modificações que soffreu na sua passagem para português o *ê* tonico, temos de attender á sua posição antes d'uma consoante ou antes de duas, visto como d'essa circumstancia depende a diversa maneira como foi tratado. E assim:

§ 30. Lei. — *Ê* tonico antes d'uma consoante passa inalterado para português; exemplos: vĭde, *vê*, sĭnu, *sèio* (*sêo* no dialecto algarvio), pĭlo, *pêlo*, sĭte, *sêde*, plēno, *cheio* (*chêo* no dial. alg.), fēdo (=*faedo*), *feio*, mercēde, *mercê*, catēna, *cadeia*, tēla, *teia*, sĭt(u)-la, *cêlha* ou melhor *sêlha*.

Observação i. — E' no dialecto algarvio onde melhor sôa o *ê* tonico; nos outros, como no lisbonense, confundiu-se muitas vezes com o ditongo *ei* (*âi*).

Observação ii. — Em rēn, *rim*, pergamēno, *pergaminho* e noutras palavras de casos identicos, trocou o latim vulgar o ē por ī, dizendo, por exemplo, pergamino em logar de pergameno. Nos suffixos mecum (*migo*), tecum (*tigo*), secum (*sigo*), a troca foi motivada pela influencia de *mi*, *ti*, *si*.

Observação iii. — Em mĭnata, *manada*, deu-se a analogia da palavra *mão* [1]? Foeniculo trocou-se em latim vulgar por func(u)lo, d'onde *funcho*.

Observação iv. — *Ê* tonico seguido de *n* mudou algumas vezes para *a*, por intermedio de *e*, como em ĭnter, *antre* (ant.), *entre*, constringo, *constrengo* (ant.), *constranjo*, rĭngo, *ranjo* (ant.), *renjo*, ĭntrum, *anton* (ant.), *então* [2].

§ 31. Lei. — *Ê* tonico seguido de duas ou mais consoantes passa em português para *é*; ex.: sĭcco, *seco*, pĕtra, *pedra*, cĭppo, *cepo*, fĭbra, *febra*, capĭstro, *cabresto* (por metathese), vĭr(i)de, *verde*, nigro, *negro*, nepto, *neto*, cĭsta, *cesta*.

Observação i. — Como o latim vulgar confundiu o *i* com o *e*, e abreviou a vogal antes de duas ou mais consoantes, não se dá aqui excepção á regra geral. (Vide § 35).

1 [Cfr. já Adolpho Coelho, *Quest. da ling. port.*, i, 92. — Julgo mais provavel que *manada* viesse de *manuata, do radical de *manus;* cfr. *manua*, que significa «punhado». O *n* manter-se-hia em *manada*, protegido pela semi-vogal seguinte, como em *janella, Janeiro, Manuel* (vulg. *Manél*), etc. — J. L. de V.].

2 [Rigorosamente aqui o *ê* é atono, pois *inter* é proclitico; e nos verbos influiu o infinitivo, onde o *i* deixa de ser accentuado: *constringére, *ringére, etc.; em *in-tum* ou *in-tunc*, o accento está no *u*. — J. L. de V.].

OBSERVAÇÃO II. — O *y* grego, que tinha um som intermedio entre o *i* e o *ú*, e era pronunciado como o actual *u* francês, numas palavras como *abyssimo *(abismo)*, *cycino *(cisne)*, myrrha *(myrrha)*, ficou em latim vulgar com o som de *i*; noutras, como byrsa *(bolsa)*, myrto *(murta)*, grypta *(gruta)*, mudou para *u* breve ou longo, seguindo depois a sorte d'esta vogal.

OBSERVAÇÃO III. — Ille (em português *élle)* tinha-se convertido em ĭlle, *êle*, como tambem se escrevia no português archaico.

Ê TONICO SEGUIDO DE y

§ 32. *Ê* tonico seguido de *y* combina-se com elle, formando assim o ditongo *ei* (que tambem se escreve *ê*, som que tem sempre no dialecto algarvio); ex.: a) *y* latino: cervisĭa, *cervêja*, corrĭgia, *correia*, ĕcclēsia, *ègrêja*, fēria, *feira;* b) *y* romanico: lēge, *lei*, rēge, *rei*, pisce, *peixe*, stricto, *estreito*.

OBSERVAÇÃO. — Nalguns casos consonantizou-se o *y*, ficando intacto o *ê* tonico, como em vĭdea, *vêja*, *dissĭdio, *desejo*, insĭdia, *enseja* (ant.), *insidia*. Tambem *parêde* e *quêdo* provêm de parēte e quēto e não de parĭete e quĭeto, pois que o latim vulgar fundiu numa só duas vogaes eguaes, communicando, como o latim classico, a quantidade de longa á vogal proveniente d'essa fusão. Pela mesma razão pĕior se reduziu a *pēor*, passando para *e* mudo, pela sua qualidade de protonica inicial. (Vide § 54).

§ 33. LEI. — *Ê* tonico seguido de *y* e *l* passa intacto para português, actuando o *y* apenas na consoante, que elle molha; ex.: a) *y* latino: consĭlio, *conselho;* b) romanico: tēg(u)la, *têlha*, aurĭc(u)la, *ôrêlha*.

OBSERVAÇÃO. — O *i* longo de cunic(u)lo tornou-se breve, como succedeu quasi sempre á vogal posta antes de duas consoantes romanicas [1] no latim vulgar, ao contrario do de lentĭc(u)la, dando aquella palavra *coêlho* e esta lentilha. *Grelha* vem não de cratic(u)la, mas de cratĕc(u)la. *Exilio* e *familia*, de exilio e familia, são de introducção erudita.

§ 34. LEI. — *Ê* tonico seguido de *t* e *y* passa para *é*, emquanto o *y* assibila a consoante; ex.: tristĭtia, *tristeza*, *avarĭtia, *avareza*, *mollĭtia, *molleza*, *durĭtia, *dureza*, justĭtia, *justeza*.

OBSERVAÇÃO. — *Justiça* (justītia), *serviço* (servĭtio), véem das fórmas vulgares justītia e servītio. *Vicio*, de vĭtio, é erudito.

É TONICO

(isto é: ĕ no latim classico)

§ 35. LEI. — *É* tonico conserva-se inalterado em português, seja qual fôr a sua posição no latim; ex.: fĕl, *fél*, pĕde, *pé*, pĕtra,

[1] Chama-se assim o grupo de consoantes formado pela quéda de vogal intermédia.

pedra, brĕve, *breve,* fĕbre, *febre,* lĕp(o)re, *lébre,* sĕptem, *sete,* dĕcem, *dez,* bĕlla, *bella,* fĕrro, *ferro,* idĕa, *idéa.*

Observação i. — A não ditongação do ĕ e ŏ tonicos é uma das feições que mais distinguem o português das outras linguas romanicas.

Observação ii. — A particula *pĕr* dá em português *por,* porquanto, sendo palavra proclitica; isto é: que se encosta á que vem depois d'ella, fazendo ambas uma só, foi tratada como protonica inicial. (Vide § 55).

Observação iii. — Quanto aos verbos, deu-se em português, como noutras linguas romanicas, notavel confusão, adoptando-se para typo umas vezes a 3.ª conjugação latina, outras a 4.ª Foi isto devido, como diz o Snr. Coelho [1], além da perda da distincção da quantidade das vogaes atonas, á tendencia que a nossa lingua tinha para accentuar constantemente a syllaba penultima das fórmas verbaes latinas, dizendo, por exemplo, *confiro* em vez de *confĕro.* Que esta escolha foi arbitraria, parece deduzir-se do facto de terem hoje a caracteristica em *e* muitos verbos que a tinhão no português archaico em *i,* como, por exemplo, metir (ant.), hoje *metter,* morrir, hoje *morrer,* rompire, *romper,* vendiste, *vendeste,* perdire, *perder,* tolhir, *tolher,* etc. Demais esta troca dava-se já na lingua mãe, onde encontramos, por exemplo, *pariri* e *parĕre, lenire* e *linĕre.*

É TONICO SEGUIDO DE y

§ 36. Lei. — *É* tonico seguido de *y* une-se a elle e fórma assim o ditongo *ei;* ex.: a) *y* latino: mĕdio, *meio,* matĕria, *madeira,* mĕdietate, *meidade* (ant.), *metade (mĕtade* no dialecto algarvio); b) *y* romanico: pĕcto, *peito,* sĕx, *seis,* lĕcto, *leito,* integro, *inteiro.*

Observação. — Em dĕcem, como em ministĕrio, que dérão *dez* e *mister,* não influiu o *y* pela quéda do *m* e *io.*

§ 37. Lei. — *É* tonico seguido de *y* e *l* ou *n* passa para *ê,* actuando além d'isso o *y* nas consoantes, molhando-as; ex.: vĕclo [2], *vêlho,* reg(u)la, *rêlha,* vĕniat, *vênha,* tĕneat, *tênha.*

§ 38. Lei. — *É* tonico seguido de *y* e *t* passa intacto para português, influindo o *y* apenas sobre esta consoante, que assibila; ex.: prĕtio, *preço,* *petio, *peço.*

A TONICO

(isto é: ā, ă no latim classico)

§ 39. Lei. — *A* tonico, seja qual fôr a sua posição no latim, passa inalterado para português; ex.: făba, *fava,* bon(i)tāte, *bondade,* ārbore, *arvore,* ăquila, *aguia,* mactare, *matar,* fame, *fame* (ant.), hoje *fome,* căpulo, *cabo.*

[1] *Theoria da conjugação em latim e português.*

[2] Fórma popular de *vet(u)lo.*

Observação. — Nalguns casos, mas raros, *a* tonico converteu-se excepcionalmente em *e*, como em *abentesma* (popular), de *phantasma*.

A TONICO SEGUIDO DE y

§ 40. Lei. — *A* tonico em contacto immediato com *y*, quer originariamente, quer por quéda de consoante intermédia, combina-se com elle, formando o ditongo *ai;* ex.: a) *y* latino: maio, *maio,* maïore, *maior,* raia, *raia* ou *arraia* (por prothese), badio, *baio,* radio, *raio,* date, *dai,* caveola, *gaiola;* b) *y* romanico: plaga, *praia,* fago, *faia,* sago, *saio,* exagio, *ensaio.*

Observação i. — A's vezes em logar de *ai*, fórma-se o ditongo *ei*, principalmente com *y* romanico; ex.: axe, *eixo,* late, *leite,* laxare, *leixar,* factore, *feitor,* saxo, *seixo,* lactuca, *leituga.*

Observação ii. — Em habeam, *haja,* *sapio, *sage* (ant.), *sabio,* consonantizou-se o *y*. (Vid. § 22).

§ 41. Lei. — *A* tonico em contacto não immediato com o *y* pela persistencia da consoante intermediaria, une-se a *y*, formando assim o ditongo *ei* (que tambem se escreve *é*) e transpõe para além d'esta a consoante, excepto se é *l* ou *n*, porque então a sua acção reduz-se a communicar a estas duas consoantes um som molhado; ex.: *a)* basio, *beijo,* *cerasea, *cereja,* ârea, *eira,* riparia, *ribeira,* calvaria, *caiveira* [1], *caveira,* *fasiano, *feijão,* e todos os nomes acabados em -arius; *b)* muralia, *muralha,* batalia, *batalha,* castanea, *castanha,* faciat, *faça.*

Observação i. — Nalguns casos deu-se apenas a deslocação da consoante, como em apio, *aipo,* *sapio, *sabio* [2], sapiam, *saiba,* compassione, *compaixão.*

Observação ii. — *Vario, adversario, primario* (ao lado de *primeiro)* são de formação erudita. O povo ainda diz *vairo, adversairo,* etc.

O TONICO

(isto é: ō e ŭ no latim classico)

§ 42. Lei. — *O* tonico passa inalterado para português, seja qual fôr a sua posição; ex.: flōr, *flôr,* amōre, *amôr,* sapōre, *sabôr,* otiōso, *ociôso,* spō(n)so, *espôso,* lŭto, *lôdo,* cŭbito, *côto* e *côvedo* (pop.), pŭteo, *pôço,* lōto, *lôdo,* lŭpo, *lôbo,* scōpa, *escôva,* cōrte (= cohorte), *côrte,* bŭcca, *bôca,* ŭtro, *ôdre,* pŭtre, *pôdre,* dŭ(l)ce, *dôce,* rŭpto, *rôto,* tŭrre, *tôrre,* lŭcro, *lôgro,* etc.

Observação i. — Do *ô* tonico provém em muitos casos o nosso ditongo *ou* (que no dialecto algarvio sôa *ô)*, como em grŭs, *grou,* stō, *estou,* sŭm, *sou* [3].

[1] Fórma popular do Sul, em que o *l* se vocalizou.

[2] *Saibo* diz o povo.

[3] [O ditongo de *sou, estou, dou* deve explicar-se por analogia com o de *vou*

Observação ii. — Em várias palavras em que o *o* e *u*, posto que breves no latim classico, passárão para português, aquelle com som fechado, e este sob a fórma *u*, devemos admittir, como em jŏco, *jôgo*, mŏveo, *môvo*, nŏvo, *nôvo*, a troca de quantidade no latim vulgar, como tambem em cŭpreo *(cubro)*, plŭvia *(chuva)* e cŭneo *(cunho)*.

Observação iii. — Encontra-se algumas vezes o *ô* tonico representado excepcionalmente em português por *u*, como em *alimōnia, almunha* (ant.), *testimōnio, testemoyo* (ant. *testemunho*), *cōmpleo, cumpro*, tōto, *tudo* (ao lado de *tôdo*), *dormio, durmo*, *ascōnso, *escuso*.

Observação iv. — *Tuus, suus*, dérão em português *teu* e *seu*, por analogia com *meu* (de meus).

Ô TONICO SEGUIDO DE y

§ 43. Lei. — *Ô* tonico seguido de *y* une-se a elle, formando o ditongo *oi* (que tambem se escreve *ou*); ex.: a) *y* latino: *agŭrio [1], *agoiro*, mŭria, *moira* (em *salmoira*), cōfea, *coifa*, dormitōrio, *dormitoiro*, fŭit, *foi*, marrŭbio, *marroio*, solitate, *soidade*, gloria, *gloira*; b) *y* romanico: ōcto, *oito*, nōcte, *noite*, ōctobre, *oitubro*, flŭxo, *froixo*.

Observação i. — Nas palavras terminadas em *-orio* ou *-oria*, como dormitorio, gloria, historia, que o português antigo dizia, como ainda hoje o povo, *dormitoiro, gloira, histoira*, restituiu o português moderno a fórma primitiva.

Observação ii. — *Dŭodecim* reduziu-se no latim vulgar a *dodece* — *dôze*, segundo o principio pelo qual as vogaes se fundem numa só para evitar o hiato, como tambem cupreo, pluvia, noceo (ant. *nuzo*).

§ 44. Lei. — *Ô* tonico seguido de *l* ou *n* e de *y* passa intacto para português, actuando o *y* apenas nas consoantes, molhando-as; ex.: a) *y* latino: cicŏnia, *cegônha*, *vērecŭ(m)nia, *vergônha*, calŭ(m)nia, *cônha* (ant.), *calumnia*; b) *y* romanico: genŭc(u)lo, *geôlho, joelho*, pedŭc(u)lo, *piôlho*.

Ó TONICO

(isto é: ŏ em latim classico)

§ 45. Lei. — *Ó* tonico conserva-se inalterado no português, seja qual fôr a sua posição em latim; ex.: rŏta, *róda*, mŏla, *mó*, rŏsa, *rósa*, rŏgo, *rógo*, nŏvem, *nóve*, *pŏtet, *póde*, cŏllo, *cóllo*, pŏssum,

= vado, *vao. A analogia é evidente noutras fórmas, mas em sentido inverso, pois foi o verbo *ser* que influiu; assim no Algarve (Sotavento) diz-se: *vom, estom, dom* (1.ª pess.), por analogia com *som* = sum. A palavra *grou* creio que deve explicar-se por *grŭus, *grŭo (cfr. *dous* = dŭos), fórma masculina de grŭa; esta ultima explica o fr. *grue*. — J. L. de V.].

[1] Fórma popular de augurio.

pósso, sŏrte, *sórte,* fŏrte, *fórte,* cŏff(i)no, *cófre,* pŏrta, *pórta,* lŏco, *lógo.*

Observação i. — A qualidade de proclitica converteu o *o* da conjuncção quŏd em *e, que* (vide § 58, obs. 2.ª). A palavra *frente,* de fronte, é de origem hespanhola.

Observação ii. — Em fŏco e jŏco, que dérão em português *fôgo* e *jôgo* (para differençar de *jógo,* verbo), deu-se no latim vulgar troca de quantidade, assim como para evitar a homonymia com *côbro* (* cŭp(e)ro, de recŭpĕro) e *afôro* (de *fŏro),* o *ŏ* se mudou para *u* em cŭoperio, *cubro,* fôro, *furo.*

Ó TONICO SEGUIDO DE y

§ 46. Lei. — *Ó* tonico seguido de *y* une-se a este como *ô* tonico e fórma o ditongo *oi;* ex.: pŏdio, *apóio,* mŏdio, *moio,* cŏrio, *coiro.*

Observação i. — Nos casos em que o *y* se consonantizou, mudou o *ó* tonico para *ô;* isto é: de breve passou para longo, como em fŏvea, *fôjo,* hŏdie, *hoje.*

Observação ii. — *Ôdio* e *ŏleo* (que o povo diz *oilo* e *oido)* são de introducção erudita. Stŏria deu *esteira,* para evitar a homonymia com histŏria[1].

§ 47. Lei. — *Ó* tonico seguido de *l, m,* ou *n* e *y,* passa para *ô,* actuando o *y* nas consoantes, molhando-as; ex.: a) *y* latino: fŏlia, *fôlha,* so(m)nio, *sônho,* sŏlea, *sôlha;* b) *y* romanico: ŏc(u)lo, *ôlho.*

U TONICO

(isto é: *ŭ* no latim classico)

§ 48. Lei. — *U* tonico passa inalterado para português, seja qual fôr a sua posição; ex.: rūga, *ruga,* acūto, *agudo,* lūna, *lũa, lua,* jūlio, *julho,* jūsto, *justo,* verrūca, *verruga,* salūte, *saude,* frūmento, *frumento,* pūl(i)ca, *pulga,* nūbe, *nuve* (pop.), *nuvem.*

Observação i. — Para evitar a homonymia com *cuba,* de *cūpa,* mudou o *u* para *o* em copa da mesma palavra.

Observação ii. — Em *corūsco (corisco)* o *u* mudou excepcionalmente para *i*[2], assim como para *on* (influencia da nasal) em mūco, *monco.*

U TONICO SEGUIDO DE y

§ 49. Lei. — *U* tonico seguido de *y* junta-se a elle, formando d'este modo o ditongo *ui;* ex.: a) *y* latino: rūbeo, *ruivo:* b) *y* romanico: *insūcto, *enxuito* (ant.), *enxuto, fruito* (ant.), *fructo.*

[1] [*Esteira* parece suppôr antes *staria, de *stataria* (dissimilação); ou pelo menos houve troca de suffixos *-orea* por *-aria.* — J. L. de V.].

[2] [Por troca da terminação *-uscar* por *-iscar;* ésta ultima vê-se em *chuviscar;* cfr. *sardanisca,* etc. — J. L. de V.].

DITONGOS LATINOS

§ 50. Lei. — Os ditongos *ae* e *oe* pássão para português sob a fórma de *e* longo ou breve, seguindo depois a sorte d'estes; ex.: caeco (= *cĕco)*, *cégo*, graeco (= *grĕco)*, *grego*, coelo (= *cĕlo)*, *céo*, praeda (= *prēda)*, *prêa*, coena (= *cēna)*, *ceia*, quaerere (= *quērĕre)*, *querêr*.

Observação. — Ésta troca provém do latim vulgar. A palavra *Galliza* (de Gallaecia), em que o ditongo *ae* passou para *i*, é de origem hespanhola, onde tal processo é regular *(judio*, de *judaeo*, *siglo*, *saeculo* [1]*)*.

AU

§ 51. Lei. — O ditongo *au* é representado em português pela fórma *oi* ou *ou* (que tambem se escreve *ô*, como sôa no dialecto algarvio); ex.: auro, *oiro*, lauro, *loiro*, thesauro, *tesoiro*, aut, *ou*, caule, *couve*, pauco, *pouco*.

Observação i. — Nalgumas palavras o ditongo *au* converteu-se em *o*, talvez mesmo ainda no latim vulgar, como em cauda, *coda* [2], fauce, *foz*, paup(e)re, *pobre*; aquelles que consérvão o *au* original, como *causa* (ao lado de *coisa)*, *fraude*, *cauda* (ao lado de *coda)*, *Paulo*, *laurel*, se não são de introducção litteraria, soffrêrão certamente influencia erudita.

Observação ii. — O ditongo português *ou* nalguns casos provém tambem de simples attracção, como em *poude* (potuit), *soube* (sapuit), *houve* (habuit); noutros provém do *ô* tonico [3].

CAPITULO IV

Vogaes protonicas iniciaes. — Leis que regêrão a sua passagem para português

§ 52. Acabamos de estudar as vogaes tonicas na sua passagem para a lingua portuguesa; resta-nos agora examinar a sorte das atonas que entrão na syllaba inicial, ou melhor das *vogaes protonicas*. São estas as unicas que com as tonicas e finaes se consérvão geralmente no português, salvas as excepções mencionadas nos §§ 8 e 9. Antes, porém, de entrarmos neste exame, devemos notar algumas differenças que se dão entre ellas e as tonicas no modo como passárão para a nossa lingua. São estas as principaes:

1.ª Tem a mòr-parte tendencia para enfraquecer em *e* mudo.

2.ª São nasaladas pelo *m* ou *n* nos mesmos casos que as tonicas.

[1] [Se houve influencia hespanhola, parece ter sido só em metade da palavra, pois do contrario *ll* darião em hesp. *lh*, como se vê na palavra *gallego* (que se pronuncía *galhego)*. Um exemplo similhante de influencia parcial está em *castelhano* (que vem do hespanhol), a par de *Castella* (que se fórma regularmente do latim). — J. L. de V.].

[2] *Cŏda* no latim vulgar.

[3] [Sobre o assumpto dos §§ 27-50, vêr Cornu, *obr. cit.*, §§ 3-40.—J. L. de V.]

Seguiremos na exposição dos factos a mesma ordem que observamos, ao tratar das vogaes tonicas; estudaremos, porém, simultaneamente o *Ê* e o *É*, o *Ô* e o *Ó*, por serem analogas as suas modificações.

I PROTONICO INICIAL

(isto é: ī no latim classico)

§ 53. Lei. — *I* protonico inicial conserva-se inalterado em português; ex.: fīlare, *fiar*, * rīparia, *ribeira*, civitate, *cidade*, rīdēre (*redēre* no latim vulgar), *rir*, * fibella, *fivella*.

Observação. — Em mirabilia, *maravilha*, deu-se troca de quantidade passando o *i* de longo a breve e seguindo depois a regra geral (§ 54).

Ê e É PROTONICOS INICIAES

(isto é: ĭ, ē, ĕ no latim classico)

§ 54. Lei. — *Ê* e *É* protonicos iniciaes enfraquecem em *e* mudo na sua passagem para português; ex.: pīlare, *pela*, mīnacia, *ameaça*, mīnuto, *meudo*, pīgritia, *perguiça* [1], pē(n)sare, *pesar*, pĕtere, *pedir*, relatione, *relação*, pĕrdere, *perder*, *pĕrgamino, *pergaminho*.

Observação. — Pela grande similhança existente entre o *e* e o *i*, algumas vezes os *ê* e *é* protonicos iniciaes passárão para *i*, como em lĕctione, *lição* (que o povo ainda diz leção), *pior*, etc. [2].

§ 55. *Ê* e *É* protonicos iniciaes, principalmente quando juntos ás consoantes *l*, *r*, *t*, *m* ou *n*, *c* e *g*, mudárão umas vezes para *a*; ex.: bĭlancia, *balança*, mĕlimelo, *marmelo*, ĭllic, *alli*, ēramen (= *aeramen*), *arame*, bĭrreto, *barrete*, lĭtania, *ladainha* [3], hĭrundinea, *andorinha* [4], vērrĕre (= *verrēre*), *varrer*, * ĭntum, *antão* (ant. e pop.), *então*, lĭcere, *lazer*, ecc'hic, *aqui*, * extordire (= *ecstordir*), *aturdir*, rēgina, *rainha*; outras para *o*; ex.: berragine, *borragem*, ericio, *ouriço*, delphino, *golphinho*, perinde, *porém* [5].

[1] Por metathse.

[2] [*Lição* está em vez de * leição, cfr. eleição; em *pior*, o *e* atono mudou-se em *i*, por estar antes de vogal. — A fórma popular *leção* é de desenvolvimento posterior, como *lecença*. — J. L. de V.].

[3] [Litanía deu em português antigo *ledania* (fórma semi-erudita; cfr. hesp. *letania*, ital. *litania*, cfr. *litanie*). A fórma *ladainha* é de origem popular: litania, * *ledãia*, * *ladãia*, *ladainha*. A nazalidade do *a* communicou-se á vogal seguinte (tonica), como em *vinha* (de * venía), *painço* (de paniclu-), etc. — J. L. de V.].

[4] Nesta palavra predominou a falsa etymologia de *andar*. [Assim se tem explicado *andorinha*, mas talvez não seja necessario recorrer á etymologia popular para a explicação, admittindo-se uma metathese: * hindurinea (ou de * hirundina), *indurinha* (que supponho existir algures). — J. L. de V.].

[5] [As palavras em que o *e* primitivo hoje se apresenta mudado em *o* estão sujeitas a diversas leis. Assim, em *borragens* houve influencia da labial inicial. A fórma anterior de *ouriço* creio ter sido *eiriço* (cfr. *Eyriceira*, fórma arc. de *Ericeira*), d'onde * euriço, *ouriço* (cfr. pop. *Oufemia* = Eufemia, pop. *Ousebio* = Eusebio, etc.). Em *golphinho* deu-se um caso de etymologia popular. Em *porém* temos a preposição *por*. — J. L. de V.].

A PROTONICO INICIAL

(isto é: ă, ā no latim classico)

§ 56. Lei. — *A* protonico inicial permanece intacto em português; ex.: mărito, *marido*, vălere, *valer*, săpĕre, *saber*, cănuto, *canudo*, căballo, *cavallo*, pārtire, *partir*, cāstello, *castello*, cārbone, *carvão*.

Observação. — No onomastico Ignes (= *Inês*), de *Agnes*, deu-se por excepção a troca de *a* em *i* [1].

§ 57. *Á* protonico inicial tende a converter-se em *e* mudo, quando se acha antes de *n* ou *m*, *r* ou *s*; ex.: āsparago, *espargo*, *āscultare, *escuitar* (ant.), *escutar*, *ascondēre, *esconder* [2], *asco(n)-so, *escuso*, bālista, *besta*, cārina, *querena*, ānguila, *enguia*, pānaria, *peneira*, āmpulla, *empolla* [3].

O e Ó PROTONICOS INICIAES

(isto é: ō, ŏ e ŭ no latim classico)

§ 58. Lei. — *O* e *Ó* protonicos iniciaes pássão inalterados para português; ex.: mŏrtale, *mortal*, dōrmire, *dormir*, jŏcare, *jogar*, spo(n)sare, *esposar* ou *desposar (a* prosthetico), dŏlore, *dôr*, cōrticia, *cortiça*, ŭrtica, *ortiga*, sŭccurrēre, *soccorrer*.

Observação i. — Pela sua tendencia a trocar em *u*, o *ô* e *ó* protonicos iniciaes passárão nalguns casos para *u*, especialmente quando em contacto com as palataes, como em cogitare, *cuidar*, co(n)-spuere, *cuspir*, percontare, *perguntar*, complere, *cumprir*.

Observação ii. — Nalgumas palavras, ô e *ó* protonicos iniciaes abrandárão em *e* mudo, em orologio, *relogio*, rotundo, *redondo*, *oscuro, *escuro*, to(n)soria [4], *tesoira;* e por excepção em *a* em novac(u)la, *navalha* [5].

[1] [Decerto através de *Ainês, pela dissolução do *g*, como em *reino;* depois *ai-* deu *ei-*, e por fim *i-;* cfr. *igreja*, da fórma arch. *eigreja*. — J. L. de V.].

[2] *Asconder* em português arch.

[3] [Nestes exemplos é preciso tambem distinguir os casos. *Bésta* vem do arch. *beesta*, por * *baesta*, tendo havido assimilação do *a* ao visinho *e*, como em *quente*, de *caente*, *aqueecer*, de *acaecer*, *quenda*, de *caenda* (calenda), etc. *Querena* não é fórma de origem popular portuguesa. Em vez de *enguia*, tambem se diz *anguia;* o *e* nasal inicial alterna facilmente em *a;* cfr. *antão*, *amparo* (a par de *emparo)*, *andorinha*, etc. — J. L. de V.].

[4] [Estes factos são devidos a dessimilação: *o(u) — o(u) = e — o(u)*. Outros exemplos se podem citar: arch. *fermoso*, *temeroso* (por * *temoroso*, de *temor*, e não de *temer)*, arch. *valeroso* (de *valor*, e não de *valer)*, *redol* e *redor* (de rotatorem, e não de * *rotatorium*, como quer Storm), pop. *feturo*, pop. *sepôr* (= suppor), pop. *istepôr* (= estupor), pop. *serumbatico*, pop. *cherume*, etc. Os exemplos são abundantissimos. — J. L. de V.].

[5] [A fórma *navalha* não é muito facil de explicar; talvez o *o* se mudasse em *a*, por assimilação ao *a* seguinte, como em *cangar*, de conjugare; todavia em hespanhol tambem ha *navaja*, com *a*. — J. L. de V.].

U PROTONICO INICIAL

(isto é: ū no latim classico)

§ 59. Lei. — *U* protonico inicial conserva-se sem alteração em português; ex.: mūralia, *muralha*, dūrare, *durar*, pūlsare, *puxar*.

DITONGO au PROTONICO INICIAL

§ 60. Lei. — O ditongo *au* protonico inicial torna-se *oi* ou *ou* em português (como *au* tonico); ex.: ausare, *ousar*, audire, *ouvir*, auric(u)la, *orelha* [1], *laurario, *loureiro* [2], laudare, *louvar*.

Observação. — As palavras auscultare, augusto, augurio, que já no latim vulgar se tinhão convertido em ascŭltare, agŭsto, agŭrio, dão em português *escutar*, *agosto* e *agoiro*.

SEGUNDA PARTE

Consoantes

CAPITULO I

Consoantes latinas. — Leis geraes que regulárão a sua passagem para a lingua portuguesa

§ 61. Tratámos até aqui das vogaes ou vozes das palavras, e vimos quaes as leis que presidírão á sua passagem do latim para o português; resta-nos agora applicar o mesmo processo ás consoantes ou articulações. E' o que passâmos a fazer. Como procedemos ao estudar as vogaes, veremos quaes as modificações que aquellas soffrêrão e os casos em que persistírão, se alterárão ou desapparecêrão.

§ 62. Tinha o latim dezanove consoantes, as quaes, collocadas por ordem alphabetica são: *B, C, D, F, G, H, J, K, L, M, N, P, Q, R, S, T, V, X, Z.* Se d'este numero eliminarmos provisoriamente:

1.º o *H* que, embora escripto, se não faz ouvir no português;

2.º o *I* que é uma semi-vogal;

3.º o *K* que é um signal graphico tirado do grego, equivalente a *C;*

4.º o *Q* que em certos casos é egual a *C;*

5.º o *X* que é uma consoante dupla equivalente a *CS;*

6.º o *Z* que é o signal d'um som composto, de origem grega:

ficar-nos-hão apenas treze, a saber: *B, C, D, F, G, L, M, N, P, R, S, T, V.*

[1] [No lat. vulgar já ha oric(u)la. — J. L. de V.].

[2] [Uma fórma dialectal de *loureiro* ou *loireiro* é *lòreiro* (na Beira-Alta, por ex.), que deve vir de *lorarius; cfr. *Lordello*, que suppõe *loretellum, deminutivo do lat. vulg. loretum. — J. L. de V.].

§ 63. A classificação d'estas treze consoantes latinas póde fazer-se debaixo de dois aspectos:

a) Ou em attenção aos orgãos essenciaes que com a lingua concorrem para a sua producção; e neste caso dividem-se em tres familias:

1.° *Gutturaes*, que são *C, G;*

2.° *Dentaes*, que são *T, D, S, R, L, N;*

3.° *Labiaes*, que são *P, B, F, V, M.*

b) Ou em relação ao esforço e tempo, mais ou menos longo, gasto em pronunciá-las, ou aos orgãos que especialmente contribuem para a sua emissão. Neste caso dividem-se as consoantes em quatro classes:

1.° *Explosivas* ou *momentaneas* [1], que se pronuncião d'um modo rapido e instantaneo, as quaes se subdividem em brandas, que são *G, D, B,* e fortes respectivamente correspondentes, *C, T, P.*

2.° *Continuas* ou *spirantes* [2], cuja articulação é mais morosa, e se subdividem tambem em *fortes,* que são *S, F,* e *brandas,* que só comprehendem uma consoante e é *V,* correspondente a *F.*

3.° *Liquidas,* que escápão facilmente e com uma especie de vibração, e são *R* e *L* [3];

4.° *Nasaes,* assim chamadas pela modificação que lhes imprime a sua passagem pelo nariz, e são *M, N.*

O quadro que em seguida apresentamos abrange estas duas classificações:

Explosivas		Continuas		Liquidas	Nasaes	
Fortes	Brandas	Fortes	Brandas			
C	G					Gutturaes
T	D	S		R L	N	Dentaes
P	B	F	V		M	Labiaes

Observação.—Além d'estas treze consoantes, possue a lingua portuguesa a mais o *ch,* o *j* e o *z* (que se ouvem nas palavras *chamar, jantar* e *razão),* as quaes, quanto á primeira classificação, pertencem *ch* e *j* á familia das palataes, e *z* (isto é: *s* brando) á das *dentaes,* e quanto á segunda, á classe das *continuas,* sendo *j* e *z* brandas e *ch* forte. Se a estas ajuntarmos as consoantes molhadas *lh* e *nh* (aquella liquida e esta nasal), provenientes da influencia da semi-vogal *i* no

[1] Tambem se chámão *mudas* ou *instantaneas.*

[2] Tambem chamadas *fricativas.*

[3] Propriamente fallando *l* é *liquida* e *r vibratil.*

l e no *n*, teremos as dezoito articulações principaes da lingua portuguesa (na fórma litteraria).

§ 64. As consoantes latinas na sua passagem para o português soffrêrão diversas modificações, as quaes todas se podem reduzir a duas principaes: abrandamento e accommodação.

a) O abrandamento apresenta-se debaixo de tres aspectos: 1.º *abrandamento* propriamente dito, que se dá geralmente entre consoantes da mesma familia pela passagem d'uma explosiva forte para outra branda correspondente (ex.: caeco, *cego*, *aceto, *azedo*, *riparia, *ribeira)*, ou d'uma explosiva para uma contínua e vice-versa (ex.: faba, *fava*, voto, *bodo)*; 2.º *resolução vocalica* da consoante (ex.: lacte, *leite*, falce, *fouce* ou *foice)*; 3.º finalmente *abrandamento completo*; isto é: syncope ou quéda da consoante (ex.: angelo, *anjo*, *credĕre* [=credēre no luso-romanico [1]] *crer)*.

b) A accommodação é uma lei pela qual as consoantes se modificão sob a influencia das consoantes vizinhas: é assim por exemplo que com(i)te se tornou em *conde* na lingua portuguesa; o *m*, que é uma labial, pela quéda da vogal atona, approximou-se do *t*, que é dental, e em vista d'essa approximação converteu-se em *n*, que tambem é dental. De ordinario uma branda attráe outra branda, como uma forte attráe outra forte. A accommodação chega por vezes até á *assimilação*, que é a conversão d'uma consoante noutra egual áquella a que se junta. Assim succedeu á palavra rŭpto, por exemplo, que em português deu *rôto*. Geralmente a assimilação procede d'uma maneira lenta e progressiva, segundo o principio chamado de *transição*. Assim em rŭpto o *p* (explosiva forte) abrandou em *t* (tambem explosiva forte), ficando *rôtto*; simplificando-se depois a geminação, restou *rôto*. De modo que entre a primitiva fórma rŭpto e a actual *rôto* devemos admittir outra intermediaria **rôtto*.

Observação. — A *dissimilação* é um processo inverso do da assimilação, e consiste em evitar na mesma palavra a repetição d'uma consoante, trocando-a por outra da mesma familia, ou mesmo supprimindo-a, como se vê em *lilio* e *prora*, na primeira das quaes o *l* foi substituido por *r* (lirio) [2] e na segunda cahiu (prôa). A dissimilação estende-se por vezes até ás syllabas, mas neste caso desapparece a syllaba toda, por exemplo *caridoso* e *bondoso* em logar de *caridadoso* e *bondadoso* [3].

[1] Chamo assim ao latim vulgar, fallado no antigo Portugal, base do português prehistorico ou anterior ao seu apparecimento pela escripta.

[2] [*Lilium*, se fosse fórma popular, teria dado mais facilmente *lilho* ou *lilhio* do que *lirio*. Como em hesp. tambem temos *lirio*, é provavel que no lat. vulg. da Hispania houvesse *lirium; cfr. lat. *lirion* = gr. *léirion*. — J. L. de V.].

[3] [O que é natural é que primeiro se syncopasse só o *d*, **caridaoso*, etc., e depois *ao* dêsse *o*. Fórmas similhantes são *cuidoso* e *cuidadoso*, que porém têm por origem primeira um substantivo não acabado em *-ade*. E' provavel que no apparecimento da fórma *cuidoso* influisse a lei da dissimilação (por *cuidadoso)*; todavia o substantivo verbal *cuido* (ainda usado em «andar em *cuidos*», etc.) era bastante para provocar esse apparecimento. — J. L. de V.].

§ 65. As consoantes latinas consideradas em si podem encontrar-se na palavra ou *isoladas;* isto é: em contacto só com vogaes (ex.: o *t* em *tusse, vita, venit),* ou *agrupadas;* isto é: em contacto com outras consoantes, quer eguaes, quer differentes (ex.: o *t* em *trabe, gusto, catto);* consideradas em relação ao logar que occupão na palavra, dividem-se tanto umas como outras em *iniciaes,* se estão no principio (ex.: o *t* em *terra, trabe); mediaes,* se no meio (ex.: o *t* em *vita, petra),* e *finaes,* se no fim (ex.: o *t* em *venit, amant).* Ainda nas *mediaes-agrupadas* devemos considerar o caso em que uma d'ellas, seguida de vogal ou consoante, constitue a primeira lettra da syllaba (ex.: o *t* em *putre)* e aquelle no qual se não dá esta circumstancia (ex.: o *t* em *septimana).* Chamaremos ás primeiras *mediaes-agrupadas-iniciaes,* e ás segundas simplesmente *mediaes-agrupadas.* A todas estas circumstancias temos de attender, visto como ellas influírão poderosamente na immutabilidade ou alteração que as consoantes soffrêrão na sua passagem para a lingua portuguesa.

Observação. — Os *grupos* podem ser ou *primitivos* ou *romanicos.* Os primeiros existião já no latim classico, os segundos fôrão formados pela suppressão de vogal: isto vê-se em *latrone* e *spec(u)lo.*

§ 66. Antes de entrarmos no estudo de cada uma das consoantes, podemos formular alguns principios geraes.

1.° As consoantes *iniciaes,* quer isoladas, quer agrupadas, conservão-se geralmente intactas (com excepção das gutturaes, que em certos casos são modificadas).

2.° As consoantes *mediaes-isoladas* estão sujeitas ao abrandamento, que vae desde a simples troca até á syncope.

3.° As consoantes *mediaes-agrupadas* permanecem, se são iniciaes; fóra d'este caso só persistem, se os grupos são de facil pronunciação; de contrario estão sujeitas ao abrandamento ou accommodação.

4.° As consoantes finaes cahem geralmente.

§ 67. No estudo das consoantes seguiremos a sua classificação por familias. E assim estudaremos: 1.° as gutturaes *c* e *g,* ás quaes addicionaremos o *x* e o *q* e a semi-vogal *i;* 2.° as dentaes *t, d, s,* ás quaes se deve ajuntar o *z;* 3.° as labiaes *p, b, f, v;* 4.° finalmente as liquidas *r, l,* e as nasaes *m, n.*

Observação. — A proposito de cada consoante, examinaremos a influencia que sobre ella exerceu a *semi-vogal i,* influencia de que já por vezes nos temos occupado.

§ 68. Nas precedentes classificações deixamos de mencionar o *h,* por isso que nas palavras em que elle figurava no latim classico, e que passárão para a nossa lingua, ou desappareceu (como em herba, *erva),* ou, o que é mais vulgar, serve apenas de signal graphico, tendo perdido a sua primitiva qualidade de spirada guttural.

Observação i. — Note-se que nos grupos *ch, th, ph,* que só se usavão em palavras transcriptas do grego, cahiu o *h,* ficando portanto

reduzidas a *c — t — p* (charta = *carta*, thesauro = *tesauro*, colapho = *col(a)po)*.

Observação ii. — O português moderno emprega ás vezes um *h*, como em *trahir (* traer*, de tradere), para evitar o hiato, assim como, pelo mesmo motivo, substituiu o primitivo *h* de trahere, primeiro por um *g* e depois por um *z*, *trazer* [1].

CAPITULO II

Familia das gutturaes

§ 69. A familia das gutturaes comprehende em latim uma explosiva forte *c* e outra branda *g*, ás quaes devemos ajuntar o *x*, que é uma consoante dupla equivalente a *cs*; o *q*, que nalguns casos se distingue do *c*, e emfim a semi-vogal *i*.

A feição caracteristica das consoantes d'esta familia é a propriedade que ellas teem de se resolverem na semi-vogal *i*, que, segundo temos tido occasião de vêr, tanta influencia exerceu na transformação dos sons latinos noutros portugueses.

Observação. — Note-se que a familia das gutturaes se enriqueceu na sua passagem para português com mais duas contínuas correspondentes ás duas explosivas, a saber, uma forte, *ch*, correspondente a *c*, e outra branda *j*, que corresponde ao *g*, que são propriamente palataes.

I. — C

§ 70. O *c* tinha em latim o som duro do *k* grego, fossem quaes fossem as vogaes que se lhe seguissem, valendo de *k* quer antes de *a*, *o*, *u*, quer antes de *e*, *i*. Assim, *caballo*, *cura*, como *fecit*, *decem*, pronunciavão-se *kaballo*, *kura*, *fekit*, *dekem*.

Estudaremos o *c* primeiramente isolado, depois agrupado, e qualquer d'elles nas tres posições, inicial, medial e final. No isolado, porém, distinguiremos as vogaes que se lhe seguião, visto como d'ellas dependeu a sua vária sorte, e assim considera-lo-hemos: 1.° antes de *a*, *o*, *u*; 2.° antes de *e*, *i*.

a) C ISOLADO

1) C (+ *a*, *o*, *u*) INICIAL

§ 71. Lei. — *C* inicial passa intacto para português; ex.: caballo, *cavallo*, cadere, *cair*, casa, *casa*, colubra, *cobra*, complere, *cumprir*, corpus, *corpo*, cunic(u)lo, *coêlho*, curvo, *curvo*.

Observação i. — Em virtude d'uma tendencia muito antiga, o *c* inicial abrandou nalguns casos em *g*, como em camella, *gaméla*,

[1] Encontra-se um resto da antiga fórma em *trago* e *traga*, *as*, *a*, *âmos*, *ais*, *ão*. [Na *Revista Lusitana*, ii, 269 sgg., dei outra explicação das fórmas *trazer* e *trago*. — J. L. de V.].

catto, *gato,* caveolla, *gaiola,* colla, *gola.* E' de crêr que estas palavras já nos viessem assim do latim vulgar, pois que no classico encontramos o mesmo phenomeno, dizendo *gurgulio* em vez de *curculio.*

Observação ii. — Nalgumas palavras o *c* inicial tomou a fórma *ch,* mas essas palavras fôrão entre nós introduzidas do francês, onde essa relação phonica é regular; ex.: carruca, *charrua,* *capello, *chapeu,* cant(o)re, *chantre,* caput, *chefe,* caminata, chaminé.

2) C (+ *a, o, u*) MEDIAL

§ 72. Lei. — *C* medial abranda em português em *g;* ex.: pacare, *pagar,* dico, *digo,* peca, *pega,* joco, *jogo,* lacu, *lago,* plicare, *chegar,* acuc(u)la, *agulha,* bracas, *bragas,* apotheca, *bodega* [1], hac hora, *agora.*

Observação i. — Este abrandamento do *c* em *g,* que já se dava no latim vulgar, onde pacare se tornára *pagare,* não se encontra nos compostos de plicare, *chegar,* como replicar, *complicar;* estas palavras, porém, em que se conserva inalterado o *c* medial, se não pertencem á lingua erudita, soffrêrão certamente influencia erudita, como o provão *diago* (arch.) e *advogar* ao lado de *diacono* e *provocar.*

Observação ii. — Em decano, *deão,* cahiu por excepção o *c* medial, se é que, como se nos afigura, elle não provém do francês, em que tal facto se dá. Parecem-nos egualmente da mesma procedencia palavras taes como *selvagem* (selvatico), *mege* (arch. medico), *manjar* (manducar), *viajem* (viatico), *monje* (monaco [2]), *forja* (fabrica), em que o *c* medial abrandou em *j.*

3) C (+ *e, i*) INICIAL

§ 73. Lei. — *C* inicial toma em português o som sibilante do *s* forte, continuando todavia a escrever-se *c;* ex.: centum, *cento,* cervo, *cervo,* celo (= *caelo*), *ceo,* ceco (= *caeco*), *cego,* civitate, *cidade,* cista, *cesta,* cibo, *cebo* [3].

Observação i. — O *c* antes de *e, i* tinha-se tornado sibilante no latim vulgar já no seculo vi.

Observação ii. — Em *chicharo* (cicero) e *chinche* (cim(i)ce) acha-se o *c* inicial (e tambem medial) representado excepcionalmente

[1] A conservação do *c* em *botica* foi para evitar a homonymia. [A fórma *botica* não é de origem popular em português. — J. L. de V.].

[2] [A fórma portuguesa, correspondente a monachus, é *mogo:* vid. D. Carolina Michaëlis, na *Revista Lusitana,* iii (*Fragmentos etymolog.,* § liv). A fórma correspondente a -aticum penso ser *-ago* (ad'go), como *vinhago, gentiaga, Vidago,* de vineaticu-, *gentiatica (de *gentio,* genetivus), *Vitaticu-. A fórma antiga de *deão* é *adaião,* que está mais proxima do fr. *doyen.*—J. L. de V.].

[3] [E' só na lingua litteraria moderna que se confunde *c* com *s,* pois tanto em alguns dialectos, como na lingua litteraria archaica, o som do *c* (isto é: *ç)* não se confunde com o do *s.* O mesmo se deve dizer das sonoras respectivas, *z* e *s* intervocalico: vid. § 74. — J. L. de V.].

por *ch;* afigura-se-nos porém haver aqui origem ou influencia do francês *chiche.*

4) C (+ *e, i*) MEDIAL

§ 74. Lei. — *C* medial (intervocalico, antes de *e* e *i*) passa em português para *z* (*s* brando); ex.: dicĕre, *dizer*, facĕre, *fazer*, *domin(i)cella, *donzella*, vicino, *vizinho*, placere, *prazer*, *complacentia, *complazença* (arch.), *complacencia*, vacivo, *vazio*, bucina, *buzina*, *amicitate [1], *amizade.*

Observação i. — Esta mudança importante da sibilante proveniente do *c* tem a sua origem na tendencia de todas as consoantes duras para se converterem em brandas, quando collocadas entre vogaes.

Observação ii. — As palavras *lagarta* e *pulga* provêm não de *lacerta* e *pulice*, mas d'outras populares lacarta e pulica.

Observação iii. — O *c* cahiu por excepção nas seguintes fórmas contractas: *direi*, *farei* e *fais* (arch.), por *dizerei*, *fazerei* e *fazes.*

5) C FINAL

§ 75. Temos aqui de considerar dois casos: ou o *c* é final originariamente, ou por quéda da vogal seguinte. E assim no

1.° caso; isto é: *c* final original cáe em português; ex.: sic, *si* (arch.), *sim*, nec, *ne* (arch.), *nem.*

2.° caso; isto é: *c* final não original passa para *s* brando (na lingua litteraria actual) como o medial antes de *e*, *i*; ex.: voce, *voz*, decem, *dez*, nuce, *noz*, perdice, *perdiz*, pice, *pez*, radice, *raiz*, cruce, *cruz*, judice, *juiz* [2], vice, *vez* [3].

b) C ANTES DA SEMI-VOGAL I
(isto é: *cia, cio*)

§ 76. Lei. — *C* seguido da semi-vogal *i;* isto é: d'um *i* formando hiato, como em *cia, cio,* toma em português o costumado som sibilante, desapparecendo a semi-vogal; ex.: faciamus, *façamos,* facie, *face,* minacia, a-*meaça,* bracio (= brachio), *braço,* *laceo (= laqueo), *laço,* *terraceo, *terraço.*

Observação. — Segundo a sua tendencia para abrandar, tambem neste caso o *c* passou para português sob a fórma de *z,* como em judicio, *juizo,* placeat, *praza* [4]. Aquellas palavras em que *cio* e *cia* se consérvão inalteradas, pertencem á lingua erudita. *Murci(d)o* deu *murcho,* talvez por influencia francesa [5].

[1] Compare-se a fórma hespanhola *amistad.*

[2] A deslocação do accento deu-se nesta palavra para evitar o hiato. [Supponho que a deslocação se daria por analogia com os nomes cujo nominativo era tambem *-ix,* mas cujo genetivo era *-īcis;* ex.: *radix,* etc. — J. L. de V.].

[3] [Propriamente, o *c* intervocalico deu *z,* e o *e* cahiu: voce-, **voze, voz.* — J. L. de V.].

[4] [Vêr sobre este ponto Cornu, *ob. cit.,* § 111. — A fórma *praza* póde explicar-se pelo infinito *prazer,* placere, que faz parte dos casos do § 74 d'este artigo. — J. L. de V.].

[5] [Como justificar a influencia francesa? Tambem Diez, *Gr. des l. rom.,* I,

c) C AGRUPADO

1) INICIAL

§ 77. Lei. — Os unicos grupos iniciaes em que o *c* é em latim seguido de consoante, são *cr, cl,* os quaes foram differentemente modificados na sua passagem para português: *cr* ficou inalterado; ex.: credere, *crer,* cruce, *cruz,* crudele, *cruel,* crudo, *cru,* crusta, *crosta.*

Observação. — Aqui tambem, segundo a sua tendencia, abrandou nalguns casos o *c* em *g,* como em *crupta, *gruta* [1], cratic(u)la, *grelha* [2], crassa, *gracha,* crate, *grade,* creta, *gréda.* Em cremare, *queimar,* cahiu o *r* por dissimilação [3], e em crepare, *quebrar,* deu-se por metathese deslocação do *r.*

Cl passou para português sob a fórma de *ch;* ex.: clamare, *chamar,* claudere, *chouvir,* archaico, clave, *chave,* clauso, *chouso,* arch., c(e)leúsma, *chusma.*

Observação. — A existencia da fórma *cramar,* archaica (clamare), ao lado de *chamar,* faz-nos parecer que a primitiva transformação do *cl* em *ch* foi modificada por influencia erudita. *Claro, clamar, claustro* (ao lado de *crastra,* arch.) pertencem á lingua litteraria. Clavo deu *cravo,* para evitar a homonymia com *chave* [4].

2) MEDIAL-INICIAL

§ 78. Devemos distinguir os casos em que o *c* medial-inicial; isto é: em contacto com outras consoantes e constituindo a lettra inicial da syllaba, está seguido de vogal ou de consoante. D'ahi resultão as duas leis seguintes:

17, e Cornu, *ob. cit.,* § 111, ligão *murcho* a *murcidus,* embora Cornu diga que é caso insolito. *Murcidus* porém não póde explicar *murcho.* Como *murcidus* é formado de *murcus,* do mesmo modo que *murceus,* devia haver no lat. vulgar da Lusitania outro derivado do mesmo thema, com o suffixo *-ulus;* isto é: *murculus, ou murc'lus, que explica perfeitamente *murcho,* porque *cl* depois de consoante dá *ch* (cfr. *Rev. Lus.,* II, 272). — J. L. de V.].

[1] [Sobre *gruta,* vid. Meyer-Lübke, *Gram. des l. rom.,* I, 34. — J. L. de V.].

[2] [*Grélha* é difficil de explicar por cratic'la, que devia dar *gradelha,* sem quéda do *d.* E' provavel que *grelha* viesse de outra lingua para a nossa. Em francês antigo ha *greïl* (por *graïlle, graille*), fr. mod. *grille, gril,* que, com quanto de differente significação, vem do mesmo radical (*grille,* de craticula, *gril,* de craticulum). Cfr. Diez, *Et. Wört,* I, 172, 4.ª ed. — J. L. de V.].

[3] [Cornu, *ob. cit.,* § 7, explica *queimar* de outro modo: cremare, **kelmar,* **heumar, queimar.* — J. L. de V.].

[4] [*Cravo* pertence a epocha mais moderna. — Com relação ao modo de tratamento do *cl* inicial, a lingua portuguesa offerece tres momentos ou epochas:

1) cl-, *ch,* ex.: clavic'la, *chavelha;*
2) cl-, *cr,* ex.: clavic'la, *cravelha;*
3) cl-, *cl,* ex.: clavicula = *clavicula.*

As fórmas da primeira classe são populares e mais antigas; as da última litterarias e recentes; as da segunda semi-populares ou semi-eruditas; isto é: introduzidas litterariamente numa epocha bastante antiga, embora posterior á primeira (mas em que já se não dávão todos os phenomenos caracteristicos da 1.ª epocha), e tendo experimentado alteração na boca do vulgo. — J. L. de V.].

1.ª Lei. — *C* medial-inicial seguido de vogal está sujeito ás mesmas regras que o *c* isolado-medial; isto é: conserva-se inalterado antes de *a, o, u,* e passa para sibilante antes de *e, i;* ex.: *a)* musca, *mósca,* furca, *fôrca,* calcare, *calcar,* *mercare, *mercar,* fusco, *fôsco,* visco, *visco,* manco, *manco; b)* mercede, *mercê,* inceptare, *encetar,* crescĕre, *crescer,* cercĭnare, *cercear.*

Observação i. — Antes de *a, o, u* nalguns casos, como em *cabal(li)care, *cavalgar,* musco, *musgo* [1], abrandou em *g,* segundo a sua tendencia. *Prancha* (planca) e *marchante (mercante)* fôrão introduzidas do francês [2].

Observação ii. — No grupo *sc* [3], quando antes de *e, i,* deu-se no português antigo tendencia para assimilar o *s* ao *c,* quando posto immediatamente á raiz da palavra, dizendo-se por exemplo *nacer, crecer, decer, acenson, conhocer,* como ainda hoje pronuncia o povo, e a sua conservação, quando não immediato ao radical, por exemplo: *escaesca, meresca, padesco, gradesco, offerescão, guaresco.* O português moderno, porém, em obediencia á etymologia, restaurou a fórma primitiva no primeiro caso, com excepção de *conhecer,* e assimilou no segundo. Assim, aquellas fórmas são hoje *nascer, crescer, descer, ascensão,* e estas *esqueça, mereça, padeço, offereção, guareço.* Nalguns casos foi o *c* que se assimilou ao *s,* produzindo a geminação o som *x,* segundo a regra. (Vide adeante), como em miscere, *mexer* [4].

2.ª Lei. — Os grupos mediaes formados pelo *c,* são *cr, cl, ct* e *x* = *cs.*

1.º grupo, *cr).* — O *c* d'este grupo abranda em *g,* em harmonia com a sua já conhecida tendencia; ex.: acre, *agro,* vin'acre [5], *vinagre,* alacre, *alegre,* lacrima, *lagrima,* macro, *magro,* socro, *sôgro.*

Observação. — O *c* neste caso tinha passado para *g* já no latim vulgar.

2.º grupo, *cl.* — O *c* d'este grupo resolve-se em *i,* que desapparece,

[1] [A fórma *musgo* é difficil de explicar, por causa do *g.* Talvez aqui haja alguma influencia estranha. Fórma inteiramente semelhante é *visgo,* que se usa a par de *visco.* Poderemos acaso admittir *mus'cus e *vis'cus? — Quanto a *cavalgar,* ésta palavra vem de *caballicare, sim, mas através de **caballigare,* tendo-se abrandado o *c* antes da syncope do *i.* — J. L. de V.].

[2] [*Prancha* podía explicar-se por *planc(u)la: cfr. *concha,* de conch(u)la; embora tenhamos *chanca,* de planca. A substituição de *pl-* por *pr-,* e não por *ch,* mostra que a fórma não data da origem da lingua: cfr. *cravelha.* — J. L. de V.].

[3] No suffixo dos verbos inchoativos.

[4] [*Sc* deu *c* antes de *e, i,* como *nacer,* e manteve-se antes de outras vogaes, como *nasca.* Depois *nasca* seguiu a analogia do infinitivo e mudou-se em *naça.* Sobre este ponto, e sobre *mexer* e os outros casos em que *sc* deu *x,* vêr Cornu, *ob. cit.,* §§ 234 e 325. — J. L. de V.].

[5] [A fórma no latim vulgar devia ter sido, não *vin'acre,* mas sim *vinuacre ou *vinuagre, senão o *n* intervocalico tinha cahido; em *vinuacre manteve-se protegido pela semi-vogal *u,* como em *janella,* etc.; cfr. o que eu disse supra, pag. 261, not. 1. — J. L. de V.].

molhando o *l;* ex.: ovic(u)la, *ôvêlha,* auric(u)la, *ôrêlha,* grac(u)lo, *gralho,* spec(u)lo, *espêlho,* acuc(u)la, *agulha,* genuc(u)lo, *joelho,* mac(u)la, *malha,* oc(u)lo, *ôlho,* apic(u)la, *abelha,* vermic(u)lo, *vermelho,* artic(u)lo, *artêlho.*

Observação i. — Provavelmente por influencia da nasal o *cl* passou para *ch* em mac(u)la =, *manc(u)la [1], *mancha,* *fun(i)c(u)lo, *funcho,* annĭc(u)lo, *annejo,* pela similhança do som, *j* a *ch* [2].

Observação ii. — A transformação do *cl* latino em *cr* nestas palavras mirac(u)lo, *milagre,* sacc(u)lo, *segre,* archaico e ecclesia, *igrêja,* é sem duvida devida a influencia erudita, além de que o distincto philologo, Sr. Gonçalves Vianna, suppõe influencia provençal ou francesa pela troca irregular do *o* final atono em *e,* em *milagre* e *segre.* Em periculo, *perigoo,* não se deu a formação do grupo *cl;* o *l* cahiu segundo a lei geral. (Vide adeante [3]).

3.º grupo, *ct).* — Neste grupo temos de distinguir dois casos: ou elle está precedido de vogal, ou de consoante. E assim no

1.º caso; isto é: quando precedido de vogal, vocaliza-se o *c;* ex.: lacte, *leite,* pecto, *peito,* nocte, *noite,* doctore, *doitor* (pop. e arch.), *doutor,* acto, *auto,* facto, *feito,* factitio, *feitiço,* fructu, *fruito* (arch.), *fruto,* tecto, *teuto* (arch.), *teto,* luctu, *loito* (arch.), *luto,* activo, *autivo* (arch.), *ativo.*

Observação. — Se o *c* está precedido de *i,* então a vogal em que elle se resolve combina-se com aquelle, como em *dicto,* que deu primeiro **diito* e depois *dito.* Em mactare, *matar,* e contracto, *contrato,* deu-se a assimilação do *c* ao *t,* passando este depois de dobrado a singelo. *Colcha* (de culc(i)ta) e *trecho* (de tracto) são de introducção hespanhola, onde o *ct* se resolve em *ch.*

2.º caso; isto é: quando precedido de consoante, cáe o *c,* provavelmente depois de se ter assimilado ao *t,* como é regular nas geminações; ex.: sancto, *santo,* tincto, *tinto,* puncto, *ponto,* cincto,

[1] Nesta palavra predominou a dissimilação. [Na *Rev. Lus.,* ii, 269, expliquei *mancha,* etc. — J. L. de V.].

[2] [Como *annic'lu deu *annelho,* o suffixo *-ejo* deve ter outra origem: Diez, *Gr. des l. rom.,* ii, 300, vê nelle origem hespanhola. — J. L. de V.].

[3] [As leis da transformação do *cl* medial podem resumir-se assim:

1.ª epocha da lingua):

a) intervocalico dá *lh:* oric'la, *orelha;*

b) depois de consoante é tratado como se fosse inicial; isto é: dá *ch:* -asc'lu, *-acho (Rev. Lusit.,* ii, 272);

2.ª epocha da lingua), dá: *gr.,* ex.: ecclesia, *eigreja, igreja* (mas neste exemplo temos *ccl).*

Fórmas como periculum, macula, dérão *perigoo, perigo, mágoa,* pela quéda do *l* intervocalico, o que mostra que não são da origem da lingua (pois em lat. vulg. erão *periclu', macla,* onde o *l* teria de experimentar outra transformação), mas ainda assim de uma epocha antiga, em que o *l* intervocalico se syncopava.

Mácula, radícula, etc., em que *-cul-* se mantém, são modernissimas.

O lat. macula representa quasi todos os casos indicados acima: *malha* (mac'la), *mancha* (*mancla, — *Rev. Lus.,* ii, 269), *mágoa* (macula), e *mácula* (=macula). — J. L. de V.].

cinto, unctare, *untar*, penctie (=*pectine*, por metathese), *pente* [1], juncto, *junto*.

4.º grupo, *cs)*. — Vide o *X*.

3) MEDIAL

§ 79. *C* medial só se encontra em latim acompanhado d'outro, passando, segundo a regra geral, de geminado a simples, que fica sujeito á lei do *c* medial-isolado; ex.: bucca, *bôca*, bacca, *baga* [2], peccato, *pecado*, sicco, *seco*.

II. — X

§ 80. Contém esta consoante dois elementos: um palatal, *c*, e outro dental sibilante, *s*. A sua passagem para português póde enunciar-se pela seguinte:

Lei. — O *x* degenera no português em *s* forte (que se escreve *s* ou *x)* e produz um *i*, que se combina com a vogal precedente; ex.: axe, *eixo*, taxo, *teixo*, saxo, *seixo*, sex, *seis*, fluxo, *froixo*, laxare, *leixar* (arch.), *deixar* [3], fraxino, *freixo*, mataxa, *madeixa*.

Observação i. — O facto de o ditongo *oi* se pronunciar tambem *ô*, deu origem á quéda do *i* em *côxa* (de coxa) e *côxo* (de coxo).

Observação ii. — Nalguns casos o elemento *c* não se vocalizou, mas assimilou-se ao *s*, como em dixi, *disse*, sexaginta, *sessenta*, ancsia [4], *ansia* (e não *ancia* [5]).

III. — Q

§ 81. Distingue-se o *q* latino do *c* em ser sempre seguido d'um elemento labial *u*, que tem o valor de semi-vogal. Este elemento, que se não faz ouvir na maioria das palavras portuguesas de formação popular, começou já no latim vulgar a deixar de ser pronunciado. Portanto só apparece isolado em latim.

1 [Como a fórma vulgar na Beira é *pêntem*, parece-me que não houve a metathese indicada, mas se deu a seguinte evolução: pectine, **peitem*, *pẽitem* (por communicação da nasal ao ditongo antecedente), *pentem*, *pente* (por dissimilação. — J. L. de V.].

2 [*Baga* não vem de *bacca*, mas de baca; senão não teriamos *g* em português, mas *c*. — J. L. de V.].

3 [*Deixar* mal póde ter vindo directamente de *leixar;* deve talvez admittir-se uma fórma intermédia *deleixar*, que tenho encontrado em doc. ant.; pela quéda do *l* teriamos *deeixar, *deixar*. Todavia o hesp. *dejar* offerece alguma difficuldade. — J. L. de V.].

4 O povo diz *ãinsa*.

5 [Sobre o modo de tratar o *x* vid. Cornu, § 233. — O lat. *texere* faria esperar em português *texer* ou *tesser* (com *ss); todavia* a orthographia antiga e a moderna pronúncia de Tras-os-Montes, onde ainda se distingue *s* de *ç* (c), não deixão duvida que a verdadeira fórma é *tecer* (com *c)*. A explicação, que d'este phenomeno me occorreu, é que esse verbo havia recebido influencia dos verbos acabados em *-ecer;* mas tal explicação não esqueceu tambem ao sr. Cornu, *loc. laud.*, § 233. — J. L. de V.].

1) INICIAL

§ 82. Lei. — *Q* inicial permanece inalterado em português; ex.: qui, *que*, querēre, *querer*, quindecim, *quinze*, quadragessima, *quaresma*, quattuor, *quatro* (por metathese), questione, *questão*, quēto (= *quieto*), *quêdo*, quatuordecim, *quatorze*.

Observação. — Quinque, quinquaginta, que por dissimilação se tinhão tornado cinque e cinquaginta no latim popular, dérão em português *cinco* e *cincoenta*.

2) MEDIAL

§ 83. *Q* medial é tratado como *c* medial-isolado antes de *a*, *o*, *u*; isto é: abranda em *g*; ex.: agua, *agua*, *sequēre, *seguir*, aguila, *aguia*, eguale (= *aeguale*), *egual*.

Observação. — Em nunquam, *nunca*, não se deu o abrandamento. *Cozinha*, *cozer* e *torcer*, veem das fórmas populares cocere, cocina e torcere, em que se tinhão convertido as classicas *coquere*, *coquina*, *torquere*.

IV. — G

§ 84. O *g* tinha em latim um som duro, fosse qual fosse a vogal que se lhe seguisse, pronunciando-se da mesma maneira tanto em *gelo* e *gigante* como em *gutta*; isto é: como o nosso em *guita*. As transformações da guttural branda *g* são muito analogas ás da forte, *c*.

a) G ISOLADO

1) INICIAL

§ 85. A sua passagem para português depende da vogal immediata e obedece ás duas leis seguintes:

1.ª Lei. — *G* inicial antes de *a*, *o*, *u* conserva-se inalterado; ex.: gallico (scil. cane), *galgo*, gallina, *gallinha*, gubernare, *governar*, gurdo, *gôrdo*, gutta, *góta*, got(h)o, *gôdo*.

2.ª Lei. — *G* inicial antes de *e*, *i* passa em português para a spirante branda correspondente; isto é: *j* (que se escreve *g*); ex.: gemere, *gemer*, genuc(u)lo, *geôlho* (arch.), *joêlho*, gente, *gente*, gingiva, *gengiva*, gibbo, *gebo*, gigante, *gigante*.

Observação i. — Em germano vocalizou-se, excepcionalmente neste caso, o *g* em *i*, que se fundiu com o *e*, dando *irmão*.

2) MEDIAL

§ 86. Lei. — *G* medial-isolado; isto é: posto entre vogaes, resolve-se em *i*, que permanece, se as vogaes que o circundão são *a*, *o*, *e*; e se funde na seguinte, se ésta é *e*, *i*; ex.: *a)* plăga, *praia*, sago, *saio*, faga, *faia* [1]; *b)* legere, *ler*, regina, *reinha* (arch.), *rainha*, navi-

[1] [Sobre estes exemplos vid. Adolpho Coelho, *Questões da ling. port.*, i, 294; e Cornu, *loc. laud.*, § 218. — J. L. de V.].

gio, *navio,* sigillo, *sello,* digito, *dedo,* frigido, *frio,* vigilare [1], *velar,* corrigia, *corrêia,* fugio, *fujo,* exagio, *ensaio.*

Observação i. — Em *agosto* (de *agusto), *agoiro* (de *agurio), não se vocalizou o *g,* ao passo que cahiu em ruga, *rua.* Nesta ultima palavra a quéda do *g* deu-se para evitar a homonymia com *ruga,* conservando-se ao contrario pelo mesmo motivo em *chaga,* de plāga, que tambem deu *praga.*

Observação ii. — Os numeros viginte, triginta, etc., tinhão-se tornado já no latim vulgar em *vinte, trinta,* etc. [2].

3) FINAL

§ 87. Lei. — *G* tornado final pela quéda da vogal immediata vocaliza-se em *j,* que permanece; ex.: lege, *lei,* rege, *rei,* grege, *grei* [3].

b) G AGRUPADO

§ 88. O *g* agrupado póde estar em latim seguido de vogal ou de consoante. D'esse facto resultão as seguintas leis:

Lei. — *G* agrupado, seguido de vogal, obedece ás duas leis do *g* isolado-inicial; ex.: *a)* angustia, *angustia,* *pargo (de pagro), *pargo,* aspar(a)go, *espargo; b)* cingere, *cingir,* virgine, *virgem,* magine, *margem,* frangere, *frangir,* tangere, *tanger.*

Observação. — Para evitar a homonymia com *frangir* e *espargir,* mudou o *g* para *z (s* brando) em *franzir* e *esparzir,* de *frangere* e *spargere.* Em *renhir,* de ringere, vocalizou-se o *g* por excepção neste caso, molhando o *n,* e na palavra *tango, tanjo,* deu-se influencia do infinitivo *tanger.*

§ 89. *G* agrupado seguido de consoante é inicial ou medial-inicial.

1) INICIAL

§ 90. Lei. — Os unicos grupos latinos iniciaes são *gr* e *gl,* que passão inalterados para português; ex.: grac(u)lo, *gralho,* gratia, *graça,* grande, *grande,* grege, *grei,* gloria, *gloria,* globo, *globo.*

Observação. — O *l* de *gl,* segundo a sua tendencia, mudou-se ás vezes em *r,* como em gluten, *grude,* gloria, *groria* (arch.), *gloria.* O *g* cahiu por excepção em glande, *lande* e em leirão [4], derivado de *glire* [5].

2) MEDIAL-INICIAL

§ 91. Lei. — *G* agrupado medial-inicial fórma os seguintes grupos: *gr, gl, gn, gt, gd, gm.*

[1] Ésta palavra deu tambem *vigiar* pela quéda do *l* medial-isolado.

[2] [Sobre o modo de tratar o *g* lat. intervocalico em port., vid. Cornu, *loc. laud.,* §§ 216, 218, 219 e 220. — J. L. de V.].

[3] [Era melhor considerar este caso como de *g* intervocalico: lege, **leje,* **ley, lei:* cfr. o que escrevi á cêrca do *c,* na not. 3 do § 75. — J. L. de V.].

[4] O povo, ao menos no Algarve, diz *lárião.*

[5] [Vêr Cornu, *loc. laud.,* § 137 *a).* — J. L. de V.].

1.º grupo, *gr)*. — O *g* d'este grupo ou conserva-se intacto, ou resolve-se em *i*; ex.: *a)* nigro, *negro*, agro, *agro*, aggravare, *agravar*; *b)* integro, *inteiro*, flagrare, *cheirar*.

2.º grupo, *gl* e *gn)*. — O *g* d'estes grupos resolve-se em *i*, que desapparece, molhando o *l* e o *n*; ex.: *a)* teg(u)la, *telha*, reg(u)la, *rêlha*, ung(u)la, *unlha, *unha*, coag(u)lare, *coalhar*; *b)* pugno, *punho*, agno, *anho*, signa, *senha*, cognato, *cunhado*, ligno, *lenho*, tammagno, *tamanho*.

Observação i. — Para evitar a homonymia com *rêlha*, trocou-se o *l* em *r* em *regra*, reg(u)la, se é que ésta palavra não pertence á lingua litteraria, como *tecla*, de teg(u)la [1].

Observação ii. — O *g* deixou de molhar o *n*, fundindo-se ou ajuntando-se á vogal que antecede, em digno, *dino* (arch.), *digno*, benigno, *benino* (arch.), *benigno*, maligno, *malino* (arch. e pop.), insignare, *ensinar*, regno, *reino*.

3.º grupo, *gd*, *gt*, *gm)*. — O *g* cahe nestes grupos, conservando-se apenas na escrita em obediencia á etymologia; ex.: amygdala, *amendoa*, pigmenta, *pimenta*, smaragdo [2], *esmeralda*, Magdalena, *Madalena* ou *Magdalena* [3].

Observação i. — A quéda do *g* nestes grupos dava-se já no latim classico, que dizia jumentum, flamma, examen, em logar de *jugmentum*, *flagma* e *exagmen*.

Observação ii. — O contacto com a vogal *e* fez resolver por excepção o *g* em *i* na palavra flegma, *freima* (arch. hoje), *fleuma* [4].

c) I CONSOANTE

§ 92. *I* consoante [5] era em latim uma semi-vogal que tanto no principio como no meio das palavras tinha o mesmo som que o nosso *i* em *maio*, *baio*.

Em português:

a) *I* consoante inicial transformou-se em *j*; isto é: numa spirante branda (como o *g* antes de *e*, *i)*; ex.: iacere, *jazer*, iudicio, *juizo*, ieiunare, *jejuar*, ioco, *jôgo*, iungere, *jungir*, ientare, *jantar*, (H)iacintho, *Jacintho*, (H)ieronimo, *Jeronymo*.

Observação. — Na palavra iacto, *geito*, trocou-se graphicamente

[1] [*Regra* é uma fórma semi-popular; cfr. o que escrevi a pag. 279, nota 3, sobre o *cl*. — J. L. de V.].

[2] [A fórma classica é effectivamente *smaragdus*; mas como ésta palavra, á semelhança da palavra grega correspondente, tanto era masculina, como feminina, no lat. vulgar da Hispania a terminação feminina *-a* acompanhou a significação, e deve pois admittir-se *smaragda. — J. L. de V.].

[3] A conservação do *n* intervocalico mostra que a palavra é de introducção erudita.

[4] [A' cêrca do grupo *dg*, *gm*, *gn*, vid. Cornu, *ob. cit.*, §§ 235-237; á cêrca de *gl*, vid. § 140; á cêrca de *gr*, vid. § 217. — J. L. de V.].

[5] Escrevemo-la sob a fórma *i*, para fazer resaltar melhor a sua transformação em *j*, além de que este signal *j* é moderno; o latim não o conhecia.

o *i* em *g*, pela similhança do som d'esta consoante, antes de *e, i*, com o d'aquella.

b) *I* consoante medial (que é a semi-vogal que tanta influencia exerceu nas linguas romanicas e da qual nos temos já occupado) umas vezes une-se á vogal que a antecede, outras toma o mesmo som sibilante que quando inicial; *a)* maio, *maio*, raia, *raia*, maiore, *maior*, deiectare, *deitar; b)* invidia, *inveja*, hodie, *hoje*, adiuctare, *ajudar*, ieiunar, *jejuar*, fugio, *fujo*.

CAPITULO III

Familia das dentaes

§ 93. A familia das *dentaes* comprehende em latim uma explosiva forte *t*, outra branda *d*, e uma contínua forte *s*.

A feição mais caracteristica das consoantes d'esta familia é a troca do *t* pelo *d* e a quéda d'este quando entre vogaes.

Observação. — Esta familia das dentaes enriqueceu-se, na sua passagem para português, com mais uma contínua sonora que escrevemos *z*, e se chama tambem *s* brando, em opposição ao *s* forte.

I. — T

a) T ISOLADO

1) INICIAL

§ 94. Lei. — *T* inicial permanece inalterado em português; ex.: tabano, *tabão*, tempus, *tempo*, tenea, *tenha*, tusse, *tosse*, touro, *toiro*, tepido, *tibio*, tela, *teia*, *torcere (=*torquēre), torcer*, tabula, *taboa*, tu, *tu*, testa, *testa*, tres, *tres*.

2) MEDIAL

§ 95. Lei. — *T* medial abranda em *d* no português; ex.: aceto, *azedo*, coturnice, *codorniz*, maturo, *maduro*, cubito, *covedo*, pop. covado, acuto, *agudo*, cogitare, *cuidar*, peccatore, *pecador*, armatura, *armadura*, toto, *tôdo*, *natica, *nadega*.

Observação i. — As palavras que como abiete *(abēte* no latim vulgar), dote, natura, *natura* (arch.), *natureza*, conservão inalterado o *t* medial-isolado, se não pertencem á lingua erudita, soffrêrão influencia litteraria, o que se deduz de *capitulo, fatigar, quĭeto, natura, botica*, etc., ao lado de *cabido, fatigar* (arch.), *quêdo, nado* e *bodega* [1].

[1] [A fórma *natura*, que se encontra na lingua antiga, é um latinismo. A fórma *natureza* provém de **naturaleza* (cfr. o hesp.), de √*natural*; todavia essa fórma é semi-popular, e não da origem da lingua, senão o *t* teria abrandado: vê-se que na epocha em que o *l* intervocalico ainda se syncopava, já o *t* não abrandava. — J. L. de V.].

Observação ii. — Nas fórmas verbaes da segunda pessoa do plural e tambem nalguns nomes como impetigine, *impigem*, *settimana (=septimana [1]) cahiu o *t* neste caso, não porém d'um modo subitaneo, mas por transição; isto é: primeiro abrandou em *d*, segundo a regra, como *cuidades* (cogitatis), *mandades* (mandatis), *amades* (amatis), segundo a regra geral (vid. adeante) conservando-se apenas naquelles verbos cujo thema é constituido por uma unica syllaba, como em itis, ides, etc. [2].

Observação iii. — Ao lado da fórma nadega encontra-se a fórma *nalga*, proveniente d'aquella pela troca do *d* medial-isolado por *l*, que não é sem exemplo. (Vide adeante [3]).

b) T AGRUPADO

1) INICIAL

§ 96. *T* agrupado inicial só fórma verdadeiros grupos com *r* e *l*, os quaes são tratados da maneira seguinte:

1.º grupo, *tr)*. — Este grupo passa inalterado para português; ex.: trabe, trave, *tristitia, tristeza,* trulla, *trôlha* [4], turre, *torre,* tres, *tres.*

2.º grupo, *tl)*. — Este grupo passa para português sob a fórma *ch;* ex.: *t(o)lutare, *choutar.*

Observação. — A razão d'esta transformação está em que no latim vulgar o *t* do grupo *tl*, quer inicial, quer medial-inicial, se tinha trocado por *c*, dizendo-se *c(o)lutare, *vec(u)lo, *sic(u)la, *roc(u)la em logar de *t(o)lutare, vet(u)lo, sit(u)la, rot(u)la, tendo depois o grupo *cl*, assim formado, seguido a mesma sorte do *cl*, já inicial, já medial-inicial. (Vide §§ 77 e 78).

2) MEDIAL-INICIAL

§ 97. Temos aqui de distinguir dois casos: ou o *t* está seguido de vogal ou de consoante. E assim:

[1] Egualmente em perdita, *perda,* vendita, *venda.*

[2] [Se o *t* cahisse por ter abrandado em *d*, cuja quéda, quando som originario, é normal, não devia haver em português palavras com *d* medial, pois em todas elle teria cahido. O desapparecimento do *t* deve pois explicar-se de outra maneira em *impigem* e *semana*. Em ambas estas palavras houve certamente assimilação. Sept'mana, **sett'mana, semana:* nesta palavra a manutenção do *n* mostra que ella é semi-erudita (influencia ecclesiastica); a fórma genuinamente popular é *doma*, arch. *dómaa*, de hebdomada. A palavra *semana* experimenta ainda na lingua vulgar uma simplificação maior: *s'mana.* — *Impigem* póde provir de **int'pigem*, por metathese de *impetiginem, ou de **ind'pigem*, por metathese de *imp'digem; mais facilmente o *t* ou *d* se assimilavão ao *p*, do que vice-versa.

Quanto aos verbos, é muito difficil de explicar a syncope do *d* das fórmas archaicas *-ades*, etc., na passagem para *-aes*, etc.; e ainda não foi dada explicação satisfatória. — J. L. de V.].

[3] [Propriamente houve syncope do *e* postonico, **nad'ga*, e depois reducção do grupo *dg* a *lg*, como em **jud'gare*, de judicare. — J. L. de V.].

[4] [*Trolha* não póde vir directamente de trulla, pois *ll* darião *l;* vem porém de trullea (trulleum). — J. L. de V.].

No 1.º caso; isto é: *t* agrupado medial-inicial, seguido de vogal, passa inalterado para português, excepto se a consoante que o precede é *n* ou *m*, porque então abranda em *d*; ex.: a) virtute, *virtude*, masticare, *mastigar*, estimare, *estimar*, gusto, *gôsto*, musto, *môsto*; b) pon(i)te, *ponde*, ven(i)te, *vinde*, bón(i)tate, *bondade*, lim(i)te, *linde* (arch.), com(i)te, *conde*, sem(i)ta, *senda* [1].

Observação. — Em *esmar* (estimare), *mascar* (masticare) e *pança* (pantice), cahiu o *t* por excepção [2], mas ésta ultima palavra talvez fosse introduzida do francês.

No 2.º caso; isto é: *t* agrupado medial-inicial seguido de consoante só fórma verdadeiros grupos com *l* ou *r*, os quaes são tratados da maneira seguinte:

1.º grupo, *tl*. — Este grupo acha-se representado em português por *lh*; ex.: vet(u)lo, *velho*, sit(u)la, *sêlha*, rot(u)la, *rôlha*.

Observação. — A' cêrca d'esta transformação do grupo *tl* em *lh*, vide § 96, obs. *Rol*, de rot(u)lo, que se afasta d'esta regra, é sem duvida de introducção francesa, a não se querer explicar por metathese do *l* e quéda da syllaba *tu*. Em spat(u)lare, *espaldar*, deu-se a metathese do *l* [3].

2.º grupo, *tr*). — Este grupo ou passa sem alteração para português ou abranda em *dr*, excepto se na palavra ha outro *r*, porque então reduz-se por dissimilação a *t* ou *d*; ex.: *a)* monstrare, *mostrar*, ostrea, *ôstra*, contribuere, *contribuir*, litt(e)ra, *letra*, arbitrio, *alvitre* [4], lutra, *lontra* [5]; *b)* latrone, *ladrão*, patre, *padre*, matre, *madre*, patrino, *padrinho*, putre, *pôdre*, petra, *pedra*, arbitrio, *alvedrio* [6], utre, *ôdre*, vitro, *vidro*, *atro *(= atrio)*, *adro*, *citra *(= citrea)*, cidra, vet(e)re, *vedro*, (no nome *Alhos*

[1] [Isto é: quando a vogal protonica ou postonica cáe, já o *t* intervocalico se tinha abrandado, como em *linde*, de **lim(i)de*, de limite(m), *bondade*, de **bon(i)dade*, de bonitate(m). Em *solteiro*, por ex., de solitarius, a syncope do *i* foi anterior á epocha do abrandamento. — J. L. de V.].

[2] [E' que, como em *solteiro*, a syncope do *i* precedeu a epocha do abrandamento; por isso *aest(i)mare e mast(i)care: depois o *t* foi assimilado á consoante seguinte. — J. L. de V.].

[3] [Ha outras palavras analogas a *espaldar* e a *rol*, como *roldana*, *til*, etc. Talvez tenhão origem no hespanhol, onde ha *tilde* (de titulus), *rolde* (de rotulus), *eneldo* (de *anethulum), e *roldana* (de *rotulana); cfr. ainda hesp. *molde* (de modulus). Se a palavra *roldana* fosse de origem popular antiga, devia ter perdido o *n*. — Cfr. tambem *Rev. Lusit.*, II, 268. — J. L. de V.].

[4] [*Alvitre* deve ter vindo do fr. *arbitre*, com dissimilação do primeiro *r*. — J. L. de V.].

[5] [Com *lontra* cfr. o ital. *lontra*: Diez, *Etym. Wört.*, I, s. v. Como se explica porém a nasal, e o ter-se conservado o *t*? O Sr. Cornu admitte a fórma *nontra, que explica o hesp. *nutria* ou *nutra*: *ob. cit.*, § 151. — O *n* inicial póde ter provindo de dissimilação do *l*; depois nasalou a vogal seguinte. — J. L. de V.].

[6] [Como *arbitrium* tem o accento na primeira syllaba, e o português *alvedrio* o tem na terceira, ésta fórma não se póde explicar directamente por aquella. Talvez possamos admittir que *alvedrio* seja um substantivo verbal de *alvedriar, formado de *arbitriare, sobre arbitrium. Em port. antigo porém ha *alvidrar*, arbitrare. — Meyer, *Gr. des l. rom.*, I, 604, dá outra explicação. — J. L. de V.].

Vedros); c) rostro, *rôsto,* rastro, *rasto,* *matrastra, *madrasta,* *deretrario, *derradeiro,* t(a)ratro, *trado,* aratro, *arado,* fratre, *frade.*

OBSERVAÇÃO I. — *Nostro* e *vostro,* comquanto não tivessem outro *r* além do da syllaba final, dérão tambem as fórmas **nosto* e **vosto,* nas quaes mais tarde foi o *t* assimilado ao *s,* ficando *nosso* e *vosso* [1].

OBSERVAÇÃO II. — Matre e patre dérão primeiro *madre* e *padre;* estas fórmas depois, provavelmente por influencia da linguagem infantil, contrária aos grupos, reduzírão-se a mare (que se encontra em português arch. Vide *Elucid.)* e **pare,* as quaes ainda se simplificárão em *mãe* e *pae.* A nasalisação de *mãe* é proveniente da consoante nasal *m* [2]. *Perrexil,* de petroselinum, e *Pero,* de Petro, são sem dúvida de introducção francesa, lingua em que é regular a troca do *tr* por *rr* (latrone, *larron* [3]).

3) MEDIAL

§ 98. LEI. — *T* medial-agrupado assimila a si a consoante que o antecede, excepto o *c* que se vocalisa; ex.: *a)* septimana, *settimana,* semana, rupto, **rôtto, rôto,* gutta, *gôta,* catto, *gato,* sagitta, *seta; b)* factitio, *feitiço,* doctore, *doitor* (ant. [4]).

c) **T** FINAL

§ 99. LEI. — *T* final latino, quer isolado, quer agrupado, cáe em português; ex.: *et, e,* aut, *ou,* amat, *ama,* caput, *cabo,* debent, *devem,* amant, *amão.*

OBSERVAÇÃO I. — Ésta quéda era quasi geral no latim vulgar já

[1] [Na sua *Grammatik der Roman. Spr.*, II, § 92, junta Meyer-Lübke outras fórmas reduzidas dos pronomes possessivos, como hesp. ant. *nueso, vueso,* e de varios dialectos *nos vos, nies vies* (de *noster voster).* Estas fórmas podem explicar-se por causa da proclise, como elle diz, e eu já antes tinha explicado aos meus alumnos (a respeito do português). — J. L. DE V.].

[2] [Já na minha *Evolução da linguagem,* pag. 74, eu tinha explicado *mãe,* por influencia da linguagem infantil, mas havia admittido como fórma intermedia **made,* e não *mare;* a fórma *mare* considerei-a como divergente ou dialectal. O nasalamento do *a* pelo *m* inicial expliquei-o tambem na *Revista Scientifica,* do Porto, pag. 199. Tanto em gallego, como em mirandês, ha ainda a fórma, sem nasalamento, *mai.* Em gallego ha tambem a fórma *nai,* que creio que ainda não foi explicada; explico a mudança do *m* em *n,* por dissimilação, na phrase-feita *miña mai;* isto é: *m... m, m... n.* Depois *nai* destacou-se como fórma independente. Ha outros factos analogos: assim o artigo *o* apresenta-se sem o *l* originario, por este ter cahido em ligações, taes como *delo, alo,* d'onde deo, ao; depois a fórma *o* destacou-se igualmente. — J. L. DE V.].

[3] Sobre *perrexil,* cfr. já Adolpho Coelho, *Quest. da ling. port.*, I, 416. — A fórma *Pero* não se póde explicar pelo francês. O *d,* de *Pedro,* cahiu provavelmente em proclise, para a palavra se abreviar, como é vulgar nos nomes proprios. Igualmente o nome de logar *Perafita,* de *Petra ficta* (ficta = fixa, de *figo;* a fórma *ficta* é dada por Theil, *Dicc. lat. fr.*, s. v. *figo),* perdeu o *d,* quanto a mim, pelo mesmo motivo; cfr. ainda *Perosello,* de *Pedroso.* — J. L. DE V.].

[4] Vide mais exemplos no § 78.

no seculo IV, como se deprehende de muitas inscripções d'essa epocha; quando não cahia, tinha um som fraco e quasi surdo. Houve antes mudança do *t* final em *d*.

OBSERVAÇÃO II. — No português archaico encontramos apenas a fórma *est* antes de vogal, que mais tarde foi substituida por *é;* ex.: «*hu est* a terra melhor». *(Canc. de D. Dinis).*

§ 100. O grupo *ti* medial; isto é: *t* seguido de *e* ou *i* em hiato, começou bem cêdo a ser modificado no latim. Por influencia da semivogal, já no seculo V tinha o *t* tomado um som sibilante (gratia pronunciava-se *gratsia* ou *gratsa).* As modificações que soffre na sua passagem para o português, são:

a) Se está precedido de vogal ou consoante (que não seja *s* ou *x)* e seguido de vogal, converte-se o *t* em *s* brando (que se escreve *ç* ou *z),* ao passo que cáe a semi-vogal; ex.: *a)* acutiare, *aguçar,* *avis strutio, *abestruz,* platea, *praça,* palatio, *paço* *cupiditia, *cubiça,* mollitia, *molleza,* tristitia, *tristeza,* duritia, *dureza;* *b)* captiare, *caçar,* *tractiare, *traçar,* linteolo, *lençol,* linteo, *lenço,* presentia, *presença.*

OBSERVAÇÃO. — Aquellas palavras em que o *t* nestes casos ficou inalterado, como *palacio, infancia,* pertencem á lingua litteraria ou soffrêrão influencia erudita, como mostrão entre outras as palavras archaicas *pacente* e *pendença,* que hoje se dizem *paciente* e *penitencia.*

b) Se está precedido das consoantes *s* ou *x* conserva-se inalterado; ex.: questione, *questão,* estivo, *estio,* cr(h)istiano, *christão.*

II. — D

a) D ISOLADO

1) INICIAL

§ 101. LEI. — *D* inicial passa inalterado para português; ex.: dom(i)na, *dona,* dom'nicella, *donzella,* dicere, *dizer,* duro, *duro,* dejectare, *deitar.*

OBSERVAÇÃO. — Em delphino, *golfinho,* passou por excepção o *d* para *g.* Não haveria aqui influencia de falsa etymologia, *golfo* ou *golfar?*

2) MEDIAL

§ 102. LEI. — *D* medial cáe em português; ex.: crudele, *cruel,* credere, *crer,* sedere, *ser,* videre, *ver,* gradu, *grau,* tepido, *tibio,* judice, *juiz,* praedicare, *prégar,* hedera, *hera,* radice, *raiz.*

OBSERVAÇÃO I. — Muitas palavras em que o *d* medial tinha cahido segundo a regra acima dada, soffrêrão depois influencia erudita, como parecem indicar, além d'outras, as archaicas loar, oyr, increo, que hoje se dizem *louvar, ouvir, incredulo.*

OBSERVAÇÃO II. — O *d* trocou-se excepcionalmente pelas liquidas

em judicare, *julgar*, Egidio, *Gil*, cicada, *cigarra*. (Vide § 107, obs. II [1]).

3) FINAL

§ 103. Lei. — *D* final em poucas palavras apparece em latim, e nessas cáe em português; ex.: *ad, a, quid, que.*

b) D AGRUPADO

1) INICIAL

§ 104. Lei. — *D* agrupado-inicial só fórma o grupo *dr*, que passa inalterado para português; ex.: dracone, *dragão*.

2) MEDIAL-INICIAL

§ 105. Temos aqui de attender a duas circumstancias indispensaveis: ou o *d* está seguido de vogal ou de consoante.

No 1.º caso, isto é, *d* agrupado-medial-inicial seguido de vogal passa inalterado para português; ex.: cardo, *cardo*, ordine, *ordem*, perdice, *perdiz*, vendere, *vender*, unde, *onde*, grande, *grande*, cal(i)do, *caldo*, soldato, *soldado*, perdi(t)a, *perda*, vendi(t)a, *venda*.

Observação. — O *d* cahiu por excepção em vindicare, *vingar*, fundibulo, *funil* e ad-satis, *assaz;* nesta ultima palavra, porém, houve antes assimilação do *d* ao *s* do que quéda [2].

No 2.º caso, isto é, *d* agrupado-medial-inicial seguido de consoante só fórma, como o agrupado-inicial, o grupo *dr*, que ou permanece intacto, ou se reduz a *ir: a)* quadro, *quadro*, quadrato, *quadrado*, Adriano, *Adrião*, cedro, *cedro*, Edral (nome proprio de logar derivado de hed(e)ra); *b)* catedra, *cadeira*, quadraginta, *quarenta*, quadragesima, *quaresma*, *quadrella, *courella* [3].

c) D SEGUIDO DA SEMI-VOGAL I

§ 106. Lei. — *D* seguido da semi-vogal *i*, e precedido, quer de consoante, quer de vogal, cáe, e a semi-vogal ou se combina com a vogal antecedente, ou toma o seu costumado som sibillante (na gra-

1 [Com *Gil* cfr. o fr. *Gilles*. A fórma *julgar* já a expliquei supra, pag. 285, nota 3. Quanto a *cigarra*, ésta fórma é um pouco difficil de explicar: cfr. Cornu, *ob. cit.*, § 202. Não se poderia admittir o suffixo *-arra* em cicada (* cicadarra, * *cigaarra, cigarra)?* — J. L. de V.].

2 [Em vindicare não houve quéda do *d*, mas assimilação, depois da syncope do *i* protonico * *vind(i)gar* (cfr. supra, pag. 285, nota 3). *Funil* não veio de *fundibulum*, mas sim de * infundile: Cornu, § 205 (houve assimilação de *d* a *n*, como em pop. *inàgora* = *inda agora*, etc.). *Assaz* não vem de *ad satis*, mas de ad satiem, como mostrei na *Rev. Lusit.*, II, 267 (o *d* foi assimilado ao *s*). — J. L. de V.].

3 Por metathese * quadrella, donde *courella*. [Devia antes ter sido * *codrella* (cfr. ant. *cotrim*, pop. *corenta*, pop. *coresma*, etc.), e depois *coirella* = *courella*, pela mudança de *dr* em *ir*, e correspondencia de *oi* a *ou*. — J. L. de V.].

phia *i* ou *g)*; ex: *a)* badio, *baio,* modio, *moio,* fastidio, *fastio,* perfidia, *perfia* (arch.), *perfidia,* radio, *raio,* medio, *meio,* podio, *apoio; b)* video, *vêjo,* *dissidio, *desejo,* hodie, *hoje,* invidia, *inveja,* sedea, *seja.*

Observação i. — Se o grupo *dj* está precedido de *n,* então cáe a semi-vogal, molhando o *n;* ex.: ver(e)cundia, *vergonha,* Borgundia, *Borgonha.*

Observação ii. — Em audio, *ouço,* ardeo, *arço* (arch.), *ardo,* gaudio, *gôso,* deu-se primeiro a troca do *d* em *t,* e depois o grupo assim formado *tj,* seguiu a regra geral. (Vide § 100 *a).*

III. — S

a) S ISOLADO

1) INICIAL

§ 107. Lei. — *S* inicial passa inalterado para português; ex.: salute, *saude,* sano, *são,* serpente, *serpente,* solo, *só,* servitio, *serviço,* silva, *selva,* sapone, *sabão.*

2) MEDIAL

§ 108. Lei. — *S* medial, já originario, já por quéda de consoante, passa em português de spirante forte a branda; isto é: *z;* ex.: causa, *coisa*, rosa, *rosa*, casu, *caso*, fuso, *fuso*, t(h)esauro, *tesoiro*, pausare, *poisar*, spo(n)so, *esposo*, me(n)sura, *mesura* (arch.), co(n)suere, *coser,* pe(n)sare, *pesar.*

3) FINAL

§ 109. Lei.—*S* final conserva-se em português; ex.: coro(n)as, *coroas*, do(l)ores, *dores*, dom(i)nos, *donos*, naris, *naris*, deus, *deus*, debes, *deves*, amatis, *amaes*, vestitis, *vestis* [1].

b) S AGRUPADO

1) INICIAL

§ 110. Lei. — *S* inicial toma em português um *e* prothesico; ex.: *scalata, *escada*, scribere, *escrever*, spata, *espada*, scuto, *escudo*, stella, *estrêlla*, spica, *espiga.*

Observação i. — Esta prothese do *e* (ĭ na origem) que se dá no

[1] [Sobre a manutenção do *s* final em português vide Adolpho Coelho, *Questões da ling. port.*, i, 346 seg. — A fórma *naris* não pertence aos casos estudados pelo Sr. Nunes, pois que a boa orthographia é *nariz,* com *z*. Esta palavra não póde vir do lat. *naris,* cujo accusativo daria em português *nar*. Em hesp. ha *nariz,* tambem com *z*. Deve pois ter havido no lat. vulg. da Hispania a fórma *narīx *narīcem (cfr. Diez, *Gr. des l. rom.*, i, 47). E' só ésta fórma que póde explicar os derivados *narigão* (*nariconem), *narigudo* (*naricutus), etc.: cfr. *perdigão, perdigoto.*—A *Demanda do St. Graal.*, pag. 6, tem *narçes* (por *ventas*).—J. L. de V.].

português como nas demais linguas romanicas, provém já do latim vulgar, o que se deduz de grande numero de inscripções e manuscriptos latinos. (Vide Schuchardt, *Vokalismus*, II, 338 fol.).

OBSERVAÇÃO II. — Spasmo, que se tornou *pasmo* no latim vulgar, deu a fórma portuguesa *pasmo* [1].

b) MEDIAL-INICIAL E MEDIAL

§ 111. LEI. — *S* medial-inicial e simplesmente medial passa inalterado para português; ex.: *a)* averso, *avesso*, urso, *usso* (arch.), *urso*, persico, *pessego*, persona, *pessôa*, insulso, *insôsso*, bursa, *bôlsa*; *b)* visco, *visco*, musca, *mosca*, masticare, *mastigar*, musto, *môsto*, mi(n)isterio, *mister*, vespa, *vespa*, mo(n)stare, *mostrar*, repos(i)ta, *resposta* ou melhor *reposta* (pop.), as(i)no, *asno*.

OBSERVAÇÃO I. — Em *insulfure, *enxôfre*, insapido, *enxabido*, insertare, *enxertar*, e em geral nas geminações, vessica, *bexiga*, passione, *paixão*, grassa, *graxa*, basso, *báxo* (pop.), *baixo*, conservou-se o *s* forte, mas sob a fórma *x*.

OBSERVAÇÃO II. — Nalgumas palavras *s* medial agrupado não inicial assimilou a si a consoante seguinte, continuando a ter o seu som forte, como em nostro, **nosto*, *nosso*, vostro, **vosto*, *vosso*, musto, *mosso*, *moço (?)* [2]. Este mesmo phenomeno dava-se já no latim classico, onde encontramos caesus por **caestus*, de **caedtus*, missus por **mistus*, de **mittus*.

c) S SEGUIDO DA SEMI-VOGAL I

§ 112. LEI. — *S* seguido da semi-vogal *i* transpõe-se para além d'esta, que se une á vogal antecedente e toma um som brando, isto é, *j*; ex: basio, *beijo*, caseo, *queijo*, *phaseolano, *feijão*, ecclesia, *egrêja*, cervisia, *cervêja*, laesione, *aleijão*.

OBSERVAÇÃO. — O *a* d'esta ultima palavra *aleijão* foi provavelmente o artigo que precedia a antiga fórma *leijão* e depois se lhe ajuntou; a lingua litteraria diz *lesão*.

IV. — Z [3]

§ 113. O *z* latino, que era um signal tirado do grego e soava *ds*, em poucas palavras portuguesas de formação popular se encontra, e nessas, se era inicial passou para *c*, se medial deu *z*; ex.: *a)* zeloso, *ciôso*, zelo, *cio*; *b)* baptizare, *boutisar* (arch.), *baptizar*, lazaro, *lazaro*.

1 Pela similhança de som tambem cahiu o *s* original em *centêlha*, de scintilla [aliás, de *sciutillea. — J. L. DE V.].

2 [*Moço* não se póde explicar effectivamente por *mustus*; deve explicar-se, como creio que tambem já me lembrou o Sr. Epiphanio Dias, por musteus. — J. L. DE V.].

3 Não confundir este *z* com o proveniente de *s* entre vogaes.

OBSERVAÇÃO. — *Zeloso, zelo, zona* (de *zeloso, zelo, zona*), pertencem á lingua litteraria.

CAPITULO IV

Familia das labiaes

§ 114. A familia das labiaes comprehende em latim duas explosivas, uma forte *p*, outra branda *b*, e duas continuas, *f* forte e *v* branda.

A caracteristica d'esta familia é a troca do *p* pelo *b*, e d'esta por *v* quando entre vogaes ou precedidas de vogal e seguidas da liquida *r*.

I. — P

a) P ISOLADO

1) INICIAL

§ 115. LEI. — *P* inicial passa inalterado para português; ex.: pacare, *pagar*, patre, *padre*, pecto, *peito*, pisce, *peixe*, *pul(i)ca, *pulga*, postico, *postigo*.

OBSERVAÇÃO. — Pustula e *pantuc(u)lo, que dérão em português *bostella* e *bandulho*, tinhão-se provavelmente tornado *bustella e *banduc(u)lo já no latim vulgar, pois que o proprio latim classico nos offerece as fórmas burrus de *pyrros* e bibere, da raiz sanscrita *p*, a que deu *potare*, *potare*. (Vide obs. ao § seguinte).

2) MEDIAL

§ 116. LEI. — *P* medial abranda em português na explosiva branda correspondente, *b*; ex: *riparia, *ribeira*, cupa, *cuba*, capistro, *cabresto* [1], pipita, *pevide*, *capitia, *cabeça*, sapere, *saber*, caput, *cabo*, cupiditia, *cubiça*, caepulla, *cebôlla*, capillo, cabello.

OBSERVAÇÃO. — Nalgumas palavras, como populo, scopa, o *p* medial, depois de ter abrandado em *b*, passou para *v*, dando *povo*, *pobo* (arch.) e *escôva*.

b) P AGRUPADO

1) INICIAL

§ 117. *P* agrupado inicial só fórma em latim verdadeiros grupos com *l* ou *r*, os quaes são tratados da seguinte maneira:

1.º grupo, *pl)*. — Este grupo passa para português sob a fórma *ch*; ex.: plorare, *chorar*, plus, *chus*, plaga, *chaga*, plancto, *chanto*, (arch.), *pranto*, plantare, *chantar* (arch.), *plantar*, plato, *chato*, plumbo, *chumbo*.

OBSERVAÇÃO. — A existencia da fórma *pr* ao lado de *ch* explica-se por influencia litteraria e cuidado em evitar os homonymos, como se

[1] Por metathese.

deprehende do archaico *chanto* convertido em *pranto*, e *chato*, *chegar*, com *prato* e *pregar*. *Lhano* é palavra hespanhola, em cuja lingua o *pl* latino deu *ll*.

2.º grupo, *pr)*. — Este grupo passa inalterado para português; ex.: praeda, *préa*, prora, *prôa* [1], precepto, *preceito*, pretio, *preço*, pre(n)so, *preso*, praecone, *pregão*.

Observação. — Em *pruneo, brunho abrandou o *p* em *b* por excepção neste caso.

2) MEDIAL-INICIAL

§ 118. *P* medial inicial fórma em latim os grupos *pl*, *pr*, *pt*, *pd*, *ps*, cuja historia é a seguinte:

1.º grupo, *pl)*. — Neste grupo temos de distinguir dois casos: ou está precedido de vogal ou de consoante. E assim:

No 1.º caso; isto é: *pl* precedido de vogal deu em português *lh*; ex.: scop(u)lo, *escôlho*, *manup(u)lo, *manôlho*.

No 2.º caso; isto é: *pl* precedido de consoante passou para português sob a fórma *ch*, como *pl* inicial; ex.: implere, *encher*, amplo, *ancho*.

Observação. — A existencia da fórma *pr* neste caso provém de influencia litteraria. (Compare-se *encher* e *emprir)*.

2.º grupo, *pr)*. — Este grupo, se está precedido de consoante, passa inalterado para português, se de vogal, abranda em *br*; ex.: *a)* comp(a)rare, *comprar*, approbare, *approvar*, *dispretiare, *desprezar*; *b)* cupro, *cubro*, paup(e)re, *pobre*, aprile, *abril*, lep(o)re, *lébre*, capra, *cabra*, sup(e)rare, *sobrar*, op(e)ra, *óbra*.

3.º grupo, *pl*, *pd)*. — Estes grupos perdem o *p* na sua passagem para português; ex.: rupto, *ruto*, nepta, *neta*, comp(u)tare, *contar*, comp(u)to, *conto*, septem, *sete*, prompto, *pronto* [2].

Observação. — Em português archaico ha a fórma *boutizar* e *cautivo*; na lingua moderna ha *receita* e *conceito*.

4.º grupo, *ps)*. — Neste grupo o *p* assimila-se ao *s*; ex.: gypso, *gêsso*, ipse, *êsse*.

§ 119. Fóra d'estes casos *p* medial-inicial conserva-se em português; ex.: comparescere, *comparecer*, compassione, *compaixão*, pulpa, *polpa*, turpe, *tôrpe*, ampulla, *empôlla*.

3) MEDIAL

§ 120. Lei. — *P* agrupado medial só se encontra geminado, e, segundo a regra, reduz-se a simples, como stuppa, *estopa*.

c) **P** SEGUIDO DA SEMI-VOGAL **I**

§ 121. Lei. — *P* seguido da semi-vogal *i* transpõe-se para diante

[1] Por dissimilação.
[2] *Prompto* em obediencia á etymologia.

d'esta, que se une á vogal antecedente e abranda em *b*; ex.: sapia, *saiba*, *sapio, *saibo* (popular), *sabio*, capio, *caibo*.

OBSERVAÇÃO. — O *p* permaneceu inalterado em apio, *aipo*. Em pipiare, *piar* cahiu por dissimilação a syllaba *pi*.

II. — B

a) B ISOLADO

1) INICIAL

§ 122. LEI. — *B* inicial passa inalterado para português: badio, *baio*, bestia, *besta*, bibere, *beber*, bove, *boi*, batt(u)ere, *bater*, buccina, *bozina*.

2) MEDIAL

§ 123. LEI. — *B* medial permuta com a spirante branda correspondente, *v*; ex.: trabe, *trave*, caballo, *cavallo*, hyberno, *inverno*, faba, *fava*, mirabilia, *maravilha*, taberna, *taverna*, abante, *avante*, adprobare, *approvar*.

OBSERVAÇÃO I. — A conservação do *b* medial em muitas palavras da camada popular da lingua, como bibere, *beber*, sabuco, *sabugo*, é devida, além da influencia erudita, á confusão que se produzia entre o *b* e o *v*, dizendo-se ao mesmo tempo *taberna* e *taverna*, *tabão* e *tavão*, de *taberna* e *tabano*.

OBSERVAÇÃO II. — Depois de se ter mudado em *v*, cahiu o *b* nestas palavras: *debuto, *deudo* (arch.), *devido*, marrubio, *marroio*, ibi, *hy* (arch.), *ahi* (*a* prothesico), e nos imperfeitos do indicativo dos verbos da 2.ª e 4.ª conjugações latinas debebam, vestiebam; a quéda, porém, nestas fórmas verbaes remonta já ao latim vulgar, que dizia *devea, *vestia. A quéda do *b* em prebenda, *prenda*, foi sem dúvida motivada pela nasalização do *e* [1]. *Canhamo*, *mormo*, *plomo*, arch. *chumbo*, e *amos*, arch. *ambos* (de cannabo, morbo, plumbo), são de introducção hespanhola, onde esse processo é regular (ex.: *plumbo*, *plomo*, *lambere*, *lamer*, etc.). A' cêrca da quéda do *v* medial isolado, veja-se § 128.

b) B AGRUPADO

1) INICIAL

§ 124. *B* agrupado inicial só fórma os grupos *bl*, *br*.

1.º grupo, *bl*). — Neste grupo o *l* permuta com o *r*; ex.: blando, *brando*.

2.º grupo, *br*). — Este grupo passa sem alteração para português; ex.: bruto, *bruto*, brac(h)io, *braço*, bracas, *bragas*.

1 [Cornu, *ob. cit.*, §§ 7 e 106, explica *prenda* de outro modo. — J. L. DE V.].

2) MEDIAL-INICIAL

§ 125. *B* medial-inicial póde em latim: ou estar precedido de consoante e seguido de vogal; ou ter antes d'elle uma vogal e depois uma consoante. E assim:

No 1.° caso; isto é: *b* medial-inicial, precedido de consoante e seguido de vogal, passa inalterado para português, excepto se a consoante que o precede é alguma das liquidas *l* ou *r*, porque então abranda em *v;* ex.: *a)* abbate, *abbade,* palumbo, *pombo; b)* herba, *erva,* carbone, *carvão,* sorbere, *sorver,* alba, *alva,* arbitrio, *alvedrio.*

No 2.° caso; isto é: *b* medial-inicial, precedido de vogal e seguido de consoante, fórma os grupos *bl, br, bs,* que são tratados da maneira seguinte:

1.° grupo, *bl).* — Neste grupo o *l* permuta com o *r,* como no inicial; ex.: nob(i)le, *nobre,* sab(u)lo, *saibro.*

Observação i. — Por influencia da liquida, o *bl* de parab(u)la trocou-se por *vr,* palavra.

Observação ii. — Em rab(u)lare, trib(u)lare e *fab(u)lare, que dérão em português *ralhar, trilhar* e *fallar,* o *b* assimilou-se ao *l* [1]).

2.° grupo, *br).* — Este grupo passa para português ou inalterado ou sob a fórma *vr;* ex.: *a)* colubra, *cobra,* febre, *febre,* insalubre, *salôbro; b)* lab(o)rare, *lavrar,* lib(e)rare, *livrar,* libro, *livro,* tenebras, *trevas.*

Observação. — Em cribro, *crivo,* cahiu o *r* por dissimilação.

3.° grupo, *bs).* — O *b* cáe neste grupo, provavelmente depois de se ter assimilado ao *s;* ex.: obscuro, *escuro,* absco(n)so, *escuso,* abscondere, *asconder* (arch.), *esconder,* observare, *osservar* (pop.), *observar,* substantia, *sustãinça* (pop.), *substancia.*

Observação. — As fórmas *ausencia, austinado,* pop., e *austinente,* arch. (de absentia, obstinado, e abstinente), explicão-se, a nosso vêr, pelo abrandamento do *b* em *u* semi-vogal.

c) **B** SEGUIDO DE SEMI-VOGAL **i**

§ 126. Lei. — *B* seguido da semi-vogal *i;* isto é: de *e* ou *i* em hiato, ou cáe, consonantizando-se á semi-vogal, ou passa para além d'esta, que se une á vogal antecedente, e é depois tratado como *b* medial-isolado; isto é: abranda em *v;* ex.: *a)* habea, *haja; b)* rubeo, *ruivo,* rabia, *raiva.*

[1] [*Ralhar* parece ter a mesma origem que o fr. *railler.* — *Trilhar* suppõe, ao que parece, *tribuleare, onde *le* + vog. dava normalmente *lh.* A' cêrca de *fallar,* cfr. o meu opusculo *O gralho depennado,* 3.ª ed., pag. 47 e seg. — J. L. de V.].

III. — V

a) V ISOLADO

1) INICIAL

§ 127. Lei. — *V* inicial permanece em português; ex.: valere, *valer*, veritate, *verdade*, vino, *vinho*, voce, *voz*, vena, *veia*, vidua, *viuva*, vinea, *vinha*, volare, *voar*.

Observação i. — Ha alguns exemplos de *v* inicial mudado em *b*, mas é de crêr que já nos viessem assim do latim onde esse phenomeno era frequente, como vagina, *bainha*, vessica, *bexiga*, vulture, *abutre*, voto, *bôdo*, vorsare, *bolsar* (o leite).

Observação ii. — A maneira como os germanos pronunciavão seu *w* inicial; isto é: *gu* (werra, *guerra*, wardan, *guardar*, wisa, *guisa*, warjan, *guarir)* influiu na troca do *v* latino inicial por *g* nestas palavras: vorace, *goraz*, vomitare, *gomitar*, pop., vulpec(u)la, *golpêlha*, archaico [1].

2) MEDIAL

§ 128. *V* medial póde em português:

1.° Conservar-se inalterado; ex.: avena, *aveia*, levare, *levar*, gingiva, *gingiva*, nave, *nau*, novo, *nôvo*, pavone, *pavão*, pavore, *pavor*, novem, *nove*.

2.° Cahir; ex.: civitate, *cidade*, aestivo, *estio*, rivo, *rio*, bove, *boi*, vacivo, *vazio*, e nas fórmas do preterito da primeira e quarta conjugações, amavi, *amei*, vestivi, *vesti* [2].

Observação. — A quéda do *v* explica-se nas fórmas em que se lhe seguia *u*, como em vacivu(m), *aestivu(m)*, rivu(m) pela maneira como elle se escrevia, quando medial isolado; isto é: *u*, ficando assim duas lettras iguaes vaciuu(m), aestiuu(m) [3].

b) V AGRUPADO

MEDIAL-INICIAL

§ 129. Lei. — *V* agrupado só se encontra em latim no meio de palavras constituindo a primeira lettra de syllaba, e passa inalterado

[1] Usado neste proverbio: o lôbo e a golpêlha — fizeram uma conselha.

[2] [Em *cidade*, de * *civ'dade*, o *v* não estava entre vogaes. — A terminação e suffixo -ivus, -iva, dão *-io*, *-ia*, excepto em *vivo* (Cornu, *loc. cit.*, § 190); ésta excepção póde explicar-se por influencia de *viver*. — A fórma *boi* mal se póde explicar por bove(m), desde o momento que temos *nove*, de nove(m), nas mesmas condições; no lat. vulg. devia haver boe(m) (cfr. Meyer, *Gr. des l. rom.*, i, § 279), que explica o ital. *bue*. As fórmas do lat. litterario *boarius*, *boatim* e *boatus* justificão a fórma boe(m). — A syncope do *v* no preterito já provém tambem do lat. vulg.; no proprio latim litterario se encontra amarunt, amaram, audissem, etc. — J. L. de V.].

[3] [A escrita não podia influir na pronúncia neste caso. Sería melhor dizer: como o som do *u* intervocalico ou *v* se approximava do do *u* seguinte, estes dois sons fundírão-se num: -iuus, -ius. — J. L. de V.].

para português; ex.: calvo, *calvo*, corvo, *corvo*, cervisia, *cerveja*, malva, *malva*, silva, *selva*.

Observação. — Em pulvere, *pó*, cahiu toda a parte metatonica, conservando-se porém em *polvora*, que se nos afigura pertencer á lingua litteraria [1].

c) V SEGUIDO DA SEMI-VOGAL I

§ 130. Lei. — *V* seguido da semi-vogal *i*; isto é: de *e* ou *i*, formando hiato, cáe em português, e a semi-vogal ou se consonantiza ou se une á vogal antecedente; ex.: *a)* leviario, *ligeiro*, fovea, *fôjo*; *b)* caveolla, *gaiolla*.

d) EPENTHESE DO V

§ 131. Nalgumas palavras introduziu o português um *v* não original; ex.: pluere, *chover*, caule, *couve*, claudere, *chouvir* (arch.), audire, *ouvir*, gaudere, *gouvir* (arch.), laudare, *louvar* [2].

IV. — F (PH)

a) F ISOLADO

1) INICIAL

§ 132. Lei. — *F* inicial passa inalterado para português; ex.: faba, *fava*, fide, *fé*, filia, *filha*, femina, *femea*, folia, *fôlha*, phaseolano, *feijão*, phasiano, *faisão*.

Observação. — O *f* inicial acha-se representado por *h* em *foetibundo, *hediondo*, mas ésta palavra foi introduzida do hespanhol, onde este processo é regular (facere = *hacer)*; o *ph* inicial está representado por *b* em phantasma, *abantesma*, pop.

2) MEDIAL

§ 133. Lei. — *F* medial permanece em português como o inicial; ex.: professione, *profissão*, propheta, *profeta*, golpho, *gôlfo*.

Observação i. — Nalgumas palavras *f* medial trocou-se por *v*, como em *acifolio *(= aquifolio)*, azevo (em *azevinho)*, Christophano, *Christovão*, Stephano, *Estevão* [3].

[1] [A fórma *pó* tem de se explicar por *pulvu(m), *puluu, *pulu (cfr. -iuus, -ius), **polo, poo, pó* (cfr. hesp. *polvo)*. A fórma *polvora* não me parece de origem litteraria. — J. L. de V.].

[2] [Como se vê, a epenthese, ou antes desenvolvimento, de *v* só se dá entre *u* e vogal; esse *v* resulta da consonantização de uma semi-vogal, que representarei por *w*, tendo nós assim: caule, **caue*, **coue*, *couwe*, *couve;* e o mesmo para os outros casos. — J. L. de V.].

[3] [Cfr. tambem Cornu, § 185. A mudança do *f* intervocalico em *v* é que deve ser o phenomeno primitivo e proprio da lingua. A conservação do *f* em *profeta*, *profissão*, etc., é de origem litteraria. — J. L. de V.].

Observação ii. — *Ph* tinha-se reduzido a *p* ou *f* em latim vulgar, como se vê em colapho e tropheo, que elle dizia **colpo* e *trofeo* (golpe e trofeu).

b) F AGRUPADO

INICIAL-MEDIAL

§ 134. *F* agrupado, quer inicial, quer medial, só fórma em latim os grupos *fl* e *fr*, que fôrão tratados da maneira seguinte:

1.º grupo, *fl*). — Este grupo passa para português sob a fórma *ch*; ex.: *a)* inicial: flamma, *chamma*, *flagrare [1], *cheirar*; *b)* medial: inflare, *inchar*, afflar (arch.), *achar*.

Observação. — Por influencia erudita a fórma *fl* foi substituida por *fr*, como tambem succedeu ao grupo *pl*, que, como vimos, se encontra em português sob dois aspectos, *ch* e *pr*. Ex.: inicial: flagello, *fragello* (pop.), *flagello*, flocco, *froco*, flor, *fror* (arch.), *flôr*, flacco, *fraco*.

2.º grupo, *fr*). — Este grupo passa inalterado para português; ex.: inicial: fratre, *frade*, freno, *freio*, fricare, *es-fregar*, fronte, *fronte*; medial: suff(e)ro, sôfro, *sulf(u)re*, *en-xôfre*.

Observação. — No termo archaico *abrigo*, de africo, deu-se a troca do *f* por *b*.

c) F SEGUIDO DA SEMI-VOGAL i

§ 135. Lei. — *F* seguido da semi-vogal *i*; isto é: *e* ou *i* em hiato, transpõe-se para além da semi-vogal, que se une á que a precede; ex.: cofea, *coifa*.

CAPITULO V

Liquidas e nasaes

§ 136. As liquidas são *r*, *l*, pertencentes ambas á familia das dentaes; as nasaes são *m*, nasal labial, e *n*, nasal dental.

As alterações mais sensiveis que estas consoantes soffrêrão fôrão, além da troca entre si, a quéda do *l* e do *n*, quando entre vogaes, e a intercalação, para facilidade da pronúncia, da consoante labial *b* nos grupos *m'r*, *m'l*.

I. — R

a) R ISOLADO

1) INICIAL-MEDIAL

§ 137. Lei. — *R*, quer inicial, quer medial, quer final, passa sem alteração para português; ex.: *a)* inicial: ratione, *razão* ou *ração*, recipere, *receber*, rege, *rei*, radice, *raiz*, rota, *roda*, rivo, *rio*, radio, *raio*; *b)* medial: aeramen, *arame*, corona, *corôa*, dolore, *door* (arch.), *dôr*, arena, *arêia*.

[1] Pela troca do *r* originario em *l*.

Observação i. — Em coriandro, *coendro*, prora, *prôa*, como noutras palavras em que se encontrava agrupado, cahiu um *r* por dissimilação.

Observação ii. — *R* medial-isolado tinha já em latim vulgar tendencia para permutar com a outra liquida *l*. Por isso é que peregrino, *paraveredo*, tornados **pelegrino* e **palafredo*, dérão em português *pelingrino* (pop.) e *palafrem* [1].

2) FINAL

§ 138. Lei. — *R* tornado final pela quéda de vogal permanece tambem inalterado em português; ex.: amore, *amor*, debere, *dever*, favore, *favor*, pavore, *pavor*.

Observação. — Em papiro, *papel*, ver(e)dario, *vergel*, deu-se igualmente a já conhecida troca do *l* por *r* [2].

b) R AGRUPADO

MEDIAL

§ 139. *R* agrupado só se encontra em latim como medial; isto é: junta a outra consoante, sem constituir a primeira lettra da syllaba, e neste caso fórma os grupos *cr*, *gr*, *tr*, *dr*, *pr*, *br*, *fr*, de que tratamos nos respectivos logares, e mais o grupo *rs*. Neste grupo o *r* assimila-se ao *s*; ex.: averso, *avesso*, persona, *pessôa*, persico, *pessego*, urso, *usso* (arch.), *urso*, traverso, *travesso*.

Observação i. — Esta assimilação remonta já ao latim vulgar, que dizia avesso, pessona, pessico, usso, etc. Em *bursa, por excepção neste caso, trocou-se o *r* por *l*, ficando *bôlsa*.

Observação ii. — Fóra d'aquelles grupos, na maioria dos quaes permanece, o *r* agrupado-medial passa inalterado para português [3]; ex.: vermic(u)lo, *vermêlho*, terra, *terra*, currere, *correr*, ferrugine, *ferrugem*, furca, *fôrca*, carne, *carne*, gurdo, *gôrdo*, turno, *tôrno*.

c) R SEGUIDO DA SEMI-VOGAL I

§ 140. Lei. — *R* seguido da semi-vogal *i*; isto é: de *l* ou *i* em hiato, transpõe-se para além da semi-vogal que se une á que a precede; ex.: *morio, *moiro* (arch.), *morro*, corio, *coiro*, area, *eira*, monasterio, *mosteiro*, salario, *salairo*, materia, *madeira*, e todos os nomes terminados em *-ario*.

[1] [Sobre *palafrem* vide Diez, *Et. Wört.*, i, s. v. *palafreno*. E' provavel que a palavra portuguesa provenha immediatamente do hesp. *palafren*. — J. L. de V.].

[2] [Estas duas fórmas são difficeis de explicar. *Papel* é fórma recente, se não o *p* intervocalico teria dado *b*. Cfr. Meyer, i, § 17, pag. 35. *Vergel* não póde vir directamente de ** ver'dario*, nem de *viridiarium*; não será apenas o fr. *verger* (com dissimilação do *r* final)? — J. L. de V.].

[3] Se o grupo seguinte o não repelle para facilidade de pronunciação como em *sarc(u)lo*, *sacho*.

METATHESE E EPENTHESE DO R

§ 141. O *r* é uma consoante muito mobil, e como tal transpõe-se com frequencia, attrahida principalmente por outra consoante; ex.: tenebras, *trevas*, ferrestra, *fresta*, capistro, *cabresto*, crepare, *quebrar*, instrumento, *estormento* (arch.), *instrumento*, pagro, *pargo*, mer(u)lo, *melro*.

§ 142. Em algumas palavras portuguêsas foi intercalado um *r* de origem não latina; ex.: stella, *estrêlla*, tonare, *troar* [1].

II. — L

a) L ISOLADO

1) INICIAL

§ 143. Lei. — *L* inicial permanece inalterado em português; ex.: lab(o)rare, *lavrar*, lacte, *leite*, lectione, *lição*, *lacusta, *lagosta*, lucere, *luzir*, legere, *ler*, lumen, *lume*.

Observação. — *L* inicial mudou-se em *r* por dissimilação em *luscinolo, *rouxinol*, e cahiu na palavra persica *lazvard*, que deu *azul*, por ser considerado falsamente como artigo. Em nivel (que tambem se diz *livel)*, de libello, trocou-se o *l* inicial por excepção em *n* [2].

2) MEDIAL

§ 144. Lei. — *L* medial cáe em português: angelo, *angeo*, *anjo*, aquila, *aguia*, calumnia (arch.), *calumnia*, caelo, *céo*, malo, *mau*, molere, *moer*, palatio, *paaço* (arch.), *paço*, palumbo, *pombo*, dolore, *door* (arch.), *dôr*, volare, *voar*, avolo, *avó*, populo, *poboo* (arch.), *povo*, alumen, *ahume* (arch.), palo, *pau*.

Observação i. — Esta quéda do *l* intervocalico, que constitue uma das feições mais caracteristicas da lingua portuguêsa, talvez se possa explicar pela vocalização do *l* e absorpção da vogal d'ahi resultante por qualquer das que o cércão.

Observação ii. — Nas palavras em que, ao contrario da lei antecedente, se conservou o *l* intervocalico, devemos admittir influencia erudita, como em *fortalitia, *fortaleza*, delere, *delir*, o que se de-

[1] [Nestas palavras o *r* é analogico: em *estrella*, por influencia de *astrum* (cf. o meu opusculo *O gralho depennado*, 3.ª ed., pag. 102); em *troar*, *trom*, por influencia, quanto a mim, de **tronitus* = *tonitrus;* isto é: *ex-tronitus, que deu o port. *estrondo* e o hesp. *estruendo*. — J. L. de V.].

[2] [A par de *livél* tambem se dizia *olivél* (cfr. D. Carolina Michaëlis, *Studien sur Hispan. Wortdeut.*, § 17, n.º 4); o *l* provém de dissimilação, *l*...*l* = *n*...*l*, como em *novêlo*, de *lobello (de *globellus). Na fórma actual *nível* houve deslocamento de accento, certamente por analogia com os nomes acabados em *-ível*, como *crível*, *temível*, etc. — J. L. de V.].

prehende da existencia de fórmas com elle e sem elle; ex.: polir e *poir*, gelar [1] e *gear*, palaciano e *paação* (archaico [2]).

OBSERVAÇÃO III. — A mesma troca que ás vezes soffreu o *d* (por *l*) tambem se encontra no *l*, quer inicial, quer medial, como em laxare, *leixar* (arch.), *deixar*, amylo, *amido* [3]. Demais, ésta troca era já conhecida do latim archaico, que dizia dacruma, dingua, em vez de *lacrima*, *lingua*. Tambem permutou com o *r* ém pucaro (poculo), *pardo* (pal'do), e frequentemente nos grupos *cl*, *pl*, *gl*, *bl* [4].

3) FINAL

§ 145. LEI. — *L* tornado final pela quéda da vogal seguinte persiste em português; ex.: amabile, *amavel*.

b) L AGRUPADO

MEDIAL

§ 146. *L* agrupado só se encontra em latim, como medial; isto é: seguido d'outra consoante, e passa inalterado para português; ex: *colpo, *golpe*, cal(i)do, *caldo*, albo, *alvo*, pulmone, *pulmão*, capillo, *cabello*, cavallo, *cavallo*, ille, *elle*, villa, *villa*.

[1] Esta palavra é litteraria.

[2] [Sobre *deixar* vid. o que eu disse supra, pag. 280, not. 3. O *d* de *amido* não é proprio de português, pois em francês ha *amidon*, hesp. *almidon*, etc.; já no lat. medieval *amidum*. — J. L. DE V.].

[3] [A' cêrca dos casos em que apparentemente se conservou *l*, como *oliveira*, etc., vid. *Rev. Lusit.*, II, 372. Sem dúvida a fórma primitiva de *oliveira* foi *olveira*, palavra que, com a pronúncia de *olvêra*, tenho ouvido muitas vezes no Sul; em documentos antigos do Norte encontra-se tambem *Olveira* ou *Ulveira*: o *i* resulta pois de suarabacti. *Moleiro* explica-se por *molneiro* (molinariu-): vid. D. Carolina Michaëlis in *Rev. Lusit.*, III, 175. Gonçalves Vianna, *ibidem*, II, 180, lembra tambem a fórma *monleiro* recolhida no *Elucidario* de Viterbo. A Sr.ª D. Carolina Michaëlis explica *moleiro* por *molneiro*, através de *molleiro*, não entrando em consideração com a fórma *monleiro* dada por Viterbo. Esta fórma deve explicar-se por metathese de *molneiro*, e não por nasalamento de *moleiro* devido ao *m*, porque o nasalamento devido ao *m* inicial parece não ser muito antigo, como o mostra *múito*, *mi*, etc., e porque *moleiro* é fórma recente. Temos pois: *molneiro*, *mõleiro* (= monleiro) e *moleiro*; a nasal desappareceu como em *mõeda*, *mõesteiro*, etc. — J. L. DE V.].

[4] [A fórma *pucaro* é difficil de explicar por *poculum*, ainda mesmo admittindo poclum. Na Beira diz-se tambem *pucro*. O hesp. *puchero* (sobre o qual cfr. Diez, *Et Wört.*, II-*b*, s. v. *puches*) nada tem com ésta palavra. — Quanto a *pardo*, de pallidus, cfr. Diez, *Et Wort.*, II-*b*, s. v. *pardo*; elle suppõe a fórma intermédia paldus, mas assim como caldus deu *caldo*, seria tambem de esperar *paldo*; é pois provavel que no desenvolvimento do *r* de *pardo* influisse uma palavra estranha (acaso o lat. *pardus?*). Diez cita outros exemplos de *r* por *l*, como *escarpelo* de scalpellum, e *surco* de sulcus; mas no hesp. *escarpelo* houve evidentemente dissimilação, e não é palavra pop. (senão teriamos nella *ll* = *lh*); *surco* tambem não é palavra popular, senão teriamos *o*, como o mostra o ital. *solco* e o catal. *solch*. Outro exemplo de *r* por *l* está no port. *urze*, de ulice(m); mas aqui de certo influiu a palavra *erĭce* (por *erīce*), conservada em ARAZEDE (= *ericetum). — J. L. DE V.].

Observação i. — O grupo *ll* nalguns casos molhou-se *(lh)*, talvez por influencia do hespanhol, como em galla, *galha*, trulla, *trolha*, gallina, *galhinha* (arch.), *gallinha* [1]. Anguilla tinha-se reduzido no latim vulgar a *anguila, e d'ahi *enguia*.

Observação ii. — A' cêrca das modificações soffridas pelos grupos *cl, gl, dl, fl, pl, bl, tl, ml, nl*, vejão-se os respectivos §§.

c) L SEGUIDO DA SEMI-VOGAL I

§ 147. Lei. — *L* seguido da semi-vogal *i;* isto é: d'um *e* ou *i* em hiato, passa para português com o som molhado *lh;* ex.: palea, *palha*, meliore, *melhor*, filia, *filha*, mulier, *mulher*, alieno, *alheio*, valea, *valha*, spoliare, *esbulhar*.

VOCALIZAÇÃO DO L

§ 148. *L* posto entre vogal e consoante tende a vocalizar-se, unindo-se a vogal por elle produzida á que o precede; ex.: falce, *foice*, calce, *coice*, palpare, *poupar*, ascultare, *escuitar* (arch.), *escutar*, calvaria, *caiveira* (pop.), *caveira*, balbo, *boubo*, *talparia, *toupeira*.

METATHESE DO L

§ 149. Como o *r*, seu congenere, tambem o *l* é susceptivel de transposição; ex.: publico, *pulvego* (arch.), *publico*, *oblitare, *olvidar*, sib(i)lo, *silvo*, mer(u)lo, *melro*, mod(u)lo, *molde*, spat(u)lare, *espaldar*.

III — M

a) M ISOLADO

1) INICIAL-MEDIAL

§ 150. Lei. — *M* tanto inicial como medial passa intacto para português; ex.: *a)* inicial: macro, *magro*, maligno, *malino*, melone, *melão*, me(n)se, *mes*, musca, *mosca*, médio, *meio; b)* medial: amico, *amigo*, lacrima, *lagrima*, nominare, *nomear*.

Observação. — A's vezes, mas raras, dá-se a troca do *m* inicial por *n*, como em mespilo, *nespera* [2], memorare, *nembrar* (arch.), *lembrar*, membro, *nembro* (arch.), *membro* [3].

[1] [*Galha* vem de *gallea, não de *galla; trolha* (como já disse supra, pag. 285, not. 4) de *trullea, onde *ll* estão seguidos da semi-vogal, que produz a palatização (cfr. § 147). Quanto a *galhinha*, é preciso citar a fonte, para se poder discutir a fórma. — J. L. de V.].

[2] [Isto é: de mespila, plural de *mespilum*, tornado singular. Tambem em fr. ha *nèfle*, ital. *nespola*, cat. *nespla*, etc. Parece ter havido dissimilação na fórmula *m...p* = *n...p*. — J. L. de V.].

[3] [Em *nembrar* e *nembro* houve dissimilação de labiaes. Em *nembrar*, que deu *lembrar*, houve posterior dissimilação de *n...m*. — J. L. de V.].

2) FINAL

§ 151. *M* final cahiu desde os primeiros tempos do imperio romano, assim nos nomes [1] como nos verbos. Em vez de *rosam, fructum, hominem, diem, dicam, amem,* dizia-se em latim vulgar *rosa, fructo, omine, die, dica, ame.*

Observação. — Como já dissemos, é do accusativo em regra que provéem os nomes das linguas romanicas; d'outros casos são elles raros em português, como Deus (nominativo), Car(o)lus (idem) [2].

b) M AGRUPADO

1) INICIAL

§ 152. Lei. — *M* inicial persiste em português; ex.: *vermic(u)lo, *vermêlho,* arma, *arma,* palma, *palma,* *pasmare, *pasmar.*

2) MEDIAL

§ 153. *M* agrupado medial; isto é: não constituindo a primeira lettra da syllaba, na sua passagem para português, foi differentemente modificado, conforme a consoante que se lhe seguia. Assim:

1.° *M* antes das labiaes *p b* passa inalterado para português; ex.: rumpere, *romper,* limpido, *limpo,* ampulla, *ampôlla,* complere, *cumprir,* lambere, *lamber,* palumbo, *pombo,* ambos, *ambos.*

2.° *M* antes das dentaes *t d* muda em *n;* ex.: sem(i)ta, *senda,* com(i)te, *conde,* com(pu)tare, *contar,* lim(i)te, *linde* (arch.), *limite,* lim(pi)do, *lindo.*

3.° No grupo *m'n* reduz-se por assimilação a *n;* ex.: dom(i)no, *dono,* dom(i)na, *dona,* somno, *sono.*

Observação i. — Em obediencia á etymologia, conserva-se o *m* na graphia de algumas palavras, como *outomno, somno,* desapparecendo porém na pronúncia. Como succede a todas as geminações, os *nn,* resultantes do grupo *m'n,* reduziram-se a um *n* simples.

Observação ii. — Neste grupo intercala o hespanhol um *b,* o que nos leva a considerar como proveniente d'essa lingua a palavra *deslumbrar,* de *lumbre* (lum'ne).

[1] Com excepção d'alguns monosyllabos, como *rem, cum,* que dérão português *rem* (arch.) e *com.* [Com *rem* cfr. o francês *rien.* Em *cum* manteve-se o *m* por ésta palavra ser sempre proclitica, ficando pois o *m* no meio da palavra; ainda assim antes de vogal, na ligação com o artigo, a lingua antiga tinha *coa, coo,* etc., como hoje a lingua vulgar. Outro exemplo de manutenção de *m* é *sum,* que deu *som* na ling. arch., fórma conservada ainda hoje em algumas provincias. — J. L. de V.].

[2] [Cfr. sobre este assumpto J. Cornu, *in Romania,* xi, 79. — Ha outros vestigios de casos no onomastico, como sagres (= Sacris) e chaves (= Flaviis). Ao genitivo em *-i* referi-me no meu opusculo *Chartam alteram de villa quae* margaride appellatur, Olisipone 1894. Na Beira faz-se, em dia de Todos os Santos, um bolo chamado *santório,* de *santóro* (= sanctorum), fórma certamente de origem ecclesiastica. — J. L. de V.].

4.° Nos grupos *m'r*, *m'l*, intercala-se um *b* euphonico; ex.: hum(e)ro, *hombro*, mem(o)rare, *lembrar*, cam(e)ra, *cambra* (pop.), *camera*, sim(i)lante, *sembrante*, cum(u)lo, *combro*.

c) M SEGUIDO DA SEMI-VOGAL I

§ 154. Lei. — *M* seguido da semi-vogal *i* passa inalterado para português, e ésta funde-se com a vogal seguínte; ex.: vindemia, *vindima* [1].

IV. — N

a) N ISOLADO

1) INICIAL

§ 155. Lei. — *N* inicial persiste em português sem alteração; ex.: nave, *nau*, negare, *negar*, nidus, *ninho*, nocte, *noite*, nuce, *noz*, nigro, *negro*, nec, *nem*, nudo, *nem*.

Observação. — *N* inicial trocou-se por *m* na palavra nasturtio, *mastruço*, e por *l* em nominare, *lomear* (arch.), *nomear* e *nembrar* (de memorare), *lembrar*. O povo (ao menos no Algarve) tambem diz linho em vez de *ninho* [2].

2) MEDIAL

§ 156. Lei. — *N* medial cáe na lingua portuguêsa; ex.: luna, *lua*, arena, *areia*, femina, *femea*, ponere, *poer* (arch.), *pôr*, bona, *boa*, sanare (ant.), *saar*, *sarar*, dehonestare, *deostar* (arch.), *doestar*, dinario, *dieiro* (arch.), *dinheiro*.

Observação i. — Esta quéda do *n* intervocalico, que, como a do *l*, nas mesmas condições distingue o português das demais linguas romanicas, explica-se a nosso vêr da seguinte maneira: o *n* em vez de se juntar á vogal seguinte, nasalou a precedente, dizendo-se lũa, arẽa, frẽo, nasalização que posteriormente se perdeu, ficando *lua*, *arêa*, *frêo*.

Observação ii. — A conservação do *n* medial contra a lei antecedente, como *crina*, *feno*, é devida a influencia erudita, o que se deduz de fórmas que, não tendo antigamente *n*, o rehouvérão mais tarde; ex.: *imigo* e *inimigo*, *dieiro* e *dinheiro*, *estraio* e *estranho*, etc. [3].

[1] [Por causa da difficuldade da mudança de *e* tonico em *i*, talvez *vindima* seja antes um substantivo verbal de *vindimar* = vindemiare. — J. L. de V.].

[2] [O *m* de *mastruço*, se não houve alguma influencia estranha, poder-se-ha explicar por dissimilação *(n...t)*. Em *lomear*, *lembrar*, *linho*, houve sem dúvida dissimilação *(n...m, m...m, n...nh)*. Em *vurmo*, de vulnus, deu-se igualmente esse facto *(l...n)* — J. L. de V.].

[3] [Os doc. ant. offerecem realmente *dieiro* e *estrayo* (ex. no *Elucidario*, de Viterbo), mas nessas palavras houve êrro orthographico, devendo ellas escrever-se *dĩeiro* e *estrãyo*. Foi depois entre a nasal e a vogal seguinte que se introduziu *nh*. Igualmente se deve emendar em Viterbo *Eidaya* em *Eidãya*, *vio* em *vĩo*, etc. — J. L. de V.].

Observação iii. — Como o *n* inicial, tambem o medial permutou ás vezes com as liquidas, como em an(i)ma, *alma*, animal, *alimal* (pop.), sanare, *sarar*, unicorne, *licorne* (arch.), *unicorno* [1].

3) FINAL

§ 157. *N* final póde ser tal originariamente, ou ter-se tornado assim por quéda da vogal immediata.

No 1.º caso cáe em português; ex.: crimen, *crime*, vimen, *vime*, gluten, *grude*, nomen, *nome*, examen, *exame*.

Observação. — Esta quéda do *n* final originario remonta já ao latim vulgar, que, assim como o *m* nas mesmas condições, supprimia o *n* em todos os nomes, menos nos monosyllabos, dizendo crime, vime, glute, em logar de vimen, etc. [2].

No 2.º caso persiste em português; ex.: devotione, *devoção*, ratione, *razão*, compassione, *compaixão*, consolatione, *consolação*, sansoone, *sansão*, latione, *ladrão*.

Observação i. — Foi este *n* que, com a vogal precedente, deu o antigo ditongo *on* ou *om*, que o português moderno substituiu por *ão*.

Observação ii. — Pela similhança de som, *n* final trocou-se na escripta por *m*; ex.: fine, *fim*, sine, *sim*, bono, *bom*, sono, *som*, tono, *tom*, homine, *homem* [3].

b) N AGRUPADO

1) INICIAL

§ 158. Lei. — *N* inicial persiste sem alteração em português; ex.: as(i)no, *asno*, *cic(i)no, *cisne*, ornare, *ornar*, taberna, *taverna*, furno, *fôrno*, carne, *carne*, anno [4], *anno*, damnato, *danado*.

Observação i. — *N* geminado nalgumas palavras apparece molhado; isto é: sob a fórma *nh*, talvez, tambem como *ll*, por influencia hespanhola, como cannabo, *canhamo*, grunnire, *grunhir*, stanno,

[1] [*Alma, alimal, licorne* explicão-se perfeitamente por dissimilação *(n...m, n...n)*. Podia accrescentar-se *Jerolmo, almalho* (e *armalho)*, etc. — Quanto a *sarar*, tambem em tempo pensei que o *r* representasse o *n*, mas hoje vejo a difficuldade d'isso, pelo que me inclino á opinião do meu amigo o Sr. Cornu; este explica *sarar* por *saar* ou *sar* + *ar;* isto é: pela nova adjuncção da terminação do infinitivo ao corpo do verbo, por a terminação d'este ser pouco clara (vêr *Romania*, xi, 95-96, e *Die Portug. Spr.*, § 255). Comquanto haja em port. outros verbos monosyllabicos, como *ser, ter, vêr*, etc., em que a reduplicação da terminação infinitiva se não deu, ha tambem outro em que o mesmo phenomeno se observa: é *morrer*, de *mor(e)re + ere (Meyer, *Grammatik der Romanischen Sprachen*, ii, §§ 126 e 128). Em textos antigos (Cancioneiros) lê-se *moirer*, que deverá emendar-se em *morrer*, embora *moiro* (e *mouro)*, de *morio, seja correcto. — J. L. de V.].

[2] [Todavia na Beira diz-se *vimem*, que se ha de explicar por *viminem; cfr. hesp. *vimbre* e mirandês *brime*. Esta palavra seguiu a analogia de *pentem* (na Beira *péntem)*, etc. — J. L. de V.].

[3] [Isto é: o *n* nasalou a vogal, e o nasalamento foi representado por *m*. — J. L. de V.].

[4] Ou *ano*, em orthographia sonica.

estanho. Em coph(i)no, *cofre*, deu-se a sua já conhecida troca pela liquida *r* [1].

Observação ii. — A' cêrca dos grupos *gn* e *m'n*, vide os respectivos §§.

2) MEDIAL

§ 159. *N* medial; isto é: posto antes de consoante, soffreu, na sua passagem para português, varias alterações em harmonia com essa consoante. Assim:

1.º *N* antes das dentaes *t, d*, e das palataes *c, g*, e da liquida *r* persiste em português; ex.: centum, *cento*, respondere, *responder*, man(i)ca, *manga*, angelo, *anjo*, hon(o)ra, *honra* [2], gen(e)ro, *genro*, ten(e)ro, *tenro*.

2.º *N* antes de *s* cahiu numa epocha muito antiga, que remonta ao latim popular; ex.: sponso, *esposo*, mensa, *mesa*, tenso, *teso*, defensa, *defesa*, min(i)sterio, *mister*, prenso, *preso*, mensura, *mesura* (arch.), *medida*, mense, *mêz*.

Observação. — A conservação do grupo *ns* é devida a influencia erudita, como se vê comparando monstro e *mostrengo*. Insula, depois de ter dado *insua*, é actualmente *ilha*.

3.º O grupo *n'l* reduz-se por assimilação a *ll*; ex.: lun(u)la, *lulla*, salnitro, *sallitre*.

Observação. — Esta assimilação dava-se já no latim classico, onde encontramos *collega, ullus, nullus*, por * *con-lega*, * *un(u)lus*, * *nun(u)lus*.

c) N SEGUIDO DA SEMI-VOGAL I

§ 160. Lei. — *N* seguido da semi-vogal *i*; isto é: de *l* ou *i* formando hiato, reduz-se em português a *nh*, por influencia da semi-vogal que desapparece; ex.: tenea, *tenha*, aranea, *aranha*, linea, *linha*, seniore, *senhor*, extraneo, *estranho*, pinea, *pinha*, *montanea, *montanha*.

Observação. — Fórmas várias: granja *(granea)*, *rouxinol*, *ameia* (moenia).

EPENTHESE DO N

§ 161. Nalgumas palavras portuguesas introduziu-se um *n* euphonico que se não encontra no latim [3]; ex.: pictore, *pintor*, redere,

[1] [Sobre *canhamo*, *grunhir* e *estranho*, cfr. o que escrevi in *Rev. Lus.*, ii, 31. Quanto a *cofre*, talvez a palavra seja de origem francesa, *coffre*; o povo não a usa, dizendo em seu logar *caixa*, etc. — J. L. de V.].

[2] [*Honra* é substantivo verbal de *honrar* = honorare. — J. L. de V.].

[3] No latim classico, entende-se, pois que o vulgar já dizia *pinctor*, *pinctura*, por analogia com *pingere*.

render, examen, *enxame*, amygdala, *amendoa*, exagio, *ensaio*, lutra, *lontra*, muco, *monco*, hyberno, *inverno* [1].

Lagos (Algarve).

J. Joaquim Nunes.

O DEUS BRACARENSE
PONGOENABIAGVS

(Contribuição para o conhecimento das religiões antigas da Lusitania) [2]

INTRODUCÇÃO

D'entre as diversas regiões que constituião o vasto e um tanto heterogeneo corpo social que os Romanos chamárão *Hispania* ou *Hispaniae* e os Gregos *Hibería*, é a Lusitania aquella cuja história mais directamente interessa ao nosso país, e que tambem um português, que reside em Portugal, póde estudar com mais proveito e desenvolvimento; tenho por isso applicado uma parte da minha attenção a investigar os documentos elucidativos d'essa antiga história, embora reconhecendo que ella constitue apenas um capitulo da história geral das Hispanias.

A história da Lusitania creio poder dividir-se em tres grandes epochas: prehistorica, proto-historica e historica propriamente dita, ou, melhor, luso-romana.

A epocha prehistorica é a de que nos não restão testemunhos escritos, e que só conhecemos pelos documentos anthropologicos e ethnographicos conservados á superficie da terra, ou dentro d'esta, e em sepulturas, em ruinas, etc. Comprehende a idade da pedra e parte da dos metaes. Os povos que vivião nessa epocha no nosso solo, pelo

[1] [Sobre *pintor*, vid. *Rev. Lusit.*, II, 272 (analogia com *tinctus*, etc.); sobre *render*, vid. Meyer, *Grammat.*, I, 587 (analogia com *prendere*); sobre *lontra*, vid. supra, pag. 286, nota 5; de *amygdala*, * *amedola*, veio *amendoa*, pelo nasalamento do *e* devido á influencia do *m*, como já ha annos expliquei. *Monco* explica-se do mesmo modo, parece, embora o *u* seja longo em muccus (mas no lat. vulg. podia ter sido *moncu-). Em hibernus houve nasalamento do *i* inicial, segundo uma regra muito vulgar no português. *Ensaio* e *enxame* (*insaio*, *inxame*) estão no mesmo caso que *exemplo* (pop. *inzemplo*), *exercito* (pop. *inzercito*), *exame* (pop. *inzame*), etc., em que a vogal inicial tambem se nasalou. — J. L. de V.].

[2] Leitura feita á Academia Real das Sciencias de Lisboa, no dia da minha entrada como socio correspondente (sessão de 25 de Maio de 1894).

menos os mais antigos, erão selvagens; comtudo, a sua ethnographia offerece algumas particularidades, tanto em relação á prehistória da Europa, como ainda mesmo á prehistória peninsular.

A epocha proto-historica começa como as primeiras informações, que a antiguidade nos deixou por escrito á cêrca dos diversos povos chamados Lusitanos, Gallaecos, Bracaros, Turdetanos, etc., que em parte provinhão já da epocha anterior, em parte se relacionavão com os povos historicos que em todas as epochas invadírão a Peninsula, — Celtas, Gregos, Phenicios, Carthagineses. O viver dos povos proto-historicos da Lusitania é-nos conhecido, tanto pelas informações dos AA. classicos, como por intermédio da archeologia. Esses povos erão pela maior parte barbaros; apenas no Sul os Turdetanos, talvez por influencia dos elementos gregos e phenicios que entravão na constituição d'elles, gozavão de civilização bastante adeantada, pois tinhão um alphabeto proprio, uma litteratura, etc. E' natural que muitas das inscripções epigraphicas, chamadas *ibericas,* fossem proprias dos Turdetanos, não só porque essa attribuição está de accordo com o que Estrabão diz da civilização turdetanica, mas porque, com relação ao nosso país, é exactamente no Sul d'elle, e portanto em territorio dos Turdetanos, que taes inscripções por ora se teem exclusivamente encontrado. Vem a proposito citar aqui o importante e recente livro do nosso consocio Dr. Emilio Hübner, de Berlim, intitulado *Monumenta linguae Ibericae,* onde, com a segurança philologica que caracteriza aquelle illustre professor, se áchão transcritas e estudadas todas as inscripções d'esta natureza, de que elle teve conhecimento, achadas na Peninsula Iberica. — A epocha proto-historica da Lusitania termina com o fim da dominação carthaginesa, e a vinda dos Romanos á Peninsula, no sec. III A. C.

Começa então a epocha que denominei luso-romana.

*

Das tres epochas em que dividi a história da Lusitania é certamente a segunda a mais interessante, embora não haja ainda a seu respeito nenhum trabalho desenvolvido e geral, em que se aproveitem ao mesmo tempo as informações ministradas pelos textos dos AA. classicos, e os resultados da sciencia moderna. Sem embargo, além de muitos artigos e notas dispersas por differentes partes, existem sobre o assumpto algumas monographias avulsas. Lembrarei aqui por exemplo um livrinho allemão, muito pouco conhecido, intitulado *Die Kriege der Römer, Erstes Heft, Viriath und die Lusitanier,* isto é, *As guerras dos Romanos,* 1.º fascic., *Viriato e os Lusitanos,* por Becker, publicado em 1826; este livrinho está hoje antiquado, mas contém bastantes textos de AA. classicos, e foi feito com muita sympathia para com os Lusitanos. Outro livro tambem estrangeiro é o de Ursin, publicado em 1884 com este titulo — *De Lusitania, provincia romana;* comquanto, como o seu titulo diz, se occupe da epocha luso-romana, traz uns preliminares sobre a epocha proto-historica.

Não posso tambem esquecer algumas monographias do nosso consocio o Sr. Martins Sarmento, de Guimarães, e do Sr. Adolpho Coelho. Além d'estes, ha outros trabalhos, uns avulsos, outros de caracter mais generico, quaes são *De antiquitatibus Lusitaniae*, de André de Resende, *Introducção á archeologia da Peninsula Iberica*, de Filippe Simões, o vol. II e Suppl. do *Corpus Inscriptionum Latinarum* da Academia de Berlim, *Les âges prehistoriques de l'Espagne et du Portugal*, de E. Cartailhac, a *Archeologia en España*, do Dr. Emilio Hübner, e numerosos artigos e opusculos de George Philipps, Kiepert, Detlefsen, etc.

Em verdade, só depois da publicação de muitas monographias, artigos e simples notas, é que se deverá tentar escrever uma história geral da Lusitania, feita com methodo rigoroso, tanto quanto elle se possa applicar no estado da sciencia.

A communicação que neste momento vou ter a honra de apresentar á Academia é tambem uma contribuição, ainda que extremamente exigua, para o conhecimento da nossa história antiga.

I

Na cidade de Braga, num quintal chamado «do Idolo», pertencente ao Sr. José Joaquim de Oliveira, e que fica perto das ruas do Raio e de S. Lazaro, ha um monumento muito notavel, feito na epocha romana, mas concernente á história indigena, isto é, á vida dos povos d'aquella região que, como se sabe, se chamavão Bracaros, nome relacionado com o da sua capital Bracara, tendo este dado o moderno *Braga,* através das fórmas antigas *Bragaa* e * *Bragala.* O nome *Bracarus* tambem se encontra como designação de homem, segundo vi numa inscripção romana descoberta o anno passado no Minho.

O monumento de que fallo consta de um tanque fundo, cuja agua brota da base de um grande penedo granitico, em que se vêem umas esculpturas e inscripções latinas,

A fim de não cançar a Academia, abstenho-me de discutir aqui as questões que tal monumento provoca, tanto mais que já em parte fiz isso num artigo que será publicado com estampas num jornal de archeologia e arte, que vae sahir á luz nesta cidade. Limito-me pois a expôr summariamente o resultado a que cheguei.

Na parte esquerda do monumento ha uma inscripção que, depois de completada uma palavra d'ella, diz assim:

CELICVS FRONTO
ARCOBRIGENSIS
AMBIMOGIDVS
FECIT

em boa lettra, que supponho ser do tempo de Augusto.

Em seguida, para a direita, está esculpida uma figura barbada, envolta em roupagens compridas e dobradas, i. é, numa toga, tendo na mão ou um objecto hoje indeterminado, ou uma dobra da toga.

A' direita d'esta figura está outra inscripção em que se lê em duas linhas:

PONGOE
NABIAGO

isto é, *Pongoenabiago*.

Por ultimo, ao lado direito d'esta inscripção, está esculpido no rochedo um como nicho, adornado de seu frontão; tem dentro um busto humano, com a seguinte inscripção ao lado:

CELICVS [1]
FECIT

Por cima do nicho ha ainda umas lettras que não entendi, mas que parece serem mais modernas que as restantes.

A interpretação d'este monumento é no meu conceito a seguinte.

O nicho é o que os Romanos chamavão uma *aedicula*, de que se podem vêr outros modelos nos Diccionarios archeologicos de Rich e de Daremberg & Saglio. O busto representa o deus, cujo nome PONGOENABIAGVS está ao lado escrito em dativo, segundo as normas da syntaxe latina e das fórmulas religiosas. A figura envolta na toga representa o dedicante, que se chamava Celicus Fronto e era natural da cidade de Arcobriga e pertencia á gens Ambimogida. A cidade de Arcobriga parece que ficava na Gallaecia.

Entre os numerosos monumentos que eu trouxe do Alemtejo para a Bibliotheca Nacional, respectivos ao culto do deus Endovellicus, ha várias figuras semelhantes a esta, que se collocavão ao pé das inscripções, tendo mesmo algumas d'estas figuras as inscripções gravadas em si. O nome do dedicante está repetido dentro da edicula, talvez pelo facto de o monumento ser grande.

Resta agora explicar a natureza do deus bracarense.

II

A situação do monumento junto de uma fonte, a disposição d'elle de modo que abrange todo o ambito d'esta, e a collocação da edicula dentro do proprio tanque, com o busto da divindade mesmo ao pé de d'onde brota a fonte, levão-me a concluir que estamos deante de uma manifestação do culto das aguas.

Nas religiões da antiguidade, como ainda hoje na dos selvagens e na de todos os povos socialmente atrasados, o culto das aguas tinha muita importancia. A Natureza impressionou sempre a alma do ho-

[1] No original o I está incluido no L, o que aqui não represento assim, por difficuldade typographica.

mem, que por toda a parte lhe dirigiu preces ou imprecações. Se fôrão os grandes espectaculos naturaes, como o gyro dos astros, as mudanças da atmosphera e das estações, a agitação dos mares, os vulcões, os terremotos, o que mais devia solicitar a admiração do homem, ainda desprovído do conhecimento das leis do Universo, nem por isso os phenomenos, por assim dizer, mais modestos do crescimento das plantas, da existencia dos animaes, tão semelhante á nossa, do deslisar, ora sereno, ora ruidoso, dos rios, e do marulho sempre suave das fontes, nem por isso, digo, esses phenomenos devião ficar esquecidos do verdadeiro crente.

O homem primitivo, com a sua imaginação fecunda, e a sua ignorancia das leis que regulão os phenomenos physicos, tinha tendencia para considerar como outras tantas individualidades humanas, embora *sui generis*, tudo aquillo a que elle attribuia movimento ou vida: d'aqui resultou o povoar o mundo de entidades superiores e mysteriosas, da vontade das quaes julgava que elle proprio e a Natureza estavão dependentes em certos casos, e as quaes por isso precisava de invocar ou de esconjurar, conforme as circumstancias e as necessidades o pedião. E' isto a religião.

Assim, primeiramente constituírão materia religiosa as cousas naturaes, consideradas como conscientes, ainda sem nellas se estabelecer distincção nitida entre corpo e espirito. E' a phase que poderemos chamar *Naturalismo elementar*. Depois, em virtude da anályse psychologica, cada vez mais profunda, que o homem ia fazendo em si, e das relações subjectivas que estabelecia entre elle e o que o cercava, acreditou-se na existencia individual de espiritos. E' a segunda phase religiosa, chamada *Animismo*. Estes espiritos erão, uns, meras divisões da pessoa humana, outros, da Natureza, — espiritos que ora andavão soltos pelo espaço *(Espiritismo)*, ora se fixavão em certos objectos *(Feiticismo)*. Ao *Animismo* liga-se, como manifestação mais determinada da interpretação anthropomorphica da Natureza, o *Polytheismo*, ou crença na pluralidade de deuses propriamente ditos.

Circumscrevendo-me mais ao meu assumpto, que é o culto das aguas, accrescentarei, que, em virtude de tão admiravel propensão do homem para a personificação, e mesmo ás vezes dramatização, dos phenomenos elementares ou complexos da Natureza, nada é de estranhar que, como disse, esse culto tenha muita importancia. Com effeito, não ha ninguem que não tenha observado quão poetico, quão impressivo é, no meio do silencio e do socêgo dos campos, vêr como

Por entre pedras alvas se deriva
A sonorosa lympha fugitiva...

Aos poetas, como naturezas mais impressionaveis, e cujas observações são por isso frequentemente mais vivas, mais proximas das do homem no simples estado natural, não tem escapado expôr este sen-

timento que as aguas das fontes, de murmurio manso e rythmico, despertão nelles. Horacio, numa ode célebre, cantou:

O Fons Bandusiae, splendidior vitro,
. . . .
Te flagrantis atrox hora Caniculae
Nescit tangere; tu frigus amabile
    Fessis vomere tauris
        Praebes, et pecori vago.

Fies nobilium tu quoque fontium,
Me dicente cavis impositam ilicem
    Saxis, unde loquaces
        Lymphae desiliunt tuae.

O mesmo sentimento da Natureza tradu-lo o nosso Garrett nestes delicados versos:

Oh! Cintra! oh saudosissimo retiro,
Onde se esquecem mágoas, onde folga
De se olvidar no seio á Natureza
Pensamento que embala adormecido
O sussurro das folhas, co'o murmurio
Das despenhadas lymphas misturado!
. . . . Oh! grutas frias,
Oh! gemedoras fontes! . . . .

O homem inculto, o homem crente, foi porém mais longe do que os poetas, porque, possuido d'esse sentimento e do da utilidade que as aguas lhe prestavão, não só amou as fontes, e lhes consagrou hymnos nascidos do íntimo d'alma, mas adorou-as com effusão, erigindo-lhes altares, e fundando-lhes santuarios.

Pelas inscripções da epocha do dominio romano sabemos, sem eu querer sahir agora dos factos da história da Peninsula, que havia nas proximidades de Antequera, na Hespanha, uma *Fonte Divina,* a quem um Lucio Portuncio offerecêra uma ara, segundo um voto; no valle de Boñal, no mesmo país, havia uma Fonte adorada sob o nome de *Saginiensis;* dentro do nosso Portugal tivemos em Bencatel o culto de *Fontanus* e *Fontana,* duas divindades muito notaveis, que nos proprios nomes tem impressa a significação do culto, ainda provavelmente, como os outros que citei, bastante proximo do puro animismo, a julgar da simplicidade e transparencia d'esses nomes; finalmente, tivemos em Vizella, como *numen aquae* das afamadas thermas d'alli, o *deus Bormanicus,* palavra cuja raiz se encontra noutras denominações de deuses aquaticos da antiguidade.

Os cultos pagãos nem sempre se extinguírão com a implantação do christianismo: de ordinario continuárão a viver, ou transformados

em cultos christãos, ou sob a fórma de méras superstições populares.

Se por isso buscarmos nas tradições post-romanas do nosso país vestigios do culto das fontes, encontra-los-hemos.

Na acta de um antigo concilio de Braga, na Idade-Média, falla-se dos infieis que prestão veneração religiosa ás fontes. No livro de S. Martinho de Braga, intitulado *De correctione rusticorum,* que pertence ao sec. VI, dá-se como obra diabolica o culto pagão das fontes. Ambos estes factos são curiosos por se referirem a Braga, e a Braga pertencer o monumento de que aqui me occupo. Nas constituições episcopaes dos sec. XVI e XVII encontrão-se outras allusões a tal veneração. Nos Agiologios e nas lendas populares contão-se successos que pertencem á mesma categoria, de que eu poderia aqui dar longa relação, se não temesse fatigar demasiado a attenção da Academia. Hoje ainda ha muitas fontes que teem invocações sagradas, como Fonte de S. Gualter, em Guimarães, Fonte de S. Tiago, em Moncorvo, Fonte da Senhora do Carmo, em Mondim da Beira, Fonte-Santa em todas as partes do país, incluindo Lisboa, que tem uma rua assim chamada, em que existe uma fonte com uma cruz. Aqui a cruz é outro vestigio do antigo culto. As tradições pagãs não persistírão todas com a fórma ecclesiastica: ás vezes persistírão com fórma até certo ponto pagã, o que se vê nas tradições relacionadas com as fontes que teem o nome de *Fonte da Moura,* como ha muitas.

D'este modo o monumento luso-romano de Braga pertence a um vasto cyclo de ideias religiosas. Eu conheço por esse país fóra, sem excluir o Minho, muitas fontes com caracter religioso, as quaes são ainda parecidas com aquelle monumento, pois teem tambem, sobre a agua, ou ao pé, um pequeno nicho em que está, ou pintada, ou em imagem, representado um santo ou a Virgem, imagem que os fieis não deixão de ás vezes adornar com vasos de flôres. Conheço tambem outras fontes com tal caracter de santidade, que teem ao pé uma capella. Afim de não deixar estes factos sem demonstração, lembrarei por exemplo a já citada Fonte da Senhora do Carmo, a Fonte-Santa, ao pé de Bencatel (no Alemtejo), e a Fonte de S. Torquato, ao pé de Guimarães. Em logar de imagem ou capella, acharemos tambem ás vezes, por uma simplificação do culto, uma cruz na fonte, como na referida Fonte-Santa aqui em Lisboa. Dá-se até a coincidencia de numa das Fontes-Santas que citei haver uma dedicatoria moderna, no gôsto da dedicatoria latina do arcobrigense Celicus Fronto, em Braga.

Sem duvida o monumento de Braga fazia parte de um santuario, e não era uma simples lapide votiva, como tantas outras que ha no nosso país; se não fizesse parte de um santuario, isto é, de um templo ou de um recinto sagrado, não occuparia, como occupa, todo o espaço da fonte.

III

Creio pois ter, dentro dos limites da archeologia e da hierologia, assentado que o monumento de Braga constituia uma *fonte santa*, consagrada a um deus que se chamava Pongoenabiagus.

Este nome é de aspecto barbaro, mas nem por isso merece menos o nosso respeito, se não já um respeito de fé religiosa, como no tempo dos Bracaros, ao menos um respeito scientifico!

Vejamos se, pela analyse philologica de tal nome, obteremos tambem algum elemento que confirme a attribuição que tenho vindo fazendo. Supponho que sim.

Este nome, como tantos outros que as inscripções antigas nos offerecem, quer religiosos, quer não, é nome ao mesmo tempo composto e derivado. E' derivado, porque entra nelle o suffixo *-agus*, variante phonetica do suffixo *-acus*, que é muito vulgar no onomastico preromano, como se póde vêr no *Alt-Celtischer Sprachschatz*, isto é, *Thesouro da velha lingua celtica*, de Alfredo Holder, diccionario actualmente em publicação. O proprio onomastico da Lusitania offerece outro nome de deus, i. é, *Turiacus*, que tem uma inscripção no claustro da igreja de S. Thyrso, deus, em cujo nome entra o mesmo suffixo *-acus;* e como este era-me facil citar dezenas de nomes.

Se de *Pongoenabiagus* tiramos pois o suffixo *-agus*, fica-nos a parte **Pongoenabi-*, isto é, **Pongoenabius*, como do mencionado *Turiacus*, subtrahindo o suffixo *-acus*, fica **Turi-*, i. é, **Turius*.

Ora **Pongoenabius* parece-me ser composto de **Pongoe* + **Nabius*. Um nome composto, d'esta natureza, nada tem de estranho: eu podia citar tambem dezenas d'elles analogos; contentar-me-hei porém com citar tres nomes de deuses, colhidos nas inscripções peninsulares: são elles os muito veneraveis *Bandiaepolosegus*, *Bandiarbariaicus*, **Bandueaetobricus*, em todos os quaes, segundo o Sr. Adolpho Coelho, entra o elemento *Band-*, que apparece isolado noutro nome divino, o nome da deusa **Bandua*.

Decomposto pois o nosso **Pongoe-*Nabius* em **Pongoe* e **Nabius*, é preciso agora conhecer a significação d'estes dois elementos. Confesso que **Pongoe* não sei o que seja, pois nunca encontrei nem nas inscripções, nem nos AA. classicos, palavra nenhuma igual; quanto a **Nabius*, creio que alguma cousa poderei dizer.

Em primeiro logar ha nas inscripções romanas da Tarraconense, a que Braga pertencia, os seguintes nomes de deusas: *Navia* e *Nabia*, que apenas differem em uma ter *v* e outra *b*, confusão de consoantes labiaes ainda hoje frequente no Norte do reino. No convento Lucense, i. é, na Galliza, havia a deusa *Navia*. Estes nomes constão das inscripções romanas. Nada se sabe do caracter de taes deusas, mas, em virtude da comparação dos seus nomes com o do deus de Braga, póde admittir-se que erão muito provavelmente deusas fontanarias, ou pelo menos aquaticas. Esta approximação de nomes julgo-a importante.

Accrescem outras circumstancias ponderosas.

Ptolomeu cita na Gallaecia o rio *Nabius* (e nos Pesicos o oppidum *Flavionavia*). Ha mais nomes de rios em que parece entrar o elemento ou raiz NAB-. Na Britannia temos *Nabaeus*, acaso decomponivel em *Nab-aeus*, pois que *-aeus* póde aqui ser suffixo. Na Gallia temos *Nava*, affluente do Rheno. Plinio menciona tambem na Hispania o rio *Navialbio*, nome cujo primeiro elemento pertence talvez á mesma familia. Temos ainda no Minho o *Nebis*, ou antes *Nevia* (hoje Neiva), mas este nome, se tem relação phonetica com os outros, está mais afastado. Confronte-se o moderno nome *Nabão*, do rio que passa em Tomar, e que estará porventura em vez de um antigo **Nabanus*, decomponivel em **Nab-anus*, pois que o suffixo *-anus* é vulgar, e fica a parte **Nab-*, de que estou fallando.

Assim, em resumo, no nome do deus bracarense PONGOENABIAGVS, deus que, pelas circumstancias em que se venerava, era certamente, como disse, de caracter aquatico, julgo entrar um elemento que, pelo seu lado, contém tambem a ideia de «agua», ou outra correlativa, o elemento NAB-, que se encontra, ao que parece, em muitas denominações fluviaes.

Terminarei aqui a minha communicação, que foi mais longa do que eu desejava, declarando que já desde o seculo passado, das *Memorias do arcebispado de Braga*, de Contador de Argote, é conhecido o monumento bracarense; mas nem nessa obra, nem nas publicadas posteriormente, entre as quaes o *Corpus Inscriptionum Latinarum*, vol. II, foi bem transcrito o nome do deus. Além d'isso omittiu-se nellas a inscripção que eu disse que estava dentro da edicula. E tambem se não fazem lá as considerações em que acabo de entrar, á cêrca da explicação historica do sentido do monumento.

Eu estive em Braga, em Janeiro d'este anno, e tive occasião de estudar *in loco* o monumento. O resultado d'esse estudo é o que acabo de lêr [1].

J. LEITE DE VASCONCELLOS.

[1] Tanto ao Sr. José Joaquim de Oliveira, dono do quintal «do Idolo», como aos meus amigos os Srs. Henrique Rouffe e Dr. José Machado, agradeço o auxilio que me prestárão para eu levar a cabo o meu estudo.

Aproveito a occasião para lembrar que sería muito conveniente conservar em bom estado aquelle importante monumento da antiga civilização dos Bracaros, monumento unico no seu genero no nosso país, pelo menos de que eu tenha conhecimento.

CIGANOS PORTUGUESES

DOS FINS DO SEC. XVI

(Conclusão)

XXVII. — Dom felipe etc. faço sab(e)r que sabastião de mjdejros, alcajde e cacerejro na villa de ferr(eir)a do canpo dourique me ẽujou dizer, q(ue) tendo elle preso ẽ seu poder ũ sjgano q(ue) dezia chamarse graujel de sousa que estaua condenado em dous annos p(er)a gales po(r) ser achado cõ algũ fato na dita villa, e po(r) cortar os ferros, sendo outra vez preso em poder delle sop(lican)te, e tendoo preso e amarrado a hũa corrẽto e peado cõ hũa pea e seus trebelhos, o dito cigano, sendo de noite, sẽdo elle sup(lican)te fora da cadea, cortara os ferros, e lhe fogira, po(r) ser tambẽ a cadea fraqua e a casa terrea, cõ hũa grade de pao, e eu lhe fizera m(erce) de aluara de busqua cõ o q(ua)l o buscara, e fizera m(ui)tas deljgencias sẽ o poder achar, me pedia auendo Resp(ei)to ao dito cigano não ter p(ar)te algũa, lhe p(er)doase a culpa q(ue) tjuera ẽ sua fogjda, e R(eceberi)a m(erce) e v(isto) seu Requerim(en)to, e hũ parese cõ meu passe, ey p(or) bẽ, e me p(ra)z de lhe p(er)doar a culpa de lhe fogir o preso p(e)lo modo q(ue) declara v(is)to como diz q(ue) não tem p(ar)te, e pagara mil r(ei)s p(er)a as desp(es)as da mesa do despacho dos desẽbargadores do paço, e p(or) quanto os tem ja pagos, vos mando etc. ẽ forma el Rey nosso s(enh)or mãdou p(e)los d(ou)tores belchjor de amaral, e dy(og)o lamejra etc. (christ)ovão cald(ei)ra a fez em lix(bo)a a xj de nouẽbro de b^{c} lxxxxij lucas v(iei)ra a fez escreuer.

(D. Felippe I, Liv. XIV de Legitimações e perdões, fl. 111 v.).

XXVIII. — Dom felipe etc. faco sab(e)r que g(as)par l(ouren)ço alcajde. e cacerejro na villa de mertolla, me ẽuiou dizer q(ue) tendo elle presas na cadea da dita villa a margarjda vaz, e c(atari)na g(onca)l(ue)z, e ana sjgana cõdenadas ẽ degredo p(er)a o brazil, e po(r) ser a cad(e)a fraq(u)a, e não ter mais que hũ cadeado nas portas e as grades serẽ de pao, lhe fogjrão todas abrjndo o cadeado cõ algũa gazua, e elle sup(lican)te fora fogirão de noite, e logo tanto q(ue) o soubera cõ toda a djljgencia as fora fóra busquar, e dentro ẽ tres dias as tornara a prẽder todas tres por sua jndustria, p(e)lo q(ue) me pedia, lhe perdoase ljurem(en)te a culpa q(ue) no caso tjuera, po(r) ser homẽ pobre, e R(eceberi)a m(er)ce, e v(is)to seu Requerjmẽto, e hũ parese cõ meu passe, ey p(or) bẽ, se asj he, de lhe p(er)doar a culpa de lhe fogirẽ as presas p(e)lo modo q(ue) declara v(is)to o q(ue) alega, e isto ljvrem(en)te, v(is)to como as tornou a prẽder por sua jmdustria ẽ lix-

(bo)a a xbiij° de junho de b° l Riij°, e po(r) tanto vos mando etc. ẽ forma; e leua a clausulla da jmmonjdade da jgreja. el Rey nosso s(enh)or a mãdou p(e)los d(outo)res Amt(oni)o dalmejda, e dy(og)o lamejra etc. Amt(oni)o de pauia a fez ẽ lix(bo)a ao derad(ei)ro de junho de b° l Riij°, e eu fr(ancis)co mendez pauia a fez escreuer.

(D. Felippe I, Liv. XIV de Legitimações e perdões, fl. 200 v.).

XXIX. — Dom fellipe etc. faço sab(e)r que ant(oni)o camello, cacerejro na villa dobjdos, me enujou dizer per sua petição q(ue) temdo a b(altas)ar do souto, çigano e a m(ari)a sua molher e outras ciganas por lhes acharẽ ẽ poder hũ macho furtado ou hũa mulla, p(e)la q(ua)l culpa saira a dita m(ari)a cõdenada por s(ente)nça en dez anos de degredo fora do R(ei)no, e açoutes, e os mais cõdenados nas p(e)nas conteudas na dita s(ente)nça, e po(r) a dita m(ari)a ãdar prenhe lhe tirara os feros, e dahy a poucos dias fogira, e a tornara a prẽder, como constaua da certjdão que offerecia; E po(r) quãto o sup(lican)te he pobre, me pedia, lhe perdoase a culpa da dita presa, e R(eceberi)a merçe. E v(is)to seu Req(ueri)m(en)to ey p(or) bẽ, e me p(ra)z, v(is)to hũu parece cõ hũu meu passe, de perdoar ao sup(lican)te a culpa de lhe fogir a presa q(ue) declara v(is)to como a tornou a prẽder po(r) sua Industria, e isto liurem(en)te v(is)to o q(ue) alega, e po(r) tãto vos m(an)do etc. na forma. El Rey uosso s(enh)or o m(an)dou p(e)los doutores ãt(oni)o da gama, e g(asp)ar de fig(eire)do etc. fellipe da costa a fez ẽ lix(bo)a a xx de f(e)u(erei)ro de m b° lxxxiij. Joã da costa a fez escreuer.

(D. Felippe I, Liv. XV de Legitimações e perdões, fl. 65 v.).

XXX. — Dom Phillipe etc. faço saber q(ue) heytor quatrim me enviou dizer p(or) sua petição q(ue) soçedendo hũa briga em nov(emb)ro do anno p(assa)do de lxxxb cõ hũs çiganos, acodira o juiz do crato, e p(or) sairẽ feridos tres ou quatro çiganos, hachara culpado hũ d(oming)os dias, e prendendoo o entregara a elle sop(lican)te, e elle sop(lican)te o entregara a hũ v(icen)te m(art)iz, e sendolhe p(or) o juis pedido o preso elle o pedira ao quadrylh(ei)ro o q(ua)l o deixara fugir, e dito D(oming)os dias estauão liures p(or) lhe eu p(er)doar elle pedia q(ue) ouuese a tudo resp(ei)to, e lhe p(er)doase a culpa do caso, e R(eceberi)a M(erce). E visto seu Req(ue)rim(en)to e hum pareçe cõ hũ meu pase, ey p(or) bẽ, e me p(ra)z, se asy he, e ahy mais não ha, de p(er)doar ao çop(lican)te a culpa de não Entregar o preso p(or) o modo q(ue) declara, e pagará ī r(ei)s p(ar)a a piedade, e p(or) os pagar vos mando etc. na forma. El Rej noso s(enh)or o mandou p(e)llos Doutores M(elchi)or do amaral e Ant(oni)o da gama etc. Andre da costa a fez ẽ lix(bo)a a xix de Março de m. b° lxxxb. g(asp)ar velho a fez escreuer.

(D. Felippe I, Liv. XV de Legitimações e perdões, fl. 235).

XXXI. — Dom felipe etc. faço sab(e)r q(ue) thome garçia, m(o-

rad)or na Cidade de portalegre me enviou dizer p(er) sua petição q(ue) elle fora acusado p(e)la just(iç)a a Reueria p(or) se dizer ser culpado na morte de m(ari)a de Vargas cigana e p(or) a s(ente)nça junta fora condenado em dous annos de degredo p(ar)a Africa, e não se posera em livram(en)to p(or) andar absente fora do R(ei)no sẽ saber ser culpado na dita morte, e p(or) q(ue) não tinha parte, me pedia lhe p(er)doase os ditos dous annos de degredo, e R(eceberi)a m(erce). E visto seu Req(ue)rim(en)to e hũ pareçe cõ hũ meu Passe, ey p(or) bẽ, e me p(ra)z, se assy he, como o sop(lican)te Diz, e mais não ha de lhe p(er)doar os dous annos de degredo em q(ue) foj condenado p(er)a Africa p(el)a culpa da morte de q(ue) faz menção p(e)llo modo que declara v(is)to o q(ue) alega e o t(em)po ẽ q(ue) pede este p(er)dão, e pagara xx c(ru)z(a)dos p(er)a a piedade, e os pagar vos mando etc. El Rej nosso s(enh)or o mandou p(e)los doutores Damiam daguiar, e m(anu)el de sousa etc. Ambrosyo daguilar o fez ẽ lix(bo)a a xbij dabril de m b^{c} lxxxbij. Lucas V(iei)ra a fez escreuer.

(D. Felippe I, Liv. XV de Legitimações e perdões, fl. 253).

XXXII. — Dom sebastião etc. faco saber q(ue) p(er)o m(art)i(n)z grego m(orad)or na villa de moura he preso na cadea della me ẽujou dizer que delle denũciara hũ eytor mendez sapat(ei)ro dizendo q(ue) lhe emtrara na sua allcaçarja e lhe furtara hũ lombeyro de solas, e p(or) ha parte ho não q(ue)rer hacusar o fora p(e)la Just(iç)a, he po(r) s(ente)nça da Relação sahyo condenado com baraço he preguão (pe)la vjlla, em hũ verão p(er)a guales, me pedya lhe cumutase ho baraço he preguão no mais degredo q(ue) ouuese po(r) meu seruiço, e R(eceberi)a m(erce), E v(is)to seu Requerjm(en)to, ey p(or) bem de lhe cumutar a pena vyl de baraço he preguão p(e)la villa em hũ ano verão de guales, E po(r) tãto vos mãdo etc. na forma dada ẽ lix(bo)a a xxxj de julho el Rey ho mandou p(e)los doutores paullo a(fons)o he p(er)o barbosa etc. ambrosyo dagujar a fez ẽ lix(bo)a de mil b^{c} lxxbij anos Roque v(iei)ra a fez screuer.

(D. Felippe I, Liv. XVI de Legitimações e perdões, fl. 61 v.).

XXXIII. — Dom fellipe etc. faço saber que Jorge f(ernand)ez, e g(asp)ar dellgado, m(orado)res na villa de mõtemor o nouo me emviarão diser que elles serujão de coadrjlhjros na dita villa este presente ano e o Juis delle querendo yr corer o termo os leuara cõsygo, e prendera hũ sygano, o quall mãdou atar as mãos detras, e atado lho emtregara p(er)a que o trouxesem a cadeya da dita villa, e semdo as des oras da nojte, o dito cigano tiuera arte cõ q(ue) lhe fogira, e ora elles sop(lican)tes se temjão que o Juis os prendese, e procedese cõtra elles p(e)la dita fogida na q(ua)l elles sop(lican)tes não tiuerão mallicia, a e dito cigano não tinha mais cullpa que por ãdar no Rejno, posto que ao t(em)po da prjsão se pos em defeza sem armas, me pedião a dita cullpa de lhe fogir o cigano, e R(eceberi)am merce; e v(is)to seu Requerjm(en)to, he hũ parece cõ ho meu pase, ey por bem,

e me pras, se asy he, como dizem, e mais não ha de lhes p(er)doar a cullpa de lhes fugir o cigano que lhes foj emtregue p(e)lo Juis, sendo coadrilhejros, de que fazem menção p(e)lo modo que declarão, v(is)to o q(ue) alegão, e pagara cada hũ mill r(ei)s p(er)a piedade, e por os ter pagos ao R(ecebed)or vos mãdo etc. na forma ell Rej noso s(enh)or o mãdou p(e)los d(outo)res diogo lam(ei)ra, e Jeronjmo p(erei)ra de sa etc. christouão calldejra a fes em lix(bo)a a vinte e tres de marco de m. b^o lRij Jo(a)m da costa a fes esp(re)ver.

(D. Felippe I, Liv. XVIII de Legitimações e perdões, fl. 228).

XXXIV. — Dom felipe etc. faço saber q(ue) fr(ancis)co f(e)r(nand)ez, juis do lugar da lapa, termo da uilla de santarem me enuiou dyzer per sua petição q(ue) ao dito lugar forão ter sete siganos e quatro syganas no mes de mayo de nouemta e seis, e per lhe dizerem q(ue) trazião hũ pouco de fato furtado, os quizera premder, e elles se pozerão cõ armas, e lhe resistirão, e se acolheram, e ficarão tres siganas, e temdo as assy fatengas (?) per hũs homẽs q(ue) ahy uierão ter de fora dizerem q(ue) o fato q(ue) os syganos trazião furtado era seu, e hũa das syganas dizer q(ue) sabia omde os syganos tinhão posto o dito fato furtado, e o yria mostrar as partes, e elle sop(lican)te a deixou yr com elles, e ella lhe deu o fato, e não tornara mais, e elle sop(lican)te leuou as outras duas sjganas reteudas ante o juis de fora da dita villa de santarem, e comtando lhe o caso, o dito juiz o mãodara premder, e o tinha prezo por deixar yr a dita sjgana, e elle sop(lican)te era hũ homẽ m(ui)to velho, q(ue) passaua de setenta annos, me pedia, lhe perdoasse a culpa q(ue) no dito caso podia ter; e v(is)to seu requerim(en)to, e hũ parece com hũ passe, ey por bem, e me pras, se assy he, de perdoar ao sop(lican)te a culpa q(ue) tinha em soltar a dita sygana de q(ue) faz mẽção seruindo de juis visto o q(ue) alega, e a ymformação do C(orreged)or, e isto liurem(en)te, vos mãodo etc. em forma. El Rey nosso s(enh)or o mãodou pollos doutores belchior damaral, e damião daguiar etc. christouão calld(ei)ra a fez em lix(bo)a a uimte oyto de yunho de nouenta e hũ joão da costa a fez escreuer.

(D. Felippe I, Liv. XIX de Legitimações e perdões, fl. 63 v.).

XXXV. — Dom felipe etc. faco saber q(ue) Ant(oni)o g(onça)l(ue)z, almocreue, m(orad)or na uilla de nissa me enuiou dizer per sua petição, q(ue) seruimdo de cacereiro na dita uilla, lhe fora emtregue hũa sigana per nome m(ari)a maldonada, por se dizer auer cido comprendida em hũ furto de certo d(inhei)ro, per não ter parte e estar ja sentemceada em degredo para fora da uilla e termo e faltar somente a deligẽcia q(ue) se auia de fazer do pregão pollo uilla, a tynha sem ferros na casa de riba, domde fogira sem mais ser achada, fazemdo m(ui)ta deligencia, e per q(ue) o sop(lican)te era casado, e pobre, e amdaua amorado me pedia auendo Resp(ei)to a não auer parte, lhe perdoasse a culpa de lhe fogir a dita sigana, e R(eceberi)a merce;

E v(is)to seu Requerim(en)to e hũ pareçe com hũ passe, ey por bem, e me praz, sse assy he de lhe perdoar a culpa de lhe fogir a sigana presa de que faz mẽçam semdo cacereiro pollo modo q(ue) declara u(is)to o q(ue) alega, e pagara dous mil r(ei)s para as desp(es)as da casa do desp(ach)o do desembargo do paço, u(is)to outrossy como não tem parte e por q(uan)to ja pagou os ditos dous mil r(ei)s ao recebedor das ditas desp(es)as como se uio [se uio] per hũ seu c(onhecimen)-to, e per outro do escriuão de sua Reseita de como nella ficão carregados vos mãodo etc. em forma. El Rei nosso s(enh)or o mãodou pollos doutores dy(og)o da fonsequa, e jeronimo pereira de saa etc. christouão calld(ei)ra a fez em lix(bo)a a quatro de março de mil quynhẽtos nouẽta e sete lucas uieyra a fez escreuer.

(D. Felippe I, Liv. XIX de Legitimações e perdões, fl. 123 v.).

XXXVI. — Dom felipe etc. faco saber q(ue) joão m(art)i(n)z, ciguano [1] me emuiou dizer q(ue) elle fora comdenado em dous annos de degredo para amgolla com baraço e pregão polla culpa de ladrão, como consta da s(ente)nça junta, e per que elle sop(lican)te era casado, e tinha simco filhos pequenos, e sua maj muito velha, e doemte, e auendo de yr a Amgolla pereceriäo a mingoa, e desemparo me pedia ouuesse per bem de lhe comutar os ditos dous annos de degredo para as gales, e R(eceberi)a merce; E u(is)to seu Requerim(en)to, e hũ parece com hũ passe, ey per bem, e me praz, se assy he, como diz, de lhe cumutar os dous annos de degredo em q(ue) esta cõdenado p(er)a amgolla polla dita culpa, em dous annos para as galles u(is)to o q(ue) allega, pollo q(ue) vos mando Em forma. El Rey nosso s(enh)or o mãodou pollos doutores jeronjmo p(e)r(eir)a, e damião daguiar etc. cristouão cald(ei)ra a fez em lix(bo)a a uinte e seis de nouembro de quinhentos nouenta e noue lucas uieyra a fez escreuer.

(D. Felippe I, Liv. XIX de Legitimações e perdões, fl. 370 v.).

XXXVII. — Dom felipe etc. faco sab(e)r que Amt(oni)o f(e)r-(nande)z m(orad)or na cidade de lejria me ẽujou dizer p(er) sua petiçam q(ue) seruindo elle de cacerejro na dita cidade, lhe forão ẽtreges presos dous siagos (sic) por se dizer fazerẽ hũ furto de pouca cousa, de q(ue) não tinhão p(ar)te, se não a just(iç)a, os quaes lhe fogirão da dita cadea, e por os ora ter presos po(r) sua jndustria p(e)lo q(ue) me pedia, lhe p(er)doase a dita fogida, e R(eceberi)a m(erce) e v(is)to seu Requerjm(en)to, e hũ pareçe, ey p(or) bẽ, e me p(ra)z de lhe p(er)doar a culpa q(ue) tem na fogida dos dous siganos da cadea, liurem(en)te, v(is)to como sam já tornados a cadea p(er) sua jndustria, p(e)lo q(ue) vos mando etc. ẽ forma. el Rey nosso s(enh)or o mãdou p(e)los doutores Amt(oni)o da gama, e damjão dagujar

[1] Este registo tem escripto á margem noutra letra: *João martins cigarra* Na duvida inseriu-se o documento na collecção.

etc. felipe da costa o fez ẽ lix(bo)a a xxbij de jan(ei)ro anno de mil bº lxxxiijº Jo(a)m da costa a fez escreuer.

(D. Felippe I, Liv. xx de Legitimações e perdões, fl. 11 v.).

XXXVIII. — Dom felipe etc. faco sab(e)r que Amt(oni)o luis, preso na cadea de montemor o velho me ẽujou dizer p(er) sua petiçam q(ue) sendo elle cacerejro na dita villa, e tendo os presos a bom recado, e jndo cõ sua molher hũa noyte p(er)a lhe lançar os ferros, os presos saltarão cõ elles e os afogarão e tratãdo m(ui)to mal, e arrancara hũa trauesa, e fogirão cinco delles ẽtre os quaes era hũ cigano q(ue) era preso por morte de hũ homẽ outro cigano, e hũ bertolameu g(onça)l(ve)z e simão trauasos q(ue) era preso po(r) hũa Resistencia de hũ mejrjnho e dj(og)o ponçes po(r) tomar hũa eguoa no campo, e eytor Rabello q(ue) era preso p(e)lo mesmo, e po(r) q(ue) o cigano o tornara a prẽder e tinha preso p(er)a se delle fazer just(iç)a, e bertolameu g(onça)l(ve)z tinha p(er)dão da fogida, e estaua ẽ liuram(en)to, e os tres q(ue) ficarão, as p(ar)tes lhe p(er)doarão, como constou dos perdões q(ue) ofereçeo, me pedia, lhe p(er)doase a culpa, q(ue) tiuera na fogida, e R(eceberi)a m(erce); E v(is)to seu Requerim(en)to, ey por bẽ, e me p(ra)z, se asj he de lhe p(er)doar a culpa que ẽ sua petiçam declara, v(is)to os p(er)dões das p(ar)tes que offereçeo e o mais q(ue) alegua, e ẽformação q(ue) se ouue p(e)lo prouedor da comarq(u)a, e pagara dous mil r(ei)s p(er)a a piadade, e po(r) quanto os ja tem pagos vos mando etc. ẽ forma. el Rey nosso s(enh)or o mãdou p(e)los d(ou)tores p(er)o barbosa e J(e)r(oni)mo p(erei)ra de saa etc. felipe da costa a fez ẽ lix(bo)a a xxxj de dez(emb)ro no anno de m. bᵉ lxxxiij Jo(a)m da costa a fez escreuer.

(D. Felippe I, Liv. xx de Legitimações e perdões, fl. 18).

XXXIX. — Dom felipe etc. faco sab(e)r que p(er)o nog(uei)ra, m(orado)r na villa das alcaçovas me ẽujou dizer q(ue) s(er)ujndo de alcaide, e caçerejro, lhe forão ẽtregues tres siganos po(r) lhe ser achado certo fato q(ue) tinhão furtado, e tendoos presos a m(ui)to bom Recado, e sendo elle sup(lican)te fora a fazer certas diligencias, limarão os ditos siganos os feros de man(ei)ra q(ue) dous delles fogirão, e acodindo a molher delle suplicante a dita fogida grjtando, arremetera a ella hũa cigana, e lhe lançara a mão a garganta, e de tal man(ei)ra a persegujra, q(ue) não som(en)te lhe ẽpedira o gritar mas a leixara m(ui)to maltratada, e mea afogada, e fizera m(ui)tas deligencias ẽ busq(u)a dos ditos dous siganos sẽ nũqua os poder achar, e o furto era de cõthia de dez ✝✝dos[1] e a p(ar)te a quẽ se furtara estaua satisf(ei)to e lhe tinha dado p(er)dão, me pedia lhe p(er)dase a culpa ẽ q(ue) ẽcorrera p(e)la dita fogida, e R(eceberi)a m(erce), e v(is)to seu Requerjm(en)to, e hũ parese cõ meu passe, ey p(or) bẽ, e me p(ra)z, se asy he, como o sup(lican)te diz de lhe p(er)doar a culpa da fogida

[1] Cruzados.

dos presos de q(ue) faz mẽçāo p(e)lo modo q(ue) declara, v(is)to o q(ue) alega, e p(er)dāo da p(ar)te q(ue) offerece, e pagara dez ✝✝ dos p(e)ra a piedade, e po(r) os ter ja pagos vos mando etc. ẽ forma. el Rej nosso s(enh)or o mãndou p(e)los d(ou)tores J(e)r(oni)mo p(erei)ra de saa, e belchior do amaral etc. fr(ancis)co de pauia a fez em lix(bo)a a xxiij de feu(erei)ro de m. bº lxxxix e eu fr(ancis)co nunez de pauia a fez.

(D. Felippe I, Liv. XXI de Legitimações e perdões, fl. 249).

XL. — Dom felipe etc. faço sab(e)r que o prouedor, e jrmãos da m(isericord)ya da villa das alcaçouas me ẽvyarão dizer q(ue) vindo hũs homẽs da villa de grãdolla em segujm(en)to de hũ alexandre, moço menor, cigano, per certo furto q(ue) disserão aver feito, e o prẽderão na dita villa das alcaçouas, e andando cõ hũ grjlhão nos pees p(e)la Rua da cadea po(r) quanto na dita villa não avia cadea forte, hũa noite vinte e sete de dez(em)bro deste p(re)sẽte anno da porta da mesma cadea fogira cõ o dito grilhão nos pes, e o alcaide fora ẽ seu segujmento, e o prẽdera na cidade devora e o trouxera a dita villa p(er)a se liurar da fogida e depois de liure ser leuado a villa de grandolla donde fizera o delito e po(r) q(ue) o dito moço era pobre, e não tinha de q(ue) se sostentar, e era do Rol da dita m(isericord)ya, me pedião lhe p(er)doase a dita fogida e R(eceberi)a m(erce) E v(is)to seu Requerjm(en)to e hũ parese cõ meu passe, ey p(or) bẽ, e me p(ra)z, se asy he, como dizem de perdoar ao moço de q(ue) fazẽ menção a culpa da fogida da cadea p(e)lo modo q(ue) declarão, v(is)ta o q(ue) alegão, e como he preso dos da m(isericord)ya, e isto ljurem(en)te p(e)lo q(ue) vos mando etc. ẽ forma; e leua a clausulla q(ue) o dito alexandre tome carta de seg(u)ro. el Rey nosso s(enh)or o mãdou p(e)los d(outo)res damjão dagujar, e m(anu)el de sousa etc. belchior pinto a fez em lix(bo)a a nove de majo de m. bº lxxxix J(e)r(oni)mo da costa a fez escreuer.

(D. Felippe I, Liv. XXI de Legitimações e perdões, fl. 277 v.).

XLI. — Dom felipe etc. faco sab(er) que amtonyo daruellos, allcayde e cacer(ei)ro na villa dallmodouar me ẽvjou dizer q(ue) ha elle lhe fogyrão dous presos por cullpas de ladroẽes, os quaees hũ delles hera syguano, e se chamaua luis mendez, e outro bertolameu a(fons)o as quaees herão as seg(uin)tes: o syguano por furtar hũa burra a quall loguo leuou a seu dono, e não quysera delle nada, e o outro por que, semdo pastor, vemdera duas ovelhas, e por a culpa ser leue e elle prouar o c(on)tr(ari)o sahyra na terra solto he liure, os quaes presos lhe cortarão hũa corrente, em que estauão, por a corremte diguo cadea ser m(ui)to fraca, e fizera deligencia p(er)a os tornar a premder, ha homde fora achar o syguano ẽ laguos preso e ho ẽbarguou p(er) hũ precatorjo q(ue) leuaua, como constaua de hũa certydão, e o outro estaua liure de todo, e não havya parte nenhũa, me pedya, lhe p(e)rdoase a cullpa q(uo) no caso podya ter, e R(eceberi)a m(er-

cê); E v(is)to seu Requerjm(en)to e hũ parece cõ ho meu pase ey p(or) bem, e me p(ra)z de p(er)doar ao sup(lican)te a cullpa de lhe fogyrem os presos p(e)lo modo que declara, v(is)to ho que alegua, e Imformação do ouujdor dalluerqua e paguara mill r(ei)s p(er)a p(ieda)de, que paguou ao R(ecebed)or della, e forão sobre elle p(er) seu scprivão caguados ẽ Re(ce)pta, vos mamdo etc. na forma. el Rey ho mamdou p(e)los doutores mellchyor damarall, e damjão daguyar etc. fr(ancis)co nunez de pauja a fez ẽ lix(bo)a a xj de jan(ei)ro e o pase a biijdelle de m. b^c lRiij.

(D. Felippe I, Liv. XXIII de Legitimações e perdões, fl. 3 v.).

XLII. — Dom felipe etc. faco saber que m(anu)el diaz, allcayde, e cacereyro que foy na villa dallvalade do campo dourique me ẽujou dizer que temdo elle preso ẽ seu poder a hũ fr(ancis)co allvez, syguano, por amdar por o Reyno. e temdoo preso no termo da d(i)ta villa homde chamauão as hermjdas, e por se harmar hũa gramde brjgua lhe fogira das maaos o d(i)to ciguano, e ell sup(lican)te ouuera alluara de busqua p(er)a o busquar e por v(er)tude delle ell mesmo p(er) sy o tornara a premder em são tiaguo de cacem, e o ẽtreguara preso na cadea da d(i)ta villa dallualade como constaua da certjdão que oferecia, me pedya, lhe p(er)doase a cullpa de lhe fogir a d(i)to ciguano, e R(eceberia) m(ercê); E v(is)to seu Requerjm(en)to e hũ parece cõ ho meu pase, ey p(or) bem, e me p(ra)z de p(er)doar ao sup(lican)te a cullpa de lhe fogyr o preso, sẽdo allcayde e cacer(ei)ro, de que faz memção p(e)lo m(od)o que declara v(is)to ho q(ue) halegua, e isto liurem(en)te, v(is)to como o premdeo p(er) sua Imdustrja p(e)lo que vos mamdo etc. na forma. el Rey ho mamdou p(e)los doutores dj(og)o lameyra he amt(oni)o dallmeyda etc. christovão calld(ei)ra a fez ẽ lix(bo)a a b de abrjll de m. b^c lRej joão da costa a fez sprever.

leva clausola que este p(er)dão lhe não valera chamãdose ho d(i)to preso as ordees ou Imunjdade da Igreja.

(D. Felippe I, Liv. XXIII de Legitimações e perdões, fl. 126 v.).

XLIII. — Dom Phellipe etc. faço saber q(ue) Antonio frajão preso na cadea da Villa de Setuuel me ẽviou dizer per sua petiçã q(ue) ele fora cõdenado p(er) s(ente)nça da rellação em quatro anos de degredo para a africa pella culpa da morte de hũ João baptista, Cigano, preso q(ue) então era na dita cadea; dos quaes quatro anos tinha cõprido dous, como constaua da certidã q(ue) ofereçeo, e por ele não cõprir os dous annos q(ue) lhe faltavã, o prederã na dita cadea, onde estaua, auia perto de tres meses, e Por q(ue) quando o prenderã andaua p(er)a auer meu perdã dos ditos dous anos por ser pobre e nã ter parte, me pedia lhe Perdoase a culpa de nã acabar de cõprir o dito degredo, e R(eceberi)a a m(ercê): E v(is)to seu Requerim(en)to e hũ parece cõ hũ pase, Ey por bem, e me praz, se asi he, como diz, e mais nã ha de lhe perdoar a culpa de ser achado no lugar do delicto

de q(ue) faz mẽçã pello modo q(ue) declara, v(is)to o q(ue) alega, e como tem comprido dous anos em africa dos quatro ẽ q(ue) foi condenado pella culpa da morte de q(ue) faz mẽçã, e Irá comprir os dous anos q(ue) lhe faltão e quatro meses mais alem deles no dito degredo dafrica, e Irá comprir o dito degredo dentro de hũ mes, e nã o cumprindo asi este perdã lhe nã valerá pello q(ue) vos m(an)do etc. na forma ElRey nosso s(enho)r o m(an)dou pellos doutores diogo da(fon)seca, e J(e)roni)mo p(erei)ra de saa etc. cristouão cald(ei)ra a fez ẽ l(i)x(bo)a a sete de majo de B^c Noventa e ojto lucas v(iei)ra a fez escreuer.

(D. Felippe I, Liv. XXIII de Legitimações e perdões, fl. 199 v.).

XLIV. — Dom felippe etc. faço saber que Amtonio frajam da villa de setuuel me ẽujou dizer que elle fora condenado per sẽtença da Relaçam em quatro annos de degredo pera africa pela culpa da morte de hũ joão baptista, cigano, prezo que então era na cadea da dita villa dos quaes quatro annos tjnha cõprido dous e andando pera aver meu perdão dos outros dous annos fora prezo na dita cadea, de que ouuera meu perdão cõ mais quatro meses, e que dentro de hũ mes fosse cõprir o dito degredo e pelo dito perdão fora solto como se ueria da sentença que offereçeo, e por que era pobre, e nos dous annos que amdara ẽ africa, padecia muitas necessidades, e não tinha parte, me pedia, ouuesse por bẽ de lhe perdoar os dous annos e quatro meses q(ue) tinha po(r) cõprir, e R(eceberi)a mercê); e v(is)to seu Requerjm(en)to e hũ parese cõ hũ passe, ey p(or) bẽ, e me p(raz), se asy he de lhe p(er)doar os dous annos e quatro meses ẽ q(ue) foj cõdenado p(e)la culpa da morte de q(ue) faz mẽçam e ser achado no lugar do delicto p(e)lo modo q(ue) declara, v(isto) o q(ue) alega, e como não tem e pagara dez mil r(ei)s p(er)a hũa obra pia q(ue) eu nomear e po(r) quanto os ja tem pagos a dy(og)o de salis a quẽ os mãdej ẽtreguar p(er)a a dita obra pia, vos mãdo etc. em forma. el Rej nosso s(enh)or o mãdou p(e)los d(outo)res damjão dagujar, e dy(og)o dafonseq(u)a etc. christouão cald(ei)ra a fez ẽ lix(bo)a a dez doutubro anno de ı̄. b^c lRbiij^o lucas v(iei)ra a fez escrever.

(D. Felippe I, Liv. XXIV de Legitimações e perdões, fl. 171).

P. D'AZEVEDO.

LINGUAGEM POPULAR DE VALPAÇOS

(Cartas ao redactor da **Revista Lusitana**)

III

Nesta minha terceira carta á cêrca do sub-dialecto valpacense completarei as informações que a seu respeito ficaram consignadas nas duas anteriores (*Rev. Lusit.*, II, 255-260), embora o assumpto não fique ainda exhausto.

A) Phonologia

1. *ou* = *ôŭ*.
2. *ao* = *ò*. Ex.: *Fui ao Porto, elle louva-o,* dizem-se: *Fui ò Porto, el lôŭvò*.
3. *ui* não se nasaliza em *muito;* perde a subjunctiva *i* e nasaliza-se *u: munto*. Nasaliza-se, porém, no monosyllabo *ruim,* que ás vezes tambem se ouve *rõi,* i. é, *oi* nasal.
4. *o* em *óbo, ólho, ósso, nóbo, pórco,* etc., e nas terminações dos adjectivos em *-óso,* é egual a *o* castelhano.
5. *a, e* e *o* antes de consoante nasal são em regra fechados.
6. *e* de *imbêja* é fechado.
7. *ch* é consoante palatal explosiva, que nunca se confunde com *x*.
8. Não ha *v*. «No norte de Trás-os-Montes creio mesmo não existir o som *v*». Disse-o v., fallando da linguagem popular de Parada de Infanções (*Rev. Lus.*, II, 113), e a minha observação o tem sempre egualmente confirmado.
9. *b, d, g* entre vogaes são contínuas.
10. *es* inicial reduz-se a *s*.
11. Na proclise *não* diz-se *num*.
12. Em phrases como: *vou á aula, lê o livro,* o hiato annulla-se intercalando-se um *i: vou á-i-aula, lê-i-o* livro.
13. A distincção constante entre os valores de *ç* e *s* surdo, de *z* e *s* sonoro, que eu reputo, acompanhando o sr. Gonçalves Vianna, como caracteristica phonetica do dialecto trasmontano, vae desapparecendo nesta villa; facto de que o povo tem consciencia, pois diz de pessoa, que não faz esta distincção, ser *cidadosa*.

B) Morphologia

14. A fórma feminina de *só* é *sóa*.

15. Por *lhe* diz-se *le*. Os pronomes *el* (elle) e *aquel* (aquelle) fazem no plural: *eis, aqueis*.

16. A fórma feminina do artigo indefinido é *ũa*.

17. *a)* No modo indicativo dos verbos em *-ar* a 1.ª p/pl. do presente é egual á 1.ª p. pl. do preterito. Terminação: *-ámos*. *b)* O presente do conjunctivo do verbo *dar* é assim, ainda entre pessoas illustradas: *deia, deias, deia, demos, deis, deiam*.

C) Vocabulario

Aboucar, ensurdecer, v. a.

Achada, coima.

Agrão, agrião. Cp. a cantiga popular:

> No alto d'aquella serra
> Corre agua, nascem *agrões*.
> Já se não pagam finezas
> Senão com ingratidões.

Alustrar, relampaguear.

Alustro, relampago.

Ancho, largo.

Anchura, largura.

Araujo ou **arujo,** argueiro.

Arrebunhar, arranhar. O sr. F. Adolpho Coelho, no seu *Dicc. man. etym.* diz de *arranhar:* «Diez apresenta diversas conjecturas etymologicas, nenhuma das quaes satisfaz». No termo trasmontano parece entrar o $\sqrt{unha}$; os prefixos *a* + *re* encontram-se juntos noutras palavras: *arrepanhar, arrepelar*, etc.

Azedem, especie de herva. Cp. o proverbio:

> O fiolho e o *azedem*
> A' roca vem.

Bardar, vedar com *bardo*.

Bardo, sebe.

Belourar, rolar.

Bô! interjeição.

Bocha, bolha lymphatica. Cp. *bochinca* em as *Notas sobre a linguagem vulgar de Aldeia de Santa Margarida*, pelo sr. A. Alfredo Alves (*Rev. Lus.*, II, 246).

Boquejar, servir-se do *boquejo*.

Boquejo, refeição entre o almoço e o jantar.

Buzilhão, bossa sanguinea no craneo. Em Valpaços ha uma eira chamada a *Eira dos buzilhões*, por cáusa da semelhança que apresenta.

Càcaràcá, imitação do canto do gallo. *Coisas de càcaràcá*, coisas sem valor. A explicação d'esta phrase, geral no país, encontra-se no seguinte conto, muito conhecido aqui: A um juiz, que tinha de decidir um pleito, offereceu uma das partes, para o subornar, um gallo; a outra parte, com o mesmo fim, offereceu-lhe uma *ceva*. O juiz decidiu o pleito a favor de quem lhe deu a *ceva*. O do gallo, nada contente, foi ter com o julgador e perguntou-lhe por que razão déra a sentença contra elle. «Que queria você que eu fizesse — disse o juiz — se você me trouxe uma testemunha de *càcaràcá* e o outro uma de *ronca*?»

Cachopé (andar a —), andar num só pé. Cp. fr. *marcher à cloche-pied*.

Calço, muro que sustenta o socalco.

Canear, cabecear com somno.

Cantarinha ou **cantarola**, bolha de ar á tona de agua.

Carabunha, caroço. Cp. *carunha (Rev. Lus.*, I, 207).

Cardenho, palheiro, casebre.

Carrachola (á —), ás cavalleiras.

Caruma, agulhas de pinheiro.

Castinceira ou **castinceiro**, castanheiro bravo.

Ceva, porco cevado.

Chor, flôr. Proverbio referido á plantação da oliveira:

No tempo da *chor*
E' cortar e pôr. (Cp. *Rev. Lusit.*, II, 371).

Dada, engorgitamento mammario.

Eido, sitio, logar. Ex.: *Este é o meu eido, perdeste o eido.* Não ha dúvida nesta accepção, como julga o sr. Gonçalves Vianna *(Rev. Lus.*, I, 210, s. v.). Vid. *Rev. Lus.*, III, 62, s. v.).

Encedouro, correia que liga o *pirtigo* á *mangueira* do *malho*.

Ervedeiro, medronheiro. Num local denominado *Tapada dos Ervedeiros* (concelho de Villa Pouca de Aguiar), é que foi assassinado Macdonell.

Érvedo, medronho.

Escarabanar, chover, sendo a chuva acompanhada de vento.

Esfoura, diarrhea.

Espoldrar, fazer a primeira poda da videira, fazer a alimpa.

Fazenda, predio rustico.

Fiolho, funcho. (Vid. *Rev. Lusit.*, II, 269. V. neste voc. *azedem)*.

Garabano, instrumento agricola para regar. Consiste num vaso de lata com um longo cabo de pau.

Garabito, aldraba, ferrolho.

Gemelgo, gemeo.

Gràdúra, nome generico dos legumes, depois de seccos.

Grillamesa, louva-a-Deus.

Lama, prado natural. E' frequente no onomastico: *Lamas* (f. de

Ervões) e *Lama de Ouriço* (f. de Alvarelhos), neste concelho; *Lamas de Orelhão*, c. de Mirandella.

Lameiro, prado natural. De *lama* + *eiro*. Cp. *Rev. Lusit.*, III, 63, 74.

Lavaceiro, intrujão.

Leituario, amuleto para produzir abundancia de leite.

Louco, viçoso.

Malho, mangoal.

Mancebo, veladòr.

Mangueira, a vara mais comprida do mangoal. S. v. *mango* diz o sr. F. Adolpho Coelho, no seu *Dicc. man. etym.*: «Pau superior do mangual, ligado ao cabo ou pertigo por uma correia (B. lat. *manicum*)». Já se viu que esta correia se denomina *encedouro*. Quanto a *mango* ser o «pau superior», discordo do sr. F. Adolpho Coelho, salvo o respeito devido ao sabio professor; pois julgo ser a inferior, isto é, a vara mais comprida, o cabo, como o indica a significação de *mangueira* e a propria etymologia da palavra, porquanto é pelo *mango* ou pela *mangueira* que o mangual se segura.

Mera, resina.

Merodeiro, medronheiro.

Merodio, medronho.

Merujar, choviscar.

Mesinha d'el-rei, louva-a-Deus.

Mirgandeza, *idem*.

Molego, pão pequeno de trigo.

Molete, *idem*.

Murar, verbo com que se exprime a acção do gato, quando está á espera dos ratos. Será $\sqrt{mus}$ ou $\sqrt{murus}$?

Obrigado, individuo que arremata o fornecimento de carnes verdes. Reparei que, se alguem emprega a expressão *obrigado* no sentido de *grato*, emenda logo para *agradecido*. Durante muito tempo ignorei a razão d'isto. Um dia soube que ella está no trocadilho obsceno a que dá logar o duplo sentido de *obrigado (grato* e *fornecedor)* e a accepção religiosa de *carne*, nos inimigos da alma.

Ouga, alga. Cp. *outeiro, outro, poupar, souto*. Dictado: «Verde como *ougas*».

Outrem. E' oxytono.

Paraleu, coisa extraordinaria.

Paqueta, rapariga para fazer recados.

Paquete, rapaz para fazer recados.

Pavía, especie de pecego.

Peto, gazophilacio.

Pírtigo, a vara mais curta do mangoal. O sr. F. Adolpho Coelho, no seu *Dicc. man. etym.*, s. v., diz que pírtigo é a vara mais comprida; no artigo sôbre *mangueira* já disse a minha opinião.

Poula, terreno inculto. Quando uma terra fica de pousio, tambem se diz que fica de *poulo*. (Cp. *Rev. Lusit.*, III, 64).

Puxa, moinha, grança.

Relampo, mudança rapida de temperatura; subito resfriamento após intenso calor. *Relampo* nada tem com *relampago*, que no dialecto se diz *alustro*.

Tanha, talha.

Zinzaro, especie de cogumelo.

Zorro, a, filho ou filha natural.

Valpaços, 2 — XII — 1894.

JOAQUIM DE CASTRO LOPO.

BENZEDORES E FEITICEIROS

DO TEMPO D'EL-REI D. MANUEL

(SECULOS XV-XVI)

Em resultado da politica centralizadora, levada a cabo com vigor pelos reis da 2.ª dynastia, conservamos nos registos da chancellaria real uma pequena collecção de documentos relativos a benzedores e feiticeiros, e o que é mais notavel, algumas fórmulas para benzer e uma serie de actos de feiticeria, por certo muito innocentes.

As cartas de perdão passadas a alguns individuos por benzerem, a par de outras de privilegios para empregar igual processo, mostra plenamente que esta classe de peritos estava considerada do mesmo modo que os medicos e tabelliães: só lhes era permittido o emprego da sua arte, quando para isso tinham licença real.

Ao contrário do que sería de esperar, a creação do tribunal do Santo Officio não fez diminuir a principio muito a menção d'estes casos nos registos das chancellarias reaes, d'onde são tirados os presentes documentos; só nos ultimos tempos, faltando ao tribunal os christãos-novos, se dedicárão com o maior afinco e pouco proveito á extirpação da feiticeria.

De 47 livros de registos que ha na Torre do Tombo, em Lisboa, pertencentes á chancellaria de D. Manuel, fôrão extrahidos os documentos que se publicam agora. Os outros reinados darão tambem documentos de não menor valor.

No final da collecção irá um appendice contendo alguns casos de feiticeria de pouca importancia, noticias de jogos, pragas, etc.

P. D'AZEVEDO.

I. — Dom manuell, etc. fazemos vos saber que fernādeânnes, morador no logo de vimyeiro, termo d'alcobaça, nos Emviou dizer per sua pitiçã, que pudera aver tres annos, ou quatro annos pouco majs ou menos, que por dizer hũ Joã da gram que tynha licença por nosa carta pera bemzer cõ algũaas palavras de noso sõr dizendo a ele sopricamte que asy tynha saber pera bemzer com outras palavras de noso sõr, e que ele sopricante as dise e vsava de as dezer e Rezar algũaas pesoas Emfermas e que has palavras, cõ que asy bemzia, herã as segujntes:

«Em nome do padre e do filho e do esperito santo amẽ. a virgẽ «groliosa, samta marya nosa s.ra, nõ pario mays de hũ filho soo, e «virgẽ foy no parto e amtes do parto e despoys do parto, e ele por «nos morte e paixã padeçeo e sã lomginhos lhe deu hũa lamcada no «seu verdadeiro lado, Inchou, nẽ currunyçeo, nẽ apodreceo, nẽ as cim«quo chagas que ele por nos padeceo. Por esta santa verdade lhe peço «que saya a dor e emfermjdade deste corpo pecador pela sua santa «piedade. pater nostre e ave maria a homra de deus e de santa ma«ria».

e que por bem das ditas palavras per verdade de noso sõr as pesoasReceberiã saude, sem por elo lhe levar premjo algũn, segundo nos delo fez çerto per tres estormẽtos de certidã e fee de testemunha que pareciã todos ser feytos e asjgnados per afonso pirez, publico tabeliam por nos ẽ a vila de turuquell, os dous aos xbij dias do mes de majo e hũa aos xj dias do dito mes, todos da era presente de mjll e qujnhẽtos e treze annos. Em os quaees se comtinham, amtre as outras cousas ẽ elas comtendas, que per as testemunhas forã dito que hera verdade que elle sopricante nõ levava nada por asy bemzer as ditas pesoas segundo majs compridamente ẽ os ditos estormẽtos hera conteudo. Emviando nos ele sopricante pidir por merçee que lhe perdoasemos nosa Justiça, se nos a ele por Rezã de asy bemzer cõ as ditas palavras ẽ algũaa maneira hera teudo e obrjgado, e nos vemdo o que nos ele asy dizer e pidir Emviou, se asy he como ele diz e Recomta e hy majs nõ ha, visto hos estormẽtos de fee e hũu praz me per nos asynado e queremdo lhe fazer graça e merçee, Temos por bem e nos apraz de lhe perdoarmos nosa Justiça, a que nos ele por Rezã de asy bemzer cõ as ditas palavras hera teudo e obrjgado, com tanto que ele pagasse mjll reaes pera a piedade e por quamto ele logo pagou os dinheiros a frey lujs da costa, noso esmoler, segundo delo fomos çerto per hũn seu asynado e per outro de marcos estevez, noso capelã, esprivã do dito careguo, que hos sobre ele caregou Em Receita vos mãdamos etc. Em forma. dada Em lixboa aos xxbiij dias do mes de mayo. El Rey o mãdou perdom pedro bispo da garda etc. e pelo doutor dom diogo pinheiro, vigayro de tomar etc. alvaro gonçalvez a fez de mjll e be xiij annos.

(Livro de Legitimações, fl. 115).

II. — dõ manuell etc. saude, sabede que pero ãnnes, pisoeiro,

morador na maçeeyra, termo da vyla da batalha, quomo avera ora dez ou doze ãnnos, que ele, por amor de noso senhor, bemzia alguas pesoas, que lho pediam de quebrantos e ventres caydos e ysto por lhe noso senhor dar graça pera yso e alguas vezes o fazia por ourelos, sẽ levar dyso nenhũ premio, somẽte lho fazia por o amor de Deus e as palauras com que bemzia erã estas *a saber:*

«ẽ nome do padre e do filho e do esprito sãto: hũn verdadeiro «deus, asy como ysto he verdade, asy sara este mall de foã (nomea«do por seu nome)».

dizendo esto tres vezes com tres patres noster e tres avemarias a omra de deus e da virgem maria e por bem desto era dito que o forã acusar ao corregedor da comarca, por bem do qual caso elle sopricante anda amorado com temor das nosas Justiças e por ello [1] prenderẽ, emvyamdo nos elle sopricante pedir por merce, que lhe perdoasemos nosa Justiça, se nos a ella por Rezam de asy bemzer comtra nosa defesa ẽ algũa gysa era teudo e obrigado e nos vemdo o que nos elle asy dizer e pidir emvyou, se asi he como elle diz e hy mais nõ ha, visto hũu pareçe com o noso passe e querendo lhe fazer graça e merçe, Temos por bem e nos praz e lhe perdoarmos nosa Justiça, se nos elle por Rezã do dito casso era teudo e obrigado, comtanto que elle pagase dous mill reaes para pyedade e por quanto lógo pagou os ditos dinheiros a diogo fernandez Cabrall, segundo deelo fomos certo por hũn seu asynado e por outro de marcos estêues que os sobre os *(alias:* elle) pos Em Recepta vos mãdamos etc. ẽ forma. dada ẽ almeirym, aos xxij de novembro. el Rey o mandou poelo bispo da garda e polo vigairo de tomar etc. tristã doliueira a fez anno de mill e b° xiij.

(Livro de Legitimações, fl. 250).

III. — dõ manuell (etc). saude, sabede que Joam gonçalluez, morador na macieira, termo da villa de lerea, nos emviou dizer, por sua pitiçã, que ĩclinado pera bem fazer, por ser omẽ symplez e lhe pareçer que seruia a deus nyso, custumara, per vezes, de bemzer camçer, sem por yso leuar nenhũn emterese, com as palauras seguintes:

«em nome do padre e do filho e do sprito. camçere cato, camçe«re acho, camçere elixga *(?)*, com a graça de deus te mato. pater nos«ter e auemaria».

bemzendo com estas palauras e com hũus paoszinhos de funcho, todo com anymo e tençã de fazer bem, e ora lhe era dito que o meirinho da coreiçam da estremadura e seus omẽs querelarã delle sopricante as nosas Justiças, por asy bemzer. por a qual Rezã ele sopricamte amdaua amorado, com temor das nosas Justiças o por ello prenderẽ; e Emvyando nos elle sopricamte pydir por merçe que lhe perdoasemos nosa Justiça, se nos a ella, por Rezã de asy bemzer comtra nosa defesa e ordenaçã, en algũa maneira era tyudo e obrigado. E

[1] = ello o.

nos vendo o que nos elle asy dizer e pidir emviou, se asy he como elle diz e hy mais nõ ha, visto hũn pareçe com o noso pase e queremdo lhe fazer graça e merçe, Temos por bem e nos praz de lhe perdoarmos nosa Justiça, se nos a ella por Rezã do dito caso, era tydo e obrigado e comtãto que elle pagase iiij reaes pera piadade e por quãto elle loguo pagou os ditos dinheiros a djogo fernandez cabrall, segundo dello fomos çerto por hũu seu asynado e por outro de marcos estevez que os sobre os *(aliás:* elle) poos em Recepta, vos mandamos etc. ẽ forma. dada em almeirym, a xxij de novembro el Rey o mãdou polo bispo da garda e polo vygairo de tomar etc, tristao *(sic)* doliveira por Joan Lourenço a fez ãno de mill e b^c^ xiij.

(Livro de Legitimações, fl. 250 v.).

IV.— Dom manuell etc. saude, sabede que bramca gyll, molher velha e veuva, morador em lagos, nos emvyou dizer que ella com bõoa emtençã e por lhe pareçer que Em ello seruya a deus, bemzya algũus menynos e pessoas com bõas palauras e samtas de louuor de noso Sñor sem por elo leuar premeo nem outra cousa algũa, saluo com bõoa emtemcam e por lho Rogarom algũuas pesoas e lhe parecer seruiço de deus e noso, comtras nossas hordenaçõees e defessas em comtrario dello feytas, por bem do quall amdaua amorada com themor das nossas Justiças ho por elo averem de prender; Emvyamdo nos elle sopricamte pydir por merçee que lhe perdoassemos nosa Justiça se nos a ella Em algũua maneyra era theudo e obrigado por Razam do que dito he; e nos vemdo o que nos elle asy dizer e pydyr emyiou se asy he como ela Recomta e hy majs nam ha, vysto hũu noso praz me com ho nosso passe por ho quall nos proue perdoar a dita sopricãte. E queremdo lhe fazer graça e merçee Temos por bem e perdoamos lhe nossa Justiça a que nos ella era theuda e obrigada por Razã de asy bemzer as ditas pesoas e cryamças comtra nossas hordenações e defessas em comtrario dello feytas como dito he comtamto que ella pagasse quinhentos reaes pera pyedade e por quamto ele loguo pagou os ditos quinhentos reaes pera pyedade a dom francisco, bispo de fez, que ora por noso espyçiall mãdado tem carguo de noso esmoler, segundo dello fomos çerto por hũu seu asynado e por outro de amtonio alvez, noso capelam, scripvam do dito carguo, que os sobe elle pos em Recepta vos mandamos que daquy em dyamte a nã prendaes nem mandes prender etc. em forma. dada Em a nossa cidade de lixbõoa aos iiij^o^ dias do mes de dezembro. El Rey ho mamdou por dom amrrique coutynho, fidalguo da sua casa, E por ho doutor gonçalo dazeuedo, ambos do seu comselho E desembarguo e seus desembargadores do paço. Johan aluez a fez anno do nasçimento do nosso Snñor Jhũu x^o^ de myll e b^c^ e hũ anno.

(Liv. 37, fl. 18).

V.— dom manuell etc. fazemos saber que afonso eanês sylmoso, morador em santa caterina dos coutos d'alcobaça, nos emviou dizer

per sua piticam, como a sua noticia vyera que as Reformações de nosas ordenações defemde que nẽhũa pesoa benza sem nosa autoridade, e por quanto ele sopricante benzia cõ ho synall da cruz em nome do padre e do filho e do esprito santo por entercessam da vergindade de nosa sra cõ a oraçã do pater noster, e que muytas pesoas de muytas emfermjdades Recebiã saude mediante a graça deujna, pello quall algũas pesoas se secoriam a ele, por bem do qual ele sopricãte andaua amorado cõ temor de ho prenderẽ, emviando nos pidir por merçẽ que lhe perdoasymos nosa Justiça, se nos a ela por Rezam de asy benzer cõ as ditas palauras era teudo e obrigado; e nos vemdo ho que ele asy dizer e pidir ẽviou, se asy he como ele djz e hj majs nõ ha, visto hum parece cõ ho noso pase, e queRendo lhe fazer graça e merçẽ temos por bem de lhe perdoarmos nosa Justiça, cõ tanto que ele pagase mjll reaes pera a piedade e por quãto ele loguo pagou hos ditos dinheiros a frey luis da costa, noso esmoler, segundo delo fomos certo por huu seu asynado e per outro de marcos esteves que hos sobre ele caregou em Recepta, vos mãdamos etc. ẽ forma. dada ẽ lixboa a onze dias do mes de Julho. el Rey ho mãdou pello bispo da garda e pello vigayro de tomar etc. aluaro gonçalvez a fez de I b° xiij ânnos.

(Livro de Legitimações, fl. 144 v.).

VI. — Dom manuell etc. A quantos esta nosa carta virem, fazemos saber que ha nos dise afonso da costa, Escudeiro del Rey meu Snnor que deus aja, que noso Snnor por sua mysericordya E piedade posera Em ele vertude de bemzer com palauras que hele dezya aos moordidos de caees danados E asy quaeesquer anymalias E que por vertude de noso Snnor Recebyam saude E asy daua agoas ẽ muitos logares neçesareos; E que husamdo das ditas cousas era Reprouado e Imjuriado e que ja por yso fora preso e foy solto per sentença, segundo vimos, Pedimdonos por merçe que lhe desemos algũu Remedeo E Justiça E uisto como nas palauras que o dito afonso da costa sabee e de que huusa sam muyto comformes a nosa samta fee, Mandamos a todolos noso Coregedores, Juizes e Justiças, oficiaees e pesoas ha que esta nosa carta for mostrada e o conhecimento delo pertemçer, per qual queer guisa que seja, que daquy avante leixem ao dito afonso da costa liuremente huusar das ditas bençõoes e palauras samtas e posa bemzeer quaees quer pesoas cõ helas E asy anymalias E asy husar do achamẽto das agoas, sem lhe por elo seer feito nenhũu nojo nem sem Razam, mas amtes, pois noso Snnor o proueo da tamta vertude E tam neçesarea, o omrrem E tratem e fauoreçam como cousa nosa e de que gramde carguo temos o que de asy comprirdees vos muyto agardeceremos e do comtrario nos desprasera e o dito afonso da costa nõ huusara dadeuinhador nem doutras palauras Reprouadas. dada ẽ a nosa cidade de lixbboa a xxbiij° dias de Junho, el Rey e princepe o mãdou. E a Snnora Raynha sua Irmãa gouernador por ele

destes seus Reynnos e Snnorios asynou. Joam afonso a fez de mill e iiij° lR biij° annos.

(Liv. 31, fl. 17 v.).

VII. — Dom manuell etc. saude, sabede que violante gill, morador Em a nosa villa de laguos, nos Emviou dizer que ella benzia hũu minyno e asy outras vezes outros de que nom era acordada, o que ella fazia asy symprezmente por ser molher velha E nom dizia mais que ho patre nostre e o credo per do quall se timia das nosas Justiças de o por ello averem de premder E amdaua ora amorada; Emviando nos ella sopriquãte pidir por merçee que lhe perdoasemos nosa Justiça a que nos ella era theuda e obrigada per Rezã do caso e maleficio. E nos vemdo o que nos ella asy dizer e pidir ẽviou se asy he como ella dijs e hi mais nom ha, visto hũ parece com hũu noso pase e queremdo lhe fazer graça e merçee Temos por bẽ e perdoamos lhe a nosa Justiça a que nos ela era theuda e obrigada por Rezã do dito caso E maleficio, comtanto que ella pagase dozemtos Reaes pera piadade. E por quãto ella loguo pagou os ditos dinheiros a dom francisco, bispo de fez, que ora tẽ carguo de noso esmoler, segumdo dello fomos certo per hũu seu asynado e per outro damtoneo alvarez, noso capelã, scripvam do dito cargo, ẽ ausemçea dalvaro fernamdez, outro sy noso capelã, scripvã delle, que os sobre ho dito noso esmoler pos ẽ Recepta vos mandamos que daquy em diãte ha nom premdaes nem mamdes prender etc. em fórma dada em a nosa cidade de lixboa aos xbiij dias do mes de nouembro. ElRey o mamdou perdom pero, bispo da guarda, seu capellã moor etc. e pollo doutor gonçalo dazevedo, ambos do seu comselho, e desembarguo e seus desembargadores do paço francisco dias a fez anno do nacimẽto de noso Senhor Jhũu x.° de mill e b° e hũ.

(Liv. 46, fl. 97 v.).

VIII. — Dom manuell etc. Saude, sabede que briatjz vaqueira, molher de Johã vaqueiro, pedreiro, morador em a villa de laguos, nos emviou dizer per sua emformaçã que afomso pirez, Juiz de fora em a dita villa, com poderes dalçada, ha mamdara premder por se dizer comtra Ella que bemzia meninos sem ter licença pera yso e por tamto amdaua por ello amorada com themor das nosas Justiças por ello averem de premder, emviamdo nos ella sopriquãte Pidir por mercee que por quanto seu padre ẽ se finamdo lhe encomendara e mamdara que quamdo quisese bemzer huzagre, bemzese primeiro huua pouca daguoa ẽ nome de deus padre e do filho e do samto esprito e tamto que a dita aguoa fose bemta, tomase hũ molho desparto e bemzese a cryança que teue o dito huzagre, o que ella per algumas vezes asy fezera cimprezmente com a dita temçã booa, sem outro algũu embarguo nẽ maliçia, lhe perdoasemos nosa Justiça, se nos a ella ẽ alguua maneira era theuda e obrigada por Rezam do que dito he. E a mam-

dasemos soltar; e nos vemdo o que nos ella asy dizer e pydir emviou, se asy he como ella recomta e hy mais nom ha, visto hũu noso praz me asynado per nos o quall nos prouue de perdoar a dita sopriquãte e a mandar soltar. E queremdo lhe fazer graça e merçee, Temos por bẽ e perdoamos lhe a nosa Justiça a que nos ella era theuda e obrigada por Rezã de asy bemzer comtra nosas ordenações e defesas ẽ contrario dello feitas, como dito he, comtamto que ella pagase mill rreaes pera piadade e por quãto ella loguo pagou os ditos mill rreaes a dom francisco, bispo de fez, que hora per noso especiall mamdado tẽ carguo de noso esmoler, segundo dello fomos certo per hũu seu asynado e per outro daluaro fernamdez, noso capellã, scripvã do dito carguo, que os sobre elle caregou ẽ Recepta nos mamdamos que daquy Em diante a nom premdaes nem mamdes premder etc. em forma. dada ẽ a nosa cidade de lixboa aos seis dias do mes de nouembro. ElRey ho mamdou per dom pero, bispo da guarda, seu capellã moor etc. per dom amrrique coutinho, fidalguo da sua casa, do seu comselho e desenbarguo, anbos seus desembargadores do paço. joam aluarez a fez anno de mill e b^e e hũu annos.

(Liv. 46, fl. 117).

IX. — Dom manuell etc. fazemos saber a todolos corejedores, Juizes, Justiças de nosos Reynos, a que esta nosa carta for mostrada e o conhecimẽto dela pretemçer, que bertolameu martjnz de firmjnhãm, morador na cjdade de viseu, nos emujou dizer que por sua molher catelyna pirez curar dargejros e os Juizes e veradores e porcurador e homes bomos da dita çidade lhe deram hũu prjujlejo do quall o teor de verbo a verbo he o seginte:

«A quamtos esta nosa carta de priujlejo virem, fazemos saber «que fernam dalurêz e amryque deluyro, escuderos fidalguos, cidadaos «de viseu e Juizes ordenajros ẽ ela E gill de figredo e galdim páiz «E lopo afonso, escuderos cidadaos E veradores da dita cidade, E «vasco fernãdez, mercador E porcurador ẽ ela do comselho da dita «cjdade, E vasco de moraees E gomçalo lopez e Joam do amarall E «pero montjro E Joam de figeredo E Jirdão paiz E dioguo afonso «tocho E diogo doreguõ, escuderos cidadaos da dita cidade, e homes «bos da camara dela, fazemos saber que pola graça que deus noso «senhor pos e deu a catelina pajz, molher de bertolameu martjnz, mo«rador em framjnhão, termo desta cidade, acerqua de bemzer dos «olhos e tirar argejros que ela faz a todos aqueles que a chamã e am «mester, per cuja causa ela foy ja reqerjda pera viuer em outras par«tes, homde lhe faziam e mandauã fazer framqezas e libardades por «la jr viuer, porem a nos aproue e apraz que por ela e seu marjdo «viuerem no dito lugar de framjnham que he termo desta cidade, «homde pode aporujtar com a dita graça aos moradores desta cidade «e termo que a ouuerem mester, que ela e seu marjdo E todas suas «cousas sejam escusos de fintas, talhas etc. Em forma feita em lisboa

«*(sic)* a xbiij dias do mes de Janeiro Jorge Lourenço a fez anno de «mjll quinhentos anos».

dada em a nosa cjdade de lisboa aos xij dias dagosto symão de matos a fez ano de mjl e b° e bij anos.

(Livro 9, fl. 34 v.).

X. — Dom manuel etc. [1] A quamtos esta carta de licemça virem, fazemos saber que a nos veo maria gomez, molher de Joham aluares, lavrador, morador na granja termo desta çjdade de lixboa, e nos disse que sabia curar com o synal da cruz e com muitas hervas de mujtas doenças e que praticaram *(sic)* per lomguo tempo com hũ mestre Rodrigo do macheyal e pera sermos Emformado de sua pratica e do que ssabia, nos amostrou estromentos publicos com testemunhas neles pregumtadas de curas e Remedios que fezera; E que por que nom podia vsar de curar sem nosa carta, segundo nosa hordenãça, Nos pedia que lha mãdasemos pasar e vysto per nos os ditos estromẽtos, mãdamos ao noso ffiziquo mór que a emgemjnase, segundo hordem e soficiencja de seu Regimento, a qual a emgymjnara e dise que achara çerta em muytos·Remedios e asy lhe dera synaes polos quaes conheçja mujtas doenças e abastava pera curar na dita aldea e algũs logares derador, homde nõ houvese fiziquo, e por assy achar çerta em muytos Remedios em a dita sua aldea e algũs logares derador, omde nõ vivia fisyquo, e em quãto o hy nõ ouver, avera todalas homras, liberdades, proees, precalços que pera sua soficjemçia e exzame deve dauer e asy como o ham e de direito pertemçee as semelhantes pesoas de nosos Rejnos per honra de sua çjençja, porẽ, ela nõ vsárá bemzer per hourello, por que vsando avera pena que mereçer per nosas hordenaçomes, E ela Jurom *(sic)* em a nosa chancellaria aos samtos avamjelhos que com bõoa deligençja e asy bem e como deve esa comçjençja vse, vse *(sic)* de sua çjemçja e Remedios que sabe tam Juteiramẽte... a serujço de deus e noso e bem do pouo; e mãdamos a todolos oficjaes e pesoas a que o conhecimento pertemcer, que ajam em a dita aldea por soficjemte e auto pera curar e dar Remedios nõ avemdo hy fysyquo. dada em lixboa a iiij° dias de ffeuerejro. eelRej o mãdou per o doutor mestre afonso, fysyquo mór todos seus Rejnos e senhorios. gomez eanes a fez de jb° xbij ãnos.

(Liv. 25, fl. 165 v.).

XI. — Dom manuell etc. fazemos vos saber que mecia lopes, morador na marmeleira, termo da cidade de cojmbra, nos ẽnviou dizer, por sua pitiçã, que ela bẽzia crianças de vẽntre caydo e quebranto e asy omẽs e molheres e lhe poynha ẽprastos com hũ ovo e farinha e quãdo asy bẽzya, dizia hũn pater noster e hũa ave maria e o credo e esto fazia por amor de deus, noso senhor, fazẽdo todo contra nosa defesa e ordenaçã sobre tall caso feyta, pola quall Rezã ela sopricãte

[1] *Á margem do registo:* maria gomez, oficjo de fisyqua.

amdava amorada, com temor de nosas Justiças ho por elo prẽderẽ; ẽviãdo-nos ela sopricãte pedir por merçe que lhe perdoasemos nosa Justiça, se nos a ela, por Rezã do dito caso, era theuda e obrigada. E nos vẽdo o que nos ela sopricãte asy dizer e pedir ẽviou, se asy he, como ela diz e Recõta e hy mais nã ha, visto hũ pareece por nos asynado e querendo lhe fazer graça e merçee, Temos por bẽ e nos praz de lhe perdoarmos nosa Justiça, a que nos ela por Rezã do dito caso era theuda e obrigada, livremente sẽ que nada pagase etc. ẽ forma, dada ẽ almeirym, aos iiij dias de novembro. el Rey o mãdou pelo bispo da guarda. Xpuã *(christovão)* Lourenço a fez por Johã Lourenço de mjll e b[c] e xiij annos.

(Livro de Legitimações, fl. 244 v.).

XII. — dom manuell etc. fazemos saber que alvaro pirez morador ẽ alcoimpre *(sic)*, nos ẽviou dezer per sua petiçam que elle sopricante fora preso na dita villa e acusado per francisco paez, meirinho das terras do marquez *(Villa Real)*, por contra elle dezer que elle sopricante cõtra nosa defesa e ordenaçam talhada *(sic)* baço ẽ figueira baforeira. per bẽ do quall se proçesara tamto ẽ seu feito que elle sopricamte fora comdenado per vosa *(sic)* sentença de dous ãnos de degredo pera cidade de cêpta, com pergam naudiencia, E mais que pagase ao dito meirinho quereloso coatro mjll reaes de primcipal e custas, segundo ver poderjamos per a sentença de seu livramẽto que peramte nos apresẽtar ẽviou esprita Em purgamjnho pasada pellos nosos ouvjdores que ãdam ẽ nosa corte e casa do civell E aselada cõ nosso sello pẽdẽte, a quall ẽxuquesã de degredo cõ pregã naudiencia ẽ elle sopricamte fora feita, segundo o ver poderjamos per hũu termo que nas costas da dita sentença vinha, que Recõtava ser feito e asynado per Joham martjnz publico tabelliam ẽ a dita vila dalcoẽtre, aos dezoito dias do mes de março do ano presẽte b[c] xiij ẽ o quall se cõtinha que *(em)* elle sopricamte fora feita a dita ẽxuquiçã de degredo cõ pregã naudiencia, segundo ẽ o dito termo era cõteudo, o quall primcipall e custas elle sopricante paguara, satisfezera, segundo outro sy ver poderiamos per hum conheçimento nas costas da dita sentença vinha que Recõtava ser feito per o sobre dito Joam martjriz e asynada per o dito francisco paez, meirinho, e asy por elle tabelliam aos xiij dias do mes de março do dito era ẽ o quall e outro sy se cõtinha que elle dito autor meirinho Recebera delle sopricante todo o cõteudo na dita sentença *a saber:* per esta maneira que elle Recebera delle sopricante dous mjll Reaes que os outros ij Reaes e as custas lhe quitava per amor de deus, segundo ẽ o dito conhecimento era cõteudo; E por quanto elle sopricante Recebia mujta perda da sua fazenda ẽ jr comprir *(pedia)* por merçe que ẽ embargo de não ter começado a servir o Relevasemos da servẽtia delles e nos vẽdo o que nos ele asy dizer e pedir ẽviou, se asy he como elle diz e Recõta e hy mais nã ha visto a sentença de seu livramẽto e o termo de como ẽ elle fora feito ẽxuquiçã do pregã e satisfaçã da parte e hũu praz me cõ nosso

passe e querẽdo lhe fazer graça, merçe; temos por bẽ e nos apraz de o Relevarmos como de feito Relevamos da serventia dos ditos dous annos de seu segredo, ẽ que asy fora condenado pera dita cidade de cépta, sẽ ẽbargo de nõ ter começado a servir cõtamto que elle pagasse outo mjl Reaes pera piedade e por quanto elle loguo pagou os ditos dinheiros a frey luis da costa, nosso esmoler, segundo dello fomos çerto per hun seu asynado e per outro de marcos estevez, esprivão do dito careguo, que os sobre elle pôs ẽ Recepta, vos mãdamos etc. ẽ forma. dada em lisboa a xiij dagosto. el Rey o mãdou pello bispo da garda etc. e pello vigayro de tomar etc. afomsso fernandez o fez de b[e] xiij.

(Livro de Legitimações, fl. 174).

XIII. — Dom manuell etc, fazemos sabêr que maria gonçaluez, molher veuva, morador em o llugar de carregoso do termo da cidade de vyseu, nos emujou dizer por sua pytiçam que avera ora dous annos, pouquo majs ou menos, que per noso mandado os Juizes da dita cidade tirarã devasa sobre certos casos, amtre os quaaes era hum dellés sobre feytecerjas, e a quall devasa que asy tiraram cullparam ha ella sopricamte allgvmas pesoas, dizendo que ella sopricamte bemzya de vemtre caydo e de bichoquo e do baço e que pasaua os doemtes per hum arco de trovysquo e que semdo asy tirada a dita devasa, sem embargo della, hum pero gomez de mello, mejrjnho que ora era em a dita cidade, querellara della sopricante as nosas Justiças dizemdo ẽ sua querella que ella sopricamte era bemzedeira e bemzya comtra nosa defesa e ordenaçam e sem nosa Licença e do priorado e de seu vigairo e que por ello emcorrera em penna de Justiça, per vertude da quall querella e deuasa ella sopricante fora presa, como ora estaua ẽ a dita cadea da cidade de viseu, e o dito pero gomez, meirinho, acusaua e dera comtra ella lljbello e andaua a feito semdo Ja sobre ello proçeso ordenado e ella sopricamte dizia que era uerdade que bemzera allgun tempo de bichoquo, que he bicho da parede, e asy de vemtre caido e do baço e allgũuas pesoas ẽfermas pasaua per trovisqueiras atadas dizemdo a oraçã do oremos omnipotes sempiterna deos etc. e a oraçam do amjo sam grauuiell e asy aos ẽfermos punha emprasto no vemtre e letras de covas. Emvyamdo nos ella sopricante pidir por merçee que sem embargo destar presa lhe perdoasemos a nosa Justiça se nos a ella por Rezam do sobredito caso ẽ allgũua guisa era teuda obrigada e nos vemdo o que nos ella sopricante dizer e pidir Enviou, se asy he como ella diz e Recomta e hy mais nam ha, visto hũ praz me com noso pase e queremdo lhe nos fazer graça e merçe temos por bem e nos praz de lhe perdoarmos ha nosa Justiça sem embargo destar presa a que nos ella por Rezam do sobredito caso era teuda e obrigada com tamto que ella pagase dous mjll reaes pera piadade e por quanto ella llogo pagou os ditos dinheiros a frey luys da costa, noso esmoller, segundo dello fomos certo por hũ seu asynado e per outro de marcos esteuez, noso capellã, e scripvon

do dito conego, que hos sobre elle pos Recepta vos mandamos etc. em forma. dada en llixboa a xix dias do mes de Janeiro. elRey o mandou pollo bispo de funchall e per dõ pero de menezes etc. afonso fernandez por Jordam lourenço a fez de mill b^c xbij annos.

(Liv. 47, fl. 1430).

XIV. — Dom manuell etc. saude sabede que vasco gonçalvez tores, morador ẽ a vila de viana, nos ẽviou dizer per sua petiçam, que averia muitos ãnnos, que elle sopricamte vsaua e fazia a muitas pesoas doẽtes algũuas cousas cousas *(sic)* pera suas saudes *a saber:* esfregãdo lhe os bracos e pernas e outros nẽbros de seu corpo e asy lhe mamdaua por algũuas bymas demcenço e almocega e doutras cousas e asy algũuas pesoas e omẽes e molheres e criamças pequenas que erã doemtes de baço, e que lho talhaua e bemzia, pasamdo os por hun sylvam noue vezes e com noue pater nostres e noue avemarias, e que asy lhe fazia e mãdaua fazer peras ditas doẽças algũus lejtoairos de aypo e de salsa e doutras cousas, e que as ditas pesoas se achauã bem; e lhe fazia todo por amor de deus, sem diso leuar nenhũu proueyto, ssomente se algũua das pesoas lhe dauã algũua era algũu queixo e cousa de comer por suas cortesyas, e que ora o meirinho da coreiçã damtre tejo e o dyana querelara dele sopricante, por bem do quall elle andaua amorado cõ temor de ho prenderẽ, emviamdo nos pidir que lhe perdoasemos nosa Justiça, a que nos era obrigado pello que dito he. E, nos vendo o que nos elle asy dizer e pidir ẽvyou, se asy he, como elle diz, e hy majs nõ ha, visto hun prazme, e querendo lhe fazer graça e merçee, temos por bem, lhe perdoarmos todo, cõtanto que pagase iiij reaes pera a piadade, e por quãto logo pagou os ditos dinheiros a frey lujs da costa, noso esmoler, segundo vjmos por hũu seu asynado, e por outro do scripvam de seu cargo que hos sobre elle pos ẽ Recepta, vos mamdamos etc. em forma. dada ẽ lixboa aos biij dias dagosto. el Rey o mãdou pello bispo da guarda e pello vigairo de tomar. aluaro gonçallvez a fez de myll e b^c xiij.

(Livro de Legitimações, fl. 185).

XV. — Dom manuel etc. fazemos saber que maria afonso, veuva, morador em a vila de sãtarem, nos ẽviou dizer per sua pitiçã, que Indo ora ter a dita vila de sãtarẽ o noso coregedor da comarca, per via de coreyçã, o meyrinho dãte ele querelara dela sopricante, dizendo que cõtra nosa ordenaçã e defesa benzia omẽs e molheres e menjnos de quebranto e doutras dores, cõ palauras, cõpoẽdo, hũ ouRinoll cheo dagoa ẽ a cabeça cõ a boca per bayxo pera tirar ho soll, e asy hũa tigela dagoa na cabeça cõ quatro goteyras dazeyte pera saber se era mall descõmũgado, e boçijava e abria a boca, dizẽdo que todo mall se metia no corpo e tirava do ẽfermo, e asy fazia outras muytas aguzoes *(? abusões)* semelhantes; e ora ela sopricante por Rezã da dita queRela estava presa na cadea do dito coregedor, emviando nos ela sopricante pidir por merçê, que lhe perdoasemos nosa Justiça, se, nos

a ela por Rezã de asy bemzer e fazer as sobreditas cousas contra nosa defesa sẽ ẽbargo de estar presa, ẽ algũa gujsa era teuda e obrigada; e nos vendo ho que nos ela asy dizer e pidir emviou, se asy he como ela diz e Recõta e hj majs nã ha, visto hum praz me cõ noso pase, e queRendolhe nos fazer graça e merçê, temos por bem e nos apraz de lhe perdoarmos nosa Justiça, sem ẽbargo destar presa, cõtanto que ela pagase dez cruzados pera a piedade e seja degradada fora da dita vila por seys meses e por quã*(to)* ela logo pagou a frey lujs da costa segũdo delo somos serto por hũ seu asynado e por outro de macos *(sic)* esteves que hos sobre ele caregou ẽ Receyta vos mãdamos etc. ẽ forma. dada ẽ evra a xbiij dias de março. elRey ho mãdou pello bispo da garda e pello vigayro de tomar etc. tristã doliveira a fez de mjll e b° xiij ânnos.

(Livro de Legitimações, fl. 57 v.).

XVI. — Dom manuell, etc. saude sabede que branca ãnes, molher de Joham da lousada, morador em esta nosa cidade de lixbooa, nos emviou dizer que, per o dito seu marjdo lhe dar maa vida e andar cõ molheres, fezera dello queixume a algũas molheres e que hũa das ditas molheres lhe disera que lhe darja hũa cousa, cõ que fezese bõaa vida com elle e que lhe dera hũa Imagem de çera, dizemdo que era sam lomgujnhos e lhe disera que a metesse de ssobacabeçeira da cama e ella o fezera asy e, temdo o dita Imagem de ssoba dita cabeçeira, o dito sseu marido a achara e a amostra*(ra)* a algũas p^as^ *(pessoas)* da vizinhamça, pêllo quall andaua ora amorada, cõ temor das nosas Justiças de a por ello auerem de premder. Emujamdo nos ela ssobpricãte pidir por merçee que lhe perdoasemos a nosa Justiça, sse nos a ella em algũa gujsa era theuda e obrjgada por Rezam do dito casso e mallafiçio etc. e nos vemdo o que nos ella ssobpricante asy dizer e pidir ẽviou, sse asy he como ella diz e hy mais nõ ha, visto hũu praz me per nos asynado e querendo lhe fazer graça e merçee, temos por bem e nos praz perdoar, como de feito perdoamos aa dita ssobpricãte nosa Justiça, a que nos ella era theuda e obrjgada por Rezã por Rezam *(sic)* do dito casso e mallafiçio, cõtanto que ella pagase tres mjll Reaes pera a piedade e por quanto ella logo pagou os ditos dinheiros a dom francisco, bispo de fez, que ora tem carrego de nosso esmoller, segundo dello fomos çerto por hũu seu asynado e per outro daluaro fernandez, nosso capellam, escripuã do dito carreguo que hos sôbre ell pos ẽ Recepto, vos mamdamos que daquj ẽ djante a nõ prendãaes nẽ mandees prender e etc. em forma. dada ẽ a nosa cidade de lixboa, aos xij dias do mes de mayo. el Rey o mãdou pêllo bispo da goarda, sseu capellam moor, e pêllo doutôr gonçalo dazeuedo, ambos do sseu conselho e desẽbarguo e seus desembarguadores do paaço. francisco diaz a fez, ânno do nacjmento de nosso Sñnor Jhu x°., de mjll e qujnhentos e hũu ãnos etc.

(Liv. 45, fl. 122 v.).

XVII. — Dom manuell etc. saude. sabede que margarida aluarez, molher de lujs gonçaluez, carpenteiro, morador em esta çidade, nos emviou dizer que estamdo hũu dia a molher de Joham lousado em sua casa e asy outras mujtas molheres, por sseren suas vizinhas, a dita molher de Joham lousado lhes viera a fazer queixume, como leuaua maa vida cõ o dito sseu marjdo por Respeito de hũua mamceba que tynha; e que hũa xpãa *(christã)* noua que hy estaua lhe dissera que lhe emsynarja hũa deuaçam, cõ que ella esteuesse bem cõ o dito sseu marjdo, e que, a cabo de dia, a dita xpãa noua mandara a ella ssobpricante hũa jmajem de çera com hũu paujo e que ella sobpricãte a desse aa dita molher de Joham lousado, dizendo lhe que era sam longujnhos e que a metesse ella debaixo da cabeçeira ao dito sseu marjdo, dizendo lhe çertas auemarias aa honrra de nossa Sñra que Rogasse a deus que asy como per mjllagre abrjra os olhos de sam lomgujnhos, asy os abrjsse ao dito sseu marjdo que bem viuese com ella, pôllo quall vendo ela ssobpricante, como todo erã pallauras de deuaçam, tomara a dita Immajem e a dera aa dita molher de Joham lousado, dizendo lhe asy todo como a dita xpãa noua lhe disera que lhe disesse, o que ella dita molher de Joham lousado fezera e por ello lhe Era dito que algũas persoas a culparõ na deuasa dizendo que ella ssobpricante cometera ẽ ello feitiçoos e por ello andava ora amorada, cõ temor das nosas Justiças de auerem de prender, emviando nos ella ssobpricante pidir por merçe que lhe perdoassemos a nosa Justiça, sse nos a ella em allgũa gujsa Era theũda e obrjgada por Rezam do dito casso e mallefiçio; e nos vendo o que nos ella asy dizer e pidir emviou, sse asy he como ella diz e hy majs nam ha, visto hũ praz me per nos asynado e querendo lhe fazer graça e merçe, temos por bem e nos praz perdoar, como de feito perdoamos nosa Justiça aa dita sobpricãte, a que nos ella Era theuda e obrjgada por Rezam do dito causso e mallafiçio, cõ tanto que ella pagase tres mjll Reaes pera a piedade e por quanto ella logo pagou os ditos dinheiros a dom francisco, bispo de fez, que ora tem carrego de noso esmoller, segũdo dello fomos çerto per hũu seu asynado e per outro daluaro fernandez, nosso capellã, escripuã do dito carreguo, que os sôbe elle pos ẽ Recepta, vos mamdamos que, daquj ẽ djante, a nõ prendaaes, nem mamdees prender, etc. em forma. dada ẽ a nosa çidade de lixboa, aos xbjj dias do mes de mayo. ElRey o mãdou pêllo bispo da goarda, sseu capellam moor, etc. E pêllo doutor gonçalo dazeuedo, ambos do seu conselho e dessembarguo e seus dessembargadores do paço. francisco diaz a fez anno do nacjmento do nosso Sñor Jhu x.º de mjll e qujnhentos e hũ ãnos.

(Liv. 45, fl. 117 v.).

XVIII. — dom manuell etc. fazemos saber que Ines eãnnes, molher de gaspar aluarez, marynheyro que a tres annos que amda na India em noso serujço, nos emviou dizer per sua pitiçam que por lhe futarẽ *(sic)* certo dinheyro, ela sopricamte cõ outra lamcara hũa Iueyra

pera saber quem ho furtara e, que por quamto, lhe era dito que nos davamos pena, a quem tal cousa fazia, parecẽdo lhe que por tal cousa nõ avia defesa algũa, ela avia Reçeo e se temja de ser presa e andaua por elo amorado *(sic)*, emviando nos pedir por merçê que lhe perdoasemos nosa Justiça, se nos a ela em algũa gujsa era teuda e obrigada por Rezam de asy lamçár sortes cõ a dita Jueyra; e nos vemdo, ho que nos ela sopricamte asy dizer e pidir emviou, se asy he como ela diz e hy majs nõ ha, visto hum pareçe cõ ho noso pase e queremdo lhe fazer graça e merçe, temos por bem e perdoamos lhe nosa Justiça a que nos ela era teuda e obrigada por Rezam das sortes que lamcou cõ hũa Jueyra, cõ tamto que ela pagase jb^a^ Reaes pera pyedade e por quanto ela logo pagou hos ditos jb^e^ reaes a frey lujs da costa, noso esmoler, segundo delo fomos certo per hum seu asynado e per outro de marcos esteves a que hos sobre ela caregou em Recepta, vos mandamos etc. em forma. dada em lixboa aos bj dias do mes de Junho. ElRey ho mãdou per dom pedro, bispo da garda, etc. e pelo vygayro de tomar etc. djogo laço a fez de mjll e b^e^ xiij annos.

(Livro de Legitimações, fl. 73 v.).

XIX. — Dõ manuell etc. fazemos saber que maria fernãdez, presa no limoeiro desta cidade de lixboa, nos emviou dizer per sua pitiçã que poderia ora aver dous annos, pouco majs ou menos, que sendo ela solteira e queremdo bem hũ omẽ e estamdo desavimda delle lhe diserã que hũa branca martinz sabya lamçar sortes e lhe diria se lhe queria a ela algũu bem e ella sopricante, como molher moça e que nã sabia nada nẽ de nosas hordenaçõees, se fora a ella e lhas lamçara e tãto que viera, ella sopricante as mostrara aas suas vizinhas, nã cuydando que niso fazia alguu mall, e que logo dy a muito pouco se casara cõ hu bombardeiro que hora he ẽ noso serujço ẽ busca do ouro que foy tomado dos framçeses da caravella da mjna e sendo elle asy partido, per estas devasas e que nos mãdamos tirar, as ditas suas vizinhas a culparã nas ditas sortes e por ello a prenderã e que por quanto naquelle tempo ella era solteira e agora he casada e asy por o dito seu marido ser ẽ noso servjço e asy por ella fazer Inocemtemente e agora estar muito doente a morte e por o dito seu marido a nã achar por jso presa, nos pidia por merçe que lhe perdoasemos a nosa Justiça, a que nos ella hera teuda e obrjgada por Rezã das ditas sortes, sem ẽbargo destar por ello presa; e nos vemdo o que nos ella sopricante asy dizer e pidir Emviou, se asy he como ella diz e hy majs nõ ha, visto hũ noso praz me per nos asinado e queremdo lhe fazer graça e merçe, temos por bem e nos praz perdoar a dita sopricamte, sẽ ẽbargo de ser presa, cõtamto que hela pagase dous mjll reaes pera a piedade e por quamto ella logo pagou os ditos dous mjll reaes a frey lujs da costa, noso esmoler, que hos Recebeo segundo vimos por hũu seu asinado e per outro de marcos estevez, noso capelã, esprivã do dito esmoler, que sobre elle os pos e caregou Em

Receita, vos mamdamos etc. ẽ forma dada em lixboa aos xxb dias do mes de Julho. el Rey o mãdou per dom pedro bispo da garda etc. e per dom diogo pinheiro, vigayro de tomar etc. diogo laso a fez de mjll e b° xiij.

(Livro de Legitimações, fl. 158).

XX. — dom manuell etc. fazemos saber que pero diaz, morador em a villa daueiro, nos ẽviou dizer por sua pitiçã que no ano de b° e bij, sendo visytador hũ gonçalo da syllva, crelygo na dita villa mandara poer hua c.ª *(Catharina)* martinz, *famyliqueta,* e hũa marja gonçalvez, *pee de porquo,* com corochas na Igreja da dita villa de sam migell com hum pregã dizemdo:

Justiça que manda fazer o bispo de cojmbra que mamda degradar estas molheres por feiticeiras e alcovyteiras e defamadeiras de bõas molheres e filhas de bõos homẽes.

e por que ele ẽtam aly era ouujdor em ausencia dos Juizes e nã acudir por nosa parte, ele ouuera por elo de nos perdam e no propyo ano, sendo preso hũu aluareanes çurrador, que emtã era alcaide, por o mesmo caso, ele sopricamte fora testemunha ẽ o feyto do dito alcaide, e que testemunhara que vira jr com sua pesoa as ditas molheres com o dito pregam e que hora o ano pasado de jb° e xiij sẽdo preso hũu pero ferreira, tabaliã, por a dita causa ele sopricamte testemunhara que tamto que vira deus logo se fora pera sua casa e nam vira mais, salvo quanto ouujra dizer, que fora com o dito pregam e nam testemunhara como fora em sua pesoa, como testemunhado tynha no publico testemunho do feito do dito aluare eanes, alcaide, nã se lẽbramdo de como testemunhado tynha no dito feyto por aver muito tempo que ho testemunhara; e por bẽ do dito testemunho ele sopricante ãdava amorado com temor de nosas Justiças..... Temos por bẽ e nos apraz de lhe perdoarmos a nosa Justiça, a que nos ele por Rezã dos ditos testemunhos era theudo e obrigado, com tãto que ele pagase tres mill reaes pera a piedade e por quanto ele logo pagou os ditos dinheiros a diogo fernandez cabrall, noso capelã, que hora tẽ cargo de noso esmoler, segundo delo fomos çerto por hũu seu asynado e por outro de marcos estevez, noso capelão, esprivão do dito cargo, que hos sobre ele pos ẽ Recepta, vos mãdamos etc. em forma. dada em sãtarẽ a iij dias de feuereiro el Rey o mandou pelo bispo da guarda etc. e pelo vigairo de tomaar etc. Xpuã *(Christovão)* lourẽço a fez ano de mill e b° e xiiij.

(Livro de Legitimações, fl. 289 v.).

XXI. — dom Manuell etc. saude, sabede que pero ferreira, tabelliam na vila daueyro, nos emviou dizer, per sua pitiçam, que ele he preso na dita vila, por hũa querela que dele deu hũu fernam dafonso, morador em mortagoa, dizemdo que hũa maria gonçalvez e c.ª *(Catarina)* martinz, que foram presas na dita uyla por feyticeyras, averia sete annos, as quais Joam da sylua, visitador bispo de coym-

bra, mandou por na Jgreyja com crochas na cabeça e dali as mandara leuar pela uyla com pregam que dizia: Justiça que manda fazer o bispo de cojmbra; e que ele sopricante fora por elas a cadea e asy fora lemdo hos pregões e autos, a qual querela ho dito fernam dafonso afirmara dar por ẽformaçom da dita maria gonçalvez, como seu parente que dizia que era, decrarãdo a dita maria gonçalvez, per Juramemto que lhe fora dado pelo Jujs, que tal nõ mamdara fazer nẽ a *(sic)* conheçia e por se ho dito quereloso ausemtar e nõ ser achado, se posera libelo por parte de Justiça na nosa casa do çivell e se procedera tanto em seu feyto que fora comtra elle sopricamte dada sentença que cõ hũu pregam na audiencia, fose degradado hũu anno pera ceyta...... dizẽdo majs ele sopricamte que por ele ser homem doemtio, mal desposto, ele no podya hir seruir o dito degredo...... Temos por bem e nos apraz Releuar ho sopricamte deste degredo e pregam, sem embargo de ser preso, cõtanto que ele pagase b Reaes pera a piedade e por quãto ele loguo pagou hos ditos dinheiros a frey lujs da costa, noso esmoler, que ho Recebeo, segundo vimos, per hũu seu asynado e per outro de marcos esteues que hos sobre ele caregou ẽ Recepta, vos mandamos etc. ẽ forma. dada ẽ lyxboa a biij° dias de Junho ElRey ho mãdou pelo bispo da guarda e pelo vigairo de tomar etc. diogo laço a fez de mjll b^{e} xiij annos.

(Livro de Legitimações, fl. 120).

XXII.—Dom manuell etc. saude sabede que gonçalo afonso, morador em nugueira, termo da cidade de bragança, nos enviou dizer que avera ora oito ou nove annos, pouco majs ou menos, que ell fora preso na cadea e prisã da dita cidade por o culparẽ em hũa deuasa por feiticeiro dizendo que dava eruas colhidas dia de sam Joham aos homẽs pera averẽ graça cõ sseus senhores e as molheres cõ sseus marjdos e bẽ asy que bẽzia dolhado por bẽ da quall devasa elle ssobpricamte fora preso e fora sseu feito asentenciado, no quall fora comdenado ẽ pena da coutes publicamente e apellarõ os Juizes por bẽ da Justiça, o que todo asy pasara ẽ tempo del Rey dom Johãm que deus tẽ e que estamdo o feito nestes termos elle viera a fogir da dita cadea com outros pressos que ẽ ella estavã e andara por todo amorado nos Regnos de castella e por sseer homẽ prove e velho de ydade lRb ou çem annos e de tall desposiçã que sse nõ podera mãteer sse viera e sse metera a servjr nosso sõr ẽ hũa hermjda que chamã santa maria da Ribeira, que he hũ monte honde sse faz grande Romajẽ, e estevera hy ssejs annos conthinuadamente e estando asy na dita hermjda o prẽderõ outra vez e o trouxerõ a prisã da dita cidade homde ora estava presso e avera hũ ãno que estava na dita prisãao e que o tabeliam que o dito sseu feito tynha era Ja morto e o dito feito sse nom achava nẽ Jso mesmo a apellaçã e estava ora sseu feito como o primeiro dia que fora presso; ẽnviando nos elle sobpricãte pidir por merçee que nos aprouvese vista sua ydade e maa desposiçã de lhe perdoarmos nosa Justiça, sse nos

a elle ẽ algũa gjsa era theudo e obrjgado, asy por Rezõ dos ditos cassos e malleficios, como polla fugida da cadea de que asy fugio como dito he e o mãdassemos soltar etc. e nos vemdo o que elle asy dizer e pidir ẽviou, sse asy he como elle diz e hy majs nõ ha visto hũ praz me por nos asynado e queremdo lhe fazer graça e merçee termos por bẽ e perdoamos lhe a nosa Justiça a que nos elle era theudo e obrigado por Rezã dos ditos cassos e mallafiçios e fogida da cadea de que asy fogio, posto que seja presso, cõtamto que elle pague mjll Reaes pera piedade e por quanto ell logo pagou os ditos dinheiros a dom francisco, bispo de fez, nosso esmoller, segũdo dello fomos çerto per hũ sseu asynado e peroutro dantonio alvez, nosso capellã e escripuã do dito carego que hem aussencia dalvaro fernandez outro sy nosso capellã escripuã delles que os sobredito nosso esmoller pos ẽ Recepta vos mãdamos que daquj ẽ djãte o nõ prendáaes majs por os ditos casos e mallafiçios e fugida da cadea de que asy fugio e o faze logo soltar sse por all nõ he preso etc. ẽ forma. dada ẽ a nosa cidade de lixbõoa aos tres dias do mes de fevereiro. El Rey o mãdou per dom pero, bispo da garda, sseu capellã mor etc. e pello doutor gonçalo dazevedo, ãbos do sseu conselho e dessẽbargo e seus desẽbargadores do paço, francisco diaz de gouvea a fez ãno de nacjmento de noso senhor Jhu x.º de mjll e b^{c} ij anos.

(Liv. 37, fl. 130).

XXIII — dom manuell etc. A quantos esta nosa carta virẽ, fazemos saber que a nos disserão ora que antonio Ruyz noso meirinho na comarqua e correiçom da estremadura, fazera taes erros no dito seu oficyo per omde o com direito devya perder *a saber*......... e que demandava homeens por Joguos defesos e amte de serẽ cõdenados, se cõcertava cõ elles e lhe fazia cõfesar todo em Jujzo e per bem do dito cõfeso eram cõdenados e elle lhe levava toda a dita cõdenaçon per Juteiro........ e que na batalha se fora a hũa lionor ajres, mulher de hũ gonçalo Rujz tecelão, dizendo que avia de querelar dela por barregãa de hũu Joham de Leirea, frade, sendo ella e o dito frade muito velhos, e ella com medo e por se nõ ver em vergonha lhe dera dous †^{dos} *(cruzados)* por que se calase. It. que demãdou hũu moleiro que vive na Ribeira da batalha por feytyceiro E semdo chegado a Joham doliuença, morador em Leirea, lhe falou por elle e elle o leixou de mãdar. E por yso levou quinhemtos rs. It. que na dita villa de leirea andava por as casas dos homẽs e molheres casadas dizemdo que avia de querelar dellas e de seus marydos por barregueiros e feitiçeiros e feitiçeiras por que lhe desem algũua cousa por ho leixar de fazer. E que sabemdo Rodrigo ajres, Jujz que emtam era, tudo, mãdara diso fazer auto. It. que na Ribeira da maceira, termo da dita villa de Leirea, se fora a hũa maria ãnes, hy morador, e lhe disera que lhe dese myll rs. se não que querelarja de seu marydo por feytiçeiro e ella lhosdera. E que tamto que os teve lhe deu Juramento que o nõ disese a nynguen e dizemdo o ella a seu marjdo,

querẽdo os elle demãdar, lhe posera tall medo por homde elle o leixara de fazer It. que demãdava mujtas pesoas por dizer que cõpravom gados sem cartas de vyzynhãça e depois de çitados amte de aver sentença, se cõcertava cõ ellas E despois de aver o dinheiro do comçerto os fazya jr cõfesar a Jujzo; E por o dito confeso os cõdenavom E elle lhes levava toda a dita condenaçam álem do que tinha avido do dito cõcerto, asy como fez ao teçelam, amo de pero barba, e a pero gonçalvez, tecelam de peças, E ao mazmarro e Jorge pirez, vinagreiro das cortes, E ao capateiro e carnjceiro da batalha e a outros....... It que Recebe mujtas peitas de creligных da dita cidade *(Coimbra)* por lhe nõ prender as mancebas asy como fez ao prior de botão que lhe levou bj° rs. por lhe nõ prender a mãçeba e pollos quaes erros..... perde pera nos o dito oficio E nos ho podemos cõ direito daar a..... estevã gonçalvez........................

Dada em a nosa villa dalmejrjm a xxiij dias do mes de novembro amdre pirez a fez ãno de noso senhor Jhn x° de j b° xiiij.

(Liv. 15., fl. 179 v.).

XXIV. — Dom manuell etc. saude, sabede que alvaro gonçalvez, *(morador)* en sam Johã da pesqueira, nos enviou diser que sendo elle tomado do Immigo, como ajmda agora era e fazemdo cõ elo muitas travessuras, elle cõ desacordo e como homẽ que nõ estava ẽ seu acordo, tomara hũa pedra pera dar cõ ella a hũ alvare ãnes, tendeiro, Juiz que entã era no dito logo de sã Johã, e que asi tomado do Imigo e sendo Juiz hũ Joane anes de beja no dito logo o quisera prender por quebrantar, ele sopricamte tomara hua pedra pera lhe dar cõ ela sem a Remesar nẽ ao dito alvare anes, e que se temia de nosas Justiças do prenderẽ por ello e amdava por elo amorado e que por elle asy ser adorado e tomado do Imigo e os ditos Juizes saberem que elle tomava as ditas pedras nõ estãdo em seu acordo lhe perdoaram segundo o ver poderiamos per dous estormentos p(ublic)os de perdã que perante nos apresentar ẽviou, que pareciã ser feitos e asiuados per francisco anes, tabelliam na dita villa de sã nhoane de pesqueira aos xiiij dias do mes de Julho do ãno pasado de iiij° lRb ãnos nos quaes se comtinha, antre as outras cousas, que pelos ditos alvare anes e Joane anes, Juizes, fora dito que eles perdoavã ao dito sopricãte e o nõ queriam acusar nẽ demãdar por rrezã do dito maleficio etc. e asj se comtinha em outro estormento feito e asinado pelo dito tabelliam que ho dito sopricãte era adorado e tomado do Imigo etc. segundo mais cõpridamente nos ditos estormentos era conteudo. Pidimdo o dito sopricamte por mercee que lhe perdoasemos a nosa Justiça, se nos a ela por rrezã dos maleficios ẽ algua gisa era teudo, e nos vendo o que nos elle dizer e pedir enviou, se asy he como elle diz e hi mais nõ ha, vistos os perdoes das partes e a certidão de sua ẽfermidade e querendo lhe fazer graça e mercee, Temos por bem e perdoamos lhe a nosa Justiça a que nos elle, por Resam dos ditos maleficios, era theudo cõtãto que elle pagase seiscentos Reaes pera

arca da piadade e por quanto ele logo pagou os ditos dinheiros a frey fernãdo, noso esmoler que tem cargo dos Receber, segumdo delo fomos certo por seu asinado e dalvaro fernandez, noso capelam scripuã do dito ofiçio, que hos sobre elle pos em Recepta mãdamos que daquy em diãte o nõ prendaes nẽ mãdes prender etc. em forma. dada em a nosa villa de palmela biij dias do mes dabrill. el Rey ho mãdou polos doutores pero vaz seu capelã moor e vigairo de tomar e fernã Roiz, daiã de coimbra, ambos do seu conselho, desembargadores do paço. Johã afonso a fez ano de noso senhor. Jhũ x.º de mil iiijº lRbj.
(Liv. 33, fl. 37).

MISCELLANEA

I

UMA PASSAGEM ESCURA DO «CHRISFAL»

Nas muito afamadas trovas de «Chrisfal», magistralmente reeditadas e commentadas por A. Epiphanio da Silva Dias [1], ha uma estrophe difficil, que já deu margem a diversas interpretações. E' a 42.ª Nenhum dos criticos que se occuparam d'ella chegou a elucidá-la satisfactoriamente, nem mesmo o cuidadoso erudito, cujo nome citei. Como, pela minha parte, me sinto habilitada a lançar luz sobre o seu ponto mais escuro, não esconderei por mais tempo aos leitores da *Revista Lusitana* a minha, já hoje velha, descoberta.

Chrisfal está a sonhar. Um furacão, erguendo-o impetuosamente da terra, transporta-o contra a parte do norte, em direcção para a paisagem em que pensara velando. Durante a viagem aerea, de Portalegre, através do Alemtejo, o vento (antes de o conduzir mais longe, transpondo o Mondego e seguindo contra o poente até attingir as montanhas do Lorvão, onde a sua Maria estava sequestrada) fá-lo pairar (ou pousar?) ao cahir da noite, passado o Tejo, para breve descanso, rente aos altos cumes da grande serra da Estrella. D'ahi é que Chrisfal avista os campos e prados das encostas, distingue os curraes e o gado a pastar, emquanto ouve o ruido de chocalhos, o ladrar de cães, o piar do mocho e o coaxar das rãs, chegando até a comprehender cantos e conversas de pastores e serranas. Entre ellas attrahe-lhe a attenção o vulto isolado de uma pastorinha, que «carreava»

[1] «Obras de Christovão Falcão». Edição critica annotada por A. E. da Silva Dias. Porto, 1893. 109 pag.

as suas cordeiras, fiando na roca, e cantava, deixando cahir o fuso de quando em quando, de saudosa e esquecida.

Tendo parecer divino,
para que melhor lhe quadre,
cantar cantou d'elle dino:
«Yo me yva, la mi madre,
a sancta Maria del pino».
O vestido lhe oulhei
e vi que era hum brial
de seda, e não de saial,
a qual eu afigurei
a Menga la del boscal.

Eis o teor da alludida estrophe na lição critica do snr. Epiphanio. Ha nas suas dez linhas nada menos de quatro minudencias que examinar: 1.ª) a formula *d'elle dino* da linha terceira; 2.ª) os versos castelhanos citados nas linhas immediatas; 3.ª) o pronome relativo *a qual* da linha nona; e 4.ª) a identidade de *Menga la del boscal,* nomeada no ultimo verso.

Principiarei pelos pontos 2.º e 4.º

*

O entendimento geral da decima não apresenta grande difficuldade para quem lê a egloga toda: A serrana, de semblante divinamente bello, canta um cantar tambem divinamente bello. Chrisfal, ao ouvir as palavras hespanholas, julga ter diante de si a pastora *Menga, la del boscal.* Procura vêr o que veste; e descobrindo, em logar do burel grosseiro (ou *saial)* das verdadeiras serranas, um luxuoso brial de seda, começa a duvidar; torna a mirar e a escutar, e ouve então um longo monologo da cantora, de cinco estrophes (43 a 47), pelo qual fica sabendo ao certo que a cantora do vilhancico castelhano não era a serrana *Menga la del boscal,* mas sim Elena, a sua conhecida, e amiga da sua Maria — uma das bellas da côrte de D. Manoel (ou D. João III), e, por signal, uma das *malmaridadas.*

O snr. Epiphanio não deixou de reconhecer que *Menga* devia ser personagem conhecida da litteratura de então. O que porém não reconheceu, foi, de um lado que esta *Menga* devia forçosamente estar em intima relação com os versos *«Yo me yva»;* e, em segundo logar, que a formula *la del boscal* servia para especializar aquella figura, visto que a prole das *Mengas* ou *Domingas,* então celebradas pela poesia pastoril peninsular, era numerosissima [1]. Por ignorar isso, tenta mes-

[1] Ainda assim o snr. Epiphanio propõe, dubitativamente, a lição *la del Boscal,* mostrando que tambem procurou ahi um nome proprio.

mo salvar a lição *manga larga no bocal*, como continuando a descripção do vestuario da pastora. Com certa razão, porque esta variante occorre em duas edições diversas: na antiga impressão sem data, e na de 1619 (de onde passou para as posteriores). Depois de seguir as minhas explicações até o fim, o leitor ficará acreditando que a dita phrase foi inventada por quem já não ligava ideia alguma á formula original *Meng[u]a la del boscal*, julgando-a estropiada, muito embora tivesse sido aproveitada no relativamente correcto e fidedigno texto de Birkman, de 1559 [1].

Felizmente a litteratura conservou, e eu desenterrei, algumas lembranças da graciosa serrana *Menga la del Boscal*, ou, mais correctamente, *Menga la del Bustar*. Ha poesias que lhe foram dedicadas, e entre ellas subsiste, exactamente, o vilhancico:

Yo me yva, la mi madre,
A Santa Maria del Pino.

Quem o quizer lêr, ou mesmo cantar na melodia «divinamente bella» que Christovam Falcão tinha ouvido na côrte e tornou a ouvir entre sonhos, procure o *Cancioneiro Musical de los siglos* XV *y* XVI *transcripto y comentado por Francisco Asenjo Barbieri* (Madrid 1890). E abra-o a pag. 194 e 540, porque é ahi que encontrará o texto e as notas musicaes da seguinte poesia anonyma:

MENGA LA DEL BUSTAR,
que yo nunca vi serrana
de tan bonico bailar!

YO ME IBA, LA MI MADRE,
A SANTA MARIA DEL PINO;
vi andar una serrana
bien á cerca del camino.
Saya trata pretada
de un verde florentino.
Bien allá la viera andar
gurriando su ganado
y diciendo este cantar:
«.................. [2]»

*

Y hablaba y decia:
«Domingo; por qué no vienes
pues que saltas bien y corres
y en la lucha bien te tienes?
Contigo me quiero andar
gurriando [3] este ganado
y diciendo este cantar:
«..................»

[1] Th. Braga modificou apenas a graphia, pondo *Mengua la del buscal*. Na introducção declara que «*manga larga no bocal*» não deixa de fazer certo sentido.

[2] As linhas ponteadas não estão no *Canc. Mus.* Fui eu que as accrescentei.

[3] A palavra *gurriar* (que falta nos diccionarios e será nova para todos os leitores, como o foi para mim) está por HURRIAR, significa: *guiar* por meio do grito *hurri*, e provém d'esta interjecção (arabe?) que servia na linguagem pastoril para incitar o gado a andar. A prova está nos Autos Pastoris de Juan del Encina. A pag. 100 (da novissima edição de 1894) temos sete vezes no vilhancico *Repastemos*

Tanto bien me pareciera
que de amores la fui hablar.
«Mi amor, quereis que os diga
quien á mi hace penar?
Grande amor que a mi fatiga
de Miguel del Colmenar
que me oyó este cantar:
«..............» [N.º 380].

O mesmo inapreciavel Cancioneiro, no qual [como desde já vou annunciando] procurei e encontrei grande parte dos «*Lieder*» que os palacianos portuguezes cantavam de preferencia, ao entrar o seculo XVI [1], fornece mais duas poesias relativas á nossa serrana, que por varias razões julgo util copiar.

A primeira foi posta em musica pelo celebre compositor Millan. E diz, sem especificar que a Dominguilla festejada fosse realmente «la del Buscar»:

Serrana del bel mirar,
DOMINGUILLA, vi lozana;
enamoró-me su cantar.

*

Yendo-me por la majada
do mi ganado tenia
vi estar una serrana
cantando con gran porfia,
muy apuesta y muy galana,
qu'a mi muy bien parecia.
Asi la viera estar
mirando por su ganado
y diciendo este cantar:

el ganado o estribilho caracteristico: *hurriallá!* A pag. 92 temos o verbo *hurriar*. Uma pastora recommenda ao zagal:

Hete, viene um escudero.
Vea que eres pastorcillo.
Sacude tu caramillo,
tu hondijo y tu cayado;
haz que aballas el ganado;
silva; hurria! dá gritillo!

Eu leio: *silva! hurria!* e entendo: *assobia!* e grita *hurri!* — Cfr. ARREEIRO, de ARRE. — Em outros vilhancicos que descrevem situações identicas as pastoras apparecem *mirando por su ganado; guardando su ganado* e *carreando su ganado*. A edição sem data do Chrisfal emprega esta ultima formula na linha 4.ª da estrophe 41, onde diz «carreando hũas cordeiras». *Carrear* (de *carro*) = *guiar um carro*, e só posteriormente *guiar um rebanho*?

[1] De passagem direi que se ha meia duzia de pessoas que encontrem algum interesse em inteirar-se do que o velho Portugal cantava nos *Serões* de D. Manoel, estou prompta a publicar em fórma de Cancioneirinho a serie das respectivas poesias. Até hoje são conhecidas apenas pelas primeiras linhas, por virem citadas em autos e romances, ou, em parte, por terem servido de thema a voltas e glosas do *Cancioneiro* de Resende e de outros albuns lyricos do seculo XVI. — No proprio Chrisfal temos mais um exemplo: a satyra realista, ou antes picaresca, do «*Velho malo*», citada na estrophe 48.ª, como que fosse trauteada pela menina Elena antes de ella ter dado a mão de esposa a um velho rico; e allegada tambem por Camões no *Rei Seleuco*. Tanto o texto como a musica do curto dialogo entre mãe e filha subsistem (Barbieri, 460). A musica é de Sedano, mas o texto é anonymo.

Cantar

«Garridica soy en el yermo
y; para qué?
pues tan mal me empleé?

*

Que en el yermo do me veo
mi tiempo muy mal empleo;
si me veo y me deseo
es porque
mi vida tan mal empleé».

*

Des que vi que se quejaba,
fuéra-me llegando a ella.
Cuando mas cerca llegaba
relumbraba como estrella;
que no vi en esta montaña
otra serrana tan bella
que tanto fuese de amar,
mirando por su ganado
y diciendo este cantar:

Otro cantar

«Madre; para que naci
tan garrida,
para tener esta vida?»

*

«De vivir muy descontente
mi tristeza se acrecienta;
ell alma siempre lamenta
dolorida
por tener tan triste vida».
[N.º 346; pag. 176 e 512].

A segunda, de auctor igualmente desconhecido, é ainda mais valiosa, porque nomeia positivamente a rustica heroina, e tambem porque apresenta, de mais a mais, em logar de *Bustar*, a variante *voscar* com *v* minusculo, e *o* na primeira syllaba. Pena é que seja incompleta, e diga apenas:

La mas graciosa serrana
(qu'en el mundo no hay su par)
es *Menga la del voscar!*

*

Con su zurron y cayado
la vi en somo la montaña
que salia de su cabaña
para guardar el ganado.
.... [N.º 350; pag. 178 e 521 [1]].

*

Mas que quer dizer *la del voscar?* ou *la del Bustar?* A segunda fórma é a verdadeira, na minha opinião, e tambem na de Barbieri [2]. A outra fórma, que passou para a egloga de Falcão, um pouco modifi-

[1] Compare-se ainda o n.º 351 de Garci-Muñoz que principia: «*Una montaña pasando por cerca de un hinojar serrana vimos cantando y decia este cantar*». Este villancico inclue dous cantarcillos.

[2] Uma nota relativa ao n.º 350 diz o seguinte: «*Voscar* dice el original, pero creo que deberia decir *bustar (establo de bueyes)*, ó mas bien Bustar, que es el pueblo de la Sierra, cerca de Torrelaguna, hoy llamado *Bustar-viejo*». A referencia ao n.º 380 (que era necessaria) falta comtudo.

cada (com *l* por *r*, por causa das rimas *brial, saial)* deve ser uma variante, talvez dialectal, nascida por influencia de *bosque*. O castelhano *Bustar* e *Bustal* significa, quando appellativo (tal qual como o portuguez *bostal* e o derivado *bostaliza)* o curral do gado vaccum, assim como as pradarias circumjacentes em que bois e vaccas pastam *(vaccariças* [1]*)*. E serve, ao mesmo tempo, de nome proprio, denominando varios logarejos em differentes provincias da peninsula. Em terras de Hespanha temos, além de uma villa *Bustar* (chamada hoje *Bustar viejo)* ao pé de Madrid, a que Barbieri se refere, mais outra localidade: um santuario perto de Carbonero-el-Mayor (districto de Segovia). A serrana *Menga la del Bustar,* era, portanto, evidentemente, oriunda de um dos dois logares. Penso que do segundo, que é mais montanhoso [serra de Guadarrama], e visinha dos logarejos *Lozoya, Rascafria e Colmenares,* que serviram de scenario a afamadas *Serranilhas*. Seria costumeira designar a pastorinha por aquelle sobrenome, para differenciá-la de outras *Mengas,* conforme já [2] indiquei.

*

E as relações de *Menga la del Buscar* com *Santa Maria del Pino?* —Um instante julguei provavel que o santuario de ao pé de Segovia tivesse um altar dedicado a Santa Maria del Pino. Sei comtudo, hoje, que a padroeira da afamada egrejinha se chama simplesmente *Nuestra Señora del Bustar;* como sei que Santa Maria del Pino é nome de uma terra ao pé de Lugo, na Galliza. Supponho por isso que não ha relação *directa* entre os dois logares.

O auctor da primeira poesia pastoril que transcrevi *(Yo me yba),* quereria indicar apenas que encontrou durante a sua peregrinação a Santa Maria del Pino, cujas aventuras vae narrando, a famosa Menga, que elle nos apresenta (se não me engano) como entoando jubilosa alguns dos versos que tinham sido dedicados, talvez em justa poetica, por varios trovadores de aldeia á sua propria belleza e deliciosa arte de bailar e cantar.

Para comprehender o *porquê* da minha interpretação será bom relêr o vilhancico hespanhol. Barbieri acha-o defeituoso, e lamenta que o não encontrasse em outra parte, para o poder corrigir [3]. Com razão.

[1] Nas *Glossas* de Isidoro lê-se: *Bostar = locus ubi stant boves* (como que viesse de *boo + stare).*

[2] Conheço varias, p. ex. a *Menga de Mançanares, amiga de Pasqual de Bustares!* por uma das Serranilhas do Marquez de Santillana (a 4.ª). — O prenome rustico *Menga* ou *Minga* de *Domenga*[*s*] *Dominga*[*s*] occorre, como é natural, não sómente no *Romanceiro castelhano* que o snr. Epiphanio explorou, mas tambem e com frequencia, na poesia pastoril, i. é, em vilhancicos, serranilhas e eglogas. — Cfr. Barbieri, 188, 369, 370 e 385; Sá de Miranda n.º 26; Camões, *Redondilha* 48, e em Gil Vicente. Citarei: 1) — *Todos vienen de la vela y no viene Menga!* 2) — *Esconjuro-te Domingas!* 3) — *Norabuena vengas, Menga,* etc. — Os *Mingos* ou *Domingos* são mais vulgares ainda.

[3] «Por no hallar en otra parte este villancico no he podido corregir los defectos que se notan en su poesia; y es lástima, porque la música está bien hecha, y su melodia tiene muy buen sabor popular.»

O texto é realmente desconnexo, embora eu não o considere mais escuro do que na maioria das serranilhas. Entendo que, no nosso caso, podemos chegar a adivinhar o sentido, suppondo que o apostrophado *Domingo* da 2.ª estrophe, é o proprio poeta-pastor. A romeira Menga chama a Domingo, logo que o avista, e conversa com elle; mas quando este lhe falla de amor, declara que o seu coração pertence a outrem, Miguel do Colmenar. Assim, pelo menos, haveria ligação entre as tres scenas do pequenino drama.

A fórma estrophica é que é irregular. Só as ultimas duas estancias se compõem, *como é regra e costume nos vilhancicos*, de sete linhas, subdivididas em uma *quadra* (✕ b ✕ b) e um *terceto* (c ✕ c), com correspondencia de rima entre o terceto e o *Mote*. A primeira estancia, pelo contrario, tem duas linhas a mais, que, quanto ao sentido, poderiam ser cortadas [5 e 6]. Não temos, todavia, o direito de riscál-as, porque as notas musicaes correspondentes fazem parte integrante do *som*. Além d'esta desigualdade falta no fim das tres estrophes narrativas o texto, assim como a musica dos *Cantarcillos lyricos,* que a serrana ia entoando.

De duas uma: Ou estes cantares eram identicos todas as tres vezes, e portanto um simples *refram*. Neste caso deviam consistir na repetição dos tres versos sobre Menga, antepostos ao vilhancico como *Mote* [1]. Ou então, elles divergiam, constituindo tres poesias, quer fossem do proprio auctor, quer alheias: cantigas da moda, que era costume intercalar em muitas bucolicas artisticas, desde os dias de D. Dinis [2]. Neste caso talvez conviesse introduzirmos os tres motes dedicados a Menga, que já copiei:

1.º) *Menga la del Bustar*
2.º) *La mas graciosa serrana*
e 3.º) *Serrana del bel mirar?*

Todos teem o mesmo schema rhythmico; e a mesma rima (em *á*), e todos teem no Cancioneiro a respectiva musica. Em ambas as hypotheses a serrana Menga, de que a poesia trata, teria cantado, com comprehensivel philaucia, louvores de si mesma [3].

*

Passemos agora aos pontos 1.º e 3.º, fallando em primeiro logar da phrase *delledino*. Ou por outra, vejamos a que genero lyrico pertencem os versos allegados por Chrisfal. Barbieri trata-os de *vilhancico,* e eu sou de igual parecer. Existe, comtudo, outra opinião differente.

1 Neste caso nada faltaria á musica.

2 Ha exemplos d'este costume, importado de França, no Canc. da Vat. (n.ºs 278, 102, 454); Canc. Col. Brancuti (n.º 469); Canc. Barbieri (n.º 346), e nas obras de Santillana (pag. 461 da ed. Amador de los Rios).

3 Possivel é tambem que o poeta quisesse deixar a escolha dos Cantarcillos ao arbitrio dos cantantes. Comtudo, não ha exemplo de tal proceder.

Em tempos em que as duas linhas apparentemente iniciaes

> «*Yo me iba,* [la] *mi madre,*
> *a Santa Maria del Pino,*»

eram as unicas conhecidas, Theophilo Braga julgou ter ahi restos de um canto popular, medievico, de um genero velho, que um côro de peregrinos, ou um individuo só, costumava entoar nas vigilias de santos ou em procissões e romarias. E deu a este genero perdido o nome de *Cantos de ledino,* na firme fé de ter encontrado na propria obra de Falcão aquella designação que, neste caso, mereceria ser tratada de tradicional e fidedigna. Do grupo de lettras *delledino* ou *deledino,* que faz parte da 3.ª linha da decima, é que deriva aquella hypothese e todas as ulteriores que foram forjadas com relação aos *cantos de ledino.*

Que significam as oito lettras?

A edição sem data, que passa por ser a mais velha das conhecidas, imprimiu *cantar cantou em si dino,* o que não dá sentido acceitavel. A de 1559, que é indiscutivelmente a melhor, isto é, a menos eivada de erros, tem *cantar canto (sic) de ledino,* formula que Theophilo Braga acceitou, mudando-a porém em *cantou canto de ledino,* no intuito de rectificar o visivel erro de imprensa [1]. A terceira lição *cantou cantar delle digno* data (apparentemente) do folheto de 1619 (o qual deriva, segundo o snr. Epiphanio, de cópia independente dos apographos que serviram para as impressões anteriores) e foi repetida no de 1721 [2]. O novo editor preferiu esta ultima, corrigindo-a orthographicamente, i. é, escrevendo phoneticamente *dino* (por causa da rima com *pino* e *devino).* A pag. 102 declara ainda decididamente que os presumptivos *Cantos de ledino* nunca existiram senão na phantasia de Theophilo Braga.

O que se infere da divergencia das tres «fontes» é que o autographo era aqui pouco claro. As quatro lettras *dino* lá estão, comtudo, em todas as partes. E dous editores lêram, em dous manuscriptos diversos, *de le* em logar de *em si (ẽ ſi)* que um unico apresenta. Torna-se portanto verosimil que a graphia originaria fosse *deledino.* E é este grupo de lettras que devia e deve ser interpretado pela critica.

O editor de 1619 interpretou *d'elle di(g)no* [3]. Na typographia de Birkman sahiu *de ledino.* Mas, aconteceria que a syllaba *le* se soltasse por descuido do *de* antecedente e corresse para o *dino* immediato, ao

[1] *Cantar cantou* é que devia ter emendado.

[2] Entre as duas edições ha outra intermedia, a de 1639, que existe, como provarei em outro logar. — Não alcancei ainda verificar se a de 1571 é mais do que um mytho, como penso. Só depois de ser conhecida, será possivel dizermos se serviu ou não de modêlo á impressão de 1619.

[3] E' possivel que a rima *benigno* em logar de *devino* seja uma substituição arbitraria, provocada pela graphia erudita *digno.*

pôr-se a fôrma no prélo, em Colonia, ou seria realmente intencional e interpretatoria a separação *de ledino*? Só se em 1559 a formula ainda era conhecida e significativa. Mas se tal fosse, forçosamente devia de haver mais provas da sua existencia — o que não acontece.

Reproduzindo a lição do snr. Epiphanio, sem a modificar, e interpretando-a como tenho feito, já indiquei que me inclino para a primeira conjectura, e duvido da authenticidade dos *Cantos de ledino* [1].

Tentarei cimentar mais solidamente ainda este meu modo de vêr com duas breves analyses dos antigos *cantos de romaria* e dos versos a Menga del Bustar, dizendo primeiro da sorte que tiveram os suppostos *Cantos de ledino*, nascidos em 1559 por geração equivoca, e resuscitados para a sciencia em 1871. Accrescentarei tambem o pouco que se me offerece ácerca do tal vocabulo *ledino*.

*

Ao acceitar e reproduzir em 1871 a lição «*de ledino*» de Birkman, Theophilo Braga não deduziu d'ahi theoria alguma. A unica sentença «explicativa» que encontro no seu «*Estudo sobre a vida, poesias e epoca de Christovão Falcão*», refere-se ao idioma em que «*yo me iba*» se cantava em Portugal, e consiste na (de resto, falsa) asseveração que a influencia dos *Cantos castelhanos* em Portugal data dos ultimos annos do reinado de D. Manuel [2]. Nada encontro tambem nos primeiros volumes da *Historia da Litteratura Portugueza*. O volume dos *Trovadores Galecio-Portuguezes* (1871) não adianta a questão, como tampouco o dos *Bucolistas* (1872), apesar de tratarem novamente da biographia e das poesias de Falcão.

A «descoberta» ou, melhor, a ideia quasi ineluctavel de pôr em connexão o *Canto de ledino: Yo me iba*, com todas as antigas composições de caracter popular dos antigos Cancioneiros peninsulares, a que muito indevidamente dão em Portugal o nome de *serranilhas*, nem mesmo pertence a Theophilo Braga. E' de F. A. Coelho, e tomou corpo em 1875 quando este erudito investigador, ao revêr as provas do Cancioneiro da Vaticana, chegou a lêr as poesias sobre o santuario de Santa Maria de Leça, e outras parecidas [3]. Só depois de enunciada por elle na *Bibliographia critica* (a pag. 319), é que Ernesto Monaci a fez sua e que Theophilo Braga a adoptou, desenvolvendo-a. O benemerito italiano, a quem devemos o Cancioneiro da Vaticana, e que então estava em estreitas relações scientificas com o seu collaborador Coe-

[1] Já anteriormente me pronunciei no mesmo sentido no meu *Quadro da Litteratura Portuguesa* (em Groeber: Grundriss II).

[2] De facto data de 1457 (como já provei em outro logar), i. é, dos tempos de Juan de Mena e Santillana.

[3] A prova do que affirmo, está no artigo que Coelho dedicou á edição do Chrisfal de Theophilo Braga. A pag. 34 da *Bibliographia critica* nada diz sobre os *cantos de ledino*.

lho, publicou pouco depois uma serie de *Cantos de romaria*, dando-lhes ostensivamente o titulo de *Cantos de ledino* [1].

Restringia assim, judiciosamente, o emprego da nomenclatura a certa *especie* de poesias, guiado pelos versos *Yo me iba, la mi madre, A santa Maria del Pino.*

Quasi simultaneamente é que Theophilo Braga começou a formar e expôr novas theorias ácerca da lyrica dos seculos XIII e XIV e as suas bases ethnicas, e em especial sobre o caracter popular dos generos por elle chamados *serranilhas, cantos guayados*, e *cantos de ledino*, — alargando-as posteriormente pouco a pouco, e refundindo-as mais de uma vez. Hoje accentua o caracter *religioso*, dos suppostos *cantos de ledino*; ámanhã o seu feitio vulgar, leigo e *erotico*. Ora repete a ideia de Coelho, identificando *cantos de ledino* e *serranilhas* (i. é, tudo quanto tem caracter popular no *Canc. da Vat.)*, ora a de Monaci, applicando o titulo apenas ás *cantigas de romaria*. Em geral é a segunda opinião que prevalece [2]: os incognitos *cantos de ledino* são definidos como «cantos *sacros*, proprios das vigilias de santos e romarias, productos do elemento romano, modificado pelo culto christão, recebido da Africa, e que persistiram na tradição galleziana, sendo depois imitados nos Cancioneiros aristocraticos!» Quanto ao nome, tenta derivá-lo uma vez de *ledania* (LITANIA [3]); outras vezes do adjectivo *ledo* (= LAETUS) que occorre a miude nalguns cantos de romaria [4]. As mais das vezes propõe, comtudo, como étymon a palavra *latino* [5], explicando que as *ledanias* mais antigas deviam ser cantadas em *latino*. Ou tambem, em sentido diametralmente opposto, que *latino* denominava a linguagem *vulgar*. Em tudo isso haverá ideias boas. O grave inconveniente, que as torna, porém, desaproveitaveis para a questão, é que a formula que, em caso melhor, seria um *hapax legomenon*, é tão mal documentada como o leitor sabe. Em parte alguma encontro referencias a *cantos de ledino*, nem mesmo descobri até hoje a palavra isolada *ledino* (com *e).*

1 Infelizmente não possuo nem nunca vi o opusculo, porque não entrou no mercado, sendo apenas um brinde *pelle nozze Stengel*.

Ignoro por isso se uma introducção, ou pelo menos uma nota, explica ao amigo o que Monaci pensava dos *cantos de ledino*. O pouco que sei da pequena obra, foi colhido nas notas do Canc. da Vat. relativas ás cantigas 734 a 750. D'ellas resulta que Monaci escolheu e publicou 16 cantos de romaria (os n.os 734 a 750, com exclusão do n.º 749), que todos são dedicados a *Sam Servando*.

2 Quem quiser seguir os vaivens das suas ideias, naturalmente oscillantes, ácerca dos *Cantos de ledino*, consulte, depois de se ter inteirado dos dizeres de Coelho e Monaci, o *Manual*, pag. 45-47 (1875); a *Antologia*, pag. XV, § 53 (1876); o *Parnaso*, pag. XL e LVII (1877); o *Canc. da Vat.*, pag. LVII, XCVI e XCIX (1878); a *Theoria*, pag. 185 (1880); as *Questões*, pag. 30 e 33-35 (1881) e o *Curso*, pag. 82 (1886).

3 «Phoneticamente, *ledino* deriva-se de *letania*».

4 Vid. *Canc. da Vat.*, n.os 739, 851 e 877.

5 Coelho e Monaci pensaram, apparentemente, tambem na mesma etymologia.

*

O *unico* reflexo legitimo *popular* (ou semi-erudito) de *latinus* é na peninsula o adjectivo *ladino* [1]. E o unico sentido em que se emprega hoje, em Castella e Portugal, é o de *astuto, sagaz, esperto, perspicaz, manhoso*. Originalmente applicado ao mouro bilingue [2], e portanto intelligente, que além do seu arabe, ou *berbere*, fallava o romance da peninsula que nos seculos VIII a XI se chamaria ainda *latino*, passou depois a designar tudo quanto era intellectualmente «*fino*». Os textos mais velhos em que encontro phrases comprovativas são o *Poema del Cid*, onde apparece (na linha 2:667) *um moro latinado*, a *Chronica general* (fl. 304), onde se diz de um mouro que era «*tan ladino que semejava christiano* [3]»; e a *Cronica de Alfonso X*, que falla de cartas escriptas «*una en arabigo e otra en ladino* [4]».

Com relação a obras poeticas, vejo-o empregado algumas vezes. Um trovador do Cancioneiro de Baena diz: *yo fise estribotes trobando* LADINO [n.º 546; vol. II, pag. 249]; um outro exclama: *Johan Garcia muy ladina es mi arte* [n.º 392, vol. II, pag. 99]; e um terceiro pede *respuesta por lengua ladina* [n.º 399, vol. II, pag. 106]. Todos os tres pensam — se não érro — na fórma culta, fina e artificiosa das poesias palacianas que cultivavam [5]. *Cantos ladinos*, se existissem, seriam portanto, — se é licito tirar conclusões dos poucos exemplos colligidos —, cantos bem feitos, de fórma *artificiosa*, i. é, de arte apurada, ou, para nos servirmos dos termos usados na poetica peninsular, de *arte maior*, de *marca maior*, ou de *mestria*.

Vejamos se os antigos cantos de romaria eram de mestria e mereciam o nome de *cantos ladinos* ou seja *ledinos*, porque de *ladino* para *ledino* a distancia é, realmente, pequena. Mas *cantos* DE *ledino?* Mesmo grammaticalmente este modismo é incorrecto. Só se elle quizesse dizer *cantos de um ladino* (cfr. *cantos de um villão? cantos de um trudo)* etc.?

*

Os *cantos de romaria* do *Canc. da Vat.* passam de meio cento. Repartem-se em uns 12 a 15 grupos. Cada um d'estes grupos é a obra individual de um poeta que, cheio de enthusiasmo local, nomeia, na intenção de o festejar, o santo da sua terra, i. é, da sua devoção [6]. Não se julgue porém que ha nas respectivas poesias verdadeiro

1 A variante portuguesa *ladinho* por *ladio*, que seria realmente popular, é rara.

2 E não ao *preto*, como se costuma affirmar em escriptos nacionaes.

3 Cfr. *D. Quixote*, I, cap. 41, onde *ladino* serve de epitheto a um *berbere* relativamente perito em linguas.

4 Cap. 42. — Cfr. *Chronica de D. Juan I*, pag. 291, que menciona um *moro ladino*.

5 E não na phraseologia chã, clara e singela que Dante chama *latina* no seu *Paraiso* (III, 63).

6 Ha apenas um trovador aristocratico, o rico-homem D. Affonso Lopes de Baiam, que se ensaiou em cantos de romaria, dedicados a Santa Maria das Leiras [*Vat.*, n.ºs 339-342]. Todos os restantes são de joglares, oriundos da Galliza ou do

fervor *religioso,* ou que ellas sejam *sacras* pelo seu conteúdo. A igreja ou ermida, visitada em dia de romaria (ou *sagraçõ* = KIRCHWEIHE) é festejada apenas como logar typico dos *rendez-vous* dos namorados, que, depois de «fazerem oração», iam bailar, cantar e conversar ao ar livre, emquanto as velhas continuavam a rezar, *queimando candeias* ou *estadaes.* Ora temos, em estrophes narrativas, recriminações e reminiscencias do passado; ora desejos, pedidos, projectos de entrevistas futuras. Quem falla é quasi sempre a namorada, que se dirige á mãe, ás irmãs ou ás amigas. De vez em quando é tambem a mãe que vae instruindo a filha. Todas pertencem portanto, sem excepção, á cathegoria dos *cantares de amigo* (= FRAUENLIEDER), ideados por aulicos, burgueses e populares, como sahindo de bocca *feminina.* Quanto á fórma, ella varia bastante, sendo porém, sempre singela, de caracter popular: *de refram* e não *de mestria.* Temos em geral tres estrophes curtas de quatro ou cinco linhas, com oito a doze syllabas cada uma. Só uma pequena minoria ostenta estrophes ainda mais primitivas de apenas dous versos, e juntamente o dualismo parallelistico que fórma o distinctivo das *bailadas* (falsamente denominadas *Serranilhas* [1]). O unico traço fixo e geral dos cantos de romaria é que no corpo da cantiga ou no seu refram se nomeia o logar da romaria, ou seja o santo festejado, conforme já indiquei [2]; em todo o resto assemelham-se muito aos outros cantares de amigo. — Basta p. ex. que o logar da entrevista que fórma o verdadeiro assumpto da poesia, não seja *sagrado* — como acontece quando a namorada chama o amigo pará a praia, as ribas do lago, a fonte, o avellanedo, o pinheiral — ou que o dia marcado não seja santo, para que as tenuissimas barreiras que separam os *cantos de romaria* dos outros *cantos de amigo* caiam por terra [3]. Será por isso que a antiga poetica não possuia nome especial para ellas [4].

norte de Portugal, i. é, das terras classicas das romarias. *Joham Servando* celebra a egreja do seu santo padroeiro S. Servando na serie importante de poesias que Monaci publicou (734-750); *Fernam do Lago* rezava a Santa Maria do Lago (893); *Pero de Dardia* a Santa Marta (709-712); *Pedro de Veer* falla de um santuario não especificado de Santa Maria (721-23); *Nuno Fernandes* é devoto de S. Cremente (805-808); *Martim Pedrozellos* de S. Salvador de Vallongo (845-851); *Martim de Grijó* queimou candeias a Santa Cecilia do Soveral (876-881); *Martim Codax* gostava de Vigo (884-890); *Aires Paes* foi a Santa Maria de Leça (891-892); *Lopo jograr* a S. Leuter (857-860); *Joham de Requeixo* a Santa Maria de Faro (894-898); *Aires Corpancho* a Santiago (265); *Pero Viviães* a S. Simon de Val de Prados (336); *Joham de Cangas* a S. Mamede (873-875); *Golparro* a S. Treezon (?) (872).

1 P. ex. n.os 878 e 879.

2 A palavra *romaria* occorre tambem frequentes vezes (p. ex. nas cantigas 734, 738, 741, 749, 841, 878 e 897. — Cfr. 356, 458 e 689), mas não é indispensavel. Temos *sagraçom* nos n.os 731 e 832.

3 Simples nomes de logar, sem indicação especial do santo ou da santa que ahi era venerada, tambem occorrem. Temos *Bonaval* nas poesias 729 a 742; *Juilham,* no n.º 720; *Lugo,* 903; e *Crexente,* 554, etc.

4 O unico manual doctrinario relativo á época dos trovadores que existe, é laconico e fragmentario, e nada revela ácerca de *cantos de ledino.* Nas rubricas e nas proprias poesias tambem não ha indicação alguma.

*

Falta o nome á especie — e é realmente pena que falte. Mas nem por isso se póde negar que linhas como «*Yo me iba*» sejam reminiscencias de formulas typicas antigas. Coelho, lendo

«*Fui eu, madr', en romaria*
a Faro con meu amigo»,

ou «*Fui eu a San Servand* [1]» devia forçosamente lembrar-se do «*Yo me iba*», do Chrisfal, e era levado a adivinhar neste fragmentozinho um descendente directo das alludidas poesias do *Canc. da Vat.*, que attestava a conservação de um typo archaico até ao 2.º ou 3.º decennio do seculo XVI. O parentesco era, e é, evidente. As differenças, filhas de um desenvolvimento de dous seculos, só estão patentes agora, depois da apparição do *Cancioneiro Musical.* Peço ao leitor que compare qualquer das poesias citadas do *Canc. da Vat.*, com os versos de *Menga la del Bustar.* Eis uma que não é nem mais, nem menos parecida que as restantes:

Fui eu, madr' en romaria
a Faro con meu amigo,
e venho del namorada,
por quanto falou comigo,
ca mi jurou que morria
por mi: tal ben mi queria!

*

Leda venho da ermida,
e d'esta vez leda serei,
ca falei con meu amigo
que sempre muito desejei,
ca mi jurou que morria
por mi: tal ben mi queria!

*

D'u m'eu vi con meu amigo
vin leda, si deus mi perdon,
ca nunca lhi cuid' a mentir
por quanto m'el diss' enton,
ca mi jurou que morria
por mi: tal ben mi queria! (894)

1 Cfr. ainda: *Quer' ir a Santa Maria de Leça.* — *A Far' un dia irei, madre, se vus prouguer.* — *Quand eu a San Servando Fui un dia d'aqui fazel-la romaria.* — *Ir quer' hoj' eu, fremosa, de coração Por fazer romaria e oração.* — *Ora van a San Servand donas fazer romaria.*

*

Duas são as differenças principaes. O texto hespanhol não é um *cantar de amigo* [1]. Quem ahi falla é evidentemente um *homem* que gaba a querida (tal qual antes as amigas costumavam gabar os seus amigos): um rapaz novo que narra as suas aventuras á propria mãe, como outr'ora as filhas costumavam fazer [2]. E estas aventuras, contadas na primeira pessoa, referem-se a uma *serrana* (nome que não occorre em nenhum dos antigos cantos de romaria), tendo além d'isso outros traços typicos, que nos obrigam a classificar «*Yo me iba*» de *serranilha*. Mas *serranilha* transformada, que traja á maneira moderna, i. é, que se compõe de mote e voltas, como os *vilancetes* ou *villancicos* que se desenvolveram no seculo XV dos generos preexistentes da poesia indigena, influenciados, quanto á fórma metrica, pelos *rondeaux, lais, virelais, ballettes* e *chansonnettes* da França do Norte. O canto de *Menga de Bustar* que Christovão Falcão cita, é, portanto, uma *serranilha-vilancete* [3], que pediu emprestado um traço (a designação de um santuario) aos antigos *cantos de romaria* [4]. De mais a mais, ainda que o rapaz seja o verdadeiro orador, elle vae citando textualmente os dizeres da amiga que introduz cantando.

Não tenho de tratar aqui explicitamente do interessante thema *serranilha-vilancete*. Restrinjo-me a assentar que o nome *serranilha* deve, a meu vêr, ficar reservado exclusivamente para os «pendants» peninsulares das *pastorelas* provençaes e francesas, de que infelizmente tão poucos exemplares se conservaram [5], isto é, para as poesias

1 Ha, comtudo, em Hespanha, no seculo XV, numerosissimos exemplos de *Frauenlieder*, tanto entre as cantigas populares como entre as creações artisticas. Vejam-se por ex. no *Canc. Mus.* os n.os 4, 209, 215, 227, 237, 401 e 402.

2 Na litteratura portuguesa não conheço exemplo algum d'estas estranhaveis confidencias de rapaz. — Em Barbieri temos mais dous (48 e 115).

3 E' provavel que houvesse muitas mais. Por ora só posso registrar mais dous fragmentos: *Yo me iba, mi madre, A Villareale*, recolhido por Salinas e citado por Milá y Fontanals, e *Yo me iba, mi madre, A la romeria*, mencionado por Am. de los Rios.

4 Esta amalgamação póde ser antiga. Provém, a meu vêr, de certas *pastorellas* franco-provençaes que indicavam como logar da acção o «caminho francês» ao santuario de Santiago de Compostella!

5 Conheço duas duzias de *pastorelas* castelhanas e apenas duas portuguesas: uma, antiga, de que resta apenas um parco fragmento de quatro linhas:

> A' terra de Cintra
> a par d'esta serra
> vi ũa *serrana*
> que braadava guerra. (Vat. 410).

e outra aproveitada por Gil Vicente (III, 214):

> A serra é alta,
> fria e nevosa,
> vi vĩir *serrana*
> gentil, graciosa.

As hespanholas são: quatro do Arcipreste de Fita (933, 961, 971 e 996); dez

narrativas em que um homem conta as suas entrevistas com *pastoras-serranas,* começando por indicar o logar da scena; passando a descrever o traje da bella, e intercalando depois versos por ella cantados [1]. As cantigas de contextura parallelistica, i. é, as bellissimas bailadas conservadas no Canc. da Vat., no Canc. Musical, no Cancionero Patrimonial e nos Autos de Gil Vicente, o cossante de Diego Furtado de Mendoza, as poesias populares de Rebordainhos, as Muinheiras da Galliza, etc.—emfim, todas as poesias peninsulares em que a mesma ideia se repete duas vezes em fórma levemente variada com rimas divergentes, devem ser designadas com outro nome. Escolhamos entre os termos *cantos dualisticos; cantares parallelisticos; cossantes; cantos de danza prima; bailadas portuguesas,* mas em todo o caso demos-lhe um nome *seu,* distinctivo, que lhes seja mais adequado do que o de *serranilha* [2].

*

Resta explicar grammaticalmente as linhas 9 e 10, em que ha, segundo o snr. Epiphanio, «uma violencia de construcção que não deixa bem a critica decidir-se», quer se leia com a edição sem data: o QUAL *eu affigurei,* ou, com as restantes impressões, A QUAL *eu affigurei a Mengua la del boscal.* Se referirmos *a qual* como relativo a *seda,* sae-nos de facto um disparate logico, porque Chrisfal não podia na sua imaginação reproductora vestir de seda a serrana Menga. O expediente seria, pôrmos ponto final na linha antecedente (depois de *saial),* tomar *a qual* como demonstrativo, á maneira latina, e referil-o ao sujeito da estrophe 41.ª, entendendo: *hũa serrana queixosa...* [3] *a qual eu affigurei (ser) a Menga, la del buscal.* Neste caso *a* seria artigo, e não preposição. Não o apoio, porém. Mais vale acceitarmos o relativo *o qual,* e referil-o a *vestido (que era um brial de seda e não de saial).* O modo de dizer *o vestido que eu affigurei a Menga,* ou, por outra, a construcção *affigurar alguma cousa a alguem* = representar na imaginação alguma cousa como pertencendo a certa pessoa *(Jemandem eine Sache andichten oder andenken),* não me parece cousa mui-

de Santillana; umas poucas de Iñigo Lopez de Mendoza, o Feio; Diego Furtado de Mendoza; Francisco de Bocanegra; Carvajales, Estuñiga e Reinosa.—As lindas *pastorelas* palacianas do Canc. da Vat. (102, 137, 150, 278, 457, 554 e 689), em que uma *pastor* (sic) fala e canta, são de estylo bem differente, meras imitações de modêlos transpyrenaicos.

[1] Só a serranilha de Gil Vicente, que se afasta do typo commum, tem a fórma das *Parallelstrophen-Lieder,* nome allemão empregado por Storck e que eu adoptei, introduzindo-o no meu *Quadro da Litteratura Portugueza.*

[2] Na sua Anthologia Theophilo Braga deu uma definição muito razoavel de *serranilha:* os exemplos, para que remette o leitor, não correspondem, porém, de maneira alguma, á definição. As outras definições e as etymologias do mesmo auctor contidas nos varios volumes da *Hist. da Litt. Port.* são sem valor.

[3] A estrophe 5.ª offerece um exemplo do emprego de *a qual* como demonstrativo. Refere-se á pastora Joana, citada na estrophe 4.ª

to estranha. Lembro uma phrase de Mousinho de Quevedo (que anda nos diccionarios): *o anjo a quem membros mortaes afiguramos.*

E disse.

Porto, 14 Março de 1894.

CAROLINA MICHAELIS DE VASCONCELLOS.

Nota final:

Chamo a attenção dos leitores que se interessam pela Egloga de Christovam Falcão para o pequeno artigo em que fallei aos leitores allemães da excellente edição do snr. Epiphanio. Escripto posteriormente a esta noticia, já foi impresso no *Literaturblatt,* vol. xv, pag. 267 a 277.

II

LETTERA APERTA

All'Illustre Signora Carolina Michaëlis de Vasconcellos, a proposito d'una sua etimologia portoghese contenuta nel dotto suo articolo: *Etymologias portuguesas (Revista Lusitana,* v. I, n.º 2, pag. 124).

Illustre Signora.

Benchè io non abbia l'onore di conoscerla nè per relazione epistolare, nè di persona, senza essere però meno ammiratore della sua dottrina unica piuttostochè rara in donna, permetta che Le diriga la presente affine di prendere argomento ad alcune considerazioni movendo da una delle differenti etimologie addotte da V. S. del verbo *consoar:* mangiare qualcosa al fine d'una vigilia, e ancora: suonare insieme, cioè rimare (cfr. pure la voce *consonante* [1]) dal latino *con-sonare.* In italiano abbiamo pure la voce: *consonanza,* nome che vale: accordo di voci, fig.: uniformità, conformità, corrispondenza; *consonare,* verbo = concordare il suono dell'una voce con l'altra, fig.: *confarsi, accordarsi; consono,* agg. *che ha consonanza,* fig.: *conforme.* Questa etimologia é facilissima a spiegarsi *foneticamente,* dice V. S. a proposito di essa, ma impossibile di (chiarire?) *historiar* ragionevolmente in modo scientifico quanto allo sviluppo del significato. In nota poi Ella osserva che «non può citare il vero inventore di questa etimologia che udi enunciare parecchie volte in conversazioni famigliari. La notte del Natale è per i fautori di questa etimologia una notte, in cui gli angeli intuonano leggiadri canti? O forse una notte, in cui non vi regna dissonanza, ma bensì dolce consonanza fra i presenti?»

Benchè ancora come profano quasi nella Sua melodiosa lingua e

1 Che ha *consonanza,* e lettera dell'alfabeto che *suona insieme* con la vocale. Ricarda l'immagined el Matthus: «Tutti hanno diritto diassidersi al banchetto *della vita però non già solo come consumatori, ma ejiando come produttori».*

un poco anche ospite nella scienza della linguistica, senza pretesa però di voler accogliere in modo assoluto la detta etimologia, che riferirei alla prima delle due ipotesi della nota, mi permetto però di fare alcune considerazioni se non per colmare in modo assoluto la lacuna esistente fra *mangiare* e *suonare insieme,* almeno per attenuarla.

E' indubitato che molti atti del corpo spiegano altri atti dello spirito, sicchè come non si può concepire che il corpo viva senz'alimento, così pure lo spirito, onde nel Vangelo si legge: *Non de solo pane vivit homo sed de omni verbo quod exit de ore ejus.* La scienza poi è detta dal Divino Poeta:

...........*Il* Pan degli Angeli del quale
Vivesi qui ma non sen vien satollo. (Parad. II, 11-12).

Così pure il titolo della nota opera di Dante *Convito* (titolo metaforico di banchetto di sapienza, comune anche anticamente in Grecia) spetterebbe al precedente tropo, molto più che si compone di canzoni, che formano le *vivande* di questo banchetto, e di commenti in prosa che ne formano *il pane* [1]. E a proposito di quest'opera il Carducci con la sua usata arguzia pure scriveva press' a poco così: «Dante povero, meschino, privo quasi del necessario a vivere generosamente con quest'opera á connazionali e coetanei imbandiva un lauto banchetto di sapienza, acciocchè appieno se ne potessero satollare quanti ne sostenevano grave inopia». E qui per non dilungarmi tralascio le molte similitudini di Dante tratte dall'idea del cibo, del pascolo; però non posso astenermi dal ricondare quella spettante al personaggio politico adombrato nel Veltro allegorico del I dell'Inferno:

Questi non ciberà terra, nè peltro.

cioè questi (forse Can Grande della Scala) non sarà bramoso nè di potere politico, cioè non ambizioso, nè di oro, cioè non avaro.

E qui a proposito della predetta prima ipotesi circa il canto sinfonico degli Angeli nella notte di Natale mi piace di notarlo in attinenza se non dell'idea letterale di *cibo, alimento,* almeno in ordine all'idea figurata che testè abbiamo già toccato, salvo che sopra riguardo alla scienza e ora rispetto all'arte, che interprete del bello, il quale, piacendo oltremodo allo spirito che la vagheggia, si dice (con una metafora comune in italiano e forse anche in portoghese e nell'altre lingue neo-latine) ne formi appunto il grato pascolo, e soprattutto l'arte per eccellenza, la musica (identificata dai Greci con la scienza e perciò appellata pure σοφια la maestria spiegata in essa),

[1] Cfr. pure il titolo figurato di *Cene* dato da A. F. Grazzini detto il Lasco alla raccolta di sue novelle, e quello di *Merende* a certe sue discussioni in forma dialogica date da Mauro Ricci (Frate Possidonio da Peretola), contenute nel suo gajo e dotto libro: *L'allegra filologia.*

germana gemella della poesia, onde Filippo Pananti nel poema eroicomico il *Teatro* e Antonio Guadagnoli dopo in sua ode burlesca dissero:

Musica e poesia nacquer gemelle.

Del resto il nome della poesia dell'affetto *lirica* (perchè già disposata al suono della lira), l'accompagnamento che il suono del plettro, della mandola e della guzla faceva alla poesia rapsodica, provenzale e slava, come pure il melodramma moderno provano chiaro tale identità sicchè quanto si dice del suono si possa identificare col canto e viceversa. E qui per provare vie meglio quanto pascolo efficace alla vita morale dell'uomo e intellettuale dei popoli porgesse la musica mi piace il fatto biblico del re Saul, la cui furia era acquetata dal suono dell'arpa di David, e l'altro mitico di Orfeo e di Anfione, al suono della cui lira si arrestava il corso dei fiumi, si mansuefacevano le fiere, si muoveano i sassi disponendosi a formare mirabilmente le mura di Tebe per indicare che la poesia primitiva disposata al suono della musica porgeva tanto gradito pascolo a' popoli barbari primitivi che ne dirozzasse i costumi e dalla vita selvaggia e nomade li stimolasse alla vita civile, tantopiù che alla poesia primeva la filosofia, la legislazione, la religione, tutto lo scibile insomma si riducesse.

Ecco il nesso tra la consonanza poetica o musicale e il pascolo se non fisico, almeno morale e intellettivo. E in prova di questo prima di chiudere la presente citerò un passo del Purgatorio, canto II, v. 106-119 spettante al canto di Casella: Dante dice a Casella, suo amico:

......Se nuova legge non ti toglie
Memoria o uso all'amoroso canto,
Che mi solea quetar tutte mie voglie,
Di ciò ti piaccia consolare alquanto
L'anima mia, che con la sua persona
Venendo qui, è affannata tanto.
Amor che nella mente mi ragione,
Cominciò egli allor sì dolcemente
Che la dolcezza ancor dentro mi suona,
Lo mio maestro ed io e quella gente,
Ch'eran con lui, parevan sì contenti,
Come a nessun toccasse altro la mente.
Noi eravam tutti fissi ed attenti
Alle sue note.................

E appresso Dante v. 124 ricorre alla similitudine della pastura de'colombi e la ragguaglia al pascolo del canto di Casella, come il canto sinfonico degli angeli nella vigilia di Natale si connetterebbe all'idea del rompimento del digiuno, cioè dell'alimento preso in essa notte; ecco il passo rispettivo:

Come quando cogliendo biada o loglio
Gli colombi adunati alla pastura,
Queti, senza mostrar l'usato orgoglio,
Se cosa appare, ond'elli abbian paura,
Subitamente lasciano star l'esca,
Perchè assaliti son da maggior cura;
Così vid'io quella masnada fresca
Lasciar il canto e fuggir ver la costa,
Com'uom che va, nè sa dove riesca:
Nè la nostra partita fre men tosta.

Io non so veramente se queste mie chiacchiere sconclusionate abbiano potuto concorrere a farla ricredere in parte, o no, circa la verosimile accettazione della prima sua etimologia, e se, mentre prima ravvisava uma profunda lacuna tra le due idee, onde quella sola parola *consoar* Le pareva suscettiva, dopo l'abbia veduta scomparire o attenuarsi in parte dietro le osservazioni da me fatte. In ogni modo valga presso di Lei il concetto del noto adagio latino: *Voluntas pro facto recipitur,* quantunque *di buone intenzioni,* come dice un altro adagio toscano, *sia lastricato l'inferno.*

Intanto pregandola di volermi concedere venia della soverchia prolissità della presente La ossequio profondamente e mi raffermo

Della S. V. Ill.ma

Dev.mo Servo
STANISLAO PRATO.

Sessa Aurunca, li 2 febbrajo 1894.

*

A' attenciosa carta do ex.mo snr. Estanislao Prato, que muito agradeço, respondo o seguinte:

Embora formulasse, com um sorriso nos labios, a questão se os propugnadores da etymologia *consoada* > *consonata* pensariam nas consonancias musicaes do «*Gloria in excelsis Deo*» dos coros angelicaes, entoado todos os annos na noite das *consoadas,* ou se pensariam na concordancia, conformidade e harmonia de sentimentos que animam então as familias reunidas *em consoada* — não neguei em absoluto a *possibilidade* de *consonata* ter produzido *consoada.* A vida das palavras é ás vezes tão entrecortada de peripecias imprevistas que não seria prudente negar a *priori* qualquer transformação semasiologica. O que eu quis dizer foi que me parecia impossivel [impracticavel] historiar [= demonstrar por meio de textos documentaes] o desenvolvimento de *consonare* para *comer de consum.* E as considerações, de resto muito interessantes, do meu cortês antagonista, não provaram o contrario.

Continúo portanto a derivar *consoada* de * *con-sub-un-ata,* accrescentando apenas que este substantivo, que nos textos antigos tem sem-

pre o sentido ainda não restricto de «*refeição nocturna em commum em qualquer dia do anno*», nos apparece num documento de 1448 na velha graphia: *consooada* [J. P. Ribeiro, *Diss. Chron.* II, 252], assim como *assuadas* apparece num texto de 1305 na graphia *asouhadas* [ib. I pag. 303].

Aproveito o favoravel ensejo para avisar os estudiosos de que as fórmulas adverbiaes *de-con-su-um* (cant. 398) e *de-su-um* (= conjuntamente e simultaneamente), assim como *assũada* (Cant. 15 e 369) (= motim) occorrem, como era de esperar, amiudadas vezes nas Cantigas de Affonso x. O editor não as entendeu, porém, nem lhes ligou importancia alguma. Imprime ora *dess uun* (cant. 56,3; 95,9; 105,6; 277; 311; 406; 420): ora *des uun* (65 e 393,8) ou *des uum* (224,6); ora *dess huun* (233), e pouquissimas vezes: *de sũu* (255) ou *de so uun* (255). No muito defeituoso Glosario, que acompanha a riquissima edição da Academia Hespanhola — e de que conto occupar os leitores em outra occasião — todas aquellas fómmulas estropeadas são traduzidas correctamente por *juntamente, en uno,* mas figuram, no artiguinho dedicado a *des: desde!* i. é. á formula DE-EX [DE!].

CAROLINA MICHAELIS DE VASCONCELLOS.

Porto, 2 de abril de 1894.

III

AMULETOS

Da obra *Pharmacopea Tubalense Chimico-Galenica,* de Manoel Rodrigues Coelho, Lisboa Occidental, 1735, extráio as seguintes notas que se referem a amuletos, usados uns em Portugal, outros em diversos paises.

1. Amuleto de dente

«Os seus dentes (os das *Carcharias,* ou *Cão do Mar*, *Tubarão,* etc.) servem de amuleto aos meninos, porq̃ lhe excitaõ o nascimento dos seus» (na America). — Pag. 168.

2. Amuleto de cascavel

«Este tal Cascavel (o da *Cobra de Cascavel),* trazido dependurado ao pescoço junto da carne, como Amuleto, affirmaõ os naturaes daquella terra (Brasil), que tem virtude de preservar de accidentes de gotta-coral, e de vagados». — Pag. 170.

3. Amuleto de osso

«Sem embargo porém da dita Cobra (a *Cobra Zuchi* ou *Zuiche* ter esta maldade, comunicou-lhe Deos nos ossos do seu espinhaço,

huma grande virtude, porque secaõ, e curaõ as alporcas, com tal condiçaõ, que o enfermo os traga ao pescoço, junto da carne por tempo de hum anno. Para se privarem esses ossos da sua carne, depois de morta a Cobra, se enterra por tempo de quinze dias, dentro dos quaes lhe apodrece a carne, e com muita facilidade se despegaõ della, e enxutos se guardaõ, para se applicarem enfiados em hum cordaõ de retroz, dependurados ao pescoço, para a sobredita queixa, ou para quem tiver dores de garganta» (em Angola). — Pag. 179.

4. Amuleto de «pedra» de cobra

«Serve (a «pedra de *Cobra de moer*, ou *de Capelos)*» misturada com vinho, e agua, para as mulheres que estaõ em parto; tambem para este effeito usaõ della, atada na coxa da perna com hũ panno, quando querem parir» (nos Cafres). — Pag. 182.

5. Amuleto de cabeça de vibora

«Depois de cortada a cabeça deste animal (a *Vibora)*, lhe tiraõ a lingua para a trazerem ao pescoço como Amuleto, para a preservação do mão ar» (em Portugal [1]). — Pag. 184.

6. Amuleto de unha de «gram besta»

«Tambem se usa della (a unha da *gram Besta)*, como Amuleto, para se preservarem do mesmo achaque (accidentes de gotta-coral, tremores, convulsoens, affectos dos nervos, e cabeça), humas vezes em aneis para os dedos, outras vezes pendurada ao pescoço; e outras vezes atada ao pulso» (em Portugal). — Pag. 186.

7. Amuleto de camphora

«He a Camphora hum grande remedio para rebater as payxoens histericas; tambem he bom para as febres intermitentes, trazendo-o dependurado ao pescoço, porque a sua volatibilidade, entrando insensivelmente pelos póros da Cutis, excita a rarefaçaõ, e transpiraçaõ do humor, que causa esta enfermidade» (em Portugal). — Pag. 193.

A. Thomaz Pires.

1 [Na minha collecção de amuletos portugueses ha um d'estes, que obtive na Beira-Alta. — J. L. de V.].

IV

ETYMOLOGIAS POPULARES

Numas listas de etymologias populares organizadas separadamente pelos srs. A. Coelho e J. Moreira, e publicadas no 1.º vol. d'esta *Revista,* vem citado o nome duma rua da cidade do Porto. Segundo estes auctores, o nome da *Rua da Fonte Taurina* foi convertido na bocca popular em *Rua da Fonte da Ourina.*

Na carta de perdão passada a Tristão Roiz de Figueiredo em 12 de Maio de 1572 e registada no Liv. 18 de Legislação de D. Sebastião e D. Henrique, fl. 110 (na Torre do Tombo), vem já mencionada a dita rua: — *Rua da Fonte douryna.*

Outras etymologias populares antigas ha que juntar ás referidas listas, como *Rua do Bemformoso* (Paço do Boi Formoso) em Lisboa, *Villa de Moncorvo* (Mendo Coruo, Mẽcoruo) e ainda *frontificações* em um documento do tempo de D. João 4.º

PEDRO D'AZEVEDO.

V

«HILO PORTUGUÉS»

Aux intéressantes notes publiées ici même (t. I, p. 63) par Mme C. Michaelis de Vasconcellos sur ce produit de l'industrie portugaise, j'ajouterai qu'il se colportait en Espagne avec les toiles de Flandre, les *hollandes* de Cambrai, et que la vente de ces articles à domicile était presque un monopole du *lenceiro* portugais, l'ami des femmes, à qui il vendait souvent à credit, et la terreur des maris ou des amants:

Eu so, mi nina, eu so voso lenceiro,
Traigola aqui à voacé aquella peza
De Cambray....
— Hombre, passito [1].

Fr. Luis de Leon, dans son beau livre de la *Perfecta casada,* compare ce *lenceiro* au marchand cananéen de la Bible: «*Lienzo te jió, y vendiólo, franjas dió al cananeo* (Prov. XXXI, 24). Cananeo llama (Salomon) al mercader, y al que decimos casero, porque los de aquella nacion ordinariamente trataban de esto, *como si dijesemos agora, al portugués* [2]».

Le *lenceiro* colporteur se recrutait-il dans certaines localités plu-

[1] «Entremes famoso de la competencia del portugués y francés», dans les *Verdores del Parnaso,* 1697, pag. 97.

[2] *Perfecta casada,* § XIV.

tot que dans d'autres? Je l'ignore. Ce serait à rechercher. En tout cas, je ne pense pas que l'allusion suivante de Gongora à Olivença soit à prendre bien au sérieux:

Doña fulana...
....
El quatrin no menos pilla
De Oliveros de Castilla
Que á un hilero de Olivença.
Tenga verguença [1].

Il fallait trouver une rime à *verguença.*

Paris.

A. Morel Fatio.

VI

SUPERSTIÇÕES POPULARES DO SECULO XVIII

1. Amuleto de chifre

No livro dos *Idyllios* de Antonio Dinis da Cruz e Silva (edição de 1811), em o *Idyllio* XIII, em que são interlocutores *Tirse* e *Elpino*, sendo as partes de *Tirse* do dr. Theotonio Gomes de Carvalho, e as de *Elpino* de Antonio Diniz, vem, a fl. 181, uma estrophe, em que se allude ao amuleto natural da *ponta de chifre* para preservar do *mau olhado:*

«Tirse

Ontem ao collo da malhada ovelha,
Do rebanho esperança, a curva ponta
De um cervo pendurei, porq̃ o máo olho
De invejosa pastora a não offenda.
Feliz ovelha, pasce a molle relva,
Feliz ovelha, que has de ser de Alcipe».

2. Agouro da gralha

No *Idyllio* IV, a fl. 61, faz-se allusão ao agouro provocado pelo grito da gralha:

«E mil vezes a gralha em rouco accento
Me predisse cruel a desventura,
De cuja triste agouro então zombava;
Mas conheço em meu mal q̃ me enganava».

[1] Letrilla burlesca, commençant par: «Texió de piernas de araña».

3. O nardo agreste

Nos *Idyllios* v, a fl. 63, e xiv, a fl. 189, apresenta-se o «nardo agreste» como preservativo do *mau olhado* e da inveja:

«Fogo accende, e queimando puro enxofre
O rebanho perfuma, porque fique
De maligno contagio todo isento;
E para que não possa a torpe Inveja
C'os retorcidos olhos fascinallo,
Das viçosas capellas, que tecido
Do nardo agreste tenho, diligente
Lhe cinge as duras pontas, doce Almeno».

«Ah! croai-me, pastores companheiros,
Pois estes pinhos com meu canto folgão;
De nardo me croai, porque má lingoa
Ao poeta, que crece, não offenda».

4. O loureiro

No *Idyllio* xx, a fl. 263, faz-se allusão ao loureiro como symbolo da inconstancia:

«Juraste, e de repente hum pé de vento
Da raiz arrancou hum verde louro:
De meu mal foi por certo claro agouro,
E então nem tal me veio ao pensamento».

A. Thomaz Pires.

VII

O REI TRAQUILHA

(Romance que julgo inedito, — colhido da tradição oral nas Caldas da Rainha)

Indo o rei Traquilha á caça,
Anoiteceu-lhe na caçada.
Estando Grameneza (sic) á porta,
Logo ficou assustada.
Ella virou para dentro,
Boa mesa apparelhada;
Se boa era a mesa,
Muito melhor era a cama.
Accendeu-lhe doze tochas,

Pôs-lhe seis de cada banda.
Lá pela noite velha,
Rei Traquilha alevantado.

— O que é isto, rei Traquilha,
Vossa Alteza alevantada?
— Sim, humilda-te aqui a mim,
Senão morres degollada!
— Pois mais vale a morte com honra
Do que a vida malfadada.

Isto sirva de exemplo
A toda a mulher casada.

Z. Consiglieri Pedroso.

VIII

IR AOS GAMBOZINOS

Na Carrazeda d'Anciães havia o costume de convidar as pessoas simplorias para *irem aos gambozinos*. Se alguma d'ellas accedia, levavão-na uma noite sombria a um sitio escuro e medonho, e collocavão-na com um sacco aberto ao pé de um buraco, como para agarrar nelle os gambozinos, que costumavão sahir por alli; e assim deixavão ficar o incauto, ás vezes, até pela manhã, indo-se embora, sob qualquer pretexto, a pessoa que o lá levou.

Outras vezes maltratavão o sujeito ou amedrontavão-no; e elle, ou fugia, ou, o que dizem ter acontecido, e não é incrivel, ficava prostrado por causa dos maus tratos ou do mêdo, ou de ambas as coisas, sendo preciso conduzirem-no a casa.

Convem notar que d'este costume se não contão casos modernos, mas antigos, não se apontando mesmo ninguem que se tivesse sujeitado a semelhante caçada.

A. de Sequeira Ferraz.

IX

AMO

A palavra *amo* significa hoje — o marido da mulher que dá leite a algum filho d'outra pessoa; mas nos tempos antigos significava — *aio*. Neste sentido usou d'ella Camões nos seus *Lusiadas*, III, 35, quando, fallando d'Egas Moniz, diz o seguinte:

Mas com se offerecer á dura morte
O fiel Egas, *amo*, foi livrado.

No mesmo sentido de *aio* lhe tomada nas *Ordenações* do liv. I, tit. XV, § 17; liv. II, tit. XLV, § 37; tit. XLIX, § 4; tit. LIX, § 6 e 15; liv. III, tit. 28, pr.; liv. V, tit. XC, § 1, e tit. CXXXIX, aliás CXXXVIII, pr.

A mesma palavra significa tambem — o conductor das obras de alguma pessoa; o que se vê na mesma ordenação.

J. J. Ferreira Gordo [1].

BIBLIOGRAPHIA

I

LIVROS

Exposição da pronúncia normal portuguesa para uso de nacionaes e estrangeiros: memoria destinada á X sessão do Congresso Internacional dos Orientalistas, por A. R. Gonçalves Vianna. Lisboa 1892, 106 pag.

Em 1882 publicou o Sr. Gonçalves Vianna n-*O Positivismo,* vol. IV, n.º 1 e 2, uns artigos a proposito de um trabalho do Dr. Hugo Schuchardt, com os quaes como que inaugurava em Portugal o estudo scientifico da phonetica physiologica portuguesa. Esses artigos não são um trabalho geral de phonetica: esta sciencia vem ahi por incidente: mas archivão-se lá vários factos interessantes da nossa pronúncia, e applica-se um methodo que até então se não havia ainda entre nós applicado com rigor.

O trabalho capital do Sr. Gonçalves Vianna foi publicado em francês, no anno seguinte, no vol. XII da revista parisiense *Romania,* e d'elle se fez separata em volume com o titulo de *Essai de phonétique et de phonologie de la langue portugaise d'après le dialecte actuel le Lisbonne,* Paris 1883, 70 pag. Classificão-se nessa obra os sons da nossa lingua, indicando-se muitos d'elles pela primeira vez; descrevem-se physiologicamente, e comparão-se com outros de linguas vivas; além d'isso estudão-se as influencias dos sons contiguos, uns nos outros, e fazem-se diversas observações á cêrca da accentuação.

Este trabalho tornou rapidamente conhecido lá fóra o Sr. Gonçalves Vianna, que mostrava não só particular aptidão para os estudos phonologicos, e segurança na applicação dos methodos scientificos, mas tambem largo conhecimento de linguas. Com effeito o Sr. Gonçalves Vianna é ao mesmo tempo glottologo e polyglotta: conhece mais de quinze linguas, entre vivas e mortas, fallando algumas com tanta perfeição, que, uma vez, que foi a um congresso estrangeiro, onde se encontrou com muitos glottologos e homens de lettras, passou por ter differentes nacionalidades, suppondo-o hespanhol os hespanhoes, italiano os italianos, francês os franceses, etc. Todos os glottologos que se occupão especialmente de phonolo-

[1] [Das *Memorias colligidas e relatadas,* por Joaquim José Ferreira Gordo, prelado da Santa Igreja de Lisboa, tomo I, n.º 4. Ms. da Bibliotheca da Academia das Sciencias de Lisboa, Gab. 3, E $\frac{18}{12}$. Este auctor nasceu em 1758, e falleceu em 1838. — J. L. de V.].

gia o citão e o aprecião, o que se póde vêr nos escritos de Storm, Schuchardt, Cornu, Principe Bonaparte, Passy, etc.

Por occasião de se organizarem trabalhos para um congresso de Orientalistas que devia realizar-se em Lisboa, mas que não chegou a realizar-se, refundiu o Sr. Gonçalves Vianna o referido *Essai de phonétique*, e publicou-o, ampliado, com o titulo de *Exposição da pronúncia normal portuguesa*. E' d'este opusculo que vou dizer em especial algumas palavras.

Divide-se em duas partes: I) *Preliminares;* e II) *Pronúncia normal portuguesa*.

A 1.ª Parte é por assim dizer um pequeno tratado de phonetica geral. O auctor começa por dar indicações bibliographicas, apresentar algumas considerações sobre o mecanismo da voz, e classificar os sons; depois trata das vogaes e estuda os accidentes intrinsecos e extrinsecos d'estas e das consoantes, e as permutações; considera em seguida a syllaba, o vocabulo e a pausa; por fim passa á transcripção phonetica das consoantes e exemplificação d'estas.

Em toda a 1.ª Parte ha grande abundancia de factos, e o Sr. Gonçalves Vianna manifesta, como sempre, muita delicadeza de anályse acustica.

Com relação ao methodo seguido, direi que me parecia melhor ter tratado primeiro das vogaes e das consoantes juntamente, do que assim em separado, pois classifica e descreve as consoantes, depois de ter tratado dos accidentes d'estas; o inverso sería mais natural. Num ou noutro ponto secundario da sua exposição, eu poderia tambem dissentir, ou fazer alguma observação, mas não me alargo mais nisto, para que não pareça que com críticas de miudezas desejo encobrir o valor geral e real do opusculo.

A 2.ª Parte, intitulada *Pronúncia normal portuguesa,* havia já sido publicada como introducção da edição annotada do canto 1.º d-*Os Lusiadas,* feita em 1892 pelo Sr. Salles Lencastre.

O auctor occupa-se successivamente dos seguintes assumptos: sons e sua escrita, consoantes, vogaes, observações sobre as vogaes, influencia das vogaes protonicas nas accentuadas, conjugações e flexões dos verbos (em relação á pronúncia das vogaes), recapitulação da indicação do valor de cada lettra (com exemplos numerosos), quantidade prosódica, accentuação (pronunciada e graphica).

O trabalho termina com algumas considerações á cêrca da pronúncia portuguesa no sec. XVI, segundo o entender particular do auctor, e com duas transcripções phoneticas da proposição dos *Lusiadas* (uma, segundo a pronúncia actual, outra, segundo a pronúncia presumivel no sec. XVI, epocha em que o poema foi escrito).

A 2.ª Parte do trabalho do Sr. Vianna é particularmente importante para os estrangeiros que tiverem de aprender a nossa lingua, e para os professores d'ella.

Vê-se que o novo trabalho do illustre glottologo e primeiro phoneticista português constitue uma bella contribuição para o conhecimento e estudo da nossa lingua. Pena é que seu auctor, possuindo, como possue, tantos conhecimentos linguisticos, e estando senhor, como está, do methodo scientifico,—pois em todos os estudos scientificos o bom methodo é condição indispensavel—, não queira entrar mais vezes nas lides da imprensa, proseguindo com assiduidade no desbravamento do vasto campo da glottologia portuguesa.

Em verdade os escritos do Sr. Gonçalves Vianna não se limitão aos indicados: elle tem publicado apreciações críticas, notas sobre dialectos, e ainda outros estudos; mas tudo isso é pouco, e eu, que conheço de perto as raras qualidades e merecimentos do auctor, julgo-me auctorizado (pensando de mais a mais no diminuto número dos que em Portugal sabem trabalhar bem) a manifestar aqui o meu desejo de que o Sr. Gonçalves Vianna publique mais do que publíca, já que a falta do seu aturado concurso se torna muito sensivel no nosso meio scientifico.

J. L. DE V.

II

PERIODICOS

Revista de educação e ensino. N.º 4 (Abril de 1894) e n.º 5 (Abril do mesmo anno). — No n.º 4 publíca o Sr. Bernardo Fernandes Monteiro a traducção do Evangelho de S. Lucas em mirandês, e no n.º 5 a traducção da primeira epistola de S. Paulo aos Corinthios. Estes textos fôrão revistos pelo Sr. Gonçalves Vianna, que precedeu de algumas considerações philologicas o primeiro d'elles. O Sr. Fernandes Monteiro é natural da Póvoa, concelho de Miranda do Douro, e conhece por isso muito bem o seu dialecto natal. E' sempre muito difficil escrever uma lingua pela primeira vez; não admira, pois, que, apesar do conhecimento íntimo que o Sr. Monteiro tem do mirandês, haja alguma discrepancia entre a phonetica viva e a orthographia: é assim que, por exemplo, o Sr. Monteiro escreve *los* por *l's*, *-õ* em vez de *-õu*, etc. — Não posso senão louvar, tanto o Sr. Fernandes Monteiro como o Sr. Gonçalves Vianna, pela feliz lembrança que tiverão de publicar estas traducções; a lingua mirandesa é ainda pouco conhecida, e convem publicar textos em que ella se revele. — O mirandês offerece variedades. Os textos publicados pelo Sr. Monteiro são na lingua da Póvoa, que se liga com a de Malhadas e Duas-Igrejas; esta última é a que tem servido de base para os estudos que até hoje tenho dado a lume á cêrca do idioma da Terra de Miranda.

J. L. de V.

III

VARIA QUAEDAM

Obras publicadas ultimamente:

— **Obras de Christovão Falcão,** edição critica, annotada por A. Epiphanio da Silva Dias. Porto 1893. — Disse d'esta obra algumas palavras in *Revista Nova*, Lisboa 1894, n.º 3, pag. 35. — Cfr. supra, pag. 347; e infra, pag. 375.

— **Note ethnographique sur les chiffres usés dans les pressoirs d'olives dans l'arrondissement d'Alcobaça,** por M. Vieira Natividade, Alcobaça 1891. — O A. suppõe que esses signaes talvez representem costumes de alguma civilização esquecida. — O uso da cruz póde porém fazer inferir que não sejão muito antigos, e talvez sejão devidos aos frades bernardos que alli tinhão o seu principal mosteiro; todavia, antes de qualquer juizo, é necessario vêr se o mesmo uso existe noutros pontos do país, e fóra.

— **Geschichte der Portugiesischen Litteratur** (Historia da Litteratura Portuguesa), por D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos & Theophilo Braga, Estrasburgo 1894 (faz parte do *Grundriss der Roman. Philologie*, publicado por G. Gröber). — Valiosissimo trabalho.

— **Zara,** por Anthero de Quental, Lisboa 1894, — edição polyglottica. — Comprehende uma poesia de Anthero de Quental com as traducções em muitas linguas e dialectos. Entre as traducções vem uma em mirandês, feita pelo Sr. Padre Manoel Sardinha, natural de S. Martinho d'Angueira; temos pois aqui, além dos que citei acima, nesta mesma pagina, mais um documento da *litteratura mirandesa:* e é por isso que faço neste logar menção do livro.

— **As «Lições de linguagem» do Sr. Candido de Figueiredo,** por J. Leite de Vasconcellos, 2.ª ed. augmentada, Porto 1893.

— **O gralho depennado** (réplica ás «caturrices philologicas» do Sr. Candido de Figueiredo), pelo mesmo, 3.ª ed. muito augmentada, Porto 1894.

— **De «Margariti» villa in territorio Vimaranensi commentariolum,** pelo mesmo, Olisipone 1893.

— **Quid apud Lusitanos verbum «aedeoli» significaverit,** pelo mesmo, Olisipone 1893.

— **Chartam alteram de villa quae «Margaride» appellatur,** pelo mesmo, Olisipone 1894.

— **Notas ao Cancioneiro de el-rei D. Dinis** e **Novas notas,** pelo mesmo, Barcellos 1894 (2 opusculos).

— **Grammatica portuguesa elementar,** por Epiphanio Dias, Lisboa 1894.—A' cêrca d'esta grammatica vid. o que escrevi no meu opusculo *As «Lições de linguagem» do Sr. Candido de Figueiredo,* 2.ª ed., pag. 14 seg.

Varios trabalhos destinados ao Congresso de Orientalistas, que esteve para se realizar em Lisboa:

— **Os Ciganos de Portugal** — com um estudo sobre o calão, por F. Adolpho Coelho, Lisboa 1892, 303 pag. O A. havia-se já occupado d'este assumpto na *Revista Lusitana:* foi até com um artigo do Sr. Adolpho Coelho, com aquelle mesmo titulo, que a *Revista Lusitana* abriu o 1.º fasciculo do seu 1.º volume. O novo livro vem completar esse artigo.—Trabalho de muita erudição e importancia, e que contribue excellentemente para preencher uma lacuna na nossa litteratura.

— **Deux faits de phonologie historique portugaise, Simplification possible de la composition en caractères arabes** (2 opusculos), por Gonçalves Vianna, Lisboa 1892. No primeiro trata-se dos sons attribuidos no sec. XII, no Sul de Portugal, ás lettras *s* e *ç*, e trata-se tambem da representação das gutturaes arabes pelo som *f* nas linguas da Peninsula Hispanica. O assumpto do segundo, o titulo o diz. — D'outro trabalho do mesmo A. fallo acima, pag. 372.

— **La connaissance de la Péninsule espagnole** *(sic)* **par les hommes du Nord,** por A. K. Fabricius, Lisboa 1892. Refere-se aos Normandos.

— **La première invasion des Normands dans l'Espagne musulmane en 844,** pelo mesmo, Lisboa 1892.

— **L'affinité étymologique des langues égyptienne et indo-européennes,** por Charles Abel, Lisboa 1892.

— **Passos dos Lusiadas estudados á luz da mitologia e do orientalismo,** por Vasconcellos Abreu, Lisboa 1892. Reedição do interessante opusculo publicado anteriormente com o titulo de *Fragmentos d'uma tentativa de estudo scoliastico da Epopeia Portuguesa.*

— **Inês de Castro, épisode des Lusiades,** traduction en vers hébreux, — par J. Bénoliel, Lisboa 1892.

— **Inscripções portuguezas que se encontram nas igrejas de S. Francisco de Cochim,** Lisboa 1892.

— **Sur les Religions de la Lusitanie, Sur les amulettes portugaises, Sur le dialecte portugais de Macao** (3 opusculos), por J. L. de V., Lisboa 1892.

PORTUGAL NO ESTRANGEIRO:

— No **Literaturblatt für german. und roman. Philologie,** n.º 8, 1894, publicou a Sr.ª D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos um extenso e erudito artigo á cêrca da magnifica edição critica das *Obras* de Christovão Falcão feita pelo Sr. Epiphanio Dias. Cfr. supra, a pag. 362 e 374.

— **La tradition d'Eginhard et Emma dans la poésie romancesca de la Péninsule Hispanique,** — essai folklorique par Hans Otto (extr. dos *Modern language notes,* Baltimore 1892). — Estudo methodico e consciencioso do romance popular de Gerinaldo, que se baseia numa lenda do cyclo de Carlos Magno. A's versões portuguesas, indicadas pelo Sr. Otto, posso addicionar mais duas, publicadas nos meus *Romances populares portugueses,* Barcellos 1881, n.ºs XXIII e XXIV. Tambem ouvi em Tras-os-Montes uma versão em hespanhol.

— Na sessão de 15 de Março de 1894, no Columbia College de Nova-York, para commemorar o 1.º centenario de F. Diez, fundador da Philologia Romanica, o sr. prof. H. Lang, nosso illustre collaborador, leu um artigo intitulado *Diez and*

the study of Mediæval Portuguese Poetry.—Vid. *The New-York Times* de 16 de Março de 1894.

Distincção merecida:

A antiga Universidade de Friburgo, no Gran-Ducado de Baden, fundada no sec. xv pelo archiduque Alberto vi de Austria, concedeu á Sr.ª **D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos** o titulo de doutora.

O diploma diz isto:

«Quod felix faustumque sit. Sub auspiciis summi principis Friderici magni ducis Badarum, ducis Zaringiae, rectoris Academiae magnificentissimi, prorectore magnifico Ottone Hense, philosophiae doctore, litterarum antiquarum professore publico ordinario, ex auctoritate senatus academici, ex decreto ordinis philosophorum in Litterarum Universitate Alberto-Ludoviciana, promotor legitime constitutus Aemilius Warburg, philosophiae doctor, physices professor publicus ordinarius, dominae spectatissimae Carolinae Wilhelmae Michaelis de Vasconcellos, mulieri rara doctrina praecellenti, quae de linguis litterisque et Lusitanorum et Hispanorum investigandis egregie est merita, atque philologiam romanicam quae dicitur libris commentationibusque doctissimis ornavit auxit amplificavit, honoris causa, doctoris philosophiae gradum jura privilegia rite contulit. Id quod publico hoc diplomate declaratur Friburgi Brisigavorum die xx mensis Julii anni mdccccxciii. Dr. Otto Hense, H. T. Prorector. (L. S.) Dr. Aemilius Warburg, Ordinis Philos. H. T. Decanus».

E' a Sr.ª D. Carolina Michaëlis a terceira senhora a quem esta grande distincção se concede, sendo as outras Clara Schumann, feita doutora em Leipzig, e F. Mestorf, directora do Museu de Antiguidades, em Kiel.

Dando ésta, embora tardia, noticia, a *Revista Lusitana* cumpre gostosamente um dever, e pratíca um acto de cortesia, porque a Sr.ª D. Carolina Michaëlis, pelos riquissimos livros e artigos de que é auctora, occupa um logar de honra na historia da philologia romanica, e sobretudo da philologia portuguesa, e como collaboradora da mesma *Revista* tem-lhe prestado extraordinario auxilio, abrilhantando constantemente as suas páginas.

J. L. de V.

ERRATUM

A pag. 245 transcrevi o fragmento de uma carta de um viajante inglês, na qual elle diz que víra começar a ser destruida a fachada da igreja conventual de Beja.

Tanto por informações particulares que recebi, como pelo que, em rectificação do trecho do meu artigo, se lê n-*O Bejense* de 10 de Novembro de 1894, estou auctorizado a negar a affirmativa do tal viajante.

Para melhor elucidação, copío aqui as palavras d-*O Bejense*: «O viajante inglês viu por terra parte do entablamento e da parede exterior da igreja da Conceição e entendeu que se tratava de destruir. Pois era o contrário. Apeou-se o rendado e demoliu-se a parede para se reconstruir, para se salvar da total ruina, a obra do rei Venturoso, como effectivamente se salvou. A fachada da igreja, *a coisa mais bella na cidade de Pax Julia*, está reconstruida, e, contra os costumes da terra, reconstruida rigorosamente. Nem o mais pequeno detalhe soffreu alteração».

Sinto ter dado crédito á carta do viajante inglês, e apresso-me a corrigir o meu êrro. Aos louvores que na citada página eu havia tecido ao povo de Beja, pelos desvélos que prodigaliza ao seu já hoje tão importante Museu Archeologico Municipal, tenho pois agora de accrescentar mais, pelos novos serviços prestados á archeologia. Embora as minhas palavras não sejão auctorizadas, são porém sinceras.

J. L. de V.

DECLARAÇÃO

Declaro que a redacção e administração da *Revista Lusitana* são, e tem sido sempre, gerencias absolutamente distinctas entre si, não intervindo nunca uma na outra.

A meu cargo está apenas a direcção litteraria: escolha e natureza dos artigos, publicação d'estes, etc. Não me cabe pois a minima responsabilidade no que se refere á cobrança do preço das assignaturas, á maneira da distribuição dos fasciculos, etc., — o que tudo está a cargo dos editores.

Outrosim declaro que, em virtude de contracto prévio que celebrei com estes, não tenho participação alguma nem nas despesas com a publicação da *Revista*, nem nos lucros (se os houvesse!). O meu trabalho, como o de todos os collaboradores, é completamente gratuito; apenas eu recebo alguns poucos exemplares da *Revista*, para trocas. Quando mesmo de alguns dos artigos nella publicados se fazem edições em separado, o gasto com isso é pago á custa dos auctores dos artigos, quer estes sejão dos collaboradores, quer meus.

Lisboa, Dezembro de 1895.

J. Leite de Vasconcellos.

INDICE

Artigos desenvolvidos:

Miscellanea:

Bibliographia:

I. Livros:

II. Periodicos:

III. Varia quaedam:

3.º ANNO | NUMEROS 3-4 | 1894-1895

REVISTA LUSITANA

Archivo de estudos philologicos e ethnologicos relativos a Portugal

DIRIGIDO

POR

J. LEITE DE VASCONCELLOS

SUMMARIO

PORTO
LIVRARIA PORTUENSE
DE
LOPES & C.ª
Successores de Clavel & C.ª
1895

REVISTA LUSITANA

A *Revista Lusitana,* o unico periodico que no seu genero existe em Portugal, publica-se em fasciculos, do volume d'este, pouco mais ou menos. Sahem quatro por anno.

Preço da assignatura annual (franco de porte).	Portugal e Hispanha .	2$000 rs.
	No resto da Europa .	12 francos
	Brasil	6$000 rs. fortes
Preço de cada fasciculo avulso	Portugal e Hispanha .	600 rs.
	No resto da Europa .	3 francos
	Brasil	1$800 rs. fortes

Toda a correspondencia litteraria deve ser dirigida ao director **J. Leite de Vasconcellos,** — Bibliotheca Nacional — Lisboa.

Toda a correspondencia relativa a assumptos economicos deve ser dirigida aos editores **Lopes & C.ª,** — Rua do Almada n.º 119 a 123 — Porto.

Recebem-se propostas para o estabelecimento d'agencias d'esta publicação em todo o país e no estrangeiro.






UNIVERSITY OF ILLINOIS-URBANA
3 0112 111412745